

PORTUGAL DE PERTO

Biblioteca de Etnografia e Antropologia

dirigida por

Joaquim Pais de Brito

Assistente de Antropologia do ISCTE

Dois critérios presidem à escolha dos títulos desta colecção, critérios esses já sugeridos no próprio nome que a encabeça — *Portugal de Perto*. Em primeiro lugar, todos eles se reportam ao *espaço português*, estudando os mais diversos aspectos da sua cultura (poderíamos dizer: das suas culturas). Em segundo lugar, esse estudo é feito mais ou menos *de perto*, com base num trabalho de recolha directa, e propõe-se, algumas das vezes, trazer *para mais perto* fatias do real descuradas ou desconhecidas. Tudo isso nos limites de uma área disciplinar que, *grosso modo*, vai da Etnografia à Antropologia, e dirigindo-se não só aos estudiosos e especialistas, como também à curiosidade do grande público.

**CONTRIBUIÇÕES PARA
UMA MITOLOGIA POPULAR PORTUGUESA
E OUTROS ESCRITOS ETNOGRÁFICOS**



Lönniphen-V. Lönn

CONSIGLIERI PEDROSO

CONTRIBUIÇÕES PARA
UMA MITOLOGIA POPULAR PORTUGUESA
E OUTROS ESCRITOS ETNOGRÁFICOS

Prefácio, organização e notas de João Leal

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1988

Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º
1098 Lisboa Codex — Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa de Fernando Felgueiras

1.ª edição: Maio de 1988

depósito legal N.º 11926/88

fotocomposição: Textype — Artes Gráficas, Lda.

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa e Filhos, Lda.

Distribuição:

Diglivro — Rua Ilha do Pico, 3-B, Pontinha, Lisboa

Movilivro — Rua Gomes Leal, 93-CV

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	11
PREFÁCIO	13
BIBLIOGRAFIA	37
TEXTOS SOBRE A FAMÍLIA	41
A Constituição da Família Primitiva	43
Sur Quelques Formes du Mariage Populaire en Portugal	77
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA MITOLOGIA POPULAR PORTUGUESA	83
I As Superstições Populares na Legislação Religiosa	85
II As Bruxas na Tradição do Nosso Povo.	95
III Algumas Superstições e Crenças Populares relativas à Noite e ao Dia de São João.	109
IV Superstições Populares (Vária).	129
V Superstições Populares (Vária).	145
VI Superstições Populares num Processo da Inquisição.	163
VII O Lobisomem.	183
(Suplemento).	197
VIII Superstições Populares (Vária).	201
(Suplemento).	215
IX As Mouras Encantadas.	217
X O Homem das Sete Dentaduras.	229
XI O Diabo.	239
XII Superstições Populares (Vária).	253
XIII Superstições Populares (Vária).	263
XIV As Almas do Outro Mundo.	273
XV O Secular das Nuvens.	295

OUTROS TEXTOS	303
Estudos de Mitografia Portuguesa	305
Contos Populares	323
Um Conto Popular da Índia Portuguesa	323
O Alicórnio. Conto Portug.-Galego	325
Senhor e São Pedro.	326
A Princesa Encantada.	326
O Filho do Pescador (Variantes).	327
Maria do Pau (Variantes).	331
Os Dois Irmãos que Foram ao Inferno.	331
O Porco Espinho.	331
Torre da Babilónia (Variantes).	332
Outra Versão das Três Cidras.	332
O Soldado Pulha.	333
O Palácio dos Espinhos.	333
O Gato Mis-Mis.	333
Senhor da Cruz.	334
Malazares.	335
Alberto do Diabo.	335
Os Três Meninos Que Tinham Uma Estrela de Ouro na Testa.	336
O Rei Cego.	336
Portuguese Folk Tales	343
The Cabbage Stalk	343
The Seven Iron Slippers	345
The Three Princess and the Maiden.	348
The Maiden and the Fish	350
Contribuições para um Romanceiro e Cancioneiro Popular Português	353
Romance da Rainha Santa Isabel	354
O Natal	355
Os Reis.	356
Orações.	357
Cantigas a São João.	362
Parlengas Infantis e Jogos Populares.	368
Enigmas Populares.	371
Poesias Populares Portuguesas	373
O Rei Traquilha	387
Notas Bibliográficas.	389
ÍNDICES	
índice Geográfico.	415
índice de Autores.	417

NOTA PRÉVIA

Esta edição procurou pôr à disposição dos estudiosos e interessados o conjunto dos textos — recolhas e ensaios — que integram a obra etnográfica de Consiglieri Pedroso, com excepção dos «Contos Populares Portugueses» (1910), recentemente reeditados. Aproveitou-se entretanto o ensejo para reeditar 22 outros contos populares não incluídos por Consiglieri Pedroso nessa colectânea, originalmente publicados de forma algo dispersa em publicações de difícil acesso. Esses contos, bem como o ensaio consagrado por Consiglieri Pedroso ao tema, constituem, em conjunto com as suas recolhas na área do cancionero e romanceiro populares e ainda as notas bibliográficas que escreveu sobre obras etnográficas oitocentistas, a última das 3 secções em que se divide a presente edição.

Nela, como o título indica, o lugar de destaque Vai para as «Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa», conjunto de recolhas e ensaios sobre as tradições populares portuguesas.

Finalmente, na secção inicial agruparam-se os dois importantes ensaios que Consiglieri Pedroso escreveu, sobre o tema da família, o primeiro dos quais marca o início da sua obra etnográfica.

O levantamento de que esta edição resulta procurou ser completo. A dispersão que caracteriza a obra etnográfica de Consiglieri Pedroso, combinada com as incertezas relativamente a eventuais inéditos, não permite entretanto um juízo categórico a esse respeito. Aproveito o ensejo para agradecer ao Sr. Pedro da Silveira, da Biblioteca Nacional de Lisboa, a amabilidade com que me indicou algumas referências bibliográficas menos acessíveis.

O prefácio retoma, sob uma forma corrigida e ligeiramente ampliada, um artigo inicialmente publicado na *Revista Lusitana*, sob o título «As Fontes Etnográficas da Obra Etnográfica de Consiglieri Pedroso» (*Revista Lusitana*, n.s., n.º 2: pp. 129 a 163). Depois de uma breve apresentação da obra de Consiglieri

Pedroso, procura-se enquadrá-la nas grandes correntes do pensamento etnológico oitocentista. Por fim chama-se a atenção para a importância e «actualidade» dos materiais propriamente etnográficos nela incluídos. Agradeço ao Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro a autorização para reproduzir parcialmente aqui o referido artigo e não posso esquecer o apoio então prestado pelo Prof. Dr. José Carlos Gomes da Silva à sua elaboração.

No final do prefácio encontra-se uma bibliografia da obra etnográfica de Consiglieri Pedroso e completam a edição dois índices, geográfico e de autores, que visam facilitar a sua utilização.

João Leal

PREFÁCIO

Na formação inicial e posterior desenvolvimento de uma tradição etnológica em Portugal, são retidos geralmente três nomes — Adolfo Coelho, Teófilo Braga e J. Leite de Vasconcelos, autores a quem A. Jorge Dias reserva a designação de «mestres» (Dias, 1952). Outros autores desempenharam entretanto, no mesmo período, um papel de relevo. Entre eles conta-se, além de Rocha Pixa, Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910). Professor de História Universal da Faculdade de Letras, político republicano, foi sobretudo na área etnográfica que Consiglieri Pedroso se distinguiu. Ao lado da sua colectânea de contos populares (Pedroso: 1910), Consiglieri Pedroso estendeu a sua actividade etnográfica a outros domínios, destacando-se em particular os seus textos pioneiros sobre a família e as *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*. Até agora de difícil acesso, são esses textos, assim como outras contribuições mais dispersas do autor, que a presente edição põe à disposição de um público mais largo. Trata-se de «redescobrir» um autor que, tanto do ponto de vista da informação que recolheu e publicou, como do ponto de vista das preocupações mais gerais de que a sua obra se faz eco, tem direito a um lugar menos «marginal» do que aquele que ocupou durante algum tempo, um lugar mais próximo dos chamados «mestres».

Seu contemporâneo, Consiglieri Pedroso está como eles ligado ao «período filológico-etnográfico, positivista» (Dias, 1952:1) da etnologia portuguesa. Desenvolvendo-se ao longo do último quartel do séc. xix, este período decisivo transforma o interesse romântico pela cultura popular num esforço sistematizado e «com orientação científica» que anseia ao estabelecimento das «bases teóricas das chamadas tradições populares» (id., ibid.: 7). Esse esforço pode ser localizado cronologicamente. Num primeiro momento é ainda o produto do trabalho pioneiro e isolado sobretudo de dois autores: Teófilo Braga e Adolfo Coelho. Mas num segundo momento, coincidindo com o período final da década

dc 70 e os primeiros anos da década seguinte, esse esforço aprofunda-se e alarga-se, ganhando então uma dimensão sem precedentes. Na emergência do período «filológico-etnográfico, positivista» da etnologia portuguesa, esses anos são talvez os mais decisivos.

É então que Teófilo Braga e Adolfo Coelho publicam algumas das suas mais importantes obras. Teófilo Braga, que antes tinha trabalhado essencialmente nas áreas do cancionero e do romanceiro populares (Braga: 1867; 1871), edita os *Contos Tradicionais do Povo Português* (1883) e *O Povo Português, nos Seus Costumes, Crenças e Tradições* (1855), primeira obra de síntese da etnografia portuguesa. Adolfo Coelho publica também a sua recolha de contos populares (1879) e edita em 1880 e 1881 a *Revista de Etnologia e Glotología*. Esta, além de ser a primeira revista etnológica portuguesa, recolhe ainda a parte mais importante do trabalho de Adolfo Coelho na área das tradições populares. Leite de Vasconcelos, cuja obra data no essencial de um período posterior, inicia também nesses anos a sua actividade, com relevo para as *Tradições Populares de Portugal* (1882). É por outro lado frequente a presença de textos etnográficos em muitas das principais revistas da cena intelectual da época, com destaque para aquelas que Teófilo Braga fundou: *O Positivismo*, *A Era Nova* e a *Revista de Estudos Livres*. Paralelamente surgem as primeiras embora fugazes revistas exclusivamente dedicadas à etnologia, como a já referida *Revista de Etnologia e Glotología* e o *Anuário para o Estudo das Tradições Populares Portuguesas*. Além dos nomes consagrados, muitos outros autores debruçam-se, por vezes apenas episodicamente, sobre materiais etnográficos. Assiste-se não só a uma actividade intensa, como essa actividade parece ocupar na cena intelectual um relativo relevo.

É neste período de rápido e multifacetado enraizamento da etnologia na cena cultural e científica portuguesa que, precisamente, se situa o trabalho etnográfico de Consiglieri Pedroso. A sua obra de estreia data de 1878. E embora posteriormente venham a ser editados mais alguns textos seus, nomeadamente na área da literatura popular, será sobretudo entre essa data e 1882/83 que Consiglieri Pedroso realizará o essencial do seu trabalho de recolha e editará os seus mais importantes escritos. A sua forte paixão inicial pela etnografia, como nota Leite de Vasconcelos, parece ter sido então «subvertida por outra não menos forte, a política» (1980: 268). Apesar do facto, é como uma importante contribuição para este desenvolvimento inicial da etnologia portuguesa que o trabalho de Consiglieri Pedroso se acaba por configurar. Como teremos ocasião de confirmar, passando-o mais detidamente em revista.

A OBRA ETNOGRÁFICA DE CONSIGLIERI PEDROSO

A primeira obra de Consiglieri Pedroso, de recorte sobretudo teórico, data pois de 1878. Trata-se de um pequeno ensaio intitulado *A Constituição da Família Primitiva* (1878 a), tese para o concurso em que Consiglieri Pedroso foi admi-

tido como professor da cadeira de História Universal e Pátria do Curso Superior de Letras. A ele deve acrescentar-se, pela similitude da temática, um estudo ulterior, *Sur quelques formes du mariage populaire au Portugal* (1884), comunicação apresentada pelo autor ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas cuja 9.ª sessão ocorreu em 1880, em Lisboa. *A Constituição da Família Primitiva* centra-se nas origens e evolução da família, encaradas por Consiglieri à luz de algumas teses então dominantes no pensamento antropológico ocidental. Quanto a *Sur quelques formes du mariage populaire au Portugal* surge na continuidade deste interesse de Consiglieri Pedroso pelo tema da família. Nele o autor recolhe um conjunto de práticas populares portuguesas relacionadas com o casamento — raptos da noiva, coabitação pré-matrimonial, charivaris, etc. — que considera como vestígios dos usos que constituiriam «Pessence de la famille au plus bas de Péchelle de Thumanité» [1884: 632 (79)]. A propósito deste seu estudo, Consiglieri Pedroso afirma estar a preparar um trabalho mais completo sobre o assunto [id.: 634 (82)].

A importância destes dois estudos deve ser sublinhada. Como teremos ocasião de ver mais detalhadamente, eles configuram-se como um dos poucos exemplos de um interesse por temas e problemas que ocuparam um lugar decisivo na constituição do discurso antropológico oitocentista, mas que em Portugal — como aliás noutros países europeus — acabaram por ser algo secundarizados face à orientação preferencial dos estudos etnológicos para o terreno da literatura e das tradições populares portuguesas.

Tal como no caso dos outros etnólogos portugueses seus contemporâneos, é justamente neste terreno, aliás, que a obra de Consiglieri Pedroso acaba por se revestir também ela do maior significado. Na introdução a uma recolha de romances e canções populares portugueses publicada na revista francesa *Romania*, Consiglieri Pedroso arruma o seu programa nesta área em «três grandes capítulos»: «o primeiro ocupa-se especialmente do maravilhoso popular, dos restos e vestígios da mitologia do povo que ainda se conservam na tradição oral, das superstições, crenças, prejuízos, etc., que a esse maravilhoso se referem. O segundo trata dos contos populares. O terceiro (...) refere-se aos romances, aos cantos, orações, jogos infantis, etc., aos elementos, enfim, que devem constituir o nosso romanceiro e cancionero popular» [1881 g: 100 (353)]. É desigual o relevo que cada uma destas três direcções de trabalho tem na obra de Consiglieri Pedroso.

O lugar de destaque vai naturalmente para um conjunto de 15 artigos publicados entre 1878 e 1882 na revista *O Positivismo* sob o título inicial de *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, mais tarde transformado em *Tradições Populares Portuguesas (Materiais para a Etnografia de Portugal: Mito-*

† Nas citações de textos de Consiglieri Pedroso, acrescenta-se, além da referência ao original, que surge em primeiro lugar, a referência à página da presente reedição: entre parêntesis curvo e em itálico.

logia, Cantos, Usos, Costumes, Superstições, Provérbios, Jogos Infantis, Contos, Lendas e Tradições Locais do Nosso País). Nele, Consiglieri Pedroso passa sucessivamente em revista «As superstições populares na legislação religiosa» (1879/80 a), «As bruxas na tradição do nosso povo» (1879/80 b), «Algumas superstições e crenças populares relativas à noite e ao dia de São João» (1879/80 c), «Superstições populares num processo da Inquisição» (1881 c), «O lobisomem» (1881 d; 1882 g), «As mouras encantadas» (1881 f) «O homem das sete dentaduras» (1882 a), «O Diabo» (1882 b), «As almas do outro mundo» (1882 e) e «O secular das nuvens» (1882 f). Para além destes artigos, recolhendo e trabalhando tradições relativas a grupos tipificados de fenómenos, Consiglieri Pedroso consagra ainda 4 das *Contribuições...* à publicação de uma categoria de «crenças difícil de submeter-se a uma classificação rigorosa (...) em ligação com os factos mais triviais, mais prosaicos (...) da vida humana» [1881 a: 1, 2 (129)].

Esta série de artigos é, em conjunto com os *Materiais para o Estudo das Festas, Crenças e Costumes Populares Portugueses* (1880/81) — continuados nos *Costumes e Crenças Populares Portugueses* (1881) — de Adolfo Coelho, e com as *Tradições Populares de Portugal* (1882) de Leite de Vasconcelos, uma das primeiras grandes recolhas de tradições populares portuguesas. Nela é de reter em primeiro lugar o importante volume e diversidade de material recolhido, a maior parte do qual valorizado pela circunstância de dizer respeito a áreas até aí mal conhecidas da cultura popular portuguesa. São duas as fontes fundamentais desta recolha. De um lado, fontes escritas, como processos da Inquisição, Constituições dos Bispados, almanaques. Por outro e sobretudo, a tradição oral despojada já dos «embelezamentos» românticos. Observações e recolhas pessoais, informações de familiares e domésticas, materiais enviados por amigos — o arqueólogo Martins Sarmiento por exemplo — ou eventuais correspondentes contribuem para dar corpo a essa «primeira necessidade e a mais urgente (...) acumular materiais» [1879/80 a: 231 (93)]. As *Contribuições...* destacam-se em segundo lugar pelos passos que dão no sentido de esclarecer o material recolhido. Preocupações que são em primeiro lugar tipológicas. Trata-se para Consiglieri de organizar em torno de um dado tema «mitológico» um conjunto de referências esparsas que permitam definir os seus contornos. Preocupações também comparativas: é frequente o recurso a tradições congêneres do vasto mundo indo-europeu. Preocupações, finalmente, de análise e explicação do sentido e características do material reunido, de acordo com alguns dos qua-

² Esta mudança de título parece corresponder sobretudo a uma certa imprecisão vocabular que rodeia então esta nova área de estudos. Mitologia, mitografia, tradições populares, etnografia, etnologia, antropologia, folclore, demótica, são algumas das expressões então utilizadas e justamente Consiglieri Pedroso hesitará em muitos dos seus textos sobre a designação a atribuir ao seu próprio trabalho nessa área. Quer no decorrer do presente texto, quer no corpo da edição, será por intermédio do título inicial que identificaremos esta obra de Consiglieri Pedroso.

³ Cf. Pedroso 1881 a, b, c, 1882 c, 1882 d.

droso teóricos prevalecentes no séc. xix europeu. No conjunto destas preocupações reflecte-se aliás uma característica mais geral da etnologia portuguesa da época, onde uma certa abertura e actualização teóricas se fazem sentir, em contraste com a natureza essencialmente etnográfica e descritiva que a partir do final dos anos 80 do século passado e até sensivelmente aos anos 30/40 do século xx se tornarão dominantes. Ao fazer suas estas preocupações, Consiglieri caracteriza-se porém pela sobriedade e prudência que emprega.

Para ele não chegou ainda o «momento das grandes sínteses e das deduções generalizadoras» [1879/80 b: 272 (97)]. Há que proceder com prudência: «de um método prudente», diz, é que estão necessitadas estas pesquisas «que a par de alguns mestres a fomentarem-lhe os progressos têm tido muito curioso a embaraçar-lhe o andamento com as suas teorias exageradas, quando não absurdas e ridículas» [1881 f: 372 (218)]. Daí também que as *Contribuições...* sejam isso mesmo: «contribuições que outros mais hábeis ou mais competentes elaborarão num sistema completo e harmonioso» [id. ibid.: 271 (97)].

A actividade de Consiglieri Pedroso no tocante à recolha e estudo dos contos populares portugueses é também importante. Ao lado das recolhas de Adolfo Coelho (1879) e Teófilo Braga (1884), a de Consiglieri Pedroso é das primeiras a ser levada a cabo. A data tardia da sua edição portuguesa — 1910 — é, para o caso, de pouco significado. Desde 1882, parte desse material (mais exactamente 30 contos) havia sido editado em Londres, pela Folk-Lore Society — onde avultam nomes como os de Tylor, Lang, Thoms, Ralston — num pequeno volume intitulado *Portuguese Folk-Tales* (1882) prefaciado por W. Ralston⁴. No mesmo ano, o *Archivio per lo Studio delle Tradizione Popolare*, dirigido por G. Pitré, publicou também dois contos recolhidos e comentados por Consiglieri (1882 h, 1882 i). Mais tarde — e para além de um conto avulso entretanto editado no *Anuário para o Estudo das Tradições Populares Portuguesas* (1883) — duas outras colectâneas serão publicadas na *Revista Lusitana* (1895/97) e na *Revue Hispanique* (1906). E só em 1910 são finalmente editados os *Contos Populares Portugueses*. Integrada por 59 contos — dos quais apenas um é inédito, visto que 28 figuravam já na colectânea inglesa e na publicada na *Revista Lusitana* e 30 haviam também sido editados na *Revue Hispanique*⁵ — esta obra é a mais importante de Consiglieri Pedroso na área da literatura popular. Antecede a colecção uma reedição, ligeiramente modificada, do artigo *Estudos de Mitografia Portuguesa* (1879/80 a), originalmente publicado na revista *O Positivismo*, e que recebe agora o título de *Significação e Importância dos Contos Populares*. Este pequeno ensaio, atento à especificidade da contribuição portuguesa para o estudo dos contos populares europeus, é importante sobretudo pela tipologia que

⁴ Esta recolha possui aliás uma história «internacional» curiosa: prevista inicialmente para a língua alemã, em edição da casa Brockhaus de Leipzig acabou por ser editada em Londres, em 1882, para ser de novo reeditada, em 1969, em Nova Iorque.

⁵ Relativamente às colectâneas anteriores, são entretanto deixados de fora um total de 22 contos.

defende. As categorias nele postuladas — contos de fadas, histórias morais, fábulas, anedotas, lendas —, embora sejam hoje em dia consideradas como inadequadas, aproximam-se daquelas que foram durante largo período de tempo utilizadas pelos estudiosos do folclore europeu.

É na terceira das divisões de trabalho esboçada no artigo da *Romanía* — romanceiro e cancionero populares — que a actividade de Consiglieri Pedroso é comparativamente menos relevante. Além de um romance solto editado na *Revista Lusitana* (1893/94), integram-na duas recolhas publicadas respectivamente na *Romanía* (1881 g) e na *Revue Hispanique* (1902).

Neste levantamento da obra etnográfica de C. Pedroso, devem ainda ser referidas as notas bibliográficas que o autor fez publicar n'O *Positivismo* (1878 b, c, 1881 h, i, j, k). Referentes a obras de autores de certo relevo como Angelo de Gubernatis, Gerard de Rialle, Giuseppe Pitré, Felix Liebrecht, Stanislao Prato, VI. Antonovicht e M. Dragovanov, estas notas, ao mesmo tempo que evidenciam a actualização teórica de Consiglieri, são importantes, sobretudo as primeiras (1878 b, c), enquanto exposição detalhada de alguns dos pressupostos teóricos em que assentam as investigações etnográficas do autor.

Tendo interrompido prematuramente a sua carreira etnográfica, Consiglieri Pedroso deixou por realizar alguns interessantes projectos que, ao longo dos seus estudos e artigos, anuncia. Logo no início das *Contribuições...*, Consiglieri Pedroso antevê um objectivo mais amplo para esses estudos soltos a que entretanto se entrega: escrever, «um dia (...) uma *Mitologia Popular Portuguesa* para que estamos contribuindo com estudos parciais e que conterà sob uma forma elaborada o resultado das nossas presents e futuras investigações» [1979/80 c: 328 (111)].

Nessa ocasião, Consiglieri Pedroso afirma ainda estar a trabalhar numa «botânica mitológica do nosso povo», trabalho para o qual «espera o valioso e indispensável auxílio de um ilustre botânico do País» [1979/80 c: 331 (114)]. Mais tarde, diz ter em preparação materiais sobre medicina popular [1882 c: 219 (256)], e antes afirmava reservar para publicação à parte uma recolha de lendas populares [1879/80 d: 452 (318)]. É inclusivamente possível supor, a partir de afirmações frequentemente repetidas nos seus textos, que uma parte do material recolhido por Consiglieri Pedroso — para além daquele que foi divulgado em recolhas editadas posteriormente a 1882/83 — terá permanecido inédito.

LITERATURA, TRADIÇÕES POPULARES E MITOLOGIA COMPARADA

O interesse que se evidencia na obra de Consiglieri Pedroso pelas tradições populares é solidário de um interesse mais largo pela cultura popular que se desenvolve ao longo do séc. XIX na Europa e a que Portugal não fica indiferente. O romantismo situa-se nos primórdios mesmos desse novo interesse, que inaugura um olhar diferente sobre áreas até aí tão desvalorizadas como a literatura popular, as crenças, as festas ou as «superstições». Do desprezo ou da igno-

rância passa-se a uma atitude de admiração e veneração, de descoberta dos valores populares e nacionais. Idêntica e radical mudança de atitude ocorre também no tocante à apreciação da Idade Média, até então considerada a «idade das trevas». Expressão dos emergentes nacionalismos europeus, estes novos quadros mentais favorecem o desenvolvimento da história, estimulam o aparecimento das primeiras colecções de literatura popular e transformam profundamente a criação literária e artística, que encontra na cultura popular uma fonte de inspiração e um instrumento de renovação. Consiglieri Pedroso, como aliás muitos dos seus contemporâneos, não deixa de acusar, nos seus escritos, a permanência desta inicial matriz romântica*.

Mas o seu trabalho reflecte fundamentalmente o impacto dos desenvolvimentos ulteriores, de pretensões científicas e não já exclusivamente literárias, deste interesse pelas tradições populares que o romantismo inaugura. Sem renegar por inteiro as suas origens românticas, o estudo das tradições populares europeias vai com efeito ganhando um estatuto científico cuja constante progressão o decorrer do séc. XIX assinala. A disciplina que primeiro acolhe esse interesse, o elabora e desenvolve é a mitologia comparada, onde avultam nomes como os de F. Max Müller, Adalbert Kühn ou Michel Bréal.

Não será portanto de estranhar que a influência desta disciplina seja aquela que é possível identificar com maior clareza nos materiais etnográficos de Consiglieri Pedroso. Logo na *Constituição da Família Primitiva* (1878 a), autores e problemas desta área são convocados, na sua qualidade de testemunhos dos novos progressos das ciências humanas e sociais oitocentistas. Mas é sobretudo nos materiais orientados para o estudo das tradições populares que, mais clara e persistentemente, se faz sentir a influência da mitologia comparada, que entretanto convirá caracterizar, mesmo que brevemente.

Numa das notas bibliográficas publicadas n'0 *Positivismo*, Consiglieri Pedroso traça uma panorâmica da área, que pode proporcionar um bom ponto de partida: «a ideia de uma mitologia comparada indo-europeia data, pode dizer-se, do dia em que a unidade glótica e mais ou menos a unidade étnica desta família foram cientificamente determinadas. Efectivamente depois de provado o facto que hindus, iranianos, gregos, italiotas, celtas, germanos e eslavos, haviam num período remoto da sua existência falado a mesma língua, e portanto, pode dizer-se com uma certa probabilidade, habitado a mesma região (qualquer que ela fosse) naturalmente se apresentava ao espírito a sugestão, de certo perfeitamente lógica, de que ligados entre si por tão grandes afinidades, ou melhor, não tendo talvez formado em tempo mais do que um único povo, podiam muito bem ter exprimido de uma maneira idêntica o seu modo de ver acerca dos fenómenos do universo e das forças que o governavam» [1878 c: 375 (396)].

* São frequentes, nas *Contribuições...* os elogios a Garrett e considerações acerca do valor literário das tradições populares portuguesas.

A mitologia comparada nasce, com efeito, da gramática comparada que, por sua vez, mergulha as suas origens na «redescoberta» do sânscrito pelos sábios ocidentais, em finais do séc. XVIII, princípios do séc. XIX. Tal facto alterou significativamente o modo como o Ocidente se via a si próprio, à sua história e à sua relação com outros provos e civilizações, assente na constatação e na exploração do parentesco entre o sânscrito e outras línguas, europeias e orientais, actuais ou históricas. Inicialmente, com Schlegel por exemplo, o sânscrito era considerado a língua-mãe das restantes línguas da família indo-europeia. Franz Bopp, habitualmente considerado como o fundador da gramática comparada, altera porém este modo de ver as coisas, ao estabelecer o sânscrito como uma das vias possíveis de evolução, ao lado de outras, de uma língua originária comum, o indo-europeu.

Ao mesmo tempo que revolucionava os estudos linguísticos e influía favoravelmente no desenvolvimento dos estudos sobre a antiguidade clássica e pré-clássica, a gramática comparada fornecia as bases de um renovado interesse pelos estudos mitológicos. Desde pelo menos o séc. XVIII que o pensamento ocidental associava estreitamente nas suas reflexões a linguagem e a religião. Compreende-se pois que os progressos da gramática comparada tenham facilitado o desenvolvimento da mitologia comparada, enquanto extrapolação para a zona da mitologia do corpo de princípios e procedimentos que integravam aquela. Essa extrapolação era tanto mais tentadora quanto a maioria dos textos disponíveis, nomeadamente no tocante às línguas indo-europeias históricas, eram textos com forte carga mitológica ou religiosa. Mas é sobretudo com a «descoberta» dos hinos védicos, texto religioso a que na altura se atribuía uma antiguidade exagerada, que a mitologia comparada assenta em bases sólidas a sua pesquisa. Segundo Max Müller «la découverte de la mythologie des Védas a été à la mythologie comparée ce que la découverte du sanscrit a été à la grammaire comparée» (1874 a: 98). Com uma ligeira diferença: enquanto a teoria do sânscrito como língua-mãe foi rapidamente destronada pelos progressos da gramática comparada, a tendência para considerar os textos védicos como um modelo paradigmático do pensamento religioso continuou a impregnar algumas das mais importantes contribuições da mitologia comparada. A leitura dos textos védicos, colocados nas origens mesmas do fenómeno religioso, permitiria assim esclarecer as motivações intervenientes na formação das ideias religiosas, e será a partir deles que Max Müller elaborará a sua teoria da religião, que passará à história com a designação de «naturalismo», já que dela foi sobretudo retida a sua tese segundo a qual «les dieux de Vantiquité et les dieux de partout e de tous les temps, n'étaient que des phénomènes naturels personnifiés: le soleil, la lune, les étoiles, l'aurore, le renouveau du printemps, les grands fleuves, etc.» (Evans Pritchard, 1971: 27). Postulando uma relação estrita de homologia entre linguagem e pensamento, Müller considerava que os deuses nascem a partir do momento em que são nomeados. Mas a relação inicialmente postulada entre o fenómeno natural e a sua deificação, expressa num «nomina», cedo perde a sua transparência. Os «nomina» tornam-se «numina», deuses cuja nomeação não

traduz já uma relação de correspondência directa com os fenómenos naturais que se encontram na sua origem. A mitologia é de alguma forma considerada como uma degradação do pensamento mítico originário, a transparência dando lugar ao esquecimento e à confusão. A mitologia não seria, deste ponto de vista, mais que uma «doença de linguagem».

As tradições populares europeias representariam um estágio ainda mais avançado de degradação deste pensamento originário. Daí a sua aparente absurdez, o seu carácter irracional. Retraçando-lhes a história, devolvendo-as às origens, a mitologia comparada procurará exactamente restituir-lhes esse sentido perdido, explicando aquilo que de outra forma resiste ao entendimento racional. Procurar identificar em cada tradição popular a matéria-prima — os fenómenos naturais, o Sol, a Lua, a aurora, mas também a chuva, a tempestade⁷ — que se encontra na sua origem, traçando correspondências de raiz sobretudo linguística com os textos védicos, eis a solução que a mitologia comparada propõe para o estudo científico da cultura popular europeia.

É neste quadro rapidamente evocado, que o interesse pelas tradições populares europeias, inauguradas pelo romantismo, adquire nova base e renovado vigor. Como afirma Max Müller: «de même que la science du langage a fourni une nouvelle base à la science de la mythologie, la science de la mythologie est en passe à son tour de frayer la voie à une étude nouvelle et scientifique des traditions populaires que possèdent les nations aryennes. Non seulement il a été prouvé que les éléments radicaux et formels du langage sont les mêmes dans l'Inde, La Grèce et l'Italie, parmi les nations celtiques, teutoniques et slaves; non seulement on a pu faire remonter à une source aryenne commune les noms de beaucoup de leurs dieux, les cérémonies de leur culte et les courants principaux de leur sentiment religieux» (1874 b: 234) como, conclui, se restabeleceu a sucessão mito>legenda>conto. Se se acrescentar a esta enumeração, ao lado dos contos populares, as «superstições» e se se puser finalmente em evidência a estreita relação que desde o início une os estudos filológicos europeus, nascidos da gramática comparada, ao estudo das tradições populares europeias, tributário da mitologia comparada, o quadro completa-se.

Este movimento em torno das tradições populares europeias toma primeiro corpo nos países do Norte da Europa — na Alemanha, com os Grimm como pioneiros, bastante antes de Max Müller, na Rússia, Inglaterra, nos países escandinavos — e só depois alarga aos países românicos. Nestes, dois nomes em particular avultam: o de Friederich Diez, fundador da linguística românica, e o de Gaston Paris, filólogo e folclorista francês, que criou com Paul Meyer

⁷ Neste ponto a unanimidade cessa: enquanto Müller se tornará rapidamente partidário do sol e outros fenómenos celestes como matéria-prima da linguagem mítica, Kühn procurará esta sobretudo nos fenómenos meteorológicos — chuva, tempestade, etc. As diferenças eram levadas tão a peito, que será em grande medida esta constatação dos resultados tão diversos a que uma mesma metodologia conduzia, que Andrew Lang mais tarde explorará para o seu ataque em força à escola naturalista (cf. Lang, 1893).

a revista *Romania*. Gradualmente, o movimento alastra a outros países: à Itália, onde se distinguem os nomes de Comparètti, G. Pitré, Stanislao Prato, à Espanha com Milá y Fontanals, mas sobretudo, Machado y Alvarez e também a Portugal, onde justamente a mitologia comparada desempenha um papel de certo relevo no arranque dos estudos etnográficos. Leite de Vasconcelos e Adolfo Coelho situaram alguns dos seus trabalhos iniciais sob o seu signo e ela é reencontrável, embora em plano mais secundário e cruzada com outras influências, em Teófilo Braga.

*

É também para as marcas da influência da mitologia comparada que os escritos de Consiglieri Pedroso nos começam por remeter.

Neles podem encontrar-se, desde logo, definições e concepções tributárias do naturalismo mülleriano. Assim, para Consiglieri, o mito é uma «simples representação de um ou mais fenómenos naturais, tais como foram concebidos pela imaginação infantil dos diversos povos num certo momento do seu desenvolvimento histórico» [1878 c: 378 (399)]. «Mais tarde», prossegue Consiglieri, «as faculdades reflexivas do homem na posse já de um certo grau de adiantamento, começam a esboçar os primeiros traços dos dogmas e encontrando como património tradicional um certo número de lendas (...) em grande parte com o sentido naturalista perdido, dão-lhes uma significação religiosa e moral apropriada à nova fase mental, parecendo em épocas posteriores que esta significação é a essencial do mito, quando na verdade não passa de ser uma transformação secundária e relativamente recente» [id.: 379 (399)].

Também no seu estudo sobre «O homem das sete dentaduras», ao referir-se à perspectiva de estudar «definitivamente esta curiosa entidade da nossa mitologia popular», Consiglieri acrescenta de imediato, significativamente: «procurando reduzi-la ao fenómeno natural de que ela é a expressão mais ou menos desfigurada» [1882 a: 45 (236)].

As referências gerais ao naturalismo, articulam-se por vezes com menções mais precisas a alguns dos seus aspectos, como, por exemplo, a chamada «teoria solar». A propósito dos contos de fadas, Consiglieri pergunta por exemplo se «esse herói que figura em todos eles, perseguido por um inimigo a quem vence ou envolvido num encanto que quebra, [não] representará realmente o sol perseguido na sua carreira pela nuvem que ele dissipa com os raios de ouro, ou oculto pelas sombras da noite que ele por fim consegue romper ao chegar a alvorada?» [1879/80 d: 146 (315)]. As «superstições e crenças populares relativas à noite e ao dia de São João», as festas de S. João e outras festas populares são explicadas também pelo recurso à «teoria solar»: «os dois movimentos aparentes do Sol — o de rotação e o de translação — e os fenómenos terrestres que são consequência destes dois movimentos, tendo tido uma importância capital na existência da humanidade primitiva, formam o fundo de muitos mitos, de muitas lendas e de muitos usos» [1879/80 c: 326 (109)] entre os quais as duas

festas solsticiais. «O herói é sempre o mesmo, quer se chame Adónis, ou Lino ou Baldur; é o Sol, o jovem deus que na força da vida e em meio da sua carreira é ferido pela morte para tornar a ressuscitar» [id.: 327 (110)].

Este recurso ao naturalismo mülleriano, como pano de fundo explicativo das tradições populares, é entretanto cuidadoso. Por isso, Consiglieri Pedroso não deixa de chamar a atenção para as «muitas exagerações» da teoria solar «ou pelo menos de alguns dos seus ousados adeptos (...)». «Não nos parece razoável», prossegue Consiglieri, «explicar tudo, mesmo o que não tem explicação no estado actual da ciência pelo mito solar. Enquanto a nós este processo em demasia cómodo e expedito num grande número de casos precisa para ser aceite de justificar-se pela filiação histórica, único critério seguro nesta ordem de investigações» [id.: 325 (109)].

É a mesma atitude de adesão prudente às teses da mitologia comparada que explica a pobreza de preocupações «arquetípicas» de referência a modelos originários presente na obra de Consiglieri. É certo que, para ele, como para toda a mitologia comparada, «a expressão na aparência mais trivial e despida de sentido, a superstição mais absurda e incongruente, a analogia mais obscura, o conto mais fútil nos seus detalhes não raras vezes vai encontrar uma explicação nos mitos mais ou menos primitivos cuja representação se encontra para a raça árica, nos hinos védicos» [1878 b: 311 (391)]. Mas a passagem de uns para outros é mais complexa e, portanto, mais difícil de cercar do que muitos autores crêem.

A metodologia que num dos seus primeiros escritos, Consiglieri Pedroso defende relativamente à análise dos contos populares é disso expressão. Essa metodologia, onde é legível a influência de Adolfo Coelho, acentua sobretudo as diferenças entre mito e conto. «Admitindo mesmo que os contos populares representam uma transformação evolutiva e normal dos mitos primitivos, o que ninguém negará é que tais como se encontram na actualidade nesses há grande parte de ficção puramente individual e reflectida, elementos históricos e anedóticos mais ou menos desfigurados, de mistura com um fundo mítico primordial» [1878 b: 311 (393)]. Sendo assim, antes de aproximar um dado conto popular ou algum dos seus elementos desta ou daquela figura mítica primordial, há que previamente separar o que nele é «ficção puramente individual e reflectida» do «fundo mítico primitivo» [id.: 313 (393)] que ele eventualmente conserve. Para tal, há que «aproximar todos os paradigmas conhecidos do mesmo conto e por meio desta aproximação e comparação determinar-lhe o elemento comum inicial» [id.: 314 (394)]. Esta metodologia é retomada numa outra nota bibliográfica: o fim da novelística popular comparada «deve ser o conhecimento da forma primordial de cada conto, deduzida da comparação científica de todas as versões conhecidas (...) as relações entre os diversos grupos de ficções, rigorosamente estabelecidos, indicar-nos-ão a pouco e pouco o arquétipo fundamental perdido ou os arquétipos primitivos cujos representantes vieram mais tarde a confundir-se num tipo de proveniência à primeira vista única» [1881 j: 271 (411)]. Só depois, conclui Consiglieri Pedroso, é que se poderá averiguar a origem mítica do conto popular.

Esta metodologia afasta-se em inúmeros pontos daquela que Max Müller aconselha, como se pode verificar pelo excerto seguinte: «il faut, pour chaque conte, remonter de proche en proche jusqu'à sa forme la plus primitive, examiner et analyser cette forme en observant rigoureusement les règles de la conception simple et originelle du mythe, il faut voir comment la même conception et le même mythe se sont graduellement développés et comment ils ont revêtu des formes différentes sous le ciel brillant de l'Inde et dans les forêts de la Germanie» (1874 b: 247).

Mais largamente argumentada no tocante ao estudo dos contos populares, também no estudo das tradições populares se reencontra idêntica metodologia, insistindo na existência de «largos recursos no campo comparativo» [1881 f: 372 (218)] mais do que na pesquisa de correspondências directas com os arquétipos védicos. Estas, no estágio actual da mitologia comparada, «uma ciência em via de constituição» [1878 b: 314 (393)] são em muitos casos «um inútil luxo de imaginação, sem consequências algumas de importância para os progressos ulteriores da ciência» [id.: 315 (394)]. Quando não são mesmo um «embaraço que mais tarde se torne necessário remover» [1879/80 a: 231 (93)]. Em muitos casos, essas correspondências carecem mesmo de pertinência como no caso de «certa categoria» de crenças «em ligação com os factos mais triviais, mais prosaicos (...) da vida humana» cujo «modo de produção (...) deve ter sido mais independente, representando provavelmente nelas a transmissão um papel mais secundário» [1881 a: 1/2 (129)].

Esta denúncia geral das «leviandades» que mais não fazem do que «desacreditar perante os espíritos verdadeiramente científicos, não só as conclusões, mas os métodos e a importância real da mitologia comparada» [1878 b: 314 (393)] articula-se nalguns casos com denúncias mais exemplificadas. Ao escrever sobre as mouras encantadas, Consiglieri denuncia a «ilusão manifesta» que seria filiá-las no mito védico de Ahi e Indira [1881 f: 371 (217)]. É também sua a denúncia da correspondência, que considerava fantasiosa, entre o cor-de-rosa das fitinhas do chapeuzinho vermelho e o mito da aurora védico [1878 b: 314 (393)].

Fazendo depender a pesquisa dos «arquétipos míticos» de que as tradições populares europeias representariam uma evolução, de «largos recursos no campo comparativo», Consiglieri Pedroso privilegia dois procedimentos: a recolha e a comparação. «Por agora», afirma ele, «o que há a fazer é coligir tudo quanto existe, e aproximar o que se encontra num povo do que se encontra nos demais, mas sem querer deduzir por ora nada desta aproximação» [1879/80 b: 272 (97)]. Só depois de concluídas estas duas fases, se poderá então começar a «explicar (...) o sentido às vezes obscuro, das diversas superstições» [1878/80 a: 231 (93)]. Só então se poderá indagar das suas origens e erguer uma «teoria geral» [1879/80 b: 273 (98)].

Consiglieri manter-se-á fiel a este programa. E dada também a curta duração da sua obra etnográfica, o que nela se pode encontrar são, além dos materiais resultados desse esforço de recolha, «aproximações» comparativas, numa

constante preocupação de confronto entre os materiais portugueses e a informação etnográfica de outros países. Não se trata de somar apenas alguns exemplos doutros países aos factos portugueses recolhidos. Trata-se sobretudo de, pelo recurso a material não-português, tentar esclarecer melhor certas tipologias que são construídas, precisar com maior rigor o contorno de certos factos portugueses e procurar identificar a sua especificidade no quadro indo-europeu.

Neste seu esforço, Consiglieri Pedroso dispõe de recursos bastante vastos¹ que emprega com frequência. Alguns exemplos mais significativos podem ser dados. Falando do «Secular das Nuvens», Consiglieri aproxima esta entidade mítica do «caçador selvagem germânico» [1882 f: 419 (298)], ao mesmo tempo que constata a sua ausência entre os eslavos. Daí, conclui, a «grande importância mítica» das «lendas portuguesas a respeito do Secular das Nuvens ou Escolar das Nuvens» [id.: 423 (301)] uma vez que a sua presença em Portugal permite medir melhor a extensão desse «ciclo de tradições de que as raças germânicas conservaram melhor que as outras raças indo-europeias a recordação» [id., *ibid.* (301)]. Elucidativo é também o modo como Consiglieri Pedroso relaciona e associa num tipo único diversas crenças relacionadas com a «hora do meio-dia» (1882 a) — «rosemunho (redemoinho), entreaberto, homem das sete dentaduras ou simplesmente cousa má» [id.: 45 (232)], denominações diversificadas para «esse génio maléfico relacionado com a hora do meio-dia, de feição não muito bem determinada mas receado mais ou menos em todo o País» [id.: 39 (229)] — e as tenta explicar. «Serão com efeito», pergunta Consiglieri, «estes nomes indício da presença de uma entidade mítica nova no nosso maravilhoso popular, e mesmo nas versões em que o dianho é especialmente mencionado, provirá esta circunstância (...) da conservação dos diferentes mitos sob uma denominação que lhes não pertence, pela perda quase total dos nomes tradicionais de divindades da nossa mitologia? Ou pelo contrário», prossegue, «indicam apenas a tendência de designar por modo diverso atribuições também diversas de uma mesma entidade (neste caso o Diabo)?» Significativo é sobretudo o caminho indicado «para resolver este ponto»: «teremos de sair do domínio da mitologia portuguesa, a fim de investigarmos o que com rela-

¹ Os seus conhecimentos de línguas dão-lhe acesso a material e autores até aí pouco conhecidos em Portugal, designadamente de nacionalidade russa, alemã, polaca, etc. Neste quadro, merecem particular relevância dois autores — Afanasiev e J. Grimm — cujas obras são mais frequentemente utilizadas, para fins comparativos, por Consiglieri. Por outro lado, são relativamente amplos os seus contactos internacionais. Consiglieri Pedroso mantém relações de correspondência, por exemplo com Veckenstedt [1882 f: 420 (299)], mas sobretudo com Machado y Alvarez [1881 d: 253 (193)] e o polaco Kolberg [1881 d: 242 (183)], autor de uma monumental síntese, em 14 volumes, da etnografia do seu país, que Teófilo Braga cita como exemplo em *O Povo Português...* (1885, 1.º vol: V). É, além disso, membro de diversas sociedades científicas internacionais, como a Academia Real das Ciências de Palermo, Real Sociedade dos Antiquários do Norte de Copenhaga, Sociedade Oriental Alemã, Academia Real de História, Antiguidades e Belas Letras de Estocolmo e Copenhaga, Sociedade Filológica Parnaso de Atenas. A publicação de textos seus em revistas e editoras estrangeiras é um testemunho suplementar da inserção internacional da sua obra.

ção ao "demónio do meio-dia" nos revelam as mitologias estranhas, especialmente as arianas» [id.: 45 (232, 233)]. São ainda essas preocupações comparativas que levam Consiglieri Pedroso a afirmar terem as crenças portuguesas relativas ao lobisomem «variantes desconhecidas, pormenores que escaparam aos grandes autores europeus seus contemporâneos [1881 d: 255 (194)].

Idênticos procedimentos comparativos reencontram-se ainda a propósito das mouras encantadas. Numa primeira abordagem que faz ao tema (1879/80 c), Consiglieri Pedroso começa por referir a estreita associação entre as mouras encantadas e a água, o elemento húmido: «na noite de São João [as mouras encantadas] deixam a forma de cobras sob que vivem todo o ano no fundo dos poços ou regatos, e em figura humana vêm pentear para fora da água os seus cabelos de ouro» [id.: 345 (126)]. Este primeiro contexto leva Consiglieri Pedroso a considerá-las como «divindades femininas das águas, análogas às *nixen* germânicas e às *rusalki* eslavas» [id.: 342 (123)]. Só que, por outro lado, as mouras encantadas surgem também referidas frequentemente na tradição portuguesa como «guardadoras de tesouros escondidos» e em associação privilegiada com a terra: «na madrugada do dia de São João vão as mouras estender os seus tesouros à orvalhada no campo. Esses tesouros ficam ali encantados sob a forma de figos. Se alguém passa, os apanha e não os come, transformam-se em verdadeiros tesouros» [id.: 346 (126)]. «Esta crença em riquezas ocultas, de um alto valor tradicional», não é especificamente portuguesa; encontra-se também «entre os Germanos e Eslavos» [id.: 343 (124)]. A tradição portuguesa teria entretanto a peculiaridade de associar num mesmo personagem mítico essas duas crenças indo-europeias. Porém, numa segunda aproximação (1881 f), Consiglieri corrige esta primeira sugestão, e fá-lo exactamente através da ampliação dos seus quadros comparativos. Às *nixen* germânicas e às *rusalki* eslavas, Consiglieri acrescenta agora as *lac-ladies* inglesas, as *vilas* sérvias, as *elfen* escandinavas e as *naiadas* gregas [id.: 371 (217)]. Tratar-se-ia não só de divindades ou génios femininos da água mas também, e contrariamente àquilo que havia sido anteriormente sugerido, de génios que guardavam os tesouros escondidos da terra. Mas as mouras encantadas portuguesas não deixam por isso de perder a sua especificidade. Enquanto entre os Germanos e os Eslavos os génios associados aos tesouros escondidos da terra teriam um carácter maléfico, na tradição portuguesa esse traço não apareceria. Daí também a conclusão de que, de «todas as criações do nosso maravilhoso popular, esta é incontestavelmente uma das mais poéticas e talvez a que melhor reproduz a crença geral europeia» [id.: 372 (218)].

Também no seu estudo sobre os contos populares portugueses, são detectáveis idênticas preocupações comparativas. Consiglieri salienta por exemplo o valor das variantes portuguesa e italiana do conto do Pequeno Polegar, ao desmentir a sua pertença exclusiva «aos Eslavos e Alemães (...) na época em que estes dois povos viviam ainda juntos e formavam um grupo separado dentro da família indo-europeia» [1879/80 d: 444 (311)]. «O mesmo facto — acrescenta — se dá também com o antigo conto egípcio do Rhòampsinilo ou do Ladrão

Hábil», de que têm aparecido em Portugal algumas variantes [id.: 445 (312)]. Mais adiante é salientada a importância do «episódio do peixe» numa variante portuguesa do conto da Gata Borralheira, que apenas apareceria numa variante russa, «indicando assim o alto valor tradicional» da variante portuguesa [id.: 447 (313)].

FAMÍLIA E EVOLUCIONISMO

Na evocação a que temos vindo a proceder da obra de Consiglieri Pedroso, um facto não terá certamente passado despercebido: a inexistência de quaisquer referências aos seus dois trabalhos sobre a família.

De facto, nestes dois estudos a própria temática exige apoios teóricos distintos da mitologia comparada. Esses apoios vai buscá-los Consiglieri Pedroso a uma área cujo desenvolvimento, embora ligeiramente mais tardio, não é provavelmente menos espectacular que aquele que entretanto a mitologia comparada conhece.

A antropologia evolucionista, como hoje é conhecida, desenvolve-se com efeito debaixo de um forte impulso inicial em direcção à família e ao parentesco, que gradualmente completará com outras áreas de interesse, designadamente a religiosa. São conhecidas as linhas gerais desta corrente decisiva do pensamento etno-antropológico oitocentista. Centrando-se fundamentalmente nas sociedades primitivas, o evolucionismo procurava entender as suas instituições e práticas no quadro de uma visão historicizante da sociedade humana, em que eram dominantes séries unilineares e universais da evolução, por etapas ou estágios. Num extremo encontrar-se-ia a Europa civilizada da época e no extremo oposto os «selvagens». As instituições e práticas prevalentes entre estes, se por um lado testemunhariam do seu carácter «primitivo», eram por outro entendidas como as primeiras manifestações de um processo de desenvolvimento cultural e social cujo apogeu seria a Europa do séc. XIX. Perceber a lógica e os motivos dominantes dessas manifestações e indicar os modos como a partir delas se haviam constituído ao longo de uma evolução multissecular as instituições modernas, eram as duas preocupações centrais do evolucionismo.

Neste quadro muito geral, a primeira instituição que, de forma mais sistemática, irá concentrar a sua atenção será exactamente a família. Maine, em 1861 com *Ancient Law*, Bachofen, no mesmo ano, com *Das Mutterrecht*, McLennan, em 1865, com *Primitive Marriage* e Morgan em 1877, com *Ancient Society* são os principais protagonistas deste interesse. O seu objectivo central era a reconstituição dos traços centrais da família primitiva e das sucessivas etapas, de características universais, pelas quais ela teria passado até se ter atingido a moderna forma de organização familiar. Mas dentro deste quadro geral de preo-

* Cf. Maine, 1977; Bachofen, 1968; McLennan, 1876 e Morgan, 1976/78.

cupações as conclusões são muito diversas. Maine sustentará o carácter primordial da família patriarcal, enquanto Bachofen no mesmo ano defendia que esta não era senão o resultado de um processo evolutivo mais vasto, cujas etapas anteriores seriam a promiscuidade e o matriarcado. Mc Lennan, aceitando também a promiscuidade como ponto de partida da evolução familiar, concentrar-se-á sobretudo numa tentativa de caracterização sistemática da etapa imediatamente seguinte, onde o rapto, a exogamia, a poliandria e a matrilinearidade avultariam como os traços centrais. Morgan, por fim, incidirá o essencial da sua reflexão sobre os sistemas de parentesco e será a partir deles que se debruçará sobre a evolução da família.

Nunca abandonando este seu interesse inicial pela família, a antropologia evolucionista irá entretanto, sobretudo a partir dos anos 70 do século passado, alargando as suas preocupações a outros terrenos e áreas de estudo. Desde então, forte das suas sólidas amarras quer com os modelos dominantes nas ciências naturais (darwinismo), quer com as filosofias que prolongam o positivismo reinante (evolucionismo spenceriano), ela irá ocupando gradualmente a cena dianteira da área etno-antropológica, contribuindo poderosamente para uma unificação de disciplinas e temas.

*

Tendo ganho a sua maioridade num convívio pioneiro e prolongado com temas como a família e o parentesco, é em primeiro lugar nessa qualidade que Consiglieri Pedroso se dirige à antropologia evolucionista. Em rigor, *A Constituição da Família Primitiva* (1878 a) é sobretudo uma sucinta exposição de algumas teses evolucionistas, inspirada sobretudo em Mc Lennan e em *Primitive Marriage* e aplicada à defesa da tese da origem primitiva da família indo-europeia. O ponto de partida do texto é a importância da poliandria nas sociedades primitivas, que Consiglieri Pedroso caracteriza como «uma grosseira promiscuidade» [1878 a: 18 (54)]. «Conjuntamente com este facto encontram-se em muitas destas mesmas raças, 1.º: o costume do casamento exogâmico; 2.º: o símbolo e algumas vezes a prática do casamento por meio do rapto; 3.º: o parentesco referido apenas às mães com exclusão dos pais» [id.: 20 (55,56)]. Entre estes factos, a relação seria «perfeitamente lógica (...). A poliandria é o resultado da escassez de mulheres, escassez artificial e que provém em grande parte do costume primitivo do infanticídio das fêmeas. A falta de mulheres, tendo como consequência o estabelecimento dentro da tribo ou da família do sistema poliândrico, deu a exogamia como condição e o rapto como forma de casamento primitivo» [id.: 29 (60)]. Finalmente, «o parentesco pelas mulheres (...) é uma consequência inevitável e lógica da poliandria. Onde a mulher pertence em comum a muitos homens, a fixação da paternidade é incerta, e o único parentesco compreensivo é o que se refere à mãe. (...) Poliandria, exogamia, casamento pelo rapto e parentesco pelas mães são factos correlativos, que mutuamente se pressupõem, e característicos da constituição da família, tal como hoje se encontra nos grupos humanos inferiores» [id.: 29 (60)]. Consiglieri indica também

o modo como a partir dele se chegaria, por intermédio da poligamia e do parentesco exclusivamente por linha masculina, à situação actual, onde avultam a monogamia e o parentesco simultaneamente pelo lado do pai e pelo lado da mãe. Quer nos seus aspectos gerais quer inclusivamente em certos detalhes, era esta no essencial a concepção de Mc Lennan sobre a família primitiva e é ela que justamente *A Constituição da Família Primitiva* retoma de forma sistemática. Fazendo-o, este texto constitui-se numa das primeiras expressões em Portugal da antropologia evolucionista e do peso que a família exerceu na sua constituição inicial.

Através dela, a nascente etnologia portuguesa contactava com um dos aspectos centrais da antropologia oitocentista: a sua atracção pelas sociedades primitivas e a sua ambição de, a partir delas, fundar uma reflexão geral sobre a cultura e a sociedade humanas. Nos anos subsequentes surgirão outros sinais de interesse por esta vertente central da antropologia oitocentista. Entre 1880 e 1883, Oliveira Martins edita 4 títulos da sua Biblioteca de Ciências Sociais onde ela é justamente dominante: *Elementos de Antropologia*, *As Raças Humanas e as Civilizações Primitivas*, *Sistema dos Mitos Religiosos* e *Quadro das Instituições Primitivas* (cf. Martins: 1880, 1881, 1882, 1883). Paralelamente são publicadas algumas traduções de autores evolucionistas — como Tylor (1884) e Lubbock (1882)¹⁰ — e surgem também alguns artigos em revistas como *O Positivismo*.

Não se trata entretanto de um interesse duradouro e consistente. Apesar destes sinais, de facto, as disciplinas etno-antropológicas em Portugal não se afastarão do terreno português como terreno preferencial de pesquisa. E é justamente nesse quadro que o encontro com a antropologia evolucionista e o tema da família acaba por assumir em Consiglieri Pedroso uma expressão mais interessante. Orientada sobretudo para a caracterização e posterior evolução da família primitiva, a reflexão evolucionista fornecia também um quadro teórico susceptível de ser utilizado na análise de alguns aspectos julgados mais arcaicos das formas familiares nas sociedades rurais europeias. Esses aspectos configurar-se-iam para os autores evolucionistas como sobrevivências da organização familiar primitiva. Um dos autores mais atentos a estas sobrevivências foi exactamente Mc Lennan: para ele, por exemplo, certas cerimónias em que no quadro do casamento se simulava o «rpto da noiva» eram vestígios de um estágio primitivo em que a noiva teria sido efectivamente raptada.

Não é por isso de estranhar que no quadro de uma obra construída fundamentalmente em torno da cultura popular portuguesa, *A Constituição da Família Primitiva* funcione sobretudo como uma espécie de «prólogo» teórico a *Sur quelques formes du mariage populaire au Portugal* (1884). É de facto enquanto uma

¹⁰ Num como noutro caso não se trata da tradução e edição de obras completas dos dois autores, mas de capítulos de obras suas.

¹¹ Entre esses artigos, veja-se por exemplo aquele que Teixeira Bastos consagra justamente ao tema da família (Bastos, 1878). Cf. ainda a recensão que Júlio de Matos consagra a *A Constituição da Família Primitiva* (Matos, 1878).

tentativa de aplicação do quadro teórico anteriormente apresentado a materiais especificamente portugueses que este último texto de Consiglieri Pedroso se configura. O pressuposto básico de que ele parte é justamente a teoria evolucionista das sobrevivências: «on regarde aujourd'hui les superstitions, les mythes et quelques usages et croyances populaires comme les débris d'une phase sociale primitive qui se sont continués jusqu'à nous en vertu de la loi de 'persistance'» [id.: 629 (78)]. «De toutes ces superstitions, de tous ces usages, les plus persistants sont ceux qui on trait à la famille, à sa constitution et aux relations mutuelles entre ses membres» [id.: 630 (78)]. São essas sobrevivências que Consiglieri Pedroso procura surpreender nalguns dos aspectos da organização da família no mundo rural português, tomando exactamente como ponto de partida a caracterização da família primitiva anteriormente apresentada. O carácter promíscuo da poliandria estaria por exemplo representado por hábitos de coabitação pré-matrimonial e por concepções desvalorizadoras da virgindade. A exogamia subsistiria em charivaris, em tributos e em certas formas de oposição simbólica a casamentos exogâmicos. O rapto ecoaria nas lutas simbólicas que integram certas cerimónias do casamento. Só em relação ao quarto traço, que de acordo com Mc Lennan caracterizaria a família primitiva — a matrilinearidade — Consiglieri Pedroso não encontra documentação comprovativa, embora acredite, num acto de fé evolucionista, que possa haver no centro do País vestígios dele.

Uma tentativa idêntica à de Consiglieri Pedroso pode reencontrar-se em Teófilo Braga e no capítulo que em *O Povo Português...*, o autor consagra à família (1885, 1 vol.: 177 a 270). O seu objectivo é também o de analisar alguns aspectos da família rural portuguesa, embora à luz de uma inspiração teórica muito mais eclética, em que as referências a Mc Lennan se combinam com referências a Bachofen e, ainda a outros autores, como o historiador Fustel de Coulanges.

Trata-se porém de um caso isolado. Daí a acrescida importância que é possível atribuir à produção de Consiglieri Pedroso acerca da família. Ela constitui-se de facto como um dos raros e mais interessantes testemunhos das repercussões que teve em Portugal o debate em torno desse tema central da reflexão antropológica oitocentista.

EVOLUCIONISMO *VERSUS* MITOLOGIA COMPARADA

Não é porém exclusivamente nesse plano que é possível referir a importância desses textos. Eles funcionam, no quadro da obra de Consiglieri Pedroso, como testemunhos privilegiados de um encontro teórico que acabará por se reflectir na sua restante produção. Recorrendo ao evolucionismo nos seus textos sobre a família, Consiglieri Pedroso não se mostrou indiferente às consequências desse quadro teórico no respeitante às tradições populares portuguesas.

De facto, embora insensível nos seus primórdios, aos problemas religiosos, a antropologia evolucionista não tardará a integrá-los nos seus horizontes de análise. Sobretudo com E. B. Tylor e *Primitive Culture*¹² a antropologia evolucionista avança decididamente para as «superstições», para a religião primitiva, para a problemática da evolução dos sistemas religiosos. E se num primeiro momento evolucionismo e naturalismo, antropologia e mitologia comparada coexistem sem grandes choques — Müller é frequente e elogiosamente citado por Tylor e vice-versa — ulteriormente os diferentes princípios de que cada uma das disciplinas parte e desenvolve, revelar-se-ão em numerosos pontos difíceis de conciliar num sistema harmónico.

A mitologia comparada desenvolve-se num quadro restrito, o dos povos indo-europeus, e as conclusões que obtém, se aspiram à categoria de leis universais, não deixam de estar estreitamente associadas a esse contexto preciso. Tylor, pelo contrário, evidencia ambições universalistas: o seu objectivo é «étudier les lois de la pensée et de l'activité humaines» (1978, vol. I: 1). Para tal, «il n'est pas nécessaire de s'attacher (...) aux dates, aux positions géographiques» (id.: 7), não interessam, portanto, os contextos precisos, históricos e étnicos. A natureza humana é homogénea — há uma «rassemblance générale de la nature humaine» (id.: 7) — e as únicas diferenças pertinentes são as tributárias da marcha civilizacional da humanidade, que distingue «différents degrés de civilisation» correspondentes a diferentes «périodes de développement ou d'évolution» (id.: 1). Dirigindo o seu olhar para a cultura primitiva, Tylor está sobretudo interessado no esclarecimento das origens dessas leis da actividade e do pensamento humano, passo indispensável para que se acompanhe a sua ulterior progressão e se avalie, em toda a sua extensão, o caminho desde então percorrido pela humanidade, nesse irresistível movimento de «perfectionnement de l'individu et de la société et ayant pour fin d'augmenter la bonté, le pouvoir et le bonheur de l'homme» (id.: 30).

Posta assim a questão, o universo de informação e pesquisa caracteriza-se pela sua amplitude. Todas as sociedades humanas tributárias deste primitivo estágio de desenvolvimento, sejam elas sociedades com existência actual (sociedades primitivas) ou sociedades já desaparecidas (sociedades pré-históricas), se equivalem, já que nelas é possível detectar os mesmos princípios estruturadores do pensamento. Daí a natural «réurrence d'habitudes ou d'idées spéciales en différents districts» (id.: 30), que não é senão a ilustração do princípio segundo o qual «similar conditions of mind produce similar practices, apart from identity of race or burrowing of ideas and manners» (Lang, 1893: 22).

Partindo do pressuposto da unidade do género humano e operando num universo mais vasto do que aquele com que trabalhava a mitologia comparada, a antropologia evolucionista distingue-se ainda desta pela teoria da religião que elabora. Tylor, é certo, não rejeita alguns dos postulados naturalistas de Mül-

¹² Cf. Tylor 1878.

ler, e no seu *Primitive Culture* o capítulo dedicado à mitologia é largamente tributário da mitologia comparada (Tylor, 1878, 1.º vol.: 312-482).

Mas na averiguação das origens do pensamento religioso, Tylor, influenciado pelos desenvolvimentos da psicologia sua contemporânea, substitui a aproximação naturalista de Miiller pela teoria do animismo. A religião, definida como «croyance en des êtres spirituels» (id.: 491), nasce da crença na alma individual «dont l'existence peut se prolonger après la mort» (id.: 494). Esta crença radica em experiências como os sonhos e a morte mas rapidamente se estende a outras esferas da realidade, à natureza, ao mundo dos objectos, onde é observável a mesma dualidade entre uma existência material, um corpo, e uma existência imaterial, uma alma, que, gradualmente pensada como identidade distinta, dá origem à ideia de divindade.

Seria a esta luz que a literatura e as tradições populares europeias poderiam ser entendidas: não tanto como vestígios de uma «primitiva» concepção naturalista prevalecente entre os povos indo-europeus, mas como sobrevivências da concepção animista dominante nas sociedades primitivas. Para as esclarecer, seria pois necessário recorrer a um quadro comparativo significativamente mais amplo do que o proposto pela mitologia comparada. Assumindo, mais radicalmente do que Tylor, as diferenças entre as duas concepções, Andrew Lang formula o novo método justamente como uma comparação das «seemingly meaningless customs and manners of civilised races with the similar customs and manners which exist among the uncivilised and still retain their meaning» (1893: 21). É na base destes pressupostos que sobretudo em Inglaterra, no decorrer dos anos 70/80, se desenvolverá, como tendência que gradualmente irá substituir a mitologia comparada, a «escola antropológica» do folclore (Cocchiara, 1981: 375 a 464) ou, como Dorson prefere designá-la, a escola dos «savage folklorists» (1968).

Os reflexos desta viragem teórica no estudo das tradições populares fizeram-se também sentir em Portugal, embora de forma desigual. Tanto Adolfo Coelho como Leite de Vasconcelos, por exemplo, embora conheçam e se refiram às teses da «escola antropológica», acabarão por utilizá-las de forma limitada. Já Teófilo Braga, no quadro do eclectismo teórico que caracteriza a sua obra, tentará combinar mais sistematicamente as teses evolucionistas com outros critérios de análise. É esse aliás o sentido teórico dominante das análises que consagra em *O Povo Português...* às tradições populares portuguesas. Quanto a Consiglieri Pedroso, recorrendo aos autores evolucionistas nos seus estudos sobre a família, não poderia ficar indiferente ao tratamento dado por estes aos problemas religiosos e mitológicos.

No fascículo das suas *Contribuições...* consagrado às «Almas do outro mundo», Tylor é várias vezes citado, e os conceitos de animismo e persistência, de inequívoca matriz evolucionista, constituem o quadro teórico utilizado para dar conta das várias crenças portuguesas relativas às «almas do outro mundo».

«O animismo», afirma Consiglieri, «existe mais ou menos expresso em todos os povos da Terra, constituindo quase que exclusivamente uma doutrina religiosa completa nas populações inferiores; como elemento secundário é às vezes preponderante, misturado porém com elementos diversos nos grupos superiores de civilização. Especialmente a sua existência é incontestável nas últimas camadas sociais, embora dos países mais adiantados, por isso que pela incontestável lei da *persistência* ou sobrevivência é nelas que ainda hoje se conservam as características mais bem estabelecidas da humanidade primitiva» [1882 e: 383 (275)].

Este exemplo é, porém, nas *Contribuições...* um exemplo quase isolado. Nelas predomina, como já vimos, a influência da mitologia comparada. Uma influência assumida com cautelas, embora inequívoca.

A essa atitude, que também constatámos ser contrastante com os hábitos da época, não é, porém, totalmente estranha a influência evolucionista, e é mesmo neste plano que ela parece actuar mais profundamente em Consiglieri Pedroso. O autor, conhecedor das teses da mitologia comparada e do evolucionismo, aberto à sua dupla influência, não deixa de ter consciência das diferenças existentes entre o olhar que ambas lançam sobre as tradições populares. É isso mesmo que revela uma passagem das suas *Contribuições...*. Nela, procurando de alguma forma justificar a sua «prudência», Consiglieri procede a uma longa enumeração das diferentes perspectivas que podem ser invocadas para o estudo das «superstições». Estas, diz, «podem estudar-se (...) com relação à sua formação e neste caso observando a coincidência da produção independente dos mesmos modos de ser em povos, que se prova historicamente não terem tido contacto, chega-se à compreensão de uma unidade psicológica inicial, que solicitada pelas mesmas ou por idênticas causas, produz constantemente os mesmos efeitos (...). Por outro lado, podem estudar-se as superstições sob o ponto de vista do seu modo de transmissão de uns para outros povos, problema análogo ao da transmissão dos contos populares, e que como este dará, quando resolvido, elementos importantes para o estudo das migrações e das correntes de civilização. Podem finalmente as superstições estudar-se como documentos que mais que nenhum outro contêm vestígios do estado mental da humanidade primitiva, e como tal servir de precioso comentário para a compreensão de muitos actos e ideias dos indivíduos que hoje mais próximos se encontram desse estado rudimentar. E ainda as supervisões de um povo podem ser estudadas sobre outros pontos de vista» [1879/80 b: 272 (97)].

Este levantamento de pontos de vista, de contornos tendencialmente evolucionistas, completa-se depois com uma indicação de três possibilidades explicativas para a recorrência das superstições, em que se exprime uma abertura simultânea em direcção ao evolucionismo, à mitologia comparada e até a um incipiente difusionismo que começa a desenvolver-se ao longo do séc. XIX. «Assim por exemplo», diz Consiglieri, «é evidente que a existência das mesmas superstições em povos os mais diversos e em geral em todos eles, pode explicar-se de três

modos, que enquanto a mim se não excluem em certos casos, mas coexistiram realmente em todas as raças humanas. Ou a existência das mesmas superstições é o produto de uma unidade psicológica inicial, que independentemente em toda a parte dá resultados idênticos, ou é o resultado da iniciação operada por um povo que as tivesse produzido, nos demais com os quais directa ou indirectamente tivesse estado em contacto; ou é a consequência de transmissões sucessivas, primeiro de povo a povo dentro de uma única raça, e depois a povos de raças diversas. Como dissemos, acreditamos, pela nossa parte, que em certos casos o estudo actual das superstições de um povo, é o produto destes três factores. Mas em que proporções entra cada um destes três factores? É o que ignoramos absolutamente, e só nalguns casos excepcionais podemos aproximadamente conjecturar. Não chegou portanto o momento de nos lançarmos na resolução destes problemas» [id.: 272/273 (97, 98)].

Quer dizer: Consiglieri Pedroso dirige-se à escola inglesa não só na busca de apoios para os seus estudos sobre a família ou para o seu ensaio em torno das «almas do outro mundo». Mais inequívoca nestes dois casos, a influência evolucionista instala sobretudo em Consiglieri Pedroso uma certa indecisão acerca da forma de olhar, de explicar, as tradições populares portuguesas. Essa indecisão não obvia, como verificámos, a que as *Contribuições...*, bem como outros trabalhos de Consiglieri na área das tradições populares, se abram à influência da mitologia comparada. Mas pesa, com toda a probabilidade, na forma cautelosa como essa abertura ocorre nos escritos de Consiglieri Pedroso.

A obra de Consiglieri Pedroso constrói-se, portanto, no contacto com duas fontes teóricas determinantes: a mitologia comparada e o evolucionismo. A mitologia comparada actua sobretudo nos seus escritos acerca das tradições populares portuguesas. Fazendo seus alguns dos quadros teóricos e metodológicos desta disciplina, Consiglieri distancia-se porém dos seus procedimentos mais audaciosos. O evolucionismo, por seu turno, é a inspiração teórica fundamental dos trabalhos de Consiglieri sobre a família. Mas está também presente nos seus escritos sobre tradições populares, sobretudo enquanto factor de distanciação relativamente aos «excessos» da mitologia comparada. Neste aspecto, a obra de Consiglieri Pedroso não é apenas um testemunho do peso que certas correntes teóricas exerceram no desenvolvimento inicial da etnologia em Portugal. É também um bom exemplo do modo como foram sentidas e pensadas as principais alternativas teóricas que o séc. XIX ofereceu ao estudo da cultura popular europeia.

CONSIGLIERI PEDROSO, HOJE

Simultaneamente, a obra de Consiglieri Pedroso solicita de uma outra forma o nosso interesse.

De facto e convergentemente com as preocupações teóricas que presidiram à sua elaboração, ela constitui-se também como um valioso *corpus* de informação etnográfica, onde o lugar de destaque vai naturalmente para as *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*. Mais de 100 anos decorridos sobre a sua publicação original e numa situação em que a etnologia europeia, após um período de certo desinteresse, se volta de novo a interrogar sobre o universo das práticas e representações tradicionais europeias, a obra de Consiglieri Pedroso, bem como a de outros autores do mesmo período, mantém de facto intacta grande parte da sua actualidade estritamente etnográfica.

Aquilo que o leitor, sobretudo o mais especializado, nela pode encontrar é uma recolha etnográfica que se configura como um excelente instrumento de trabalho para a tarefa de, em quadros metodológica e teoricamente renovados, dar conta dos principais contornos e estruturas de sentido de um conjunto de práticas e representações tradicionais. Dada a diversidade geográfica que essa recolha possui, ela tem sobretudo a vantagem de fornecer um conjunto de pontos de apoio comparativos indispensáveis ao melhor esclarecimento e análise das formulações que os mesmos ou idênticos temas recebem em contextos mais precisos, como aqueles que a tradição antropológica contemporânea tem tendência a privilegiar. De um ponto de vista mais geral, esse material esboça sobretudo um desafio. O de, complementarmente com outra informação, tentar captar a lógica mais profunda que estrutura as práticas e crenças tradicionais e em particular certos motivos particularmente sedutores mas também complexos que nelas se exibem. A obra de Consiglieri Pedroso — onde temas como o das mouras encantadas ou o do lobisomem exercem manifestamente um certo fascínio — é a este respeito estimulante. Não creio que seja possível ler a informação que ele recolheu e trabalhou sem que nos sintamos interpelados pela sensação indefinida de que uma coerência muito forte se perfila por detrás das figuras «míticas» e rituais que nela encontram expressão e das soluções por vezes diferentes que o pensamento tradicional acolheu para as formular. Que essa coerência se não ofereça imediatamente à análise, eis um motivo suplementar para que nelas reconheçamos não os detritos inconsistentes de épocas revolutas, mas peças centrais de uma reflexão regida por preocupações e princípios que a análise se deve exactamente esforçar por reconstituir.

Nesse sentido, esta edição da obra etnográfica de Consiglieri Pedroso — tal como, aliás, outras reedições de autores oitocentistas ou ainda a publicação póstuma da *Etnografia Portuguesa* de Leite de Vasconcelos — não se limita a fornecer uma ocasião para a análise do passado das disciplinas etnológicas em Portugal. Fornece também um estímulo para que, no quadro da actual renovação dos estudos etnológicos em Portugal, a análise das práticas e representações tradicionais — tal como foram registadas pelos etnólogos oitocentistas e tal como se manifestam no viver actual de inúmeras comunidades camponesas — se possa constituir numa das direcções mais fecundas de trabalho.

João Leal

BIBLIOGRAFIA

1. OBRA ETNOGRÁFICA DE CONSIGLIERI PEDROSO

- 1878 a *A Constituição da Família Primitiva*. Lisboa: Lalléman Frères Typ.
- 1878 b [Nota Bibliográfica] «La Mythologie des Plantes, Angelo Gubernatis», *O Positivismo*, 1.º vol.: 375-317
- 1878 c [Nota Bibliográfica] «La Mythologie Comparée, Girard de Rialle», *O Positivismo*, 1.º vol.: 375-384
- 1879/80 a «Contribuições para uma Mythologia Popular Portuguesa. I. As Superstições Populares na Legislação Religiosa», *O Positivismo*, 2.º vol.: 221-231
- 1879/80 b «Contribuições para uma Mythologia Popular Portuguesa. II. As Bruxas na Tradição do Nosso Povo», *O Positivismo*, 2.º vol.: 269-285
- 1879/80 c «Contribuições para uma Mythologia Popular Portuguesa. III. Algumas Superstições e Crenças Populares relativas à Noite e ao Dia de São João», *O Positivismo*, 2.º vol.: 325-347
- 1879/80 d «Estudos de Mythographia Portuguesa», *O Positivismo*, 2.º vol.: 437-457
- 1881 a «Contribuições para uma Mythologia Popular Portuguesa. IV. Superstições Populares (Varia)», *O Positivismo*, 3.º vol.: 1-21
- 1881 b «Contribuições para uma Mythologia Popular Portuguesa. V. Superstições Populares (Varia)», *O Positivismo*, 3.º vol.: 140-163
- 1881 c «Contribuições para uma Mythologia Popular Portuguesa. VI. Superstições Populares n'um Processo da Inquisição», *O Positivismo*, 3.º vol.: 184-206
- 1881 d «Tradicções Populares Portuguezas (Materiaes para a Ethnographia de Portugal: Mythologia, Cantos, Usos, Costumes, Superstições, Provérbios, Jogos Infantis, Contos, Lendas e Tradicções Horaes do Nosso Paiz). VII. O Lobis-Homem», *O Positivismo*, 3.º vol.: 241-25
- 1881 e «Tradicções Populares Portuguezas (...). VIII. Superstições Populares (Varia)», *O Positivismo*, 3.º vol.: 314-330
- 1881 f «Tradicções Populares Portuguezas (...). IX As Mouras Encantadas», *O Positivismo*, 3.º vol.: 371-385

- 1881 g «Contribuições para um Romanceiro e Cancioneiro Popular Portuguez», *Romania*, vol. X: 100-116
- 1881 h [Nota Bibliográfica] «Biblioteca della tradizioni popolari siciliane, Giuseppe Pitré», *O Positivismo*, 3.º vol.: 214-218
- 1881 i [Nota Bibliográfica] «Zur Volkskunde. Alte und neue Aufsätze, Felix Liebrecht», *O Positivismo*, 3.º vol.: 266-268
- 1881 j [Nota Bibliográfica] «Quattro novelline popolare livornesi accompagnate da varianti umbri, Stanislao Prato», *O Positivismo*, 3.º vol.: 269-272
- 1881 κ [Nota Bibliográfica] «Istoritcheskii Piesnie Malo-Russkago Naroda, VI. Antonovitch, M. Dragonov», *O Positivismo*, 3.º vol.: 420-422
- 1882 a «Tradicções Populares Portuguezas (...). X. O Homem das Sete Dentaduras», seguido de «Superstições Populares (Varia)» [continuado do n.º VIII], *O Positivismo*, 4.º vol.: 39-54
- 1882 b «Tradicções Populares Portuguezas (...). XI. O Diabo», *O Positivismo* vol.: 102-120
- 1882 c «Tradicções Populares Portuguezas (...). XII. Superstições Populares (Varia)», *O Positivismo*, 4.º vol.: 214-228
- 1882 d «Tradicções Populares Portuguezas (...). XIII. Superstições Populares (Varia)», *O Positivismo*, 4.º vol.: 280-294
- 1882 e «Tradicções Populares Portuguezas (...). XIV. Almas do Outro Mundo», *O Positivismo*, 4.º vol.: 380-412
- 1882 f «Tradicções Populares Portuguezas (...). XV. O Secular das Nuvens», seguido de «Suplemento ao n.º VII das Tradicções Populares Portuguezas (O Lobis-Homem)», *O Positivismo*, 4.º vol.: 413-430
- 1882 g *Portuguese Folk-Tales*. London: Folk-Lore Society [reeditados em 1969, New York, Benjamin Blum]
- 1882 h «Um Conto Popular da índia Portuguesa», *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, vol. I: 73-75
- 1882 i «O Alicornio. Conto Portug.-galego», *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, vol. I: 270-271
- 1883 «Senhor e São Pedro», *Anuário para o Estudo das Tradições Populares Portuguesas*, vol. I: 36
- 1884 «Sur quelques formes du mariage populaire au Portugal. Contribution à la connaissance de l'état social des anciens habitants de la Péninsule», *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie pré-historiques. Compte rendu de la neuvième session à Lisbonne, 1880*, Lisbonne: Typographie de l'Académie royale des sciences: 628-638
- 1893/94 «O Rei Traquilha» *Revista Lusitana*, vol. IV.: 370-371
- 1895/97 «Contos Populares Portugueses Colhidos da Tradição Oral», *Revista Lusitana*, vol. IV: 338-376; vol. V: 62-77, 81-88
- 1902 «Poesias Populares Portugueses», *Revue Hispanique*, vol. IX: 455-467
- 1906 «Contos Populares Portuguesas», *Revue Hispanique*, vol. XIV: 115-240
- 1910 *Contos Populares Portugueses*. Lisboa [reeditados em 1978, Lisboa: Vega]

2. OUTRAS REFERÊNCIAS CITADAS NO TEXTO

BACHOFEN, J. J.

1968 (1861) *Myth, Religion and Mother-Right. Selection of Bachofen's Writings*. London: Routledge & Kegan Paul

BASTOS, Teixeira

1878 «Origens da Família», *O Positivismo*, I vol.: 255-268

BRAGA, J. Teófilo

1867 *Cancioneiro Popular Colligido da Tradição*. Coimbra: Imprensa da Universidade

1871 *Historia da Poesia Portuguesa (Eschola Nacional). Epopêas da Raça Mosárabe*. Porto: Imprensa Portuguesa

1883 *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*. 2 vols., Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz [reeditados em 1987, Lisboa: D. Quixote]

1885 *O Povo Portuguez nos Seus Costumes, Crenças, Tradições*, 2 vols., Lisboa: Livraria Ferreira Editora [reeditado em 1985, Lisboa: D. Quixote]

COCCHIARA, Giuseppe

1981 (1952) *The History of Folklore in Europe* [trad, de John N. Mc Daniel]. Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues

COELHO, F. Adolfo

1879 *Contos Populares Portuguezes*. Lisboa: F. Plantier [reeditados em 1985, Lisboa: D. Quixote]

1880/81 «Materiaes para o Estudo das Festas, Crenças e Costumes Populares Portuguezes», *Revista d'Ethnologia e Glottologia*: 5-34; 49-108; 145-207.

1881 «Etnographia Portugueza. Costumes e Crenças Populares», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2.ª série, n.º 403-433; n.ºs 9/10: 633-668

DIAS, A. Jorge

1952 *Bosquejo Histórico da Etnografia Portuguesa*. Coimbra: Sep. do Supl. Bibi. da Revista Portuguesa de Filologia

DORSON, Richard

1968 *The British Folklorists. A History*. London: Routledge & Kegan Paul

EVANS-PRITCHARD, E. E.

1971 (1965) *La religion des primitifs à travers les théories des anthropologues* [trad, de M. Matignon]. Paris: Payot

LANG, Andrew

1893 (1881) «The Method of Folklore», *Custom and Myth*, London, Longmans, Green and Co.: 10-28

LEAL, João

1981 «As 'Fontes' da Obra Etnográfica de Consiglieri Pedroso», *Revista Lusitana*, n.s., n.º 2: 129-163

LUBBOCK, John

1882 *As Origens da Família* [condensação por Teixeira Bastos]. Lisboa: Nova Livraria Internacional

MAINE, Henry
 1977 (1861) *Ancient Law*. London: Everyman's Library

MARTINS, J. P. Oliveira
 1880 *Elementos de Anthropologia*. Lisboa: Bertrand
 1881 *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva*. 2 vols., Lisboa: Bertrand
 1882 *Systema dos Mythos Religiosos*. Lisboa: Bertrand
 1883 *Quadro das Instituições Primitivas*. Lisboa: Bertrand

MATOS, Júlio de
 1878 «Bibliografia. A Constituição da Família Primitiva por Consiglieri Pedroso». *O Positivismo* 1.º vol.: 239-244

MC LENNAN, John F.
 1876 *Studies in Ancient History, Including a Reprint of «Primitive Marriage» (1865)*. London: Quaritch

MORGAN, Lewis H.
 1976/78 (1877) *A Sociedade Primitiva* [trad, de Maria Helena Alves], 2 vols., Lisboa: Presença

MULLER, F. Max
 1874 a (1856) «La Mythologie Comparée», *Essais sur la mythologie comparée, les traditions et les coutumes* [trad, de Georges Perrot]. Paris, Didier et Cie.: 1-184
 1874 b (1863) «Contes et Traditions Populaires», *id. ibid.*: 234-248

TYLOR, Edward B.
 1878 (1871) *La Civilisation primitive* [trad, de Pauline Brunet]. 2 vols., Paris: C. Reiwald et Ce.
 1884 *A Sociedade Primitiva* [trad, de Teixeira Bastos]. Lisboa: Nova Livraria Internacional

VASCONCELOS, J. Leite de
 1882 *Tradições Populares de Portugal*. Porto, Clavel e Ca. [reeditado em 1986, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda]
 1980 (1933) *Etnografia Portuguesa*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda

TEXTOS SOBRE
A FAMÍLIA

A CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA PRIMITIVA*

Não foi ao acaso, mas muito intencionalmente que escolhemos a presente tese, para o concurso de uma cadeira de *História Universal*. Algumas palavras de explicação serão bastantes, para que se compreenda o motivo que nos determinou a tal escolha.

No meio da renovação actual por que está passando a ciência da história pela aplicação do critério comparativo, julgámos que nada mais importante haveria para quem se dedica ao ensino desta ciência, do que a posse de um seguro método de investigação e de crítica. Rejeitando, como incompatíveis com o rigor científico, todos os factos que não são uma função qualquer do progresso humano, entendemos por isso, que a segurança do método é tudo, num campo onde o contingente, o acessório e o fortuito entram em tão larga escala. A própria constituição da ciência é impossível, sem que esta prévia separação, entre o que é uma verdadeira função histórica e o que o não é, se haja realizado. Quando a história política e a história militar eram apenas a dinâmica conhecida das sociedades humanas, esta separação nem poderia efectuar-se, nem, que o pudesse, tinha então razão de ser. Hoje, porém, a soma de factos sociológicos é de tal ordem, não só no que respeita à qualidade, mas com relação mesmo à quantidade, que essa separação se impõe, como uma necessidade urgente de sistematização.

Os horizontes mesquinhos, em que há um século ainda se fechava a história, foram desde então extraordinariamente recuados. A Bíblia deixou de por si só constituir exclusivamente os anais da família humana, para se tornar modestamente o repositório das tradições de um dos seus ramos, e interpretada pela larga exegese de Renan, de Reuss, de Ewald, de Kuehnen e de Georg Smith, etc., perdeu aquele carácter de estreita ortodoxia, que tanto prujudicou e por tanto tempo

* Este texto foi apresentado por Consiglieri Pedroso como tese para o concurso da cadeira de História Universal e Pátria do Curso Superior de Letras. Originalmente publicado em 1878, Lisboa, Tip. Dallemant Fr.

fez ignorar a sua verdadeira importância. No fim do século passado, Wilkins, William Jones e Colebrooke descobrem a civilização bramânica, e daí a pouco do seio desta velha civilização surge outra ainda mais antiga, em cuja restauração histórica se deviam ilustrar Rosen, Wilson, Burnouf, Benfey, Weber, Roth e Max-Müller, cujos monumentos, os *Vedas*, nas suas partes mais arcaicas, nos revelam o viver íntimo da nossa raça antes da separação nos seus diversos ramos.

Mais tarde Burnouf, e depois Spiegel e Haug restituem-nos o *Avesta*. Champollion e Lepsius lêem as estelas e os papiros egípcios. Abel Rémusat e Stanislas Julien dão-nos a chave do monossilabismo chinês. Rawlinson, Hincks, Layard e Oppert soletram os cuneiformes assírios. Julio Mohl torna acessível o *Shanameh*. Hallam e Augusto Comte reabilitam a Idade Média. Bancroft e Squier patenteiam as velhas civilizações dos Aztecas e dos Incas. Coligem-se e publicam-se os *Eddas*, os *Nibelungen*, o *Kalevala*. Desentranham-se, enfim, das camadas soterradas dos terrenos geológicos novos mundos, mudos até então às interrogações do homem. No meio desta profusão de factos, como caminhar com segurança, sem risco de se extraviar?

O único critério possível é tomar desta enorme massa de materiais, que todos os dias aumenta e se avoluma, apenas o que, como já dissemos, representa uma função da evolução social, eliminando tudo o mais inflexivelmente, por muito que esta eliminação seja contrária aos hábitos geralmente adquiridos. Demais, nesta série de reconstituições históricas de que falámos, por muito atrás que elas nos levem na ordem dos tempos, aparecem-nos sempre civilizações já formadas, instituições sociais já complexas, que supõem necessariamente uma origem nos tempos ante-históricos, que precederam as épocas que nos deixaram monumentos escritos da sua existência. Para que se compreendam mesmo essas civilizações, que doutro modo seriam para nós um prodígio sem explicação, e essas instituições sociais, é mister remontar até lá. Foi o que fez Tylor no seu belo livro *Early History of Mankind*. Assim hoje a história ante-histórica é o prólogo obrigado da história propriamente dita. Nem se pode esta compreender sem aquela.

Anterior aos *Kings*, ao *Pentateuco*, à *Iliada*, ao *Avesta*, ao mais antigo hino do *Rik*, e ao mais velho monumento da civilização faraónica, há uma larga série de séculos, durante os quais o homem esboçou os primeiros passos na estrada do progresso. Remontar, principalmente pela indução científica auxiliada pelo método comparativo, e tendo em vista o que atrás deixámos dito, até essa longínqua época, é ir investigar o verdadeiro campo das nossas origens. Foi o que fizemos na nossa tese, não perdendo nem um único momento de vista o princípio crítico superior que enunciámos, e fazendo entrar para a resolução do nosso problema os elementos que nos ministram as ciências sociológicas, recentemente constituídas.

Não há aqui preocupações de estilo, nem tão-pouco aparato de retórica. Muito menos, procurámos, por divagações de generalidades, fugir ao rigor que demandam estes estudos, principalmente os que fazem parte da cadeira em questão, ou iludir o programa do concurso refugiando-nos em especiosas teorias metafísicas mais ou menos sedutoras, mas com que a verdadeira ciência pouco tem a lucrar.

É provável, porém, que a *história* convencional, tal como ainda hoje está em voga no nosso país, não reconheça este trabalho como pertencendo ao seu domínio. Em compensação, pelo verdadeiro homem de ciência, será ele olhado com a benevolência que merece uma tentativa de aplicar os recursos da crítica moderna ao estudo da mais complicada de todas as ciências.

CONCEPÇÃO CIENTÍFICA DA HISTÓRIA OU SOCIOLOGIA CONCRETA

Longe vai a época em que Platão, referindo-se à história, podia dizer: «do que passa não há ciência», e mesmo em que Malebranche, lastimando as horas que se perdiam no seu estudo, a apelidava desdenhosamente de passatempo. Graças à evolução do espírito humano, que, no seu lento mas incessante caminhar, foi pouco a pouco e hierarquicamente constituindo as diversas ciências, arrancando-as ao empirismo e à metafísica para as firmar em bases positivas¹, foi também a história pouco a pouco despojando-se da sua feição anedótica e elevando-se à categoria de uma verdadeira ciência, com métodos de investigação tão severos, e instrumentos de comprovação tão exactos, como os das demais ciências, impropriamente chamadas por exclusão «exactas e naturais».

Não foi sem custo, entretanto, que se conseguiu chegar a tal precisão² (relativa ainda hoje entenda-se) num corpo de doutrinas, que até há bem pouco ainda se julgava governado pela simples fantasia, e que mesmo pelos espíritos mais eminentes era tratado com a liberdade de um romance ou de um drama, que cada um podia alterar a seu talante, conforme as exigências do cenário, ou a predilecção dos espectadores. Antes de a história chegar à altura em que hoje a vemos, teve de passar por um período de ingénua candidez, seja-nos relevada a frase, representado pelas genealogias sacerdotais do Oriente, e melhor pelas crónicas da Idade Média, que começam invariavelmente pela criação do mundo para irem acabar nos anais do modesto convento, a história entra na sua fase

¹ A Antiguidade deixou-nos constituída a matemática, principalmente com a escola de Alexandria. A astronomia somente tomou o carácter de uma ciência positiva, quando abandonou a hipótese geocêntrica, e depois das descobertas de Kepler e de Newton. Galileu constitui a física. Lavoisier a química. Bichat, finalmente, a biologia, que preparou o terreno à constituição da sociologia por Comte.

² Os trabalhos de erudição científica da Alemanha moderna, são, não há dúvida, pela paciente aglomeração de factos sociológicos, o motivo determinante da evolução por que está passando a história. Que país apresenta, em todos os ramos das ciências históricas, nomes como os de Lassen, Niebuhr, Mommsen, Savigny, Ewald, Movers, Ranke, Gervinus, Gregorovius, George Weber, Scheffer, Preller, etc., etc.? Onde existem colecções de documentos, como os *Corpus Inscriptionum*, *Monumento Germaniae*, *Fontes rerum Austriacarum*, *Scriptores rerum Prussicarum*, etc., etc.? Em que estado europeu têm as universidades a actividade científica das vinte e oito universidades alemãs?

literária³, da qual ainda se não libertou hoje completamente. Esta fase, não obstante o seu brilhantismo, e ter dado a todos os povos modernos da Europa uma falange de nomes dos mais ilustres, embora incontestavelmente superior, sob muitos pontos de vista⁴, à história primitiva ou crónica, está ainda longe do rigor científico que demanda a crítica moderna. Ou se chame simples «história narrativa» ou pomposamente «história filosófica»⁵, o elemento sistemático, sentimental e, por consequência, subjectivo, entra nela, por tal forma, que lhe não deixa a serena imparcialidade de uma obra de ciência. Até hoje os historiadores têm sido artistas, alguns deles genialmente inspirados, não o negamos; mas as suas obras têm visado mais a traçar com cores brilhantes e sedutoras as diversas peripécias do drama humano, do que a descrever cientificamente o organismo social, a expor as leis da sua evolução, a pôr em evidência, enfim, as lentas mas inegáveis transformações dos seus elementos constitutivos. Descrições de batalhas, listas de dinastias, biografias de *grandes homens*, combinações diplomáticas, dramas de alcova ou intrigas de salão, têm sido até hoje e quase que exclusivamente o assunto obrigado de todas as histórias que, por esse facto, vão mais vezes servir de bandeira aos partidos na praça pública, do que de objecto de estudo no gabinete do sábio. O liberal Grote⁶ idealizando a democracia de Atenas, o cesarista Mommsen⁷ justificando o despotismo de César, o católico Bossuet⁸ fazendo do povo de Israel o centro da história universal, o republicano Michelet⁹ transformando a história de França na grande epopeia do amor da pátria, objec-

³ Com relação aos progressos do estudo da história de Portugal, no nosso país, depois do século xv, quando a renascença da erudição clássica se impõe a todos os ramos da literatura, veja-se: — Alexandre Herculano, *História de Portugal*, tomo I, introdução. Se nesta rápida resenha não especializamos o nome do nosso historiador, é porque referindo-nos aos progressos da *história* e não a uma determinada monografia histórica em particular, entendemos que a sua obra, qualquer que seja o valor que a recomende, não servia para o nosso intento. Demais, Herculano escreveu ainda na primeira metade deste século, e desde então, como vemos, o ideal do historiador tem-se transformado, a sua responsabilidade científica tem aumentado, e o que ontem se considerava como definitivo pela pureza do método, neste caminhar vertiginoso da ciência, pode ter descido hoje a uma simples, embora brilhante, tentativa.

⁴ Dizemos «sob muitos pontos de vista», porque em certos casos é preferível a crónica, quando feita por um compilador sagaz e honesto, à história falseada pela paixão partidária ou por ideias filosóficas *a priori*. Está mais perto da ciência Heródoto, quando narra singelamente as fábulas que ouviu da boca dos sacerdotes egípcios ou caldeus, e guardando-nos velhos mitos e costumes confirmados hoje pela erudição moderna, do que qualquer dos historiadores do primeiro Império, que ajudaram com os seus escritos a criar a lenda napoleónica, a maior das burlas que se têm cometido contra a história, ainda hoje não completamente desmascarada para o público, apesar dos trabalhos de Lanfrey, Michelet, Bastide e tantos outros iconoclastas deste ídolo de barro.

⁵ Vide Hegel — *Philosophie der Geschichte* — *Einleitung*, pág. 3.

⁶ Veja-se Victor Cousin — *Introduction à l'histoire de la philosophie*, e Carlyle — *On Heroes and Hero Worship*, onde esta teoria anticientífica foi levada à maior exageração.

⁷ *History of Greece*.

⁸ *Römische Geschichte*.

⁹ *Discours sur l'histoire universelle*.

¹⁰ *Histoire de France*; e especialmente, *Histoire de la révolution française*.

tivaram mais, por assim dizer, as suas preocupações políticas, sociais, religiosas ou nacionais, do que procuraram com imparcialidade a revelação única dos factos; e embora não desconheçamos os seus serviços e a parte de verdade que há nas suas obras, é-nos lícito dizer, que as conclusões excederam o que cientificamente se podia deduzir das suas premissas. Ainda ao homem de ciência, armado com todos os recursos do método histórico-comparativo, constantemente precavido contra todas as sugestões individuais que possam introduzir-se na apreciação de um facto ou de uma época histórica qualquer, é difícil, senão impossível, escapar às múltiplas e complexas causas de erro, que se dão necessariamente numa ciência em que ele é ao mesmo tempo sujeito e objecto, observador e fenómeno observado!¹¹ Que acontecerá pois àquele que, desprezando todas as precauções, empreender tal estudo, com um ponto de vista *a priori*, a que queira sem distinção sujeitar todos os factos?...

Pouco a pouco, porém, a ciência foi-se emancipando do drama, e antes mesmo de chegarmos à tentativa sublime de constituição da sociologia, por Augusto Comte¹², nos meados do século dezanove, importantes tentativas se haviam feito, para tratar a história pelos métodos aplicados às demais ciências. Já em 1577 Bodin¹³, apartando-se da crónica mediévia, tenta expor um método para o fácil conhecimento da história. No século seguinte Pascal¹⁴ acha a ideia da solidariedade da espécie e define-a numa imagem célebre. Mais tarde, Vico¹⁵ introduz um ponto de vista humano na concepção da história, e pela primeira vez faz da erudição uma ciência, animando a Antiguidade, e dando por base ao seu estudo a natureza comum das nações. Depois, Montesquieu¹⁶ desenvolve na sua obra fundamental a tese de que as leis são as relações necessárias, que derivam da natureza das coisas. Voltaire¹⁷, pondo de parte a ideia da Providência, procura explicar a história por causas puramente humanas, e rompe de vez com o sobrenatural da teologia. Turgot¹⁸, antes de Comte, formula a lei dos «três estados». Kant¹⁹ esboça a história universal de um ponto de vista ideal

¹¹ Vejam-se a este respeito os magníficos capítulos, intitulados: *The educational bias: The bias of patriotism: The class bias: The political bias: the theological bias*: em que Herbert Spencer, na sua obra: *The Study of Sociology*, trata das diversas causas de erro, que podem falsear o exame dos factos históricos e sociológicos, e que portanto dificultam a constituição definitiva da sociologia.

¹² *Cours de philosophie positive*. 6 volumes. 1830-42.

¹³ *Methodus ad facilem historiarum cognitionem*; para que se veja a importância desta primeira tentativa, aqui damos o título dos capítulos da obra de Bodin, hoje completamente esquecida: 1.º *Quod historiu sit et quotuplex*; 2.º *De ordine historiarum*; 3.º *De locis historiarum recte instituendis*; 4.º *De historicorum delectu*; 5.º *De recto historiarum judicio*; 6.º *De statu rerum publicarum*; 7.º *Confutatio eorum qui quator monarchias aureique secula statuunt*; 8.º *De temporis universi ratione*; 9.º *Qua ratione populorum origines haberipossint*; 10.º *De historicorum ordine et collectione*.

¹⁴ «Préface sur le traité du vile»; *Pensées*.

¹⁵ *Principi di scienza nuova d'intorno alla commune natura delle nazioni*.

¹⁶ *L'esprit des lois*.

¹⁷ *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*.

¹⁸ *Discours académiques*.

¹⁹ *Idee zu einer allgemeiner Geschichte in weltbürgerlicher Absicht*.

e cosmopolita, como ele próprio lhe chama no título da sua obra. Herder²⁰ mostra a relação em que está o homem, individual e historicamente considerado, com o sistema cósmico de que faz parte, antevendo por esta forma uma homogeneidade de natureza entre a história e as ciências naturais. Condorcet²¹ traça numa síntese admirável o quadro grandioso dos progressos humanos. Malthus²², até hoje tão injustamente apreciado, formula a lei do conflito vital das sociedades humanas, proveniente do desequilíbrio que resulta da diferença entre a progressão aritmética do aumento das subsistências e a progressão geométrica do aumento da população, dando assim à história uma base biológica, e antevendo o princípio que mais tarde Darwin havia de aplicar, modificando-o, ao conflito de todas as raças animais. Saint-Simon²³ sustenta que a política se há-de tornar uma ciência de observação e que os seus problemas serão um dia resolvidos pelos métodos aplicáveis às demais ciências. Buckle²⁴, já depois de publicada a obra de Comte, faz do estudo dos *meios* um dos preliminares indispensáveis da história, dando um passo decisivo para a constituição de uma mesologia científica. Modernamente, Frederico Hellwald²⁵ e Bagehot²⁶ aplicam a teoria evolucionista de Darwin e de Haeckel ao desenvolvimento das sociedades humanas. Draper faz entrar a geologia como elemento essencial para o estudo da história²⁷. Herbert Spencer²⁸, enfim, pela sua profunda análise dos factos sociológicos, abre uma nova era na ciência, hoje definitivamente de posse do seu método. A Portugal mesmo chegou a concepção científica da sociologia²⁹, e dentro em pouco os historiadores se hão-de transformar em verdadeiros homens de ciência, ou hão-de ceder a estes um lugar que de direito lhes pertence³⁰.

²⁰ *Ideen zur Philosophie Geschichte der Menschheit.*

²¹ *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain.*

²² *Essai sur le principe de la population.*

²³ «Introduction aux travaux scientifiques du dix-neuvième siècle; Mémoire sur la science de l'homme»: *Oeuvres.*

²⁴ *History of civilisation in England.*

²⁵ *Kulturgeschichte in ihrer Entwicklung.*

²⁶ *Physics and Politics; or Thoughts on the Application of the Principles of Natural Selection and Inheritance to Political Society.*

²⁷ *History of the Intellectual Development of Europe.*

²⁸ *The Study of Sociology; Principles of Sociology*, saído apenas o primeiro volume.

²⁹ Deixando de parte os diversos sintomas de renovação dos estudos históricos no nosso país, apenas apontaremos o programa de uma obra, de que já estão saídos dois fascículos, e que como se deduz das palavras do seu autor, deve ser um notável exemplo da moderna direcção nesta ordem de estudos. Referimo-nos à *História Universal*, do Sr. Dr. Teófilo Braga, cujo plano mereceu de Littré, isto é, de uma das primeiras capacidades científicas contemporâneas, as mais lisonjeiras e honrosas palavras.

³⁰ A Academia Real das Ciências parece ter compreendido esta verdade quando nomeou o Ex.^{mo} Sr. Conselheiro João de Andrade Corvo para escrever a *História dos Descobrimentos e Conquistas dos Portugueses*, obra em que nos honramos de trabalhar sob a direcção científica do illustre professor e naturalista.

Demais, novas ciências sociológicas se têm constituído: a glótica³¹, a mitologia comparativa³², o estudo científico das tradições populares³³, a demografia³⁴, a arqueologia pré-histórica³⁵, a toponímia ou onomástica local³⁶, etc., que pondo em evidência factos até hoje ignorados das sociedades humanas, fazendo-nos penetrar no segredo das suas origens e assistir, por assim dizer, ao seu nascimento, tornaram inevitável a constituição definitiva da sociologia. Constituída esta, como a derradeira das seis grandes ciências abstractas e fundamentais na ordem didáctica, na ordem lógica e na ordem histórica, a História, que é a ciência concreta correspondente, começa hoje a manifestar a tendência, e dentro em breve terá o cunho de uma doutrina rigorosamente positiva: e assim como da acumulação de elementos fornecidos pelas ciências biológicas resultou a *História Natural do Homem*³⁷, é necessário e talvez não venha longe o dia, em que um outro Prichard sobre os elementos ministrados pelas diversas ciências sociológicas escreva a *História Social da Humanidade*.

E à aplicação do novo método a um dos mais interessantes problemas históricos, que vamos dedicar as páginas que seguem.

O ELEMENTO TRADICIONAL NO ESTUDO DAS ORIGENS HISTÓRICAS

Nada há mais profundo e ao mesmo tempo mais curioso para a investigação do filósofo e do historiador do que a alma de um povo. Enquanto as camadas superiores da sociedade se transformam numa evolução constante, mudando a cada momento de aspecto, o povo, embora tendo da mesma sorte a sua evolução, guarda fielmente o depósito sagrado das suas tradições, que se transformam também, mas só com muita dificuldade se desarreigam do seu espírito. Atravessam incólumes estas tradições as épocas de mais brilhante civilização,

³¹ Franz Bopp — *Vergleichende Grammatik des Sanskrit. Zend, Armenischen, Griechischen, Lateinischen, Lithauischen, Altslavischen, Gothischen und Deutschen*; A. Schleicher — *Compendium der vergleichende Grammatik der indogermanischen Sprachen*.

³² A. Kuhn — *Herabkunft des Feuers und des Göttertranks*; F. L. W. Schwartz — *Der Ursprung der Mythologie, dargelegt an griechischer und deutscher Sage*; Cox — *Mythology of the Aryan Nations*.

³³ J. Grimm — *Deutsche Heldensage*; Max-Müller — *Chips from a German Workshop; Comparative Mythology*.

³⁴ Quetelet — *Physique sociale*; Dr. Bertillon — *Démographie*.

³⁵ Boucher de Perthes — *Antiquités celtiques et antédiluviennes*; Lyell — *The Geological Evidence of the Antiquity of Man, with Remarks on Theories of the Origin of Species by Variation*; J. Lubbock — *Prehistoric Times, as Illustrated by Ancients Remains, and the Manners and Customs of Modern Savages*.

³⁶ W. von Humboldt — *Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens, vermittelt der Waskischen Sprache*. M.W. Arnold — *Ansiedlungen und Wanderungen der deutschen Stämme*. Salverte — *Essai sur les noms propres d'hommes et de lieux*.

³⁷ Teófilo Braga — *Historia Universal; Esboço de Sociologia Descritiva* — prefácio, pág. 10.

e se nem sempre se apresentam à luz do dia, nem por isso deixam de viver e ser evocadas no recinto do lar e no limitado círculo da família, como as poéticas e saudosas recordações da infância, que por vezes ocorrem ao espírito do homem, já adulto, no recolhimento das suas meditações.

Era Roma de há muito a capital do cristianismo e ainda o camponês do Lácio ou das Gálias sacrificava em segredo aos seus deuses tutelares, debaixo de alguma velha árvore consagrada³⁸; e hoje mesmo o lenhador nas solidões da Escandinávia, se algum ruído desacostumado perturba o silêncio da noite, julga, aterrado, ouvir passar Odin, perseguindo os lobos na floresta³⁹. Nos próprios centros da civilização não desapareceram ainda de todo as mais grosseiras superstições⁴⁰, e quando essas próprias superstições já se desvaneceram da memória do povo, é a palavra que fica como derradeiro vestígio das crenças de outrora⁴¹, testemunho lacónico mas verídico de ideias e factos que há muito deixaram de existir, e dos quais ela guardou a impressão perdurável que transmite de século em século, até que por seu turno também desapareça como último resto de um naufrágio.

Assim, as antigas religiões, os velhos usos, as cerimónias mais arcaicas, conservam-se no seio das massas populares, como vagos reflexos de um mundo que existiu⁴². O conto mais fantasioso na aparência, quando analisado pelo método comparativo, faz-nos remontar a algum velho mito, cuja influência foi onnipotente na infância da nossa raça⁴³. A superstição mais ridícula, quando

³⁸ Gibbon — *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*; edição de William Smith, vol. III, pág. 421.

³⁹ Laveley — *La Saga des Niebelungen dans les Eddas et dans le nord Scandinave* — pág. 55, nota. Aproxime-se do costume popular de — fechar as janelas quando fazem trovões.

⁴⁰ «In der Bevölkerung Europa's die sich doch eines so hohen Grades von Gesittung erfreut, steckt noch immer ein gar nicht geringer Rest aus jener Ziesieperiode, wo it sich in ibrer Kultur auf der niedern Stufe des Schamanismus befand. Wir haben in Deutschland bei Hoch und Niedrig das Schamanenthum keineswegs schon völlig überwunden, wenn wir uns auch rühmen können, nicht mehr so befangen zu sein, dass wir Hexen verbrennen. Allein wenn wir jetzt keine Schamanen, keine Hexen mehr unter uns haben, so betrügen sich doch Tausende noch täglich durch Hexerei und Schamanismus; denn was sind die Beschwörungen, das hundertfache *Besprechen* der Rose und anderer Krankheiten, die zahllosen kleinen abergläubischen Handlungen und Vorsichtsmassregeln Anderer, als Einflüsse eines festsitzenden Glaubens an Hexerei und Schamanismus?...»

(*Das Kind in Brauch und Sitte der Völker — Anthropologische Studien* von dr. Hermann Heinrich Ploss — Band I, pág. vi).

⁴¹ Fustel de Coulanges — *La cité antique*, sixième édition, pág. 5 e 6.

⁴² Mythen und Gebräuchen sind meist die Ueberreste einer früheren, primitiven Kultur, und wenn ähnliche Mythen und Bräuche bei uns wie bei niedrigeren Volksstämmen finden, so gewinnen wir hiermit gewissermassen ein Bild der Kulturstufe auf welcher wir vorhistorischen Zeit standen, und von der noch ein guter Teil in der Seele des Volkes lebt.»

Dr. Hermann Ploss, *op cit.*, vii.

⁴³ Vide Cox — *Mythology of the Aryan nations*, onde um grande número de lendas se encontra conjuntamente com os mitos respectivos que provieram por desintegração; Dr. F. L. W. Schwartz — *Der Ursprung der Mythologie, dargelegt an griechischer und deutscher Sage*, onde se encontram comparadas as lendas gregas com as lendas germânicas e analisados os mitos que as origina-

estudada na sua filiação histórica, revela-nos a existência de ceimómas culturais, de instituições sociais ou litúrgicas, perfeitamente adequadas à época que as viu nascer, e embora repetida inconscientemente por uma geração que lhe ignora o sentido, nem por isso perde o seu valor para o homem de ciência, que recolhe com amor o mais insignificante vestígio desse passado longínquo, que hoje se trata de reconstituir. Porque a superstição não é outra coisa mais do que o último resto de um antigo culto, que, tendo perdido o prestígio para as multidões, é empregado, por assim dizer, maquinalmente, apenas nas suas formas externas⁴⁵. Às vezes, mesmo a expressão mais trivial, mais despida na aparência de sentido, é o fragmento dalguma crença importante e primitiva⁴⁶. Assim,

ram; e finalmente a erudita obra de Gubernatis — *Zoological Mythology*. Com relação a trabalhos portugueses sobre o mesmo assunto, temos a mencionar os importantes escritos do Sr. Francisco Adolfo Coelho, onde alguns contos populares e mesmos costumes e superstições são estudados pelo mais rigoroso método científico, e os eruditos artigos do Sr. Dr. Teófilo Braga acerca da literatura dos contos populares portugueses. Damos em seguida uma nota das publicações onde vêm inseridos estes estudos, pelo menos aqueles de que temos conhecimento: Fr. Adolfo Coelho — *Os Elementos Tradicionais da Literatura: I Os Contos*; na *Revista Ocidental* — tom. II, pág. 329, Lisboa 1878. *Ib.* pág. 425. Idem — *Belfégor*, no *Cenáculo*, fase. III, pág. 65, Lisboa, 1875. *Os Contos Populares Sicilianos* — *ib.* n.º 7, pág. 193. Idem — *Contos de Gonçalo Fernandes Trancoso* na *Harpa*, pág. 11 a 14, e 19 a 22. Idem — *Notas Mitológicas na Renascença*, tom. I, 1878: Teófilo Braga — *Os Contos de Fadas*, nos *Estudos da Idade Média*, pág. 53, mais desenvolvido sob o título: *Os Contos de Fadas em Portugal*, na *Revista de Portugal e Brasil*, n.º 9, 1874. Idem — *Literatura dos Contos Populares Portugueses* na *Rivista di letteratura popolare*, diretta da Pitre e Sabatini, vol. I, fasc. II, pág. 117, Roma 1878, reproduzido com ampliações na *Evolução*, de Coimbra, n.º 10, 11 e 12 da primeira série. Idem — *História da Poesia Popular Portuguesa*, pág. 187. O autor do presente escrito, seguindo o exemplo dos dois professores acima indicados, que iniciaram estas investigações entre nós, há anos que se ocupa em coligir contos populares do nosso país, de que possui já uma importante colecção, que um dia publicará.

⁴⁵ Michel Bréal — *Mélanges de mythologie et de linguistique*, pág. 164.

⁴⁶ «Every remnant of a religious worship subverted in the course of time through changed ideas, becomes superstition. No superstition can have arisen isolated and of itself. When it arose, and for a long time afterwards, it was a faith, and formed part of a distinct religious worship; but when this worship was destroyed, the external forms, which were still continued by the people, became mere superstition. Superstition is, therefore, nothing else than the spectre of a formerly living faith; it is the ruin of an ancient temple long overthrown». (Sven Nilsson — *The Primitive Inhabitants of Scandinavia*, edited by sir John Lubbock, third edition, pág. 205).

⁴⁷ Aproxime-se por ex. a expressão popular portuguesa «subir ao sétimo céu», do símbolo dos «sete céus» familiar ao parsismo e descrito no *Ardaviraf-Nameh*, símbolo que passou para o judaísmo dos últimos tempos e para a cosmografia cristã, onde deu os «sete círculos do Inferno» (cf. Michel Bréal — *op. cit.* págs. 196 e 197). Com relação ao simbolismo do número «sete», vê-se que no *Rig-Veda* se fala dos «sete mundos», sendo a palavra «mundo» expressa em iv, 7, 5, por *dháman* no instr. — «*Sap ta dhámabhis*» e em ix, 114, 3, por *disas {Himmalsgegenden* — Grassmann — *Wörterbuch zum Rig-Veda*) — «*sapta diso*». Fala-se também de «sete correntes», «sete cavalos», «sete fortalezas», «sete montanhas», «sete irmãs», «sete lanças» e «sete vagas», etc. (*Vide* — Grassman *op. cit. sub voce* saptan). Aproxime-se das «sete vacas gordas e sete vacas magras», da Bíblia, e das «sete espigas». (*Genesis XL*— 18, 19, segundo a Vulgata); das «sete igrejas», dos «sete espíritos», dos «sete candeeiros de ouro», das «sete estrelas» e dos «sete selos» na Apocalipse. Em português ainda se diz «fechar a sete chaves». Recorem-se igualmente os «sete Invernos» e os «sete meses do Inverno» da mitologia nórdica. (Ch. Simrock — *Handbuch der deutschen Mythologie mit Einschluss der Nordischen*. — Siebenzahl — pág. 300, 342, 360, etc., etc.).

a grande alma popular, quando interrogada por quem saiba compreender-lhe a linguagem, revela sem dificuldade os seus segredos, que são os preciosos segredos das nossas origens⁴⁷.

Depois do povo, e não tratando da onomástica local, onde a persistência da tradição é mais inconsciente e por isso mesmo mais duradoura, o que melhor conserva as tradições primitivas é a legislação. Com efeito, a legislação é um dos elementos mais persistentes de uma sociedade; representa, por assim dizer, o seu elemento estático. Quando o progresso natural das ideias riscou dos códigos uma certa prescrição, nem por isso ela desaparece de todo, e lá fica o símbolo a denunciá-la e a perpetuar-lhe a existência. A metade da história de um povo, pode mesmo dizer-se — e a mais certa, está escrita nas suas leis. A história militar e a histórica política, mais brilhantes e mais dramáticas, mostram apenas a exterioridade da existência; mas a vida íntima de uma nação, a verdadeira vida, tal como ela se manifesta todos os dias e a todas as horas, somente se reflecte nos seus códigos, onde fica eternamente esculpida. Pouco importa que nem sempre seja de um modo expresso. Geralmente é apenas por meio de símbolos, que passam despercebidos de ordinário para a geração que os emprega sem os compreender, mas que nem por isso deixam de ser testemunhos irrecusáveis e eloquentes, porque, exactamente como no caso das tradições, onde nós descobrirmos formas simbólicas, estamos autorizados a afirmar que no passado do povo que as usa existiram as realidades correspondentes⁴⁸. E por isso o simbolismo da legislação é uma das melhores chaves para o conhecimento dos tempos anteriores à história escrita⁴⁹. Ora assim como não há povo que ou mais ou menos não tenha mitos⁵⁰, assim também não há nenhum que deixe de ter

⁴⁷ Nem sempre, porém, esta revelação é fácil. Para que se avalie mesmo quão difícil é, muitas vezes, principalmente para o homem que vive noutro meio, descobrir estas tradições populares, cuidadosamente guardadas pelos seus depositários inconscientes, veja-se o que dizem Asbjornsen e Jörg Moe, que seguindo o exemplo de Grimm na Alemanha coligiram os contos populares da Noruega, no prólogo à segunda edição original da referida colecção. (P. Chr. Asbjornsen og Jörg Moe, *Norske Folke Eventyr, fortalte af — Forord til anden Udgave* — Christiania, 1 November 1851). «Den Eventyrsamling, vi her lade udgaa sluttet, om ikke endt, vil satgens forekomme Mange som et Arbeide, der for Samlerne og Gjenfortaellere har vaeret saare let. Vor Er faring har allige vel laert os det Modsatte. Alierede at bringe Folkets Fortaellere til aabent og uforbeholdent at meddele sig — forudsætter et eget Lag at behandle dem paa. Den ligefremme Anmodning hjælper ikke langt, og selv Løftet om Betaling er spildt paa de bedste, d. e. dem, der selv elske sine Overleveringer. For at bringe disse til at tage Laasen fra Munden, re det nödvendigt at besidde en medfödt Takt, der siden ved Övelse og Studium af Folket er udviklet. Men fremfor Alt er det nödvendigt at lade en virkelig Kjaerlighed til disser Traditioner skinne igjennem; den fremhyklede kan man spare sig, den har enten ingen Virkning eller den modsatte af den, man önskede at opnaa.

⁴⁸ Mac Lennan — *Primitive marriage*, pág. 6.

⁴⁹ Mac Lennan — *Loc. cit.*

⁵⁰ «Myth is something universal, the faculty of forming it cannot *a priori* be denied to any race as such, and the coincidence of mythical ideas and modes of expression is the result of the uniformity of the psychological process which is the foundation of the creation of myths in all races, etc.

«If the myth is a form of life of the human mind, psychologically necessary at a certain stage

símbolos⁵¹, que, com as tradições, superstições, costumes jurídicos e designações domésticas, nos dão os elementos para reconstituirmos o seu passado, com tanta ou mais certeza do que tomando por base as descrições deturpadas pelo falso critério dos cronistas. Consultemos pois este elemento tradicional, e interroguemo-lo com relação à constituição da família primitiva, e à forma por que esta instituição social primeiro se manifestou nos obscuros tempos que precedem imediatamente a história escrita.

A CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA ENTRE AS POPULAÇÕES ACTUAIS DE CIVILIZAÇÃO RUDIMENTAR

É costume, ao tratar-se da família, como em geral de todas as instituições sociais, tomar como ponto de partida a época clássica ou quando muito a história da Ásia Ocidental. É um defeito da nossa educação, exclusivamente moldada pelo viver da Grécia e Roma, tendo apenas em conta estas duas civilizações, como se fora delas nada mais houvesse digno de atenção e de estudo, principalmente no que toca a questões de origens. Ainda há bem pouco um ilustre escritor inglês, Sir Henry Sumner Maine⁵², tratando das antigas leis, da sua conexão com a história primitiva e da sua relação com as ideias modernas, quase que exclusivamente se limitou à legislação romana e grega, deixando na sombra legislações primitivas que muito teriam concorrido para elucidar o assunto, que aliás magistralmente tratou. Assim no que respeita ao ponto de que nos ocupamos é costume, à família monogâmica actual, constantemente opor como antecedente a família poligâmica, e à constituição do grupo familiar dos nossos dias, a forma patriarcal das sociedades históricas do Extremo Oriente, da antiguidade mosaica, e mais ou menos da época clássica, como se além destas duas formas e anteriores a elas não houvesse nenhuma outra, e como se um estado social já tão complicado como a poligamia não pressupusesse estados mais simples e menos complexos de onde se derivasse.

Verdade é, que a literatura antiga, cuja redacção definitiva, comparada com as tradições que relata, é, na maior parte dos casos, comparativamente moderna, de pouco auxílio nos pode servir para este estudo, quando usada exclusivamente. Passada à forma escrita em épocas já de posse de uma certa civilização, se as

of growth, then the intellectual life of every individual nation and race must pass through it. (Ignaz Goldziher, *Mythology among the Hebrews and its Historical Development*. Introd. pág. xvi e xxi).

⁵¹ Teófilo Braga — *Epopéias da Raça Moçárabe*, pág. 6: «O símbolo é o último vestígio do costume e como tal exprime nas diversas fases da sua transformação: a) a menção do acto que já se não compreende; b) a interpretação do acto não compreendido; c) a força sacramental do acto; d) a fórmula sobre que se baseia a noção racional; e) a ficção com que a fórmula racional imobiliza o costume.

(Idem — *Estética positiva*).

⁵² *Ancient Law: Its Connection with the Early History of Society and its Relation to Modern Ideas*; — *Lectures on the Early History of Institutions*.

compararmos às anteriores, os seus compiladores ou redactores anónimos cuidadosamente procuraram apagar quaisquer indícios dessas épocas primitivas, cujos usos e costumes ou estavam em oposição com os da época em que escreviam, ou de certo modo ofendiam o senso moral da sociedade de que faziam parte. Se, porém, para a observação simplesmente curiosa, esses compiladores ou redactores lograram o seu intento, não o fizeram por forma que escondessem à investigação perscrutadora da ciência o que ela sabe hoje arrancar com os seus métodos de estudo ao segredo dos tempos. O método comparativo neste caso é o principal elemento para a descoberta, analisando a constituição da família entre os selvagens actuais e aproximando esses resultados das passagens dos escritores antigos e dos velhos monumentos onde se alude ao mesmo assunto⁵³.

Assim vê-se, depois desta aproximação, que a família poligâmica, que por tanto tempo se supôs ser a família primitiva, percorreu uma larga evolução antes de revestir essa forma⁵⁴, e que o que se supunha ponto de partida é realmente um estádio já avançado na estrada do progresso. Mas não antecipemos.

A poliandria das raças selvagens e de outros grupos mais ou menos atrasados, é hoje um facto perfeitamente averiguado, depois das narrações fidedignas que, pelos etnólogos e viajantes, nós temos do viver desses povos. Não existe entre eles o casamento, como instituição social, na acepção elevada que nós damos hoje a esta palavra, e entre alguns mesmo nem sequer o casamento existe⁵⁵. As relações entre os sexos não passam duma grosseira promiscuidade. As relações de parentesco tais quais nós hoje as concebemos, que tão naturais nos parecem, e que, quase, por assim dizer, olhamos como uma consequência necessária da nossa natureza, são factos relativamente modernos, produtos de uma longa gestação, que nossos pais não conheceram na sua primitiva rudeza. O amor, esta causa determinante da família actual, este estímulo nobre e constante à actividade da espécie, é desconhecido para o selvagem de hoje⁵⁶ como o foi para o homem primitivo, e as suas relações domésticas, se domésticas se lhes pode chamar, reflectem esta falta de incentivo superior, que tanto influi na educação dos povos modernos. Assim, ainda na actualidade a poliandria prevalece universalmente no Tibete⁵⁷ e é comum nas partes do Himalaia junto desta

⁵³ Sir John Lubbock no seu belo livro sobre os costumes primitivos dos selvagens, sustenta com muita razão, que, pelo conhecimento dos selvagens modernos e do seu modo de vida, se comprehendem melhor os costumes e a condição social dos nossos antepassados.

(*Les Origines de la civilisation*, traduction française de Ed. Barbier, *préface*).

⁵⁴ Veja-se a série desta fases, com a qual não estamos, no entretanto, de acordo em todos os seus termos, em — Morgan, *Systems of Consanguinity and Affinity in the Human Family*, apud. Mac Lennan *op. cit.* pág. 334-335.

⁵⁵ Bagaert, *Smithsonian Report: Brett, Guiana: Eyre, Discoveries; Bruce, Travels, etc.*, apud John Lubbock — *Les Origines de la civilisation*, pág. 76-77.

⁵⁶ John Lubbock, *op. cit.* pág 67-68.

⁵⁷ Frei Francisco Horácio de la Penna di Billi, na sua obra intitulada *Breve Relação do Reino do Tibete dada em 1730*, traduzida por Clements R. Markham nas *Narratives of the Mission of George Bogle to Tibet and of the Journey of Thomas Manning to Lhasa*, Londres 1876, a pág. 336

região⁵⁸, no vale de Caxemira, entre os Spiti, em Ladak, em Kistewar e Sirmor. Encontra-se entre os Telingas, nos montes Sevaliks e em Kasia. Existem recentes vestígios da sua existência em Gurwhal e Cachar. Acha-se entre os Todas dos montes Nilgherry, entre os Coorgs de Mysore, entre os Naires⁵⁹, os Male-res e os Poléas de Malabar. Aparece-nos em Ceilão, na Nova Zelândia, nas ilhas Aleutianas, entre os Korjaks ao norte do mar de Okhotsk, entre os cossacos saporagianos e em muitas populações da África e da América. Na própria China, segundo a tradição, as mulheres foram comuns até ao reinado de Fo-hi⁶⁰. E em todos estes povos, se pode dizer que o estado primitivo destas relações é um verdadeiro *hetarismo*, como lhe chama Bachofen.

Conjuntamente com este facto encontram-se em muitas destas mesmas raças, 1.º: o costume do casamento exogâmico; 2.º: o símbolo e algumas vezes a prá-

lê-se «...as many brothers as live in one house take one wife for ali, and attribute the offspring to him by whom woman says she was with child», dizendo que este costume se dá na gente pobre, mas também: «seldom occurs with noble folk or those in easy circumstances».

⁵⁸ Vide em Mac-Lennan — *Studies in Ancient History; Primitive Marriage*, pág. 144, nota, a lista dos autores em cuja autoridade se baseiam estas asserções e as que seguem.

⁵⁹ A respeito da poliandria dos Naires diz o nosso Camões (entre eles)

Gerais são as mulheres, mas somente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos:
A terra é grossa em trato em tudo aquilo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Os Lusíadas — Canto VII - XLI.

Diogo do Couto citando esta estância acrescenta o seguinte: «... e como entre eles (Naires) não há este contrato de casamentos nem por lei, nem por obrigação, ajuntam-se três e quatro e tomam uma mulher de que usam, que todos sustentam. Esta mulher está em casa sobre si, e quando algum deles a quer comunicar deixa a rodela à porta, para que vindo qualquer dos outros, saiba que está a casa ocupada. E isto corre entre eles com tanta singeleza que nunca se achou serem tocados da raivosa peste dos ciúmes...» (*Década Sétima da História da Índia*, liv. X, cap. XI, edição de 1616, Lisboa). Contando no mesmo capítulo (que na verdade é curiosíssimo para a etnologia e muito especialmente para o ponto de que nos ocupamos) o casamento das princesas reais do Malabar diz que: «as princesas são comuns, não para quem as quer, senão para quem elas querem» e por tal maneira o indignam os pormenores destas uniões, que não levando mais por diante a descrição, a fecha com estas palavras, que hoje nos fazem sorrir pela sua ingenuidade, lamentando que os escrúpulos do cronista o fizessem calar costumes que tanto interesse têm actualmente para a ciência: «muitas superstições e bestialidades há mais neste negócio, que por honestidade caio, porque não é lícito dizerem-se as que há».

⁶⁰ Coquet — *L'origine des lois, des arts et des sciences* — apud John Lubbock — *op. cit.* pág. 80.

tica do casamento por meio do rapto; 3.º: o parentesco referido apenas às mães, com exclusão dos pais.

Muito brevemente vamos apontar alguns exemplos destes factos tirados das narrações de viagens mais autorizadas de diversos etnólogos. Começemos pelo casamento exogâmico.

O casamento exogâmico, isto é, o costume de casar fora da tribo, com a proibição, muitas vezes debaixo das penas mais severas, de casar dentro desta, encontra-se entre os Khonds⁶², entre os Calmucos⁶³, entre os Circassianos⁶⁴, entre os Yurak Samoyedas⁶⁵, nos Kafirs, nos Sodhas da Índia do Norte, nos Kirghises e nos Nogais⁶⁶. Aparece-nos na Austrália, na América do Norte e do Sul, na África e na Europa mesmo⁶⁷. Os Mumiporis e outras tribos que habitam os montes em volta de Munipore, os Koupuis, os Mows, os Murams e os Murings, estão cada uma delas dividida em quatro famílias: Koomul, Looang, Angom e Ningthaja. Um membro de qualquer destas famílias pode casar com um qualquer dos membros das três outras, mas o casamento entre os indivíduos da mesma família é estritamente proibido⁶⁸. Entre os Kamilarois, tribo populosa estabelecida a noroeste de Sidnei, encontra-se o mesmo costume. Os indivíduos repartem-se entre si por diversas categorias à semelhança de castas, e ao mesmo tempo seguem o preceito que proíbe os casamentos na mesma família⁶⁹. Entre os Choctaws existem duas grandes divisões, cada uma das quais está subdividida em quatro clãs, e nenhum indivíduo pode casar dentro de algum dos quatro clãs pertencente à sua divisão⁷⁰. Entre os Iroqueses, e outras nações afins, a nenhum homem é permitido casar-se com mulher da mesma tribo⁷¹.

Por estes exemplos se vê, além dos muitos que omitimos, que a exogamia ainda hoje é uma forma de casamento mais largamente espalhada entre as raças inferiores, ou aquelas que ainda se não levantaram a um grau superior de civilização. A exogamia, consequência necessária da escassez de mulheres dentro da tribo, único recurso portanto para as haver, teve como acessório indispensável, dado o estado de hostilidade das tribos exogâmicas respectivamente, que é o estado normal da nossa raça nos tempos primitivos⁷², e hoje mesmo quando

⁶¹ *Das Mutterrecht*.

⁶² Mac Pherson — *An account of the religion of the Khonds in Orissa*, pag. 57; e *Mac Pherson's Report on the Khonds*, apud Mac Lennan *op. cit.* pag. 76.

⁶³ Bergman's *Streifereien*, Riga 1804, vol. III pag. 145 e seg. apud Mac Lennan, *op. cit.* pag. 78.

⁶⁴ James Stanislaus Bell — *Journal of a Residence in Circassia*, 1840 vol. I, pag. 347 apud Mac Lennan *op. cit.* pag. 80.

⁶⁵ Latham — *Descriptive Ethnology*, vol. II, pag. 455, apud Mac Lennan *op. cit.* pag. 82

⁶⁶ Mac Lennan *loc. cit.*

⁶⁷ Latham, *op. cit.* vol. I, pag. 80, apud Mac Lennan, *op. cit.* pag. 83.

⁶⁸ Mac Lennan *op. cit.* pag. 87.

⁶⁹ Prichard — *Natural History of Man*, Norris's edition apud Mac Lennan, *op. cit.* pag. 93.

⁷⁰ *Archaeologia Americana*, vol. II, pag. 109, apud Mac Lennan, *op. cit.*

⁷¹ *Cambrian Journal*, vol. III, second series, pag. 149, apud Mac Lennan.

⁷² Mac Lennan, *op. cit.* pag. 108.

ela se encontra no estado selvagem, o casamento pelo rapto, do qual nos vamos ocupar.

Dissemos porém que a exogamia e a própria poliandria eram um resultado da escassez das mulheres, que, por um lado, tornava necessária a sua aquisição fora da tribo e, por outro, as tornava comuns dentro da tribo a diversos ou a todos os homens. Devemos acrescentar, no entanto, que esta escassez é artificial, como o mostra o costume primitivo perfeitamente lógico, de resto, do infanticídio das fêmeas⁷³. Este costume nos tempos ante-históricos, e hoje mesmo, que as dificuldades de subsistência e de defesa forçavam ou forçam o selvagem a adoptar, e a contingência de serem roubadas pelas outras tribos as poucas mulheres que este costume deixava, tornando-as muito menos numerosas do que os homens mesmo num estado social relativamente adiantado, foi, não há dúvida, uma das causas mais poderosas, senão a única causa do estabelecimento da poliandria, pela impossibilidade natural de achar uma mulher para cada homem, isto é, para a monogamia, e muito menos para a poligamia, que, ou pressupõe um número de mulheres muito maior que o de homens, em parte dizimados pelas grandes guerras do período poligâmico; ou, o que talvez seja mais exacto, atenta a forma das sociedades onde este facto se dá, significa a sequestração violenta das mulheres, principalmente das formosas, em benefício de uma casta superior, de ordinário pouco numerosa mas dominante. Demais, o infanticídio das fêmeas, comum, como dissemos, entre as raras primitivas e selvagens, prevalece como sistema e tem sido usual desde tempos imemoriais entre muitos dos povos que nos apresentam o símbolo ou a prática do rapto⁷⁴. É ao exame deste costume, pois, que vamos imediatamente passar.

O símbolo do rapto dá-se sempre que, depois de um contrato de casamento, é necessário para a constituição da união entre os noivos, e por assim dizer para

⁷³ Dizemos lógico, porquanto a tribo primitiva ou selvagem de hoje, do que precisa é de braços robustos para caçar, pescar e defendê-la, considerando como verdadeiras inutilidades, ou melhor embaraços, as mulheres que pela sua fraqueza relativa, representam um consumo de provisões, sem a produção correspondente e indispensável. Aproxime-se este costume da morte dos velhos e dos inválidos pelo mesmo motivo. Mac Lennan, *op. cit.* págs. 210 e 300.

O infanticídio dos recém-nascidos do sexo feminino, aparece-nos nos antigos tempos na Arábia, e ainda no Alcorão se encontra a seguinte passagem: «...and when the girl who had been buried alive shall be asked for what crime she was put to death...» (*The Koran, commonly called the Alcoran of Mohammed, translated into english immediately from the original Arabic* by George Sale, cap. LXXXI); e numa nota a esta passagem acrescenta o tradutor: «For it was customary among the ancient Arabs to bury their daughters alive, as soon as they were born, etc...» Kasimirski, na sua tradução do *Alcorão*, e em nota a esta passagem cita também o mesmo facto. Encontra-se igualmente o infanticídio das fêmeas entre os velhos escandinavos que mandavam deitar as filhas ao mar; (veja-se o belo e terrivelmente dramático poema sueco de Ludvig Rúnberg, intitulado *Konung Fjalar*, onde talvez se possa descobrir um derradeiro resto deste costume. O guerreiro Siolf levantando Gerda nos braços e lançando-a no Oceano, obedece sem o saber a este antigo uso). Os índios Kutschin na América do Norte, os Guanás, os naturais da Austrália, os habitantes das ilhas Fidji, Todas nos montes Nilgherry, os Chineses, etc., ainda hoje permitem a morte das filhas.

(Dr. Hermann Heinrich Ploss — *Das Kind etc.* Band ii, págs. 175, 178, 181, 182, 183, 185, 189).

⁷⁴ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 111.

a consagração final do acto, que o marido ou os amigos deste se submetam à fórmula de fingir roubar a noiva, ou levá-la de casa de seus pais à força. A característica do símbolo é que o rapto é combinado previamente, e é precedido por um contrato de casamento. Quando não há contrato precedente ou combinação anterior, o caso deixa de ser simbólico, e é o próprio costume do rapto efectivo⁷⁵. Deixando o símbolo para mais tarde, e passando a estudar os povos onde este costume se encontra, vemos que ele é comum entre os Khonds⁷⁶, entre as classes nobres dos Calmucos⁷⁷, entre os Tonguses e Kamchadalas⁷⁸, entre os Beduínos⁷⁹, entre os Tártaros Nogais, entre os Kirghises, e entre os Circassianos⁸⁰. Acha-se na África entre os negros⁸¹; na América, na Terra de Fogo⁸²; na Austrália; na Nova Zelândia e em muitas das ilhas do Pacífico; no Orenoco; no Amazonas; do mar das Caraíbas ao cabo Horn⁸³ enfim, e entre os Aborígenes do Dekkan⁸⁴. Qual será a origem de uma cerimónia tão geral, e que, pelo que se vê, se encontra espalhada entre todos ou quase todos os grupos inferiores da nossa espécie? Evidentemente este costume, na sua grande parte, simbólico hoje, indica que houve um tempo em que o casamento, como já dissemos, era um verdadeiro rapto, levado a efeito entre tribos inimigas à viva força. Ora a razão deste facto já também atrás a deixámos apontada: era a falta de mulheres, combinada com o costume da exogamia. De modo que naturalmente vai aparecendo, pela sua coexistência nas mesmas populações, a relação que entre si prende estes diversos factos, atinentes à constituição da família primitiva.

Passemos ao terceiro ponto que acima indicámos, isto é, ao costume igualmente primitivo e rudimentar da contagem do parentesco exclusivamente pelo lado materno, sem ter em consideração a filiação pelos pais. Este costume é tanto mais importante a observar, quanto é certo que ele se encontra em todas as raças poliândricas, constituindo por isso um critério infalível para o conhecimento da constituição primitiva da família, nos grupos onde nós não tivermos outra ordem de provas para este conhecimento.

Com efeito, onde o parentesco pelos pais não for admitido, é porque realmente a paternidade é incerta, e a única afinidade evidente é pelo lado materno, característica exclusiva da poliandria e da promiscuidade. Deste modo, estamos autorizados a afirmar que, todas as vezes que numa raça qualquer encontrarmos este costume ou pelo menos a sua tradição, embora muito atenuada, essa

⁷⁵ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 17.

⁷⁶ Mac Pherson's *Report upon the Khonds of the Districts of Ganjam and Cullack*, pág. 55. Calcutá 1842, *apud* Mac Lennan *op. cit.* pág. 20.

⁷⁷ Xavier Hommaire de Hell — *Travels in the Steppes of the Caspian Sea*, 1847, pág. 259, *apud* Mac Lennan, *loc. cit.*

⁷⁸ Erman — *Travels in Siberia*, vol. II, pág. 442, *apud* Mac Lennan, *loc. cit.*

⁷⁹ Burckhardt's — *Notes on the Bedouins and Vahabys*. London 1830, vol. I, pág. 108, *idem*.

⁸⁰ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 26.

⁸¹ *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*, pág. 198.

⁸² *Voyage of the Adventure and Beagle*, vol. II, pág. 182.

⁸³ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 46.

⁸⁴ Colonel Walter Campbell's — *Indian Journal*, 1864, pág. 400, *apud* Mac Lennan.

raça passou por um período de poliandria. Só mais tarde é que o parentesco pelos pais se mostra em evidencia, na poligamia regularmente constituída, tal como se encontra nas grandes civilizações do Oriente e, principalmente, na constituição da família romana, que é o tipo desta forma de parentesco. O parentesco igualmente referido ao pai e à mãe, o último na ordem histórica e na ordem lógica, é a característica da monogamia, feição predominante das raças progressivas, e estímulo que mais concorreu para a sua elevação.

Os primitivos grupos humanos é provável que não tivessem ideia alguma acerca do parentesco⁸⁵. Esta ideia formou-se pouco a pouco no espírito do selvagem, e o laço, que nas sociedades mais adiantadas, nos *Kulturvölker*, como lhe chamam os Alemães, é principalmente moral, não obstante fundar-se numa realidade fisiológica, teve a sua origem, entre os *Naturvölker*, na contemplação repetida do facto puramente físico do *nascimento*, que ainda assim talvez desde o seu começo não ferisse a atenção dos nossos longínquos antepassados da Idade da Pedra⁸⁶. O desenvolvimento da ideia de parentesco pelo sangue num sistema de parentesco perfeitamente definido, foi incontestavelmente obra do tempo, ou pelo menos o seu estabelecimento como instituição num larga área, e como direito usual⁸⁷. Em todo o caso o que é indubitável, é que o parentesco pelas mães exclusivamente, foi o primeiro sistema que prevaleceu, do qual sucessivamente e por uma evolução, que não é do nosso propósito aqui estudar, saíram todos os outros. Assim, o homem primitivo começa por reconhecer o facto da consanguinidade no caso mais simples, isto é, que nas veias lhe circula o sangue de sua mãe, e depois que é do mesmo sangue que todos os outros filhos dela. Mais alguma reflexão leva-o a descobrir que tem o mesmo sangue que os irmãos e irmãs de sua mãe, e pensando ainda mais vê que é do mesmo sangue que os filhos das irmãs de sua mãe. Deste modo se foi pouco a pouco completando o sistema de um parentesco pelo lado materno. Com relação ao parentesco pelo lado paterno vem ele só mais tarde, dependendo das circunstâncias relativas à maior ou menor certeza da paternidade, podendo ainda assim haver certeza com relação ao sangue do pai (sendo irmãos todos os pais possíveis, como no grau mais elevado da poliandria)⁸⁸, sem haver a mesma certeza com relação ao pai, propriamente dito⁸⁹.

⁸⁵ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 121.

⁸⁶ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 122 — Darwin, no entretanto, diz que: «it seems almost incredible, that the relationship of the child to its mother should ever be completely ignored, especially as the women in most savage tribes nurse their infants for a long time».

(*Descent of man*, second edition, pág. 588).

⁸⁷ Mac Lennan *op. cit.* pág. 123. Pode ver-se uma curiosa relação de diversas espécies de parentescos em John Lubbock. (*Les Origines de la civilisation*, pág. 155 e seg.)

⁸⁸ Vide a estância de Camões que atrás citámos, com relação à poliandria das Naires; diz o nosso épico:

«Gerais são as mulheres, mus somente
Para os da geração de seus maridos:»

⁸⁹ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 126, nota.

O sistema do parentesco referido exclusivamente às mães existe actualmente na Austrália⁹⁰, entre a maioria dos Peles-Vermelhas da América⁹¹, na Nova Zelândia⁹², entre as populações dravídicas⁹³, entre os Kasias, os Naires⁹⁴, os Rajaputs⁹⁵, nos Ashantis, no Congo e vestígios dele mais ou menos em toda a África⁹⁶. Aparece-nos finalmente na China⁹⁷, etc. Ora, a importância deste costume provém de que se manifesta constantemente entre as raças poliândricas, ou que usaram a poliandria nalgum período mais ou menos remoto da sua história⁹⁸. De modo que a sua existência, como já dissemos, dá-nos o direito de supor, na raça onde se encontra, um período poliândrico na constituição do grupo familiar, e, em todo o caso, explica e aclara vestígios desse estado, que de outro modo ficariam incompreensíveis. Assim, é perfeitamente lógica a coexistência dos quatro costumes, que até aqui temos analisado e que se encontram ainda hoje na maior parte das populações de civilização mais ou menos rudimentar. A poliandria é o resultado da escassez de mulheres, escassez artificial, e que provém em grande parte do costume primitivo do infanticídio das fêmeas. A falta de mulheres, tendo como consequência o estabelecimento dentro da tribo ou da família do sistema poliândrico, deu a exogamia como condição, e o rapto como forma do casamento primitivo, como também já atrás deixámos dito. O parentesco pelas mães, por último, é uma consequência inevitável e lógica da poliandria. Onde a mulher pertence em comum a muitos homens, a fixação da paternidade é incerta, e o único parentesco compreendido é o que se refere à mãe. cremos assim ter demonstrado que poliandria, exogamia, casamento pelo rapto e parentesco pelas mães são factos correlativos, que mutuamente se pressupõem, e características da constituição da família, tal como hoje se encontra nos grupos humanos inferiores.

Aqui, porém, surge imediatamente uma questão da mais alta importância sociológica, cuja resolução num ou noutro sentido não é indiferente para a confirmação da teoria positiva da história. Serão os factos, que até agora temos analisado, peculiares às raças inferiores entre as quais os temos encontrado? Serão eles unicamente a característica familiar dessas populações humildes, sepa-

⁹⁰ Grey's — *Journals*, etc., vol. II cap. XI *apud* Mac Lennan.

⁹¹ *Archaeologia Americana*, vol. II, pág. 109, *idem*.

⁹² *Polynesian Mythology*, pág. 102, *idem*.

⁹³ Morgan, *apud* Mac Lennan.

⁹⁴ Mac Lennan *op. cit.* pág. 170. Com relação ao parentesco pela linha feminina no Malabar, diz Diogo do Couto o seguinte: (*Década Sétima da História da Índia*, liv. X cap. XI e da de 1616, Lisboa). Muito sabido é aquele torpe e brutal costume que todos estes reis do Malabar têm de lhe não herdarem os reinos os filhos machos, senão os sobrinhos, filhos de suas irmãs: e não havendo, herdarão os filhos das parentas até o último grau: por dizerem que seus filhos sejam de quem forem, sempre são de sangue real por via feminina, por terem as mulheres por suspeitosas, e os filhos dos reis ficam sendo Naires que vivem privada e pobremente...»

⁹⁵ Tod's *Annals etc.*, pág. 48 *apud* Mac Lennan.

⁹⁶ Raed's *Savage Africa*, pág. 43 *apud* Mac Lennan.

⁹⁷ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 142, nota.

⁹⁸ Mac Lennan, *op. cit. passim*.

radas por um abismo da raça civilizadora por excelência, a raça árica? Ou pelo contrário, tendo-se perpetuado até hoje nesses povos, não deixaram contudo de representar uma fase necessária na evolução da família, independentemente da qualidade de raça, fase que de há muito passaram os grupos humanos mais adiantados? Para respondermos cabalmente a este ponto, temos de consultar, senão os actuais costumes, pelo menos as tradições dos povos que mais alto lugar ocupam na escala da civilização, e só assim poderemos saber se nessas tradições ainda existem vestígios, embora muito atenuados, de um estado social que fosse comum a toda a espécie. Se o resultado for afirmativo, temos então o direito de deduzir de um grupo de provas rigorosamente positivas, que o facto, existindo independentemente da raça, e das diversas circunstâncias de *meio* em que as diferentes raças nos aparecem através da história, é uma condição necessária da evolução da família, e teve uma comum razão de ser na sua origem, que não pode ser senão a que atrás deixámos apontada.

No estudo, porém, a que vamos proceder, em vez de nos acharmos em face de costumes actuais, fáceis de observar e perfeitamente definidos, encontramos com simples tradições, meros símbolos, vestígios às vezes tão ténues, que somente pela sua cuidadosa interpretação e pelo processo comparativo se podem aclarar. Mas nem por isso é o seu testemunho menos precioso, nem a sua deposição menos digna de fé. Será, pois, para o passado da raça árica que vamos dirigir as nossas investigações, na certeza de que, se a raça mais adiantada em civilização confirmar o que até aqui temos encontrado nos grupos mais humildes, a questão fica definitivamente resolvida no sentido que no-lo indicam *a priori* as leis sociológicas. Começemos pela poliandria".

A CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA ENTRE A GENTE ÁRICA NO COMEÇO DOS TEMPOS HISTÓRICOS

É uma tradição que se encontra em quase todas as raças, que nos legaram monumentos do seu passado, a da existência de um período em que o casamento, não só como instituição social, mas mesmo como facto puramente doméstico, ei a desconhecido, devendo-se o seu estabelecimento à iniciativa de algum legislador célebre. Os Egípcios faziam remontar esta instituição a Mena, os Chineses a Fo-hi, os Gregos a Kekrops¹⁰⁰, os Hindus a Svetaketu¹⁰¹. Mas além desta tradição, que, pode dizer-se, é comum a todas as raças superiores, encontramos na raça árica vestígios directos e mais ou menos evidentes de um estado

Pictet, *Origines indo-européennes*, 2.ª parte, pág. 339, afirma que a raça árica foi *sempre essencialmente monogâmica*. Vamos ver o que esta asserção tem de verdadeira, e até que ponto os factos a confirmam, ou a infirmam, pois da sua resolução num ou outro sentido depende a evidência da tese que pretendemos demonstrar.

¹⁰⁰ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 140.

¹⁰¹ Muir, *Original Sanskrit Texts*.

primitivo de poliandria. Assim, Tácito, apesar de todo o seu entusiasmo pela moralidade e pureza de costumes dos Germanos, que ele constantemente contrapõe à devassidão de Roma, deixa-nos entrever a existência deste estado e de um parentesco pelas mães, entre as tribos primitivas da Germânia¹⁰². César muito positivamente afirma que a poliandria existia entre os Bretões¹⁰³. Encontram-se provas da sua existência entre os Picts, nas leis de sucessão¹⁰⁴. Pode dizer-se mesmo¹⁰⁵, que uma das formas da poliandria existiu durante um certo tempo em parte da Índia árica e que vestígios dela nos aparecem na literatura védica. No *Adi-Parva* do *Maabarata* vem relatado o casamento de Draupadi, filha de Drupada, rei de Panchala, com os cinco Pandavas¹⁰⁶. Ainda que evidentemente, na época da redacção definitiva do poema, este costume já não existisse, pelo menos entre as castas superiores e fosse mesmo considerado em face da nova teocracia bramânica como uma profanação dos preceitos divinos, como pode ver-se pela subtilidade com que no mesmo poema ele se pretende justificar, fazendo dos cinco Pandavas porções do mesmo único deus, Indra¹⁰⁷, e inven-

¹⁰² «Sororum filius idem apud avunculum, qui apud patrem, honor. Quidan sanctiorem arctiorumque hunc nexum sanguinis arbitrantur, et in accipiendis obsidibus magis exigunt, tanquam ii et animum firmitus et domum latius teneant...»

Germania XX.

¹⁰³ «... Uxores habent deni duodenique inter se communes, et maxime fratres cum fratribus, parentesque cum liberis; sed, si qui sunt ex his nati, eorum habentur liberi, á quibus primum virgines quaeque ductae sunt».

De Bello Gallico — V — 14.

¹⁰⁴ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 145.

¹⁰⁵ Assim, por exemplo, o Sr. Vasconcelos Abreu numa das explicações orais do seu curso de Sânscrito, durante o ano lectivo de 1877-78, citou o seguinte provérbio indiano: «*na dosa odre bhrátr-vadhúbhoge*», cuja tradução literal é: «não há pecado em Orissa, no gozo da mulher do irmão». Poderá mesmo ir-se mais longe, e avançar, que nos Vedas se encontram alusões a este costume? Talvez. O referido professor, numa das suas lições, traduziu a *ritch* 5., *sukta* 119 do *Mandala I* do *Rik*, que diz: «*vám pativam sakhjá ágagmusi josavnita genjájuvám pati*» pela seguinte forma: «a mulher, vinda por amizade ao poder (marital) de vós ambos (os *Açwins* — *die Ritter*), reconheceu, ela de nobre estirpe, a vós ambos maridos.» Como a passagem é importante para a nossa tese, vejamos como os diversos tradutores do *Rig-Veda* a interpretaram. (*Rig-Veda sanhitá, a collection of ancient Hindu Hymns the oldest authority for the religious and social institutions of the Hindus* — *translated from the original sanskrit*), traduz: «and the damsel who was the prize came, through affection, to you and acknowledged your (husbandship) saying: you are (my) lords.» Ludwig, (*Der Rigveda oder die heiligen Hymnen der Bráhmna, zum ersten Male vollständig ins deutsche Übersetzt mit Commentar und Einleitung*), traduz: «eure Gattenschaft, zur Freundschaft gekommen wälte die Frau, die edle euch zu Herren.» Grassmann, (*Rig-Veda, übersetzt und mit kritischen und erläuternden Anmerkungen versehen*), traduz: «Die edle Jungfrau, als sie zur Vermählung kam, erwählte euch als Gatten zur Genossenschaft.» Langlois (*Rig-Veda ou le livre des hymnes*), finalmente traduz: «Et la beauté, qui était le prix du combat, venant à vous comme à des amis, vous accepta pour époux.»

Como se vê em todas estas traduções a ideia é essencialmente a mesma, qualquer que seja a diferença de forma.

¹⁰⁶ Monier Williams — *Indian Epic Poetry*, pág. 99 — *Maabarata* — *Adi-Parva*.

¹⁰⁷ Monier Williams — *Indian Epic Poetry*, pág. 99, nota 3.

tando um verdadeiro *qui pro quo* para a sua explicação, o certo é que representa uma velha tradição, que não pôde ser de todo apagada do poema, e é tanto mais importante a sua persistência, quanto o costume se dá com os heróis da epopeia, de raça real, deixando supor que nas castas inferiores, nessas que, como diz o célebre verso de Horácio, não tiveram um poeta a celebrá-las, o facto existia, não como uma simples reminiscência tradicional, mas como uma realidade efectiva. Entre os Persas e os Medas predominava a promiscuidade. Não somente permitiam os casamentos de irmãos e irmãs consanguíneas, mas sancionavam as uniões de filhos e mães, de pais e filhas¹⁰⁹. Em Esparta encontramos a monandria sem fidelidade conjugal, ao lado de uma das formas da poliandria, que ainda hoje é comum no Tibete¹¹⁰. Em Tróia e na própria Ática aparecem vestígios de poliandria¹¹¹. E se considerarmos o levirato como um derradeiro estado de desintegração da poliandria, temos este costume, elevado à altura de uma verdadeira instituição, na vida social do povo hebreu¹¹² a atestar-nos, que a raça semítica, a segunda das grandes raças civilizadoras, também conheceu um período poliândrico na constituição do seu grupo familiar. Nalguns povos mesmo, mais tarde, quando este costume já era obsoleto, a posse exclusiva de uma mulher não podia alcançar-se legalmente, senão pelo reconhecimento temporário, e até certo ponto simbólico, dos direitos da comunidade¹¹³. Assim, em Babilónia¹¹⁴, cada mulher devia oferecer-se pelo menos uma vez na vida a um forasteiro no templo de Vénus, antes de casar. Na Arménia existia igual costume¹¹⁵. Na Índia bramânica, principalmente no vale do Ganges, as virgens

¹⁰⁸ «Thus we are told in the poem itself, that at one time the five brothers came home, and informed their mother that they had found something extremely precious. Without listening further, their mother at once told them *they ought to divide it as brothers*. The command of a parent must always be literally obeyed; and as Draupadi was their newly discovered treasure, they were obliged, according to the views of the Brahmans, to obey and to have her as their common wife.»

(Max-Müller — *A History of Ancient Sanskrit Literature, so far as it illustrates the Primitive Religion of the Brahmans* — first edition, pag. 46-47).

A parte que pomos em grifo no escrito de Max-Müller está no texto original: «*Bhunkteti sametja sarve*», (*Maab.* 1.7132) que traduzido à letra quer dizer: «gozai a (Draupadi) todos vós em comum.»

¹⁰⁹ Mac Lennan, *op. cit.* pag. 178-271. Cf. Spiegel — *Eranische Alterthumskunde* — vol. III, pag. 677 e seg.

¹¹⁰ Mac Lennan, *op. cit.*, pag. 269.

¹¹¹ *Idem*, pag. 277.

¹¹² Salvador — *Histoire des institutions de Moïse et du peuple hebreu*, tom. II, pag. 125, 126, 497.

¹¹³ John Lubbock — *op. cit.*, pag. 114.

¹¹⁴ «The Babylonians have one most shameful custom. Every woman born in the country must once in her life go and sit down in the precinct of Venus, and there consort with a stranger.» Rawlinson — *Herodotus*, tom. I, pag. 119. «Much modesty can scarcely have belonged to those whose virgin charms were originally offered in the public market to the best bidder, and who were requited by their religion, at least once in their lives openly to submit to the embraces of a man other than their husband.» Rawlinson — *The Five Great Monarchies of the Ancient Eastern World*, vol. in, pag. 21.

¹¹⁵ Estrabão — liv. II, *apud* John Lubbock, *op. cit.*, pag. 114.

deviam, antes de contraírem casamento, expor-se nos templos dedicados a Juggernaut¹¹⁶. E Lubbock¹¹⁷ cita, como derradeira homenagem a este antigo costume, em Roma, o conhecido facto de Catão ter dado a Hortênsio sua mulher Márcia, que este último desejava muito possuir, e que com ele viveu até à sua morte, voltando então outra vez a coabitar com o seu primeiro marido.

Julgamos, em vista do que deixamos dito, que podemos com segurança avançar, que um período houve na vida da raça árica, em que o casamento propriamente dito não existia como instituição social, e em que a família era essencialmente poliândrica, ao contrário do que sustenta Pictet¹¹⁸. Não se limitam, ainda assim, às que deixámos apontadas, as provas deste facto.

Se, por falta de tempo e porque nem sempre as nossas bibliotecas públicas nos facultam os meios necessários, deixamos de apresentar nos antigos escritores e nos velhos monumentos de civilização mais passagens directamente comprovativas da poliandria primitiva dos Árias, temos contudo uma demonstração indirecta, mas rigorosa, deste estado social, no facto que atrás apontámos, da — filiação pelas mães.

Dissemos então que a filiação pelas mães, e em geral pela linha feminina, era a característica essencial da poliandria¹¹⁹ e explicámos qual o motivo. Há ainda, bem o sabemos, um parentesco anterior a este já de si bem rudimentar, — o parentesco pela tribo. Mas se alguns etnólogos assim o consideram, a nós parece-nos, pelo contrário, que o estado social em que os filhos pertencem todos à tribo, e a ela simplesmente referem o parentesco, é realmente a característica da ausência total da ideia de consanguinidade, e por isso continuaremos considerando o parentesco pelas mães como o mais primitivo e o que primeiro se desenvolveu e sistematizou na ordem dos tempos¹²⁰.

Já vimos por uma passagem de César¹²¹, que, a par da poliandria, os antigos bretões consideravam os filhos como pertencendo àquele que primeiro trouxera a virgem da casa paterna, existindo mesmo entre eles definido o parentesco pela linha feminina¹²². A passagem que citámos de Tácito¹²³ faz-nos suspeitar que tal parentesco existia também entre os velhos germanos. Na Índia encontramos vestígios deste sistema nos Sutas de Gautama. Considera-se nestes, como sendo contra os princípios dos livros sagrados, o casamento com a filha do tio

¹¹⁶ Grosse — *Histoire abrégée des cultes*, op. cit., pág. 115.

¹¹⁷ *Op. cit.*, pág. 117.

¹¹⁸ *Vide ante*.

¹¹⁹ Mac Lennan — *op. cit.* pág. 239, e *passim*.

¹²⁰ Ainda hoje nós temos um derradeiro vestígio do parentesco pela tribo. É o nosso «patrício», que estabelece fora da localidade umas certas relações de intimidade; mas por isso mesmo que ele actualmente coexiste com o parentesco por consanguinidade, mais nos convencemos que, embora existindo anteriormente ao parentesco pelas mães, teve uma evolução distinta da deste, e até certo ponto independente.

¹²¹ *Bello-Gallico* — v. 14.

¹²² Mac Lennan — *op. cit.*, aponta as seguintes autoridades para comprovar esta asserção — Xiphiline — *Monum. Hist.* LXI — Solinus, *idem* — Irish Nennius LVI.

¹²³ *Germania* xx.

materno¹²⁴. Com relação aos cinco Pandavas, sabemos que eles eram irmãos pelas mães¹²⁵. Com efeito, três deles, Yudhishtira, Bhima e Arjuna eram filhos de Prithá ou Kunti pelos três deuses Dharma, Váyu e Indra respectivamente; enquanto que os dois outros, Nakula e Sahadeva, haviam sido gerados em Mádri, a segunda mulher de Pandu, pelos dois Açwins, os filhos gémeos de Surya, o Sol.

Nos poemas homéricos não nos é difícil encontrar provas de que, primitivamente entre os Gregos, o parentesco pelas mães era, senão o único conhecido, pelo menos aquele a que se se ligava maior consideração, e que, se não existia já na época em que os poemas foram definitivamente coordenados, podia muito bem ser contemporâneo de alguma das suas partes, e com certeza de muitas das suas tradições.

Assim, no canto XXI da *Iliada*, Licáon, sendo assaltado por Aquiles, furioso por vingar a morte de Patroclo, dirige-se nestes termos ao filho de Peleu, implorando-lhe a vida: «não me mates, que eu não sou do mesmo ventre que Heitor!»¹²⁶. No canto III, Helena, quando do alto das muralhas passa revista aos guerreiros gregos reunidos em frente de Tróia, não descobrindo seus dois irmãos Castor e Pólux, exclama contristada que não vê Castor, hábil em domar os corcéis, e Pólux invencível no pugilato, e acrescenta¹²⁷: «meus irmãos a quem, como a mim, a mesma mãe gerou!» No canto XIX, Briseis ao encontrar Patroclo mutilado, precipita-se sobre o seu cadáver chorando mais aquela desgraça que a vem ferir, pois no mesmo dia funesto em que viu o esposo que seu pai e a sua venerável mãe lhe destinavam, caído junto às muralhas, morreram seus

¹²⁴ «In the Sutas of Gautama, too, a similar line of conduct is traced out. After it has been said that the highest authority by which a government ought to be guided consists in the Vedas Vedāngas Čāstras, and old traditions, it is added (*Adhy* 11, *Sutra* 20) that in cases where the customs of countries, classes and families are not expressly founded upon a passage of the Veda, they are, notwithstanding, to be observed, if they are not clearly against the principles of the sacred writings, such as would be, for instance, marrying the daughter of a maternal uncle. (Max-Müller — *Hist. of the Ancient Sansk. Lit.*, pág. 53).

Numa das suas explicações, no curso de Sânscrito, disse o Sr. Vasconcelos Abreu, que na Índia, se bem que na época da redacção do código de Manu, o comércio carnal de um homem com a mulher tio seu irmão era condenado pela lei, contudo casos havia em que este comércio era obrigatório, i.e., em caso de esterilidade da mulher, que o legislador atribuía ao marido. O filho nascido deste comércio, era considerado como filho do próprio marido, e tido para todos os efeitos como podendo continuar o culto. Este parentesco era chamado pelos Hindus *sapinda* (*sa-pinda*, que tem o mesmo l'indu), e realmente pode dizer-se que é uma variante do levirato.

¹²⁵ Monier Williams — *Indian Epic Poetry*, pág. 96.

¹²⁶ Μή με χτεῖν' ἐπεὶ οὐχ ὁμογάστριος "Εκτορός εἰμι

Iliada, XXI, 95.

¹²⁷ , μ , x μ , x
x , μ μ μ .

Iliada, III, 236 a 238.

«três irmãos que juntamente com ela a mesma mãe gerara!»¹²⁸ No canto XXIV, enfim, Apolo increpando Aquiles pela sua cruel ferocidade sobre o cadáver de Heitor, dirige-se aos deuses do Olimpo, e depois de lhes exprobar a sua fraqueza por não subtraírem o corpo do filho de Príamo a tais insultos, lembra-lhes¹²⁹ que mesmo depois de se perder o que há de mais caro, *um irmão uterino* ou *um filho*, a dor acalma depois que se chorou e gemeu, e somente não abrandava a cólera de Aquiles. Por esta passagem se vê que o parentesco do irmão uterino era colocado em intimidade logo a par do do filho. É de notar mais, que quase sempre o poeta usa da palavra ὁμογάστριος para significar o íntimo laço de irmão, e só muitas raras vezes emprega o termo ὅπατρος ou ὁμοπατρος isto é, o irmão consanguíneo, para significar a mesma ideia.

Podíamos levar mais longe esta investigação em Homero, mas pelo que apresentamos, parece-nos poder concluir que, na *Iliada* o parentesco pela mãe não somente existia, mas tinha mesmo o cunho de maior intimidade, do que a filiação pelos pais, como pode ver-se dos versos acima citados¹³⁰.

Com relação à Grécia, temos ainda uma tradição bastante antiga, que vem comprovar o mesmo facto.

Santo Agostinho¹³¹ conta, sob a autoridade de Varrão, que tendo aparecido, no sítio onde depois foi Atenas, uma nascente de água e uma oliveira, o rei aterrado por este duplo prodígio mandou consultar o oráculo de Delfos, o qual respondeu que a oliveira era Minerva¹³² e a água Neptuno¹³³ e que a cidade viria a ter o nome da divindade que os cidadãos escolhessem. Votaram os homens por Neptuno, e as mulheres (que nesta época também tinham voto) por Minerva; como eram porém mais do que os homens, venceu esta última, dando o nome à cidade. Neptuno encolerizado então fez crescer as águas e inundou os campos. Os Atenienses para o aplacarem castigaram as mulheres, privando-as de três coisas que elas tivessem até aí gozado. Uma dessas penas foi que «os filhos não recebessem daí por diante o nome das mães»¹³⁴.

¹²⁸ Τρεῖς τε χασιγνήτους, τοὺς μοι μία γείνατο μήτηρ.
Κηδείους, οἳ πάντες ὀλέθριον ἦμαρ ἐπέσπον
Iliada, XIX, 293-294

¹²⁹ Μέλλει γάρ τον ρις χαὶ φίλτερον ἄλλον ἄλέσσαι
Ἡὲ χασίνητον ὁμογάστρον ἢ χαὶ υἱόν
Iliada, XXIV, 46-47.

¹³⁰ *Iliada* XXIV, 46-47.

¹³¹ *De Civitate Dei*, liv. XVIII, capítulo IX, que tem por título — *Quando Atheniensium civitas sit condita, et quam causam nominis ejus varro perhibeat.*

¹³² Em grego, Ἥρα.

¹³³ Em grego, Ποσειδάων.

¹³⁴ «... ut nullus nascentium maternum nomen acciperet...» Santo Agostinho, *De Civitate Dei*, loc. cit.

Os Lícios, segundo Heródoto, traçavam a sua genealogia pelo lado materno¹³⁵, e a mãe entre eles imprimia qualidade à condição do filho¹³⁶. Os seus bens deixavam-nos às filhas e não aos filhos¹³⁷. Entre os Atenienses era permitido o casamento com a irmã consanguínea¹³⁸.

Os Cretenses, segundo Plutarco¹³⁹, ao falarem da sua pátria diziam sempre μητίς e não πατρίς. O mesmo acontecia com os Messénios¹⁴¹.

Com relação aos Romanos, povo essencialmente jurídico, imprimiram eles tão fortemente o cunho da sua legislação a todas as manifestações da vida social e a todos os restos das velhas tradições populares, que não é fácil encontrar vestígios nos seus códigos desta espécie de parentesco primitivo, sendo pelo contrário a *agnação* o parentesco predominante. A sua legislação, sabemos, fora primitivamente a de uma limitada aristocracia, que ignorava os hábitos do povo que governava e em nada os tinha, entrando o elemento popular a fazer-se sentir na lei, somente mais tarde, depois das suas vitórias no foro e nos campos de batalha. Só o *cidadão* tinha direito ao casamento religioso, legal, solene, cercado de todas as cerimónias do culto, e de todas as garantias que o emprego dessas cerimónias proporcionava, à *confarreatio*, enfim. De modo que nada se pode dizer de positivo, com relação à constituição primitiva da família popular

¹³⁵ χαίρεινσι ἀπὸ τῶν μητέρων αὐτοῦς καὶ ἀπὸ τῶν πατέρων.

¹³⁶ «Ask a Lycian who he is, and he answers by giving his own name, that of his mother, and so on in the female line. Moreover, if a free woman marry a man who is a slave, their children are full citizens; but if a free man marry a foreign woman or live with a concubine, even though he be the first person in the State, the Children forfeit all the rights of citizenship. (Rawlinson, *Herodotus*, 3th edition, vol. I, pág. 293 e 204),

¹³⁷ ... τὰς τε γληννομία ς ταῖς θυγατρὰς λείπουσιν οὐ τοῖς υἱοῖς — Nicolau Damasceno, *apud* Mac Lennan.

¹³⁸ Εἰσεῖναι γαμεῖν τὰ ἐκ πατέρων ἀδελφάς. — *Leges Atticae*, liv. vi, idem.

¹³⁹ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 205.

¹⁴⁰ Nós ainda hoje dizemos «mãe-pátria». É verdade que esta expressão pode ter a sua origem na concepção mítica de que a terra é a mãe comum, a depositária de todas as riquezas, a alimentadora de todos os homens. Assim, no *Rig-Veda*, x, 88, 15, lê-se «*Antarápitarā mātarānca*», isto é, entre o pai (o céu) e a mãe (a terra). (Vasconcelos Abreu. *Sobre a Sede Originária da Gente Árica* - Sub finem). Grassmann — (*Rig-Veda übersetzt und mit kritischen und erläuternden Anmerkungen versehen*) traduz da seguinte forma:

Zwei Pfade gibt's so sagten mir die Väter,
den Göttern gangbar und den Menschenkindern,
Auf ihnen wandelt alles, was sich reget,
was zwischen Erd'und Himmel ist, den Aeltern.

A palavra μητίς em grego significa, além disso, «a pátria da mãe». «Chez les Crétois — *patrie de la mère* — diz muito positivamente Alexandre — (*Dictionnaire grec-français*, 14^e édition, *sub voce*, μητίς). No Egipto parece também encontrarem-se vestígios deste facto. Assim, por exemplo: no *Ritual Funerário* diz-se: «O cœur, cœur qui me vient de ma mère, mon cœur de quand j'étais sur terre, ne te dresse pas comme témoin, etc.» (*Todtenbuch*, ch. xxx, I. I seg., *apud* Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, pág. 41, nota 2).

¹⁴¹ M. Lennan, pág. 297.

romana e às cerimónias do casamento plebeu, que o orgulhoso *civis romanus* do alto da sua prosápia teatral desdenhosamente tratava de «concubinato».

Ainda assim, no entretanto, podemos observar como, através da férrea regulamentação jurídica da aristocracia romana, transparece a fórmula dos antigos casamentos plebeus. A *Coemptio*¹⁴², mas muito principalmente, o *Usus*, que comentadores sem crítica têm querido explicar como uma invenção posterior dos jurisconsultos romanos, para concederem aos plebeus as vantagens das *Iustae Nuptiae*, é apenas um caso de simbolismo jurídico, o exemplo da persistência de uma velha fórmula e representa, pelo contrário, a forma popular e espontânea do casamento primitivo, contemporânea talvez, senão anterior, ao estabelecimento e coabitação na mesma área das diversas famílias que formaram mais tarde o núcleo da nação romana. Adiante falaremos de qual a feição característica deste casamento popular. Por agora basta-nos assentar o princípio de que a própria unidade absorvente da jurisprudência romana não conseguiu apagar completamente dos seus códigos todos os vestígios dos costumes anteriores, que nos dão a chave, quando cientificamente interpretados, de muitas anomalias que até hoje esperam uma explicação satisfatória, para o conhecimento integral da civilização mais fortemente constituída do mundo antigo.

Mas com relação mesmo ao ponto de que nos ocupamos, temos uma disposição no Digesto¹⁴³, que prova que, em certos casos, o parentesco pelas mães não somente era reconhecido, mas tinha o poder de apagar quaisquer vestígios da ordem paternal, por muito humilde que esta fosse, abrindo ao filho os mais altos lugares do Estado¹⁴⁴.

O facto da confusão de certos parentescos, por exemplo: de «neto» e «sobrinho», em Roma, é também indício de uma época de transição entre o parentesco referido às mães e o referido aos pais. Assim a palavra *nepos*, segundo Morgan¹⁴⁵, até ao iv século era aplicada indistintamente ao «sobrinho» e ao «neto». Quando *nepos* significou por fim «neto», exclusivamente, e se tornou um estrito correlativo de *avus*, a língua latina deixou de ter palavra para exprimir «sobrinho», usando da perífrase *Fratis vel sororis filius*. Em inglês, até à época da tradução da Bíblia, no reinado do rei James, em 1611, o termo «sobrinho» era também aplicado indiferentemente nos dois casos, e Shakespeare nomeando no seu testamento sua neta Susannah Hall, trata-a por «sobrinha»¹⁴⁶. Entre os escandinavos primitivos, a mãe imprimia da mesma sorte condição aos

¹⁴² A *Coemptio* pressupõe também o costume originário da exogamia, e pode dizer-se que é uma transformação do rapto, quando as relações entre as tribos exogâmicas se tornaram pacíficas.

¹⁴³ *Non interveniente connubio (liberi) matris conditioni accedunt*. Digesto, liv. 2.^a, 9.

¹⁴⁴ V. Duruy, *Histoire des Romains depuis les temps les plus reculés jusqu'à la fin du règne des Antonins*, tom. v, pág. 41.

¹⁴⁵ *Systems of consanguinity and affinity of the human family*, apud John Lubbock, *op. cit.* pág. 191.

¹⁴⁶ John Lubbock *op. cit.* pág. 191-192.

filhos¹⁴⁷, embora não tenhamos provas, pelo menos que eu conheça, de que o seu parentesco fosse em tempo algum exclusivo.

Assim pois, não só peios argumentos que directamente aduzimos, comprovativos de um estado primitivo de poliandria nos grupos mais importantes da raça árica, mas também pelo facto da existência de um parentesco pela linha feminina nesses mesmos grupos, parece-nos plenamente confirmado que nos tempos primitivos a constituição da família foi idêntica nos povos mais felizmente dotados para as conquistas do progresso, à que ainda hoje se observa entre os selvagens. E note-se, que ainda não aduzimos as provas tiradas da existência de um antigo levirato, cujos vestígios são evidentes em muitos grupos da raça, para não alongarmos demasiadamente este escrito, e porque a prova não nos pareceu, depois do que havíamos citado, absolutamente necessária para a nossa demonstração.

Vamos a ver, para concluirmos, que entre os Árias, a poliandria teve também, como nas raças inferiores, a exogamia como condição do casamento, e o rapto como meio prático de o realizar.

Com relação à exogamia, encontra-se ela na Índia antiga. Vemos aí todas as nações, se nações se pode chamar a um agrupamento de tribos unidas pelos laços mais ou menos frouxos de uma federação rudimentar, divididas num certo número de famílias, chamadas *gotram*, não podendo ninguém casar dentro do seu próprio *gotram*¹⁴⁸. O código de Manu, igualmente numa das suas disposições, dá a entender que o casamento entre pessoas da mesma linhagem era proibido¹⁴⁹. Idêntico costume existia entre os Gaélicos ou Highlanders¹⁵⁰, e entre os Moscovitas parece certo que o marido e a mulher eram invariavelmente de diferentes comunidades¹⁵¹. Aproximando estes factos dos que atrás deixámos apontados com relação a outras raças, vê-se que a exogamia foi efectivamente o princípio do casamento mais largamente espalhado nos períodos ante-

¹⁴⁷ «Harold Haarfager was, according to Sturleson, married to Snaefrid... The king when he became aware of her witchcraft was roused to such violent anger, that he drove away her sons from him... We also find by Thiodolfer's words to the king (that he ought not to despise his sons by Snaefrid, «because they would willingly have had a better and nobler lineage by the mother's side, if thou hadst let them») that Snaefrid belonged to a despised race. (Sven Nilsson *op. cit.* pág. 221-222, nota).

¹⁴⁸ Mac Lennan *op. cit.* pág. 84 nota 1. Cf. Muir *Original Sanskrit Texts*. *Gotram* de *go* = «vaca, gado, etc.» + *tra*, «proteger»; «o que protegia as vacas», «a família rodeada pela sebe» (dentro da qual também se recolhia o gado) e mais tarde simplesmente a «família». A casta dos brâmanes estava dividida em 24 *gotras*, cada um dos quais se supunha descender dum afamado *rishi* do qual conservava o nome, como, por exemplo, os *gotras* de Sândilya, Kasyapa, Gautama, Bharadváj, A. cf. Monier Williams — *Sanskrit-English Dictionary*, — sub. voce. — *Go*.

¹⁴⁹ «Celle qui ne descend pas d'un de ses aïeux maternels ou paternels, jusqu'au sixième degré, cl qui n'appartient pas à la famille de son père ou de sa mère, par une origine commune prouvée par le nom de famille, convient parfaitement à un homme des trois premières classes, pour le mariage cl pour l'union charnelle.» *

(*Lois de Manu*, trad. par Loiseleur. Deslongchamps, liv. m, 5).

¹⁵⁰ Mac Lennan, *op. cit.* pág. 101.

¹⁵¹ Mac Lennan, pág. 105.

-históricos, anterior à endogamia (que se encontra apenas num limitado número de povos), e que teve a sua natural consequência no rapto, cujo símbolo vamos encontrar também na legislação dos povos áricos, e nas suas lendas e costumes populares, onde se acham, com efeito, vestígios de uma época em que a inviolabilidade da família não existia, em que as uniões conjugais não eram respeitadas, em que as tribos ou os indivíduos para haverem as mulheres de que careciam as iam roubar às tribos ou às famílias vizinhas. Assim, o rapto das Sabinas pelos companheiros de Rómulo, na lenda romana; o rapto de Helena por Páris, na *Iliada*; o rapto de Sitá pelo Daçagriva, no *Ramaiana*; o rapto de Draupadi por Jayadratha, no *Maabarata*; o rapto mítico de Prosérpina por Plutão, etc, são símbolos do mesmo costume primitivo. Ora à medida que nós estudamos estes símbolos, e os aproximamos do que ainda hoje se passa em certas tribos selvagens, como já vimos, mais e mais nos convencemos de que representam uma e a mesma coisa, embora se tenham revestido de circunstâncias especiais, pelo génio do povo que os poetizou. É comum entre os selvagens que a tribo donde foi roubada uma mulher vá atacar a tribo onde se encontra o roubador com a sua presa, e não raro lhe faça pagar pela destruição a sua audácia, como aconteceu com Tróia cercada e destruída pelos Gregos. É também vulgar que o roubador, ao escapar-se com o seu precioso fardo, encontre no caminho quem lhe tolha o passo, ou para lhe disputar a presa ou para que ela seja restituída ao seu antigo possuidor, e que só à custa de sangrento combate logre levar por diante o seu intento, como aconteceu com o rei de Lanká, tendo que bater-se com Jatayus, que lhe disputava a posse da bela esposa de Roma, É, finalmente, comum entre as populações inferiores, que roubadores e roubados venham a fraternizar, e é esta mesmo a feição característica do costume, quando passou a símbolo, como diz a lenda que se deu entre Sabinos e Romanos.

Mas não é só na tradição poética da raça árica que este velho costume se encontra. No seu simbolismo jurídico, principalmente, é onde ele nos aparece mais perfeitamente caracterizado. Em Roma, segundo Festus¹⁵², este costume era, por assim dizer, uma celebração da felicidade de Rómulo no rapto das Sabinas; e sabemos que existia, como cerimónia, nos casamentos plebeus que não eram constituídos pela *confareatio* ou pela *coemptio*. Segundo O. Müller¹⁵³, em Esparta o mesmo uso significava que a donzela não devia entregar a sua virgindade sem luta. Esta interpretação do símbolo é, como sabemos, errónea, mas

¹⁵² «Rapi simulatur virgo ex grémio matris; aut si ea non est, ex próxima necessitudine, cum ad virum traditur, quod videlicet ea res feliciter Romulo cessit...» *De verborum significatione*, sub voce *rapi*.

¹⁵³ Ottfried Müller, — *Die Dorier* — IV, vi, Rawlinson no seu *Herodotus*, vol. III book iv, nota 7, *ed. cit.* diz o seguinte, a este respeito: «The seizure of the bride was a necessary part of a Spartan marriage. The young woman could not properly, it was thought, surrender her freedom and virgin purity, unless, compelled by the violence of the stronger sex», desconhecendo assim a verdadeira significação do símbolo. Fustel de Coulanges, na sua aliás bela obra *La cité antique*, parece, do mesmo modo, não lhe compreender toda a importância, explicando-o por uma forma que implica o desconhecimento da sua natureza tradicional (pág. 45). «La jeune fille n'entre pas

prova em todo caso a sua existência, embora ele não fosse compreendido. Demais, com relação aos Espartanos, Grote¹⁵⁴ diz, muito terminantemente, que a cerimónia de um rapto simulado se dava em todos os casamentos. No Código de Manu¹⁵⁵, o casamento pelo rapto vem muito especialmente mencionado, como uma das oito formas do casamento, indicando-se até ser ele permitido pela lei à classe militar. Com relação ao rapto das Sabinas, não há hoje dúvida de que é uma simples lenda, que denuncia no entretanto a existência de um idêntico costume entre as antigas populações do Lácio. Além disto, esta mesma tradição encontra-se exactamente entre os Celtas. Os Picts roubam as esposas dos Gaels¹⁵⁶, que vendo-se sem mulheres, são obrigados a contrair alianças com as

d'elle même dans sa nouvelle demeure. Il faut que son mari l'enlève, qu'il simule un rapt, qu'elle jette quelques cris, et que les femmes qui l'accompagnent feignent de la défendre. Pourquoi ce rite? Est-ce un symbole de la pudeur de la jeune fille? Cela est peu probable; le moment de la pudeur n'est pas encore venu; car ce qui va s'accomplir dans cette maison c'est une cérémonie religieuse. Ne veut-on pas plutôt marquer fortement que la femme qui va sacrifier à ce foyer n'y a par elle même aucun droit, qu'elle n'en approche pas par l'effect de sa volonté, et qu'il faut que le maître du lieu et du dieu l'y introduise par un acte de sa puissance?»

E mais adiante a pág. 441-442 *op. cit.*, dá uma explicação do facto que também nos não satisfaz.

¹⁵⁴ *History of Greece*, 2.^a parte cap. vi.

¹⁵⁵ «Quand on enlève par force, de la maison paternelle, une jeune fille, qui crie au secours et qui pleure, après avoir tué ou blessé ceux qui veulent s'opposer à cette violence, et fait brèche aux murs, ce mode est dit celui des Géants».

(*Lois de Manu*, traduzidas por Loiseleur Deslongchamps, m, 33). Demais e em apoio desta opinião, encontro em sânscrito duas palavras para significar «esposa, noiva», cujas raízes implicam a ideia de «arrebatar», «levar à força, etc». Uma delas é: *vahyá*, «esposa de um Muni», *údhá*, a «esposa segundo o ritual» da \sqrt{vah} = lat. fero, que segundo o dicionário de Sampetersburgo significa *führen, fortführen* (Bötlingk und Roth — *Sanskrit Wörterbuch* — sub voce *vah*). Pertencem à mesma raiz *anúdhá*, donzela», *vivodhar*, «esposo»; *viváha*, «casamento», etc. A outra palavra é *bharya*, que significa igualmente «esposa», da *ylbhar* = lat. fero, gr. φέρω, que segundo o dicionário de Sampetersburgo significa *entführen, wegnehmen*. (Bötlingk und Roth, *op. cit.* sub voc. *bhar*). Pertence à mesma raiz, *bhartar*, «esposo» etc. Pictet (*Les origines indo-européennes* — 2.^a parte, pág. 340) dá para esta raiz as acepções de «sustentar», «nutrir», «amparar», «proteger», querendo assim significar que *esposo* era «o que sustentava ou protegia» primitivamente entre os Árias, e *esposa* «a que era sustentada ou protegida». Pela nossa parte, e depois do estudo que temos feito deste símbolo, não podemos aceitar a opinião de Pictet, por muito respeitável que ela seja. Compare-se também a palavra alemã *brautführer*, «paraninfo» «padrinho», o que leva a noiva (à igreja) ou da casa paterna. Não indicará ela um costume análogo ao que se encontra no velho cerimonial romano, o de entrarem os amigos do noivo na casa da desposada, e dali levá-la por um rapto simulado?

¹⁵⁶ Num velho poema intitulado *Duan Eiranash* diz-se o seguinte:

«Cruithane, son of Cuig, took their women from them,
«— It is directly stated —
«Except Tea, wife of Hermion,
«Son of Miledh.

«There were no charming noble wives
«For their young men;
«Their women having been stolen, they made alliance
«With the Tuatha Dea.

apud Mac Lennan *op. cit.* pág. 68-69. Compare-se o rapto das donzelas de Silo pelos filhos de Benjamin. (Juizes, xxi, 21-23, segundo a Vulgata.) Segundo a grande edição crítica da Bíblia, pelo emi-

tribos aborígenes da Irlanda. Com relação aos Germanos e aos Escandinavos, é fora de dúvida que em tempo possuíram este costume¹⁵⁷. Nas epopeias e lendas germânicas as Valquírias, as mulheres fortes, somente casam com quem consiga vencê-las na luta¹⁵⁸. E mesmo, num período relativamente moderno, era este costume ainda observado na Suécia entre as próprias famílias reais¹⁵⁹. Encontra-se, também, entre os Eslavos¹⁶⁰. No século XVII, ainda se encontrava algumas províncias da França um costume semelhante¹⁶¹. Até uma recente data,

nente professor da Universidade de Estrasburgo, Eduardo Reuss, este episódio é como se segue: «Et ils donnèrent avis aux Benjamins en disant: Allez vous mettre en embuscade dans les vignes et faites attention; puis voyez, quand les filles de Siloh sortiront pour danser en chœur, vous sortirez des vignes et vous enlèverez chacun sa femme d'entre les filles de Siloh, et vous irez aux pays de Benjamin...

...Et les Benjamins en agirent ainsi et emmenèrent des femmes selon leur nombre, qu'ils ravirent parmi les danseuses; puis ils allèrent s'en retourner dans leur territoire et rebâtir leurs habitations pour y demeurer.»

(*La Bible traduite et annotée par Edouard Reuss — Juges*).

¹⁵⁷ Assim, encontro em velho alemão a palavra *briit-loufti* que significa «perseguição da noiva»; e em velho nórdico a palavra *Kvānfang*, que quer dizer «o acto de se apoderar de uma mulher». Com relação a esta última palavra diz Erik Jónsson. (*Oldnordisk Ordbog*, sub voce *Kvānfang*): «i egentlig Betydning, det at face sig. tage sig en Kone».

¹⁵⁸ As Valquírias são descritas nas velhas lendas escandinavas como «smukke unge Piger, tilhest, bevaebnede med fuld Rusdning; de rede gjennem Luft og Vand, over den hele Verden.»

(P. A. Münch — *Nordmaendenes aeldste Gude og Helte-Sagn*). Com relação à *Valkyria Brynhild*, vid. Cox — *Mythology of the Aryan Nations*, vol. I pag. 280 — *Das Nibelungenlied* e os fragmentos onde figura nos *Eddos*, N. M. Petersen, *Nordisk Mythologi*, pág. 335 e seg. Comparem-se na mitologia grega as lendas de Teseu e Menalipe, e de Hércules e das Amazonas. Com relação a estes mitos e outros análogos, diz o Dr. F. L. W. Schwarz (*Der Ursprung der Mythologie, dargelegt an griechischer und deutscher Sage*, pág. 159): «Dieselbe Vorstellung (depois de falar dos mitos germânicos) erscheint nun aber auch in der griechischen Mythologie weitverzweigt. Wie neben dem männlichen avefioc eine weiblich gedachte *ἄελλα* sich stellt, steht neben dem mächtigsten der Winde, dem Boreas, eine Oreithyia. Ebenso neben dem Sturmesgott Apollo die Luftdurchschneidende Artemis, die wir in der Sage von seiner Geburt noch geradezu als die früher geborene auftreten und als Windsbraut Hebammiendienste bei der Entwicklung des Gewitters übernehmen sahen. Ebenso zog, wenn auch nicht von einer directen Verfolgung die Rede war, doch, wie wir gesehen, dem Gewitterzuge der Amazonen eine Aella bezeichnend voraus. Neben der Artemis jagt dann geradezu, nach einer Sage, der wilde Jäger Orion, neben der Hekate dann Hermes; neun Monate jagt Minos der jungfräulichen Jägerin Britomartis, d. h. der kretischen Artemis nach. Während sie jagt, wird auch Helena vom Paris entführt; man nannte noch eine Stelle in Sparta *Σανδάλιον* weil ihr dort der Schuh entfallen sein sollte, als sie verfolgte. So erscheint der Sturm überhaupt als Mädchenjäger, Räuber, und Entführer, etc....»

Os torneios da Idade Média são ainda um derradeiro reflexo deste velho costume transformado. Veja-se em Walter Scott (*Ivanhoe*) os capítulos em que descreve o torneio presidido por lady Rowena. Compare-se também o torneio em honra de Gyneth no poema *The Bridal of Triermain* — *Lyulph's Tale*, canto second — do mesmo autor. Representa um símbolo, em quanto a nós, do mesmo uso, embora já bastante modificado, a cena descrita no Ramayana (*Adicanda*, cap. LXIX), em que se mostra a Rama, conquistando a mão de Sita, por ter despedaçado o arco de Çiva, que nenhum dos outros pretendentes havia podido levantar sequer. Confronte-se com a cena análoga a propósito de *Ulysses*, na *Odisseia*.

¹⁵⁹ Mac Lennan *op. cit.* pág. 55-56.

¹⁶⁰ Olaus Magnus, *Historia de Gentibus Septentrionalibus*, liv. XIV, cap. IX, pág. 481, *apud* Mac Lennan, *op. cit.* pág. 52.

¹⁶¹ Gaya, *Marriage ceremonies*, *apud* Mac Lennan pág. 25.

segundo o testemunho de Lord Kanes, existia no País de Gales¹⁶². E não podemos mesmo avançar, que num último estado de desintegração este costume ainda hoje se encontra nos nossos campos, em algumas das províncias do Norte¹⁶³?

A CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA PRIMITIVA

Chegámos ao fim do nosso trabalho.

Creemos ter demonstrado com evidência que Pictet fez uma asserção puramente gratuita, quando avançou que a raça árica havia sido *sempre* essencialmente monogâmica. Como se vê, pela última parte do presente escrito, estamos autorizados pelo contrário a afirmar, por uma análise ainda que perfunctória dalguns dos seus mais antigos monumentos e tradições, que esta raça, que hoje • uminha à frente da civilização do mundo, caracterizada principalmente pelo desenvolvimento de um largo altruísmo no seio da família monogâmica, elevada nela à altura de uma verdadeira instituição social, passou no que respeita à constituição da família, por fases idênticas às que hoje se descobrem nos grupos actuais mais rudimentares, mais degradados mesmo da espécie humana. Assim: existiu nela a poliandria, evolução de algum estado de promiscuidade ainda mais anterior, determinado por meros instintos sexuais. Antes de nesta raça, a esposa ser a *sócia humanae rei atque divinae*, a *χοινωνός χρημάτων καὶ ἱερῶν* da Antiguidade Clássica, a idealização de todos os afectos sublimes na Virgem da Idade Média e na Madona da Renascença, foi um simples instrumento de procriação, possuída por todos os membros da comunidade, sem nenhum dos atributos que hoje, por assim dizer, formam o pedestal à sua missão, no sistema da civilização ocidental. Antes de ser um móvel de progresso e um culto, podemos dizer que foi uma escrava e uma prostituta. A exogamia, também na raça árica consiuiu a condição do casamento, e o rapto o único modo de o levar a efeito, exactamente como hoje ainda acontece com o selvagem da Polinésia, ou com o Pele Vermelha dalguma remota tribo do continente americano.

Que devemos agora concluir desta concordância de fenómenos em raças tão distanciadas pela origem provável, pelo tempo, pelo espaço, e pelo grau de civilização?

Dois factos, enquanto a nós igualmente importantes. Primeiro: que as leis sociológicas têm um carácter de verdadeira universalidade, em nada inferior ao

¹⁶² *Sketches of the History of Man*, idem pág. 27.

¹⁶³ Não poderá filiar-se ao antigo facto do rapto, o costume que ainda hoje vigora em algumas das nossas províncias de irem os amigos e parentes da noiva esperá-la à saída da igreja, fingindo querer roubá-la ao marido, intentando, depois, uma simulada perseguição atrás dos noivos, atirando-lhes com pedrinhas, e nalguns sítios com chinelos? Não terá relação com o mesmo facto, o costume de atirar confeitos aos rapazes para evitar que corram atrás dos recém-casados? Ainda hoje nalguns sítios de Portugal raras vezes se emprega a palavra «casar», que é sempre substituída pela frase «levar à igreja».

das leis que dominam as outras ciências, impondo-se igualmente a todos os grupos humanos sem distinção, embora em cada um destes grupos sejam modificadas por leis particulares, resultantes da individuação de cada raça ou de cada nacionalidade. Segundo: que as mais altas instituições sociais, aquelas que maior soma de benefícios prestaram, ou ainda hoje prestam ao homem, e que ao mesmo tempo são o mais belo apanágio da sua grandeza e o seu justificado orgulho, não são obra deste ou daquele vulto histórico, deste ou daquele século, nem tão-pouco surgem na vida das nações sem precedentes e raízes no passado, mas aparecem-nos única e exclusivamente como o produto de uma evolução natural, continuada ininterrompidamente por séculos, modificada todos os dias, pelas circunstâncias diversas do meio cósmico e sociológico, nas suas criações, que da mais baixa e humilde origem ascendem à mais alta floração, correspondente ao estado de integridade da função, de que são órgãos.

Por isso, com relação ao ponto de que nos ocupamos, podemos dizer com segurança que o processo por que pela primeira vez a família humana se esboçou nos obscuros tempos pré-históricos, sem distinção de raça ou de região, foi análogo ao que encontramos nos animais, para formar as ligações efémeras que duram apenas o espaço de uma estação.

Quando chega a Primavera milhões de aves, insectos e mamíferos, que até este momento viviam no estado de isolamento e de individualismo egoísta, procuram-se, aproximam-se e reúnem-se, para viverem por alguns meses, alguns dias, e às vezes horas apenas, num estado de sociedade e de altruísmo¹⁶⁴. Um facto semelhante se deu com o homem primitivo. A influência da acção sexual encontra-se com efeito na origem de todas as sociedades e caracteriza, como vimos, as primeiras manifestações da família, que antes de ser um móvel imediato de estímulo, que dirigiu à mais alta civilização as raças progressivas¹⁶⁵, foi por muito tempo nos grupos rudimentares das primeiras civilizações, o agregado informe de indivíduos reunidos por instintos exclusivamente animais. Mais tarde, uma fecundidade independente das estações, a união prolongada dos sexos, uma infância cuja debilidade durava por muitos anos e solicitava uma protecção indefinida, tudo isto concorreu para tornar a família humana permanente, ao contrário do que se observa nos animais, cuja sociabilidade dura apenas tanto como os seus apetites sexuais¹⁶⁶. Depois, e por uma evolução constante, a família, não há dúvida, tornou-se para o homem a base de todas as outras instituições sociais, constituindo o casamento a condição necessária da família, por assegurar de um modo mais ou menos permanente as mútuas relações entre os seus membros¹⁶⁷. Mas antes de se chegar a este estado de complexidade, temos uma longa série de fases — de preparação, se quiserem — mas existentes na realidade, e que por forma alguma devemos desprezar.

¹⁶⁴ Dr. Ciavel — *Le dogme et la science* — in *La Philosophie positive (Revue)* tom. VII.

¹⁶⁵ Theófilo Braga *Traços Gerais de Filosofia Positiva*, pág. 214.

¹⁶⁶ Dr. Clavel — *op. cit.*

¹⁶⁷ Pictet — *op. cit.* li parte, pág. 331.

O que fizemos muito sumariamente com relação à família, pode fazer-se com relação à propriedade, ao direito, à religião, à moral, à justiça, ao Estado¹⁶⁸, etc., a todos os produtos ou órgãos sociais, enfim, nos quais se exemplifica do mesmo modo a lei, — porque todos a ela obedecem — que domina o conjunto das seis grandes ciências fundamentais, isto é: — progresso do simples para o composto, do rudimentar para o complexo, do homogêneo para o heterogêneo que, sob o ponto de vista humano, se pode traduzir pela seguinte fórmula: «progresso do injusto para o justo, e do imoral para o moral.»

¹⁶⁸ Chegados a esta conclusão podíamos proceder a outra ordem de investigações. Se a constituição da família actua sobre a constituição da sociedade, com tanto mais força quanto mais nos aproximamos das épocas primitivas, a sociedade pelo seu lado — constituindo o que se chama o *meio sociológico* — actua também sobre a forma da família, existindo evidentemente uma verdadeira equação entre estes dois termos, de modo que para um dado momento histórico sempre se correspondem. Assim vemos que se a família monogâmica tem uma tão grande acção sobre os destinos da civilização moderna da Europa e da América, pelo seu lado esta civilização evolucionando-se constantemente por estímulos cada vez mais complexos e variados, exerce uma influência muito notável no progresso do grupo familiar, tornando-o todos os dias mais racional nas suas formas de equilíbrio. Ora o que se dá hoje, deu-se sempre; na Idade Média do mesmo modo que na Época Clássica; no Extremo Oriente do mesmo modo que nas idades pré-históricas. Esta investigação, no que toca às relações entre a constituição da família e a constituição da sociedade em geral, no período antehistórico, era uma sequência natural do nosso trabalho. Para a levar, porém, a cabo de um modo científico, seria alargar, mais do que o permitido, o quadro desta dissertação. Nela mesma existem alguns elementos para se entrar em tal estudo, e em todo o caso fica indicado aqui o problema, que no nosso país já recebeu uma solução. (*Vide* Teófilo Braga — *História Universal* — *Esboço de Sociologia Descritiva*, prolegómenos, *sub fine*).

SUR QUELQUES FORMES DU MARIAGE POPULAIRE EN PORTUGAL

CONTRIBUTION À LA CONNAISSANCE DE L'ÉTAT SOCIAL DES ANCIENS HABITANTS DE LA PÉNINSULE*

Le résultat peut-être le plus inattendu de la nouvelle école historique a été l'importance que tout à coup a prise l'étude des superstitions, des croyances et des usages populaires de l'actualité, pour la connaissance de l'état social de cette phase du développement humain qu'on a surnommée la «préhistoire», et encore «l'histoire de nos origines», *Urgeschichte* comme les Allemands l'appellent.

On peut presque affirmer aujourd'hui que l'étude des superstitions et des usages des peuples constitue à elle seule une véritable archéologie, qui doit être cultivée soigneusement par tous ceux qui font de la première période de la vie de l'humanité l'objet de leurs travaux et de leurs méditations.

Il est vrai que les matériaux des deux sciences sont d'une nature toute différente; mais que l'on cherche à connaître au moyen des rudes outils en silex l'état embryonnaire de l'industrie de nos ancêtres quaternaires, ou que l'on fouille sous la superstition ridicule et sous le symbole incompréhensible, pétrifié, pour ainsi dire, à la dernière couche de notre société actuelle, la pensée et l'organisation sociale de nos aïeux les plus lointains, le but en est toujours le même, ou plutôt l'objet des deux sciences se complète mutuellement, car il a trait à l'homme primitif, envisagé dans sa double vie — matérielle et morale. C'est pour cela, Messieurs, que j'ose vous demander pour ma note une place modeste à côté de vos savants travaux, et que je ne crois pas être tout à fait déplacée, au milieu de vos importantes recherches, une exposition sommaire, cela va sans dire, de quelques formes du mariage populaire en Portugal, pour servir de contribution à la connaissance de l'état social des anciens habitants de la Péninsule, antérieurs à la domination romaine.

* Este texto foi apresentado sob a forma de comunicação ao Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (9.ª sessão), realizado em 1880. Originalmente publicado em 1884 no livro *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Pré-Historiques. Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne, 1880*, Academia das Ciências: 628-638.

On regarde aujourd'hui les superstitions, les mythes et quelques usages et croyances populaires comme les débris d'une phase sociale primitive qui se sont continués jusqu'à nous en vertu de la loi de «persistance», triomphant de tous les obstacles et résistant avec succès à toutes les assimilations qui ont toujours fini par être impuissantes à les déraciner.

Cette façon d'envisager les superstitions et les usages du peuple, est, on peut le dire, à l'heure qu'il est, universellement admise par tous les savants, et jusque dans le domaine de l'archéologie préhistorique il y a quelques années que l'illustre Sven Nilsson en a fait l'application. On peut voir de même ce que la mythologie comparée et l'histoire des religions nous apprend sur l'homme primitif dans un chapitre du récent et magnifique ouvrage de mon éminent confrère M. H. Hildebrand sur les peuples préhistoriques.

Or de toutes ces superstitions, de tous ces usages, les plus persistants sont ceux qui ont trait à la famille, à sa constitution et aux relations mutuelles entre ses membres.

Avant l'invasion romaine, à vrai dire il n'existe pas d'histoire de la Péninsule Ibérique. Ce qu'on sait à l'égard des Carthaginois, des Phéniciens, des Grecs et encore des populations des Celtes et des Ibères est bien peu de chose. Ce seront seulement les efforts combinés de l'archéologie, de l'anthropologie, de la linguistique, de l'ethnographie, de la mythologie, de l'épigraphie, de l'onomastique, etc., etc., qui permettront de grouper les éléments indispensables pour la Péninsule, jusqu'au moment où les Romains y mirent le pied. Des trois conquêtes historiques du territoire de ce côté des Pyrénées, la romaine, la gothique et l'arabe, la première est celle qui a assimilé le plus intimement les habitants, à tel point que les deux autres, bien que postérieures, n'ont pas pu en effacer les traces. Voyons toutefois ce que fit la conquête romaine.

Elle imposa sa langue, en faisant du latin l'idiome d'usage officiel et le moyen de communication avec les autres provinces de l'empire. Elle imposa les institutions administratives de Rome en créant dans la Péninsule autant de petites images de la ville éternelle, qu'il y avait de lieux de quelque importance. Les anciens usages, cependant, les mœurs des populations pré-romaines se sont continués comme auparavant. Ni la conquête romaine, ni à plus forte raison aucune des dominations postérieures n'ont changé d'une manière durable les conditions ethnographiques de la Péninsule.

En ce qui concerne la conquête romaine, ce n'était pas la petite population du Latium, ni même la population de l'Italie entière qui seraient en mesure d'envoyer dans toute l'Europe connue alors, dans une grande partie de l'Asie jusqu'à l'Euphrate et dans l'Afrique baignée par la Méditerranée des contingents assez importants pour changer à jamais la carte ethnographique des différentes provinces de l'empire, et plus particulièrement de la vaste région qui s'étend depuis les Pyrénées jusqu'à l'Océan. Et ce qu'on dit de la conquête romaine, qui dans nombre de cas a été une vraie assimilation, peut encore être affirmé à l'égard de l'invasion des Barbares, jusqu'à ce jour si mal étudiée, et de la con-

quête arabe si intentionnellement défigurée par le fanatisme religieux. Les populations primitives, ou plutôt pré-romaines de la Péninsule Ibérique, quoique modifiées à l'extérieur par les différentes conquêtes et invasions, qui se sont succédées sur le sol que celles-ci venaient occuper, sont restées foncièrement les mêmes et il faut remonter jusqu'à elles si l'on veut se rendre compte d'un grand nombre de superstitions, usages et croyances, encore aujourd'hui en vigueur au fond de nos campagnes.

Comme confirmation de ce fait on peut remarquer aussi que c'est aux abords de serra da Estrela, c'est-à-dire dans l'endroit de notre pays qui a résisté le plus à l'assimilation romaine, et où par conséquent le fond ethnique pré-romain a été le moins changé, qu'on trouve aujourd'hui les formes les plus archaïques en ce qui touche l'organisation familiale, et une plus grande richesse en superstitions d'un caractère primitif. L'épreuve me semble être éloquemment décisive et de façon à convaincre les plus sceptiques.

Celui qui connaît les beaux travaux de Sir John Lubbock et de Tylor sur la civilisation des sauvages, et l'important ouvrage de Mac Lennan sur le mariage primitif et les formes les plus rudimentaires de la famille, sera étonné, sans doute, de rencontrer, parmi les usages et coutumes du peuple portugais, et comme réalité existante, et sous la forme de symbole (le symbole étant le dernier vestige de la coutume), des traces non équivoques de tous ou presque tous les usages qu'on a rencontrés ailleurs, constituant l'essence de la famille au plus bas de l'échelle de l'humanité. Ainsi, j'ai découvert le rapt, dans nos mariages populaires, parfaitement caractérisé. A Jerumelo, par exemple, dans la province de notre Estremadura, les mariages s'accomplissent de la manière suivante: Le jour des noces, la fiancée entourée de ses proches reste à la maison, tandis que le fiancé au milieu de ses parents et de ses amis se rend à l'endroit où est celle qui doit devenir sa femme. Arrivé là, une espèce de lutte s'engage, et il fait semblant d'arracher violemment la jeune fille à la maison paternelle. La suite de la fiancée oppose une résistance simulée et feint de céder seulement à la force, après quoi tout le monde s'en va à l'église où tout finit par la bénédiction du prêtre. A Miranda do Douro on observe encore aujourd'hui la coutume d'un combat entre le jeune couple qui est prêt à se marier. Du moment qu'une jeune fille est engagée et quelque temps avant le jour des noces, a lieu un rendez-vous où les deux se renvoient mutuellement des coups de poing, à qui mieux mieux. Personne n'a le droit d'intervenir pour faire cesser cette lutte singulière. On peut reconnaître encore la même coutume, plus ou moins modifiée, dans les cas suivants: A Sindim, aux environs de Régua, lorsqu'un garçon de quelque village limitrophe y va pour demander en mariage une jeune fille, il est reçu à coups de pierre par les gents du pays, qui cherchent à empêcher la réalisation de son dessein. Si, en effet, le mariage se conclut, le jour des noces, à la sortie de l'église, on barricade tous les chemins par où les nouveaux mariés doivent passer pour se rendre à la maison, et s'ils veulent passer outre, il faut que le mari dépose quelque pièce de monnaie. Cette coutume, si curieuse du reste, puisqu'elle présente des vestiges du mariage au moyen du rapt, nous met aussi sur les traces

d'une ancienne exogamie, modifiée déjà par le rachat symbolique de l'épouse, représenté dans ce cas par le paiement de la monnaie, qui doit être fait par le mari s'il veut avoir la faculté de se retirer en paix. A Tomar, le jour des noces, le fiancé, accompagné des témoins, va chercher la fiancée qui l'attend chez la marraine. Aussitôt qu'il y arrive, la jeune fille se cache derrière la porte et la marraine ne lui permet de sortir de là, qu'après avoir obtenu un certain nombre de réponses aux questions qu'elle fait au jeune homme. A Barroso, on observe une coutume à peu près identique.

Dans un village tout près de Guarda, cette coutume présente encore les circonstances suivantes: La fiancée, avant de sortir de la maison paternelle pour se rendre à l'église, s'enferme dans une chambre, accompagnée de toutes ses amies non mariées. Lorsque le fiancé arrive, il frappe à la porte, qu'on ne lui ouvre pas sans qu'il réponde à un certain nombre de questions qu'on lui fait à l'intérieur. Ce dialogue fini, la fiancée se cache, et le jeune homme doit la chercher partout, jusqu'à ce qu'il la trouve et l'emporte en triomphe, se rendant ensuite à l'église. Dans quelques villages des deux Beiras, on rencontre la variante qui suit: Jusqu'au moment de l'acte religieux il n'y a rien de remarquable, mais aussitôt que celui-ci est conclu, la scène la plus étrange a lieu. Les invités, qui composent le cortège de la noce, se présentent, chacun pourvu de grands morceaux de pain bis, qu'ils jettent aux spectateurs, faisant semblant de se défendre contre la persécution du peuple, qui veut enlever la fiancée. C'est un désordre affreux, simulant un vrai combat.

Il serait facile de décrire quelques variantes encore, que j'ai recueillies dans notre pays, particulièrement dans les deux Beiras, et qui doivent paraître systématiquement ordonnées dans un travail complet que je prépare sur ce sujet. *Cependant les traces que nous avons découvertes d'une ancienne organisation familiale chez notre peuple ne se bornent pas à celles qui se rapportent à l'enlèvement de l'épouse*, bien que celles-ci ne soient pas des moins intéressantes. Nous en avons encore d'autres, que je passe à décrire très sommairement.

En faisant des études sur les superstitions populaires portugaises au moyen-âge, j'ai eu besoin de lire un grand nombre de *Constitutions épiscopales*, et à cette occasion j'ai rencontré une prescription qui est restée pour moi, jusqu'à ce moment, à peu près incompréhensible, je l'avoue. *Il s'agit de défendre, sous les peines les plus rigoureuses, aux fiancés la cohabitation avant le mariage. La prohibition se rapporte à un usage persistant et non pas à une simple infraction individuelle aux lois qui président aux relations des sexes, comme on pourra s'en convaincre, du reste*, en remarquant que cette défense se répète un siècle durant, la *Constitution* la plus ancienne qui en fait mention datant de la première moitié du XVI^e siècle, et la plus moderne étant des dernières années du XVII^e siècle. L'usage était commun, d'ailleurs, à tout le pays, puisqu'il nous apparaît invariablement dans toutes ou presque toutes les *Constitutions*, depuis celles de Braga et de Guarda jusqu'à celles de l'Algarve, au sud du royaume. Quelle était donc cette coutume, contre laquelle le clergé catholique lançait son anathème, et qu'il était cependant impuissant à déraciner? Ce n'est pas évidemment un fait

isolé, ainsi que le prouve du reste la permanence de l'usage. On ne peut songer non plus à une protestation de la part du peuple contre le mariage religieux, dans un pays aussi catholique que le nôtre, surtout à cette époque. Quelle était donc la signification de la coutume, dont on ne peut désormais mettre en doute l'existence? Pour ma part, j'avoue que j'ai été longtemps indécis, et c'est avec quelque réserve encore que je présente l'hypothèse suivante: *La coutume me semble être le dernier vestige d'une organisation familiale où il régnait une grande liberté entre les sexes avant le mariage, une organisation familiale enfin plus ou moins polyandrique*. Cette façon d'interpréter l'usage en question reçoit, quant à moi, une certaine confirmation en le rapprochant des deux curieuses coutumes encore en vigueur dans quelques points de notre pays, surtout de la dernière, vraiment notable, et qui doit être regardée comme le commentaire de l'usage que nous venons de recontrer dans un endroit appelé «Madalena», dans les environs de Porto, quelques fiancés observent encore l'usage de cohabiter avant le mariage. Mais où la coutume se présente sous une forme parfaitement caractéristique, à ne laisser point de doute, quant à son importance traditionnelle, c'est dans un petit village aux environs de Lisbonne. Ce village est compris dans la zone ethnographique connue sous le nom de *Saloios* dont la population conserve un grand nombre d'usages antiques et intéressants au plus haut degré. Les jeunes filles qui arrivent à l'âge de seize ans environ, étant encore vierges, y sont l'objet d'une continuelle raillerie, à tel point que pour échapper à cette *honte* elles se livrent avec la plus grande facilité au premier venu qui leur fait la cour, et ces unions éphémères et peu recommandables par le côté de la pureté des mœurs, continuent d'ordinaire jusqu'au moment où la jeune fille devient enceinte. Alors, un nouveau genre de vie commence pour elle. Celui qui se croit le père l'épouse, oubliant son passé. De son côté elle devient en général honnête et dès ce moment rien ne la distingue d'une honnête femme. Ceci ne rappelle-t-il pas d'une manière frappante ce qu'Hérodote nous raconte des femmes babyloniennes, qui devaient, au moins une fois dans leur vie, se livrer, dans le temple de Vénus, à un étranger, moyennant une pièce de monnaie, après quoi elles ne se prostituaient plus, à quelque prix que ce fût? En tout cas, nous avons des motifs sérieux pour attendre des investigations, auxquelles nous nous adonnons à présent, de nouveaux faits qui viennent sous peu confirmer l'existence de traces d'une ancienne polyandrie péninsulaire, dans la dernière couche de la population du Portugal.

Il y a encore un usage, que j'ai rencontré dans quelques endroits de notre pays, d'une grande importance traditionnelle aussi, comme on peut s'en assurer en lisant le livre de Mac Lennan (*op. cit.*, p. 316, 317). A Manteigas, par exemple, petit village dans les environs de Porto, on observe dans les mariages populaires la coutume suivante: Les fiancés ne peuvent coucher ensemble que quatre jours après le mariage. Aussitôt que la cérémonie religieuse est finie, le fiancé se retire dans la maison paternelle et la fiancée s'en va de même chez ses parents, où elle est sous la vigilance de sa mère jusqu'à ce que les jours défendus soient passés. Dans le environs de Covilhã le nombre des jours défendus est réduit à

trois, et ce nombre on le retrouve aussi à Lavos, près de Figueira. A Peral, village situé à quelques kilomètres de Caldas da Rainha, la coutume se retrouve à l'état de symbole, Lorsqu'une jeune fille se marie, les autres jeunes filles et garçons du village vont la nuit frapper à la porte, afin qu'elle ne puisse coucher avec son mari. Ceci se répète pendant les trois premières nuits; ce n'est pas qu'après la troisième nuit que les nouveaux mariés peuvent dormir en paix.

Il y a encore beaucoup à étudier dans les coutumes qui se rapportent aux mariages populaires dans notre pays, et sous la forme de symbole, et comme usages jusqu'à ce jour en vigueur. *J'ai même des raisons pour croire que dans le centre du royaume il existe des traces d'une parenté par les femmes.* On sait que l'histoire des peuples qui n'ont pas d'histoire se reconstruit avec leurs traditions, avec leurs superstitions, leurs coutumes, leur industrie, avec les restes inconscients et incompris d'anciens usages, qui ont eu leur raison d'être, et que l'étude approfondie de toutes ces manifestations de la vie primitive de l'humanité est indispensable, même pour ceux de ces peuples qui, plus tard, ont eu leurs historiens.

Dans cette courte note, je n'ai voulu que décrire quelques usages curieux que j'ai recueillis pendant mes investigations et études sur le *folk-lore* portugais et qui me paraissent éclairer une période de la vie de notre péninsule, pour laquelle nous n'avons pas d'histoire. Mon but a été donc, Messieurs, d'appeler votre attention sur l'importance réelle, que jusque dans le domaine de vos études ont ces recherches sur les coutumes et les usages populaires de la région, à coup sûr, la plus curieuse à étudier de la Péninsule Ibérique. A côté de la science dont les plus illustres promoteurs et les maîtres les plus écoutés sont assemblés ici en ce moment, la science qui s'occupe des origines préhistoriques de notre monde moral demande une place: or, ces origines Messieurs, et ce seront mes derniers mots, sont peut-être contemporaines de ces premières sociétés humaines dont l'étude a rendu vos noms, chers maîtres! impérissables dans l'histoire de la science, c'est-à-dire, dans la plus belle page de l'histoire de la civilisation.

Après la clôture du Congrès l'auteur a eu l'occasion de réunir de nouveaux documents qui confirment plusieurs des hypothèses formulées dans ce mémoire, et qui doivent faire partie d'une publication spéciale.

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA MITOLOGIA POPULAR PORTUGUESA*

Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
Mitologia nacional e própria
Tome enfim o lugar que lhe usurparam

(Garret — *Dona Branca* — Cant, III)

* Originalmente publicadas na revista *O Positivismo* sob o título de «Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa» e, a partir do 7.º fascículo, sob o título de «Tradições Populares Portuguesas (Materiais para Etnografia de Portugal: Mitologia, Cantos, Usos, Costumes, Superstições, Provérbios, Jogos Infantis, Contos, Lendas e Tradições Locais do Nosso País)». Na presente edição preferiu-se guardar o primeiro título, por um lado para evitar confusões com uma obra de título semelhante de Leite de Vasconcelos — «Tradições Populares de Portugal» — e, por outro, porque nos parece que ele traduz melhor as características gerais dos textos de Consiglieri Pedroso.

III

AS SUPERSTIÇÕES POPULARES NA LEGISLAÇÃO RELIGIOSA*

Para o estudo das superstições do nosso povo, e, sob um ponto de vista mais geral, para a constituição de uma «mitologia popular portuguesa» temos duas fontes a explorar. A primeira é a tradição oral. A segunda são os documentos, principalmente os dos séculos XVI, XVII e XVIII. Destas duas fontes é, sem contestação, a primeira, a mais importante, apesar da dificuldade de uma exploração sistemática e de todos os dias ir perdendo de intensidade. Em todo o caso, a tradição oral deve ser sempre a primeira a ser interrogada pelo mitólogo e pelo mitógrafo nas suas investigações, e o resultado colhido nos documentos para merecer inteiro crédito é mister que não contradiga as tendências ou se nos apresente em completa oposição com o espírito da tradição, tal como ela ainda hoje se conserva entre o povo, principalmente nos lugares mais afastados dos centros de civilização. A segunda fonte a que nos referimos são os documentos, que pela ordem de importância se podem dividir em: processos da Inquisição; disposições legislativas; e escritores propriamente ditos. Os processos da Inquisição dão o maior contingente, se bem que só muito imperfeitamente possamos fazer uma ideia dos materiais que nos podem proporcionar, visto que apenas alguns destes processos nos são conhecidos, subindo o número dos que existem no Arquivo Nacional da Torre do Tombo a mais de 80 000! Os escritores propriamente ditos podem, como Gil Vicente ou Sá de Miranda, dar-nos elementos para o estudo do maravilhoso popular, de um modo indirecto e num grande número de casos unicamente por alusões, ou então de um modo mais directo e num único departamento, como os nossos médicos populares dos séculos XVII e XVIII. Enquanto às disposições legislativas, que pela proibição ou pelas penas impostas contra os que usavam certas superstições, nos dão a conhecer a sua existência entre o povo, podem dividir-se em prescrições relativas à legislação

*Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1879/80, 2.º vol.: 221-231.

religiosa e à legislação civil. O mais antigo documento conhecido, da legislação civil, sobre superstições populares, é a célebre postura da Câmara de Lisboa de 1385¹. Como não temos aqui de nos ocupar com *todas* as fontes para o estudo das superstições populares², mas apenas com os monumentos da legislação religiosa, nada diremos desta postura. As *Ordenações Manuelinas* (Liv. v, Tit. 33) e as *Filipinas* (Liv. v, Tit. 3) igualmente se ocupam das superstições do nosso povo copiando, pode dizer-se, textualmente as *Constituições de Évora* de 1534. Passemos à legislação religiosa, objecto especial do presente escrito. Esta legislação achá-se compendiada nas *Constituições dos Bispados*.

Antes porém de apresentar aos leitores o resultado das nossas explorações nesta ordem de documentos, não é fora de propósito indicar um problema, que se liga intimamente com esta legislação no ponto que se refere ao assunto de que tratamos, A *Constituição* mais antiga que se ocupa de superstições é, como abaixo se verá, a do Arcebispado de Évora, de 1534, isto é: do meado do século XVI. Ora, precisamente é esta a que nos apresenta a mais completa lista de superstições, reproduzindo as posteriores mais ou menos esta lista, embora notavelmente reduzida. Não é provável que só fosse nessa época que as superstições populares comesçassem a chamar a atenção dos legisladores, porque a postura da Câmara de Lisboa de 1385 nos prova exactamente o contrário. Onde estão porém os documentos, se é que existem, anteriores a 1534 e análogos à postura acima indicada? É o que ignoramos absolutamente. Talvez se possa encontrar algum nas *Chancelarias* dos primeiros reis, ou nas *Gavetas* do Arquivo Nacional; ou enfim, em algum outro Corpo de Documentos; mas só investigações posteriores podem esclarecer este ponto. Em todo o caso, é ele da mais alta importância histórica. Pela nossa parte temos quase a convicção de que alguma coisa neste sentido deve existir, e nesta direcção temos dirigido as nossas buscas. De todas as passagens que se encontram nos diversos volumes das *Constituições* a mais importante é a bem conhecida das *Constituições de Évora* de 1534³. É uma enumeração de diferentes superstições, quase em forma de lista e de fácil interpretação, não só pela aproximação de idênticas que se encontram em todos os povos indo-europeus, mas pelo confronto com as que nos são ministradas pelos processos da Inquisição e pela tradição ainda viva entre o povo, É como se segue:

«Deffendemos que nenhuma⁴ pessoa de qualquer estado e condiçám que seja: tome de logar sagrado: ou nam sagrado: pedra dara: ou corporaes: ou parte

¹ O original ms. desta postura acha-se no Livro 2.º de el-rei D. João I, fl. 16 e seg. no Arq. d. Câm. Munie. d. Lisboa, e depois transcrito no chamado *Livro dos Pregos*, existente no arquivo da mesma Câmara.

² O nosso colega e amigo Adolfo Coelho prepara um trabalho completo com relação a este assunto.

³ Esta passagem foi pela primeira vez impressa por A. Herculano no volume 4.º do *Panorama* de onde tem passado para diversas outras obras. Por uma citação errada de João Pedro Ribeiro — *Memórias Autênticas para a História do Real Arquivo* sub finem, achámos a *Constituição* original, que Inocêncio não viu e que existe na Torre do Tombo, maço 5 de Leis — n.º 17.

⁴ Por conveniência tipográfica desenvolvemos os diversos breves, conservando contudo a ortographia especial com a excepção do *u* e do *v*, que empregamos conforme a actual ortografia.

de cada huma delias: ou qualquer outra cousa sagrada: nem invoque diabolicos ispiritos em círculo: ou fora delle: ou em encruzilhada: nem dee a alguma pessoa a comer: ou beber qualquer cousa: pera querer bem: ou mal a outrem: ou outrem a elle: nem lance sortes pera adivinhar: nem varas pera achar aver: nem veja em agoa: ou cristal: ou em espelho: ou em espada: ou em outra qualquer cousa luzente: nem em espada de carneiro: nem faça pera adivinhar figuras ou imagens algumas de metal: nem de qualquer outra cousa: nem se trabalhe de adivinhar em cabeça de homem morto: ou de qualquer outra alimaria: nem traga consigo dente: nem baraço de enforcado: nem qualquer outro membro de homem morto: nem faça com as dietas cousas: ou cada huma delias: nem com outra alguma semelhante: posto que aqui nam seja nomeada spécie alguma de feiticeira: ou pera adivinhar: ou pera fazer damno ou proveito a alguma pessoa ou fazenda: nem faça cousa pera que huma pessoa queira bem ou mal a outrem: nem pera legar homem: ou molher pera nom poder aver ajuntamento carnal. E ho que ho contrario fezer poemas em elle sentença de mayor excommunham: e seja preso e posto publicamente com coroça na cabeça aa porta da igreja: e em tal lugar: e em tal dia que todos ho vejam: e mais avera aquella pena que per direito merecer.

«Outro si deffendemos que nenhuma pessoa passe doente per silva ou machieiro: ou per baixo de trovisco: ou per lameiro virgem: nem benzam com espada que matou homem: ou que passasse ho Douro e Minho tres vezes: nem cortem solas em figueira baforeira: nem cortem cobro em lumiar de porta: nem tenham cabeças de saudadores encastoadas em ouro: ou em prata: ou em outras cousas: nem apregoem os demoninhados: nem levem as imagens dalguns santos acerca dagoa: fingindo que os querem lançar em ella: e tomando fiadores: que se ate certo tempo ho dicto saneto lhes nom der agoa: ou outra cousa que pedem: que lançaram a dieta imagem na ágoa: Nem revolvam penedos: e os lancem na agoa pera aver chuva: nem lancem jueira: nem dem a comer bollo pera saberem parte dalgum furto. Nem tenham mendracolas em sua caza: com tençam de averem graças ou ganharem com ellas. Nem passem agoa per cabeça de cam: pera conseguir algum proveito. Nem digam cousa alguma do que he por viir: mostrando que lhe foy revelado por deos: ou algum santo: ou visam: ou em sonho: ou per qualquer outra maneira. Nem benzam com pallavras innotas: e nom entendidas nem approvadas pella igreja: ou com cutellos de tachas pretas: ou doutra alguma cor: nem per cintas e ourellos: ou per qualquer outro modo nom honesto. Nem façam camisas fiadas e tecidas em hum dia: nem as vistam: nem usem doutra arte de feiticeira. E ho que ho contrario fezer poemas outrosi em elle sentença de excommunham mayor: e seja preso e encoroçado como dicto he: e aja ha mais pena que per direito merecer. E todo esto queremos que se guarde e execute assi em homem como molher». (*Constituições do Bispado de Évora*, de 1534, Tit. XXV, Const. prim. *Do genero de feitiços e da pena delles*. Are. Nac. d. Tor. do Tomb. maç. 5 de Leys, n.º 17).

Grande número das superstições indicadas neste documento, como já dissemos, ainda hoje existem entre o povo e delas temos coligido da tradição oral

boa cópia em diversos pontos do País. Assim, um pedaço de corda de enforcado ainda hoje no Minho e em diversos outros pontos se supõe dar felicidade e livrar de catástrofes. Na noite de S. João é bem conhecido em todas as nossas aldeias, e mesmo nos arredores de Lisboa, o costume de passar as crianças quebradas pelos vimes. Temos visto mais de uma vez as raparigas dos nossos campos deitarem nos poços ou afogarem em um copo de água, o seu Santo António favorito, despeitadas por as não ter casado naquele ano, etc. E nas fórmulas e processos da feiticaria actual, apesar de estar num período de plena dissolução, encontram-se todas as análogas das acima indicadas, como a sorte da joeira, a das varas, etc.

Por extensa que seja a lista das superstições apresentada, ainda ela não esgota o que na legislação religiosa se encontra com relação a este assunto. Demo-nos ao trabalho de percorrer *todas* as Constituições que se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa, incluindo as da colecção dos «reservados», e embora a passagem citada seja evidentemente a mais completa, alguma coisa há ainda que respigar nas outras Constituições. Assim, as Constituições do Arcebispado de Braga, de 1693, dizem:

«Por varias vias se pertende adivinhar e alcançar o futuro, como he por feitiçarias, nigromancias, prestygios, arte magica, agouros, sortes, encantamentos, invocação de espiritos malignos e por outros semelhantes modos abominaveis, e reprovados pelo Direito, em modo, que como por cousas suspeitas para a Fé, foram os culpados nellas castigados por Ley Divina etc

Pelo que, conformando-nos com a disposição dos mesmos sagrados Cânones mandamos com pena de excomunhão maior, *ipso facto incurrenda*, que nenhuma pessoa, assim Ecclesiastica, como secular, de qualquer estado, grão e condição que seja, e das mais penas adiante declaradas, use de advinhações, por sorte reprovadas, por encantamentos, por agouros, nem por arte mágica, nem por invocação, ou pacto com o demonio, feitiçarias, nigromancia, ou por outro qualquer modo illicito: nem faça conjecturas pelos alimentos, ou por sonhos, encontro, ou voar, e cantar das aves, e animaes, ou por ossos de finados, ainda que tudo se ordene a remediar alguns males, ou descobrir thesouros, ou furtos: ou para saber alguma cousa passada, ou o que passa, e acontece em outras partes remotas: porque sem ajuda, e obra do demonio, não he possível saber-se. E sob a mesma pena de excomunhão, prohibimos que pessoa alguma, de qualquer qualidade ou estado que seja, use de arte notoria, querendo por observancias vans e supersticiosas cerimoniaes, ainda que seja por meio de orações, jejuns e outras obras pias, e santas feitas a Deus nosso Senhor, com certas palavras, ou sinaes exquisitos, e não usados, alcançar ao certo, e com sciencia particular, o conhecimento das cousas, que estão por vir, ou saber de algum defunto, se está no Céu, se no inferno, ou fallar com elle — a que chamam tirar-lhe a alma — (Cf. in *Proc. do feiteiro Luis de La Penha*, Arch. Nac. d. Tor. d. Tomb. maç. 841 — n.º 8179, *Oração para chamar uma alma*) ou para se livrarem de algum infortunio, ou para não poderem ser feridos em briga alguma, ou para

alcançarem saúde os que estão enfermos... nem faça juizo ou levante figuras pelos movimentos ou aspectos do Sol, Lua ou Estrellas, ou qualquer outra cousa animada, ou inanimada, ou por sinaes do corpo humano, riscas e veas das mãos, ou outras partes, para pronosticar as acções humanas, que pendem do livre alvedrio. . . . E declaramos, que os que pedem aos Egypcios lhes digam sua boa ou má fortuna, peccão gravemente.... Prohibimos.... que nenhuma pessoa d'este Arcebispado tenha agouros, e observe ou note os dias e horas, em que começam os negocios, obras, ou caminhos e serviços, e saem de suas casas, esperando, ou temendo, por essa razão, bom ou máo successo nas ditas obras, caminhos, serviços ou negocios.... Mandamos, sob a dita pena... que nenhuma pessoa faça pacto com o demonio, nem o venere, nem o invoque por algum modo, para algum effeito: nem use de alguma bruxalidade, feitiçaria, ou seja para bom ou máo fim, principalmente usando de pedras de Ara, corporaes, ou outras cousas sagradas ou bentas, para legar ou deslegar, conceber, ou fazer mover, ou parir mulheres, ou usarem de beberagens, ou comidas, ou outra cousa, para querer bem, ou querer mal: nem de outros unguentos, e confeições supersticiosas, para embruxar, ou para qualquer outra cousa, ou effeito máo ou bom. (*Constituições synodales do Arcebispado de Braga* de 1639, Tit. XLIX. Const. i).

Ainda as seguintes passagens aludem a novas superstições não mencionadas nos dois documentos acima transcritos: «Muyto grande offensa fazem a Deos as pessoas que uzão da reprovada arte da feitiçeria, e de adivinhações e dagouros: o que fazem em diversos modos e maneiras, humas applicando cousas sagradas e dizendo palavras da scriptura, e ás vezes da missa e da sacra, misturando as com palavras vãs e do demonio, pera seus danados intentos: ás quais as ditas pessoas enganadas do inimigo, chamão devações: outras fazendo fervedouros com palavras e çeremonas inventadas pelo demonio, e indo a incruzilhadas a buscar e fazer cousas pera suas feitiçarias: outras fazendo bollos e beberagens leitas de çertas confeições e com çertas cerimonias. Outras com palavras e cerimónias correndo carne quebrada e nervo torto, ou cortando o baço a pessoas doentes: outras deitando a jueira ou supo, (Cf. in *Proc. de Luis da La Penha, etc, a sorte da peneira e da tesoura*) com çertas palavras para saber o que lhes não é liçito: outras deitando sortes de chumbo (Cf *Proc. de Luis de Penha etc*) ou de estanho ou de çera derretida, para suas malditas adivinhações: outras fazendo legamentos com cousas inventadas pelo demonio ou seus ministros: outras atravessando corações de aves para reprovados effeitos: e outras mostrando figuras em agoa, ou fazendo encantamentos em diversas maneiras, etc.» (*Constituições do Arcebispado de Goa* de 1568, Tit. 31, const. I).

«... e portanto prohibimos sob pena de excommunhão maior que nenhuma pessoa . . . use de encantamentos, adivinhações, sortes reprovadas ou de outras superstições para causar males, ou os remediar, nem para mandar sobre as tempestades, ou elementos. . . .» (*Constituições synodales do bispado do Algarve* de 1673, Liv. v, cap. 6).

«... Mandamos que ninguém n'este nosso Bispado benza gente, gado, ou outros animaes, nem excommungue, ou exorcize pulgão, ou outras cousas seme-

lhantes, nem use de ensalmos, nem de palavras, ou quaesquer outras cousas para curar feridas, ou doenças, porque tem contudo a experiencia mostrado que muytas pessoas usão de enganos, superstições, palavras e bênçãos reprovadas, observando certo numero delias, como também nas bênçãos, applicando às feridas panos com numero certo de dobraduras, laminas, e outras cousas semelhantes, usando de palavras...» (*Constituições synodales do bispado do Algarve* de 1673, Liv. v, cap. 8).

«... estreitamente prohibimos a todas as pessoas quenem dem mesinhas, ou beberagens para querer bem ou mal; nem para legar ou deslegar⁴». (*Constituições synodales do Bispado de Coimbra*, de 1591, Tit.XXXII, constit. única.).

«Para tirarmos alguns abusos, e superstições, de que os homens uzão por causa de seus intentos particulares, em prejuizo de suas almas, como em furtar as imagens dos santos das Igrejas, e lévalas para suas casas, dizendo, que não as hão de tornar á Igreja, se os santos lhes não derem saúde em suas enfermidades, ou lhes não depararem alguma cousa perdida, hora tomando-lhes fiador sobre isso, hora atando-as com fitas, e outras ataduras, hora levando-as junto da agoa, e fingindo, que as querem deitar nella, e tomando fiadores, que se o santo até certo dia lhes não der agoa hão de deitar a imagem dentro e outras cousas semelhantes» (*Constituições synodales do Bispado de Portalegre* de 1632, Liv. v, cap. 3.7).

«Prohibimos estreitamente a todos os nossos subditos que uzem de palavras, cartas de tocar (Cf. *o proc. de Luis de La Penha*, onde se encontram copias de diversas *cartas de tocar*) e de cousas, que affeiçoem e alienem os homens de suas molheres de seus maridos, e de medicamentos, que tirem o juízo, ou consumão os corpos

E porque alem d'estes delictos, ha outras desordens de algum modo a elles semelhantes, como são rezar á lua e ás estrellas, fazer deprecações aos Santos com certas cerimonias pera tais effeitos, e ainda bons, assentando, que sahirão infalíveis, ter por certas as cousas que se representam em sonhos, fazer observação dos dias pera bons ou máos successos, e conjecturas pelas vozes, ou encontro dos animais, ou pelo cantar, ou voar das aves, e outras cousas semelhantes, chamadas vulgarmente pelos Doutores superstições. . . . Estreitamente prohibimos. . . . que ninguém em nosso Bispado benza gente, gados ou quaisquer animais, nem excommuengue, ou exorcise o pulgão, lagarta, gusanos, ou outra coisa, nem uze de ensalmos e palavras, ou de outra cousa pera curar feridas, e doenças ou levantar a espinhela....» (*Constituições synodales do Bispado do Porto*, de 1687, Liv. V, Tit. III, constit. 3.^a).

«... Comprehende a Superstição diversas especies, segundo os diversos modos, e fins para que se usa delia: A saber, a Idolatria, Adivinhaçoens, Feiticerias, Pactos com o Demonio expressos, e tácitos, e consultas com elle para diversos fins, e outras cousas e observações semelhantes

⁴ A parte que nestas e nas demais passagens está em claro, corresponde a repetições das mesmas superstições, que por brevidade omitimos.

Costuma o Inimigo do genero humano entrar com pés de lãa, como ladrão que quer roubar a casa, e nam ser sentido: E assim debaixo de especie de devoção, e culto Divino mete encuberta sua malicia, e peçonha. E assim acontece na matéria da Superstição, Temos exemplo nos que curão com Benções, com pannos dobrados em certo modo de Cruzes, ou com certo número de Paternostres, ou Ave Marias, e com palavras e algumas da Sagrada Escritura, como se as ditas cousas e palavras tivessem de sy virtude de curar, ou a virtude dependesse de numero certo, ou de certo modo. . . . Póde-se também por exemplo, no que se tem introduzido em dia de São João Bautista, que se colhão as hervas, e levem a agua da fonte para casa, ou se lave a gente, e os animaes nella, antes do Sol nascer, (as mesmas superstições se encontram ainda hoje em todos os pontos do nosso paiz) metendo na cabeça á gente de pouco saber, que redundam em honra, e louvor do Santo: E que depois de nascer o Sol, ou em outro dia, colhidas as hervas em nome e honra d'elle, não terão igual virtude: Ou dizem certas oraçoens, crendo por certo, que no dia, em que as dissessem, lhes succederá tudo bem. E finalmente, se pôde exemplo na missa, que se manda dizer com certo numero de candeas; e que não haja de ter mais, ou menos; ou que hade ser dita por Clérigo, que se chame João, ou de outro certo nome. E na pessoa que traz nominas, nomes, orações ou palavras escritas ao pescoço, crendo que por sua virtude nunca será ferido na guerra, ou nas brigas; ou que não morrerá em fogo, nem afogado ou de morte súbita; e que tudo lhes succederá prosperamente Outra especie de superstição ha:... observar por máo agouro saindo de caça, se encontrar, ou lhe passar por diante certo animal, ou outra cousa semelhante.... Ou entrando em caça, ou saindo, faz mysterio, de ser primeiro com hum dos pés, mais que com outro. . . . » (*Constituições synodales do Bispado de Lamego*, de 1693, Liv. v, Tit. VIII, cap. 1.º e 3.º).

«Pela mesma maneira serão julgados, e castigados todos aquelles que fazem exorcismos para deitarem diabos e os que curão com palavras, e pannos postos em certo numero de dobras, pondo nesta quantidade a efficacia para o effeito; e os que fazem, e usão de anéis, laminas, e medalhas com certas palavras da Sagrada Escritura. . . . » (*Constituições synodales do Arcebispado de Lisboa* de 1640, Liv. v, Tit. III.).

«Item prohibimos, que nos ditos acompanhamentos (dos defuntos), e enterramentos, e nas Igrejas, em que os defuntos se enterrarem, se não consintão pessoas, que vão dando vozes descompostas, ou fazendo extraordinários, e desordenados prantos...» (*Constituições synodales do Bispado da Guarda*, de 1621 — Liv. III, cap. 13.). (Cf. a *Postura da Camara de Lisboa* de 1385 — Liv. 2.º d'Elrey D. João I, fl. 16 e seg. no Arch. d. Cam. Mun. d. Lisboa, e o romance de Gil Vicente à morte de D. Manoel, que começa assim:

Pranto fazem em Lisboa
Dia de Santa Luzia,
Por Elrey D. Manoel
Que se finou nesse dia.)

Como podem os leitores certificar-se pelos documentos que acima deixamos transcritos, a lista das superstições conservadas na nossa legislação religiosa é importante, embora, como o podemos supor e o próprio texto das *Constituições* o deixa entrever não seja essa lista completa. Mas o que desde logo resalta à vista, é que nem todos os capítulos da mitologia popular aí se acham representados. A parte mesmo mais política, mais risonha, digamo-lo assim, do maravilhoso popular falta completamente. É em vão que procuraremos não só nas *Constituições*, mas mesmo nos processos da Inquisição, alguma alusão embora vaga ou indirecta, às fadas, às mouras encantadas, às inúmeras e poéticas superstições, que ainda hoje povoam e com muita mais razão deviam povoar nessa época a alma ingénua do nosso povo. Cerimónias esconjuratórias, e fórmulas para tornar propícios os génios ou as entidades maléficas, é o que constitui a feição característica do maravilhoso, que se conservou na legislação religiosa. Sente-se que a parte mais importante e a mais bela da mitologia medieval do povo português se extinguiu sem deixar vestígios, a menos que a descoberta inesperada de algum ou alguns mss., nos não ponha de posse de novos documentos. Para esta parte, teremos pois como único recurso de nos dirigir à tradição oral, a pedir-lhe os seus tesouros.

Para completar a transcrição das passagens, que nas *Constituições dos Bispados* ministram subsídios para a «Constituição de uma mitologia popular», abaixo damos um trecho das *Constituições* do Bispado de Viseu de 1681, em que se encontra uma classificação das diversas superstições, tal como a compreendiam os legisladores daquele tempo.

«...A primeira sorte de superstiçam, se divide em sinco especies. A primeira, he Idolatria, que he adorar falsos Deoses. . . . A segunda he a arte magica. A terceira, adivinhaçoens. A quarta, a observancia, e crença de cousas vâas E a quinta feitiçaria

.... A magica he hum poder illicito de fazer cousas maravilhosas, com a qual arte mostram os homens este poder em virtude do Demonio: como he, mudando por modo sobre as forças naturais as cousas de seus lugares, ou fazendo-as de novo, ou enganando os sentidos, formando cousas fantasticas, ou fazendo outras semelhantes fora do curso natural, por meio de algum pacto com o Demonio, ou immediatamente feito com o mago, ou com outra pessoa que delle aprendesse tal arte. A adivinhaçam he arte, que consiste em adivinhar pelo poder do Demonio aquellas cousas, que naturalmente senam podem saber, ou pellos elementos, e criaturas, ou partes delias, ou por sortes, e palavras, ou pellos juizes, que lanção pelos aspectos das estrellas, a qual arte chamam judiciaria.

... A vâa observancia he aquelle genero de superstiçam, porque tacitamente se invoca o Demonio, usando de meynos, que nenhuma virtude, nem proporçam tem per a os fins que se pretendem: como usar de certas oraçoens, jejuns, e outras cousas pera alcançar alguma sciencia sem estudo, ou usar de meynos improprios per a dar saúde, como sam palavras, ou bênçãos, ainda que sejam das que se costumão fazer nas enfermidades dos gados ou outros animais. . . . ou adivinhar, e conjecturar por agouros, e sonhos as cousas que estam por vir, ou usar

de nominas, ou falsas relíquias, ou de verdadeiras pera máo fim. A feitiçaria he arte, porque se usa do poder do Demonio pera fazer mal, como usar de bebragens, ou de outros meynos, pera matar, causar enfermidades, legar, ou fazer amar, ou aborrecer, ou com o mesmo poder do Demonio desfazer huns feitiços com outros. . . . » (*Constituições synodales do Bispado de Vizeo*, de 1681, Liv. v, Tit. IX, constituições 1.^a, 2.^a e 3.^a).

Nas *Constituições* nada mais se encontra que deva ser mencionado. É possível que alguma edição rara e não indicada no *Dicionário Bibliográfico* e nos demais catálogos, contenha uma ou outra passagem, onde se encontre alguma nova superstição. Em todo o caso se existe, do que não temos conhecimento, cremos que em nada alterará essa descoberta as feições gerais do quadro que aqui deixamos. O trabalho que imediatamente se seguia, era explicar, não só pelo confronto com os diversos elementos da tradição portuguesa, mas pela comparação com o muito que neste sentido há coligido nos diversos povos europeus e asiáticos, o sentido às vezes obscuro, das diversas superstições enumeradas nas passagens que transcrevemos, Numa palavra, publicar os textos com o respectivo comentário.

Este trabalho, porém, que nós num dia faremos, no caso de o nosso colega Aldolfo Coelho dele não se querer encarregar (e aqui confessamos que ninguém com mais competência do que ele o poderia empreender), não entrava naturalmente na intenção deste primeiro escrito. O título desta *Contribuição* claramente indica o terreno a que devia circunscrever-se. É uma simples colecção de materiais, para, juntamente com outros que sucessivamente iremos desentranhando dos nossos arquivos, e coligindo da tradição oral, prepararmos uma base científica para a «Constituição de uma Mitologia Popular Portuguesa». Muito é necessário coligir, e muitíssimo que investigar, antes que possamos delinear os traços gerais do edificio. Qualquer sugestão aventureira, qualquer hipótese mais levemente formulada, pode, pelo menos, ser um embaraço que mais tarde se torne necessário remover. Por isso, e porque cremos que no momento actual a primeira necessidade e a mais urgente (principalmente em relação à tradição oral, que todos os dias perde de intensidade e se oblitera mais) é acumular materiais, é que em sucessivas *Contribuições* iremos amontoando tudo quanto neste sentido pudermos coligir.

II

AS BRUXAS NA TRADIÇÃO DO NOSSO POVO*

As superstições populares foram por muito tempo consideradas como ridículas aberrações mentais, produtos de cérebros ignorantes e sem instrução, indignas de ocupar, por um momento sequer, a atenção do investigador e do sábio. Quando muito, eram o tema dos motejos da parte dos espíritos emancipados dessas velhas crendices e, se alguma vez a elas se aludia em livros sérios, era simplesmente para mostrar quão baixo podia descer o espírito humano entregue aos seus próprios recursos e desajudado pela luz da revelação. A própria Igreja que, na sua luta com o povo para lhe desarreigar do espírito as crenças do passado, fora obrigada a admitir no seu ritual muitas dessas crenças e superstições, disfarçando-as apenas com novas vestes, promoveu crua guerra contra as que resistiram a essa assimilação forçada, como o provam de sobejo as disposições das *Consituições dos Bispados*, que compediámos num escrito anterior¹, e mais tarde as Sentenças da Inquisição contra todas as manifestações do maravilhoso popular, ainda mesmo as mais inocentes e piedosas na aparência².

E o que se dava com as superstições, dava-se com a poesia, com os usos, com os costumes, com as tradições, com todas as criações anónimas do génio popular enfim, que, não só em Portugal mas em toda a parte, eram sistematicamente postas de banda pela literatura convencional e pedante que, ou procurava o modelo das suas composições num estéril subjectivismo sem realidade, ou na cópia servil das produções da antiguidade clássica. No nosso país mesmo foi esse desprezo do elemento popular o traço mais característico da literatura

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1879/80, 2.º vol.: 269-285.

¹ *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* — I.

² As próprias «Constituições» descem por vezes às maiores minúcias em matéria de heterodoxia. Cf. a proibição das inofensivas devoções a São João nas Constituições de Lamego in *Contrib. p. u. Mit. Pop. Port. I*.

nacional como o provou o nosso colega Teófilo Braga³ nos seus trabalhos sobre a literatura portuguesa. E no entretanto, como muito bem diz o Sr. Adolfo Coelho⁴, «nada mais mesquinho que os produtos da imaginação individual. Um verdadeiro artista, um Ésquilo, um Sófocles, um Dante, um Shakespeare, um Goethe acha na tradição popular todas as formas para exprimir a sua concepção da natureza e da humanidade». E é por isso que os três maiores vultos da nossa literatura, Gil Vicente, Camões e Garrett, conseguiram elevar-se acima da mediocridade que os cercava e criar três obras imorredouras, pela assimilação do elemento popular e tradicional, que cada um tomou como base das suas criações.

Este elemento começou a ser cientificamente explorado pelos irmãos Grimm na Alemanha⁵, quase no princípio deste século (1812-1814); em seguida o movimento propagou-se aos países escandinavos⁶, à Rússia⁷ e hoje, pode dizer-se, não há país da Europa, não há mesmo província ou comarca que, mais ou menos, não tenha coligido os seus cantos, contos, superstições, usos, costumes, festas, provérbios, etc., etc. Na Península Hispânica foram estas explorações verdadeiramente iniciadas em 1853 por Milá y Fontanals⁸, e continuadas ultimamente por Maspons y Labros⁹, ambos da Catalunha. O Sr. Teófilo Braga, de 1867 a 1869 publicou o seu *Cancioneiro e Romanceiro Geral Português* (5 vols.) coligido da tradição oral, onde se encontram sob uma forma mais genuína muitos dos romances já publicados por Garrett. Finalmente, e para mencionar apenas o que tem o intuito de uma colecção científica, no ano passado (1879), o Sr. Adolfo Coelho publicou um volume de contos populares igualmente coligidos da tradição oral¹⁰. O autor do presente estudo anunciou em 1878¹¹ que há anos preparava uma colecção de contos populares que em breve publicaria. Foi essa colecção, parte incluída no volume do Sr. Adolfo Coelho (cf. *Cont. Pop. Port.* pg. vi), e parte reservada para uma nova colecção que o mesmo professor tenciona mais tarde publicar. Segunda colecção temos nós preparada depois disso, para ser publicada quando a ocasião se apresente, e que faz parte

³ *História da Literatura Portuguesa*, passim.

⁴ *Contos Populares Portugueses*, pg. XII

⁵ *Kinder und Hausmärchen*; e depois por J. Grimm e de um modo completo com relação aos demais elementos tradicionais na sua *Deutsche Mythologie*.

⁶ Asbj. og Jörg Moe — *Norske Folke — Eventyr*; Asbj. — *Norske Huldre Eventyr og Folkesagn*, etc.; Afzelius — *Svenska Folkets Sago-Häfder*; Geijer och Afzel. — *Svenska Folk — Visor*, etc., etc.

⁷ Sakharov — *Skazaniya russkago naroda*; idem, *Pyesni russkago naroda*; Snegirev — *Russkiew svoikh poslovitsakh*; Terechenko — *Buit russkago naroda*; Afanasiev — *Narodnuiya russkiya skazki*; etc., etc., etc.

⁸ *Observaciones sobre la poesia popular*, etc.

⁹ Lo Rondallayre. Cuentos populares; Jochs de la infancia; Tradicions del Vallés.

¹⁰ *Contos Populares Portugueses*. Ainda o Sr. A. Coelho publicou duas valiosas contribuições para o conhecimento da nossa poesia popular in *Romania* m, e *Zeitschrift für romanische Philologie* ni.

¹¹ *A Constituição da Família Primitiva*, pg. 12, nota.

de um vasto trabalho de exploração das tradições do nosso povo, a que nos temos entregado há anos. Por agora, alguns resultados dessa exploração farão parte da presente e de subsequentes «contribuições», que outros mais hábeis ou mais competentes elaborarão num sistema completo e harmónico; contribuições que nós próprios iremos todos os dias rectificando, ampliando e corrigindo, à medida que novos materiais no-lo permitam fazer.

O estudo das superstições de um povo, além do interesse nacional propriamente dito, tem um interesse científico de primeira ordem, como contribuição para a etnologia e para o que os Alemães chamam «Kulturgeschichte» — história da civilização¹² —. Os problemas que este estudo sugere são interessantíssimos, e às vezes da sua resolução depende a melhor compreensão de muitas outras questões, já de ordem biológica, já de ordem histórica, que aparentemente pareciam nada ter que ver com eles. Podem estudar-se as superstições com relação à sua formação, e neste caso, observando a coincidência da produção *independente* dos mesmos modos de ver em povos, que se prova historicamente não terem tido contacto, chega-se à compreensão de uma unidade psicológica inicial, que solicitada pelas mesmas ou por idênticas causas, produz constantemente os mesmos efeitos. Este é o lado biológico da questão. (Fisiológico ou patológico com relação ao espírito humano?).

Por outro lado, podem estudar-se as superstições sob o ponto de vista do seu modo de transmissão de uns para outros povos, problema análogo ao da transmissão dos contos populares, e que como este dará, quando resolvido, elementos importantes para o estudo das migrações e das correntes de civilização. Podem finalmente as superstições estudar-se como documentos que mais que nenhum outro contêm vestígios do estado mental da humanidade primitiva, e como tal servirem de precioso comentário para a compreensão de muitos actos e ideias dos indivíduos que hoje mais próximos se encontram desse estado rudimentar. E ainda as superstições de um povo podem ser estudadas sobre outros pontos de vista. Aqui porém, como acontece com os contos populares, ainda não chegámos ao momento das grandes sínteses e das deduções generalizadoras. Por agora, o que há a fazer é coligir tudo quanto existe, e aproximar o que se encontra num povo do que se encontra nos demais, mas sem querer deduzir por ora nada desta aproximação. Quando não houver mais que coligir, quando cada povo, cada raça tiver coleccionado todos os elementos do seu maravilhoso, então é que deve começar o trabalho de um inventário sistemático de tudo quanto existe. Assim por exemplo, é evidente que a existência das mesmas superstições em povos os mais diversos e em geral em todos eles, pode explicar-se de três modos, que enquanto a mim se não excluam em certos casos, mas coexistiram

¹² Cf. J. V. Broberg — *Bidragfråu vår Folkmedicins Vidskepelse till kannedomen om vara äldsta tider, forra afdelningen*, pg. 3; são desta a mesma opinião todos os escritores que se têm ocupado deste assunto desde J. Grimm (*Deutsch. Myth.*). Em meados do século passado já o grande Lineu indicava uma opinião semelhante acerca das superstições. Cf. J. V. Broberg — *ob. cit.* pg. 4 e 5.

realmente em todas as raças humanas. Ou a existência das mesmas superstições é o produto de uma unidade psicológica inicial, que independentemente em toda a parte dá resultados idênticos; ou é o resultado da iniciação operada por um povo que as tivesse produzido, nos demais com os quais directa ou indirectamente tivesse estado em contacto; ou é a consequência de transmissões sucessivas, primeiro de povo a povo dentro de uma única raça, e depois a povos de raças diversas¹³. Como dissemos, acreditamos pela nossa parte, que em certos casos o estado actual das superstições de um povo é o produto destes três factores. Mas em que proporções entre cada um destes factores? É o que ignoramos absolutamente, e só nalguns casos excepcionais podemos aproximadamente conjecturar. Não chegou portanto o momento de nos lançarmos na resolução destes problemas, e serão necessários ainda muitos trabalhos parciais de mestres tão abalizados como Gaston Paris, Ralston, Liebrecht, Kohler, Benfey, Grohmann, Wutke, Gubernatis, Comparetti, etc., etc., em todos os campos do vasto domínio do folclore, para que uma teoria geral surja naturalmente da massa de material acumulado. Nos nossos estudos sobre a mitologia popular portuguesa, limitar-nos-emos por isso a coligir principalmente, aproximaremos mais raras vezes, e não trataremos nunca de explicar. Pelo menos, por agora.

O objecto da actual contribuição é apresentar aos leitores o que o nosso povo crê hoje ou acreditou no passado com relação às «bruxas». Não temos a pretensão de deixar um quadro completo a respeito deste assunto, porque nem estudámos, com relação à Idade Média, todos os documentos que porventura possam esclarecer esta questão, nem tão-pouco no que toca ao presente a exploração da tradição oral se estende a todos os pontos do País, mas apenas a alguns. Tem pois o que vamos escrever o carácter de simples contribuição para um estudo completo e definitivo. Não é também nosso intento fazer a história de uma crença, e das consequências sociais que ela produziu, de que são entre outros um exemplo, alguns dos nossos mais célebres processos de feitiçaria, julgados pela Inquisição. Este trabalho, se bem que interessante no mais alto grau, pertence mais propriamente à História, e além disso, ainda que na linguagem vulgar (não popular) se confunda por vezes «bruxaria» com «feitiçaria», estas duas concepções são diversas, como mostraremos, e correspondem a dois factos, análogos sim, mas nem semelhantes, nem de idêntica extensão. A crença nas bruxas entrou como um dos elementos da feitiçaria em Portugal, mas na feitiçaria entra outra ordem de elementos, que nada tem que ver com esta crença. A feitiçaria mesmo, pelo modo especial como se apresenta entre nós, tem, considerada no seu conjunto, um carácter muito menos popular, do que a crença nas bruxas. Não há dúvida que os nossos feitiçeiros, como pode ver-se pelos processos da Inquisição, admitiram, submetendo-as a uma espécie de sistematização, muitas crenças e superstições verdadeiramente populares. Porém, ao lado delas encontram-se práticas e fórmulas, não só de uma procedência — digamo-lo por analogia com o que se dá na linguagem — *erudita*, mas mesmo completamente

¹³ Cf. James A. Farrer — *Primitive Manners and Customs*, pg. 278.

alheia ao génio nacional. A língua latina é por vezes empregada nessas fórmulas, e ainda quando expressas na língua vulgar, são as reminiscências bíblicas e apocalípticas, que lhes constituem o fundo. Não há dúvida que assim como os notários da Meia Idade copiavam de trespados já feitos, e idênticos ou os mesmos em todos os países, os dizeres dos seus instrumentos oficiais, assim também os feiticeiros, em todos os povos da Europa, tinham modelos tradicionais de que se serviam para as diversas cerimónias do seu culto. Nada mais alheio ao espírito popular, do que, por exemplo, os textos das diversas *cartas de tocar* (talismãs) empregadas pelos nossos feiticeiros¹⁴, o conteúdo de muitas fórmulas, a disposição de diversas cerimónias e invocações. Pelo contrário, a crença nas bruxas é uma superstição genuinamente popular, embora não seja exclusivamente nacional e se encontre, em muitos povos, sobretudo, e sem contar os Latinos, entre os Germanos e Eslavos¹⁵.

A *bruxa* não é tão pouco a *fada*. Esta concepção do maravilhoso do nosso povo tem principalmente uma feição benéfica. As fadas nos contos populares são uma verdadeira providência para os desgraçados e inocentes. Descobrem tesouros, dão riquezas, livram de perigos, casam as órfãs ou as abandonadas com príncipes milionários, salvam as crianças expostas, dão talismãs, etc. Para se apreciar o seu carácter bondoso e simpático vejam-se nos *Contos Populares Portugueses* do Sr. Adolfo Coelho os seguintes contos: *A Sina*, *O Príncipe com Orelhas de Burro*, *Pedro e Pedrito*, *Comera um Bocado de Pão se Tivera Limão...* *A Velha Fadada*.

Em a nossa colecção especial, no conto do *Bezerro de Ouro* (versão de Lisboa) a fada que aí figura é mesmo intitulada a «Fada do Bem».

A *bruxa* é uma entidade muito diversa. Ainda que por vezes, e nos próprios contos populares ela se confunda com a fada¹⁶ o seu carácter é essencialmente maléfico. Nas fadas há um vago eco de uma concepção da justiça. Assim, se castigam, como nas diversas versões da *Gata Borralheira* por ex. (*A Bolinha de Ouro* da nossa colecção) é como punição de um delito, e nunca como manifestação de um sentimento de maldade. A bruxa pelo contrário é um génio malfazejo, e o mal que faz, vai recair sobre os mais inofensivos entes, como acontece com as crianças de mama, às quais chupa o sangue. Não trataremos aqui de investigar se esta concepção das bruxas é o resultado da transformação por que o cristianismo fez passar a reminiscência das antigas sacerdotisas pagãs, depois de ter reduzido os deuses, a cujo culto elas estavam ligadas, ao tipo do Diabo medieval. É provável que o seja. A estreita dependência em que, com efeito, as bruxas estão do Diabo, na concepção popular, é entre outros, um argumento a favor desta hipótese.

¹⁴ Cf. Proc. ms. d. *Luis de La Penha*, Arq. Nac. d. Tor. d. Tomb. maç. 841 — n.º 8179.

¹⁵ Cf. J. Grimm — *Deutsche Mythologie*, e Ralston — *The Songs of the Russian People*.

¹⁶ Cf. entre outros os dois seguintes contos da minha colecção inédita: *As Bruxas Encantadas* (versão de Abrantes) e *A Filha da Bruxa* (versão de Lisboa).

Já acima dissemos que «bruxaria» e «feitiçaria» eram duas expressões que não deviam confundir-se. Do mesmo modo se não deve confundir a *bruxa* com a *feiticeira*. Aqui é mais talvez uma diferença de grau do que uma diferença de essência, que separa estas duas concepções. «Nenhuma pode ser bruxa, sem subir pelos degraus de feiticeira e alcoviteira¹⁷», diz-se numa cópia de um ms. do século xvi. A feiticeira é uma mulher, de ordinário velha e hedionda, que tem comunicação e pacto com o Diabo, sem perder contudo a forma humana, e sem possuir poderes ilimitados ou extra-humanos, a não ser a evocação do seu patrono ou dos seus delegados, e o conhecimento de drogas, ingredientes e feitiços, com que realiza os prodígios da sua arte. Assim, o tipo que Gil Vicente nos apresenta no *Auto das Fadas* e na *Comédia de Rubena*, é o da feiticeira e não o da bruxa. Apesar do maravilhoso de que se cercam, não deixam de ser mulheres, em nada mais do que na sua *ciência*, diferentes do resto dos mortais. Pouco se distanciam das nossas actuais *mulheres de virtude*, a não ser pela extensão dos seus poderes.

A bruxa, porém, tal como ainda hoje nela acredita o povo das nossas aldeias, é muito mais do que isto¹⁸. Segundo a tradição, as bruxas começaram por ser feiticeiras¹⁹, e depois de terem comunicação com o Diabo, este as induz com falsas promessas a serem bruxas, exigindo para isso delas um certo número de votos e juramentos. Estes juramentos são feitos com toda a solenidade sobre um livro negro, no qual não há uma única folha branca. Dois demónios estão um de cada lado da neófita, e um terceiro demónio sustenta o livro aberto sobre o qual ela deve pôr ambas as mãos. A figura sob que estes demónios costumam de ordinário aparecer é a de bode negro. A ela alude Gil Vicente na seguinte passagem, que põe na boca de uma feiticeira:

«Cavalgo no meu *cabrão*
E vou-me a Val de Cavalinhos
E ando quebrando os focinhos
Por aquelas oliveiras, etc.»

(*Auto das Fadas*)

¹⁷ Confissão de humas Bruxas, que queymarão na Cidade de Lisboa, anno de 1559. Pelo Juizo Secular em huma devaça que mandou tirar a Rainha Dona Chaterina. (*Collecção Moreira* — Sentenças mss. da Inquisição, vol. i).

¹⁸ O que vamos dizer das bruxas é, na sua quase totalidade, coligido por nós da tradição oral em diversos pontos do País. No documento que acima citamos em nota: *Confissão de humas bruxas, que queymarão etc.*, tudo quanto se diz a respeito das bruxas o achámos confirmado pela tradição, ainda com novos pormenores, como se verá. De modo que a questão da autenticidade do ms. (que seja dito de passagem não é grande) nada importa para o nosso caso. Em primeiro lugar, porque a tradição oral nos confirmou o que se encontra no ms. Em segundo lugar e por isso mesmo, porque quaisquer que sejam as dúvidas que se levantem com relação ao *valor histórico* da Confissão, o certo é que o ms. representa fielmente a crença popular.

¹⁹ *Confissão de humas bruxas, etc.*

Conforme o documento já citado (*Confissão*, etc.) o interrogatório que então tem lugar, é como se segue: «Promettes e juras de nunca servires, nen adorares outro Deos senão nós? Pergunta-lhe o Diabo. A bruxa responde — Sim, Prometto. «Arrenegas de Deos e do baptismo que recebestes?» — Arrenego «Promettes de nunca deixares de fazer o nosso mandado?» — Prometto. «Promettes de não nomeares o nome de Jesus por nenhum modo nem maneira, e de nunca confessares a verdade, ainda que te confesses?» — Prometto. «Promettes de te apartares de Deos, e de nunca teres amizade com elle, e de lhe fazeres quanto mal poderes?» — Prometto, etc., etc. A este interrogatório chama-se *baptismo*. Em seguida a ele tem lugar o ajuntamento carnal da bruxa com o Demónio que a interrogara. A iniciação descrita por A. Herculano²⁰, ainda que se aplica mais propriamente à *feiticeira* do que à *bruxa*, não difere, contudo, essencialmente da que apresentamos, a não ser pela particularidade de, finda a **cerimónia**, ter a **noviça** que passar três vezes por debaixo do trono onde o Diabo está sentado, e de receber, como símbolo do pacto ajustado, um pandeirinho e um novelo de linha fiado pela *mãe do Diabo*, cuja matéria-prima é o pêlo de bode. É nesta ocasião que o Diabo lhes põe um sinal, ou no dedo mínimo da mão esquerda ou no corpo, ficando daí por diante selado o pacto, e entendendo-se as bruxas com ele por meio de uma linguagem misteriosa e ininteligível para os não iniciados.

Os dias em que se juntam com o Diabo são as quartas e sextas-feiras. Segundo outras versões também às terças (Lisboa). Assim, é uma superstição muito vulgar (idem) defumar as casas às terças e sextas-feiras para se afugentarem as bruxas. Em o relógio dando dez horas da noite, ou antes, untam-se com certos unguentos²¹ e põem-se à janela, dizendo:

*voa, voa,
por cima de toda a folha!...*

Se alguma mais inexperiente se engana e diz:

*voa, voa
por debaixo de toda a folha!...*

chega toda arranhada ao seu destino. Esta invocação é substituída pela seguinte variante nos Açores:

por debaixo dos telhados,
por cima dos silvados!...²²

²⁰ Panorama — vol. iv (1840), pg. 138 seg.

²¹ Garrett refere-se a esta circunstância, quando diz:

«Despertas bruxas de unto besuntadas
Já pelas chaminés fazendo vispere.»

(Dona Branca — m, 3)

²² Francisco Maria Supico — *Almanaque do Arquipélago dos Açores para 1868*, pg. 110.

Apenas pronunciam estas palavras, o Diabo leva-as pelas janelas, chaminés ou qualquer buraco e num momento e voando pelos ares, vai depô-las em certos campos aos quais elas não sabem o nome. Devem aí chegar às dez horas da noite em ponto, por isso que viajam com a velocidade do pensamento. Na *Confissão* já citada, uma das bruxas diz, que lhe parece pela distância que andam, e pelo furioso ímpeto e movimento com que as levam, que poderão ir «a duzentas e mais legoas desta cidade de Lisboa e pôde muito bem ser que nam passem de vai de cavalinhos»²³.

«Sendo nos ditos campos, continua a mesma *Confissão*, disse (a bruxa) que achava lá outra muyta gente de muytas partes: a saber, Portugueses de todo este Reyno, Mouros, Judeos, Francezes, e de outras muytas Naçoens, e diversas linguas, e muytas molheres, e homens Portuguezes, e alguns muyto fidalgos com algumas filhas moças, e fermozas; e algumas levavam couzas de comer, e tanto que lá chegavão muyto com ellas os Demonios, em pouco espaço de tempo dormião com ellas muytas vezes carnalmente. . . . e que elles (demonios) também dormem com moças virgens, as quaes suas Mãys, por serem Bruxas, e outras também bruxas lhe alcovitam, e provocam a que pequem, e durmão com elles, e os mais de sua diabólica Seyta.»²⁴ «Nos campos aonde se ajuntam os demonios, dão aos mesmos homens bruxos molheres muyto fermozas, com que durmão, as quaes eram os mesmos Demonios, que tomavam figura de molheres. Depois de folgarem nos campos, e ajuntamentos com elles (demonios), lhes poem huma muy comprida meza de humas taboas negras, estas em cima da terra, sem toalhas, e sem mais outra couza; e lhes trazem em huns pratos de pao preto, e delles nas mãos muyta somma de Carne de Bode muyto cozida, e delida, e a lançam pelas mezas para que ellas com elles comão. E as que nam querem comer, andam em seus passatempos carnaes, e seus torpes ajuntamentos, pelo campo folgando. A qual comida... fedia muyto a enxofre, e alcatram: e nas mezas estavam por candeas humas tochas como cabos de cordas alcatroadas com breu, e alcatram, que davam hum negro, escuro e fedorento lume. E na cabeceyra da meza estava assentado o seu Mayoral em sua cadeyra de espaldas negra, com hum roupam, com o capüz frizado, e ás vezes o tinha tosado muyto negro e huma barba muyto comprida: e como Rey o adoravam, e obedeciam todos os outros, e o serviam de joelhos, e na mesa serviam muytos daquelles malignos espíritos. . . . E estando nestes desenfadamentos, e folgares, cantava no

²³ Gil Vicente, como atrás vimos (*Auto das Fadas*) menciona este mesmo facto, quando faz dizer à feiticeira que entra no Auto o seguinte:

«Cavalgo no meu cabrão
E vou-me a Val de Cavalinhos
E ando quebrando os focinhos
Por aquelas oliveiras,»

²⁴ *Confissão de humas bruxas, etc.*

campo um gallo preto, que estrugia as orelhas, que devia ser algum Demonio, que sempre cantava á meya noyte a modo de Gallo. E logo num momento se desfêz a festa, e o folgar, e todos os Demonios desaparecem, e os que lá tem suas amigas, e mancebas as tornam n'um momento a trazer do modo que as levaram, ás suas cazas.»²⁵ Garrett por vezes alude a estes conciliábulos das bruxas. Assim, na *Adozinda* diz:

«Agreste, não feio é o sítio,
Medonho, horrível de ver;

Do outro (lado) altivos rochedos,
Como do céu pendurados,
Difundem pálidos medos
Que em funda gruta acoitados
De espectros a povoaram.
— Di-lo toda a vizinhança,
Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
*Ali há nocturna dança.»*²⁶

Igualmente com relação ao cantar do gallo preto, que põe um termo a estes conciliábulos, diz:

«E ai! se o *gallo cantou*, que à fatal hora
Encantos quebram, e o poder lhe acaba.»²⁷

e mais:

«*E o gallo preto anunciou a hora*
Fatal a encantamentos e à possança
Dos espíritos do ar»²⁸

As superstições populares a respeito do gallo preto têm esta origem. Numa versão da Beira Baixa da oração conhecida vulgarmente pelo nome de *Padre Nosso Pequenino*, diz-se:

«Cruz em monte, cruz em ponte,
Nunca o Demo te encontre,
Nem de noite nem de dia
Nem à hora do meio-dia!

²⁵ *Confissão de humas bruxas, etc.*

²⁶ Garrett — *Adozinda*, cantiga II.

²⁷ Garrett — *Dona Branca* — III, 3

²⁸ Garrett — *Dona Branca* — IX, 5.

Já os galos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o Senhor sobe à Cruz,
Para sempre, amen, Jesus²⁹.»

O pronunciar o nome de Jesus tem o mesmo efeito que o cantar do galo preto. Assim «se algum'hora por dezaneto, ou por admiração do que vem, algum Bruxo ou Bruxa nomea o Santissimo Nome de Jesus, logo no mesmo instante os Demonios batem com os joelhos em terra, e dando grandes gritos muyto espantozos, se desfaz toda a companhia no estado em que os colhe.»³¹

«Por comprirem (as bruxas) o voto que tem feyto ao Demonio em o seu bautismo (que he o tempo em que renegam da Fee, como deixamos dito), promettem de fazer quanto mal puderem ao proximo, e embruxavam e matavam muytas crianças, entrando por muytas vezes de noyte, e de dia em companhia do Demonio, o qual sempre lhe assistia, e acompanhava, e vay sempre diante delias, guiando-as aonde ham de fazer o delicto, e quando matam criança he chupando-lhe ellas o sangue pela bocca, o qual ellas, e o Demonio recolhem em certo vazo... e quando lhe chupam o sangue apertam a criança pelo toutiço com tanta força, que a matam, apertandolhe também a garganta, e se he macho, lhe apertem os companhoens em tal maneira, que com certa peçonha, que ellas levam na bocca, que lhes dão o Demonio, lhes acode logo o sangue aonde o chupam e morre logo a criança.

«Outras vezes, que nam tem tanto vagar, nem tempo para tanto a seu salvo os chuparem, e matarem, por muytas vezes ser de dia, ou serem sentidas, por algum reboição que se offerece, comtudo, como lhe tocam com a peçonha, e outras vezes com a vista, ou bafo de muyto perto fica a criança tam atordoada, e apeçonhentada que nam mama mais, e morre em poucos dias

«Matam (as bruxas) as crianças, para do sangue delias fazerem unguentos para se untarem com o sangue dos innocentes, porque o Demonio lhes diz, nam poderem hir aos seus diabolicos ajuntamentos sem se untarem com o unguento do sangue das innocentes crianças.... o sangue sabe-lhe a lama, e nam o fazem por lhe achar gosto, senam pelo dar ao Demonio e o comprazer....».³¹

²⁹ Teófilo Braga — *Cane. Popul.* pg. 172. Ainda pode ver-se a mesma alusão na seguinte passagem da *Oração do Peregrino*, publicada por A. Coelho:

Para que o Diabo me não esqueça,
Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio-dia.
Canta o galo, abre a luz;
Lá vem o anjo da cruz; etc.

(A. Coelho — *Romania* — III 266)

³⁰ *Confissão de humas bruxas, etc.*

³¹ *Confissão de humas bruxas, etc.*

A crença de que as bruxas chupam o sangue às crianças de mama, encontra-se ainda actualmente em todos os pontos do nosso país. Em Espinhal (próximo a Coimbra) ouvimos este ano, contar uma das muitas histórias que existem com relação a bruxas, na qual se apontava o sítio da Ferraria, dali distante meia légua, pouco mais ou menos, como o teatro onde se dera um desses infanticídios, com a particularidade de as bruxas terem ido nas noites seguintes, à meia-noite, soltar gargalhadas de cima de um telhado fronteiro à casa de onde tinham roubado a criança. Esta mesma crença se conserva num sem-número de superstições populares.

Assim: às crianças de mama é costume benzer-lhes o fato e fazer-lhes certas rezas enquanto são pequenas para as livrar das bruxas (Penela). Como a época mais perigosa é, enquanto não são baptizadas, os pais saem durante os primeiros tempos o menos possível com elas, e baptizam-nas logo no fim de alguns dias (Penela). Também pelo mesmo motivo é costume pôr-se uma luz na casa onde está a criança, (antes de baptizada) não devendo apagar-se nem de noite nem de dia (idem). Em certos sítios do Algarve a gente do povo, enquanto uma criança não entra no grémio da Igreja, chama-lhe Inácio ou Inácia, conforme o sexo, para as bruxas lhe não fazerem mal. E ainda enumeramos as seguintes superstições correntes entre o nosso povo, para bem claramente demonstrar, como esta é uma das crenças mais arreigadas no espírito popular:

O primeiro cabelo que se corta a uma criança não deve deitar-se fora, para que as bruxas não façam nele alguma bruxaria.

Para livrar as crianças das bruxas deve pôr-se-lhes debaixo do travesseiro, enquanto dormem, uma tesoura aberta em forma de cruz. No Minho além da tesoura é de preceito pôr ramos de alecrim e arruda.

Quando uma criança adoece, deve pendurar-se-lhe logo ao pescoço um rosário de cabeças de alhos enfiadas num cordel, para se livrar das bruxas e feiticeiras.

Além disso, deve uma criança trazer sempre uma figa ao pescoço, para o mesmo fim, e fazer uma figa quando passa junto de uma velha, daquelas que o povo chama *bruxas*.

Quando se comem os ovos devem partir-se as cascas para que as duas metades não fiquem inteiras. Se ficassem, as bruxas serviam-se delas para irem embarcadas até à Índia, chupar o sangue das crianças ou fazer outros malefícios.

A esta superstição alude Garrett na seguinte passagem:

«D'espertas bruxas de unto besuntadas
Já pelas chaminés fazendo vispere,
Já indo às dúzias, em casquinha d'ovo
À Índia de passeio numa noite...
E ai! se o galo cantou, que à fatal hora
Encantos quebram, e o poder lhe acaba»¹².

¹² Garrett — *Dona Branca* — Cant. m, 3. Cf. F. Liebrecht — *Zur Volkskunde* pg. 375. Na Holanda existe a mesma superstição, com a diferença que a Índia é substituída pela Inglaterra, e ainda em outros povos. Cf. Liebrecht. *ob. cit.* pg. 375.

Quando uma criança está doente e que se desconfia que foi bruxaria que lhe fizeram, põe-se-lhe o fato a cozer dentro de uma panela ou caldeira, com água. Imediatamente a bruxa que lhe fez mal vem ter a casa, e então obriga-se a desfazer todo o mal que fez. (Oliveira do Hospital).

Ainda a imaginação popular representa as bruxas sob outras formas. Assim umas vezes são mulheres vestidas de branco, que a altas horas da noite dançam nas encruzilhadas, ou vão aos regatos lavar roupa; (cf. o conto *Pedro e o Príncipe?*, da minha colecção inédita). Outras vezes vão em forma de patos banhar-se a esses mesmos regatos (Minho). Confronte-se a seguinte passagem de uma sentença da Inquisição: «A ré, (uma bruxa) *depois de se banhar com outras mulheres junto a um rio*, por orden do Diabo, que ia com ella, tinha com elle ajuntamento carnal, depois do que algumas vezes o mesmo diabo a levava a alguns sítios sem ser vista, nem sentida, e ahi fazia os males que o Demonio lhe ordenava.»³³

Também com relação ao modo como se produzem as bruxas, o povo ainda acrescenta mais alguns pormenores além dos que já apresentámos extraídos da *Confissão*, etc. Em Lisboa, por ex., encontra-se a seguinte crença, que coligimos:

Uma mãe, que tem sete filhas a fio, sem intervalo de nenhum filho varão, a sétima é bruxa. Há só um meio de evitar isto, que é: ser a mais velha das irmãs madrinha da última (a bruxa), e pôr-se-lhe no acto do baptismo o nome de «Maria» ou outro qualquer da família sagrada.

Uma crença idêntica se encontra a respeito dos lobisomens, que também se geram, segundo a frase popular, quando nascem sete filhos a fio numa família, devendo, para se evitar tal destino, o sétimo filho receber o nome de Bento.

Nas encruzilhadas, onde se juntam nas suas horríveis danças, acendem as bruxas luzinhas, que de longe se vêem a tremeluzir. Por isso em Celorico da Beira, a gente da terra quando vê nos montes vizinhos as fogueiras acesas dos pastores, diz que são as bruxas³⁴.

Se algum viandante (Lamego) vê as bruxas de noite, patinhando nalgum ribeiro, é atormentado todo o caminho por dores de cabeça, calafrios, vômitos, etc., devendo trazer, para evitar estes accidentes, um dente de alho na algi-beira ou uma figa ao pescoço.

O aparecimento de uma bruxa, principalmente quando pronuncia certas palavras, pode fazer gerar espontaneamente um lobisomem (Lamego).

³³ Sentença ms. da Inquisição de Coimbra contra Maria Antónia, etc. por ter pacto expresso com o Diabo, e ser com ele casada. (*Moreira* — Sent. mss. da Inquisição. Vol. I).

³⁴ Apesar de falar em «fadas», cremos que Gil Vicente alude à mesma crença na seguinte passagem:

«Ni las hadas hechiceras
Mostrarán fingidos fuegos
De serpientes»

(*Auto dos Quatro Tempos*, vol. I, pg. 89, Edic. Hamb. 1834).

Em Braga, quando se encontra uma bruxa, para ela fugir, deve fazer-se uma cruz, e cruzando as pernas dizer:

Tu és ferro
E eu sou aço,
Tu és o Diabo
E eu te embaço³⁵.

As bruxas quando querem saber qualquer cousa, vão, em sendo meia-noite, ao meio de uma rua, e batem as palmas, chamando três vezes: Diabo! Diabo! Diabo! Depois, apenas o Demónio lhes aparece, apertam-no entre as pernas e perguntam-lhe o que desejam saber.

Ainda coligimos mais as seguintes superstições com relação ao mesmo assunto:

Às terças e sextas-feiras é costume defumar as casas ao meio-dia e à noite, para se afugentarem delas as bruxas (Lisboa).

Quando se encontra um alfinete fora de casa caído no chão, deve dar-se-lhe um pontapé e não se apanhar, porque é alfinete de bruxa (Lisboa).

Na noite de São João (Oliveira do Hospital) o feto real larga a flor à meia-noite. Esta flor tem muitas virtudes, mas é muito difícil o aproximar-se dela, por causa das bruxas que a guardam cuidadosamente.

Nos Açores existem com relação às bruxas as mesmas crenças que no continente. Ali também elas «são temíveis; têm poder quase ilimitável; consultam-se de noite a desoras, nos lugares ermos; viajam com a velocidade do pensamento; a invocação *por debaixo dos telhados, por cima dos silvados*» — as leva à Índia, onde vão, e donde vêm numa só noite; preferem reunir-se nos areais e os de Rosto de Cão, e Vila Franca do Campo, são por isso afamados! Escondem os feitiços à borda do mar, e os padecimentos da pessoa enfeitiçada estão na razão directa do preia-mar ou baixa-mar. Manifestam-se ao longe como luzes dançantes. São remédio contra elas o sino-saimão feito com terebentina no interior das portas das casas, a roupa vestida dos avessos, e estas palavras santas acompanhadas de persignação: *coronguena, santa cruz, mechiconto, jeque, domenada, domenatata, subistisanto*³⁶.

Na poesia popular, também as bruxas aparecem com a mesma feição maléfica. Numa cantiga, por ex. a São João (Porto), diz-se o seguinte:

S. João adormeceu
Nas escadinhas do coro,
Deram as bruxas com ele
Depenicaram-o todo³⁷.

Da mesma forma os contos populares nos apresentam vestígios desta crença. Não há dúvida, de que nalguns é apenas o nome que aí figura erradamente aplicado às fadas, como acima dissemos. Noutros porém são realmente as bruxas,

³⁵ *Almanaque d. Lemb.* 1870, pg. 140.

³⁶ Vid. acima. Ainda que nesta passagem se confunda *bruxas* com *feiticeiras*, não há dúvida que se trata das primeiras e não das segundas.

³⁷ Francisco Maria Supico — *Almanaque do Arqu. dos Açores, para 1868*, pg. 110.

³⁸ Da minha colecção inédita de cantigas populares. Foi-me dada esta quadra, juntamente com uma riquíssima colecção que brevemente verá a luz, pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Elvira de Macedo Damásio, de Santo Ovídio, que a nosso pedido tem tido a benevolência de coligir valiosos materiais da tradição oral.

Da mesma forma os contos populares nos apresentam vestígios desta crença. Não há dúvida, de que nalguns é apenas o nome que aí figura erradamente aplicado às fadas, como acima dissemos. Noutros porém são realmente as bruxas, que representam o elemento maravilhoso, como por ex. nos contos *Mais Vate Quem Deus Ajuda, que Quem muito Madruga*³⁹, e *Pedro e o Príncipe*⁴⁰. Vejam-se mais os seguintes contos: *Branca-Flor*⁴¹, *Os Meninos Perdidos*⁴², *Pedro e Pedrito*⁴³ e *A Filha da Bruxa*⁴⁴, *As Bruxas Encantadas*⁴⁵, etc.

Finalmente ainda a mesma crença se conservou nas seguintes expressões vulgares da nossa língua: «Menino Jesus na mão das bruxas», significando uma pessoa inocente e de boa-fé no meio de gente maldosa, que a engana.

«Chupado das bruxas», que se diz de alguém que está muito magro e amarelo.

«Ver bruxa», ou «andar numa bruxa», que se diz de alguém, que passa ou a quem fazem passar maus tratos.

E a expressão «Oh! que bruxa» usualmente empregada, para designar uma velha muito feia.

Assim como os dois seguintes aforismos poéticos usados nos nossos campos:

«Quando faz sol e chove, estão as bruxas a pentear-se em Campo Maior».

«Tempo a alforrar, feiticeira a se casar»⁴⁶.

Em Lisboa há ainda uma rua, cujo nome é derivado da mesma crença popular. É a *Travessa das Bruxas*, ao pé de S. Vicente.

Por agora, nada mais temos coligido que junte novos pormenores, ao que deixamos acima transcrito. É possível e mesmo muito provável que tanto o estudo dos mss., como uma exploração em mais larga escala da tradição oral, estendendo-se a todos os pontos do País, nos ministrem novos subsídios para um trabalho definitivo sobre as *bruxas* em Portugal. Quando tivermos à mão esses futuros materiais, não pomos dúvida em escrever de novo a presente memória, que não tem mais pretensões do que contribuir para a sistematização científica do nosso maravilhoso popular, com tanta penetração e tão grande amor evocado pelo ilustre autor de *Dona Branca*⁴⁷.

³⁹ Versão de Abrantes da minha colecção inédita de contos populares.

⁴⁰ Versão de Lisboa, *idem*.

⁴¹ Coelho — *Contos Populares Portugueses*, pg. 25.

⁴² Coelho — *idem*, pg. 67.

⁴³ Coelho — *idem*, pg. 118.

⁴⁴ Da minha colecção inédita.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ F. M. Supico — *ob. cit.*, pg. 106.

⁴⁷ É desnecessário fazer notar que não tivemos em vista estudar, sob um ponto de vista histórico, a superstição ou a crença popular nas «bruxas». Quisemos apenas reconstituir uma crença, com os elementos dispersos da tradição, e não apresentar o quadro do seu desenvolvimento, e as circunstâncias da sua perseguição pelo poder religioso e civil. Este aspecto da questão pode estudar-se, para Portugal, nos numerosos processos das nossas três inquisições, — Lisboa, Coimbra e Évora — e mesmo nos da de Goa, se bem que nesta última há o perigo da invasão de elementos alheios à tradição portuguesa, propriamente dita. Os processos das «bruxas» e feiticeiras começaram em toda a Europa na segunda metade do século xv, e duraram até ao século xvii, e ainda ao século xviii em Portugal por exemplo. Na Alemanha o *Malleus maleficarum* de Sprenger foi o modelo desses processos. Veja-se para a Alemanha a obra de Soldan, *Geschichte der Hexenprocesse* 1843, e para a Rússia na obra de Afanasiev, *Poeticheskiya vozzryeniya slavian naprirodu*, vol. III, o capítulo XXVII, pg. 596 a 658 intitulado: *Protsessui o koldúnakhi i vied'makh* (Processos de bruxas e feiticeiras).

III

ALGUMAS SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS POPULARES RELATIVAS À NOITE E AO DIA DE SÃO JOÃO*

Graças à importância, que nestes últimos tempos adquiriu em mitologia comparativa a célebre hipótese, conhecida na ciência pelo nome de «teoria solar», é desnecessário recordar aqui o papel importante, que o Sol nas suas diversas relações com a Terra exerceu na actividade intelectual dos nossos longínquos antepassados, não só do ramo árico, mas mais ou menos de todas as outras famílias humanas. A par de muitas exagerações da afamada teoria, ou pelo menos de alguns dos seus mais ousados adeptos, a determinação desta influência é um facto positivo, adquirido para o pecúlio dos nossos conhecimentos, e de um sério valor científico, quando contido em sensatos limites. Não nos parece razoável explicar tudo, mesmo o que não tem explicação no estado actual da ciência, pelo mito solar¹. Enquanto a nós, este processo em demasia cómodo e expedito num grande número de casos, precisa para ser aceite de justificar-se pela filiação histórica, único critério seguro nesta ordem de investigações. Ora isto nem sempre acontece, como os nossos leitores o sabem. Mas por não sermos dos que acham evidentes todas as explicações hoje apresentadas pela «teoria solar», não quer isto dizer, que nos recusemos a aceitar aquelas que realmente o são. Assim, concordamos plenamente em que os dois movimentos aparentes do Sol — o de rotação e o de translação — e os fenómenos terrestres que são consequência destes dois movimentos, tendo tido uma importância capital na existência da humanidade primitiva, formam o fundo de muitos mitos, de muitas lendas, e de muitos usos, perfeitamente adequados ao meio que os produziu, e hoje decaídos em incompreensíveis superstições e ainda mais do que incompreensíveis, por vezes ridículas e absurdas.

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1879/80, 2.º vol.: 325-347.

¹ Cf. os meus *Ensaio Críticos* — I — A «mitologia das plantas» de Angelo de Gubernatis.

Assim nos velhos cultos naturalísticos, que representam um subsolo de grande consistência com relação a muitas crenças e usos actuais, as cerimónias que simbolizavam o giro das estações, que por seu turno simbolizava na imaginação do homem primitivo o drama quotidiano da luta entre o dia e a noite, ocupavam um lugar proeminente, diremos mesmo, quase exclusivo, Daí, naturalmente, duas grandes celebrações ou festividades populares, (melhor seria chamar-lhes «universais»): a saída do Inverno, isto é: a chegada da Primavera, do Verão, da estação fertilizador a, por excelência; e a saída do Verão, isto é: a chegada do Inverno, da estação de torpor, a época da morte de toda a natureza. Em ponto mais pequeno, esta dupla celebração dava-se todos os dias. Não há mais do que abrir o Ríg-Veda, e a cada passo ali se depara com as jubilosas exclamações do Ária à aproximação do Sol nascente que vem trazer à Terra luz, fertilidade e vigor, e com as tristes despedidas, cheias de fúnebres pressentimentos, que, passadas horas, ele envia ao astro do dia prestes a perder os seus doirados raios e a começar a sua peregrinação nocturna. A época da celebração das duas festas anuais varia segundo os diversos povos, mas oscila em volta de dois pontos extremos, que representam os dois momentos de transição — o solstício de Verão e o solstício de Inverno — coexistindo ainda assim ao lado destas, mas com um carácter secundário, festas populares referidas às diversas posições intermédias que qualquer das principais acima mencionadas conservava nos diferentes povos. Assim, temos a festa de Maio, temos a Quarta-Feira de Cinzas e a morte do Inverno, temos festas do Outono, etc., etc. mas apenas com um carácter mais ou menos local, sem a importância das outras duas. O herói é sempre o mesmo, quer se chame Adónis, ou Lino, ou Baldur; é o Sol, o jovem deus que na força da vida e em meio da sua carreira é ferido pela morte para tornar a ressuscitar.

Afanasiev, referindo-se à representação deste fenómeno natural na imaginação infantil do povo, diz o seguinte: «O Sol, atingindo a plena manifestação da sua força criadora, inclina-se para a Terra, e cada dia vai perdendo mais e mais o seu vivificador brilho; os dias começam a decrescer, e a noites a aumentar. Esta volta (*povorót*) do Sol, isto é: a sua ida para a longínqua carreira hiberna, é acompanhada de celebrações populares, coincidindo com o dia de São João Baptista (24 de Junho). A chama das fogueiras, feita na véspera deste dia, é uma representação simbólica do abrasador sol de Junho, etc.»

É esta a verdadeira significação do costume. Não nos parece por tal motivo fundamentada a explicação que dele dá o nosso ilustrado colega e amigo Teófilo Braga, quando diz: «Igual fenómeno etnográfico se dá com as festas e cantos da noite de São João, que existiam nos costumes góticos e se reforçaram em presença dos Árabes. O São João era uma festa dos Germanos e Escandinavos, que variava do equinócio da Primavera ao solstício do Outono; a Igreja Católica não podendo banir completamente este costume das raças do Norte,

² Afanasiev — *Poeticheskiya vozzryeniya slavian na prirodu* (ideias poéticas dos eslavos acerca da natureza), vol. III pg. 710.

³ *Epopéias da Raça Moçárabe*, pg. 45 e 46.



santificou-o com o nome do precursor de Cristo. Na Alemanha e na Bélgica ainda se chamam às fogueiras que o povo acende nesta festa, *osterfeuer*, porque antes da condenação do catolicismo a festa do solstício se chamava de *Eoster*, por isso que se acendiam fogueiras de alegria em honra de *Freya*. No Concílio de Agda do século VI, já as fogueiras de Freya se diziam feitas em honra de São João. Os Vândalos, que chegaram até África, para ali levaram a mesma festa, de que o catolicismo romano se apropriou introduzindo-a no Calendário de Carthago. Em todas as províncias do Reino ainda estão no seu vigor as fogueiras de São João, e em bastantes romances populares se alude a esta festa de Freya, pela fatalidade de uma reminiscência da extinta poesia gótica.»

A celebração do solstício de Verão não é uma festa exclusivamente germânica, nem mesmo exclusivamente indo-europeia, ainda que é entre os Árias onde ela hoje se encontra em maior vigor. Que não é o resultado entre nós de uma transplantação germânica simplesmente, prova-o ainda de um modo indirecto, mas eficaz, a existência da mesma celebração entre os Esclavos, onde ela tem tanta ou mais vitalidade do que na própria Alemanha, e onde está perfeitamente assimilada às velhas crenças nacionais⁴.

Deixando para outra ocasião discutir especialmente o assunto, que apenas indicamos nas linhas que precedem, vamos desde já passar a apresentar aos leitores algumas crenças e superstições do nosso povo, que se ligam com a festa do São João, objecto immediato do presente escrito.

Garrett, o inspirado denunciador das nossas poéticas tradições nacionais, por mais de uma vez alude, como abaixo veremos, às crenças e às lendas que acompanham com uma adorável ingenuidade a celebração desta festa na liturgia popular. Em nota a uma passagem a *Dona Branca*, diz o seguinte: «É crença popular entre nós, que na noite de São João todos os encantamentos se quebram: as moiras encantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam nessa noite sua bela e natural presença e vão pôr-se ao pé das fontes,

⁴ Pode ver-se em Afanasiev — *Poeticheskiya vozzryeniya slavian naprirodu*, vols. I, pg. 212 e 744; II, pg. 376-377; III, pg. 470-471, 710-724 e 728; assim como em Ralston — *The Songs of the Russian People*, pg. 239-246, a verdade do que avançamos. Uma prova do fundo indo-europeu (na hipótese actual escusamos de ir mais longe) da festa do São João é ainda a seguinte: É sabido que os Gregos representavam a constelação de Sírío sob a forma de um cão furioso — *tò kynastron* i.e. a constelação do Cão, para simbolizar a força destruidora (por excesso de vitalidade) do sol de Estio. Pois entre os Esclavos (russos) a festa de São João é designada pelo nome de *Kupálo*, e esta palavra provém de uma raiz *kup*, que tem segundo o Prof. Buslaev a dupla significação de brilhar, ser rápido, ser veemente ou ardente. (*Vid.* Afanasiev — *Poeticheskiya etc.* III pg. 713. Cf. Ralston — *The Songs etc.*, pg. 239). Em sânscr. *kup* = «incender-se em ira ou agitar-se por comoção»; cf. lat. *cupio*; ingl. *hope*; e al. *hoffe*. Trataremos deste assunto, de que apenas aqui falamos por incidente, com o desenvolvimento requerido, quando um dia escrevermos a *Mitologia Popular Portuguesa*, para que estamos contribuindo com estudos parciais e que conterà sob uma forma elaborada o resultado das nossas presentes e futuras investigações. É desnecessário mais uma vez acrescentar que aguardamos como elemento indispensável para este *desideratum*, a publicação importante que muito brevemente sobre o mesmo assunto tenciona fazer o nosso colega e amigo F. Adolfo Coelho, o mais perseverante collector até hoje das nossas tradições populares.

⁵ *Dona Branca*, cant. m, 3.

ou à borda dos regatos a pentear os seus *cabelos de oiro*. Os tesouros sumidos no fundo dos poços vêm à tona de água, e mil outras maravilhas sucedem em tão milagrosa noite». Abaixo nos ocuparemos com mais detalhe da poética crença nas mouras encantadas.

A festa de São João é, com efeito, a mais vital e a mais brilhante de todas as nossas solenizações populares.

No Norte e no Sul do Reino, nos campos, nas aldeias e nas cidades, incluindo Lisboa, igualmente ela se manifesta pelos mesmos folgares, misturados por vezes com a mesma melancólica tristeza, como o duplo carácter naturalístico da festa — a celebração do mais alto grau de vitalidade do fecundador por excelência, o Sol, e ao mesmo tempo a comemoração da sua entrada simultânea na triste peregrinação do Inverno.

Na noite que precede o dia do solstício (24 de Junho) isto é: no dia 23, é costume entre nós, do mesmo modo que entre os demais povos latinos e germânicos⁶ e os eslavos⁷, acender fogueiras que, fora das cidades, se dispõem de preferência nas colinas. Estas fogueiras, principalmente nos campos, são feitas com a rama de diversas árvores ou arbustos; no Algarve em alguns sítios são de alecrim, planta que, como se sabe, tem grandes virtudes contra toda a espécie de malefícios na nossa medicina popular. Nalgumas aldeias do Minho esta fogueira é feita em volta de um pinheiro, que nesse dia se planta entre as casas, É ao que se chama *galheiro*.

Em Coimbra as fogueiras são também feitas em volta de um pinheiro enfeitado todo de louro.

No Algarve é costume na noite de São João dançar-se em volta do mastro de murta florida, enfeitado de madressilva e capelas-de-são-joão, junto da fogueira de alecrim⁸. É em torno destas fogueiras, centro simbólico de toda a

⁶ Cf. J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, 4.^{te} Auf. Como já acima dissemos, não fazemos por agora um trabalho comparativo sobre a nossa mitologia popular, mas coligimos apenas os materiais que mais tarde deverão ser submetidos a um rigoroso exame. Por isso, e fica dito uma vez por todas, não aproximamos o que em outros povos existe, do que sucessivamente fomos desco-brindo no nosso. Saiba-se apenas que a identidade é completa, apenas com a diferença da cor local. Cf. por ex. pg. 51 ob. cit. (o saltar das fogueiras); pg. 440, *Anhang* (virtude das ervas colhidas na madrugada de S. João) etc., etc..

⁷ Cf. Afanasiev, *Poeticheskiya vozzryeniya slavian na prirodu*, vol. III pg. 714-715, (o saltar das fogueiras); pg. 716, (as orvalhadas); pg. 716, (virtude das ervas colhidas na madrugada do dia de São João); pg. 717, (a dança do Sol no dia de São João); pg. 718, (as três voltas que o Sol dá no dia de São João ao nascer — variante que se encontra entre os Sérvios e que corresponde exactamente a uma variante que nós próprios coligimos nos arredores de Lisboa). Na obra monumental de Afanasiev, ainda mais do que no livro clássico de J. Grimm, se pode seguir passo a passo o paralelismo perfeito entre as crenças e superstições do nosso povo, mesmo nos seus mais insignificantes detalhes, e a dos povos germanos e eslavos; e o que é notável é que são os Eslavos os que sob este ponto de vista têm connosco mais pontos de contacto, uma prova de que com efeito, a festa do São João não é entre nós o resultado de uma simples importação germânica.

⁸ Estácio da Veiga — *Romanceiro do Algarve*, pg. 33.

feira, que se reúne a mocidade de ambos os sexos para os seus bailados e descantes. Para os rapazes é de preceito o «saltar» por cima das chamas, sendo mesmo geralmente conhecida esta festa popular entre nós pela denominação de *saltar das fogueiras*. Este detalhe, com efeito, é essencial da cerimónia, e de um carácter bastante primitivo, porque se encontra com a mesma persistência entre os Germanos e Eslavos. Têm as fogueiras além disso uma influência benéfica sobre a saúde e o poder de afugentar os malefícios e ainda outras virtudes. Assim nalguns sítios as mães passam por elas as crianças doentes para sararem, e mesmo as sãs para não adoecerem⁹. Também às fogueiras do São João se liga no maravilhoso popular a ideia de um poder de penetração do futuro, principalmente no que toca aos mistérios do amor, que nessa noite de excepcional pureza se patenteiam sem véu aos ansiosos olhares da mocidade cheia de vida e esperanças. Em Lisboa e nos arredores, por exemplo, as raparigas, depois de se extinguirem as últimas labaredas da fogueira, no borralho que fica, metem cinco réis. No outro dia vão buscar o dinheiro e dão-o ao primeiro mendigo que aparece, cujo nome é o nome do homem com quem casarão. Mas de todas as superstições deste género com relação à fogueira a mais poética é sem dúvida a da «alcachofa»¹⁰.

Toda a rapariga solteira, na noite de São João queima à fogueira uma alcachofa florida, dizendo estas palavras: *em louvor de São João, a ver se o meu amor me quer bem ou não*, e dedicando-a secretamente ao namorado, que pela sua parte faz o mesmo. Esta alcachofa com a flor assim queimada é cuidadosamente levada para casa e posta ao relento. Deve recolher-se de madrugada antes de o Sol nascer, e se floriu de novo durante a noite é um sinal de felicidade e que o namorado ou namorada corresponde ao afecto que lhe é dedicado; no caso contrário, isto é, se se conserva queimada, é o pressago indício de um amor infeliz. A força com que floresce, representa além disso a intensidade da paixão.

Na *Noite de São João*¹¹ vem esta crença popular descrita pela seguinte forma:

Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Assim queime a saudade
Que no peito me arrebenta.

⁹ Em S. Tiago de Cabo Verde as cinzas das fogueiras de véspera de São João são preservativo contra várias moléstias e têm a virtude de acalmar a tempestade. (Alm. de Lemb. 1872 — *Prejuízos Populares na Ilha de S. Tiago de Cabo Verde*).

¹⁰ Garrett (*Romanceiro* — i, nota à *Noite de São João*) estava evidentemente mal informado, quando a respeito desta superstição, pode dizer-se geral em todo o país, disse o seguinte: «A superstição da alcachofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez daquelas de dia de Maio, que o católico senado municipal votou e prometeu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre». No entretanto, informam-me de que no Porto o uso é desconhecido.

¹¹ Garrett — *Romanceiro*, I.

Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavaleiro abrase
A chama de amor violenta.

Sacudi do alto do céu
Vossa capela de flores,
Que neste ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Em Alenquer¹², e ainda noutros pontos, esta superstição apresenta a seguinte variante: queima-se à fogueira da véspera de São João a «erva-pinheira»¹³, e depois leva-se para casa e pendura-se à cabeceira. Se reverdece é a pessoa (rapariga ou rapaz) correspondida no seu amor, se não reverdece, pelo contrário, não é.

Ainda na Beira se encontra uma terceira variante: na noite de São João colhe-se uma folha de figueira, passa-se três vezes pelo fogo (da fogueira?) e põe-se no quintal ou no telhado ao relento. Se de manhã está orvalhada é a pessoa correspondida no seu amor, se não está, não é¹⁴.

Também é uso, principalmente nas grandes povoações, e em Lisboa de todo o ponto geral, o queimar-se à fogueira e em toda a duração da festa, fogo preso ou do ar em grande quantidade. Este costume igualmente é popular na festas de Santo António (13) e nas de S. Pedro (29) e S. Marçal (30), que entre nós são como que um desdobramento e uma repetição da festa principal.

Depois da fogueira, tem lugar a vigília, porque nessa noite abençoada, nessa «noite mais clara que o dia»¹⁵ é de preceito ninguém se deitar. Este uso é geral em todo o País. «De todas a festas populares do Algarve, diz o Sr. Estácio da Veiga¹⁶, as da vigília e dia de São João constituem as mais gerais e as mais folgadas.»

A fragância porém da natureza desabrochando nessa noite em um florescimento universal, a embriaguez que o rescender das flores rociadas do bento orvalho espalha pelo ar embalsamado, transformam às vezes esta vigília num doce

¹² Foi-me indicada esta variante pela Snr.^a D. Maria Augusta Baldaque, juntamente com muitas outras superstições usadas ainda hoje em Alenquer.

¹³ Não apresentamos desde já o nome científico, não só desta planta mas de outras que adiante designaremos apenas pela denominação popular, porque a identificação é em muitos casos de uma grande dificuldade, e para isso nos reservamos num futuro trabalho sobre a «botânica mitológica» do nosso povo, trabalho para o qual esperamos o valioso e indispensável auxílio de um ilustre botânico do País.

¹⁴ *Almanaque de Lembranças*, 1868, pg. 244.

¹⁵ Garrett — *Dona Branca* — cant. IX, 5.

¹⁶ *Romanceiro do Algarve* — pg. 31.

e delicioso sono, cheio dos mais suaves encantos e das mais castas felicidades. Assim descreve Dona Ausenda ao pai que a interroga, esta noite maravilhosa, em que a criação inteira parece fecundar-se num voluptuoso beijo:

— Há quanto tempo, senhora
Vos sentis embaraçada?
— Os nove meses faz hoje
Que ali naquela ramada
Na noite de São João
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flores
E da erva rociada,
Sentia-me eu tão ditosa
Tão feliz e regalada,
Que o despertar me deu pena
Quando veio a madrugada.¹⁷

Além disso, a vigília prepara para a madrugada, momento o mais ansiosamente esperado, pelos prodígios que desvenda e pelas maravilhosas virtudes que possui, como vamos ver:

... manhã de São João
Manhã de doce alvorada¹⁸,

Nalguns sítios, porém, é este momento supersticiosamente temido, como por ex. em Vila Alva (Alentejo)¹⁹, onde é crença que no dia de São João ninguém deve sair para o campo antes do Sol nado, porque se encontram cobras encantadas, a pentearem os cabelos negros. Mas em geral a madrugada de São João é considerada como extraordinariamente benéfica. Logo ao romper da alvorada, nas nossas aldeia, raparigas e rapazes se vão ao campo colher as flores bentas e o orvalho da noite, que como veremos possui maravilhosas virtudes. É a esta cena que alude a seguinte passagem da *Serrana* tal como ainda hoje se encontra na tradição do Algarve²⁰.

Ao campo se vai Jacinta
Mananhita²¹ de São João
Com seu borzeguim de seda,
E saia cor de limão.
Para a ver se erguera o Sol,
As aves cantando vão;
Jacinta a flor das campinas,
*Sobre as flores corre a mão;*²²

¹⁷ Garrett — *Dona Ausenda*, Romanceiro II.

¹⁸ Teófilo Braga — *Romance da filha da imperador de Roma*, Romanceiro, pg. 45; e Garrett — *O segador*, Romanceiro III.

¹⁹ *Almanaque de Lembranças*, 1866, pg. 311.

²⁰ Estácio da Veiga — *Romanceiro do Algarve*, A. Serrana.

²¹ Diminutivo de «manhã».

²² Alusão ao costume de colher o orvalho das flores.

Uma capela tecera
 Das capelas-de-são-joão,²³
 Da cheirosa madressilva
 Da verde murta em botão.

Com relação às flores e ervas bentas, que sendo apanhadas na madrugada de São João antes de o Sol nascer, têm grandes virtudes medicinais e servem para cortar feitiços, já vimos num trabalho anterior, que delas se faz menção numas Constituições do Bispado de Lamego do século XVII. «Póde-se também por exemplo, no que se tem introduzido e dia de São João Bautista, que se colhão as hervas e levem a agua da fonte para casa, ou se lave a gente, e os animaes nella, antes do Sol nascer, metendo na cabeça á gente de pouco saber, que redunda em honra, e louvor do Santo: E que depois de nascer o Sol, ou em outro dia, colhidas as hervas em nome e honra delle, não terão igual virtude²⁴.» Sá de Miranda também faz alusão ao mesmo costume nos seguintes versos²⁵:

Mañana de San Juan, *quando a las flores*,
 Y al agua todos salen, quien tal gala
 Vio nunca y tal donayre entre pastores.

Em Penela, dia de São João, apanham as pessoas da terra a cabeça da «marcela», a «salva do monte» e a «flor de sabugo», que depois de secas são remédio para sezões.

As superstições, que se referem à água, são ainda mais variadas e mais geralmente acreditadas e seguidas. A par das relativas às ervas, vêm elas indicadas também nas duas passagens que acabamos de transcrever. Mas não se limita a essas vagas referências, o que sobre tais superstições já temos coligido. Assim, com relação ao orvalho caído na noite de São João, ou às «orvalhadas» propriamente ditas, temos mais as seguintes:

O orvalho caído depois da meia-noite até ao nascer do Sol é bento, e cura todas as enfermidades. Cf. os seguintes versos da *Noite de São João*:

Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dores,
 Neste coração, meu santo,
 Acalmem os meus ardores.

²³ Em nota a esta passagem, o Snr. Estácio da Veiga diz o seguinte: (*Rom. do Alg.* log. cit.): «Capelas-de-são-joão chama a gente camponesa do Algarve a uma ranunculácea trepadora (*Clematis cirrhosa*. L.), que nasce espontaneamente nos campos e valados. Com as floridas e extensas varas desta mui aromática e vistosa planta é que os devotos de São João tecem grinaldas e capelas e enfeitam seus mastros de murta. É pois a este costume popular que alude a cantiga.» (pg. 119).

²⁴ Constituições Sinodais do Bispado de Lamego de 1639, Liv. V, Tit. in, apud *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, I.

²⁵ Obras de F. Sá de Miranda, edic. de 1614, fl. 55 v.

²⁶ Garrett — *Romanceiro*, /. Cf. também a seguinte passagem:

quando o bento orvalho
 Estender seu influxo a terra d'impios, (*Dona Branca*, IX, 5).

No Porto e arredores as «orvalhadas» são ainda festejadas com o seguinte estribilho²⁷:

Orvalhadas!
Minhas orvalhadas!
Viva o rancho
Das moças casadas!

Orvalhadas!
Minhas orvalheiras!
Viva o rancho
Das moças solteiras!

Orvalhadas!
Minhas orvalhudas!
Viva o rancho
Das mulheres viúvas!

Em Aveiro era costume há algum tempo, (não sabemos se o é ainda agora) quando uma pessoa tinha moléstia de pele, ir rebolar-se ou espojar-se nua em cima dos linhos orvalhados na noite de São João.

Em Oliveira do Hospital, porém, diz-se que as bruxas costumam apanhar o orvalho desta noite, para fazerem dele o óleo com que se untam, a fim de poderem voar quando saem para as suas bruxarias. Mas a virtude do orvalho da noite de São João, estende-se nessa ocasião a toda a água. Assim: na madrugada de São João (Celorico da Beira), antes de o Sol nascer, devem correr-se sete fontes para beber a água delas. É ao que se chama: «beber a água das sete fontes.» O mesmo costume se encontra em Oliveira do Hospital, e ainda em outros pontos do País.

Em Lisboa e nos arredores é costume as raparigas na noite de São João irem a uma fonte à meia-noite lavar a cara. Se vêem a Lua a reflectir-se na fonte ficam mais bonitas.

Em Penela (Coimbra), no dia de São João, antes de nascer o Sol, vão as raparigas aos chafarizes ou fontes buscar água. É crença que a primeira que enche o cântaro encontra um anel de ouro ao de cima de água. Por isso e à porfia logo ao romper da manhã vão para o pé das fontes, para serem as primeiras aí a chegar.

A água apanhada à meia-noite no dia de São João é benta e livra de feitiços.

Em Aveiro, as raparigas, na madrugada de São João vão lavar-se ao rio, cujas águas nessa ocasião têm grande virtude.

Em Lisboa as raparigas têm também o costume de ir à meia-noite aos chafarizes buscar uma bilha de água, para terem em casa todo o ano.

Nos Açores é crença²⁸ que a água que fica ao relento na noite de São João é incorruptível; pão amassado com ela dispensa o fermento.

²⁷ Da minha colecção inédita de cantigas. Comunicado pela Snr.^a D. Elvira de Macedo Damásio, de Santo Ovídio.

²⁸ F. M. Supico — *Almanaque do Arquipélago dos Açores* — 1868, pg. 106.

Em Lisboa também é costume pôr uma porção de água ao relento na noite de São João. Depois tira-se antes do nascer do Sol e benze-se a casa com ela para dar felicidade.

Em Oliveira do Hospital, na madrugada de São João, vão os pastores para o pé dos ribeiros e molham com a água o gado para ficar bento.

No Minho existe o mesmo costume, para o livrar da tinha.

As superstições porém relativas à noite e ao dia de São João não se limitam às que deixamos apontadas, e vamos apresentar ainda outras muito comuns, e que da mesma forma se encontram em diferentes povos²⁹, tendo por isso um carácter tradicional. Como nestes estudos apenas coligimos o material, que posteriormente há-de ser cientificamente coordenado, não classificaremos as superstições que adiante damos, reconhecendo contudo desde já, que o seu valor tradicional e mítico não é igual em todas elas, como de resto se devia esperar.

Nas Caldas da Rainha e arredores, é costume na noite de véspera de São João apanhar-se um molho de erva cidreira e ir-se passear com ela. Fazendo depois chá e tomando-se, livra de feitiços.

Na noite de véspera de São João as raparigas de alguns lugares nos arredores de Lisboa e nas Caldas da Rainha cortam as pontas do cabelo, arrancam um olho de cana verde e põem o cabelo dentro, plantando-o depois. Se a cana cria raízes e cresce, cresce o cabelo também.

É crença entre o povo que no dia de São João o Sol quando nasce começa a dançar, ou, segundo outra versão, que dá três voltas³⁰. Por isso, em muitos sítios (Celorico da Beira por ex.) algumas pessoas se levantam de madrugada para presenciarem tão extraordinário fenómeno.

Na noite de São João³¹, é bom colher um figo de uma figueira à meia-noite. Se o figo se conserva verde até à seguinte noite de São João, é sinal que ninguém quer mal à pessoa que o apanhou. Se seca é porque a pessoa que o apanhou anda metida em mãos de bruxas sem o saber, e deve ir lavar-se a uma fonte, em sendo meia-noite, para se livrar delas.

Em Penela (Coimbra), é costume no dia de São João³² ir-se a searas e sementeiras e espetar-se nelas uma cruz de louro ou de alecrim, para lhes não dar o mal.

Na noite de São João segundo a crença popular, o «feto real» (planta) larga a flor à meia-noite. É costume estender-se um lenço por baixo da planta, para a flor, que tem grandes virtudes, cair nele. Mas é muito difícil depois ir buscar o lenço, por causa das bruxas que o não consentem. No entanto se lá se pode chegar, apanha-se a flor, mete-se dentro de um canudo de lata, e quando se quer

²⁹ Cf. além das obras de Grimm e de Afanasiev já citadas, o curioso e erudito livro do Prof. Angelo de Gubernatis — *La mythologie des plantes* — tom. I, pg. 185-192.

³⁰ Para o valor tradicional desta crença veja-se uma nota anterior.

³¹ É a noite da véspera para o dia de São João, que possui todas as virtudes no nosso maravilhoso popular e não a seguinte ou a noite de dia de São João, propriamente dita. Por isso, quando por brevidade aqui se disser «noite de São João», entenda-se que nos referimos à da véspera.

³² E também no de São Pedro, que entre nós é, como dissemos, um desdobramento da festividade principal.

saber alguma coisa, vai-se ao canudo porque se sabe logo. (Oliveira do Hospital). Nalgumas terras do Minho esta crença apresenta a seguinte variante³³: acredita-se que o feto deita semente invisível, que só na noite de São João cai com as sacudidelas do Diabo. Por isso antes da meia-noite vai-se pôr debaixo do feto um guardanapo com 120 réis em prata em cada ponta. Leva-se uma espada, para à retirada vir fazendo cruzeiros com ela a fim de não se ser apanhado pelo Diabo. No outro dia vai-se buscar o guardanapo com a semente, que fica com a virtude de atrair para o dono dela quem lhe esteja próximo.

Ainda o Brasil nos apresenta outra variante da mesma crença³⁴: Diz-se aí que a arruda dá flor no dia de São João, mas que o Diabo vai buscá-la na hora em que desabrocha, sendo por isso que não se encontra³⁵.

Já vimos que a fogueira de São João tem certas virtudes para a nossa medicina popular; em Lisboa porém e arredores, tais virtudes são em geral o característico de toda essa noite em que tem lugar mais de uma cura milagrosa. Assim quando se quer curar uma criança quebrada, faz-se a seguinte operação: na noite de São João, à meia-noite em ponto, abre-se um vime, coloca-se de um lado um rapaz chamado «João», e do outro uma rapariga chamada «Maria»³⁶, que sejam ambos puros, isto é: até à idade de dez ou onze anos. Depois tomando o rapaz a criança nos braços diz:

«Maria! em louvor do Senhor São João
Toma lá o meu menino doente
E dá-me um são.»

E passa-a através do vime para os braços da Maria, que responde por seu turno:

«João! em louvor do Senhor São João
Toma lá o meu menino doente
E dá-me um são.»

tornando a entregá-la ao rapaz, sempre através do vime. Repete-se isto três vezes, feito o que, rasga-se a camisa da criança em tiras e ata-se o vime com uma delas. Se o vime solda as duas metades em que foi aberto e continua verde, sara a criança; se pelo contrário seca é porque a quebradura é incurável.

No Ceará³⁷ (Brasil) existe a mesma superstição, que se realiza pela seguinte forma: na noite de São João vai-se a um lugar do campo onde existam alguns pés de pinhão bravo, arbusto de natureza silvestre. Marcam-se tantos destes arbustos quantos são os doentes que se pretendem curar, e faz-se diante de cada um deles uma pequena fogueira. Abre-se depois com uma faca uma fenda longitudinal na haste do pinhão, que tem ordinariamente de duas a três polegadas

³³ *Almanaque de Lembranças* — 1861, pg. 181.

³⁴ *Alm. de Lemb.* — 1864, pg. 284.

³⁵ Cf. Afanasiev — *Poeticheskiya vozzryeniya*, etc. ill, 719.

³⁶ Para a associação dos nomes de João e Maria, cf. Afanasiev — *Poeticheskiya vozzryeniya*, etc. in, 722; e Ralston — *The Songs of the Russian People*, 241.

Alm. de Lemb., 1860, pg. 341.

de diâmetro, deixando-a todavia unida nas duas extremidades; e como as partes divididas sejam bastante flexíveis, abrem-se com as mãos e abertas se conservam, até que o doente seja passado três vezes pela fenda e por cima da fogueira, recitando a cada passagem e em voz baixa uma *ave-maria*. Feito isto, unem-se muito bem as duas partes da haste, ligando-se. Se depois de um certo prazo as partes divididas se reúnem, e o arbusto continua a desenvolver-se, está o doente curado; no caso contrário não se cura.

Também na noite de São João se faz o seguinte remédio para tirar as verrugas (Meãs, Coimbra): contam-se as verrugas e contam-se depois tantas pedras de sal dentro de um bocado de pão, que se dá a comer a um cão, ficando assim a pessoa livre das verrugas, ou então embrulham-se as pedras de sal num papel e atiram-se a um pobre, que, quando as apanha, passam para ele as verrugas.

Dissemos já, quando nos ocupámos da superstição da alcachofa e das suas variantes, que a fogueira de noite de São João tinha em certos casos o poder de revelar o futuro, principalmente no que toca a questões de amor. Este mesmo poder de revelação tem em geral toda essa noite, pelo nosso povo dedicada às *sortes* que lhe hão-de simbolicamente profetizar acontecimentos, que estão por vir. Estas sortes quase sempre limitam-se a inquirir pouco mais ou menos o seguinte: quanto anos se estará solteiro, com quem se há-de casar, se o casamento há-de ser feliz ou infeliz, rico ou pobre, etc. etc, ainda que com diversas variantes, como vai ver-se.

Nos arredores de Lisboa as raparigas solteiras na noite de São João fazem três bolas de massa, uma das quais tem dentro um grão de pimenta. Depois de as terem misturado, deitam uma da janela abaixo, põem outra debaixo do travesseiro, e a terceira atrás da porta. Ao outro dia vão-as procurar. Se a que ficou debaixo do travesseiro é a que tem o grão de pimenta, casam breve: se é a que ficou atrás da porta casam tarde: se é a que atiraram à rua não casam nunca. Também na noite de São João é costume em Lisboa as raparigas solteiras subirem uma escada com um chinelo na ponta do pé, e quando chegam ao último degrau atirarem com ele para trás das costas. Quantos degraus faltarem para o chinelo chegar ao fundo da escada tantos anos lhes faltam para se casarem.

Estas superstições têm um grande número de variantes, pode dizer-se de aldeia para aldeia, algumas das quais coligimos, mas que é inútil aqui apresentar. Assim por ex. para se saber quando se casa, põem-se na noite de São João debaixo do travesseiro uma chave, um rosário, e uma mão cheia de terra. Quando a rapariga de madrugada acorda e vai procurar a «sorte», se primeiro toca na chave, casa nesse ano, se toca no rosário fica para freira, se põe a mão na terra morre antes de chegar o outro dia de São João (Caldas da Rainha). Em Lisboa usam-se mais as seguintes sortes. Na noite de São João as raparigas solteiras arranjam três favas: uma toda despida da pele, outra meia despida, e a terceira com a pele toda, e põe-nas debaixo do travesseiro. Pela manhã, antes de se levantarem, devem sem ver tirar uma das favas. Se tiram a fava que tem a pele toda, hão-de ser ricas, se tiram a que tem a meia pele, nem hão-de ser ricas nem pobres. E se tiram a fava nua, hão-de ser pobres toda a vida.

Na noite de São João, à meia-noite em ponto, as raparigas solteiras de Lisboa e arredores, põem-se à janela com um bochecho de água na boca, e esperam até que se oiça pronunciar um nome de homem na rua ou caminho, o que em geral não se faz muito esperar porque nessa noite e a essa hora são as ruas muito concorridas. Apenas o ouvem pronunciar deitam a água fora e o nome é o do homem com quem hão-de casar. Há ainda a sorte do ovo e a da cera, muito usadas e com um certo número de variantes³⁸, que se executam da seguinte forma: à meia-noite deita-se um ovo, depois de aberto, ou uma porção de cera derretida aos pingos, num copo cheio de água, que depois se deixa ficar ao relento. Pela manhã antes de nascer o Sol recolhe-se o copo para casa e vê-se a forma, que na água tomou a clara do ovo ou a cera. Assim por exemplo, se aparece a forma de um navio, casará a pessoa, que deitou a sorte, com um homem do mar; se pelo contrário se percebe a forma de um caixão, morrerá antes de um ano, etc., etc. Ainda, se bem que menos vezes, em Lisboa existe a seguinte superstição para uma rapariga solteira saber com quem há-de casar: na noite de São João a rapariga, que deseja conhecer a sua sorte, deve pôr uma mesa numa casa às escuras e aí ficar sem dizer nada a ninguém, nem ninguém saber. Na mesa deve haver ceia para duas pessoas, dois talheres e dois pratos. Ao dar da meia-noite deve começar a comer, e nessa ocasião aparece no lugar que está vazio, a comer também, a figura do homem que há-de casar com ela. Podíamos ainda apresentar outras superstições idênticas relativas ao mesmo assunto, mas, como acima dissemos, as que indicámos são, por assim dizer, o tipo do género e por agora tanto nos basta.

Mas o dom de revelação da noite consagrada ao Baptista não se limita a simples horoscópios ou vaticínios; vai ainda mais longe. E se bem que nesta parte das nossas investigações não tenhamos colhido até hoje grande resultado, não temos dúvida em afirmar que explorações futuras hão-de preencher esta lacuna. Como diz o Prof. Angelo de Gubernatis³⁹: «o nascimento do precursor João precede seis meses o nascimento do Cristo redentor; o que precede anuncia o que vai chegar». É provável pois, ou pelo menos é possível, que esta circunstância reagindo no espírito popular concorresse para fazer valer o poder de revelação que tem na tradição do povo a noite de São João, sem contudo querermos avançar que tal crença é apenas um resultado de adaptação da lenda cristã, e que não é um dos muitos elementos primitivos que nesta festa sobreviveram.

Assim, na noite de São João põe a gente do povo em Beja numa tábua doze montinhos de sal, aos quais se dão os nomes dos meses, começando por Janeiro, Fevereiro, etc; passam depois a tábua pelo fumo de uma fogueira e deixam-na ficar toda a noite ao relento de manhã, antes de o Sol nascer, correm à tábua para examinarem qual dos montinhos de sal está mais húmido, e é então que

³⁸ Cf. por ex. para diversas sortes idênticas ainda que com outro fim e *Proc. de Luis de La Penha* Arqu. Nac., maço 841, n.º 8179.

³⁹ *Mythologie des plantes*, tom. I, pg. 185.

sabem quais os meses em que choverá mais, segundo os nomes que lhes deram e a humidade de cada um⁴⁰.»

Mencionamos ainda as duas seguintes superstições: É bom sangrar-se no dia de São João antes de nascer o Sol, para não ter sezões. Na noite de São João põe-se debaixo de um copo um vagalume (insecto) e umas pedras de sal. É crença que ao outro dia em lugar de sal aparecem cinco réis.

Na noite de São João deve destapar-se o pote e olhar para dentro; se se vê a imagem reflectindo-se na água é bom sinal, se não se vê é porque se morre antes de ano e dia. No Brasil existe também a mesma superstição: quem na madrugada do dia de São João Baptista, não vê a sua sombra ao chegar à borda de um poço ou fonte não vive até ao ano seguinte⁴¹.

Também na nossa feitiçaria existe a crença de que têm uma força terrível os esconjuros feitos no dia de São João ao nascer do Sol.

Restava-nos apresentar aos nossos leitores os vestígios, que da festa de que nos ocupamos e das superstições que lhe são conjuntas, se encontram na poesia popular. Temos os elementos para fazer esse trabalho, por isso, coligimos um grande número de cantigas inéditas a São João, principalmente dos arredores do Porto e Abrantes, que não se acham mencionadas em cancionário algum até hoje. Mas como essas cantigas, com outros fragmentos, inéditos também, da poesia do nosso povo, devem ser publicadas numa revista científica do estrangeiro⁴², entendemos que não nos era lícito antecipar aqui parte dessa publicação. Bastará dizer, por agora, que quase todas as superstições que temos apresentado, mais ou menos a elas se alude nas cantigas populares. Há mesmo nelas alusões a superstições provavelmente hoje perdidas e não compreendidas já⁴³.

Não chegámos contudo ainda ao fim do nosso trabalho. Devem ter reparado os leitores, que sistematicamente temos evitado aludir a uma das mais poéticas crenças, digamo-lo mesmo, mais nacionais do nosso maravilhoso popular. Referimo-nos às mouras encantadas. Foi porém pela importância do assunto que o reservámos para este lugar, hesitando mesmo se o deveríamos fazer objecto

⁴⁰ Alm. de Lemb. 1861, pg. 225.

⁴¹ Alm. de Lemb. 1860.

⁴² Romania dos Snrs. Gaston Paris e Paul Meyer.

⁴³ Quando tínhamos escrito tudo o que precede, recebemos do doutor Giuseppe Pitré, o ilustre e infatigável explorador das tradições da Sicília, cuja obra pela riqueza de materiais já rivaliza quase com as de Grimm e Afanasiev, entre outros opúsculos os dois seguintes: *Usipopolari siciliani nella festa di S. Giovanni Battista e Antichi usi e tradizioni popolari siciliane nella festa di S. Giovanni Battista*, em forma de cartas à baronesa Ida Von Reinsberg-Düringsfeld, que está escrevendo especialmente um livro sobre o *Johannstag* (dia de São João). Se porventura neste momento tivéssemos de fazer o estudo comparativo das nossas superstições e usos populares, veríamos, como já o fizemos em duas notas anteriores com relação aos Germanos e Eslavos, a extraordinária coincidência que com o nosso apresenta o folclore da Sicília. Assim, as sortes do chumbo na água para se saber que ocupação terá o homem com quem se há-de casar, a dança do Sol ao nascer no dia de São João, que já encontrámos entre os Eslavos, as invocações ao Baptista para cedo se alcançar um noivo, etc. são usos e crenças comuns nos arredores de Lisboa e nas vizinhanças de Palermo. Ainda os dois opúsculos do doutor Pitré mencionam muitas outras superstições e usos, que com ligeiras variantes se encontram em Portugal. (Cf. ob. cit.)

de uma «Contribuição» à parte. Incluímo-lo no fim do presente escrito, reservando-nos para o futuro fazer dele um capítulo especial da nossa *Mitologia*. Já encontrámos uma alusão de Garrett a esta superstição do nosso povo e agora vamos ver como ele no-la descreve na *Dona Branca*. Diz o seguinte numa bem conhecida passagem⁴⁴:

E vós, fermosas moiras encantadas,
Na noite de São João ao pé da fonte,
Áureas tranças com pentes d'oiro fino
Descuidadas penteando — enquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lúcidos anéis de perfas touca...

Todos os detalhes, que nestes versos se lêem, são rigorosamente verdadeiros, e por mais de uma vez os temos encontrado confirmados pela tradição oral, com novos pormenores ainda como veremos. Mas antes digamos duas palavras sobre a natureza dessas entidades da nossa mitologia. As mouras encantadas (e abstraindo do nome, que bem claramente indica o facto nacional que o fixou) são divindades femininas das águas, análogas às *nixen* germânicas e às *rusálki* eslavas⁴⁵. Contudo parece que entre nós nem sempre tiveram este carácter, como se depreende dos fragmentos que em seguida publicamos, extraídos de dois processos da Inquisição:

«Prometia também (o reo, Francisco Barbosa, chamado «o tio de Massarellos») descobrir thesouros e minas de muitas legoas, e dizendo-lhe certa pessoa que para isso poderião conduzir muito algũas palavras que referia, o Reo lhe respondeu que para o intento só servia hum livro que tinha; convidando logo para esta empreza muitas pessoas de ambos os sexos, segurando-lhes, que dentro do Mineral achar ião doze Mouros ricamente vestidos com seus espadins nas mãos, e outras tantas Mouras muito bem adereçadas, com sayas bordadas, e muitas pessas de ouro, e diamantes, o que tudo se havia de repartir entre o Reo e a sua comitiva; e que despoiz de despojados os Mouros cahirião por terra reduzidos a cinza, e entrarião a repartir entre si copiozissimos thesouros.»⁴⁶

«Disse (Rosa Maria) que haverá dois annos e meyo, estando assistente na vila do Gaviam do Priorado do Cratto, e sahindo hum dia com seo Marido ao campo a buscar lenha, entrando a cavar para arancar algumas sepas, achou duas pedras que lhe parecerão duas pias munto mal feitas, e vendo que aquelas pedras erão estranhas naquele sítio; por não haver nele qualidade alguma de pedras; entrou na concideração de quem as poria naquele lugar; e para que serviriam. E lembra de ter ouvido a varias pessoas, que naquelle lugar *haviã muntas Minas*

⁴⁴ *Dona Branca*, m, 3.

⁴⁵ Cf. Grimm — *Deutsche Mythologie* — 4.ª edic. I, 406 seg.; Afanasiev — *Poeticheskiya vozzryeniya etc.* I, 140-141, 578, II, 217, 239, 244-248, 331, etc. III, 76, 78, 122-128, 139-152 etc.; Ralston — *The Songs of the Russian People*, pg. 139-146, 216; Liebrecht — *Zur Volkskunde*, pg. 376. ⁴⁶ *Inquisição de Lisboa* — Proc. ms. n.º 4222, Arq. Nac.

do tempo dos Mouros; teve pensamento se seriam as ditas pedras sinal de alguma Minna, ou se teriam servido para no seo vam se meter algum dinheiro, ou pedras preciosas; e recolhendo-se para caza com esta lembrança a comunicou a certas pessoas, as quaes entrãrão a entender ser sinal de alguma Minna, referindo cada hum sucesos de Minnas, que tinham ouvido dizer se acharão naquele sitio e de *haver nelas Mouros encantados*. . . . e por esta lembrança entrou a afirmar que sonhara havia naquele sitio uma mina com muntas riquezas; e *que nela estava hum Mouro, e hum Moura encantados*.»*

Nestes dois documentos as «mouras encantadas» aparecem-nos unicamente como guardadores de tesouros escondidos, que a imaginação popular representa como existentes nas entranhas da terra.

Esta crença em riquezas ocultas, de um alto valor tradicional e que se encontra também entre os Germanos e Eslavos (cf. Grimm e Afanasiev), ainda hoje, embora de um modo muito atenuado, existe entre o nosso povo e especialmente referida às mouras encantadas, como abaixo veremos. Mas por isso que as mouras encantadas actualmente só aparecem em conjunção com o elemento húmido, os tesouros a que nos referimos deixaram de ser colocados pela fantasia popular no centro da terra, para permanecerem escondidos no fundo dos poços e das fontes, a cuja superfície vêm na noite de São João, quando todos os encantos momentaneamente se quebram, e todos os esconjuros perdem o seu efeito mágico. Ao primeiro período na concepção das «encantadas» refere-se a seguinte tradição do Algarve: é aí crença muito antiga e arreigada «de que na cidadela mourisca da cidade de Tavira, reedificada em 1331 por el-rei D. Dinis, da meia-noite da véspera para a madrugada do dia de S. João, aparece sobre o terrado da muralha uma formosa e gentil moira, requerendo de amores um cavaleiro, que possa quebrar o seu encantamento.»⁴⁸ Esta mesma tradição constitui o fundo do *Romance da Moira Encantada**, como pode ver-se:

Meia-noite além ressoa
Cerca das ribas do mar^
Meia-noite já é dada,
E o povo ainda a folgar
Em meio de tal folguedo
Todos quedam sem falar,
Olhos voltam ao castelo
Para ver, para avistar
A linda moira encantada,
Que era triste a suspirar.

⁴⁷ *Inquisição de Lisboa* — Proc. ms. n.º 9801, Arq. Nac. Cf. a *Contribuição* seguinte.

⁴⁸ Estácio da Veiga — *Romanceiro do Algarve*, pg. 33.

⁴⁹ Esta lenda coligida no Algarve pelo Snr. Estácio da Veiga, foi pela primeira vez publicada no n.º 12 da *Estrela de Alva*. Daí passou para o *Romanceiro do Algarve*, figurando também reimpressa no *Romanceiro Geral* do Snr. Teófilo Braga. Existem variantes da lenda, que seria interessante conhecer, mas que não estão coligidas.

— Quem se atreve, ai quem se atreve
Ir ao castelo e trepar,
Para vencer lo encanto
Que tanto sabe encantar?

Ninguém há que a tal se atreva,
Não há que em moiras fiar;
Quem lá fosse a tais desoras
Para só desencantar,
Grande risco assim correrá
De não mais de lá voltar.

— Ai que linda formosura,
Quem a pudera salvar!
O alvor de seus vestidos
Tem mais brilho que o luar!
Doces, tão doces suspiros,
Onde ouvi-los suspirar?

Assim um bom cavaleiro
Se estava a delatar,
Em amor lhe ardia o peito,
Em desejos seu olhar.
Três horas eram passadas
Neste contínuo ansiar,
Cavaleiro d'armas brancas
Nunca soube arreceiar,
Invoca a linda moirinha,
Mas não ouve o seu falar;
Nada importa a Dom Ramiro
Mais que a moira conquistar.
Vai subir por muro acima,
Sente os pés a resvalar!
Ai que era passada a hora
De a poder desencantar.
Já lá vinha a estrela d'alva
Com seus brilhos a raiar.
No mais alto do castelo
Já mal se via alvejar
A fina e branca roupagem
Da linda filha de Agar,
Ao romper do claro dia,
Para bem mais se pasmar,
Saiu do castelo uma nuvem,
Era apenas a pairar.
Jurava o povo, jurava
E teimava em afirmar
Que dentro daquela nuvem
Vira a donzelinha entrar.
Dom Ramiro de enraivado
De não poder-lhe chegar,
Dali parte e contra os mouros
Grande briga vai armar,
Por fim ganha um bom castelo,
Mas sem moira para amar.

Mas nas superstições actuais do nosso povo «as mouras encantadas» são, como dissemos acima, divindades ou génios femininos das fontes. Na noite de São João deixam a forma de cobras sob que vivem todo o ano no fundo dos poços ou regatos, e em figura humana vêm pentear para fora da água os seus cabelos de ouro. Este último detalhe que é característico da crença, permite-nos reconhecer uma reminiscência da mesma superstição na seguinte passagem do *Romance da Infanta de França*⁹⁰ (versão da Covilhã)

Dom João foi para a caça,
Foi à caça à porfia,
Anoiteceu-lhe num bosque,
Era o que ele mais temia;
Seus cavalos por ferrar,
Era o que ele mais sentia!
Lá pela noite adiante
Um lindo cantar ouvia,
Deitou os olhos ao largo
Viu lá estar uma donzila,
Penteando o seu cabelo
Em um tanque de água
fria.

— Que fazeis aqui, senhora,
Que fazeis aqui donzila?
«Sete fadas me fadaram
No colo de madre minha,
Fadaram-me por sete anos,
Por sete anos e um dia.

Na madrugada do dia de São João vão as mouras estender os seus tesouros à orvalhada no campo. Esses tesouros ficam aí encantados sob a forma de figos. Se alguém passa, os apanha e não os come, transformam-se em verdadeiros tesouros. Se porém a pessoa, que os apanha, os come reduzem-se logo a carvão (Celorico da Beira). Em Penela (Coimbra) é crença que na fonte chamada da «Doeça» na noite de São João aparecem mouras encantadas. Quando ali vai alguma rapariga antes do nascer do Sol encher a bilha de água abençoada, as mouras começam a desencantar-se e a agradecerem à pessoa que lhes quebrou o encanto. As raparigas que já sabem isso, logo que chegam batem com as bilhas ou os cântaros na água e imediatamente começam a fazer-se à superfície umas bolhas, que segundo a crença local são as «encantadas» a saírem. Em seguida as raparigas crêem que elas vão beber nos cântaros a água benta do São João.

⁹⁰ Teófilo Braga — *Romanceiro Geral*, pg. 26 .

Nos contos populares do nosso país também se encontram vestígios da crença nas «mouras encantadas» que descobrem tesouros e enchem de riquezas quem as desencanta. (Cf. *A Moura Encantada* — Coelho — *Cont. Pop. Portug.*)

Muito mais teríamos que acrescentar não só com respeito à última parte do presente trabalho, mas em geral relativamente a usos, crenças e superstições populares observadas ainda hoje na noite e dia de São João. É quase mesmo impossível ser-se completo na exposição de um assunto desta ordem. O que tentamos fazer é ir completando todos os dias com novos detalhes o quadro, que porventura aqui fica apenas esboçado. Em todo o caso, o presente escrito, assim como o anterior, serviram para dar uma ligeira amostra das riquezas que se escondem ainda no seio do nosso povo, e que prometem farta recompensa a quem souber procurá-las com perseverança e amor. Para nós cada vez mais se torna mais evidente a possibilidade da constituição de uma «Mitologia Popular Portuguesa».

IV

SUPERSTIÇÕES POPULARES (VÁRIA)*

A exemplo do que se encontra em Grimm — *Deutsche Mythologie* 4.^{ta} Aufl., incluímos nos nossos estudos de mitologia popular portuguesa, todas as superstições, que da tradição oral no País temos coligido. Um certo número destas superstições já foi por nós publicado, quando tratámos das *bruxas* e da *noite de São João* na tradição popular. Um grande número delas publicá-las-emos quando nos ocuparmos dos restantes capítulos do maravilhoso do nosso povo, por ex. dos *lobisomens*, *Diabo*, *sereias*, *trasgos*, etc., etc. Há porém uma certa categoria desta crenças, difícil de submeter-se a uma classificação rigorosa, por isso que não se refere directamente a nenhuma das grandes criações da fantasia popular, antes pelo contrário nos aparece em ligação com os factos mais triviais, mais prosaicos, diremos, da vida humana, representando apenas uma maneira especial de os contemplar nas suas relações com a nossa individualidade. Esta ordem de superstições, importantíssima para o estudo da psicologia das raças, obedece num grande número de casos às mesmas leis de transmissão de povo a povo, e de transformação dentro de cada grupo, que nós encontramos nas superstições propriamente míticas.

O seu modo de produção, porém, deve ter sido talvez mais independente, representando provavelmente nelas a transmissão um papel mais secundário. Como quer que seja, no entretanto, devem elas figurar de direito numa «mitologia popular portuguesa» embora pela dificuldade de uma elaboração sistemática, elas figurem de um modo especial. Incluímo-las sob a rubrica de «*vária*», sem procurar estabelecer entre elas relações. Nem sequer cuidámos em colocar seguidamente as que parecem variantes de um mesmo tipo fundamental. Apenas vão indicadas por um número de ordem, que mais tarde servirá para as reconhecer, e utilizá-las porventura no nosso trabalho definitivo. De resto, proce-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º Vol.: 1-21.

dendo desta forma, não fizemos mais do que seguir o exemplo dos mais ilustres mitógrafos — de Grimm, Wutke, Grohmann, Liebrecht, etc. etc.

- 1 Quem deita fora o lixo à noite, deita fora a fortuna.
- 2 Quem faz uma casa de novo, morre cedo. (Cf. o provérbio: ninho feito, pega morta).
- 3 É mau morar numa casa de três esquinas. (Cf. o provérbio: casa de esquina, morte ou ruína).
- 4 É mau ter pombos e depois deixar de os ter, porque anda a casa para trás.
- 5 Quando se está a matar uma galinha ou qualquer outra ave doméstica, e ela tem muitas convulsões sem poder morrer, é porque alguém está com pena.
- 6 Quando uma visita se demora muito, contrariando os donos da casa, deve pôr-se um banco de pernas para o ar detrás de uma porta, porque logo ela sai.
- 7 As galinhas pretas põem ovos de duas gemas, que têm grande virtude para certas doenças.
- 8 Para se livrar de espectros ou de sonhar com um morto, devem beijar-se-lhe as solas dos sapatos.
- 9 Não se deve beber água com uma luz na mão, porque se pode morrer de repente.
- 10 Quando uma pessoa casada vai à igreja, deve pôr água benta na testa à entrada; se a puser à saída fica viúva muito breve.
- 11 Para fazer a testa grande às crianças, deve pôr-se-lhes todos os dias, enquanto são pequenas, na cabeça, açorda de alho ou sangue de mocho.
- 12 Quando um gato se lava, é sinal de visitas; quando lambe as unhas, é sinal de dinheiro.
- 13 No dia de Santa Bárbara ao meio-dia devem deitar-se algumas galinhas para tirarem na noite de Natal. O galo que nascer nesta noite, cantará sempre à meia-noite.

- 14 As pessoas que dormem muito, para perderem este hábito, devem abraçar um burro logo que acabar de nascer.
- 15 Não é bom balouçar o berço de uma criança, quando ela não está dentro, porque a torna brava.
- 16 Não deve consentir-se que duas crianças pequenas, que ainda não falam, se beijem, porque não fala uma sem falar a outra.
- 17 No dia de Santo António deve apanhar-se um raminho de erva-pinheira e pendurar-se em casa. Se reverdece é sinal de fortuna.
- 18 Quando um bode espirra, é sinal de bom tempo.
- 19 É mau virar o vestido de cima para baixo, porque se vira a fortuna.
- 20 Para uma criança andar cedo, deve pôr-se todos os dias, em sendo ave-marias, ao canto de uma porta.
- 21 Quando um galo canta ao sol posto, é sinal de morte.
- 22 Quando um mocho vem piar a um telhado, à meia-noite, é sinal de morte.
- 23 Quando um gato urina no fato de uma criança, é bom sinal, porque ela há-de ser muito feliz.
- 24 É muito bom as crianças irem vestidas de anjo nas procissões, porque as livra de perigos e dá-lhes felicidade.
- 25 Não é bom deixar um pedaço de pão cortado com os dentes. Uma pessoa que queira fazer mal a quem fez isto, pode apanhar aquele pão, crivá-lo de alfinetes e dá-lo depois a comer a um sapo. O sapo fica padecendo, e enquanto não morre padece a pessoa também, morrendo por fim ambos.
- 26 Quando o lume estala ou assobia, é porque estão falando mal da pessoa que o acendeu.
- 27 Quando as vacas berram, é sinal de casamento.
- 28 Quando uma pessoa se muda de novo para uma casa, a primeira coisa que deve levar é uma moeda em prata, para nunca lhe faltar o dinheiro.

- 29 Quando se vai acompanhar um defunto, para ele não lembrar mais, ou a alma dele não aparecer, deve deitar-se-lhe na cova uma mão cheia de terra.
- 30 Quando se sonha com um defunto, deve rezar-se-lhe uma oração, para ele não tornar a aparecer.
- 31 Não é bom ver um marreca em jejum. Quando por acaso isto acontece, para se desfazer o enguiço, é preciso dar logo um nó na ponta do lenço e esperar que passe um cavalo branco, para o desatar.
- 32 Quando uma casa fica de noite com a porta aberta, sem se saber, é sinal de felicidade.
- 33 Quando aparece numa casa uma aranha preta muito pequena, não se deve matar, porque é sinal de dinheiro.
- 34 Quando aparece uma aranha muito grande, é sinal de testemunhos, que querem levantar à pessoa que a vê. Para impedir que isto se realize, é preciso matá-la logo com o pé esquerdo.
- 35 Quando a candeia espirra, ou lume estala, é sinal de presente em casa. (Cf. n.º 26).
- 36 Quando se ouve uivar um cão, devem tirar-se os sapatos, virá-los de sola para cima e põem-se os pés em cima deles, dizendo três vezes: Maria dá pão ao cão. Apenas se fizer isto, logo o cão se calará, cessando o agoiro.
- 37 Quando uma pessoa sai a desoras, se um cão preto a acompanhar a casa é mau agoiro; se o cão for branco, é bom agoiro.
- 38 Quando um cão urina à porta ou no fato de alguém, é sinal de dinheiro. (Cf. n.º 23).
- 39 Quando um cão entra em casa, é bom sinal; pelo contrário, se entra uma cadela, é agoiro.
- 40 Quando arde a orelha esquerda a uma pessoa, é sinal que estão a dizer mal dela, e para evitar que continuem, deve deitar-se um punhado de sal ao lume e fugir logo para o não ouvir estalar. As pessoas que estiverem ao pé da que estiver a dizer mal, à medida que o sal for estalando, vão fugindo sem dar atenção ao que diz a maldizente
- 41 Achar alfinetes, é sinal de amores. Achar agulhas, é sinal de testemunhos.

- 42 Quando aparece o arco-da-velha (arco-íris), é sinal que Deus está bem connosco. Enquanto ele aparecer, além disso, o mundo não se acaba.
- 43 Quando um sino, que está a tocar a finados, prolonga muito o dobre, é sinal que chama por outro defunto.
- 44 Quando morre alguém, não se devem apagar as luzes que estiveram a alumiar o morto, até que o corpo chegue à igreja.
- 45 Quando uma pessoa, ao expirar, fica com os olhos abertos, é sinal que está chamando por alguém da família.
- 46 Quando se vê um sapo, para não acontecer mal, é preciso cuspir fora três vezes.
- 47 Não se devem matar baratas (insecto), porque são sinal de dinheiro na casa onde aparecerem.
- 48 Se desaparecerem da casa onde tinham por costume aparecer, é sinal de pobreza.
- 49 Casa em que as andorinhas façam ninho, é casa abençoada. É pecado matá-las, e à pessoa que o fizer, anda-lhe a fortuna para trás.
- 50 É pecado também matar as lavandiscas (ave), porque lavaram os pés a Jesus Cristo, quando ele estava na cruz.
- 51 Não se deve deitar água fora, depois que toca às ave-marias, porque pode dar algum ar mau na água e fazer mal à pessoa que se lavou nela.
- 52 Quando se deita cabelo fora, deve cuspir-se nele três vezes e fazer-lhe uma cruz por cima, dizendo: em louvor do santíssimo nome de Jesus, eu te abençoo, meu cabelo, para que não te empeça mal nenhum.
- 53 Não se deve deitar o cisco fora depois do toque das ave-marias, porque se deita a fortuna para fora da porta. (Cf. n.º 1).
- 54 Quando aparece uma pulga em fato novo, é sinal de que o dono o há-de romper.
- 55 Quando estalam vidros numa casa, é sinal de desgosto.
- 56 Não é bom ter a cama com os pés para a porta, porque se morre cedo.

- 57 Não é bom pôr dinheiro em cima da mesa onde se come, porque faz a gente pobre.
- 58 O primeiro fruto de qualquer árvore deve ser comido por macho; se for comido por fêmea degenera a árvore.
- 59 É mau duas pessoas lavarem-se na mesma água ou limparem-se à mesma toalha, porque se o fizerem andam à bulha.
- 60 Depois que toca às ave-marias, não se deve deitar água à rua, para não empecer nada nela. Se é de necessidade deitá-la, é preciso dizer: fugi finados! que aí vai água dos pés lavados. (Cf. n.º 51).
- 61 É mau ter em casa uma vassoura voltada para cima, porque é sinal de bulhas.
- 62 A mulher que amamentar uma criança, não deve fazê-lo, ao levantar da hóstia e do cálice, porque a criança fica com gota.
- 63 Quando cai uma tesoura ou faca no chão e fica espetada, é sinal de visita.
- 64 Quando entram abelhas em casa, é sinal de visitas.
- 65 É pecado fiar em Quinta-Feira Santa. Quem fia nesse dia, fia as cordas ao Senhor.
- 66 É mau coser a roupa no corpo. Para não acontecer nada é preciso, ao cosê-la, dizer três vezes:
- Coso vivo,
Nanja morto;
Coso isto,
Que está roto.
- 67 Quando a orelha esquerda está muito vermelha, é sinal que estão a dizer mal da gente. Para se evitar que continuem, é bom trincar a camisa três vezes no peito. Assim como se trinca a camisa, assim quem diz mal trinca a língua. (Cf. n.º 40).
- 68 Para as crianças perderem o medo, é bom fazê-las dar um beijo numa preta.
- 69 Não é bom quando faz trovoada estar debaixo de uma figueira. Ar, que dê debaixo desta árvore, é incurável.

- 70 A queda, que se dá de uma figueira abaixo, é mortal sempre.
- 71 É mau enterrar folgo vivo, cães, gatos, etc., porque à pessoa que o faz, anda tudo para trás.
- 72 Relinchar um cavalo ao pé da porta, é sinal de grande gosto.
- 73 É mau agouro realizar-se um casamento, quando está uma cova aberta no cemitério.
- 74 Queimar a palha dos enxergões em casa é mau, porque faz a casa pobre.
- 75 Beber alguma coisa com uma luz na mão, torna a pessoa, que bebe, esquecida. (Cf. n.º 9).
- 76 Obras principiadas ao sábado não têm fim.
- 77 É mau contar as estrelas. Quantas estrelas se contam, tantos são os cravos que nascem nas mãos.
- 78 No dia 1.º de Março é bom atar uma fita escarlate nos pulsos, por causa de o sol não crestar a gente durante o Verão.
- 79 Não é bom rir à sexta-feira, porque a pessoa, que o faz, chora ao domingo.
- 80 Não se deve dobar ao domingo, porque quem isto fizer, tem de desdobrar eternamente no outro mundo.
- 81 É mau morar numa casa em que as tábuas do tecto fazem cruz com as do sobrado.
- 82 Quando num casamento chove à entrada da igreja, é sinal que os noivos hão-de ser felizes e ricos.
- 83 Quando num casamento a vela mais pequena está do lado da noiva, é sinal que ela morre primeiro; se está do lado do noivo, é ele quem morre.
- 84 É pecado pescar no dia de S. Pedro, porque S. Pedro foi pescador.
- 85 Quando uma pessoa está deitada na cama, e passa o viático, deve levantar-se logo, senão morre cedo.
- 86 E agouro, quando se acende uma luz e ela começa a estalar.

- 87 Quando os gatos andam a correr pelas casas de um lado para o outro, é sinal de vento.
- 88 Arrancando-se um cabelo da cabeça com raiz e deitando-se na água, nasce uma cobra.
- 89 Quando uma pulga salta na palma da mão, é sinal de presente.
- 90 É mau que noivos pisem sal, porque se desmancha o casamento.
- 91 Quando um galo canta antes da meia-noite, é sinal de navio à barra, ou que alguma filha foge de casa.
- 92 Não se devem dar santos, porque é sinal de apartamento.
- 93 Não se devem dar lenços, porque é sinal de lágrimas. Para evitar o agouro, é preciso que a pessoa que os recebe dê em troca cinco réis.
- 94 Não se devem dar facas, nem tesouras, porque é sinal de desavença.
- 95 Quando lembra uma alma do outro mundo, deve rezar-se um padre-nosso e dizer: toma lá este, mas não é para avezar. (Cf. n.º 30).
- 96 Quando uma pessoa morre, é bom queimar-se-lhe a cama, para não voltar a este mundo.
- 97 Nalguns sítios do Minho, quando uma pessoa se julga perseguida por um espírito maligno, deve ir deitar à meia-noite a um sítio ermo, um alqueire de grãos, de alpista por ex. ou mainço, porque são mais miúdos Estes grãos são o alimento do espírito, que gasta apenas um por ano. Como o espírito não pode deixar aquele lugar, enquanto durarem os grãos, a pessoa rodeia com uma sebe ou parede ou muro o local assim ocupado, deixando por esta forma a alma presa. O recinto torna-se sinistro e todos lhe passam de largo e o evitam.
- 98 Sonhar que qualquer pessoa morreu, é bom sinal, porque se lhe dá uns poucos anos de vida.
- 99 Sonhar com sangue é sinal de desgosto; com galinhas, é sinal de desgosto e morte; com maçãs, é sinal de discórdia, com peras, é sinal de perdas; com carvão, é sinal de pancada; com uvas pretas, é sinal de letras; com uvas brancas, é sinal de lágrimas.

- 100 Quando uma criança não chora na ocasião do baptismo, não chega aos doze anos.
- 101 Quando uma criança, ao morrer, fica com os olhos meios abertos, morre atrás dela a pessoa que mais a estimava. (Cf. n.º 45).
- 102 Quando um cão uiva de noite, é porque na rua está para fugir algum filho da casa do pai. (Cf. n.º 91).
- 103 Não é bom beber água com uma luz na mão, porque entram espíritos no corpo. (Cf. n.º 9 e 75).
- 104 As uvas que se guardam no dia 8 de Setembro, antes de o Sol nascer, ficam frescas todo o ano.
- 105 Casa onde haja um gato preto não entram os espíritos maus.
- 106 Deve dar-se aos recém-nascidos a beber a água em que são lavados, para os tonar mansos.
- 107 Também para uma criança ser mansa, deve levar-se à igreja, pôr-se em cima de um altar e dar-se-lhe três pancadas.
- 108 Para curar uma criança de quebranto, é bom passá-la três vezes por uma meada de linho.
- 109 Quando se deitam as galinhas a pastar, para que recolham cedo é bom esfregar-lhes as patas na lareira, dizendo: para casa às horas!
- 110 É bom desmamar as crianças em Sexta-Feira Santa, porque as livra de morrerem tísicas.
- 111 Não se devem apagar os morrões, que caem acesos no chão, porque estão alumando as almas do purgatório.
- 112 É bom pendurarem-se à porta 5 réis, para ter dinheiro todo o ano.
- 113 Nos arredores do Porto, quando uma pessoa está para morrer e não pode, é costume das pessoas da família ou amigos mandarem tocar sete badaladas a um sino de igreja; se pelo contrário, é uma mulher, que se encontra num parto difícil, o número das badaladas é de nove.
- 114 Também é costume, quando alguma mulher está com um parto difícil, ir o marido a uma igreja tocar o sino com os dentes.

- 115 É crença geral nos arredores do Porto que toda a pessoa que tomar um banho no dia de S. Bartolomeu (24 de Agosto), esse banho vale por vinte e quatro.
- 116 Não é bom matar um gato em casa, porque começa a fortuna a desandar.
- 117 Quando se tomam banhos, deve tomar-se um número de mergulhos ímpar; do mesmo modo deve ser ímpar o número de banhos. Se for par, faz muito mal.
- 118 É mau sentar-se uma pessoa em cima da mesa, porque faz gota.
- 119 Quando se pica o dedo com uma agulha, é bom enterrar a agulha numa cebola, para a ferida não criar.
- 120 Quando uma criança já é crescida e não fala, deve a madrinha metê-la dentro de um saco, e pondo-a às costas, ir pela vizinhança a pedir, dizendo o seguinte:
- Dai uma esmolinha à menina do fole,
Que quer falar e não pode.
- Deve a madrinha ir com este peditório a três casas e três dias a fio, e a criança deve comer tudo o que lhe derem.
- 121 A criança, que nasce com uma veia atravessada no nariz, é feliz, contanto que escape dos sete anos, que é a idade crítica.
- 122 Deve guardar-se muito bem o umbigo das crianças, porque se os ratos dão com ele, tornam-se elas ladras.
- 123 É crença geral que ninguém nasce ou morre, sem ser no fim da maré.
- 124 É bom quando uma pessoa está para morrer, abrir a janela do quanto em que ela está.
- 125 Quando se vai dar o Santíssimo a um doente, se se acaba de rezar o bendito ou a glória defronte da porta de outro doente, este último morre infalivelmente.
- 126 É bom vestir a roupa do avesso, porque livra de mordedura de cão danado.

- 127 Não é bom, quando a gente se penteia, deitar o cabelo fora, porque os passarinhos levam-no para fazerem seus ninhos, e isto ocasiona à pessoa, a quem pertenceu o cabelo, grandes dores de cabeça. (Cf. n.º 52). na
- 128 Quando faz trovoada, é bom deitar alecrim no lume, para afugentar o raio.
- 129 Quando há uma pessoa que quer fazer mal a outra, esta última deve fazer o seguinte para se livrar dela: na ocasião de ir para a igreja abaixa-se para trás e apanha a primeira coisa, que encontra, metendo-a na pia da água benta. A pessoa que quer fazer o mal, não pode depois disto tirar-se da igreja, sem se tirar o que está na pia da água benta.
- 130 O vestido do noivado nunca se deve tingir de preto, porque se se tingir, morre a noiva.
- 131 Quando as unhas crescem muito, é sinal que cresce a fortuna.
- 132 Quando uma pessoa desconfia que estão falando mal dela, para que não continuem, deve espetar uma tesoura na parede. (Cf. n.º 40 e 67).
- 133 Quando um cão esgravata no chão ou à porta, é sinal de se abrir uma sepultura.
- 134 Quando alguém morre afogado e não vem à praia, para que o corpo apareça, deve a madrinha ir à beira de água e chamar pelo nome do defunto.
- 135 Quando ao pé de um afogado chega um parente próximo ou remoto, o morto começa a deitar sangue pelos olhos e pelo nariz.
- 136 Quem corta as unhas ao sábado, vê o seu amor ou pessoa que estima ao domingo.
- 137 E muito mau cortar as unhas dos pés à noite sentado na cama, porque desanda a fortuna.
- 138 Não se deve, quando se fala no sapo, chamar-lhe pelo nome, mas sim dizer: «um de quatro», senão ele entra em casa a vai ter com a pessoa.
- 139 A mão do finado tem virtudes terríveis. Enquanto está acesa numa casa, ninguém ali acorda, e para se apagar é preciso atirar-lhe com vinagre.
- 140 Chave macha é o melhor remédio para fazer passar os ataques epilépticos.

- 141 Corda de enforcado é um bom preservativo contra desgraças.
- 142 Um pau de alecrim é um remédio infalível para livrar de feitiços.
- 143 O cepo da fogueira do Natal, assim como os cotos de velas, que alumiarão as festas, têm grandes virtudes contra coisas más.
- 144 Uma mulher grávida passando por debaixo do pátio numa procissão, tem bom sucesso.
- 145 É bom amarrar uma fita encarnada ao rabo das vacas, para o leite não lhes secar.
- 146 Quando uma mulher dá de mamar a uma criança, não deve beber coisa alguma, quando a tiver ao peito, senão fica com ataques epilépticos.
- 147 Aos burros logo que nascem, deve pôr-se-lhes ao pescoço uma coleira encarnada, com um saquinho cheio de alhos e arruda, para não entrarem com eles os feitiços.
- 148 No Minho, é crença que toda a rapariga que se chame «Maria» em pondo o pé em cima da cabeça de uma cobra, ainda que seja de leve, esta morre logo.
- 149 Toda a rapariga que se chame «Maria» e que tenha dois filhos gémeos do mesmo sexo, saltando por cima de qualquer ferida, cura-a logo.
- 150 Quando uma mulher está de parto, deve deitar-se num copo de água uma rosa-de-jericó (planta). A rosa começa logo a abrir-se com a humidade, e à medida que abre, vai a criança nascendo ou vão as dores tornando-se menos intensas.
- 151 É bom trazer uma noz de três quinas na algibeira, porque dá fortuna.
- 152 Sonhar com crianças, é sinal de novas. Se são do sexo masculino, as novas são boas; se são do feminino, pelo contrário são más.
- 153 Quando as belotas ou as cebolas grelam em casa, aumenta a fortuna.
- 154 Quando se varrem os pés a uma pessoa solteira, não casa.
- 155 É mau agouro estarem sentadas treze pessoas a uma mesa, porque morre a mais nova ou a mais velha. Segundo outra versão, morre o dono da casa.

- 156 É muito mau, quando entra um sapo em casa. É preciso ir ver logo se ele tem os olhos cosidos, para lhos descoser, porque se não se faz isto, a pessoa, a quem fizeram feitiçaria com ele, morre imediatamente. (Cf. n.º 138).
- 157 Quando há dificuldade de extrair as secundinas a uma parturiente, deve pôr-se-lhe um chapéu velho na cabeça, e mandá-la assoprar numa garrafa.
- 158 Deve queimar-se o umbigo da criança, quando lhe cai alguns dias depois de nascida, a fim de que não fuja de casa (Cf. n.º 122).
- 159 Quando cai o umbigo à criança, é bom deitar-se no lume e defumar-se-lhe com o fumo as mãos, dizendo: para que sejas habilidosa, feliz e venturosa. (Cf. n.ºs 122 e 158).
- 160 O melhor caldo para as recém-paridas é o de galinha preta.
- 161 Às mulheres grávidas deve dar-se-lhes caldo de perdigoto, algum tempo antes dos nove meses, para não terem dor de torto.
- 162 Quando a criança vem da igreja de se baptizar, deve deitar-se-lhe por cima o casado padrinho para a tornar mansa.
- 163 Quando a criança vem da igreja depois do baptizado, deve deixar-se dormir com o fato que levou, para se tornar mansa (Cf. n.º 162).
- 164 A criança que nasce de sete meses, tem uma cruz no céu da boca e possui o dom de adivinhar.
- 165 Segundo outra versão, a criança que tem a cruz no céu da boca tem um futuro muito feliz, mas não se há-de isto saber antes dos sete anos. (Cf. n.º 164).
- 166 Quando uma mulher grávida deseja alguma cousa que não pode comer, a criança nasce com a boca aberta.
- 167 Quando uma mulher anda grávida, para se saber o sexo da criança, deita-se no lume uma folha de oliveira. Se a folha estala é menino; se pelo contrário fica a arder, é menina.
- 168 Outra variante é a seguinte: quando a mulher que está grávida se acha desprevenida, pergunta-se-lhe o que tem numa das mãos. Se volta a mão com as costas para cima, é menino; se a volta com as costas para baixo, é menina.

- 169 Quando se vai a uma casa, não é bom arrumar-se a cadeira em que se esteve sentado, porque não se volta lá mais.
- 170 Quando cai alguma cousa da boca, é sinal que alguém nos quer falar. Sendo pão é homem; se for carne, é mulher.
- 171 É mau deitar os chinelos velhos à rua, porque pode passar alguém e com eles fazer mal à pessoa a quem pertenceram.
- 172 Quando se calçam as meias do avesso é sinal de fortuna.
- 173 Quando uma galinha canta como o galo, deve logo matar-se porque é um agoiro muito mau. (Cf. o provérbio: galinha, que canta como o galo, põe o dono a cavalo; isto é: faz com que ele morra).
- 174 Calçar uma bota e um sapato, é sinal de casamento.
- 175 O galo preto afugenta as coisas ruins.
- 176 As pedras preciosas, conhecidas pelo nome de «sanguíneas» têm a virtude de estancar o sangue.
- 177 O mocho, o corvo, a coruja e o besouro são animais de mau agoiro.
- 178 Dente de cão ao pescoço livra de dores de dentes.
- 179 Havendo dores de dentes por causa do defluxo, passam com queixo de ouriço.
- 180 É bom que as crianças chorem quando as estão a baptizar, porque se se conservarem caladas morrem antes de um ano.
- 181 É mau entornar azeite em casa, porque é sinal de desordem. Para se evitar isto, apenas o azeite cai, é preciso deitar-lhe logo por cima um punhado de sal em cruz.
- 182 Quando numa casa estala vidro de espelho sem ninguém lhe tocar, é sinal de morte de pessoa de família.
- 183 É bom trincar um alho em jejum por causa do mau olhado.
- 184 Quando se vê uma preta é mau agoiro; se pelo contrário é um preto, é sinal de gosto; e se se vê um preto e uma preta, é gosto certo.

185 Quando se fala nalguma pessoa morta deve dizer-se: Deus te chame lá, que ninguém te chama cá.

186 Quando se tem a orelha esquerda a arder, é sinal que estão a falar mal de nós. O remédio para não ir avante a praga é o seguinte: molharem-se dois dedos em saliva e na extremidade da orelha que está a arder, fazerem-se cruces enquanto se dizem estas palavras: assim como rezes, medres; na forca te peles; e depois de pelada, que te leve o Diabo (cf. n.º 40 e 67).

N. B. No primeiro número dos nossos *Estudos de Mitologia Portuguesa*, pp. 20 e 21 (tiragem em separado) lê-se o seguinte: «O nosso colega Adolfo Coelho é de opinião (cf. *Contos Populares Portugueses* pg. VI e VII que os contos no nosso país estão já num estado de dissolução, indicado pela confusão de episódios, sendo além disso «pouco poéticos e de um carácter simplesmente enumerativo...» Efectivamente há um certo número de contos em que o começo de dissolução é evidente, o que não admira, atendendo a que Portugal foi um dos últimos países a coligi-los. A confusão, porém, de episódios nem sempre é indício de uma dissolução próxima, etc.».

A redacção desta passagem pode fazer atribuir ao nosso colega ideias que não são as suas, e por isso nos apressamos a indicar no seu volume de contos (ob. cit) a pg. VII onde vem expressa uma opinião perfeitamente idêntica à nossa e à da maioria dos mitógrafos.

V

SUPERSTIÇÕES POPULARES (VÁRIA)*

- 187 Quando se pousam pombos na janela, é mau agouro.
- 188 Quando um galo canta quatro vezes antes da meia-noite, é sinal de morte.
- 189 Quando uma mulher grávida deseja comer uma cousa e que a não come, vem a criança com a boca aberta e a babar-se.
- 190 É bom pôr cebola nas gengivas das crianças, para lhes nascerem os dentes.
- 191 Não se deve beber água depois da meia-noite, sem mexer o copo que a contém; porque a água está a dormir, e não havendo cuidado de praticar isto, faz mal a quem a bebe.
- 192 Quando uma pessoa, vai a levar alguma cousa à boca e lhe cai, é porque alguém lhe quer falar e não pode.
- 193 Para curar uma pessoa que anda doente, faz-se a seguinte operação: benze-se com um rosário de azeviche, devendo a doente em seguida cuspir três vezes em cima de umas brasas, dizendo ao mesmo tempo a pessoa que a benze: «para nada prestes! para nada prestes! para nada prestes!» Depois vão deitar-se as brasas ao mar.

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 140-163.

- 194 Não se deve apanhar o bafo dos gatos, porque faz asma.
- 195 Três luzes acesas numa casa, é sinal de casamento.
- 196 Três pessoas a fazerem uma cama, morre a mais velha
- 197 Quebrar-se um espelho em casa, é sinal de morte.
- 198 Quando uma criança de mama tem soluços, para que eles passem, é bom tirar-se um pêlo de baeta encarnada do cueiro, molhar-se em saliva e pôr-se-lhe na testa.
- 199 Quando uma pessoa qualquer está deitando sangue pelo nariz em grande quantidade, para que ele pare, é bom fazer-se-lhe nas costas, mas sem que a mesma pessoa o saiba, uma cruz com uma palhinha.
- 200 Sonhar com um cemitério, é sinal de herança.
- 201 Sonhar com dinheiro, é sinal de frenesis.
- 202 Quando se tem um pé dormente, para que ele torne ao seu natural, esfrega-se com saliva, formando com o dedo uma cruz e dizendo ao mesmo tempo:

Desadormece meu pé!
(Desadormenta-te pé!) = variante
Que lá vem o lobo mé (*sic*)
Com a vara do juiz,
Para cortar o nariz.

- 203 Não se devem tomar remédios durante os caniculares, porque faz muito mal.
- 204 A rosa-de-jerico abre na noite de Natal e conserva-se aberta até ao dia da Purificação (25 de Fevereiro).
- 205 Em Quinta-Feira de Ascensão, do meio-dia para a uma hora vão os pássaros para o ninho, em sinal de adoração ao Senhor.
- 206 Quem em dia de São Miguel apanhar fruta, pode guardá-la todo o ano, que se não estraga.
- 207 Não é bom deitar galinhas quando faz trovoada, porque golam os ovos.

- 208 Sonhar com chuva, é sinal de temporal.
- 209 Sonhar com peixe, é sinal de banquete.
- 210 Quando se quer mal a uma pessoa, vai-se para o adro de uma igreja e quando soa a última badalada da meia-noite ajoelha-se à porta da dita igreja e pede-se tudo quanto há de mau para a pessoa em questão. Isto é infalível, porque logo lhe começa a fortuna a andar para trás.
- 211 Na Quinta-Feira de Ascensão ao meio-dia, deve sair-se ao campo e ir apanhar ervas. As erva colhidas neste dia e a esta hora têm virtude, umas para livrarem de sezões, outras para livrarem de bruxaria.
- 212 Quando há dois relógios na mesma terra, e que uma vez acabam de dar as horas ao mesmo tempo, é sinal que nessa terra está para morrer alguém.
- 213 Quando se vai amortilhar um defunto, se ele está mole (não hirto) e não custa a vestir, é sinal que leva atrás de si pessoa da família.
- 214 Quando uma pessoa ao acordar ouve logo música, é sinal de desgosto.
- 215 Quando uma criança pequena não se desembaraça a andar, põe-se em pé a um canto na ocasião de darem as ave-marias, dizendo-se por três vezes:

Ave-marias a dar,
E o meu menino a andar!

- 216 Quando as centopeias aparecem pelas paredes, é sinal de chuva.
- 217 Três luzes acesas numa casa é agoiro, porque significa testamento.
- 218 Quem nasce em dia de Natal, vive muito tempo.
- 219 Pôr as meias penduradas à cabeceira da cama, quando nos deitamos, faz sonhar muito.
- 220 Quando uma criança está deitada no chão e alguém passa por cima dela, fica *enguiçada* e não cresce mais; para que se *desenguiçe*, é necessário que a mesma pessoa que passou por cima dela a primeira vez, passe segunda, em sentido inverso.
- 221 É bom pregar uma ferradura nas portas das casas, pela parte de fora, para livrar de quebranto.

- 222 Não se deve comer hortaliça, desde Quinta-Feira Santa até Sábado da Aleluia, porque é muito mau.
- 223 Um chavelho de carneiro livra de quebranto, e quanto mais voltas tem, maior é a sua virtude.
- 224 Quando aparece uma malha branca numa unha, é sinal de presente próximo.
- 225 Quando aparece uma malha branca nas unhas da mão esquerda, é sinal de mentira; se aparece nas da mão direita, é sinal de presente.
- 226 É muito mau pôr uma luz em cima da cabeça de uma criança, porque a *enguiça* e não a deixa crescer.
- 227 Quando se anda a apanhar pinhões num pinhal, não se deve levar a mão à cabeça, porque se cria tinha.
- 228 O cão que tem seis dedos numa mão e que se chama *pezunho*, nunca se dana, ainda que seja mordido por outro animal derramado.
- 229 Dois namorados não devem dar de presente um ao outro nem lenço, nem santo, nem rosário, pois estas prendas são de mau agoiro. Para o agoiro se destruir, em troca do lenço deve a pessoa que o recebe dar cinco réis; e com relação ao santo ou rosário deve dizer-se à pessoa onde está para ela o ir buscar, evitando-se porém de o dar na mão.
- 230 Quando um rapaz namora uma rapariga, e há outra que o quer namorar a ele, deve esta deitar um pouco de sal à porta da primeira. Desde este momento já ela não pode tornar a ver o mesmo rapaz por grande que seja o amor que lhe tenha.
- 231 A sombra dos damasqueiros é muito má, e por isso não deve a gente deitar-se a dormir debaixo deles.
- 232 Passar por cima de sal é bruxaria.
- 233 Para fazer mal a uma pessoa, dá-se-lhe a comer, sem ela o saber, terra de um cemitério. A pessoa, que come isto, vai-se definhando até morrer.
- 234 Quando se desconfia, que fizeram mal a uma criança, deita-se sal no lume e passa-se por cima dele a criança três vezes. Se o sal estala, não tem a criança nada; se pelo contrário o lume se amortece, é porque lhe fizeram mal efectivamente.

- 235 As pedras de calçada não se devem empregar na construção de muros ou paredes, porque ao fim de sete anos dão uma volta.
- 236 Quando cai uma saia a uma mulher casada, é porque lhe andam com o marido; se a mulher é solteira, é sinal que lhe andam com o namorado.
- 237 Quando uma pessoa vai para calçar um sapato e o encontra de lado, é sinal de revés.
- 238 Quando se vai baldear vinho e ele faz muita espuma, faz-se com a mão aberta uma cruz, tocando na espuma; em seguida faz-se a mesma cruz, sempre com a mão aberta, na testa e depois ainda no vinho. Feito isto pára logo a espuma, sem o vinho perder a força.
- 239 Na noite do casamento, nos arredores de Lisboa, é costume uma pessoa de família ir lavar as costas à noiva, antes de ela ir para o quarto, a fim de ser feliz.
- 240 Quando se têm pombos novos, para eles não fugirem do pombal, é preciso que se defumem com incenso os primeiros que aí entram, assim como o próprio pombal. Se não se tiver esta precaução, fogem todos os pombos.
- 241 Quando se deita uma galinha, que está em sítio que possa estremecer, para os ovos não saírem golos, é bom colocar-se por debaixo deles entre a palha uma ferradura.
- 242 Um cabelo deitado na água transforma-se numa cobra, e à medida que a cobra vai crescendo vai-se mirrando a pessoa a quem o cabelo pertence.
- 243 Quando duas pessoas bebem água ao mesmo tempo, adoece uma delas.
- 244 É mau pôr uma luz no chão, porque significa que morre alguma pessoa da casa.
- 245 Quando uma visita se demora muito, para que ela se vá embora, deita-se sal no lume.
- 246 As crianças nascem sempre na enchente da maré.
- 247 Quando uma mulher tem muito leite e que a criança não o pode mamar todo, é bom pôr-se-lhe ao peito um ou mais cãezinhos, que depois de mamarem, se devem matar.

- 248 Quando uma mulher está menstruada, se subir a uma árvore, a árvore seca.
- 249 As crianças que brincam com o lume mijam à noite na cama.
- 250 Para afugentar as cobras de uma casa, é bom queimar nela chinelos velhos e erva-santa.
- 252 Não se deve queimar um ramo de figueira numa casa onde se está criando uma criança, porque seca o leite à mãe e a criança fica *enguiçada*.
- 252 Quando uma mulher cria, não deve dar o seu leite a cão ou a gato, porque faz mal à criança.
- 253 Quando se está fervendo o leite e se entorna por fora, seca o leite à vaca que o deu.
- 254 Para uma pessoa, que padece do peito, não morrer tísica, deve apanhar um xarroco (peixe) vivo, abrir-lhe a boca e cuspir-lhe dentro. Deve depois atirar com o xarroco outra vez ao mar, e não lhe fazer mal. É remédio infalível.
- 255 Achar um alfinete na rua e apanhá-lo é muito mau, porque é sinal de testemunho.
- 256 Sonhar com um touro, é sinal de morte de parente.
- 257 Quando se encontra um sapo deve espetar-se com uma cana da boca à barriga, deixando a mesma cana enterrada na terra. Ninguém que passe o deve tirar daquela posição, porque se o fizer, essa pessoa tira a fortuna à pessoa que o espetou.
- 258 Quando se bebe o resto da água que uma pessoa deixou no copo, ficam-se-lhe sabendo os segredos.
- 259 Para fazer secar o leite a uma mulher que cria, munge-se-lhe uma gota e dá-se a beber a uma gata.
- 260 Para se saber se uma mulher grávida dará à luz um rapaz ou uma rapariga, faz-se uma bola de estopa e deita-se-lhe fogo sobre uma superfície, que seja horizontal. Se depois de a estopa arder, a cinza que fica dá um tombo, é rapaz; se não dá, é rapariga.

- 261 Enquanto uma criança não chega aos seis meses, não se deve levar à rua à noite, sem lhe pôr na mão uma côdea de pão de centeio, por causa dos *ares maus*.
- 262 Quando se põe o pão de pernas para o ar, é muito mau, porque chora Nosso Senhor.
- 263 Quem no 1.º de Maio não comer uma castanha pilada, antes de nascer o Sol, entra-lhe o «maio» no corpo. Por isso é costume de algumas pessoas ficarem com a castanha de véspera na cama, para a comerem logo que acordarem.
- 264 O que se faz em dia de Ano Bom, repete-se todo o ano.
- 265 Quando uma criança chega a uma certa idade e não pode falar ou é gaga, é bom dar-se-lhe a beber água por um chocalho.
- 266 Não se deve cheirar nunca o pão, porque quando se morre, a terra não come o corpo e só come a ponta do nariz.
- 267 Passar um ovo quente, apenas acaba de ser posto, pelos olhos, tem a virtude de aclarar a vista.
- 268 As raparigas e os rapazes solteiros devem comer o canto do pão, para casarem cedo.
- 269 É muito mau engomar uma fralda ou outra qualquer peça do enxoval de uma criança, quando está urinada, porque a criança seca e mirra-se.
- 270 Secar o enxoval de uma criança, quando está urinado, ao sol, faz secar a criança.
- 271 Não se deve comer a comida em que deu o sol, porque faz muito mal.
- 272 No dia de S. Martinho (2 de Novembro) morrem todas as moscas.
- 273 É mau chover no dia de Ano Bom, porque chove todo o ano.
- 274 É muito mau dormir uma pessoa velha com uma nova, porque lhe chupa a substância.
- 275 É bom em Quarta-Feira de Trevas pôr um ferro sobre a ave que choca ovos, para que estes não golem.

- 276 Na Quarta-Feira de Trevas não se deve fiar depois do pôr do Sol, porque foi então que os Judeus fiaram as cordas com que prenderam Nosso Senhor Jesus Cristo.
- 277 Quem canta antes do almoço, não chega ao Sol posto.
- 278 No Sábado de Aleluia, é bom furtar-se água da pia de baptismo de uma igreja; três gotas desta água deitadas no comer livram de feitiços a quem as toma, mas há-de ser depois de o comer ser tirado do lume, porque antes é pecado.
- 279 Em Quinta-Feira de Ascensão, antes do nascer do Sol, devem apanhar-se todos os botões de rosa que estão a abrir. Metade deita-se numa garrafa de azeite, e a outra metade numa de vinagre. Depois em sendo do meio-dia para a uma hora põem-se de fora da janela e deixam-se estar quarenta dias e quarenta noites, recolhendo-se no fim deste prazo para casa. Quem se lavar com aquele vinagre e puser aquele azeite na cabeça, fica muito bonito e com muitos bons cabelos.
- 280 Quem tiver galinhas, deve espreitá-las em Quinta-Feira de Ascensão, para ver as que põem ovos do meio-dia para a uma hora. Os ovos postos então devem guardar-se, porque nunca apodrecem e são um grande preservativo contra todas as doenças.
- 281 No dia de Natal, à meia-noite, deve sair-se para o campo e apanhar-se arruda, alecrim, salva e erva-terrestre. A arruda frege-se em azeite para dar fomentações, e das outras plantas faz-se chá para tomar quando se está doente.
- 282 Quem, a passar pelo alecrim, não apanhar ao menos um raminho, fica desmemoriado. Cf. o seguinte provérbio ou trova popular:

Quem pelo alecrim passou,
E um raminho não apanhou,
Do seu amor *não se lembrou!*

- 283 Na Quinta-Feira de Ascensão é bom apanhar-se uma espiga de trigo, um ramo florido de oliveira, uma papoula e diferentes malmequeres, e fazer com tudo isto um ramallete, para não faltar em casa em todo o ano pão nem dinheiro. É ao que se chama em Lisboa *«ir à espiga»* e o dia é conhecido pelo nome de *«quinta-feira da espiga»*. No Porto chama-se *«quinta-feira da hora.»*

- 284 É bom em Quinta-Feira de Ascensão comer carne. Cf. o seguinte provérbio popular:

Em Quinta-Feira de Ascensão,
Quem não come carne
Não tem coração;
Ou de ave de pena,
Ou de rês pequena.

- 285 Quando um doente quer mudar de cama, morre nessa noite.
- 286 Quando uma mulher grávida dá algum ponto em si (i.e. em cousa que tenha vestida) não deita as secundinas.
- 287 Quando uma mulher grávida dá algum ponto em si saem-lhe os filhos aleijados.
- 288 Toda a pessoa a quem uma mulher grávida pedir uma coisa, e que lha não der, fica com treçolhos nos olhos.
- 289 Quando uma pessoa se põe a contar as estrelas, urina na cama.
- 290 Quando uma pessoa, por engano, calça uma bota e um sapato, desmancha-se algum casamento que haja contratado na família.
- 291 Deve apanhar-se a primeira cousa que se acha, seja o que for, senão perde-se a fortuna.
- 292 Quando há dois gémeos, o mais velho tem o dom de adivinhar e às terças e sextas-feiras aparece-lhe o Senhor crucificado no céu da boca. Não se deve porém dizer a ninguém que é o mais velho, antes de ele se confessar pela primeira vez, senão desaparece da família.
- 293 Quando uma pessoa está para morrer, mesmo na ocasião de dar o último suspiro, vem sempre um mocho bater com as asas na janela do quarto.
- 294 Quando um doente está para expirar, é preciso abrir-se a janela do quarto onde ele está ou a da casa mais próxima.
- 295 Quando um doente está muito perigoso, não é bom fazer-lhe a cama de lavado, porque morre mais depressa.
- 296 Quando uma pessoa rompe o sapato no bico do pé, é sinal de que é ciumenta.

- 297 O mês de Fevereiro era muito guloso de papas e milho, e vendeu um dia por um prato delas. É por isso que ele tem menos um dia.
- 298 Quando se come uma ave qualquer, não se devem deixar os ossos em cruz, porque é sinal de barulhos.
- 299 É muito mau ter pombos em casa. (Cf. o provérbio: casa de pombos, casa de tombos).
- 300 Para uma pessoa curar a «vertoeja», sendo homem deve vestir uma camisa suja de mulher, e sendo mulher deve vestir uma camisa suja de homem.
- 301 Quem nasce ao domingo nunca é acometido de coisas ruins nem as aprende.
- 302 Quem nasce em ano bissexto não é atacado de bexigas.
- 303 Quando se tem uma dor no pescoço, deve enrolar-se-lhe em volta um pé de meia de mulher, do pé esquerdo e ainda quente.
- 304 É muito mau quando um doente parte algum objecto de louça, porque é sinal de morte.
- 305 Uma pele de sapo, cortada do tamanho de doze vinténs em prata, e posta de molho em vinagre durante quinze dias, livra de antrazes.
- 306 Quem se vê a um espelho à noite com uma luz na mão, vê dentro do espelho o Diabo.
- 307 Para chamar desventuras sobre uma pessoa, salga-se-lhe a porta.
- 308 A *pedra do raio* que cai do céu, quando fazem trovões, livra a pessoa que a traz, ou a casa onde está, de serem fulminadas.
- 309 Quando fazem trovões, para que não aconteça mal algum, é bom acender um coto de vela, que tivesse estado aceso nalguma igreja em Quinta-Feira ou Sexta-Feira Santa.
- 310 É um preservativo para afugentar as trovoadas, queimar palma benta em Domingo de Ramos e espalhar o fumo pela casa.
- 311 A pessoa que quando fizer uma trovoadas, rezar com devoção a «Magnífica» que Nossa Senhora rezou em casa de Santa Isabel, não pode ser fulminada pelo raio.

312 É mau beber água antes do almoço. (Cf. o seguinte provérbio:

Quem bebe água antes do almoço
Chora antes do Sol posto).

313 Para haver fortuna numa casa, é bom pôr em cima da porta uma armação de carneiro preto e uma ferradura.

314 Para livrar de quebranto as crianças pequenas, é bom pôr-lhes ao pescoço um cordão de seda preta com os seguintes objectos enfiados: um sino saimão, três vinténs em prata furados, uma argola, um dente de lobo, uma meia lua e uma figa.

315 Quando uma vaca está a berrar, as pessoas solteiras devem logo meter a mão na algibeira, que é para casarem cedo.

316 Não se deve pôr água benta na testa à saída da igreja enquanto se não é casada, porque se fica toda a vida solteira.

317 Sonhar com laranjas é sinal de gostos.

318 Sonhar com água limpa é sinal de gostos, e com água suja é sinal de desgostos.

319 É muito mau pôr uma luz em cima da cama, porque é sinal de morte.

320 Sonhar com botas é sinal que se vai alguém embora de casa.

321 Quando se sente comichão na palma da mão, é sinal de dinheiro.

322 Dobrar linhas à sexta-feira é agoiro.

323 Para que o Santo António faça o milagre de casar uma rapariga solteira, é preciso que seja roubado a outra pessoa.

324 No dia de Reis devem guardar-se nove bagos de romã; três deitam-se no lume, para o ter todo o ano aceso; três deitam-se no saco do pão, para o ter todo o ano; e três deitam-se na bolsa, para igualmente todo o ano ter dinheiro.

325 É bom trazer uma batata na algibeira, porque livra de reumatismo.

326 É muito mau agoiro abrir um chapéu de sol dentro de casa, porque é sinal de morte.

- 327 Quando aparece um cometa no céu, é sinal de morte de pessoa real.
- 328 Quando uma criança chora dentro da barriga da mãe, é sinal de que há-de ser muito feliz, mas não há-de a mãe dizer nada antes dos sete anos.
- 329 Quando na beira do telhado de uma casa há ninhos de andorinha, e alguém os desmancha, é sinal que se desmancha a casa, porque o ninho da andorinha é sagrado e traz felicidade à casa onde está.
- 330 Deve em todas as casas partir-se uma romã em dia de Reis. Cada pessoa come alguns bagos para ter dinheiro todo o ano; e a outra metade pendura-se com três vinténs dentro, para ficar para o ano seguinte.
- 331 Quando aparecem malhas brancas nas unhas de uma pessoa, é porque ela conta as estrelas.
- 332 A primeira segunda-feira de Abril e a primeira de Novembro são os dois dias mais aziagos do ano.
- 333 Na noite do casamento, aquele que no quarto apaga a luz primeiro, é o que primeiro morre.
- 334 Quando uma pessoa passa por defronte de uma abegoaria de vacas e que elas mugem, é sinal de casamento.
- 335 Quando há uma criança doente e se quer saber se ela vive ou morre, leva-se a uma igreja e deita-se no altar de Santa Auta. Se a criança chora, morre; se se cala, vive.
- 336 Não é bom trazer um sapato de cada cor, porque se perde casamento.
- 337 Quando se têm dores de cabeça, é bom esfregar a testa três vezes com um gato preto e depois cuspir-lhe três vezes.
- 338 Quando uma mulher anda grávida, não deve coser nada em cima de si (que tenha cosido), porque saem os filhos aleijados.
- 339 Quando uma mulher anda grávida, não deve trazer nada no seio, porque saem os filhos malhados.
- 340 Não é bom pôr uma criança pequena defronte de um espelho, porque lhe retarda a fala.
- 341 É mau agoiro estalar três vezes a luz de azeite.

- 342 Quando se deitam os porcos para irem fossar, é bom medir-lhes o rabo com um pau, que depois se mete debaixo da pia onde eles têm o comer, a fim de não se perderem e voltarem a casa.
- 343 É muito mau deixar uma cama em lençóis, sem coberta nem cobertor, porque ocasiona a morte da pessoa a quem ela pertence.
- 344 Quando se vê uma aranha preta, é anúncio de dinheiro; se é branca é sinal de falsos testemunhos.
- 345 Sonhar com uma pessoa já morta, como se estivesse ainda viva, é sinal de herança.
- 346 É muito mau torcer linhas nas sextas-feiras de Quaresma.
- 347 É bom conservar todo o ano uvas pretas em casa, para não faltar o dinheiro.
- 348 É bom comer uvas depois da meia-noite do Natal, porque livra de sessões.
- 349 Quando a cordorniz canta, quantas vezes repete o canto, tantos tostões há-de custar o alqueire de milho nesse ano.
- 350 Quando se promete ser padrinho de uma criança, e que depois se volta com a palavra atrás antes de a mesma criança ter nascido, vem ela ao mundo aleijada.
- 351 A chuva de Maio faz bonito quem a apanha.
- 352 Uma pessoa que tenha um sinal negro nas costas, está livre de entrar o Diabo com ela, ou de lhe darem quaisquer feitiços.
- 353 Quando uma pessoa está doente, e se desconfia que foi mal que lhe fizeram, deve dizer-se:
- Fulano, (nome da pessoa)
Deus te cheirou,
Deus te criou,
Deus te tire o mal,
Que nesse corpo entrou.
- 354 Quando se têm febres intermitentes, deve apanhar-se uma lagartixa e dependurá-la ao pescoço dentro de um saquinho. Logo que morre a lagartixa, vão-se as febres.

- 355 Devem comer-se cinco bagos de uva, quando levanta a Deus na missa do Natal, porque livra de dores de cabeça todo o ano que está para começar.
- 356 Não se deve beber água em correntes, sem primeiro rezar um padre-nosso e uma ave-maria, porque se morre de dores de barriga.
- 357 Não se devem cortar unhas à sexta-feira, porque nesse dia está o Diabo a cortá-las também.
- 358 Quando uma pessoa espirra, já não morre nesse dia.
- 359 Quando se está a fazer roupa nova e aparece uma pulga nela, é sinal que a dona há-de rompê-la com saúde.
- 360 Quando uma pessoa se vai deitar, não deve pôr a luz no chão, porque aparecem as almas.
- 361 A primeira vez que se come de uma fruta no ano, e antes de se provar, deve pedir-se uma cousa que se deseje, porque se realiza.
- 362 Para uma pessoa, que tem soluços, melhorar, é remédio infalível beber nove golos de água.
- 363 Para uma pessoa, que tem por costume enjoar, não lançar no mar, deve fazer-se-lhe, sem ela saber, uma cruz de sal no fato, que se coloca mais perto do corpo.
- 364 Em Quinta-Feira de Ascensão nascem os figos nas figueiras do meio-dia para a uma hora.
- 365 É muito mau pisar a sombra a uma pessoa.
- 366 O vento, que sopra à meia-noite do dia de Natal, dura sem mudar de direcção até ao dia de São João.
- 367 Os ovos, que em Quinta-Feira de Ascensão as galinhas põem do meio-dia para a uma hora, não apodrecem nunca e têm a virtude de curar doenças e dores.
- 368 É bom em Quinta-Feira de Ascensão apanhar certas flores e plantas antes do nascer do Sol, para remédio.
- 369 Quando chove no Domingo de Ramos, todos os figos lampos caem ao chão.

- 370 Quando chove no dia quinze de Agosto, toda a azeitona se faz gafa.
- 371 Quando a uma vaca ou cabra lhe foge o leite, para que ele volte, deve atar-se-lhe uma corda a uma ortelha e a outra extremidade da mesma corda a um pé.
- 372 Quando uma criança nasce, não se deve dizer à mãe de que sexo é, enquanto não estão extraídas as secundinas, porque de contrário levam elas muito tempo a sair.
- 373 No Alentejo há uma ave (qual?) que, se algum caçador a matar, a alma penada dela fica errando pelo mundo, até que o assassino vá pelo espaço de trinta noites gritar por ela a um cemitério.
- 374 Quando se fazem dois casamentos ao mesmo tempo, um deles há-de ser infeliz porque a felicidade foge toda para um.
- 375 Quando se deita pelo nariz sangue em abundância e que não quer parar, é bom fazer nas costas uma cruz com facas.
- 376 Quando uma mulher está grávida, não deve dizer nada antes dos cinco meses, senão sai a criança feia.
- 377 É bom dormir com a cabeça para o Nascente, porque se vive muito tempo. (Cf. o provérbio:
- Cabeça para o Nascente
E pés para o Poente,
Viver eternamente).
- 378 É bom ter relações com os defuntos a fim de eles pedirem por nós a Deus. Para isto deve pregar-se um alfinete na roupa que o defunto leva, ou atirar-lhe para cima da cova com uma mão cheia de terra.
- 379 Comer uma romã no dia de Ano Bom, dá felicidade.
- 380 Quando uma mulher está grávida, para se saber de que sexo é a criança, deve observar-se com que pé costuma subir primeiro uma escada. Se for com o direito, é rapaz; se for com o esquerdo, é rapariga.
- 381¹ Quando se faz uma casa de novo, em ela estando concluída, morrem os donos. (Cf. o n.º 2).

¹ As superstições que seguem, até ao fim do presente número, foram-nos fornecidas pelo nosso amigo e distinto filólogo, o Snr. Gonçalves Viana, a quem já devemos outras indicações valiosas para os nossos estudos.

- 382 Em casas de esquina aparecem quase sempre coisas más. (Cf. o n.º 3).
- 383 Não se deve negar água a ninguém, porque traz desgraça à pessoa que o faz.
- 384 Quem se vê de noite sem luz ao espelho vê o Diabo.
- 385 Brincar com a sombra da própria pessoa, na parede, é muito mau, porque se brinca com o Diabo.
- 386 É mau dormir ao pé de um oratório, porque os santos levantam-se de noite e vêm dançar em cima da cama.
- 387 Deitar pão no lume é pecado.
- 388 Cuspir no lume é pecado.
- 389 Queimar oliveira é pecado, porque é a árvore onde pousou a pomba, quando saiu da Arca.
- 390 É pecado queimar trovisco, porque foi a planta onde Nossa Senhora enxugou os panais do Menino.
- 391 É muito mau, quando se vai por uma estrada de noite, voltar-se para trás, porque fica o Diabo a fazer cruces nas costas.
- 392 Quem fala só, fala com o Diabo.
- 393 A pessoa que sonha alto responde e releva os seus segredos a quem a interrogar.
- 394 Quando bandos de aves de rapina pousam sobre o telhado de casa onde haja um doente, morre este antes de três dias.
- 395 Quando uiva um cão em sítio em que há alguém doente, é sinal de morte para o enfermo.
- 396 Um bocado de pão dentado, se for dado a um sapo, por qualquer pessoa que nos queira mal, mirra-se o sapo e mirramo-nos nós. (Cf. o n.º 25).
- 397 Não se deve comer nem pão nem outra qualquer coisa que se ache perdida, porque foram as bruxas que a deixaram.

- 398 Para sabermos se seremos felizes numa casa, devemos contar as tábuas do tecto, dizendo: ouro, prata, cobre, nada, e assim por diante, até chegar à última; o nome que a esta couber designará a nossa fortuna.
- 399 Quando se vê um marreca ou um vesgo em jejum, para desfazer o enguiço é remédio certo o esfregar uma moeda de cobre pela sola do calçado. O primeiro expediente, porém, é uma pessoa benzer-se.
- 400 Sentir bater à porta com os pés, é sinal de presente que se vai receber. (Cf. n.º 26):

² O próximo número das «Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa» (n.º VI) será «As superstições populares num processo da Inquisição». O n.º VII ocupar-se-á do «lobisomem» na tradição portuguesa; e o n.º VIII tratará das «mouras encantadas», para o que temos já todo o material necessário ordenado. Os números seguintes terão por objecto o «Diabo», a «Lua», as «plantas nas superstições populares», os «animais nas superstições do nosso povo», as «pedras e as águas na tradição portuguesa», etc., etc. Além disso, temos novos e importantes aditamentos a fazer ao que publicámos com relação às «bruxas» e às «superstições populares relativas ao São João». Ainda assim, aceitamos reconhecidos qualquer esclarecimento que a curiosidade de algum dos nossos leitores nos queira ministrar, toda a vez que venha acompanhado das indicações necessárias, para que a sua verdade possa ser verificada. É mesmo um apelo, que deste lugar fazemos a todos aqueles que se interessam por esta ordem de estudos. Qualquer indicação ou rectificação será por nós acolhida com todo o interesse e examinada com todo o cuidado. O nome da pessoa e da localidade serão, como até agora, escrupulosamente publicados, como prova da autenticidade do que se avança. Em fim do trabalho que nos propomos levar a cabo, só queremos a parte que nos compete, não deixando nunca ficar na sombra aqueles a quem devemos preciosas comunicações, sem as quais, apraz-nos confessá-lo, a nossa empresa não passaria de um *desideratum* impraticável, e de um valor quando muito teórico. Foi «perguntando sempre» e recebendo o contingente de muitos ilustres obreiros, que Grimm, Afanasiev, Pitré, Antonovitch e outros, conseguiram constituir as suas esplêndidas colecções. Por que motivo o que se tornou possível na Alemanha, na Rússia e na Sicília, não o será também entre nós.

Não se trata de uma colecção de simples curiosidade, mas de estudos que interessam igualmente a etnologia peninsular, a mitologia comparativa e a história da civilização portuguesa. Ao nosso país interessam-no estes trabalhos, por isso que a história das crenças populares é um capítulo e dos mais importantes da história da evolução mental do povo português e portanto um dos capítulos mais interessantes da história geral de Portugal. À etnologia peninsular são estes mesmos estudos indispensáveis para a sua constituição, e formam mesmo uma das suas naturais subdivisões, como é opinião dos mais autorizados eruditos (cf. Adolfo Coelho — *Revista de Etnologia e Glotologia*, pp.1 seg.). Finalmente à mitologia comparativa interessam estas investigações feitas no país mais ocidental da Europa, por isso que permitem restabelecer o último elo da cadeia tradicional árica, que desde a Índia se estende até Portugal.

Cremos que este tríplice objecto é motivo suficiente de estímulo para que nós adiantemos todos os dias a obra começada. Chegará um momento em que os fragmentos hoje ainda desconexos do nosso maravilhoso popular se acharão harmonicamente reunidos, e então terá achado a sua plena justificação o nosso empenho e a resolução que já de há tempo tomámos, de nos afastarmos de outros estudos de uma utilidade mais imediatamente prática, para prosseguirmos nestes ainda tão pouco considerados nos círculos oficiais do nosso país.

VI

SUPERSTIÇÕES POPULARES NUM PROCESSO DA INQUISIÇÃO*

O que adiante se vai ler é extraído de um célebre processo ms. da Inquisição, que se guarda actualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹. O primeiro documento é uma espécie de libelo em que por capítulos são agrupados os diversos delitos do réu em matéria de feitiçaria. Os documentos, que se seguem, são copiados sobre os originais, mencionados no libelo, que se acham anexos ao processo em questão. São pela maior parte orações ou esconjuros, alguns porém bastante interessantes e para os quais chamamos a atenção dos nossos mitólogos. O que para uma mitologia popular portuguesa se pode tirar das importantes peças de um dos nossos mais importantes processos de feitiçaria, é desnecessário aqui indicá-lo. Já num estudo anterior² nos referimos à mistura que se dá nos processos da Inquisição de superstições genuinamente populares e nacionais, com outras que representam apenas uma corrente *erudita*, que nada tem a ver com a nossa mitologia. A existência porém, nestas últimas, tão

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 184-206.

¹ Processo ms. de Luis de la Penha, feitiçeiro desta cidade de Évora. Auto de 1626. (Arq. Nac. maç. 841, n.º 8179). O libelo que publicamos começa por estas palavras: «Diz o promotor de justiça d'esta côrte ecclesiastica e Arcebispado de Évora contra Luis de la Penha morador n'esta cidade e Reo preso, etc».

Ao imprimir este documento cumpre-nos agradecer aos nossos amigos e mestres, os habilísimos paleógrafos portugueses, os Ex.ªs Snrs. João Pedro da Costa Basto e José da Costa Basto, oficiais maiores da Torre do Tombo, o eficaz serviço que nos prestaram na leitura de muitas passagens difíceis, que seríamos incapazes de restituir por nós mesmos sem este valioso auxílio. E o que dizemos com relação ao caso presente, applica-se a todos os demais, porque à benévola indicação destes dois ilustres funcionários, devemos grande parte do êxito dos nossos trabalhos no rico Arquivo Nacional.

² Consiglieri Pedroso — *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, II, pg. 7 (edição à parte).

fácil de reconhecer, não deve por forma alguma deixar na sombra a realidade das primeiras, que especialmente nos interessam. Seguem os documentos desacompanhados de qualquer comentário explicativo, que fica reservado para outro lugar.

LIBELLO

Provará 1.º Que sendo defeso com graves penas q nenhuma pessoa use de feitiços e feitiçarias e superstições e de adivinhar para nenhum fim máo nem posto q pareça bom nem curar nem benzer com palavras nem outras cousas, devendo o Reo Luis de la Penha como christão q he cumprir o q assi he mandado e não usurpar nem tomar para si o q somente he de deos, e não fazer nem usar as tais cousas nem ter livros com receitas e declarações delias nem cartas de tocar nem as dar e ensinar o Reo sem temor de deos nem das justiças faz e tem feito tudo m.^o pelo contrário. É visitandosse esta cidade no mes de setembro do anno proximo passado de 1616, foi nisso m.^o culpado e era fama m.^o publica até então de muitos annos do Reo ser feiticeiro e advinhar o provir, e lançar sortes para isso e de fazer feitiços e os tirar e de benzer doentes e está disso o Reo infamado publica.^o

2.º Que o Reo Luis de la Penha dizia q curava enfeitiçados mas q o não podia fazer senão por meio de crianças pequenas e averia mais de hum mes ao tempo q se visitou q o Reo teve em casa hum homem do campo para o curar de feitiços ou do diabo e publica.^o assi se dixe. E assi foi a casa do Reo Alfayate para lhe desendemoninhar a molher e o Reo dixe q era necessário q a menina q hia com elle dicesse certas palavras para assi desendemoninhar a molher. E assi dizia o Reo q não podião as feiticeiras fazer causa alguma sem elle, e q se atrevia a mostrar m.^o figuras em hum Livro as quais se levantassem do mesmo livro, e diz o Reo m.^o cousas semelhantes a estas, e dixe a hum homem q lhe dixe q pretendia casar com huma molher q elle faria todo o impossivel por q a ouvesse.

3.º Que outrosi o Reo Luis de Lapenha usava de cartas de tocar e se offerecia a velas e dalas e fazelas para remedio, mas que avia de ser a seu modo e que se avia a pessoa de despir em huma casa só com elle e lhe avia de tirar da perna esquerda uma pequenina de carne q fizesse sangue, e q lhe poria huma pequena de massa q elle avia de fazer, e q com isso averia huma carta de tocar, e disse a huma molher q se ella não quizesse fazer huma cousa a seu modo lhe avião de dar a ella e a seu marido feitiços.

4.º Que o Reo Luis de Lapenha usa de adivinhar e o faz assi vendo as mãos das pessoas, como também não, e adivinha assi o q as pessoas tinhão dito e feito, como o que estava por vir q he cousa q só a deos pertence. E dizia o Reo q adi-

^o Por dificuldade tipográfica substituímos sempre os ~ por *m* ou *n*, onde se empregam fora da ortografia usual, seguindo em tudo o mais rigorosamente o ms.

vinharia tudo o q quisessem. E averia mes e meo pouco mais ou menos ao tempo q visitou, q o Reo dize q d'ahi a quatro ou cinco dias avia de aver hum doente em caza de Manoel Gonçalves e veio hum ferido. E disse a huma mulher casada q seu marido avia de vir ferido de fora; e dahi a oito ou quinze dias veio ferido na sobancelha, e quando o Reo isto disse a benzeo e lhe lançou uma benção.

5.º Que averia um anno q o Reo dixe a outra mulher q ella avia de pelejar com huma vezinha, e q se ella seguisse a via de elle Reo não pelejaria nem teria nada com ella, e dizendo a mulher q o faria por escusar pelejas, lhe pediu o Reo huma pequenina de massa ou pão e o Reo lhe poz huma migalhinha de pão na testa e na barba e disse humas palavras e lhe lançou huma benção. E as dixe o Reo q elle adivinhara aver huma mulher de cair de huma janela, e na verdade a mulher q se chama Jeronima Thomé cahio. E assi disse mais o Reo q elle fezera vir a huma mulher huma capella de hum parente que estava na índia e q fezera jurar duas testemunhas q o dito parente era morto.

6.º Que casando hum homem o Reo Luis de La Penha lhe dixe que avia de ter m.^{...} desgostos com seu sogro e q avia de ter hum filho macho, e assi lhe aconteceu e lhe dixe mais q se morasse da parte donde nascesse o sol q teria m.^{...} cruzados. E assi dixe a huma mulher q se ella casava naquelle mes q avia de ter m.^{...} revoltas e trabalhos com seus parentes e assi lhe aconteceu depois. E mais lhe dixe q se guardasse, e vivesse acautelada por q lhe avião de dar huns grandes feitiços, e estas e outras adivinhações dizia o Reo.

7.º Que outro si o Reo Luis de La Penha adivinha e diz m.^{...} cousas, vendo a mão de pessoas o q fazia m.^{...} vezes dizendo q adivinhava, e vendoa a huma mulher lhe dixe que seu marido avia de ter huma briga de q avia de sair ferido ou mal tratado, e que se ella fosse por sua via q lhe não aconteceria nada, e nisto disse humas palavras, e entre ellas dixe q o mal q avia de soceder ao marido socedesse a outrem, e dahi a huns dias lhe dixe o Reo que o q avia de soceder a seu marido tinha já socedido a outrem. E tomando a mão ao filho de huma mulher dixe q avia de fazer huma caminhada grande e q depois avia de ser frade. E vendo as mãos a duas irmãs dixe a huma q seu marido avia de ser preso, e ella avia de sair fora da terra e passar aguas do mar, e q avia de casar segunda vez e a outra disse q avia de ir fóra da terra e comer (sic) huma capella. E lança o Reo sortes para adivinhar e saber. E ameaçava o Reo se descobrissem o q elle dizia e fazia, dizendo q assi como elle podia fazer bem lhe podia fazer mal. E com as ditas cousas embaraçava m.^{...} moças solteiras dizendolhe q lhe avia de adivinhar.

8.º Que alem do sobredito o Reo Luis de La Penha usa de curar e benzer e elle assi o diz publicamente q cura e benze muita gente e assi vem para isso e curar e benzer muita gente em sua busca, e olhando o Reo a mão a huma mulher a benzeo com a mão queimando juntamente hum pequeno de alecrin. E benzia doentes, e por huma criança não querer que o Reo o benzesse dixe o Reo que avia de morrer pois se não queria benzer com elle. E benzeo e bafejou hum doente de huma pedrada, e bafejando disse q já ficava com saúde, e assi

benzia m.^{tas} vezes e bafejava pessoas dizendo com isso palavras q não se entendião, e quando benzia tomava hálito com a boca.

9.º Que o Reo Luis de La Penha tem livros de adivinhar os quais dizem que lhe ficarão já do pai, e o Reo usa delles e os mostrava, e mostrou hum em que tinha humas sinas. E dixe o Reo q tinha hum livro no qual mostrava m.^{tas} cousas, e nelle tinha huma roda da fortuna, e q se atrevia mostrar m.^{tas} figuras nelle.

10.º Que fazendosse ao Reo Luis de La Penha perguntas judicialmente duas vezes, e nas primeiras confessou ser verdade ser chamado por Gonçalo Fernandes alfayate e q foi ver sua mulher q he a q se diz estar enfeitçada ou endemoninhada. E assi confessou q entendia q adivinhava algumas cousas porque chorou no ventre da mãe segundo lhe ella diz. E assi confessou q tinha repertorio e outro livrinho q trata da mão por q lia e q pelo q d'elles tinha aprendido vendo a mão a algumas pessoas lhe diz o q lhe parece e q as vezes saie verdade o que diz.

11.º Que por aver noticia q o Reo tinha os tais livros em sua casa se fez nella diligencia, e lhe acharão m.^{tas} livros de letra de forma e de mão e m.^{tas} papeis q forão trazidos a caza do despacho das visitações, onde forão vistos e examinados e dos q se achárão de suspeita e de casos graves se fez nella memoria e lembrança.

12.º Que fazendosse inventario e declaração dos ditos papeis e livros q se acharão ao Reo Luis de La Penha se acharão m.^{tas} papelinhos, e outros papeis maiores e outros papeis miúdos q se numerarão, e nelles se contem muitas e diversas cousas e cartas de tocar.

13.º Que outrosi se acharão ao Reo m.^{tas} livros de letra de mão hum de 4.º q tem por sinal a letra A, q tem cousas de suspeita. E outro com a letra B q he de oitavo em q também estão muitas cousas. E outro com a letra (também com muitas causas. E outro com a letra D. E outro com a letra E. E outro com a letra f q tem huns quadernos com hum título q diz: *livro de adivinhar tudo o q quizerem saber* com algumas mãos e sua declaração ao pé. E outro com a letra g q também se intitula *de adivinhar quanto quizerem* com muitas mãos pintadas com suas declarações ao pé.

14.º Que outrosi se achárão ao Reo em hum saquinho pequenino de linho m.^{tas} cousas, e huns pós pardos e hum papelinho, e noutro huns granitos com huma cousa branca maior, e hum pequenino de pedra amarela e cousa como hum feijão, e huma carta de tocar e outra com a oração do Justo Juiz e hum pedaço de pedra q parecia de Ara; e outros dous pequeninos de pedra d'ara ao parecer q são cousas de q usam os feiticeiros e com q fazem suas feitiçarias, e como o Reo as usa e faz e se lhe acharão em seu poder as ditas cousas e pedaços de pedra dara se hade ter e aver q os tomou o Reo de pedra q estivesse em lugar sagrado, onde as tais pedras de ara estão p.^{ra} fazer com ellas suas feitiçarias. No q delinquo o Reo gravissimamente.

15.º Que fazendosse segundas judicialmente ao Reo Luis de La Penha confessou nellas muitos dos ditos papeis e papelinhos serem da sua letra, e q tinha orações e cartas de tocar, e hum papelinho com as letras da sacra, q começa *hoc est corpus meum*. E assi confessou mais ser o livro q tem por sinal a letra

A de sua letra, e nelle as palavras da consecração, todas por inteiro de sua letra (sendo muito defesas e que só os sacerdotes podião pronunciar). E assi que tinha nelle como esta escrita huma carta de tocar. E assi confessou mais ser da sua mão o livro da letra B. E as cartas de tocar que nelle estavam escritas, e outras que chama devações, e bem assi confessou ser de sua letra e mão o livro da letra C, que contem muitas cousas de que adiante se diz. E outrosi confessou ser de sua letra e mão o livro da letra D, e que escreveo o contado nelle. E assi mais confessou ser o livro da letra E de sua letra e que elle o escrevera por sua mão. E sendo-lhe mostrados ao Reo os outros dous livros que tem a letra f e a letra g dixe e confessou que hum d'elles era da sua letra e que tresladára hum do outro, e que pelas declarações que estão ao pe das muitas mãos de algumas pessoas.

16.º Que sendo outrosi mostrado ao Reo Luiz de La Penha o saquinho pequenino de linho conteúdo no inventario e de que trata o artigo 14 atras, o Reo o abriu e tirou delle os três pedaços de pedra branca que parecia serem de pedra de ara, e huma carta de tocar e oração do Justo Juiz, e os pós pardos, e huma figura do tamanho de hum feijão e huns pequenos de pedra amarela e branca e que tudo o Reo tinha em seu poder juntamente com dous bolcinhos hum de tafeta alionado e outro negro e huma pequena de franja negra que parecia de algum frontal. E assi confessou que a dita carta de tocar e oração do justo juiz que estava no dito saquinho com o mais erão de sua letra.

17.º Que sendo o Reo Luis de La Penha perguntado pelos ditos papeis confessou que a letra de huns papeis maiores de que alguns vão juntos nas culpas erão de sua mão, esta escrita huma devação a sancta Marta em que conclue assi: queirais vos prender e sujigar (sic) o coração, a todos aquelles que contra mim são, alleluya.

E apos isto que chama devação, esta outra que chama oração de santa Martha, que diz sera a não dina que diz assi:

Martha não ja a dina
Nem a saneia,
senão aquella
que o peccado encanta;
detrás da porta estaras,
de luto te vistiras,
com três varas te mandarei,
a meu mandado estaras,
depressa e logo iras,
á embaxada tu a traras,
com três varas te mandarei;
quatro cantos catarei
com a vara de maior alçada;
tu não comeras,
nem beberas,
até comigo a conta vires estar.

E apos isto estão humas palavras do Asno que são as seguintes: Asno es e filho de burra, assi como este asno, esta burra não pode estar sem a albarda

e silha sobre carga, assi como comer isto que aqui trago se torne burra e asno e ande a meu mandado e me suba pelos pés e me ponha na cabeça. E apos isto esta escrita huma carta de tocar toda, com suas declarações dos tempos e modos e cousas e evangelhos com que se hade usar delias. E apos isto outra carta de tocar com mais algumas palavras e escrito o evangelho de São João, e declarando o que se hade fazer, e diz que se hão-de dizer os tres evangelhos em tres sestafeiras sobre ella e que despois a hão-de tomar e metela debaixo da terra outras tantas sextas feiras em hum adro secretamente, e que despois disto hão-de fazer as devações que nella diz, e que hão de tocar em sexta feira despois do meio dia, e a 2.º feira antes que saya o sol com estas palavras: as, barrabas, | á pessoa que quero, | por mim viras e faras, | o que a mim me praz | ; estas letras nos cantos do cabo (e em baxo tem humas letras em tres partes) despois de tudo comprido em dia de sabado porá debaxo de huma pedra dara ate que se diga a primeira missa sobre ella, e então servira; e que hade dizer estas palavras o dia que ouver de tocar pela manhã á primeira cousa viva que vir:

Com dous te vejo,
com cinco te escanto,
o sangue te bebo,
e o coração te parto.

em lugar de se benzer.

18.º Que sendo o dito Reo Luis de La Penha mais perguntado no § 3.º das ditas perguntas confessou serem de sua letra e mão huns doze papelinhos que estão juntos ás culpas e entre elles está hum da *conjuração do pão alvo* sobre o qual atravessado com huma faca e hum prego diz que dirão: eu te conjuro pão com barrabas e com satanas, e com Lúcifer e Caiphás, e que com as mãos sobre o pão dirão: pão, por a virtude que deos em tí pos que me declares se ade ser, anda e da huma volta, não me mintas porque o eide saber, e que dirão: pão pola orsa, pão pola orsa, até que ande, e declara como andara para ser. E assi tem mais outro papel com as palavras da conjuração do barbasco. E outro de palavras da pedra da ara para que seja tal cousa. E outro com humas palavras e letras do A. b. c.. E outro com as palavras da sacra do corpo do senhor. E outro da figura de huma molher ou homem e declara com que se hade fazer, e nomes que hade ter e que em cada braço terá: Tubalchaim. E na testa terá escrito: bibal. E na barriga: Armudeus, e aos pés o nome da pessoa e de sua mãe se for mulher, e se for homem o do pai. E que metendo a imagem com o rosto para o fogo dirão tres vezes: conjurovos espiritos infernais que escritos estais nesta imagem. Por deos que dixes, e foi feito, e pelo temeroso dia do Juizo, que vades a fulano ou fulana, nomeando-os, e por meu amor

o peito e coração lhe aqueteis,
que não possam descançar,
nem outra cousa fazer,
ate que venha a fazer
tudo o que eu quizer;

dizendo tudo o que querem que lhe fação e diz que hão de fazer isto duas ou tres vezes com muito segredo, e declara os dias e horas e conjuração da Lua em que se hade fazer. E outro papel de huma oração a virgem da piedade com algumas superstições. E outro com as palavras da conjuração das favas. E outro papel com as palavras da conjuração das cartas de tocar, em que mete a deos padre, e a virgem Maria e todos os apóstolos e santos e santas da corte do ceo e com elles juntamente diabos e santa Leona, e santa Trebuca, e santa Maruta (Martha?) e Montenegro e seus irmãos e companheiros e que estes levarão as cartas e as esconjurarão e por poples, e por poples, e por poples lhe diga o seu coração e a pescadeira e banqueira, e a Diaba, e que morrão por elle todos os que com ellas fazem tocados, e todos estejam a seu mandado, e lhe dem o que tiverem, e lhe pedir (sic), e lhe digão o que souberem, e tem humas letras ao pé, e huns como sinais. E assi tem huma devação supersticiosa a são João Evangelista, com declaração de como por ella sera a cousa ou não sera. E outro papel de lembrança das cartas de tocar, das pias em que as hão de meter, e dos evangelhos da missa que lhe hão de dizer, ou telas no seo a elles. E outro papel de palavras de esconjuração da tezoura e jueira, por são pedro e são paulo, e por são pulão, e por são pero pulão, e cinco planetas do mundo que lhe declarem se ha tal cousa de ser assi, e que para isto ande ou não e que isto digão cinco vezes.

19.º Que sendo mais o Reo Luis de La Penha purguntado no § 4.º das ditas perguntas se o livro de quarto em pergaminho que tem por sinal a letra A era de sua letra, disse que sim era, e todo o escrito, e nelle as folhas 26, estão escritas as palavras próprias da consagração do corpo de nosso Senhor e do cálix, e as do corpo do Senhor repetidas duas vezes; *hoc est corpus meum, hoc est corpus meum*, com declaração dos bens que farão e obrarão as pessoas que consigo as trouxerem. E assi esta mais huma carta de tocar, que esta tresladada nas culpas, e tem sua declaração do modo com que se ha de usar delia.

20.º Que sendo o Reo Luis de La Penha mais perguntado no § 5.º das ditas perguntas se o livro que tem por sinal a letra B era de sua mão, respondeo e disse que sim. E nelle estão tres cartas de tocar cada huma com differença de cousas e de palavras, com suas declarações e humas palavras de conjuração de carta de tocar e outras palavras de carta de tocar e modo de usar delia. E a significação da figura da mulher ou homem que fica já atras no artigo 18.º E assi as folhas 77 do dito libro esta, dum modo e declaração diabólica com titulo: para se apartarem dous que se amão: com declaração dos dias em que se hade fazer, e nomes que se hão de escrever, que são: far fareel, com uns caracteres, e que tendo o rosto contra o oriente se abra a cédula disto para o sol e se rompera com ambas as mãos com ira e soberba dizendo: apartem-se estes dous em nome de todos os diabos e logo se apartarão. E assi esta outra declaração de palavras sobre as favas para se saber qualquer cousa por ellas, com mui diferentes palavras da outra conjuração delias que já fica atras. E as folhas 74 e 75 do dito livro esta huma lembrança para que uma pessoa de a outra tudo aquilo que lhe pedir e quiser, com se por huma pessoa nua, falando de enforcados,

e nove varas de marmeleiro que lhe toquem no coração para que me diga o que souber, e me de o que tiver, e que diga que o que ali não lho da nem offerecem até lhe não vir fallar para lhe perguntar o que quizer etc. E outra superstição para tirar uma alma e lhe vir falar. E outra que chama devação dos fieis de deos para saberem ou alcançarem o que quizerem. E assi as folhas 117 verso do mesmo livro estão humas palavras de carta de tocar diferentes das outras em que declara o que se hade fazer e entre o mais diz que: saira a pessoa que delia usar á mea noite fora da cidade ou villa espaço de mea légua e diga estas palavras: satanaz e barrabas eu vos dou o meu sangue, e hãode jurar tres vezes aos santos evangelhos, e que inda que veja ou ouça alguma cousa, não tema. E que tocando em qualquer pessoa diga: tenho feito juramento e por isso ei de morrer, e não negarei o que digo, e que também diga tocando: Antechristo, barrabas, satanas seja comigo, e que no cabo da carta ter a certas letras que declara, e que bem pode tocar e quem quizer e que tudo avera etc. E esta outra vez o que chama devação do Evangelista. E as folhas 189 do mesmo livro estão humas palavras de encantamento, em que conclue com estas palavras:

quando me vires,
em mim te remires;
e quando me não vires,
por mim gemas e suspires.

21.º Que sendo o Reo Luis de La Penha mais perguntado no § 6.º das ditas perguntas, se o livro do purgaminho que tem por sinal a letra C, respondeo que o livro era de sua letra e mão. E nelle as folhas cinco diz que benzeo dez mulheres, e um moço que nomea por seus nomes, E as folhas seis verso estão humas palavras para estancar sangue de feridas, e outras para as curar, e outras para a erisipola. E as folhas 27 nomea cinco mulheres que diz ter benzido. E as folhas 31 até 35 nomea cento e oitenta e duas mulheres casadas viudas e solteiras que diz ter benzido e que o fizeram muito bem com elle. E as folhas 36 até as folhas 42 diz ter benzido quatorze mulheres e as nomea, e muito a seu gosto e por grande espaço de tempo. E algumas benzeo por diferentes vezes. E as folhas 43 diz benzer duas mulheres e huma endemoninhada e que se lhe foi logo o demonio. E as folhas 45 e 46 nomea cinco mulheres que diz benzer muito a seu gosto e que as vio todas muito a sua vontade, e algumas por vezes. E as folhas 81 do mesmo livro estão humas palavras do chumbo na agoa para se ver em figura o que se deseja ver. E outras palavras para o mesmo effeito. E das folhas 82 ate 135 nomea dez mulheres solteiras e casadas e viudas que diz ter benzido muito a sua vontade e gosto e que lhe fizeram m.^{uitos} bens. E das folhas 151 v. ate 158 estão nomeadas por seus nomes trinta e seis mulheres cazadas, solteiras e viudas que diz ter benzido e vistas muito a seu gosto. E algumas benzeo muitas vezes. E as folhas 166 ate 168 nomea sete mulheres que diz ter benzido muito a seu gosto. E das folhas 181 ate 183 nomea cinco mulheres que diz ter benzido muito a seu gosto, e as folhas 187 ate 190 estão 79 mulheres casadas viudas e

solteiras, que diz ter benzido muito a seu gosto e algumas muitas vezes. E as folhas 191 ate 193 nomea 17 molheres que diz ter benzido m.¹⁰ a sua vontade e que tevera gosto com algumas, e ellas com elle, e muitas benzeo por m.¹⁰⁰ vezes. E das folhas 193 v. até 205 nomea 24 molheres que diz benzer m.¹⁰ a sua vontade e lhe adivinhar algumas cousas que avião passado, e a outras usara de adivinhações para adivinhar o que lhes avia de soceder e que a outras dixe sinas.

22.º Que outrosi no mesmo livro da letra C, das folhas 137 ate 151 estão muitas e varias cousas com titulo de devações para querer bem e vir a pessoa donde quizerem, e a primeira entre o mais tem as palavras seguintes:

valhão-te aquellas tres irmãs,
que eu tenho por convidadas,
huma é a sombra,
e outra a solombra,
e outra Martha não a dina,
nem a santa,
senão aquella maldita
que os demonios encanta;
esta te ha-de trazer
preso e atado,
e ligado e encantado
de pisão, e de culhão e de rinhão,
e de estaco e de abusso,
que de todas as tuas conjuncturas
o não deixeis durar,
nem aquietar,
nem repousar,
ate que a mym foão ou foã
me venha buscar;
e quanto tiver
me venha dar;
e quanto souber
me venha dizer.

E assi esta huma conjuração, que diz:

Eu te esconjuro foão ou foam,
com os demonios da carnessaria,
e com os demonios da pescaderia;
eu te esconjuro com os demonios dos ortelões⁴

⁴ Cf. *Ath. Veda*, edic. de Roth e Whitney, I, 30, 3 *ye deva stha... oshadhîshu, pasushu apsu antah* «os deuses que habitam nos vegetais, nos animais e nas águas».

e com os demonios do curral;
todos juntos vos entrai;
e ajuntai;
no coração de foão entrai,
trazei-mo aqui prestes,
sem mais dilação nen tardar;
nen o deixeis sosegar,
nen comer,
nen dormir,
nen repousar,
ate não vir a meu mandar;
que tudo quanto souber
me venha dizer,
e diga;
e não aja cousa que lhe impida,
ate que a mym venha.

E assi esta huma devação supersticiosa a sancta Martha. E outra da porta com o corpo descuberto etc. E outra da Estrela fermosa, e que se ajuntem nove e lhe colhão nove varas de zimbro, e as amolem na mó de Caiphás,

bem amoladas,
e bem aguçadas,
e bem metidas,
e bem trancadas;
huma no coração,
e outra pelo sentido,
que de mym foão
não seja esquecido;
e pelos olhos que não veja mais que a mym;
e outra pelos pés,
que só a mym busqueis.

E assi esta outra da pedra dara. E outra para fazer vir huma pessoa, pedindo nella sinal de tirar pedra ou bater á porta ou ladrarem perros. E outra devação de São Pedro para saber se ha de ser ou não huma cousa. E outra para tirar huma alma, e vir hum homem ter com huma molher ainda que esteja longe, e para tudo o que mais quizerem saber. E outra dos fieis de deos posta a pessoa nua defronte da porta dizendo palavras em que entrão enforcados degolados e mortos a ferro, e nove varas de marmeleiro, que lhe toquem no coração, que venha a meu mandado e faça tudo o que eu quizer. E que dira que não lhe da o que rezou ate lhe não vir falar para lhe pedir o que quiser, e que se hade fazer para isto hum sino samão, e declara as noites dos dias em que se isto hade fazer. E assi esta outra devação dos fieis de deos para tirar huma alma e lhe vir falar e responder. E huma declaração do que se hade fazer a carta de tocar. E assi outra devação a sancta Martha para prender e subjugar o coração das pessoas. E outra de Martha não a dina para huma pessoa vir a outra. E outra devação

da virgem da piedade. E assi humas palavras para dizer no rosto e se pede quebrar pés e mãos e se mete o leão e a sanctissima trindade. E assi esta outra vez a esconjuração das pedras de tocar com o padre eterno e virgem e santos, com o monte negro e mais diabos qué e ja atras fica. E outra vez a superstição de são João evangelista. E assi esta a declaração do tijolo e figura da mulher ou homem com os nomes dos diabos e conjuração dos spritos infernais que ja fica atras no artigo 18. E assi outras palavras da esconjuração da tisoura e peneira que ja fica atras no fim do dito artigo 18. E assi humas palavras que chama sortes do chumbo, com que verão em figuras o que desejarem saber. E assi outras palavras das favas diferentes das outras que fiquaõ atras no artigo 18, dizendo: minhas favas, minhas queridas, eu vos esconjuro não como favas senão como pessoas, com deos padre, e deos filho e deos spirito santo, e com a sanctissima trindade, e com a hóstia consagrada e com todos os esconjuros de Maria de Padilha que me faleis verdade no que vos pergunto e quero saber. E assi esta a esconjuração do pão que fica atras no artigo 18.

23.º Que sendo outrosi o Reo Luis de La Penha mais perguntado no § 7.º das ditas perguntas pelo livro de purgaminho que tem por sinal a letra D, respondeo que o dito livro da letra D era da sua letra e mão e que escreveo o conteúdo nelle, e das folhas duas ate 31 tem nomeado per seus nomes quarenta e oito mulheres casadas e solteiras e viuvas que diz ter benzido a sua vontade e gosto, e dous moços. E assi mais as folhas dez do mesmo livro diz que deu a certa mulher a oração do Justo Juiz, e a da estrela fermosa, E as folhas 16, 21, 22 e 28 v. diz que dixe as sinas a muitas pessoas, e que tudo lhe adivinhara.

24.º Que sendo o Reo Luis de La Penha mais perguntado no § 8.º das ditas perguntas se o livro que tem por sinal a letra E era de sua letra, e se era verdade tudo o que nelle tinha escrito, respondeo que o livro era de sua letra e que elle o escrevera por sua mão. E no dito livro as folhas sete verso e oito verso declara o reo algumas cousas que diz adivinhar a certas mulheres palpandoas com torpezas e deshonestidades. E as folhas dez verso nomea por seus nomes a desoito mulheres que diz ter benzido com muitas torpezas e deshonestidades. E as folhas dez verso nomea por seus nomes a desoito mulheres que diz ter benzido com muitas torpezas sujas e deshonestas. E as folhas 14 verso diz que deu huma oração a certa mulher, E as folhas 21 diz que huma certa mulher cazada lhe deu quinhentos reaes para elle lhe dar huma carta de tocar. E as folhas 26 verso do mesmo livro diz que mandou a outra mulher huma carta de tocar por um seu filho. E as folhas 91 verso e 92 do mesmo livro da letra E declara o Reo algumas cousas que diz adivinhar de ventura e sinas de certas pessoas. E assi as folhas 96 verso do mesmo livro diz que levou uma carta de tocar a um certo religioso, e que lhe deu huma campainha de mea laranja. E na mesma folha diz que tomou as mãos a nove mulheres dizendolhe as sinas com algumas deshonestidades. E apos isto esta escrita huma carta de tocar. E apos ella esta escrita o que chama oração da Martha não a digna e no cabo diz que he defesa. E no mesmo livro da letra E as folhas 101, 105, 112 e 113, diz que disse as sinas a 26 pessoas cazadas e solteiras, com muitas torpezas sujas e deshonestas, e diz que lhe vio com

seus olhos todos seus corpos. E as folhas 115 e 123 verso e 24 verso e 127 e 129 do mesmo livro nomea por seus nomes treze mulheres, que diz ter benzido também com muitas torpezas sujas e deshonestas. E no mesmo livro da letra E as folhas 130 ate 157 entre outras cousas, nomea por seus nomes 39 mulheres solteiras, cazadas e viuvas que diz ter benzido com m.^{...} torpezas sujas e deshonestidades, e com algumas estava espaço de huma e duas horas. E nomea mais quatorze mulheres a que disse as sinas também com muitas torpezas e deshonestidades, e com algumas gastava m.^{...} tempo. E assi nomea por seus nomes quatro mulheres e quatro homens e que tudo lhe adivinhara.

25.º Que sendo outrosi o Reo Luis de la Penha perguntado no § 9.º das ditas perguntas por dous livros mal enquadrados que tem por sinal a letra f e outro a letra g. E o Reo disse que hum delles era de sua letra que segundo parece he o da letra f. E o Reo diz que tresladou hum do outro, e assi tem ambos o mesmo titulo (de adivinhar tudo o que quizerem). E em ambos estão pintadas m.^{...} mãos pelas folhas delles com suas declarações aos pés delias e suas significações pelas linhas de cada huma mão.

26.º Que sendo mais o Reo Luis de la Penha perguntado no § 10 das ditas perguntas e sendolhe mostrado hum saquinho de linho em que estava outro de sarja preta, o qual o Reo abrió e tirou delle as cousas declaradas atras no artigo 14 e 16, o que tudo o Reo dixe ter. E a carta de tocar e oração do Justo Juiz serem de sua letra. E estão juntas as culpas do que tudo se ve ser o Reo feiticeiro e usar de feitiçarias e ter cartas de tocar delias, e usar delias e as dar, e ter livro de muitas e differentes feitiçarias que nelle tem escritas para bem e mal querer, e se aver o que se pretende e saber o que hade ser com convocações dos demonios e conjurações e esperando e pedindolhe suas respostas e com sino samão e chamar almas, eadivinhar e benzer usando nisso de graves torpezas e deshonestidades e escrevendoas em seus livros. No que tudo o Reo delinquió gravissimamente em despeito de deos nossos sor e da virgem nossa srã e seus santos e assi deve ser condemnado.

Pede Recebimento e provado o necessário ser o Reo m.^{...} gravemente condemnado com todas as penas que por decreto e constituições apostólicas e deste Arcebisado merece por todas e tantas culpas de feiticeiro, adivinhador, e benzedor, e ter livros de muitas e differentes feitiçarias escritas nelles para bem e mal querer, e se averem cousas, e se saber o que hade ser com esconjuros e convocações de demonios pedindo e esperando respostas suas, e chamando almas e adivinhar por mão e sem ella, e dar sinas, e benzer com graves torpezas e escrevendoas em seus livros mui torpe e infamemente, e misturando nas invocações e feitiçaria a deos nosso sôr e santissima trindade, e a virgem Maria nossa Srã e apostolos e mais sanctos com os demonios e pedindo e convocando por huns e outros juntamente em grão despeito e contempto do sôr, e da virgem e mais santos por que tudo o Reo he accusado, e conforme a qualidade de tantas e tão varias e graves culpas, e comprimento de Justiça in ómnibus et singulis in hoc libello contentis et meliori modo júris. Com as custas.

Guarda as culpas todas que dou.

1

Treslado de humas palavras de emcantamento

Eu te emcanto e te recanto e sobreemcanto com todos os emcantadores, e com a casa santa de David e com a Hóstia consagrada se he assim,

alleluia, alleluia,
sam Marcos te amarque,
sam Manços te amançe;
a graça do espirito santo te abrande;
a hostea consagrada te emcarne;
quando me vires
em mim te remires;
quando me não vires
por mim gemas e suspires.

2

Conjuração para o diabo fazer alguma cousa

Em virtude do conçoerto que contigo diabo tenho feito, pois me mandaste deitar as tres pedras no poço em teu nome e meu, e por sinal me disseste que quando as tornasse a ver na minha mão não divinharia mais nada, e me succederião m^{to}s males, te esconjuro pellas dittas tres pedras e concerto, que aqui concorras a tirar o mal deste corpo, ou a tirar este diabo delle, ou a sarar esta doença, ou a tirar estes feitiços, ou adivinhar ou fazer o que te pedir.

3

Sorte das favas para se saber qualquer cousa

Tomarão nove favas machas e nove femeas e hum real ou real e meio e huma pedrinha, das favas machas tomarão huma e farlheão hum sinal e a das femeias tomara outra e fara também hum sinal para se conhecerem e se quiser saber cousa de homem e de molher a fava macho pera o homem e a femeia pera a molher ade servir e antam tomara tudo junto e dira: em nome de sam pedro e de sam paulo, que se tal cousa ade ser fiquem juntas e senão apartadas.

CONSIGLIERI PEDROSO

8

*Lembrança pera que huma pessoa de a outra tudo aquillo que lhe pedir,
isto abaxo ade faser*

Porsea huma pessoa nua sem camisa com os brassos e pes crusados e dira
o seguinte:

Portal, portalejo,
aqui me cruso e me omilho,
por onde fulano entrou
com tres emforquados,
e tres degolados,
e tres mortos a ferro por amores,
e nove varas de marmeleiro
que lhe toquem no coração,
para que me diga o que souber,
e me de o que tiver.

No cabo disto feito resara tres padres nostres e tres avemarias, e tres cre-
dos, e antam dira isto que aqui reso:

não to dou nem to offeresso
ate me não vires falar,
pera te eu perguntar
aquillo que eu quizer;

e isto farseha nove noutes sem camdea, ade estar a couseira da porta em
pé e no portal da casa, aonde se isto fiser ade ter emtrado por elle a pessoa que
quiserem fazer o que quiserem.

5

Devação da estrella fermosa

A ti me omilho estrella fermosa,
a huma, as duas,
as duas as tres,
as tres as quatro,
as quatro as cinco,
as cinco as seis,
as seis as sete,
as sete as oito,
as oito as nove,
as nove;

todas nove vos ajuntai,
este ceo me corteis,
e nove varas de simbro me colhereis,
na moo de caifas mas amolareis,
bem amoladas
e bem agusadas,
agusadas e bem metidas
e bem tranquiladas;
huma no coração
e outra pello sentido,
que de mim foão
nam seja esquecido;
e pelos olhos que nam veja mais que a mim;
e outra pelos pês,
que so a mim busqueis, fim.

6

Palavras pera estanquar o sangue

Em nome do padre e do filho e do espirito santo amem,

sangue de foam
(anomeiando a pessoa)
tente em ti,
assim como jesus christo
se teve em si;
sangue de foam
temte firme e forte,
assim como jesus christo
se teve em sua morte;
sangue tem-te em tuas veias,
assim como jesus christo se teve em suas penas.

Dirsea logo nove vezes, consummatum est.

7

Palavras pera curar iriszipola

Rosa³ malditta em conoza i em belicosa (sic) vaite dai que de agoa e de vento
fuiste emgendrada, com que la secaria com el dulce nombre de la virgem Maria,
com que lo sequara com el dulce nombre de la virgem sagrada rogo e pido por
merçe a la gloriosa virgem nuestra senhora que ella sane esta rosa de foam, emco-
nosa i embelicosa i la eche per domde no abitem animales nim cousa adomde
agua (sic) danho, em nome dei padre, i dei hygo e dei ispiritu santo amem, fim.

³ Cf. o al. *rose* = *ersipela*.

Devação de Santa Marta

Bem aventurada Santa marta,
polias terras do Egipto (sic) pasastes,
a serpente fera emcontrastes,
com a santa caldeira da agua benta
e iszope na mão a saudastes,
e com ella amançastes,*
e com a vossa precioza çinta atastes;
a cidade a trouxestes mança e pacifiqua,
aos imfieis a entregastes.
Assim como isto he verdade,
assim me atai e liai o coração de fulano ou fulana,
que não possa fazer vida sem mim;
que elle não possa dormir,
nem comer,
nem repousar,
ate que me elle não venha buscar
e rogar;
que me de quanto tiver,
e faça tudo o que eu quiser,
e me digua o que souber.

Rese quinse patre nostres e outras tantas avemarias e quinze credos e resara
a devação as mesmas quinses (sic) veses, fim.

9

Figura que se ade faser pera querer bem huma pessoa a outra

Farsseá huma figura de molher e em quada braço tera escrito: tuba caim,
e na testa: bibal, e na barriga: armudeus, armudeus, e aos peis (sic) o nome da
pessoa e o de sua maí, e ase de faser isto a quinta feira ou a sexta feira e se for
a quinta na hora de jupiter, e se a sexta na hora de vénus, e ade ser em lua cre-
cente, e a figura ade ser feita em tijolo novo furtado com tinta nova posta em
timteiro novo e com pena nova, e amtaõ faser a figura e tomar tudo como está
ditto em nome da tal pessoa que quizerem faser o que quizerem, e amtam faser
fogo com carvaõ novo comprado em seu nome, e ade meter a imagem com o
rosto pera o fogo e diram tres veses o seguinte: comjurovos espiritos infernais
que escritos estais nesta imagem por Deos que disse e foi feito, e pello temeroso

* avançastes?

dia de juiso, que vades a fulana filha de fulano e por meu amor o peito e coração lhe aquenteis que não possa descansar, nem outra cousa faser ate que venha a faser o que eu quiser, fim.

10

Treslado de humas palavras de carta de toquar

Antes de diser os tres evangelhos na cara de toquar em tres sextas-feiras sobre ella antes que o sol saia e depois am de tomala e metella debaxo da terra outras tantas sextas feiras num adro secretamente e depois dito feito ande faser as devações que nella dis, ande toquar em terça feira depois do meio dia, e a segunda feira antes que saia o sol, ade ter no cabo esta palavras deste modo (ás, barrabás, a pessoa a que quero, por mi virás, e farás a mim me pras) e se se benser quando isto toquar tudo ser a nada. E mais estas letras que aqui vam nos quatro quantos da carta || b. 4. d. f. f. f. R. E. || tudo isto ade faser e guardese de emtrar em igreja com ella porque corre muito perigo não mais; certa molher não saiba isto nem lho lea porque nam he licito, nem a ninguém nem a sua molher diga nada, e o que digo fasão assim em dia de sabado, depois de tudo comprido pora a ditta carta sobre huma pedra de ara e deixala estar ate que se diga a primeira missa sobre ella e antam (que então) lhe sirviria, tornolhe a diser que o não saiba asima ditta e se o quiser saber lea o em contrario nem em mim falle nem o nome não mais.

11

Para chamar uma alma

Porseá huma pessoa em pé hum hora com hum rollo aseso diante de si de sera, hade resar trinta e tres credos e trinta e tres ave marias e trinta e tres padre nossos e antes que rese isto dira desta maneira: Deos he lus, lus he Deos, Requiescant in pace pellos fieis de Deos e isto tres veses, depois ade diser isto:

alma santa desamparada,
a este mundo sejas tornada,
e de Deos sejas descomjurada;
por aquelles desejos, ardores e fervores,
que tendes de ver a Deos nosso snor,
vos pesso me venhais falar

me respondeis ao que souberdes, e isto que aqui reso nam volo ofereço nem volo do ate me não virdes falar e se me vierdes falar darvosei tudo o que ategora resei e me pedirdes: fim.

Isto he pera saber o que esta por vir e pera saber se esta huma alma em bom lugar ou omde estara, e isto ase de faser todas as noutes ate que a alma lhe venha falar e apareser.

12

Treslado de devação

Tomarão huma altamia branca meia de agoa e tres candeas de palmas de rolo e cortalasham de quada parte igualmente e polasham asesas na ditta altamia da banda de dentro que não chegue a augua afastadas humas das outras, a primeira da mão direita pora em nome de sam joão evangelista, e a segunda em nome de nossa snra, e a terceira em nome da pessoa ou do que quizerem saber e tanto que estiver feito isto ade ser emtre as nove e as des horas da noute e ade logo resar estas orações; trese patre nostres e trese avemarias e trese credos e acabando de resar quada huma oração destas ade beijar a terra com a boca e se ouver de ser o que pede ase de apagar primeiro a de sam joão e se ouver de ser tarde ase de apagar a da snra e se não ouver de ser o que pede ase de apagar a sua da tal pessoa, fim.

13

Palavras de carta de toquar

E tomara e mandara diser tres missas a omrra de santo Estevão e quando as disserem amde de meter esta carta debaxo da pedra dara a todas tres missas e depois que fiser isto irsea a meia noute fora da cidade ou vila espasso de meia legoa e dira estas palavras: Satanas e barrabas eu vos dou o meu sangue e adeo de jurar com juramento tres veses aos santos evangelhos, e ainda que veja ou oussa alguma cousa não se tema, feito isto quando tocar em qualquer pessoa dira estas palavras: tenho feito juramento e por isso eide morrer e não negarei o que digo; bem pode toquar em quem quiser que tudo avera e não fasendo tudo isto não lhe prestara pera nada, também dira no cabo das palavras quando toquar, antechristo barrabas satanas seja comigo; ade ter no cabo da carta estas letras afastadas humas das outras, g. t. r. 8. + . + , + .

14

Palavras de desconjuração de cartas

Eu te esconjuro e te torno a esconjurar com todos os esconjuros que na terra ha, com a rainha santa Maria e com Deos padre e com todos os apostolos, que na corte do ceo ha, que elles por sua piedade tenham virtude aquella que Deos

padre deo a virgem santa Maria quando a elegeo, por maí de seu filho e assim te torno a esconjurar e pedir deos padre da parte de todos os santos e santas que na corte do ceo ha, con santa ilena, com santa leonarda, e com santa tre-buca, con santa Maruta (Martha?), Maruta asinha, Maruta asinha, Marura asinha, e o Montenegro e os seus companheiros e os seus irmãos, estas cartas vos entrego, e o montenegro e o vosso irmão e os seus companheiros vos levareis o treslado delias eses que la forem vos os esconjurai da parte de Deos que arriba esta, per poples, e per poples, e por poples que tu me digas e o filho, e o seu coração e a pescadeira, e a bamqueira, e a diaba inteira, que assim como ella morre por parir assim morram todos aquelles, aquellas que com estas cartas tocarem por mim que todos estejam a meu mandado e deime o que tiver e o que lhes pedir e me digam o que souberem e fasam o que eu quiser, fim.

15

Sortes de tisoura e pineira

Tomarão huma tisoura e metellaam crusada numa jueira ou pineira e dirão: por sam pedro e por sam paullo, e por sam pullaõ e por sam pero pullão e pollos sinquo planetas do mundo que se he tal cousa anomeiando-a o que querem saber que tu andes para a parte direita, e se não he tal cousa que estejas queda, isto ditto sinquo veses sobre a tisoura tomarão pelos ellos a tisoura com os dedos.

16

Sortes do chumbo

Tomarão hum gral de pedra ou outro vaso, emcheloam de agoa limpa e nella deitaram huma pouqua de agoa benta, antam dereteram o chumbo que quiserem deretido, diram primeiro sobre a agoa estas seguintes abaixo tres veses ben-zendo a agoa, amtam despois de ditas tres veses deitaram o chumbo deretido na ditta agoa polia cousa que querem e verão em figuras o que desejam saber e ver, e ade ser feito isto em quarta feira ou em sexta feira as onze horas do dia, as palavras são estas: Em nome de Deos padre que criou o mundo, e o ceo, e a terra, e todas as cousas nacidas criou com sua santa palavra, Deos filho nos remio com seu precioso sangue, Deos espirito santo que aluminou a virgem e aos apostolos na casa da escuridade me alumiai meu entendimento pera que vos saiba servir, padre, filho, espirito santo, tres pessoas e hum soo Deos e hum soo Deus. fim.

Sorte das favas

Tomarão desoito favas e hum real de cobre e hum pequeno de lacre e hum pequeno de cascalho de porsolana e huma pedra de sal e huma pequena de cera e huma pedra branca e hum pequeno de papel, e hum busio e benseslosam nove veses disendo as palavras seguintes: Minhas favas, minhas queridas, eu vos escomjuro nam como favas senão como pessoas, com Deos padre, com Deos filho, com Deos espirito santo, com a santissima trindade, com o padre revestido quando diser a missa, e com el aire e com a hóstia consagrada; e com todos os santos e santas que na corte do ceo ha, e com todos os esconjuros de Maria de padilha vos pesso que me faleis verdade nisto que eu vos pergunto e quero saber, nove vezes as diram e as deitaram.

Sortes do pão e de suas palavras

Tomarão hum pão emteiro e meterão huma faqua no meio delle e metelaam de meio a meio, amtam tomarão hum prego grande que tenha quinas e meteloam no meio do pão da banda dessima e no meio da sola e teloam no meio da sola e teloam com os dedos polia cabeça do prego e amtam dirão sobre elle o seguinte: Eu te esconjuro, com barrabas e com satanas e com lucifer e com caifas pam, poram ambas as mãos neste passo sobre'o pão em sima e diram: polia virtude que Deos em ti pos que te me declares se isto ade ser assim ou nam, se ade ser amda e daa huma volta, e senam nam me mintas que eu o eide saber, e se andar pera a parte de fora que he da banda direita pera a esquerda ade ser o que querem saber e se andar pera a parte de dentro da esquerda para a direita nam ade ser, amse de faser em quarta feira ou em sexta feira se faram diram sobre o pam, pam polia orsa, pam polia orsa¹.

¹ No próximo número destes estudos publicaremos uma carta que acabamos de receber, firmada por alguns distintos académicos residentes actualmente em Coimbra, na qual se nos oferece uma valiosa e desinteressada coadjuvação, que daqui cordialmente agradecemos. Como esta carta honra sobremaneira os seus autores, e como é um documento importante para a história das investigações etnográficas em Portugal, julgamo-la bem incluída na nossa série.

VII

O LOBISOMEM*

Com o n.º vil as *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* mudam de título sem mudarem contudo de índole ou de carácter. Passam a chamar-se *Tradições Populares Portuguesas: Materiais para a Etnografia de Portugal*, e, como se deduz no subtítulo, foi o intuito de alargar o seu quadro primitivo o que motivou a actual modificação. Até ao presente era simplesmente a mitologia propriamente dita que nestes estudos tinha cabimento. De hoje em diante será neles incluído também tudo quanto disser respeito a usos, costumes, superstições, contos, lendas, cantos, etc. do povo português. Tornar-se-ão eles, pois, um vasto repositório de materiais, de onde mais tarde pela escolha e pela sistematização se poderá tirar uma *Etnografia de Portugal*. Do mesmo modo que o ilustre Kolberg começou a sua grande obra sobre etnografia dos povos esclavónicos¹ por uma simples colecção de cantos, alargando-lhe depois suces-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 241-256. A partir deste fascículo Consiglieri Pedroso altera o título geral das suas «Contribuições...» para «Tradições Populares Portuguesas (Materiais para a Etnografia de Portugal: Mitologia, Cantos, Usos, Costumes, Superstições, Provérbios, Jogos Infantis, Contos, Lendas e Tradições Locais do nosso País)». Juntamente com a mudança de título, Consiglieri Pedroso deixa de colocar em epígrafe os versos de Almeida Garrett com que fazia anteceder os fascículos anteriores.

¹ A publicação empreendida pelo erudito etnógrafo polaco conta hoje treze volumes sob o título comum de: *Lud. Jego zwyczaj, sposób życia, podania, przysłowia, obrzędy, gusła, zabawy, pieśni, muzyka i tance* (O povo. Seus costumes, modo de viver, linguagem, tradições, provérbios, cerimónias, encantos, passatempos, cantos, música e dança). Varsóvia — Cracóvia, 1857-1880. Esta obra que, do volume décimo em diante é directamente auxiliada pela Academia das Ciências de Cracóvia, constitui um imenso tesouro etnográfico no que diz respeito às populações da Polónia, que como se sabe representam um dos elementos mais puros da raça eslava. Teremos mais de uma vez no decurso dos nossos trabalhos ocasião de citar esta vasta enciclopédia, cuja colecção de contos populares é muito importante, e parece que inteiramente desconhecida dos mitógrafos da Europa Ocidental, que em geral dos colectores polacos apenas mencionam Glinski e Wojcicki. No momento de corrigir estas provas recebemos do autor o volume xiv, onde se encontra uma nova e importantíssima colecção de contos.

sivamente o plano a ponto de na opinião dos juizes competentíssimos², a transformar na mais importante contribuição realizada por um único homem no domínio da etnografia eslava; assim, em proporções mais modestas, os presentes estudos que se haviam iniciado pela investigação do maravilhoso do nosso povo, passam a ocupar-se de todas as manifestações colectivas e inconscientes da sua actividade; isto é, de simples ensaios no campo da mitologia, vão tornar-se de hoje em diante pela sua maior extensão contribuições verdadeiramente etnográficas.

Num artigo publicado na *Romania*³ diz o Snr. Alfredo Morei Fatio analisando o *Cancioneiro e Romanceiro Geral Português* do nosso colega Teófilo Braga: «Une étude approfondie aussi sur le loup-garou (*lobisomem*) les fées (*bruxas*) et les *almas penadas* ou *encantadas*, aurai été ici à sa place, tandis que M. Braga se borne à de simples mentions»; e acrescenta em nota: «M. Wilhelm Herz (*Der Werwolf, Beitrag zur Sagengeschichte*, pg. 89), ne connaît du loup-garou portugais que son nom.»

Isto é perfeitamente verdadeiro, ainda que, seja dito de passagem, as nossas «bruxas» não correspondem às «fées» francesas como já noutro lugar dissemos⁴, mas sim pouco mais ou menos às «sorcières». Tão-pouco *almas penadas* é sinónimo de *encantadas*, denominação que na nossa mitologia se aplica a uma ordem de entidades bem diversa.

Voltando porém à passagem acima citada, diremos que uma parte do *desideratum* do ilustre romancista francês tão versado nas cousas da nossa península, já se acha realizada por nós⁵ e que hoje nos propomos realizar a que se refere ao «lobisomem», reservando para mais tarde o que diz respeito às *almas penadas*, um dos capítulos não menos interessantes do nosso maravilhoso popular.

A tradição do «lobisomem», como é bem sabido de todos os que se occupam de mitologia popular, é comum a um grande número de povos, e pode dizer-se que se encontram dela vestígios em todas as populações indo-europeias⁶. Qual é porém a origem desta superstição, ainda hoje tão vivaz e arraigada no espírito dos nossos camponeses e que na Idade Média teve um tal poder sobre as imaginações, a ponto de originar a terrível doença, conhecida pelo nome de *licantropia*⁷? Sobre este ponto dividem-se as opiniões dos mitólogos, e como a

² *Archiv für slavische Philologie*, I, 570.

³ *Romania* n.º 127.

⁴ Consiglieri Pedroso — *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, II, 8 (edição à parte).

⁵ Consiglieri Pedroso — *Obr. cit.* ii.

⁶ A monografia mais completa que existe sobre a lenda do lobisomem e as superstições que lhe andam conjuntas, é o livro de Hertz acima citado: — *Der Werwolf, Beitrag zur Sagengeschichte*. Para a tradição especialmente eslava veja-se: Afanasiev — *Poeticheskiia vozzrieniia slavian na prirodu* — vol. I, pg. 736 e 792; vol. II, pg. 333 e vol. III, pg. 527-532, 549-551, 586, 593.

⁷ Sobre este aspecto da lenda veja-se: Leubuscher — *Ueber die Werwolfe und Thierverwandlungen im Mittelalter. Ein Beitrag zur Geschichte der Psychologie*.

lenda tem evidentemente um carácter muito complexo, cada elemento componente, analisado independentemente dos demais, tem sido apresentado como a origem da tradição e como a explicação da concepção na verdade singular da transformação do homem em animal por um conjunto de circunstâncias à primeira vista enigmáticas.

Assim, por exemplo, o nosso colega Teófilo Braga num dos seus escritos atribui à superstição do lobisomem uma origem germânica. Diz assim a passagem aludida: «Esta superstição (a do lobisomem) é de origem escandinavo-teutónica; deu-lhe talvez nascimento a antiga penalidade heróica do *banido*, comparado nos códigos bárbaros ao *lobo* nocturno, *wargus*. Na Lei Ripuária se lê: *Wargus sit, hoc est, expulsus*». Esta opinião que já foi apresentada também por outros autores, não nos parece sustentável. Que a comparação do banido com o lobo nocturno reagisse sobre a lenda *já existente* e lhe introduzisse um elemento novo, estamos de acordo; mas que seja essa comparação a sua origem, e ainda menos que seja a Alemanha o seu berço, é o que hoje não se pode aceitar, pela simples razão que antes de historicamente haver Germanos, e muito antes de haver Lei Ripuária, já a lenda existia em povos, que demais a mais nem conexão histórica tiveram com os Germanos. Assim, os elementos essenciais da crença do lobisomem encontram-se na Índia antiga; e na Grécia não só existe a superstição, mas até o próprio nome — *lykánthrōpos* — (lobo-homem), o qual na Idade Média serviu e ainda hoje serve para designar a doença de que acima se falou.

Segundo Afanasiev¹⁰ a crença na transformação do homem em lobo provém da circunstância de os feiticeiros se embrulharem em peles deste animal. Hertz na obra já citada¹¹ sem combater esta hipótese já apresentada anteriormente por outros escritores, insiste contudo na complexidade da lenda, e nega que ela seja constituída por um único elemento. No entanto confirma que os sacerdotes de Sorano, deus do mundo inferior entre os Sabinos, se chamavam *Hirpi* (lobos) e que em geral os servidores de divindade infernal se envolviam em peles de lobo, e que a própria divindade era representada sob a figura deste animal¹².

Como quer que seja, porém, visto que o nosso fim neste momento não é estudar a natureza da superstição, mas apenas indicar todos os vestígios que dela temos encontrado em Portugal, passamos desde já a ocupar-nos do nosso ponto restrito, deixando para outra ocasião e lugar a discussão deste interessante problema.

¹⁰ *Epopéias da Raça Moçárabe*, pg. 63-64.

¹¹ Hertz — *Der Werwolf*, pg. 12, 25, etc.

¹² *Poeticheskii etc.* vol. III, pg. 527: «*Riadiasi v volchii shkury, koldunny ryshchut golodnymi, jadnymi volkami, i poluchaiut nazvanie vovkulakov.*» — Embrulhando-se em peles de lobo, os feiticeiros uivam como lobos famintos e vorazes, e recebem (por isso) a denominação de *lobisomens*.

¹¹ *Der Werwolf etc.*, pg. 9 e 10. Cf. Grimm — *Deutsche Mythologie*, 4.ª Aufl., pg. 915 e seguintes.

¹² *Der Werwolf etc.*, pg. 17.

A crença dos lobisomens é geral em todo o País, principalmente entre os habitantes dos campos e das aldeias, encontrando-se também entre as classes menos ilustradas da capital com bastante vitalidade ainda. Não é contudo a lenda na sua totalidade, com o acessório das superstições anexas, que é geral em todas as províncias, mas apenas o são elementos destacados e quase sempre variando de lugar para lugar (exceptuando os traços mais característicos que por toda a parte são os mesmos) os quais depois pela sua reunião permitem reconstituir uma unidade bastante completa. É este pelo menos o processo que seguimos nas nossas investigações. Em todo o caso esta riqueza mesmo de variantes nos pormenores, indica a intensidade da assimilação da lenda pelo nosso povo, e embora até hoje não tenhamos descoberto documento algum dos séculos xvi ou xvii, acerca da extensão desta crença em Portugal¹³, podemos afoitamente afirmar pelo que hoje dela ainda nos resta, que essa extensão devia ter sido grande abrangendo todo o País.

Entre o nosso povo não se sabe o motivo *por que* um indivíduo qualquer se transforma em lobisomem. É uma desgraça que pode ferir a pessoa, é um destino fatal que não se pode evitar (*fadário* de fado, *fatum*), e que torna quem dele é vítima mais digno de comiseração do que de ódio. No entretanto, uma circunstância há em que a transformação parece ser o castigo de um delito reprovado pela consciência popular. Assim, segundo uma tradição, os lobisomens são provenientes do ilícito coito carnal do padrinho com a afilhada ou da madrinha com o afilhado (Bragança). Ora é bem sabida a repugnância que a Idade Média sentia por estas uniões que reputava incestuosas. Mas esta particularidade que por ora ainda não achámos reproduzida nos outros povos¹⁴, é uma excepção. A lei geral é que a licanthropia tanto pode afectar o inocente como o culpado, ignorando-se absolutamente o *porquê* deste facto. Em compensação o *como* é diversamente explicado e mesmo muito complexo.

Assim, já vimos num estudo anterior¹⁵, que o aparecimento de uma bruxa, principalmente quando pronuncia certas palavras, pode fazer gerar espontanea-

¹³ É um facto bastante curioso que até hoje ainda anos não foi possível encontrar um processo da Inquisição em que se fale de lobisomens, apesar do número de documentos desta ordem que se referem à feitiçaria e por nós consultado, ser já bastante importante. Esta singularidade torna-se ainda mais notável se se atender a que o mesmo facto se reproduz aparentemente sem razão, na Alemanha e outros países. Cf. Hauber, *Bibliotheca, Acta et Scripta magica*, p. 29, pg. 285, apud Hertz — *Der Werwolf*, pg. 71: «Da sonsten dergleichen Wolffe, in den Hexenprocessen sehr rar sind, und unter hundert Männern, welche als Zauberer verurtheilt worden, kaum drei oder vier gefunden worden, die bekannt haben, oder auch nur beschuldigt worden sind, dass sie Wahr-Wölfe gewesen seyn.» É uma circunstância também digna de notar-se, que em mais de 300 contos que temos coligido da tradição oral do nosso povo, em nenhum ainda encontrámos a crença dos lobisomens.

¹⁴ Segundo uma superstição roménica, o *Murony* ou vampiro é o fruto ilegal de dois indivíduos ilegalmente gerados também. Vid. Schott — *Valaa chische Märchen*, pg. 297. Sobre a lenda do lobisomem ou vampiro na Sérvia, cf. Vuk Steph. Karadjich — *Jivot i obichaii naroda srpskoga*, pg. 213-214.

¹⁵ Consiglieri Pedroso — *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* — II, pg. 17 (edição à parte).

mente um lobisomem (Lamego)¹⁶. Também no mesmo escrito se diz que quando uma mãe tem sete filhas a fio, sem intervalo de nenhum filho varão, a última delas é bruxa¹⁷. Ora exactamente um facto análogo é apontado como a origem mais comum do lobisomem:

Quando um pai tem sete filhos a fio o último é o lobisomem (sic); para se evitar esta desgraça devem dois dos irmãos servir um de padrinho e outro de madrinha, pondo-se ao recém-nascido o nome de Eva se é fêmea e o de Adão se é varão (Lavadores — Porto)¹⁸. Segundo outras versões o nome que serve de talismã é Bento para os meninos e Jerónima para as meninas.

A mesma crença existe também na ilha de S. Tiago de Cabo Verde. «Quando uma mulher der à luz sucessivamente sete filhos varões, deve o mais velho sangrar o dedo mínimo ao mais novo para evitar que o último seja lobisomem; e o mesmo deve fazer-se quando forem sete fêmeas para que a última não seja *hirã*».

Também nalguns sítios é crença (Lamego, por ex.) que quando morre uma pessoa, que se supõe ter sido vítima de alguma bruxaria, essa pessoa transforma-se depois em lobisomem, tomando por algum tempo a figura de um lobo, dum jumento, dum bode ou de outro qualquer animal¹⁹.

Uma circunstância curiosa é que sendo o lobo o animal característico da lenda indo-europeia, para a transformação, raras vezes ele aparece na superstição portuguesa, apesar de este animal ser comum no nosso país, aparecendo-nos regularmente substituído pelo burro.

As histórias de lobisomens existem em grande profusão em todo o País, reproduzindo pouco mais ou menos os mesmos episódios fundamentais. Há pouco mais ou menos 35 anos (contou-me minha mãe) no sítio do Altinho do Mirante, freguesia de Santa Engrácia (Lisboa) havia um homem muito magro e muito amarelo que a vizinhança apontava como «lobisomem». Quando dava meia-noite, mal caía a última badalada, ainda que estivesse a dormir levantava-se e ia espojar-se no Beco do Mirante, no sítio onde se costumava espolinar o burro de um dos vizinhos. Imediatamente se transformava num jumento e ia correr o fado, gritando para as pessoas por quem passava: *toca-me, que me quebras o fado!*

¹⁶ Cf. Afanasiev — *Poeticheskiia, etc.* vol. III, pg. 528 e 530; Hertz — *Der Werwolf*, pg. 118.

¹⁷ *Ob. cit.* pg. 16.

¹⁸ Cf. Grimm — *Deutsche Mythologie*, vol. III, pg. 477, n.º 1121. Na superstição alemã apenas se fala de *sete filhas*. Cf. também para o nome, Hertz — *Der Werwolf*, pg. 61.

¹⁹ *Almanaque de Lembranças* 1872, pg. 195. Em nota à passagem citada, acrescenta-se: «A *hirã* dizem que é uma mulher de cabeça muito volumosa e de um corpo franzino, a qual, em chegando à idade de doze anos, se metamorfoseia em serpente e vai viver no mar.» Com relação ao sétimo filho, nascido nas circunstâncias acima indicadas, veja-se, entre outros, A. Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube der Gegenwart* 2.ª Aufl. § 479; William Henderson, *Notes on the Folk-Lore of the Northern Counties of England and the Borders*, new edition, pg. 305; Felix Liebrecht, *Zur Volkskunde*, pg. 346, 347.

²⁰ *Almanaque de Lembranças*, 1870, pg. 340.

Nesta lenda encontram-se aproximadamente todos os pormenores da superstição, que como vai ver-se são completados pelo que noutros pontos do País temos coligido.

Efectivamente os lobisomens reconhecem-se, mesmo quando estão no estado natural, pela sua magreza, pela cor amarela característica, e pela tristeza que sempre os acompanha. Também, segundo alguns, os lobisomens, quando andam desencantados, distinguem-se dos outros homens em terem as orelhas mais compridas, ventas arrebitadas e os cabelos da cova do ladrão de uma cor parda com laivos escuros²¹.

À meia-noite ou ainda, entre as onze horas e a meia-noite, é que os lobisomens das quintas para as sextas-feiras, ou segundo outras versões, das terças para as quartas e das quintas para as sextas²², vão aos espojadouros para mudarem de figura. A regra é que se transformam na espécie de animal que foi o último a espolinhar-se no *espojeiro*, o qual se acha ordinariamente numa encruzilhada. Mas em geral a transmutação dá-se quase sempre em burro²³. Ainda assim, como acima se viu, pode aparecer o lobisomem sob a forma de qualquer animal, por exemplo o lobo, o cão, o bode, etc., e esta forma não é indiferente para a pessoa que tem a desdita de o encontrar, pois conforme é crença o pior lobisomem e o que faz piores malefícios é o que tem a forma de homem com pés de cabrito ou cavalo, sendo necessário quando se vê algum desta qualidade dizer três vezes: *ave-maria*, para que ele dê um grande estoiro e arrebente²⁴ (Lamego).

É de ordinário entre as onze horas e a meia-noite, como se disse, que os lobisomens vão correr o fadário. Os pormenores desta corrida são muito variados e diferem de província para província, conforme vai ver-se.

Assim: os lobisomens depois de transformados em animal hão-de correr sete adros²⁵. Só depois disto é que podem voltar para casa (Oliveira do Hospital).

²¹ A. C. Teixeira de Aragão, *Almanaque Arsejas*, 1877, pg. 57. O vampiro entre os Sérvios e os Gregos modernos igualmente se reconhece por um certo número de características exteriores. Entre os Russos o lobisomem distingue-se pelo pêlo, que lhe cresce debaixo da língua: «*S/chodno s etim* (os feiticeiros), *chelovieka-vovkulaka legko uznati po shersti, rostushchei u nego pod iazykom.*» Afanasiev, *Poeticheskiia vozzrieniia* etc. vol. III, pg. 533. Entre os Dinamarqueses é reconhecido por um molho de cabelos que lhe nasce entre as espáduas: «*Om Vaerulven som er et forgiort Mandfolk, siges der, at kan kiendes paa en Tot Haar, som han har imellen Skuldrene.*» J. M. Thiele — *Den danske Almues overtroiske Meninger*, n. 753.

²² Segundo uma lenda francesa, o lobisomem vai correr o fadário no quarto minguante, todas as segundas, quartas e sábados, pelo espaço de uma hora, levando atrás de si nove dos seus vizinhos. Cf. Hertz, *Der Werwolf*, pg. 103.

²³ Cf. Hertz, *ob. cit.*, pg. 62. Na Rússia igualmente existe a transformação em jumento (*koby-litsa*). Cf. Afanasiev, *Poeticheskiia vozzrienyia*, etc. vol. III, pg. 533.

²⁴ *Almanaque de Lembranças*, 1870, pg. 340 e seg. Na Rússia também uma espécie de lobisomem é concebido pela imaginação popular como tendo pés de bode (*s kozzlinymi nogami*). Cf. Afanasiev — *ob. cit.* vol. III, pg. 529 e vol. I, pg. 711.

²⁵ Cemitérios.

Os lobisomens correm sete freguesias matrizes numa hora, feitos em cão ou em gato ou em galinha (Caldas).

Os lobisomens correm sete freguesias, passam sete pontes e sete rios entre as onze horas e a meia-noite (S. Cristóvão de Mafamude).

Quando algum lobisomem sai de noite, tem de correr sete léguas, sete encruzilhadas, sete ribeiros, e a pessoa que lhe quiser quebrar o fadário tem que ir acompanhá-lo a casa, senão ele volta outra vez a cumprir o seu destino (Régua).

Os lobisomens correm no seu fadário as sete partilhas (sic) do mundo (Oliveira de Azeméis).

Os lobisomens correm sete vilas acasteladas (sic) na sua carreira (Vila Nova de Anços).

Os lobisomens correm sete vaes (sic), sete outeiros e sete encruzilhadas de estrada, e quando acabam o seu fado vão ao mesmo espojeiro e fazem-se outra vez homens. Só andam assim às terças e sextas-feiras da meia-noite às duas horas, mas ficam tão moídos que no outro dia não podem levantar-se e ficam com muito má cor (Lisboa).

Os lobisomens, nas noites em que vão ao fadário, estão muito frios. Antes de sair correm a casa três vezes sempre para o mesmo lado. Vão depois a uma encruzilhada, despem o fato e espojam-se três vezes, mas por mais que uma pessoa qualquer procure o fato, não lho encontra (Caldas).

Não é só, porém, entre as onze e a meia-noite que os lobisomens aparecem. Também se vêem às horas do crepúsculo nos lugares sombrios; atravessam as provações fugindo e fazendo grande barulho nas ruas, sendo este barulho especialmente ouvido pelas pessoas, sobre que querem influir²⁶.

Também à mesma hora é crença, que num pinhal que fica ao pé de Penela, (distrito de Coimbra), aparecem muitos lobisomens, os quais fazem cair pinheiros e paredes e atravessam-se diante das pessoas, que passam, a pedir-lhes que lhes quebrem o encanto.

A vista de uma luz produz no lobisomem efeitos extraordinários, provavelmente sofrimentos. Assim, quando fogem na carreira vão apagando as luzes, que encontram pelo caminho com um assopro. Mas fazem ainda mais. Quando passam por uma casa onde esteja luz acesa, começam aos couces à porta e só se retiram apagando-se a luz.

Em Vila Nova de Anços crê-se mesmo que o lobisomem, quando vê luz numa casa, começa aos pinotes à porta para entrar e se consegue arrombá-la, agarra na lâmpada ou candeeiro e foge com ele, deixando todos às escuras.

²⁶ *Almanaque de Lembranças*, 1870, pg. 340 e seg. Segundo as crenças eslavas também os lobisomens aparecem nas florestas sombrias (*pod tienistym derevom*). Afanasiev, *ob. cit.* vol. m, pg. 529, *sub fine*; idem, pg. 532: «*udaliaetsia* (os lobisomens) *v liesa, napadaet na putnikov i domash-nii skot, i tomimii golodom diko voei i daje pojiraet padali.*» — Os lobisomens internam-se nas florestas, assaltam os viandantes e os animais domésticos, e atormentados pela fome atiram-se (a tudo) ferozmente e até devoram os frutos caídos das árvores.

Na carreira o lobisomem não vai sempre só. Conforme é crença leva atrás de si todos os cães que encontra pelo caminho, e ainda segundo outra versão (Oliveira de Azeméis) leva sempre uma matilha de cães atrás²⁷.

Em geral no nosso país o lobisomem é representado como um ente inofensivo, e poucos são os actos de crueldade que dele se contam, a não ser quando lhe querem quebrar o fadário da maneira especial, que adiante contaremos. Ainda assim conta-se que nas margens do rio Sabor (Bragança) aparece um lobisomem, ou pelo menos aparecia até há pouco tempo, o qual tinha formas de gigante, vomitava fogo pela boca e comia as crianças, que encontrava. Acrescenta-se que este monstro tinha umas botas fadas (sic), por virtude das quais de cada vez dava uma passada que abrangia umas poucas de léguas. Em todo o caso qualquer que seja a natureza do lobisomem (mesmo do que tem pés de cabrito, como atrás se viu) o que é certo, é que quando anda encantado não faz mal à pessoa que for seu compadre (Lisboa), e que não pode entrar em sítio onde estiver um sino saimão (Vila Nova de Anços).

Outro pormenor curioso que se encontra na lenda de que nos ocupamos, é o que vem mencionado na seguinte história, que nos contaram em Coimbra, mas que é comum a todo o País, pois em diversas localidades a temos ouvido narrar: Uma vez estava uma mulher à janela e viu passar um lobisomem. Este mal a viu, investiu com ela, mas apenas lhe roçou pelo fato sem lhe fazer mal. No outro dia a mulher foi a olhar para o marido e viu-lhe atravessados nos dentes uns fios de baeta encarnada da roupinha que ela tinha vestida²⁸.

Vimos até aqui qual era a natureza do lobisomem, como se produzia, e o que fazia nas horas em que ia correr o fadário. Falta-nos apenas indicar a maneira como se lhe pode quebrar o encanto para o libertar desta maldição.

²⁷ Já acima se viu que, segundo uma lenda, o lobisomem leva atrás de si nove dos seus vizinhos. Cf. Hertz — *Der Werwolf* etc., pg. 103. Deste pormenor quase desfigurado na superstição francesa, mas ainda relativamente bem conservado em Portugal, aproxime-se a entidade mítica eslava, denominada o «pastor dos lobos» (*volchii pastyri*), personificação da tempestade na sua fúria. A circunstância de o lobisomem apagar na carreira as luzes que encontra com um *assopro*, pode ainda justificar esta aproximação; o que nos levaria a procurar na lenda de que nos ocupamos vestígios de concepções míticas de outra ordem, como acontece com a lenda do «Diabo», das «encantadas», «bruxas», etc., por faltarem na nossa mitologia a maior parte dos *nomes* míticos que desapareceram, sem se perder contudo a *crença* que eles representavam, e que se misturou com superstições com as quais apresentava mais analogia e que tinham por si a vantagem de terem conservado o nome próprio, cf. Afanasiev, *ob. cit.* vol. III, pg. 529. Sobre a concepção idêntica de Odin, Cf. Grimm — *Deutsche mythologie* sub voce. A descrição que do *volchii pastyri* dá Afanasiev (*loc. cit.*) é característica e em tudo conforme à superstição portuguesa: «*pod etim imenem (volchii pastyri) razumieetsia vladyka burnykh groz, kotoromu podvlastny nebesnye volki, sleduiushchie za nim bolishimi staimi i v dikoi (grozovoi) okhotie zamienaiushchie soboiu gonchikh psov.*» — por este nome (o pastor dos lobos) designa-se o soberano da tempestade devastadora, ao qual estão sujeitos os lobos do céu (celestes) que seguem atrás dele em grandes matilhas e na caçada selvagem (tempestuosa) se substituem, como os seus cães de caça.

²⁸ Somente compreendemos o valor tradicional que deve ter este episódio, o qual contudo não sabemos explicar até agora, depois que o encontrámos exactamente repetido em outros povos, sem faltar a circunstância na aparência insignificante dos *fios vermelhos* entre os dentes. Em Hertz —

Já atrás se disse que de um pinhal ao pé de Penela saem às horas do crepúsculo os lobisomens para suplicarem às pessoas que passam, que lhes quebrem o fadário. É porque os lobisomens sofrem muito, e se alguém os não liberta do seu fado morrem no fim de algum tempo (Caldas).

Há diversas maneiras de quebrar o encanto a um lobisomem. A primeira e a mais geralmente conhecida é picando-os com algum objecto que lhes faça sangue, ou então ferindo-os com uma foice ou machado (Lavadores)²⁹. Logo que se lhes faz uma ferida aparecem feitos homens, mas nus. A maneira de os ferir tem um certo preceito, porque nuns casos pode deixá-los defeituosos, noutros pode o próprio indivíduo que os desencanta correr perigo, que nem sempre consegue evitar, por isso que como os lobisomens o que desejam é que os libertem do fadário, procuram de propósito as pessoas mais valentes que não se arreiam deles e que são capazes de os ferirem.

Assim a um lobisomem que andava transformado em burro um camponês cortou-lhe com uma fouce o rabo. Imediatamente voltou à sua forma primitiva de homem, mas com o dedo mendo de menos (Lavadores)³⁰.

O risco que se corre para desencantar o lobisomem é grande e todo o cuidado é pouco nesta operação. É preciso que no momento de se ferir, o sangue não salpique a pessoa, senão passa para ela o fadário. Por isso, em vez da foice que tem o cabo curto torna-se preferível uma vara comprida com um bico na ponta, e ainda assim apenas se dá a picada deve largar-se logo e fugir para longe (Lavadores).

Somente a mulher do próprio lobisomem é que o pode picar com um alfinete, para lhe quebrar o fadário, sem lhe fazer mal o sangue de que fica salpicada (Caldas).

Também a baba do lobisomem caindo numa pessoa faz passar para ela o fadário (Lisboa).

Der Werwolf, pg. 83 lê-se a seguinte passagem: «*Fasern zwischen den Zaehnen lassen hauefig den Werwolf erkennen. So erzahlt man in Medebach an der Orke in Preussen von einem Wirwulw: Ein Bursch, Lippes (Philipp), begleitete ein Maedchen Namens Leise (Lise) aus einem benachbarten Ort; da sie ihm aber Manches sagte, was er nicht gerne hoerte, sann er auf Rache. Er gieng einen Augenblick bei Seite und gleich darauf rannte ein Thier aus dem Busch und fiel das Mädchen an; diese schrie um Hülfe, bis das Thier entflo. Bald darauf kam Lippes wieder zum Vorschein, und sie klagte ihm, dass ihr ein wildes Thier Schuerze und Tuch zerrissen habe. Er bedauerte sie: da sah sie jedoch einmal zwischen seinen Zaehnen Fasern von ihrer rothen Schuerze und lief fort, was sie laufen konnte.*» Em seguida o autor conta outra história, em tudo idêntica a esta, não esquecendo os *fios de lã vermelha*, que ao outro dia se viram atravessados nos dentes do lobisomem. Acharo-nos, portanto, ao que parece, em face de um elemento característico da lenda, que só novas comparações poderão esclarecer. Sobre a *cor vermelha* e a sua significação na tradição popular, veja-se: J. V. Broberg — *Bidrag fraan vaar Folkmedicins Vidskepelser* etc. i, pg. 6 e seg. e Hylten Cavallius, *Wärend och Wirdarne* ii, § 44.

²⁹ Cf. Hertz — *Der Werwolf*, pg. 45, 82, 97.

³⁰ Cf. a mesma particularidade citada em Wolf — *Niederlaendische Sagen* n. 242, onde se conta que um rapaz tendo cortado com uma foice a pata a uma loba, no outro dia apareceu certa mulher, que no lugar tinha fama de ser lobisomem, com uma mão de menos.

Quando o lobisomem não é bem picado, em vez de se desencantar dobrar-se-lhe o fado (Caldas).

A segunda maneira de quebrar o encanto a um lobisomem é voltar-lhe o fato do avesso. Havia um homem casado, que diziam que ia correr fado. Uma noite a mulher, quando ele fugiu da cama, pôs-se a fingir que dormia e depois de ele sair virou o fato que ele deixara ficar em casa. Apenas fez isto, voltou logo o marido aos pinotes mas já no seu estado natural e apenas nu³¹ (Bucelas).

Já acima se disse que o lobisomem quando vai na carreira leva atrás de si uma matilha de cães. Parece que nalguns casos este cães procuram dar-lhe caça, como se depreende da seguinte superstição:

Quando uma pessoa encontra um lobisomem e lhe quer quebrar o fadário, se os cães não conseguem apanhá-lo, senta-se numa pedra branca (sic), agarra o lobisomem (!?) e veste-lhe uma camisa do avesso, voltando ele logo ao primitivo estado (Oliveira de Azeméis).

O terceiro meio para desencantar o lobisomem é o mais violento e o mais perigoso para a pessoa que o emprega: consiste em tirar-se-lhe o fato e em deitá-lo num forno aceso. Apenas isto acontece vem o lobisomem atormentado por dores terríveis, procurar tirar o fato do fogo. Muitos não resistem à operação e morrem, mas se resistem estão salvos e acaba-se-lhes o fado (Lavadores). Se encontram porém a pessoa, que lhes fez isto, matam-na infalivelmente (Lisboa)³².

Também se apanham os lobisomens atirando-se-lhes à sombra (Vila Real)³³. Quando se vai, porém, de noite por uma estrada em que se pode ser assaltado por eles, é bom ir cantando (Torres Novas).

Ainda outras superstições há a respeito do lobisomem bastante curiosas, principalmente porque pertencendo a povoações galegas junto da fronteira do nosso país, estabelecem a transição entre a tradição galaico-portuguesa, propriamente

³¹ Cf. J. M. Thiele — *Den danske Almues overtroiske Meninger* n.º 757.

³² Aproxime-se desta a seguinte superstição: quando uma criança anda perseguida por uma bruxa, ferve-se-lhe a roupa dentro de um púcaro de prado (sic). Imediatamente a bruxa vem ter à casa onde está a criança, porque lhe ferve o sangue no coração. Obriga-se então a desfazer o malefício, o que ela prontamente faz (S. Cristóvão de Mafamude). A lenda da camisa do lobisomem, lançada no fogo para o desencantar, existe entre outros países na Arménia. Cf. Hertz, *Der Werwolf* pg. 28, com a diferença, porém, que em vez da camisa é a pele do lobo com que o lobisomem se cobre que é destruída. Efectivamente, a camisa na tradição portuguesa e ainda na de outros povos, está como o último vestígio da pele do lobo, ficando a pessoa que com ela se cobrir desde logo transformada neste animal e com todos os seus cruéis apetites. É por isso que a queima da camisa quebra o fadário, do mesmo modo que a destruição da pele do lobo acaba o encanto pela impossibilidade de ele se renovar. Para a mesma superstição entre os povos germânicos veja-se Hertz — *ob. cit.* pg. 55, 68, 69. Os Eslavos conhecem ainda a lenda com todas as particularidades. Assim Afanasiev conta que um dia, entrando um homem numa caverna, viu ali escondida uma pele de lobo. Deitou-a no lume e imediatamente lhe apareceu uma velha dando gritos lamentosos e procurando salvar a pele, o que não conseguiu: «*Raz kto-to zabrel v peshcheru, v kotoroi byla spriatana volchiia shkura; on tut-je razvel ogoni i brocil v nego shkuru. Vdrug sjalobnym voplem pribiegaet baba i brosaet-sia spasati svoiu zvierinuu odejdu; popytka eia ne udatsia, volchiia shkura sgoraet i baba — obo-roteni ischezaet vmiestie s klubiashchimsia dymom.*» Afanasiev, *Ob. cit.* vol. III, pg. 531.

³³ J. Leite de Vasconcelos — in *A Vanguarda* n. 39, de 30 de Janeiro de 1881.

dita, e a do resto da Península, que pelo que até agora temos podido averiguar, perdeu neste ponto bastante a sua vitalidade³⁴.

Assim, em Carvallino (próximo do rio Minho, província de Orense) conta-se que uma mulher tinha o fado de estar a guardar os lobos no monte, os quais não lhe faziam mal. Uma noite passou por ali um homem e, sem querer, fez sangue num dedo à mulher. Imediatamente se lhe quebrou o fadário e ela voltou para casa a viver com a família. É este o motivo por que é uma praga terrível dizer-se a uma pessoa que ainda há-de guardar lobos no monte (Carvallino — idem).

Além disso, na parte da Galiza que confina com Portugal existe o nome de «lobisomem» aplicado exactamente nas mesmas circunstâncias, e algumas das superstições que acima deixámos indicadas, por ex. a dos sete filhos varões a fio sem intervalo de nenhuma fêmea.

Nos Açores, como era de esperar, a crença no «lobisomem» é bastante vulgar e em tudo conforme à do continente. «A existência de *lobisomens* é popularmente acreditada em S. Miguel, e, segundo um escritor notável desta terra, autor das linhas sobre este assunto (J. de Torres) até historiam a origem e natureza deste novo animal, que escapou à classificação de Buffon!

«Origem, essa é bem simples! o último filho de uma série, não interrompida, de sete varões machos (sic) do mesmo ventre, é *lobisomem*! Não há modo de iludir esse fadário, que espera o recém-nascido, senão impondo-lhe no baptismo o nome de Bento, e dando-lhe por padrinho seu irmão mais velho, o primeiro dos tais sete sucessivos.

«A natureza do lobisomem é horrivelmente sobrenatural! Em noites e horas fatais um poder mágico o obriga a divagar pelos lugares públicos, até encontrar qualquer animal quadrúpede, em que logo se metamorfoseia, passando a acometer, sob esta nova forma, a quem acerta de encontrar no caminho! E de tais bichos, dizem, que não é fácil descartar-nos sem lhes fazer sangue, com o que recuperam subitamente a primeira natureza humana.

³⁴ Assim em Espanha não existe na língua comum uma palavra correspondente ao nosso «lobisomem». Parece mesmo que nos dialectos locais a sua existência é desconhecida para os indivíduos que ali se ocupam de tradições populares. Pelo menos é o que pode inferir-se da seguinte passagem de uma carta que nos escreveu o distinto mitógrafo espanhol, o Snr. D. António Machado y Alvares, em resposta a uma pergunta que neste sentido lhe fizemos. Diz assim a passagem a que nos referimos: «... no conozco termino alguno que corresponda al *lobis-homem*. Mi padre, profesor de Historia Natural en esta Universidad (Sevilla) me habla de la supersticion de algunos pueblos de un lobo negro, animal puramente fantástico y un tal Antonio Diaz, hombre de 84 anos de edad y antiguo trabajador dei arte de la seda, me indica que hay la creencia em el pueblo de hombres que se convierten en lobos, sin darme mas razon acerca de su dicho...» Não é só a palavra que não existe portanto, mas até a tradição se nos afigura bastante obliterada nesta parte pelo menos da Andaluzia. Em todo o caso parece-nos indubitável que explorações sistemáticas hão-de acabar por descobrir alguma coisa importante. Não é provável que a crença do «lobisomem», sendo indo-europeia se tenha perdido em Espanha, existindo demais a mais com tanta vitalidade ainda em Portugal. Ao nosso distinto amigo, Machado y Alvares, recomendamos este assunto.

«É difícil atinar com a natureza desta superstição, a não ser, que o povo a tecesse, sobre o carácter fisionómico de certa doença³⁵, variedade do género licanthropia³⁶.»

Do mesmo modo que todas as superstições profundamente assimiladas pelo povo, a lenda de que nos estamos ocupando deixou na língua o seu vestígio indelével, que provavelmente aí permanecerá ainda muito tempo depois de a crença correspondente se ter perdido. Assim diz-se vulgarmente: que uma pessoa tem cara de quem vai correr o fadário, quando é muito amarela.

Por último o nome de lobisomem, aplicado a um indivíduo qualquer, é uma designação afrontosa nalguns sítios de Portugal³⁷.

Para rematar o que acerca do «lobisomem» temos por agora a dizer, vamos transcrever o que sobre esta superstição se encontra num célebre livro português do século xviii, o *Portugal Médico*, de Braz Luís de Abreu (foi-nos emprestado obsequiosamente pelo distinto numismático português, o Ex.^{ma} Snr. A. C. Teixeira de Aragão, o exemplar de que nos servimos). Diz o referido livro a pg. 588: «Estão sujeitos os homens a hum delirio melancholico, lupino e nocturno, a que vulgarmente chamão os D. D. *Lycanthropia*; e se define: *Huma acção depravada das faculdades rectrices* (sic) *que representaõ o homem debaixo da especie de Lobo*. Por força deste delirio se obrigão os que padecem a romper em todas as acções do Lobo; e especialmente os inclina esta melancholia ferina a andar de noute, como lobos, por lugares obscuros, tristes, e fúnebres; e athe pellos cemiterios, e adros dezenterrando os mortos, e cevando-se nos corpos fétidos, e corruptos, como dis Aécio; imitando com mais exacção aquelle bruto quando insaciavel; propriedade que se descobre com mais evidencia neste Animal.»

Mais pormenores a respeito da tradição do «lobisomem» não os conhecemos no nosso país. É provável, porém, que novas explorações venham a pôr em evidência diversas circunstâncias da lenda hoje ainda entre nós ignoradas. O que fica indicado neste trabalho é no entretanto bastante completo, ousamos quase dizer, mais completo relativamente do que o que tem sido coligido nos principais países da Europa. Particularidades há mesmo, que a não serem exclusivamente portuguesas (e por analogia com as restantes cremos que o não são) escaparam a colectores e mitólogos tão ilustres e perspicazes como Grimm e Afanasiev. Da parte comparativa demos apenas o mais importante, ou o que nos pareceu necessário para se compreender o valor tradicional de um ou outro pormenor, que a não ser tal aproximação passaria despercebido. O comentário

³⁵ O inverso é que tem mais verosimilhança. Seria impossível compreender-se a afecção, cujo carácter principal era o supor-se o paciente transformado num lobo, se porventura a crença da possibilidade de tal transformação não existisse já como uma superstição arraigada.

³⁶ Francisco Maria Supico — *Almanaque do Arquipélago dos Açores para 1868*, pg. 111 e 112.

³⁷ Cf. Rud. Leubuscher — *Ueber die Wehrwölfe und Thierverwandlungen im Mittelalter*, pg. 29 «und selbst in der Mitte Deutschlands, in der goldnen Aue ist der Name «Wehrwolf» noch als ein Schimpfwort für jeden gierigen und lüsternen Menschen uebrig geblieben».

não aspira pois a ser definitivo, e a única importância que pode ter para o estudo comparativo da nossa mitologia popular, é o indicar as crenças idênticas da raça eslava, tão pouco conhecidas na Europa Ocidental e mesmo até dos mitólogos alemães, pela circunstância de se acharem apenas nas línguas originais, as suas principais fontes³⁸.

³⁸ Conforme anunciámos no nosso número anterior, publicamos em seguida a carta que recebemos de Coimbra e que é um documento que deve ficar registado para a história das investigações etnográficas no nosso país:

«... Snr.

«Reconhecendo a grande utilidade que tem o estudo das superstições populares, utilidade que e tornou bem patente depois dos valiosos trabalhos de Grimm, Müller, etc. para a integração das manifestações da mentalidade ariana através dos tempos e nos diversos meios a que se adaptou, alguns rapazes que tomam interesse neste trabalho determinaram reunir todos os documentos dispersos pelas terras da sua natalidade, e ir enviando a V. tudo quanto poder ser útil a este assunto. Por agora mandamos pouco, mas depois das férias do Carnaval vamos ver se conseguimos uma soma mais redonda.

Coimbra, 21 de Fevereiro de 1881.

De V.
atentos respeitadores
(assinados)

Manuel Duarte Laranja G. - Palma
Manuel da Silva Gaio
José Duarte Monteiro Laranja
José Francisco Vieira
José Lopes Vieira
Firmino Penedo Manso
João Ferreira da Silva
José Joaquim Galvão de Vasconcelos
Eugénio de Almeida
João Carlos Rodrigues dos Reis.

Resta-nos acrescentar que os signatários já começaram a desempenhar-se briosamente do seu compromisso, enviando-nos alguns materiais valiosos. Muito mais há porém a esperar do seu zelo e ilustração.

Igualmente há dias recebemos do nosso amigo, o Ex.^{ma} Snr. F. Martins Sarmiento, uma preciosa colecção de superstições que serão em parte incluídas num próximo número que estamos preparando. O Snr. Martins Sarmiento é o ilustre explorador, o verdadeiro Mecenas da nossa arqueologia, que à força de perseverança e da mais racional aplicação de uma importante fortuna, conseguiu realizar as célebres descobertas das Citânias, que lhe têm dado uma notoriedade europeia, merecendo ainda ultimamente da parte do Snr. Wirchow perante a Sociedade Antropológica de Berlim a mais honrosa menção (Vid. *Aus den Verhandlungen der Berliner anthropologischen Gesellschaft. Sitzung am 20. November 1880*).

Devemos também numerosas indicações ao nosso inteligente amigo Manuel António Ferreira, que nos tem fornecido quase tudo o que até agora temos colleccionado da provincia de Trás-os-Montes.

Por último recebemos do Snr. José Maria de Melo de Matos, do Porto, algumas superstições importantes com a promessa de novas remessas.

As *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* que no estrangeiro mereceram o acolhimento mais lisonjeiro para o autor, da parte dos principais especialistas europeus, como o mostraremos um dia aos leitores, estão contribuindo para chamar no nosso país a atenção para este campo de estudos, havendo nós já encontrado valiosos auxiliares, como os que acima ficam apontados. Oxalá que eles não esmoreçam no seu empenho, e dentro em pouco Portugal poderá figurar de um modo digno ao lado dos países onde estas investigações de há muito lograram conquistar um lugar de honra.

Aos estudiosos brasileiros que, porventura, possam ler estas páginas, fazemos um apelo para que investiguem as tradições da sua terra natal, pela excepcional importância que elas têm para a etnografia portuguesa no seu sentido mais lato.

SUPLEMENTO*

É muito o que já temos a acrescentar a *todos* os capítulos dos nossos estudos, anteriormente publicados, devendo, numa segunda edição que preparamos, alguns deles saírem aumentados de mais do dobro do material primitivamente coleccionado. No capítulo, porém, que se refere ao «lobisomem» há duas ou três lendas e especialmente uma, que parecendo-nos de primeira importância e não tendo sido incluídas na primeira edição, decidimos desde já dá-las em suplemento, tanto mais que, segundo cremos, é ela até hoje desconhecida dos nossos mitógrafos.

— *Lobisomem fêmea*. — Havendo sete irmãs numa casa a sétima vai para *peeira de lobos*. Vai viver sete anos com os lobos; dorme com eles e é alimentada por eles. Apenas está só quando os lobos andam à caça para ela, e se ela falta os lobos andam desesperados. Ao fim de sete anos acaba *a sua fada* (sic)³⁹.

Em Gontinhães houve uma «peeira de lobos» que cumpriu da seguinte forma o seu fado, de que ainda se lembram muitas pessoas hoje vivas: a tal rapariga disse uma vez ao pai que «tinha uma fada a correr» (sic). Depois desapareceu. Mais tarde um caçador andando à caça encontrou num monte uma mulher toda esfarrapada e interrogando-a soube o motivo porque ela aí estava. A rapariga, com efeito, contou-lhe a sua história e disse-lhe mais que pouco tempo lhe faltava para cumprir o fadário. De facto, o caçador voltando dali a tempo ao mesmo sítio já a não encontrou. Ela tinha vindo para a casa do pai; serviu aí como criada até que se deu a conhecer.

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 4.º vol., pp. 424-430 como suplemento ao fascículo vil. Por essa razão preferiu inserir-se o texto no seguimento deste fascículo e não na disposição original.

³⁹ Foi-nos comunicada esta tradição pelo nosso bom amigo e, podemos bem dizer, colaborador desta obra, pelos preciosos materiais que nos tem coligido, F. Martins Sarmento.

«Peeira de lobos», segundo a etimologia popular, quer dizer «a que anda ao pé dos lobos».

A seguinte história, que deparamos num viajante inglês, no nosso país⁴⁰, e para a qual chamamos a atenção especial dos leitores, apresenta com efeito um certo número de particularidades que pela primeira vez nos aparecem na lenda do lobisomem em Portugal. É da província do Minho de uma aldeia próximo a Ponte de Lima. Trata-se de uma família que, no momento em que uma criança está para nascer, toma como serviçal uma espécie de ama-seca. O autor a que nos referimos continua então pela seguinte forma a narração, que lhe foi feita por um camponês: «Daí a pouco tempo a criança nascia, com efeito, e a rapariga que entrara de novo tomava o seu lugar, cozinhava para nós, etc. Pela sua parte, o recém-nascido era uma criança extraordinariamente formosa e saudável. Todos assim o diziam, excepto uma velha, ali vizinha, que passava por ser «mulher de virtude», e que se mostrou interdita quando viu a criança pela primeira vez, dizendo que ela estava enfeitiçada. O pai e a mãe riram a bom rir, quando tal ouviram, por verem a boa aparência que tinha a criança. A velha então declarou que só dizia que se tinha enganado se a criança não tivesse algures no corpo o sinal do Diabo; efectivamente tinha-o — um sinal no ombro, exactamente como se lho tivessem feito na pele com um alfinete, do feitio de um pequeno crescente ou meia-lua. Ao verem isto, ficaram todos muito assustados, mas a velha disse-lhes que não havia motivo para tanto receio, a não ser durante a lua nova, em que a criança devia ser vigiada toda a noite. Quando a velha ia a sair de casa, a rapariga, que tinha entrado havia pouco para o serviço, estava sentada no chão com a saia escura pela cabeça, e apesar de a velha lhe ter falado, não lhe respondeu, fingindo estar a dormir.

Nada extraordinário se passou durante alguns meses. A rapariga — Joana, se chamava ela — tinha grande préstimo e tanto o dono da casa como a senhora estavam contentíssimos por terem tomado como criada uma «chamorra»⁴¹. Contudo, nós (é um dos criados que conta a história) que éramos seus companheiros, não gostávamos muito dela; era de falas ásperas e, quando se zangava, os olhos, que eram grandes mas de forma alongada, pareciam deitar fogo, ficando então com um aspecto terrível e selvagem. Quando, porém, estava de bom humor, era uma rapariga muito tratável. Falava raras vezes, mas em pouco tempo ganhou a confiança dos donos da casa. Um dia que a senhora lhe contava o que a velha tinha dito, disse ela: «Ah! é verdade! eu já o tinha percebido há muito tempo, mas tive medo de o dizer. As crianças que têm aquele sinal tornam-se *lobisomens* antes de chegarem aos dezasseis anos, a menos que se não faça alguma cousa para impedir isto.» — E o que há-de fazer-se? perguntou a senhora.

«Deve cobrir-se o sinal maligno com o sangue de um pombo branco, pôr a criança nua e deitá-la num cobertor na encosta do monte, exactamente no

⁴⁰ John Latouche: *Traveis in Portugal*, 2.ª edition pag. 31-35. Traduzimos toda a história.

⁴¹ Camponesa de certos sítios da Beira.

momento em que a Lua se levantar no horizonte depois da meia-noite. A Lua então atrairá a si o sinal através do sangue, do mesmo modo que atrai as águas do mar na maré cheia, e a criança ficará livre.»

O meu patrão e a senhora concordaram nisto, para livrarem a criança do fado de lobishomem, e dando-se o caso de a Lua então nascer muito tarde, daí 2 um ou a dois dias fizeram-se os preparativos necessários e logo que anoiteceu a criança foi posta na encosta do monte ao pé de casa, enquanto a Lua ainda se conservava abaixo do horizonte, sem nascer. Logo que os arranjos ficaram concluídos, voltámos todos para casa, porque era essencial que a criança não fosse vista por ninguém até que a Lua nascesse.

O meu patrão, contudo, começou a estar inquieto, pensando que poderiam por ali perto andar lobos; mas nós tranquilizámo-lo, assegurando-lhe que havia muitos anos que por ali se não via lobo algum. Apesar disso ele foi carregando sempre a espingarda, metendo-lhe à falta de balas, cinco ou seis pregos ferrugentos.

Tinha ele apenas acabado de fazer isto, quando, com grande terror nosso, sentimos uns gritos aflitivos da banda donde estava a criança. Num instante tínhamos nós todos saltado para fora de casa, e os gritos aumentavam à medida que nós íamos aproximando do sítio. Neste momento, justamente, nascia o luar e nós vimos um enorme lobo pardo de volta com o corpo da criança, e com as garras todas ensanguentadas e os olhos a chisparem fogo. Vendo-nos vir deitou a fugir, mas o patrão fez fogo sobre ele antes de ele chegar ao pinhal que estava ali perto. Caiu e começou a estrebuchar. Corri para acabar de dar cabo dele com o cajado que tinha nas mãos, mas apenas tive tempo de lhe dar uma pancada, porque ele levantou-se e fugiu. A ferida, contudo, era grave, porque tinha sido numa das patas dianteiras e o lobo entrou no pinhal uivando e manquejando.

A criança, encontrámo-la morta; o pescoço estava horripelmente ferido pelos dentes do lobo e o cobertor estava todo ensopado de sangue.

A respeito da criada Joana vieram dizer-nos que ninguém a vira mais desde que a criança tinha sido levada para o monte, e efectivamente não estava em casa quando nós voltámos. Foi então que pela primeira vez nós percebemos a verdade. A rapariga era um *lobisomem* fadado, tinha sido ela quem tinha morto a criança, e ao ferirmos o lobo, tínhamo-la ferido, pois havia nessa ocasião recuperado a sua primitiva forma. No dia seguinte fomos seguindo o rasto do lobo ferido, e logo dentro do pinhal, a uns dez passos do sítio onde na véspera ele entrara, encontrámos Joana caída no chão e toda banhada em sangue. Começou imediatamente a contar-nos, que tinha ido esconder-se para o pinhal logo que nós deixámos a criança no monte, receando que não lhe acontecesse alguma coisa; que nessa ocasião ouvira gritos e corra em meio do escuro para a criança, que exactamente quando ela ia a sair do pinhal nasceu o luar e ela viu-nos vir, viu o lobo correr para ela, ouviu o tiro, e nesse instante sentiu-se ferida no lado e caiu no chão, onde esteve desde então.

Nós percebemos que tudo isto eram mentiras ensinadas pelo Demónio e por isso mandámos chamar um padre; mas antes que ele chegasse a rapariga morreu. Enterrou-se naquele mesmo sítio, e a tal «mulher de virtude» que veio para a ver, declarou que com efeito ela tinha o sinal dos *lobisomens* no peito quase chato, e era evidentemente uma criatura do Demónio. A velha disse mais que se ela tivesse podido ver os olhos da rapariga teria dito logo quem ela era, porque os *lobisomens* têm todos os olhos grandes e sobre o comprido e o olhar feroz de lobo. Ainda a velha nos explicou mais que se um *lobisomem* consegue matar uma criança recém-nascida e beber-lhe o sangue, o seu fadário acaba e ele deixa de ser «lobisomem».

Como se vê, esta história é importantíssima e talvez a de mais valor que temos coligido com relação à curiosa superstição de que nos ocupamos. Há principalmente duas circunstâncias da lenda que merecem ser notadas. Uma delas é que o «lobisomem» fêmea é muito raro na tradição do nosso povo. A outra é que em geral é o burro ou o cavalo o animal preferido para a transmutação, sendo muito rara também, por uma anomalia notável⁴², a transformação em lobo. Além disso na história em questão aparecem ainda outras particularidades muito notáveis, que vêm completar mais a lenda já tão rica do lobisomem no nosso país.

Muitas histórias análogas no domínio da tradição eslava e germânica poderíamos mencionar como comentário à lenda portuguesa. Como esse trabalho, porém, por agora nos levaria muito longe, contentar-nos-emos com a simples indicação dos contos coligidos por Hertz na sua esplêndida e por nós tão citada monografia⁴³.

Lobisomens patos marrecos — Os lobisomens andam feitos «patos marrecos» a tirar a água dos poços pouco depois da meia-noite. (Serra da Estrela).

Na serra da Estrela o «lobisomem» tem uma transmutação especial... toma a forma de «pato marreco» e entretém-se a roubar as águas das regas. O «pato marreco» habita muito as lagoas da serra⁴⁴.

⁴² Cf. Consigliieri Pedroso: *Tradições Populares Portuguesas*, n.º vil. *O lobisomem* pg. 8 (edição à parte).

⁴³ Dr. Wilhelm Hertz: *Der Werwolf. Beitrag zur Sagengeschichte*.

⁴⁴ Eduardo Coelho: *Quinze Dias na Serra da Estrela. Diário de Notícias* n.º 5595, de 30 de Agosto de 1881.

VIII

SUPERSTIÇÕES POPULARES (VÁRIA)*

- 401 Quando as rolas cantam é sinal de chuva.
- 402 Quando acontece uma cousa que não se espera, é porque está para nascer algum burro.
- 403 Quando se têm dores de ouvidos, é bom, para que elas passem, deitar na parte dorida uma gota de leite de mulher, que esteja criando uma criança do sexo masculino.
- 404 Quando um lobo avista uma pessoa, antes de ser por ela visto, essa pessoa perde a fala.
- 405 O pavão esmorece quando olha para os pés, por os ter feios.
- 406 Não se deve deixar o enxoval de uma criança ao luar, porque entra a Lua com ela.
- 407 Quando em dia de Nossa Senhora das Candeias (2 de Fevereiro) está bom tempo, é sinal que ainda há-de fazer muito inverno nesse ano. Cf. o provérbio:

Candeias a chorar (chover)
O Inverno a acabar;
Candeias a rir (fazer sol)
O Inverno por vir.

*Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 3.º vol.: 314-330.

- 408 É muito mau dar comer quente aos gatos, porque os faz derramar (danar).
- 409 As pessoas que nascem em dia de Ano Bom e dia de Natal, são muito felizes.
- 410 Não é bom que uma criada, quando entra de novo numa casa, cante antes dos oito dias, porque se vai embora antes de dois meses.
- 411 Não é bom dar pontos em meias, porque quem o faz, cose os pecados.
- 412 É muito mau uma mulher grávida ir ser madrinha de uma criança, porque esta sai com certeza muda ou idiota.
- 413 Há três dias em Fevereiro de muito mau agouro, durante os quais não se deve casar (Minho).
- 414 Quando faz sol e chove, está o Diabo a dar na mulher.
- 415 Quando passa o viático, uma pessoa, por muito doente que esteja, deve sentar-se na cama, senão morre. (Cf. o n.º 85).
- 416 Quem fala só consigo, fala com o Diabo.
- 417 Quem anda para trás, faz caminho ao Diabo.
- 418 Vestir a camisa do avesso sem o saber, é sinal de presente.
- 419 Para uma pessoa não ser mordida por cão danado, ou para que antes que o seja não se dane por sua vez, é bom trazer enrolada à roda do pulso uma fita benzida na igreja de Santa Quitéria de Meca (Lisboa e arredores).
- 420 Quando se perde alguma coisa e se quer achar deve rezar-se a seguinte oração, quando se anda a procurar: O Diabo esteja aos pés do Santíssimo Sacramento a rezar novenas, coroas e rosários; e há-de no rabo morder, enquanto o que eu perdi (nomeando o objecto) não aparecer.
- 421 Quando as galinhas e em geral as aves se coçam e catam com o bico, é sinal de chuva
- 422 É mau agouro ter em casa uma perdiz viva, porque morre muito cedo o chefe da família.

- 423 Quando fazem trovões, golam todos os ovos que estiverem nessa ocasião deitados às galinhas.
- 424 Quando duas ou mais pessoas lavam as mãos ao mesmo tempo na mesma bacia, ou se limpam à mesma toalha, é sinal de que nesse dia jogam à pancada. (Cf. o n.º 59).
- 425 Quando vai a cair uma *estrela* (bólide) deve dizer-se: Deus te guie! Deus te guie! para que não aconteça mal.
- 426 O arco-da-velha (arco-íris) vem ao mar ou aos rios beber água para as nuvens.
- 427 O tempo ao meio-dia, ou carrega ou alivia.
- 428 Quando uma pessoa sonha com um tesouro escondido e que no outro dia o vai dizer a alguém, o tesouro desaparece. Se sonhar com ele, porém, três noites a fio sem dizer nada o referido tesouro está no sítio designado e se a pessoa aí por cavar, encontra-o.
- 429 Sonhar com ovos, são mexericos; com um defunto, é sinal de vida, com figos é sinal de doença. (Cf. os n.ºs 98, 99, 152, 200, 201, 208, 209, 256, 317, 318, 320, 345).
- 430 Vaca que berra, é sinal de casamento na terra. (Cf. n.ºs 27, 315 e 334).
- 431 Quando uma vaca berra numa rua, é sinal de casamento nessa rua. (Cf. os n.ºs 27, 315, 334 e 430).
- 432 Não se deve pôr dinheiro em cima da mesa, porque é sinal de ralhos. (Cf. o n.º 57).
- 433 Quando um marido não estima a mulher, deve esta lavar o assento e dar-lhe a beber a água sem ele saber. É ao que se chama «água de c... lavado».
- 434 Três pessoas a fazerem uma cama, morre a mais nova.
- 435 Não é bom ir à missa com feridas no corpo, porque se agravam.
- 436 As crianças que nascem em lua cheia são sempre do sexo masculino.
- 437 Não se deve fiar deste Quinta-Feira Santa até Sábado de Aleluia. (Cf. n.ºs 65, 222, 322 e 346).

- 438 Quando estão numa casa visitas que se demoram muito, é bom pôr-se um chinelo atrás da porta para elas se irem embora.
- 439 Para fazer mal a qualquer pessoa, apanha-se um sapo e criva-se-lhe a cabeça de alfinetes. Todas as dores que o sapo sentir sente-as a pessoa a quem se quer fazer mal, até que morre; porque o sapo não sente nada.
- 440 Sonhar que uma pessoa morreu, estando ela de perfeita saúde, dão-se-lhe dez anos de vida. (Cf. n.º 429).
- 441 Sonhar com penas, é sinal de morte.
- 442 Sonhar com um ovo, é notícia triste.
- 443 Sonhar com um boi, é sinal de casamento breve.
- 444 Sonhar com carne de porco, é sinal de desgosto na família.
- 445 Quando dá uma moléstia qualquer num rebanho de ovelhas procura-se uma cobra muito pequena, mete-se dentro do chocalho ou campainha que traz a *guia* e tapa-se. A cobra fica viva dentro do chocalho até o gado estar todo bom (Moncorvo).
- 446 O goraz (peixe) tem duas malhas pretas, uma de cada lado da cabeça. Diz-se entre o povo que é o sinal dos dedos de S. Pedro, quando num dia em que andava pescando, apanhou este peixe.
- 447 A alma dos indivíduos que morrem, aparece às vezes debaixo da forma de um cão preto.
- 448 É crença popular que, quando fazem trovões, são carros que andam rodando pelo céu.
- 449 Para apanhar os morcegos, quando à noite andam voejando pelo ar, é bom levantar uma cana e gritar-lhes repetidas vezes; morcego! morcego! vem à cana que tem sebo.
- 450 Quando pelas primeiras tēmporas (Setembro) as chuvas vêm abundantes, e de repente, é sinal de carestia de água nesse ano.
- 451 Não se deve vindimar antes do dia de S. Miguel.
- 452 Não se deve deitar uma criança com a cara para a Lua, porque fica amarela.

- 453 Não se deve comer ao luar, porque quem come ao luar come a Lua.
- 454 É mau falar só, porque responde o Diabo. (Cf. n.º 392).
- 455 Pôr meias em cima da cama, faz sonhar.
- 456 Roca em cima da cama tira o sono.
- 457 É muito mau ter meias atadas à cama, porque tira a fortuna.
- 458 Se alguém de noite encontrou coisa má e entrando em casa viu luz, o feitiço tornou-se incurável.
- 459 Na ocasião de se cometer um crime, se o assassinado caiu de bruços, o assassino fica a andar à volta dele sem poder fugir, como sucederia se aquele caísse de costas.
- 460 Quando uma criança está *com o sono trocado*, para se curar, faz-se o seguinte: lavam-se-lhe os cueiros, torcem-se e deixam-se toda a noite na asa de um cântaro, onde secam por si mesmos. No dia seguinte, se não estão bem secos, secam-se de todo e põem-se na criança. A operação deve repetir-se três vezes.
- 461 Desde Quarta-Feira de Trevas até à hora da Ressurreição de Sábado d'Aleluia não se deve secar roupa, porque ela apareceria com pintas de sangue.
- 462 Se uma gota de vinho caísse sobre o sangue (mesmo uma simples nódoa na roupa) de uma mulher parida, esta enlouqueceria por força.
- 463 Em Ponte de Lima, quando uma pessoa está para morrer é avisada pelo grito dalguma alma penada.
- 464 Quando uma pessoa foi atacada a primeira vez pela gota, o remédio é pregar um prego no sítio onde essa pessoa caiu. Se se lhe queimar imediatamente a camisa, também se obtém do mesmo modo a cura.
- 465 No domingo do Espírito Santo, ou na segunda-feira imediata, não se deve dar um único ponto, porque:

no dia do Santo Esp'rito,
cada ponto, cada grito¹.

¹ Vid. os n.ºs IV e V.

variante:

no dia do Santo Esp'rito,
cada ponto, cada bicho¹.

466 Segundo algumas pessoas, quando um defunto vai para a igreja, sem ser acompanhado por um padre, a alma do falecido fica pelo caminho, e anda errante pelos sítios onde se perdeu.

467 A mulher grávida, que plantou ou semeou, não pode dar à luz o filho sem arrancar por suas próprias mãos a planta que semeou ou meteu na terra.

468 Quando uma criança se baba, é bom para se curar beijar um preto ou qualquer animal preto.

469 Para afugentar os pássaros dos milhos alvos, painços, hortas, etc., é bom espetar chifres em um pau. Mas o remédio infalível é um pau aguçado por um homem, cuja mulher lhe seja infiel. O pau deve ser aguçado sem que o marido suspeite do destino da obra que fez ao aguçar o pau. (Cf. o seguinte que se diz de um marido traído: aquele era bom para *espantilho* (espantalho) de pássaros (Guimarães, Briteiros).

470 O peto (ave) costuma às vezes quebrar uma varinha e voar com ela no bico. É uma varinha de condão, e feliz daquele que a apanhou, se esta ave a deixou cair.

471 Quando se encontrar um ninho de andorinha, devem cegar-se-lhe os filhos. A andorinha vai buscar uma pedrinha misteriosa, que tem a virtude de restituir a vista aos passarinhos, e que ela deixa ficar no ninho. Vai-se então buscar a pedra, e não há moléstia de olhos que resista à sua influência.

472 Para obrigar um namorado amuado a voltar, deve fazer-se o seguinte: durante três dias à hora das Trindades picar-se um limão metendo-lhe de cada vez um alfinete e dizendo:

Assim como eu pico este limão,
assim pico o teu coração;
para que não possas comer,
nem beber,
nem dormir nem descansar,
enquanto me não vieres falar².

¹ O nosso ilustre amigo, F. Martins Sarmiento, supõe com muita plausibilidade que estes «gritos» são no outro mundo.

² Este nosso amigo crê ainda, e segundo nós, com razão, que se deve aqui subentender: «no cadáver».

³ Cf. Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, VI, n.º 8, e *passim*.

473 A primeira água com que se lava uma criança fêmea deve ser lançada «dentro de casa», pelo soalho. Se a criança é de sexo masculino, a água há-de ser lançada para *fora de casa*, para a rua ou para o quintal; porque a fortuna da mulher está «dentro» de casa, e a do homem «fora».

474 Para se obrigar a olhar-nos uma pessoa de quem gostamos deve rezar-se a seguinte oração:

Com estes dous (olhos) te vejo,
Com estes cinco (dedos) te arremato (sic);
O coração te trinco,
E o corpo de parto.

Batendo em seguida com o pé no chão.

475 Para se saber se duas pessoas casarão, põe-se um par de flocos de linho, muito fofos, na pedra do lar. Um dos flocos representa o rapaz, e outro a rapariga, cuja sorte se pretende conhecer. Em seguida pega-se fogo ao linho. Se os dois flocos, ao arderem, sobem ao mesmo tempo ou mesmo se sobem ambos, é sinal de casamento certo; se um deles, porém, se desvia, não acompanhando o outro, a pessoa que ele representa não corresponde ao amor.

476 *Andar às vozes* é uma operação que se realiza da seguinte forma, a qualquer hora, segundo alguns; às Trindades, segundo outros; correndo as ruas, segundo os primeiros; ou conservando-se à janela segundo os últimos: para recolher as vozes prepara-se a gente com a seguinte oração:

Meu S. Zacarias!
Meu Santo bendito!
Foste cego, surdo e mudo;
Tiveste um filho e o nome lhe puseste — João;
Declara-me nas vozes do povo...
(Formula-se em seguida a pergunta
a que se deseja resposta).

E aplicam-se ao caso da consulta as palavras soltas que se ouvem, ou correndo as ruas, ou as que os passeantes vão dizendo ao passarem por diante da janela onde está a pessoa, que consulta.

⁵ Cf. Consiglieri Pedroso *ob. cit.*, pg. 9 (edição à parte).

⁶ Cf. o provérbio latino: *vox populi, vox Dei*.

- 477 Para prender uma pessoa de que se gosta, faz-se o seguinte: Pega-se num pedaço de pedra, e toca-se com ela no fato da pessoa que se quer prender, dizendo:

Deus te salve pedra d'era (d'ara),
Que no mar (sic) foste criada;
Assim como Bispo nem Arcebispo pode dizer missa sem ti,
Assim tu (o nome da pessoa) não te possas separar de mim⁷.

Durante a operação a pessoa que se quer enfeitiçar não deve perceber nada do que se passa.

- 478 Quem olhar para o Sol, à hora do meio-dia, através de um lenço de cambraia, vê-o cercado de estrelas.
- 479 Para talhar as ínguas, faz-se o seguinte: De noite a pessoa doente põe-se em cima da cabeçalha (extremidade do timão) de um carro, vira-se para o Nascente, fita uma estrela qualquer e diz: «Estrela, a Hernes⁸ (sic) diz, que seques tu e medre ela!»
- 480 O nevoeiro que faz no dia da Senhora das Neves, onde assenta é funesto. É sinal de morte certa, e tem um cheiro pronunciado.
- 481 As ninhadas de frangos que nascem em toda a lua de Maio morrem necessariamente. Se escapa um frango é por milagre.
- 482 O lar deve ser feito ou reparado na noite de Natal.
- 483 Se se não deitar água no leite e cair no lume alguma gota de leite puro, seca ele no animal que o deu.
- 484 Rezar um responso a Santo António faz com que a pessoa ou animal *responsado* não possa andar para diante. Anda para trás, e portanto vem ter ao seu ponto de partida.
- 485 É de bom agouro ter uma galinha pedrês. Cf. o provérbio:

Galinha pedrês
Nem a vendas nem a
dês.

⁷ Cf. Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, VI, passim.

⁸ Hérnia?

486 A galinha preta tem alguma cousa com a feitiçaria.

487 Para ter mais galinhas do que frangos, ao dispor os ovos no ninho, deve dizer-se:

Em nome de S. Salvador
Que nasçam todas as galinhas,
E um só galador.

488 Para que as galinhas se não percam, esfrega-se-lhes o rabo pelo lar, dizendo:

Se eu te procurar,
Aqui te venha encontrar.

489 Ao meter o pão no forno, procede-se à seguinte operação: faz-se-lhe uma cruz com a pá dizendo — «Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo,

Que cresças no forno e fora do forno,
E os meus inimigos, que comam um corno».

490 Uma mulher que não tem leite (para amamentar os filhos) e o quer, dá um bocado de pão a comer a um animal (vaca, por ex.) que o tenha, e come o resto que a vaca deixou, por vontade ou sem ela. O leite da vaca passa para a mulher e seca no animal. Se pelo contrário uma mulher que tem leite comer um bocado de pão e um animal lhe apanhar parte dele, o leite da mulher passa para o animal.

491 Para livrar os campos de passarada faz-se o seguinte; enterra-se no campo um fel de boi e diz-se três vezes:

Passarinhos ao monte e ao monte,
Que o meu campo tem fel,
E o do meu vizinho mel.

492 As mulheres que criam, devem trazer com elas alguma coisa de azevi-che por causa das dadas nos peitos.

493 Quando se sai para fora de casa, com demora, para uma jornada por ex., deve fazer-se lume novo, para que as bruxas nos não empecem.

º Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, II, pg. 12 e 13.

- 494 Quando cai um dente a uma criança, deve deitar-se para trás do forno, dizendo três vezes:

Dente fora,
E outro já na cova...

- 495 Quando se encontra um sapo e por acaso se lhe dá pancada, é necessário acabar com ele de todo, senão vai ter com a pessoa à cama.

- 496 A nódoa da tinta é mau agouro. Para contrariar este, deve deitar-se sal por cima da tinta.

- 497 É pecado apagar *de todo* o lume com água.

- 498 Quando uma mulher bebe ao mesmo tempo, que a criança que amamenta, esta última fica doente.

- 499 Ao tocar das ave-marias, não se deve estar às portas ou às janelas, por causa do *ar ruim*. Em Santo Tirso, depois das trindades, também ninguém deixa sair as crianças à rua por causa dalguma «nube ruim» (sic).

- 500 Quando dois relógios dão horas ao mesmo tempo, é sinal de morte repentina.

- 501 Os galos em chegando a velhos põem um ovo, donde nasce um *sardão* (sic), que mata o dono da casa.

- 502 Quando se lavra um campo, por isso que se destrói toda a sua verdura e as suas flores, é bom dizer três vezes:

Oh! campos vós 'stas de luto,
As estrelas deitam véu;
Já que vos morreu o amor,
É bom que clame o céu.

- 503 Quando uma pessoa vai à missa sem ter lavado a cara, a missa não vale.

- 504 Se na véspera do dia de missa se não espiar¹⁰ a roca, vai-se à missa de cara torta, segundo uns, e segundo outros, a missa não vale.

¹⁰ *Espiar a roca* é fiar-lhe o linho todo até ao último fio.

- 505 É bom espiar a roca todas as noites, para evitar que os defuntos a
venham espiar.
- 506 Quando se sai de casa, mesmo para passeio, deve desfazer-se a cama;
senão pode bem ser que nos não tornemos a deitar nela.
- 507 Varrer a casa ao meio-dia e deitar cisco fora é muito mau, porque se
deita fora a fortuna.
- 508 Quem passar por sítio onde estiveram porcos pretos, está em perigo de
se encontrar com o Diabo.
- 509 Quando o lume começa a sussurrar (sic), é porque alguém está a dizer
mal de nós. Como remédio para evitar isto, faz-se então o seguinte: pega-
-se num pouco de sal e atira-se ao lume, depois de se dizer:

Quem de mim está a falar,
A sua língua venha aqui assar,
E este sal há-de trincar.

- 510 Não se deve dar lume de qualidade nenhuma quando na casa há uma
criança, que está ainda por baptizar¹¹.
- 511 Na feira da Lixa ou na de Penafiel, vendiam-se, há anos¹², uns canu-
dos dentro dos quais estava um grilo. Se alguém metesse o dedo mínimo
num dos orifícios do canudo e deixasse que o grilo lhe chuchasse uma gota
de sangue, ficava rico. O grilo era o Diabo. Cf. o modo de dizer referido
a uma pessoa rica: «Aquele tem grilo em casa.»
- 512 Se na casa, onde entram pela primeira vez os noivos, há luz acesa,
nenhum deles viverá muito.
- 513 O sol de Março é o que mais queima. Isso sabem-no principalmente as
mulheres que «curam» meadas, ocupação própria deste mês. O sol de Março
tisna muito a pele, e às vezes fá-la estalar. Contra esta acção é que se
emprega o *vintilho*, isto é, uma fita vermelha, que se prende na asa do jus-
tilho (colete) perto do ombro esquerdo. Põe-se logo no primeiro de Março.
(Cf. o n.º 78).

¹¹ O nosso amigo F. Martins Sarmiento diz-nos que ignora o motivo desta superstição, que as
pessoas que a indicam não sabem explicar.

¹² Ainda se vendem hoje?

514 O galo, estando sete anos numa casa, põe um ovo, donde sai uma serpente. Se esta fita primeiro o dono da casa, este morre. Se é o contrário que se dá, é a serpente que morre. (Cf. o n.º 501).

515 Não se deve fiar na Terça-Feira de Carnaval, porque isso seria fiar as barbas ao Entrudo. Se alguém fosse visto fazendo isso em tal dia, não passaria ser vem a roca e o fuso queimados.¹³

¹³ Dos n.ºs 455 a 515 todas as superstições que publicamos devemos ao nosso distinto amigo F. Martins Sarmiento, que as coligiu em Fafe, Guimarães e Briteiros a nosso pedido. Algumas têm uma importância excepcional em que insistiremos, quando definitivamente as estudarmos no capítulo que lhes pertence na tradição popular portuguesa. Ainda aqui nos encontramos na dificuldade que já atrás, num dos n.ºs precedentes apontámos, i. é, na incerteza e hesitação do lugar em que uma dada superstição devia ser colocada. Apesar de para a secção de «vária» termos reservado todas as superstições que não se ligam directamente a nenhuma das grandes divisões da mitologia portuguesa, não pudemos evitar por vezes incluir no presente fascículo costumes e crenças, que também pertenciam de direito a outras subdivisões do nosso trabalho. Assim, quando tratarmos da botânica e da zoologia popular, teremos ocasião de voltar a estas simples colecções de materiais para delas tirar o que convenha ao nosso propósito. O resíduo que ficar, depois de utilizar tudo quanto se refere às entidades mais características do maravilhoso do nosso povo, é que tem então direito a figurar sob uma rubrica especial e como apêndice à obra definitiva. Foi o que fez Jacob Grimm, na sua *Mitologia*, não porém com todo o rigor desejável, como de resto não deve admirar nesta ordem de estudos. Entretanto, parece-nos que nada se perde, na publicação imediata destes costumes e crenças que só mais tarde poderiam aparecer sistematicamente classificados.

Antes de concluir esta nota, parece-nos também conveniente transcrever na íntegra a notícia de um curioso caso de licantropia actual em Espanha, que nos foi comunicado pelo nosso querido amigo D. Eduardo Benot, um dos escritores do país vizinho mais primorosamente educados nos princípios da ciência e da erudição contemporânea.

Este caso é para nós tanto mais notável, quanto é certo que, depois das diligências que temos feito há tempo em diversos pontos da Espanha, quase que estamos autorizados a afirmar que a crença no «lobisomem» não tem vitalidade, ou antes quase que não existe na parte central da Península.

Segue a transcrição:

MONOMANÍA BESTIAL

{*El Liberal*. Martes, 19 julio 1881. Madrid.)

«Se ha presentado en el valle de Cabuérniga uno de los casos mas extraños de epilepsia que registran los anales de la frenopatía. Refiérelo una carta que desde dicho valle dirige á nuestro querido amigo el doctor Encinas, el Sr. G. de Linares. Por muchas razones acudimos á su consejo, dice, en bien de un pobre muchacho á quien ya creo mediciné Vd. hace algunos años.

Llábase Carlos Irigoyen y Tejedor, de 24 años, pastor de cabras desde hace algún tiempo en el inmediato pueblo de Carmona. Los accesos, al parecer epilépticos que padece con intermedios de dos ó tres meses, llamam extraordinariamente la atención por sus tendencias.

Unas veces, quando se ve atacado, anda velozmente hasta que rendido, cae casi exánime. Otras, las mas, adopta la existencia cuadrúpeda y pasa en ella varias horas — de seis á diez — andando de dicha manera é imitando con la posible exactitud los movimientos y las funciones de un buey, incluso el pacer yerba y rumiarla, según él dice, y no es dudoso, dada la poderosa influencia de su monomanía y los gigantescos medios que el accidente le proporciona.

Muchas gentes atribuyen el padecimiento á una medicación que propinaron al enfermo hallándose en Palencia, y que consistía principalmente en beber sangre de un toro recién muerto en plaza. Otros suponen que los accidentes son fingidos, porque han notado que los ha sufrido en días señalados, como el de elecciones y la inauguración de una tienda en Carmona. No es holgazán, ni vicioso, y el vecindario de Carmona está contento por lo bien que cuida el ganado.

Anteayer (12) se presentó el mozo referido en este pueblo, como á las dos de la tarde, y recorrió las calles en cuatro pies hasta muy tarde en que se presentó ante mi casa. Según me informaron, y pude comprobar después, había comido una gran cantidad de yerba seca recogida en el suelo con la lengua; la deglutía sin mascarla, con gestos extravagantes y dando berridos ni más ni menos que una res vacuna.

A eso de las seis de la tarde, y viéndole en aquel estado, nos ocupamos en su cuidado. Lo recogimos y le hicimos acostar, poniéndole una almohada para que descansase, pues parecía ya excesivamente fatigado. Una hora después, cuando le creíamos dormido y soñando, pues que prorumpía en frases entrecortadas se levantó, anduvo á gatas unos cuantos pasos delante de mi casa, haciendo grandes esfuerzos para vomitar. Media hora después arrojó, con sorpresa de todos, un trozo de teja y cuatro piedras calcareas de las picadas en la carretera, alguna de ellas de seis centímetros de diámetro, y todas con muchas aristas. Para facilitarle la expulsión de esas materias le dimos aceite mezclado con agua, no bien advertimos que había echado el trozo de teja.

Dudábamos, aún viéndolo, que las fáuces pudieran tragar aquellos objetos, cuya expulsión duró una hora y media, y en vista de que anochecía lo recogimos en una habitación baja de la casa, donde se le preparó una cama.

Al poco rato de acostado volvió a sentir las fatigas, y unos momentos después, arrojó, primero una chapa de asta que correspondía al mango de una navaja de ocho centímetros de longitud por más de uno de anchura; luego otra placa igual: enseguida una navaja cerrada de unos doce centímetros de larga, con su hoja y sacacorchos, y últimamente la navaja de su uso cerrada, que tiene varias hojas una de más de tres centímetros de ancha y ocho de longitud. Los ocho objetos pesaron diez y siete onzas y media.

Vinieron el Sr. Moreno y su hijo, ambos médicos, y después de reconocerlo minuciosamente, declararon que no se le notaban en el estómago objetos análogos; que el pulso y su estado general eran admirables; que la enfermedad bien caracterizada era epilepsia con accesos de la monomanía de imitar á un animal.

Ya entonces, (las diez de la noche), estaba acostado el paciente y hablaba algo. Durmió bien y á la mañana siguiente se encontraba muy sosegado: solo sentía cierta molestia, aunque no muy intensa en el conducto respiratorio que hoy ha desaparecido por completo, recobrando su estado normal.

El muchacho dice que ha habido ocasiones en que ha llegado á deglutir y pasar al estómago un número considerable de clavos de herradura que arrojó después con una simple lesión en la faringe que se curó á los pocos días. Añade que en una ocasión llegó a tomar yerba e trigo verde en cantidad suficiente para alimentar por un día á un ternero, y su monomanía llega al punto de rumiar el alimento, obligándole por un gran esfuerzo á salir del estómago á la boca para imitar las funciones de los ruminantes.

Dice el muchacho que no recuerda nunca nada de lo que le ocurre durante los accidentes, ni habla hasta terminar el acceso.

Las inclinaciones de Carlos Irigoyen tienden á vivir disfrutando las impresiones de la naturaleza, por lo cual se halla muy bien en su oficio de cabrero, que desempeña con mucha consciencia.»

SUPLEMENTO*

- 516 Quando uma pessoa não tem por costume festejar os anos e que pela primeira vez os festeja, morre nesse ano.
- 517 É muito mau, quando uma pessoa mora numa casa, mudar-se para andar inferior da mesma casa. Se for, porém, para andar superior, não tem dúvida.
- 518 A criança que é gerada e nascida em ano bissexto, não tem bexigas.
- 519 Quem casa à sexta-feira não tem filhos.
- 520 Três luzes numa casa é sinal de casamento da pessoa mais nova dessa casa.
- 521 É muito mau mudar-se para casa onde haja muro, porque corre tudo torto.
- 522 Quando uma criança é muito má, perfumando-a em cruz com alecrim e louro fica muito mansa.
- 523 É muito mau que os noivos ouçam ler os pregões, porque infalivelmente serão muito infelizes. Dentro de um ano ou morre um deles, ou se separam.

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 4.º vol.: 52-54, como suplemento ao fascículo viu. Por essa razão na presente edição preferiu-se publicá-lo na sequência desse fascículo e não na disposição original.

- 524 Quando entra um pombo pela janela, não se deve expulsar, porque é a figura do Espírito Santo.
- 525 Para apanhar pombas, perfuma-se a casa com incenso, e reza-se ao Espírito Santo.
- 526 Se uma pessoa ao sair a porta, pisar sal entornado, morre, se for da casa.
- 527 Se se encontrar um corcunda pela manhã em jejum, deve dizer-se três vezes: «Benza-te Deus, dinheiro fresco nos mande Deus», porque se alcança dinheiro em breve.
- 528 Quando uma mulher está de parto, e já deu à luz a criança, é bom deitar sal moído em cima do telhado do quarto, para que as bruxas vão apanhá-lo, e entretendo-se com isto não vão mamar o leite à mãe da criança¹⁴.
- 529 É bom trazer sempre uma moeda de cruz na algibeira, porque morrendo a gente num caminho deserto, pode ser enterrado em chão sagrado, por isso que mostra ser cristão; e se o defunto for justo, S. Pedro abre-lhe a porta do Céu, sem nenhum sacramento.
- 530 A criança que morre depois de baptizada, sem ter mamado leite da mãe ou de outra mulher, vai direita para o Céu; mas se tiver já mamado leite de pecadora tem de passar pela nuvem de fumo (s/c) do Purgatório, para se limpar daquele pecado venial.
- 531 Quem deslocar um braço ou uma perna deve pedir a uma mulher, que tivesse tido filhos gémeos (meigos) para lhe pisar a parte ferida; fazendo isto, em pouco tempo fica curado.

¹⁴ Comunicada, assim como as seguintes, até ao fim do presente número, pelo nosso amigo Manuel Ferreira, de Bragança.

VIII

AS MOURAS ENCANTADAS*

Num dos números anteriores¹ das nossas investigações etnográficas, tivemos ensejo de nos ocupar, ainda que muito sumariamente, das «mouras encantadas», a propósito das superstições relativas à noite e ao dia de São João. Por essa ocasião dissemos² que as mouras encantadas eram divindades ou génios femininos das águas³, análogas às *nixen* germânicas, às *lac-ladies* inglesas, às *rusalki* russas, às *vilas* sérvias, às *elfen* escandinavas, às *naiadas* gregas, etc. Eram também, além disso, os génios que guardavam os tesouros escondidos no centro da Terra, crença que é comum a todos os povos, que conservaram vestígios desta entidade mítica, que parece ser indo-europeia ou pelo menos europeia, por isso que se encontra, quase sem excepção, em todos os grupos áricos da Europa. Apenas da mitologia portuguesa desapareceu a feição maléfica que estas enti-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 371-385.

¹ Consiglieri Pedroso — *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, III, pg. 22 (ediç. à parte).

² Idem.

³ Num escrito, aliás bastante interessante, por alguns factos que apresenta, o Sr. José Leite de Vasconcelos, iludido pela circunstância de as mouras encantadas gostarem muito de leite, segundo a tradição popular, explica deste modo o mito: «...no furto que a serpente portuguesa faz das vacas, ou antes do leite, temos o roubo que a serpente védica Ahi faz das vacas, isto é da luz do céu, ou da chuva fecunda...» (*O Panteão*, 1.º ano, pg. 255); e um pouco antes diz: «É deste grande mito primitivo da Luz e da Sombra que me parece derivar o principal papel das *Moiras Encantadas* portuguesas», etc. (*idem*, pg. 254). Isto é uma ilusão manifesta. O mito de que nos ocupamos nada tem que ver com o mito védico de Ahi e de Indra. Adiante indicamos a significação provável da intervenção das vacas, ou melhor, do leite, na lenda das «encantadas». Para a significação das «mouras» como génios femininos das águas cf. as seguintes obras: Grimm — *Deutsche Mythologie*, 4.ª edic. I, 406 e seg.; Afanasiev: *Poeticheskiia vozzrieniia* etc. I, 140-141, 578; II, 217, 239, 244-248, 331 etc.; III, 76, 78, 122-128, 139-152 etc.; Ralston: *The Songs of the Russian People*, pg. 139-146, 216; Liebrecht: *Zur Volkskunde* pg. 376; Vladimir Dali: *O povieriiakh, suevieriakh ipredrazsud-kakh russkago narodna* (sobre as crenças, superstições e prejuízos do povo russo) pg. 57-59; Vuk

dades por vezes revestem em outras mitologias, por ex. na russa⁴; a não ser que queiramos ver um derradeiro reflexo desta concepção nalgumas superstições ainda hoje em vigor no nosso país e que se executam junto às fontes⁵. Que novas descobertas venham confirmar ou infirmar esta hipótese, é certo que de todas as criações do nosso maravilhoso popular, esta é incontestavelmente uma das mais poéticas e talvez a que melhor reproduz a crença geral europeia, como tere-mos ocasião de ver pelas aproximações e comparações que neste trabalho apre-sentamos. Escusado é dizer que agora, como até aqui, não nos abalancaremos a *explicar*. Coligimos apenas materiais que permitam mais tarde essa *explica-ção*. Os erros em que a demasiada precipitação exegética nos pode fazer cair, principalmente quando a exegese não é encaminhada por largos recursos no campo comparativo, são bastante conhecidos para que nos demoremos a insis-tir neles⁶. Será timidez talvez; mas é com certeza prudência. E de um método prudente é do que mais carece uma ciência até hoje tão desconsiderada como a mitologia comparativa, que a par de alguns mestres a fomentarem-lhe os pro-gressos, tem tido muito curioso a embaraçar o andamento com as suas teorias exageradas, quando não absurdas e ridículas.

Nas páginas que vão seguir-se ocupar-nos-emos das «mouras encantadas» sob os quatro seguintes pontos de vista:

- 1.º como divindades ou génios femininos das águas (fontes, rios, ribeiros, poços, etc.).
- 2.º como guardadoras de tesouros encantados.
- 3.º como fiandeiras e construtoras de monumentos.
- 4.º como génios maléficos que perseguem o homem, ocasionado-lhe diver-sas doenças.

I — É principalmente como génios femininos das águas que as «mouras encantadas» são conhecidas no nosso país, e a esta feição do seu carácter se ligam grande número de superstições que a elas se referem. Assim, num escrito nosso anterior⁷, tivemos ocasião de citar as seguintes crenças que andam ordi-

Steph. Karadjich: *Jivot i obichaii naroda srpskoga* (vida e usos do povo sérvio) pg. 211: Zabylin: *Russkif narod, ego obychai, obriady, predaniia, suevieria ipoeziia* (o povo russo, seus usos, ceri-mónias, tradições, superstições e poesia) pg. 57 e seg.; L. Laistner, *Nebelsagen*, pg. 183, 319 e seg.; Edm. Veckenstedt: *Wendische Sagen, Märchen und abergläubige Gebräuche*, sub voce *Nix*; Pri-mus Sobotka: *Röetiistvo v národním podání slovanském* (As plantas nas crenças populares dos esla-vos) sub voce *rusalky*; Jón Arnason: *Islenzkar lojódsögur og Aefintyri*, pg. 1-4; Grohmann: *Aber-glauben und Gebrauche aus Böhmen und Mähren*, pg. 8-11 etc.; Hylten-Cavallius: *Wären och Wirdarne*, I, 253 e seg.; Golesbiowski: *Gry i Zabawy* (Jogos e passatempos) pg. 280; devemos a indicação da passagem desta obra que não possuímos à amabilidade do grande etnólogo polaco Oskar Kolberg: *Lud etc., vil, 45, 149, nota*; Wuttke: *Der deutsche Volksbergglaube der Gegenwart*, 2.ª edic. pg. 47 e seg. etc.

⁴ Cf. por ex. Afanasiev: *ob. cit.*, III, 76.

⁵ Vide mais adiante.

⁶ Cf. a nota n.º 3 da página anterior.

⁷ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, III.

nariamente em conjunção com a noite e madrugada de São João na tradição popular:

Na noite de São João as «encantadas»⁸ deixam a forma de cobras, sob que vivem todo o ano no fundo dos poços ou regatos, e em figura humana vêm pentear para fora da água os seus cabelos de ouro.

Em Penela (Coimbra) é crença que na fonte chamada da «Doeça», na noite de São João aparecem mouras encantadas. Quando ali vai alguma rapariga antes do nascer do Sol encher a bilha de água abençoada, as «mouras» começam a desencantar-se e a agradecer à pessoa que lhes quebrou o encanto. As raparigas que já sabem isso, logo que chegam, batem com as bilhas ou os cântaros na água, e imediatamente começam a fazer-se à superfície umas bolhas, que segundo a crença local são as «encantadas» a saírem. Em seguida vão as mesmas «encantadas» beber aos cântaros a água benta do São João.

Nas Caldas da Rainha, quando as raparigas vão na madrugada de São João buscar às fontes a «água da virtude», aparecem-lhes aí uns frades vestidos de branco⁹ (mouras encantadas) que lhes ensinam o que elas hão-de fazer com a água para ter realmente a virtude, que a torna recomendável para um grande número de enfermidades. É tradição algarvia que na noite de São João aparece uma «moura encantada» na cisterna do castelo de Silves. Vem dentro de um barco remando e cantando, atravessa a cisterna e vai, em seguida, desaparecer por debaixo da escada onde se some.

Em Moncorvo, quando se tira a água toda à fonte de S. Tiago, ouve-se um *ai* muito sentido, que é de uma moura encantada que ali se oculta¹⁰.

Em suma, quase que não há fonte no País onde não esteja localizada uma tradição de moura encantada, ora em forma de cobra que demanda os vian-dantes para que a desencantem, ora sob a figura de gentil donzela que promete tesouros e riquezas inesgotáveis àquele que lhe quebrar o fadário. Seria mesmo impossível apontar aqui todas as lendas que a este respeito temos coligido. Limitamo-nos por isso às mais características.

II — Por uma associação de ideias perfeitamente natural, depois das fontes e dos ribeiros, é nos penedos e nas penhas que a imaginação popular vai ainda

⁸ «Encantadas», «mouras encantadas», «mouras», «moirinhas» e «bichas mouras» são denominações aplicadas entre nós à mesma entidade mítica.

⁹ Consiglieri Pedroso: *ob. cit.* pg. 23. A mesma crença se encontra num grande número de povos da Europa. Cf. Ralston: *The Songs of the Russian People*, pg. 141; Gólesbiowski: *Gry i Zabawy* pg. 280; Afanasiev: *ob. cit.* in, 127; Zabylin: *Russkii narod, ego obychai* etc. 58; Wuttke: *ob. cit.* pg. 48 etc. Para a significação do pente das mouras, veja-se Ralston: *ob. cit.* pg. 141; para a significação dos cabelos, veja-se Afanasiev: *ob. cit.* III.

¹⁰ Nalguns países eslavos as «rusalki» aparecem com uma camisa branca, cf. Gólesbiowski: *Gry i Zabawy*, pg. 280; na Sérvia as «vilas» (rusalki) aparecem vestidas igualmente de branco; Cf. Zabylin, *ob. cit.* pg. 58; na Suécia as «elfvor» também se apresentam de branco. Cf. Hylten-Cavallins: *Wärend och Wirdarne*, I, 253.

¹¹ O Panteão, n.º 15, pg. 240. A voz das fontes (mouras) é a representação do ruído das águas subterrâneas. Hylten-Cavallius: *Wärend och Wirdarne* I, 256.

achar as «encantadas»; mas aqui especialmente com a feição peculiar de guardadoras de tesouros¹². Assim, numas pedras ao pé da Igreja de S. Cristóvão de Mafamude (Porto), dizem que anda uma moura encantada numa cobra muito grande. As pessoas que a viram afiançam que ela tem na cabeça cabelo como uma mulher.

As «mouras encantadas» saem à meia-noite do dia de São João e vão pentear-se sobre os montes. Penteam-se com pentes de ouro e miram-se na Lua¹³. Depois vão buscar o seu tesouro, que está escondido ou nas ruínas de algum palácio, ou debaixo de alguma pedra, ou junto a alguma árvore, e este tesouro tem a particularidade de luzir de noite (Porto).

Na noite de São João aparecem, nas fontes e nos penedos, as «bichas mouras» sob a figura de cobras, com cabelo na cabeça. Trazem uma tesoura de ouro nas mãos e, quando encontram alguém, perguntam-lhe: «qual quereis vós, os meus olhos ou a minha tesoura?» Se a pessoa responde que quer antes a tesoura, as «bichas mouras» vão-se embora muito tristes: se pelo contrário a pessoa interrogada diz que antes quer os olhos, elas trepam por ela acima, dão-lhe muitos beijos e desencantam-se transformando-se em formosas raparigas, depois do que dão em paga muitas riquezas (Oliveira de Azeméis).

Um velho foi uma vez a um campo na madrugada de São João e viu muitos figos estendidos à orvalhada. Apanhou uns poucos e meteu-os nos bolsos. Quando ia chegando a casa sentiu as algibeiras pesadas. Foi a ver e encontrou-as cheias de dinheiro. Um cão que ia com ele e que tinha comido também dos mesmos figos, começou a lançar igualmente dinheiro (Castede, perto da foz do

¹² A crença em riquezas ocultas é, pode dizer-se, geral em todo o País, e não só na actualidade como também durante a Idade Média o foi, conforme vimos num estudo anterior. (*Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, III pg. 23 e 24).

Umaz vezes é um tesouro guardado por uma moura encantada; outras é uma mina, onde se encontram ouro e pedrarias aos montões, mas que é ciosamente defendida por um ou mais mouros armados de ponto em branco; outras vezes enfim a tradição reveste a seguinte forma; duas tinas ou dois vasos num subterrâneo; um desses vasos contém um tesouro, o outro contém peste; mas ninguém se atreve a ir buscar o tesouro, porque pode por acaso abrir a tina ou o vaso que encerra a peste, e ser vítima desse engano. Na serra da Estrela por exemplo contam-se histórias de diversos *haveres*, como ali são chamados os tesouros. Transcrevemos em seguida uma passagem da descrição que o nosso distinto amigo Eduardo Coelho está publicando da estada da expedição científica naquela localidade: «Na gruta do Canaris há um grande *haver* debaixo de uma lapa. Na Talada está debaixo de uma lapa uma caldeira com um rico *haver*, só há-de desencantá-lo Maria Guedelha, ou fita de orelha, ou ferro de relha. Abaixo dos *Três Queijos* no covão do Boi (os três queijos são três enormes moles graníticas colocadas umas sobre outras, afectando a forma de queijos colossais) há também um rico *haver*. Em Unhais da Serra achou-se um pote de ouro em pó e uma pedra muito rica, que foi levada para a Covilhã. Há outro *haver* no *Fragão do Pêssego*, mas o fogo não entra com a lapa que o cobre e mais já se experimentou. A broca salta e o fogo solta-se da pedra e foge para o ar. Na *Cova do Coelho*, onde há outro *haver*, furão que lá entre não torna a sair. No *Chafariz d'El-Rei*, entre Valesim e Loriga, está um grande *haver* de ouro e diamantes. Na cerca do Castelo, ao pé de Loriga, há lá um palácio, na gruta, ao pé da porta principal do rei, que tem lá dentro um capote de diamantes; empenharam-se sete cidades para o fazer. (Eduardo Coelho; *Quinze Dias na Serra da Estrela*. Diário de Notícias, n.º 5596, de 31 de Agosto de 1881.)

¹³ Cf. Ralston: *ob. cit.*, pg. 142.

Tua). Estes figos são uma das formas favoritas que revestem os tesouros das «mouras encantadas».

Assim, segundo outra versão¹⁴, na madrugada de São João vão as mouras estender os seus tesouros à orvalhada no campo. Se alguém passa, os apanha e os não come, transformam-se em verdadeiros tesouros. Se, porém, a pessoa que os apanhou, os come, reduzem-se logo a carvão (Celorico da Beira).

Também nuns penedos que há junto à foz do Tua, aparece em certos dias roupa muito brilhante e alva, estendida pelas mouras.

Na Galiza existe uma tradição parecida, mas nos outeiros (montes) em vez de roupa, são barracas de linho muito brancas que de longe se divisam, desaparecendo porém logo que alguém delas se aproxima (Carvallino, província de Orense).

Ainda na Galiza, onde a crença nas «mouras encantadas» tem grande vitalidade, coligimos mais as duas seguintes lendas:

Andava uma vez uma rapariga a pastar gado no monte, quando lhe apareceu uma «moura encantada» a pedir-lhe que a catasse na cabeça, recomendando-lhe, porém, que não molhasse os dedos com cuspo (sic). A rapariga assim o fez. Logo que a acabou de catar, a moura deu-lhe uma coisa embrulhada, dizendo-lhe que a não visse antes que chegasse a casa. A rapariga, contudo, não pôde conter a curiosidade e, enquanto o gado estava a beber, foi ver o que a moura lhe tinha dado. Teve, porém, apenas tempo de reparar que era uma coisa luzente, que saltou para a água e não tornou a aparecer. A rapariga foi daí contar à família o sucedido, e a mãe disse-lhe que se ela tivesse cuspidos nos dedos, a moura ter-se-ia feito em dinheiro (Orense).

Era uma vez um homem que ia buscar um molho de lenha ao monte para a mulher cozer pão. No caminho encontrou uma cobra ao pé de um regueiro. A cobra mal o viu, pediu-lhe se ele a passava ao colo para o outro lado do regueiro (ribeiro). O homem disse que não, que ao colo não a passava; mas que a passava em cima do molho de lenha que levava às costas. A cobra tornou-lhe a dizer, que se ele a passasse ao colo, fazia a sua felicidade. O homem, porém, teimou e passou-a no molho. Quando chegou ao meio do regueiro, a cobra desfez-se metade em muito dinheiro que foi por um lado do rio abaixo, e a outra metade fez-se numa menina mais linda que uma rosa, a qual lhe disse: «se tu me tivesses passado ao colo, eu dava-te um beijo, quando chegasse ao meio do regueiro, e este dinheiro ficava todo aqui, e eu casava contigo, porque se me quebrava o encanto. Mesmo assim vou-te fazer feliz, mas hás-de fazer o que eu te digo. Hás-de ir pela manhã cedo àquele outeiro (penhasco), que é um mouro encantado, e hás-de gritar-lhe que te atire o que ele tem debaixo do braço esquerdo...»¹⁵ (Orense).

¹⁴ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, III, 26.

¹⁵ Em seguida o conto complica-se e deixa de ter relação com as «mouras encantadas». Esta lenda, assim como as demais que se referem à Galiza, foram-nos contadas por José Boon y Gonzalez, natural de Carvallino, criado de servir.

Estas mesmas tradições se repetem por todas as províncias de Portugal. Na costa da Raxida (freguesia das Cortes) crê-se que os mouros estendem a enxugar roupa muito branca, que desaparece sem se ver apanhar. Um dia foram lá alguns homens para roubarem a roupa, mas de repente ela sumiu-se, como por encanto. O mesmo se conta na costa das Galhetes (freguesia das Cortes) e nos Mouricos (propriedade da mesma freguesia)¹⁶.

Na Quinta de S. Sebastião (freguesia de Reguengo) havia uma capelinha debaixo do chão, de onde se ia por uma regueira encanada (caminho subterrâneo abobadado). Contam que foi lá um homem que quis trazer um castiçal de ouro; mas quando ia para o roubar, ouviu uma voz dizer: «larga, que não é teu.» E o homem com medo da voz, que era de uma moura, não roubou nada¹⁷.

Em Riba d'Âncora conta-se¹⁸ que uma mulher vira uma «moura» perto de uma estação arruinada, chamada «Picoto dos Mouros». A moura era uma cobra que fitava a mulher de certo modo. Pelo mesmo tempo, a mesma mulher ouviu na encosta do monte do «Picoto» um relógio dar onze horas nas entranhas da terra.

Na Citânia¹⁹, também se conta que um homem ia passando uma vez, perto das Trindades, pelo caminho que vai pelo sopé do monte, quando viu uma moça muito formosa (moura encantada) à beira da estrada, mas do lado do monte. Mal tinha dado alguns passos, quando ouviu uma voz muito fina dizer: «Eu já tive e agora não tenho». Voltou-se para trás, mas já não viu a moura.

Em Donim (freguesia a que pertence parte do monte onde está a Citânia) está localizada a seguinte lenda²⁰:

Um homem tinha sido levado cativo para a Moirama²¹. Há anos que lá estava, quando um dia o senhor dele lhe disse: «Tua mulher vai-se casar». O homem ficou muito triste. O moiro disse-lhe então: «Quanto darias tu, se te viesses ainda hoje na tua terra?» Respondeu o homem que não podia dar nada, porque nada tinha. «Se jurares fazer o que eu te disser, continuou o moiro, ponho-te lá dentro de um instante.» O homem prometeu que sim, contanto que o que se lhe pedia não bulisse com a salvação da sua alma. Depois de lhe afiançar que não, o mouro disse: «Amanhã, de manhã cedo, hás-de ir à veiga de tal (e disse-lhe o nome da veiga). Está lá uma pedra branca que os lavradores costumam sempre pôr na grade, quando ali lavram. Pega nela e deita-a ao rio. Agora vou-te dar a escolher, tornou o mouro, ou o cavalo do vento ou o do

¹⁶ Comunicado por o Snr. José Lopes Vieira, a quem foi contado por Guilhermina Lopes da Cruz, natural do Freixial, freguesia do Arrabol.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Comunicado pelo nosso amigo F. Martins Sarmiento.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ A «Moirama» representa um papel importante nos nossos contos populares, como terra de encantamentos. Cf. as diversas versões da *Ana Deladana* ou a *Princesa Muda* (da nossa colecção inédita).

pensamento²². Logo que chegues à porta da tua casa, hás-de dizer: — arre burro, com todos os diabos! — Agora escolhe, qual queres? O cavalo do vento ou o do pensamento?»

O homem escolheu o cavalo do pensamento, e de repente sentiu-se levado pelos ares fora, e num lampo (sic) estava à porta da sua casa. Pendurou-se num ramo da figueira e disse: «Arre burro, com todos os diabos!» E o cavalo em que ele tinha vindo desapareceu num sopro.

Dentro de casa ia grande festa. No dia seguinte ia casar a mulher. O homem bateu à porta e falou-lhe a voz da mulher perguntando-lhe quem era. Respondeu ele que era o seu homem. «O meu homem morreu na Moirama», disse a mulher. Mas ele disse-lhe que visse a metade do anel, que ia meter-lhe por debaixo da porta, para conhecer a verdade. A mulher então conheceu a metade do anel que era igual à outra metade do anel que ambos tinham partido no dia do casamento.

No dia seguinte, o homem foi à veiga de Donim, como prometera ao mouro, e deu logo com a pedra. Pegou nela e atirou-a ao rio (Ave). A pedra abriu-se de repente, mas ficou boiando à tona de água e apareceu, sentada nela e a pentear os cabelos, uma moura muito formosa que dizia muito contente que ia para a sua terra. E lá foi pelo rio abaixo.

Defronte de Donim há um sítio em que fala uma «moura encantada» (um eco). O mesmo sucede em Vila Nova de Sande (concelho de Guimarães).

Nas Caldas das Taipas, o penedo das Letras (assim chamado por ter uma inscrição romana) abre-se na noite de São João e sai dali uma moura.

Havia na Citânia uma mina, que ia dar ao rio Ave, que passa a um quarto de légua do monte. Diz-se que uma vez um homem mais atrevido entrou nela, e depois de andar e tornar a andar, chegou a um sítio, onde viu um mouro com um barrete na cabeça, muito ouro diante de si e a bater pausadamente com um martelo. Tudo isto ficava por detrás de uma grade de ferro²³.

Às vezes os tesouros das mouras encantadas aparecem sob a forma de animais. Assim, diz-se na Citânia que tem ali sido vista uma moura a fiar e a guardar ovelhas, que são os seus tesouros encantados.

Outra particularidade da lenda das «mouras encantadas» é a sua paixão pelo leite, em troca do qual elas dão à pessoa que lho traz grandes riquezas. Este elemento foi evidentemente introduzido na lenda, em virtude da confusão entre as «encantadas» e as cobras sob cuja forma elas por vezes, como vimos, aparecem²⁴.

É geral, como se sabe, e arreigada no nosso povo, a crença de que quando há uma criança de mama que está magra, é porque de noite uma cobra vem

²² O «cavalo do vento» e o do «pensamento» encontram-se em diversos contos populares em que aparece um episódio da fuga do herói e da sua perseguição, de ordinário pela mãe da donzela que ele leva consigo, e que pelo poder da sua magia consegue afinal triunfar das artes da velha feiticeira. Cf. o conto intitulado *Branca Flor* e *A Filha da Bruxa* da nossa coleção inédita.

²³ Comunicado pelo nosso amigo F. Martins Sarmento.

²⁴ Conferir uma nota anterior.

mamar no peito da mãe, metendo o rabo na boca da criança para a enganar. Também se crê que para apanhar uma cobra basta colocar no sítio onde ela costuma aparecer, um alguidar de leite²⁵.

É esta, enquanto a nós, a origem das seguintes lendas:

Em Vila Nova de Anços (Soure) as mouras encantadas estão nas tocas e pedem aos pastores, que passam por ali, que lhes levem leite para elas beberem, perguntando-lhes se eles em troca querem dinheiro. Estas mouras são gente da cintura para cima e serpente da cintura para baixo.

Algumas pessoas das Fontes iam vender às Cortes, e apareciam-lhe mouras — a metade superior de gente e a outra metade de cobra. Uma das mouras disse um dia a uma leiteira para pedir à mãe, que lhe desse licença para lhe levar um asado de leite. A leiteira arranhou licença da mãe.

A moura recebeu o asado cheio de leite, e deu-o à rapariga cheio de ouro, mas com a condição de ela o destapar só em casa. A leiteira não se teve que não visse o que o asado levava e, como lhe parecessem carvões, despejou-os no monte, ficando dentro do asado alguns agarrados pelo leite.

Quando chegou a casa disse à mãe que lhe tinham enchido o asado de ouro, mas com a condição de o ver só em casa, mas que o tinha destapado no caminho e, como visse só carvões, deitara-os fora. A mãe viu o asado e os carvões que lá tinham ficado convertidos em ouro. Disse depois à filha que fosse buscar os carvões que deitara fora. Esta foi, mas já lá os não encontrou²⁶.

III — Como fiandeiras²⁷ e construtoras de monumentos aparecem-nos as «mouras encantadas» também na tradição popular. Assim, ao pé da Citânia há duas «fontes de mouras». Uma delas tem dentro um tear de ouro.

Da «*Pedra Formosa*» da Citânia, diz-se que foi uma moura que a trouxera à cabeça²⁸.

Na praia de Lavadores (Porto) há dois penedos, um em cima do outro, a que chamam a «*Pedra da Moura*». É tradição aí que foi uma moura encantada que veio pelo Oceano com as pedras à cabeça e a fiar. Quando chegou a terra, acrescenta a lenda, pôs os penedos na posição em que ainda hoje se acham e sumiu-se por baixo deles.

Também se conta que na construção do convento da Vila da Feira, foram vistas mouras encantadas a acarretarem pedras à cabeça, e a fiarem ao mesmo tempo.

²⁵ Cf. o conto n.º XX da colecção Coelho (*Contos Populares Portugueses*).

²⁶ Comunicado pelo Snr. José Lopes Vieira, a quem foi contado por Inácia Maria Marcelina, natural de Abadia, de 52 anos de idade.

²⁷ Sobre esta circunstância da lenda e a sua significação veja-se: Afanasiev: *ob. cit.* in, 76; e Ralston: *ob. cit.* pg. 141.

²⁸ Sobre as pedras que as «mouras» trazem à cabeça cf. Grimm: *Deutsche Mythologie* — 4.ª edic. — I, 342 e Hylten-Cavallius: *ob. cit.* I, 255, 256. Na Escandinávia os *Elfve-stenar* são idênticas às nossas *Pedras da Moura*.

Próximo da povoação de Rio Frio, junto a um sítio chamado o «Pombal do Castro» corre um riacho no lugar conhecido pelo nome das Maias. Crê-se que vem ali terminar a correnteza de salas do subterrâneo que fica por baixo daqueles outeiros, o qual é habitado por lindas mouras. Nesse subterrâneo há uma riqueza incalculável²⁹.

Igualmente se acredita, que no caminho das Maias, no sítio onde se cruzam dois carreiros, se ao bater do meio-dia no dia de São João, se encontrarem casualmente três Marias sem saberem umas das outras, ouvem-se claramente tecer debaixo do chão uns poucos de teares de ouro e prata, os quais são misteriosamente tangidos por lindas e jovens moirinhas. Até hoje ainda se não puderam desencantar tão galantes tecedeiras, que habitam aqueles ricos palácios subterrâneos³⁰ (Bragança).

IV — A concepção das mouras encantadas como génios maléficos, que perseguem o homem, ocasionando-lhe diversas doenças, que tão vulgar é na tradição eslava, desapareceu quase que completamente da nossa mitologia. Apenas a temos encontrado na seguinte passagem, já por nós citada num estudo anterior, e que se refere a uma superstição ainda hoje em vigor no nosso Alentejo. Em Vila Alva, a madrugada de São João é supersticiosamente temida, sendo crença que ninguém a essa hora deve sair para o campo antes de o Sol nado, para não encontrar cobras encantadas, a pentearem os cabelos negros³¹.

Indirectamente, parece-nos, porém, que nas superstições abaixo indicadas se conserva um reflexo da concepção aludida, sob a forma de uma espécie de culto expiatório ou propiciatório junto às fontes, i. e. o elemento habitado pelas mouras³².

Numa fonte chamada do «Castro», perto de Bragança, quando há uma criança doente, levam-na o padrinho e a madrinha no dia de São João, pegam-

²⁹ As *rusalki* vivem em palácios no fundo dos rios (Zabylin: *ob. cit.* pg. 61) . Para a riqueza destes palácios, cf. Afanasiev: *ob. cit.* m, 123; Ralston: *ob. cit.* pg. 140. Aproxime-se destes palácios reclamados de ouro e pedrarias o palácio das três fadas, que no conto da *Bolinha de Ouro* (da nossa colecção inédita) pertencente ao ciclo da *Gata Borralheira*, a menina encontra, quando vai pelo rio abaixo em procura da bolinha de ouro que caiu das tripas da vaca. No nosso país a crença de que no fundo dos rios ou dos poços existem palácios de mouras é bastante geral. No fundo da *lagoa Escura*, na serra da Estrela, diz-se que está um palácio de um mouro, guardado por um gato bravo, que se desencanta com as *treze palavras sagradas* (oração de S. Cipriano) — Eduardo Coelho: *Quinze Dias na Serra da Estrela*, Diário de Notícias, n.º 5595, de 30 de Agosto de 1881.

Na ponte da *Canica* está lá o *buraco do mouro*, que vai ter a um rico palácio de três salas, onde há grandes riquezas. Mas nunca ninguém se atreveu a ir lá. É preciso atravessar três rios; e ao fim dos três rios está uma porta de bronze com um coração ao meio. A porta é guardada por um gato mau, que só se desencanta com a *treze palavras sagradas*. Idem, n.º 5596 de 31 de Agosto de 1881.

³⁰ Para os palácios subterrâneos das mouras encantadas e as riquezas que eles encerram, cf. Zabylin: *ob. cit.* pg. 61; Afanasiev: *ob. cit.* III, 123; Ralston: *ob. cit.* pg. 140.

³¹ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, in, 13. Cf. Ralston: *ob. cit.* pg. 142 e Zabylin *ob. cit.* pg. 62.

³² Cf. Hylten-Cavallius: *Wären och Wirdarne* I, 255.

-lhe um pela cabeça e outro pelos pés e mergulham-na em cruz na fonte. Depois despem à criança o fato velho e deixam-no ao pé da água abandonado, depois de lhe terem vestido outro novo. Em seguida retiram-se.

Na Maia curam-se as sezões apanhadas na água pela forma seguinte: a pessoa que vai nadar, quando sai da água, atira cinco pedrinhas ao rio. Tapa logo os ouvidos e fecha os olhos para não sentir o som da pedra caindo na água, nem ver esta mexer. Em seguida pega na camisa, atira-a três vezes às costas dizendo: «Água na fonte, maleitas no monte!»

Quando uma pessoa tem sezões, deve enganá-las da seguinte forma: vai em jejum ao pé de uma fonte, com três bocados de pão ou de outro qualquer alimento; põe em seguida o pão ao pé da água, dizendo: «come tu, como eu como!» e vai-se embora. O doente fica sem as sezões, que passam para quem comer o pão (Guimarães).

A mulher ou qualquer fêmea a quem falte o leite, vai beber à fonte e o leite volta. Há-de, porém, deixar uma «oferta à nascente» ovos, pão, linho, azeite, vinho, etc. (Ponte de Lima).

O que até agora fica publicado refere-se à tradição oral do nosso povo, de onde foi coligido. Nos processos, porém, inéditos da Inquisição portuguesa, encontram-se alusões muito circunstanciadas às «mouras encantadas», o que prova que nos séculos XVII e XVIII a crença nestas entidades míticas era, do mesmo modo que hoje, geral em todo o País.

Num estudo anterior³³ indicámos duas curiosas passagens a este respeito. Mais algumas contudo temos a mencionar.

Assim num processo da Inquisição de Lisboa³⁴, uma «moura encantada», que está num palácio subterrâneo, aparece transformada numa pomba uma mulher, e quando a mesma mulher a agarra para que ela não fuja, a dita pomba faz-se outra vez em mulher.

No mesmo processo³⁵, também uma moura encantada num palácio pede, para poder sair, um copo de «água de cinco fontes» (sic) e umas folhas de hera.

Em outra passagem³⁶ lê-se o seguinte: «...e se achou a Ré (Rosa Maria) em hũa caza, que parece ser de Aboboda, a parede de hũa parte cheia de hũas falhas (folhas?) muy luzentes, que parece diamantes, na outra hum monte de barras mais pequenas, que as dos ferreyros, ao outro canto hum monte de patacois, tudo dis ser amarello e na parede donde dis estão as d.ª falhas (folhas?), esta um cinto da groçura de hũ homem, também com suas pedras, e mais outra couza do feitio de hũ canudo, com hũ vidro em sima, e outro em baixo; outra couza com huns arcos retrocidos e com hũa pedra do tamanho de hũ ovo que dá mais claridade que todas as mais que as escuras he o mesmo; e andando-lhe mostrando tudo lhe perguntara, qual lhe parecia melhor se quanto tinha visto, se os seus

³³ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Portuguesa*, III, 28.

³⁴ Processo ms. de Rosa Maria. Inquisição de Lisboa, n.º 9801, Arq. Nac..

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

cabellos, e ella lhe dissera que os seus cabellos³⁷, e lhe respondera boa ventura tivestes. Estes, dis a mulher (a ré) são como fios de ouro cahidos pelas costas abacho...»

Aí fica publicado tudo quanto por agora nos foi possível coligir acerca das «mouras encantadas» no nosso país. Esta monografia é susceptível de grande desenvolvimento, por isso que deve haver ainda na tradição oral do nosso povo muitos pormenores e porventura traços característicos da lenda, que não lográmos até este momento coligir, por ex. talvez os que se referem às «mouras» como entidades malignas, de que só indirectamente achámos vestígios.

Outras superstições por último ainda temos encontrado relativamente às «mouras» de que por ora não nos foi possível encontrar correspondentes nas mitologias estrangeiras. Assim, é tradição que as «mouras» do Pilar (o Pilar é em Lanhoso, onde há um santuário de Nossa Senhora do Pilar, no mesmo morro onde fica o castelo de Lanhoso) no dia da festa da Senhora (dia de S. Pedro) vêm à noite roubar os doces, quer aos compradores, quer às doceiras. As crianças, para evitarem o furto, metem os doces debaixo do travesseiro, e as mães aproveitam a superstição para lhes furtarem de noite (quando não querem que elas os comam), dizendo que foram «as mouras» que lhes tiraram³⁸.

Na Citânia, havia uma mina (explorada depois pelo nosso amigo Martins Sarmento) que se dizia habitada pelos mouros. Contava-se que quem ia à boca dessa mina e pedia uma esmola aos mouros, estes davam-lha. Uma vez foi lá um homem pedir-lhes esmola; eles prometeram-lha, com a condição, porém, de o homem ir comprar-lhes um pão a Braga, indo e voltando sem dizer uma palavra do que lhe tinha sucedido. O homem foi, mas passando por casa, não teve mão em si, que não contasse tudo à mulher. Quando voltou, contudo, à mina com o pão, comprado em Braga, em vez da esmola, que esperava, recebeu uma bofetada com uma «mão de ferro»³⁹. Depois de escrito e impresso a presente monografia, coligimos a seguinte adivinhação popular, em que o *simile* é tirado da superstição que estudámos:

Entre trinta e duas pedras brancas
Está uma moira encantada;
Quer chova, quer faça sol
Sempre está moira molhada. = Língua.

³⁷ Cf. a pergunta dirigida pela «bicha moura» às pessoas que encontra, se antes querem os olhos dela se a tesoura de ouro que traz na mão, desencantando-se e enchendo de riquezas a pessoa que lhe prefere os olhos.

³⁸ Comunicada pelo Snr. F. Martins Sarmento. Diz-nos este nosso amigo que os doces do Pilar, como os de várias partes do Minho, em certas festas têm a forma de diferentes animais, especialmente do cão. Terá a forma do doce alguma coisa que ver com a superstição?

³⁹ Comunicado pelo nosso amigo F. Martins Sarmento, que o ouviu a um indivíduo de Louredo. Com relação a «mão de ferro» coligimos um conto em Bragança, onde se fala numa «mão de ferro» também dentro de uma mina.

X

O HOMEM DAS SETE DENTADURAS*

Num quadro da nossa mitologia popular, ultimamente apresentado pelo Snr. Adolfo Coelho (*Revista de Etnologia e de Glotologia*, fascículo iv) não se menciona, nem por simples alusão, a existência de uma entidade mítica, que nos parece contudo ter deixado bastantes vestígios no maravilhoso do nosso povo, e que como os leitores poderão apreciar, é susceptível de recompor-se pela aproximação dos diversos elementos que coligimos da tradição oral, e pela comparação desses elementos com o que se encontra em outras mitologias, onde a entidade de que nos ocupamos melhor se conservou e persistiu.

Referimo-nos a esse génio maléfico, relacionado com a hora do «meio-dia», de feição não muito bem determinada, mas receado mais ou menos em todo o País, e mais ou menos aludido num certo número de superstições, crenças e orações de carácter esconjuratório, que até hoje para mim tinham ficado incompreensíveis e inexplicáveis.

Comecemos por estas alusões.

É crença que no dia de S. Bartolomeu (24 de Agosto) anda o Demónio solto, do *meio-dia* para a uma hora (Lisboa).

O Diabo aparece ao *meio-dia* a diversas pessoas (Vila Nova de Anços — Soure).

Às terças e sextas-feiras é costume defumar as casas ao *meio-dia*, para se afugentarem dela as bruxas (Lisboa)¹. Segundo outra versão, porém, é para afugentar as *coisas más*.

* Originalmente publicado em *O Pessimismo*, 1882, 4.º vol.: 39-51.

¹ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, II, 17.

Em duas orações publicadas num dos números anteriores destes estudos² diz-se:

Cruz em monte, cruz em ponte,
Nunca o Demo te encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem à *hora do meio-dia!*...

e
Para que o Diabo me não esqueça.
Nem de noite, nem de dia,
Nem ao *pino do meio-dia*.

Em outra oração por mim ultimamente publicada³ diz-se igualmente:

Padre nosso pequenino!
Quando Deus era menino,
Põe a chave no divino (*sic*)
Quem a pôs, quem a poria?
Foi a Santa Madalena.
Cruz do monte! e cruz da fonte!
Nunca Demónio me encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem à *hora do meio-dia*.

Qualquer destas orações tem o carácter de uma esconjuração, destinada a afugentar o Demónio ou «um demónio», que procura para atacar o homem, entre outras ocasiões, a *hora do meio-dia*, ao que parece.

Que esta hora é crítica na crença do nosso povo, prova-se por diversas superstições e usos, ainda hoje subsistentes e que sucessivamente iremos encontrando no decurso destas nossas investigações.

Assim, no Porto e arredores, há umas certas horas chamadas «horas abertas», principalmente a *hora do meio-dia*, durante as quais andam uns demónios soltos pelo ar, que fazem mal às pessoas. Por isso, conforme é crença, a essa hora nem se deve sair ao campo, nem tão-pouco entrar para casa. É evidentemente a tal superstição que se liga a seguinte lenda que coligimos em Gaia:

«Uma mãe, em 'hora aberta' (*meio-dia*) rogou uma praga a um filho. Imediatamente armou-se um redemoinho e o filho desapareceu. A mãe, muito aflita, por não saber do filho, tratou de o procurar e seguiu por uma estrada chorando muito. Vai ós pois (ao depois) encontrou no caminho uns almocreves, que lhe perguntaram o que ela tinha e o motivo por que chorava. A mãe contou o que lhe tinha acontecido. Os almocreves em vista do que ela contou disseram-lhe que quando passavam na ponte da Aliviada (*sic*)⁴ sentiram uma criança a cho-

² *Idem*, pág. 13.

³ *Romania*, n.º 37-38, de 1881 (Janeiro-Abril).

⁴ A pessoa que contou isto dizia que a ponte da Aliviada era para as bandas de Coimbra, e que ali se encontrava muita coisa encantada.

rar muito, em baixo, junto ao rio, e que tinham perguntado à criança o que ela tinha, ao que a mesma respondeu:

— «Foi a minha mãe que ao *meio-dia* me rogou uma praga dizendo que os diabos me levassem, e eles imediatamente me levaram pelos ares até aqui, e por isso estou em poder do Diabo, e só poderei sair daqui vindo o meu padrinho e a minha madrinha a buscarem-me.»

Em vista disto, a mãe foi convidar os padrinhos a que fossem buscar o filho, que estava na ponte da Aliviada em poder do Diabo.

Chegaram os padrinhos à dita ponte e, como não vissem ninguém, começaram a chamar pelo afilhado. Imediatamente no fundo do rio se ouviu um grande barulho e logo em seguida uma voz, que parecia do outro mundo, dizer:

— «Que querem daqui?»

O padrinho respondeu:

— «Queremos um afilhado nosso que aqui está, e então em nome do Senhor eu te *requeiro* que mo entregues já.»

— «Como queres que to entregue?» — perguntou a mesma voz, que era o diabo-feiticeiro (*sic*) e sentinela daquela prisão — «Queres que vá como veio, ou como está?»

— «Quero como ele veio» — respondeu o padrinho.

«Tornou-se a ouvir outro grande barulho e muitas vozes de rapazes a chorar, e logo no mesmo instante apareceu em cima da ponte o rapaz ao lado dos padrinhos. As vozes que choravam eram de outros rapazes que ninguém ia buscar. Fizeram muitas perguntas ao rapaz, como ele ali estava, o que fazia e o que comia.

— «Eu — respondeu ele — estava ali carregado de ferros; carne comia quanta queria, mas pão eram só as migalhas que cresciam das mesas (*sic*) dos que se levantavam sem dar graças a Deus. Penteava os diabos inferiores e deitava lenha na fogueira que queimava aqueles que depois de um certo tempo ninguém os ia buscar. *Adregou* (aconteceu) — disse o rapaz — pedir que queriam que eu viesse como tinha ido, porque se pedissem para e vir como estava, encontravam-me agora coberto de ferros e de pêlo e com cornos».

A crença de que a *cousa má*, que aparece à hora do meio-dia se manifesta sobre a forma de um redemoinho, acha-se na seguinte superstição de Vila Nova de Anços (Soure):

À *hora do meio-dia* encontram pelas estradas, nas encruzilhadas, etc., umas coisas más, que se chamam *rosemunhos* (redemoinhos). O «*rosemunho*» é como uma poeirada; leva paus, pedras e se apanha uma pessoa no meio leva-a também pelos ares, mas se a pessoa trouxer umas contas na algibeira e as atirar à tal coisa má ou demónio, não lhe acontece mal nenhum.

Ainda é da mesma localidade a seguinte tradição:

«Uma mulher foi a uma fazenda e viu um galo; correu atrás dele e como o apanhasse trouxe-o para casa. Quando ao *meio-dia* a mulher foi jantar com o marido e principiaram a rezar, o galo desapareceu».

Em Bragança³, quando se vê um desgraçado, é costume dizer-se-lhe:

— «Parece que tua mãe te pariu na amaldiçoada *hora do meio-dia*».

Na ilha de S. Miguel, também a *hora do meio-dia* é uma hora crítica, a hora mágica por excelência. É muito mau ficar a essa hora uma pessoa só no campo, porque é assaltada pelo *entreaberto*, que lhe diz para ela cavar no chão: «Cava tu!» A pessoa deve-lhe responder: «Cava tu!» até que o *entreaberto* não tem outro remédio senão cavar ele. Então cava, cava, até que acha um tesouro. Apenas se vê o tesouro deve a pessoa dar um golpe num dos dedos e deitar uma gota de sangue na cova, para o mesmo tesouro não desaparecer. Enquanto o *entreaberto* está cavando não se lhe deve olhar para as costas, porque as tem em brasa e isso seria fatal à pessoa. [Comunicado pelo nosso colega Teófilo Braga]⁴.

Finalmente para concluirmos com o que a este respeito até agora pudemos apurar na tradição portuguesa, em todo o Algarve acredita-se na existência de coisas más ao *meio-dia*. Em alguns sítios esta «cousa má» chama-se o *homem das sete dentaduras*. Assim, no sítio conhecido pelo nome de Cerro Vermelho, próximo a Fuzeta, é crença que aparece ao *meio-dia* o *homem das sete dentaduras*, fugindo por isso daquele local ao chegar essa hora todas as pessoas, e curtindo terríveis sustos aquelas que em tal momento por ali se vêm forçadas a passar. O *homem das sete dentaduras* é uma entidade maligna que aparecendo ao *meio-dia* devora quem encontra.

Pelo que fica dito vê-se claramente que os esconjuros e as superstições, que no começo deste trabalho citámos, e que aludem vagamente ao que quer que seja de terrível em conjunção com a hora do *meio-dia*, se explicam em parte dentro da tradição portuguesa. Assim a «hora aberta» (ignoramos o motivo desta designação) é perigosa, porque então andam uns demónios pelo ar, que fazem mal às pessoas que encontram. É ainda por essa razão que em certos dias e à *hora do meio-dia* se devem defumar as casas. É ainda por essa circunstância que a praga proferida a tal hora é fatal, mais que nenhuma outra, etc. Tal entidade maligna (pois que o seu carácter é completamente e sempre maléfico) que segundo umas versões, é apenas uma nova manifestação do Diabo, conforme outras é um génio diverso deste, quer se chame *rosemunho* (redemoinho), *entreaberto*, *homem das sete dentaduras* ou simplesmente *cousa má*.

Mas serão com efeito estes nomes indício da presença de uma entidade mítica nova no nosso maravilhoso popular, e mesmo nas versões em que o Diabo é especialmente mencionado, porvirá esta circunstância do facto que já outra vez

³ Comunicado pelo meu amigo Manuel Ferreira.

⁴ No fascículo iv da Revista de Etnologia e de Glotologia do nosso colega Adolfo Coelho, a pág. 184 vem pouco mais ou menos a mesma tradição, comunicada também pelo Sr. Teófilo Braga, mas atribuída ao Encantado. Nesta versão, contudo, não se fala na *hora do meio-dia*. Se há aqui confusão, não o sabemos; em todo o caso o que não sofre dúvida é que a *hora do meio-dia* é também mágica na ilha de S. Miguel.

referimos (*Tradições Populares Portuguesas*, VII, pág. 11, nota 1.⁹) da conservação de diferentes mitos sob uma denominação que lhes não pertence, pela perda quase total dos nomes tradicionais de divindades na nossa mitologia? ou pelo contrário estes nomes indicam apenas a tendência de designar por modo diverso atribuições também diversas de uma mesma entidade (neste caso o Diabo)? Por outra, as superstições que acabamos de mencionar deverão estudar-se quando nos ocuparmos da crença no Diabo, embora em capítulo especial; ou nelas devemos ver uma criação mítica diversa, à qual a tradição do Diabo, uma das mais vivazes no nosso povo, usurpou parte das suas manifestações, como aconteceu repetidas vezes em outros casos e a respeito de outras concepções?

Para resolver este ponto, porém, teremos de sair do domínio da mitologia portuguesa, a fim de investigarmos o que com relação ao «demónio do meio-dia» nos revelam as mitologias estranhas, especialmente as arianas.

Em toda a Antiguidade a *hora do meio-dia* era supersticiosamente receada, e a ela se ligava a existência de um génio maléfico que assaltava os viajantes. Assim na Bíblia, em um dos Salmos⁷, fala-se do *demónio meridiano* e alude-se à circunstância de ele atacar o homem⁸.

Lucano⁹ fala também do terror do sacerdote ao *meio-dia* (*médio quum Phoebus in axe est*), e Ovídio ainda se refere ao mesmo facto, quando nos diz¹⁰:

Nec Dryadas, nec nos videamus labra Dianae,
Nec Faunum, *médio quum premit arva die.*

Dos Gregos, Luciano¹¹ conta-nos a aparição à *hora do meio-dia* de uma mulher terrível, que infundiu um horror supersticioso em Eucrates; e Teócrito¹² numa passagem já citada pelo ilustre mitólogo grego contemporâneo o Sr. Politis¹³ recomenda aos pastores que não toquem flauta à *hora do meio-dia*, por ser a hora em que o deus Pã, voltando da caça, descansa das suas fadigas.

⁷ XC,6 — a sagitta volante in die, a negotio perambulante in tenebris, ab incursu os *daemonio meridiano*.

⁸ Maitre de Sacy traduz a passagem citada da seguinte maneira:

«Ni la flèche qui vole durant le jour, ni les maux que l'on prépare dans les ténèbres, ni les *attaques du démon du midi*.»

⁹ *Farsália*, m, págs. 423 e seg.:

Médio quum Phoebus in axe est
aut coelum nox atra tenet, pavet ipsos sacerdos
avessus, dominumque timet deprendere luci.

¹⁰ Fastos, iv, 761.

¹¹ Filopseudes, 22.

¹² I, 15.

¹³ Μελέτη ἐπὶ τοῦ θεοῦ τῶν νεωτέρων Ἑλλήνων — Νεοελληνικὴ Μυθολογία, págs. 106-107.

Terá relação com a mesma crença a seguinte passagem do Rig-Veda (v, 69,3): «*prâtar devim aditim jahavimi madhyândina uditá suryasya*» — invoco a deus Aditi de manhã, ao *meio-dia* e ao declinar do Sol?

Ainda na Antiguidade Clássica, Calímaco e Filóstrato se referem a crenças que têm relação com o *daimon mesembrinos*, isto é, com o *demónio do meio-dia*¹⁴, e porventura uma análise minuciosa não deixará de descobrir mais tarde novas alusões. Em toda a Idade Média a crença no *daemonius meridianus* é persistente como se deduz do Glossário de Ducange¹⁵ e de passagens dos diversos escritores que se ocupam de superstições e crenças populares¹⁶.

Walter Scott¹⁷ reproduz a mesma superstição entre os Celtas, e ainda com respeito à tradição gaélica se encontra em Ossian a seguinte passagem:

«I sit by the mossy fountain; on the top of the hill of winds. One tree is rustling above me. Dark waves roll over the heath. The lake is troubled below. The deer descend from the hill. No hunter at a distance is seen. *It is mid-day* but all is silent. Sad are my thoughts alone. Didst thou but appear. O my love! a wanderer on the heath! thy hair floating on the wind behind thee; thy bosom heaving on the sight; thine eyes full of tears for thy friends, whom the mist of the hill had concealed! Thee I would comfort, my love, and bring thee to my father's house!

But is it she that there appears, like a beam of light on the health? bright as the moon in autumn, as the sun in a summer-storm comest thou. O maid, over rocks, over mountains, to me? She speaks: but how weak her voice, like the breeze in the reeds of the lake¹⁸.»

Passando da Idade Média e do domínio literário para a tradição viva contemporânea, podemos observar que a crença no «génio maléfico do meio-dia» persiste com grande vitalidade entre os povos germânicos, eslavos e ainda entre os gregos modernos.

Assim é à hora do meio-dia que Holda vai banhar-se nos lagos e nos poços conforme a lenda alemã¹⁹. Na Turíngia os anões e os duendes aparecem por vezes à hora do meio-dia²⁰. O *Nix* masculino, que nalgumas localidades se crê ter os cabelos, a barba e os dentes verdes²¹, e segundo outras versões, as pernas vermelhas, é temido especialmente ao meio-dia, por ser a hora em que a sua apari-

¹⁴ Cf. Politis, *ob. cit.*, pág. 106, nota 4. Em geral para todo este artigo consulte-se de pág. 106 a 109 a erudita obra deste ilustre escritor que, apesar de novo, tanto já tem feito em favor da mitologia do seu país.

¹⁵ Sub voce *daemonianus meridianus*; Cf. Grimm, *Deutsche Mythologie*, 4.ª edição, pág. 972; e Politis, *ob. cit.*, pág. 107, nota 1.

¹⁶ Cf. Liebrecht, *Zur Volkskunde*, pág. 28 e 503; Mannhardt, *Wald-und Feldkultus*, II, pág. 135 e seg. Segundo um autor citado por Liebrecht, *ob. cit.*, pág. 503 no Egipto existiria a mesma superstição.

¹⁷ *The Lady of the Lake*, in, 7, 1.

¹⁸ Carric — Thura.

¹⁹ Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube der Gegenwart*, § 28; Grimm, *Deutsche Mythologie*, 4.ª edic., pág. 222.

²⁰ Wuttke, *ob. cit.* § 46.

²¹ Num conto popular português (Coelho, n.º XLVIII), o herói tem os cabelos cor de ouro, os dentes de prata, e aparece numa carruagem com janelas verdes e lacaios vestidos da mesma cor.

ção é mais perigosa²², etc, etc. Entre os alemães da Boémia e da Morávia, existe a mesma superstição: à hora do meio-dia é quando o *homem das águas* está no apogeu da sua força, por isso as crianças se arreceiam de acercar-se a essa hora dos rios e dos tanques²³.

Entre os Eslavos ainda a superstição tem mais vitalidade do que entre os Germanos. É na tradição destes povos que principalmente se apresenta definida a figura do génio maléfico do meio-dia, com todos os seus atributos de entidade inimiga do homem. Entre os Vendos à hora do meio-dia crê-se ser perigoso estar junto ao mar, porque a essa hora vem a Pschesponiza (*meridiana*) e ataca quem ali se achar²⁴. «A Pschesponiza é a 'aparição do meio-dia', o 'medo do meio-dia\ a 'coisa que furtivamente se apresenta ao meio-dia', a 'velha do meio-dia\ a 'meridiana' que ao meio-dia aparece. É alta, comprida, magra e vem de fatos brancos (uma uma mulher branca, com compridos cabelos brancos?) Alguns dizem que ela traz um pano negro em volta da cabeça. Aparece sempre ao meio-dia, nas cidades, mas especialmente nos campos. É entre as onze e o meio-dia que ela vem, por isso ninguém se atreve a ir ao campo a essa hora, ou ali ficar. Quem por ela fosse encontrado e não pudesse, por espaço de uma hora, até ao meio-dia, com ela falar sobre uma e a mesma coisa, teria a cabeça cortada ou seria morto. Pelo contrário, se conseguiu falar por tanto tempo é ela quem perde a força²⁵.» «Em tempos que já lá vão quem trabalhava ao meio-dia, desaparecia sem deixar vestígios²⁶.» «A Pschezponica²⁷ vai pelos campos armada com uma foice de ouro, e degola os rapazes que pisam o trigo. As cabeças cortadas ata-as a um fio que consigo traz. E ela vem vestida com um comprido vestido branco²⁸.» «A 'velha do meio-dia'» despedaça as pessoas que ela encontra no campo ao meio-dia²⁹.» «O *poludnitse* aparece no campo a interrogar as mulheres, sobre o que é preciso fazer-se para o cultivo do linho, e em seguida àquela que não sabe dar-lhe resposta, torce-lhe o pescoço³⁰.» Na Boémia conta-se que ao meio-dia o *polednice* aparece e rouba as crianças³¹, etc., etc.

Finalmente, para não alongarmos de mais o nosso trabalho, diremos que a superstição é ainda comum entre os gregos modernos. É às *nereidas* que se

²² Wuttke, *ob. cit.* § 54. A cada passo nesta obra se encontram alusões ao carácter mágico da hora do meio-dia.

²³ Grohmann, *Aberglauben und Gebräuche aus Böhmen und Mähren*, pág. 12, cf. mais, pág. 13 e 87.

²⁴ Schulemburg, *Wendische Volkssagen und Gebräuche aus dem Spreewald*, pág. 27.

²⁵ Schulemburg, *ob. cit.*, pág. 89.

²⁶ Weckenstedt, *Wendische Sagen, Märchen, und abergläubische Gebräuche*, p. 105.

²⁷ C = ts.

²⁸ Weckenstedt, *ob. cit.*, pág. 106.

²⁹ Weckenstedt, *ob. cit.*, pág. 108. Ainda sobre a tradição da *Poludnitsa* entre os eslavos cf. Ralston, *The Songs of the Russian People*, pág. 147-148.

³⁰ Afanasiev, *Poeticheskiia vozzrieniia slavian na prir o du*, in, pág. 77.

³¹ Afanasiev, *ob. cit.*, II pág. 138. Para a crença do *polednice* entre os checos, cf. Sobotka, *Rostlinstvo v národním podání slovanském*, pág. 25 e 209.

atribuem as virtudes maléficas do «demónio do meio-dia»³². É em conjugação com esta hora mágica que elas se tornam temíveis e que, como na tradição eslava, roubam e levam para as cavernas (ἀρπάζουσι και μεταφέρουσιν εις τα σπηλαιο) as crianças que encontram³³.

Muito mais poderíamos acrescentar com relação à crença do *daemonius meridianus* entre os povos indo-europeus. Fá-lo-emos um dia quando estudarmos definitivamente esta curiosa entidade da nossa mitologia popular, procurando reduzi-la ao fenómeno natural de que ela é a expressão mais ou menos desfigurada, através do longo processo de antropomorfização e de dissolução ulterior nas crenças, cerimónias e simples usos e alusões populares. O nosso intuito presente era diverso. Antes de estudarmos o mito e de tentar explicá-lo, tornava-se preciso primeiro que tudo verificar a sua existência na tradição oral do povo português. Este resultado cremos tê-lo alcançado. Encontrámos primeiramente nas superstições populares, que temos coligido, um certo número de referências ao carácter maléfico da hora do meio-dia, que desde logo não soubemos explicar. Depois, por investigações posteriores e sem sairmos do domínio da tradição portuguesa, chegámos a agrupar em torno dessas referências, vagas e sem consistência, um certo número de lendas a respeito de entidades maléficas meridianas, já com feições mais acentuadas, e com carácter e atributos mais definidos. Não era porém tudo. Restava saber ainda se esse ciclo de superstições, que evidentemente se apresentava como uma unidade bastante perfeita, em vez de referir-se a uma entidade mítica especial, não fazia parte do ciclo mais vasto das lendas do Diabo, ciclo que no nosso maravilhoso popular teve o condão de absorver grande número de tradições que lhe eram primitivamente estranhas, chegando mesmo a usurpar atribuições características de outras criações poéticas, que por se lhes haver olvidado o nome na boca do povo, perderam por isso a razão de existir independentemente.

Para esta segunda parte da nossa demonstração tivemos que sair, porém, do campo da mitologia nacional, para ir investigar o que a tal respeito poderia existir nas mitologias afins. Percorremos, com efeito, ainda que muito brevemente, este domínio estranho, e verificámos tanto na tradição clássica, como na medieval, como na moderna e contemporânea celta, helénica, germânica e eslava, a existência de uma alta entidade maléfica, relacionada com a hora do meio-dia, e com grande número de atributos que se encontram na superstição portuguesa. Desde este momento toda a dúvida devia cessar, e a existência de um ciclo de lendas sobre o «demónio meridiano» em Portugal pode considerar-se como um facto adquirido para a ciência. Prosseguiremos, contudo, nas nossas investigações, pois cremos que o veio popular que com relação a outras tradições nos tem revelado tantas riquezas ignoradas, não deixará de nos fazer dentro em pouco, com respeito à superstição, que estudamos, mais alguma revelação importante.

³² Politis, *Νεοελληνική Μυθολογία*, págs. 106-109'.

³³ Politis, *ob. cit.*, pág. 108.

Uma última explicação. Pusemos a este trabalho o título provisório de *Homem das Sete Dentaduras* porque, por um lado, é a lenda do Algarve, onde se encontra este nome, a que nos parece mais perfeita de quantas até hoje coligimos (com excepção talvez da da ilha de S. Miguel, sobre a qual, porém, há a dúvida do nome: *entreaberto* ou *encantado*?), e por outro, porque é a lenda algarvia a que mais se aproxima da lenda eslava do *poludnice*, a criação poética que neste ciclo melhor conservou a sua feição característica³⁴.

³⁴ Depois de escrito o presente artigo, soubemos que no último número da *Zeitschrift für Volkspsychologie und Sprachwissenschaft* vem um artigo sobre o demónio meridiano, que infelizmente ainda não pudemos ver.

XIV

O DIABO*

A concepção do «Diabo», tal como nos aparece no maravilhoso popular dos povos modernos da Europa, não pertence, pelo menos nos seus traços fundamentais, às mitologias europeias. É verdade que, como por mais de uma vez temos feito notar nestes estudos¹, a entidade mítica conhecida pelo nome de «Diabo» ou de «Demónio» absorveu grande parte dos atributos de um certo número de entidades diferentes, as quais, principalmente nos povos latinos, facilmente se prestaram a essa transmutação, por se lhes haverem perdido os nomes próprios.

Mas, se por esta circunstância é fácil de explicar a natureza complexa das crenças demonológicas populares, onde à primeira vista se descobrem elementos os mais heterogêneos e de tão diferente proveniência, fica ainda assim inexplicável a feição característica deste mito, aquela que no meio do sincretismo que o cercou de lendas estranhas, constitui propriamente a sua originalidade.

Esta feição é a que torna a concepção do «Diabo» num dos elementos de um pronunciado dualismo², cujo protótipo deve ir evidentemente buscar-se ao dualismo masdiano. Nem na mitologia germânica nem na mitologia eslava se conhece o princípio dualístico como dogma fundamental religioso, ou pelo menos como doutrina organicamente elaborada³.

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 4.º vol.: 102-120.

¹ Cf. Consiglieri Pedroso: *O Lobisomem* (Tradições Populares Portuguesas, n.º VII), pg. 11, nota; cf. mais n.º x: *O Homem das Sete Dentaduras*.

² Cf. Grimm, *Deutsche Mythologie*, 4.ª edição, pg. 822; idem, *Nachtraege*, pg. 201-292; Politis *Neoellênikê Mythologia*, I, 422.

³ Julgou-se por muito tempo ver a manifestação de um dualismo eslavo na suposta existência de duas divindades opostas — *Bielbog* (o deus branco, i.e. da luz) e *Chernibog* o deus negro, i. e. das trevas). Estes deuses são ainda admitidos na grande «mitologia» de Afanasiev; mas já Grimm (*ob. cit.*, pg. 822, nota) duvidada da sua genuinidade e hoje ... como uma mistificação pela crítica

O próprio monoteísmo judaico desconheceu no começo tal concepção, porquanto ainda no livro de Job «Satanás» tem apenas o carácter de um tentador vulgar, muito longe porém do maléfico e onipotente poder do seu homónimo medieval. É preciso descer até ao cristianismo para se deparar com uma demonologia perfeitamente definida, em que Lúcifer ou Belzebu constitui o centro e como que o símbolo dos poderes destruidores, cuja acção a todo o momento está prestes a inutilizar a obra do verdadeiro criador.

Não há dúvida que é o judaísmo pós-babilónico, quer dizer, a doutrina que os judeus trouxeram do exílio, o elemento de transição entre a concepção de *Agrononinigus* (o diabo zoroastriano) e o Demónio da teologia cristã. Na elaboração desta última concepção, porém, concorreram factores de diversas ordens. Assim, sobre o fundo importado da religião persa, teve grande influência, pela imitação em sentido contrário, a doutrina propriamente orgânica do cristianismo.

Pelo tipo de um deus supremo (do bem), cercado de um certo número de atributos, presidindo a uma corte de anjos, arcanjos e serafins, hierarquicamente estabelecida, acentuou-se mais o tipo de um deus supremo (do mal) com atributos exactamente inversos aos do verdadeiro deus, e servido por uma série de génios maléficos, de categorias perfeitamente idênticas às dos primeiros. Se bem que esta ideia já existisse na religião masdiana, não há dúvida que por este processo ela se reforçou e se definiu melhor.

Foi também desta forma que se chegou à concepção popular da *mãe do Diabo*. Segundo a tradição, quando tem lugar a iniciação de uma bruxa, deve a noviça passar três vezes por debaixo do trono onde o Diabo está sentado, e receber, como símbolo do pacto ajustado, um pandeirinho e um novelo de linha fiado pela *mãe do Diabo* e cuja matéria-prima é o pêlo do bode*.

Mas a lenda de que se trata, tem um traço característico que bastante esclarece o modo da sua formação. Do mesmo modo que Maria, a mãe de Deus, foi durante a Idade Média a poética idealização da mulher, a mimosa criação que simbolizava os mais puros afectos da esposa e da mãe, a *contrario sensu* a «mãe do Diabo» tomou uma feição de tal maneira terrível e horripilante, a

contemporânea (Vid. Louis Leger, *Espèce sommaire de la mythologie slave* in *Révue de l'histoire des religions*, Tom. IV, pg. " e seg.).

* Cf. Politis, *Neoellênikê Mythologia*, i, 423.

† Sobre a *mãe do Diabo*, veja-se Grimm, D.M., pg. 824; idem, *Nachtr.*; Afanasiev, *Narodnyia russkii skazki*, IV, 444; idem, *Poeticheskiia vozzrieniia, etc.*, i, 584; Grimm, *Kinder und Haus-märchen*, n.º 125; Laistner, *Nebelsagen*, pg. 226, 326, 336.

Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube der Gegenwart*, § 41, diz que a «mãe do Diabo» (Grossmutter) é sem dúvida Holle, o que de passagem nem nos parece provado, mas tão-pouco ainda que o fosse demonstraria a não influência da concepção da *mãe de Deus* sobre a elaboração da lenda da *mãe do Diabo*.

Terá que ver com a tradição de que estamos tratando a *Diaba* [sic] mencionada nos processos da nossa Inquisição? Cf. Consiglieri Pedroso, *As Superstições Populares num Processo da Inquisição*, pgs. 10 e 24 [ediç. à parte].

* Consiglieri Pedroso, *As Bruxas na Tradição do Nosso Povo*, pg. 10.

ponto de fazer estremecer o próprio filho. Um provérbio diz: «Ui! exclamou o Diabo quando viu o c... à mãe» e outro adágio acrescenta: «tal é o Demo como sua mãe».

Por último o terceiro factor, que concorreu para a formação do tipo do Diabo medieval, foi, como já o indicámos num trabalho anterior⁷, a transformação pela qual o cristianismo fez passar os deuses pagãos decaídos do seu antigo culto e consideração. Para os deuses, que já nas antigas mitologias representavam um papel maléfico, como Loki, Hei, etc., a redução à demonologia cristã foi relativamente fácil. Não assim para os que representavam génios benfazejos, porque a estes ficou por muito tempo fiel a consciência popular, que só depois de uma longa luta se resignou a ver nos seus antigos protectores, nos guardas tutelares da sua vida e prosperidade, manifestações pecaminosas do «deus do mal».

Indicado assim sumariamente (o estudo desenvolvido fica reservado para a nossa *Mitologia Portuguesa*) o carácter da lenda do Diabo, e apontados os elementos diversos que concorreram para a sua elaboração, passemos desde já a ocupar-nos das tradições que a este respeito correm no nosso país. E comecemos pela maneira como o Diabo⁸ é representado na imaginação popular.

A tradição oral e a iconografia popular são concordes em representar o Diabo com cornos, quer sob a figura de um homem, de feições medonhas ou simplesmente grotescas, quer sob a forma de bode, incarnação favorita do génio do Mal entre o nosso povo. Em qualquer dos casos parece ser também acessório indispensável uma longa cauda, coberta de pêlo.

Se esta é porém a representação mais trivial do «Demónio», e indubitavelmente a que melhor reflecte a influência mais ou menos erudita da concepção da Igreja, não se segue daí que ela seja a *única*, sobretudo na demonologia genuinamente popular. Pelo contrário. As variantes são inúmeras e bastante distintas.

Assim, em primeiro lugar é bem conhecida a tendência entre o próprio povo de atenuar ou abrandar a ferocidade das feições com que a teologia cristã costuma representar o Diabo — donde o conhecido provérbio: «o Diabo não é tão feio como o pintam», significando o exagero para mal em qualquer descrição, representação ou profecia, e a lenda de que o Diabo reconhecido premiou com uma avultada quantia o pintor que um dia, tendo de executar o quadro de

⁷ Adolfo Coelho, *Revista de Etnologia e Glotologia*, fascículo iv, pg.152.

⁸ Consiglieri Pedroso, *As Bruxas*, etc., pg. 9. Cf. Grimm, *D. M.*, pg. 823.

⁹ Aos nomes, ou antes, aos epítetos que o nosso povo costuma dar ao «Diabo», para não lhe pronunciar o verdadeiro nome, e que o nosso colega A. Coelho coligiu (vid. *Revista de Etnografia*, etc., pg. 151), convém acrescentar os seguintes: *careca, tardo* (Aveiro) *porco-sujo, mafarrico*. Cf. a passagem do Fausto em que Mefistófeles diz à bruxa:

Den Namen, Weib, verbitt'ich mir,

Du nennst mich HERR BARON, so ist die Sache gut.

S. Miguel com o Demónio aos pés, se recusou a pintar este último segundo a maneira tradicional, iluminando-lhe pelo contrário compadecido o rosto por alguns traços simpáticos.

Mas não foi só por este processo que se produziram variantes na maneira de representar a entidade mítica de que nos estamos ocupando. Houve evidentemente outros processos não muito fáceis de explicar, mas cuja acção se manifesta de um modo bem claro nos seus resultados.

Nos autos e sentenças da nossa Inquisição o Diabo é pintado das mais variadas maneiras. Uma vez aparece «em forma de mulher muito formosa da cintura para cima, e para baixo com um rabo muito grande»¹⁰. Outras o Diabo «era de estatura de homem, vestido de branco, com os dedos das mãos muito compridos e a cara amulatada»¹¹. Outras mostra-se «sob a forma de um gato de cor rajada e gato ruivo»¹². Outras ainda «em figura de gato preto se era de dia e quando era de noite na dita forma humana de homem pequeno»¹³. Pode por último o Diabo transformar-se num grande número de animais, tais como: o cavalo, o burro, o novilho¹⁴ e até o mosquito¹⁵ (Lavadores). Apenas nestas transformações não lhe é permitido mudar os pés, que, como se sabe, são de cabra (Lavadores). Não é esta a única limitação ao poder do Diabo, porquanto apesar de toda a sua influência, é tradição que também não lhe é concedido o dom de adivinhar (Lavadores). E de passagem note-se a tendência que no espírito popular se manifesta, para subordinar o Diabo a uma espécie de «destino» ou «fatalidade» que não lhe consente uma absoluta e incondicional liberdade de acção; o que mais acentua a opinião de que o princípio do dualismo não é popular, mas uma importação erudita em grande parte e estrangeira.

A morada do Diabo é o Inferno, conhecido na sinonímia popular pelo nome da *Caldeira de Pedro ou Pêro Botelho*¹⁶. O Inferno é representado como uma cova ou grande abertura, mas noutras lendas esta abertura, que pela imaginação popular aparece localizada em diversos sítios¹⁷, representa apenas a entrada

¹⁰ Proc. ms. de Luis de La Penha. Inquisição de Évora, n.º 8179 do Arq. Nac.

¹¹ Proc. ms. do Tio de Massarelos. Inquisição de Lisboa, n.º 4222 do Arq. Nac.

¹² Idem. Para a transformação das feiticeiras em «gatos» cf. Afanasiev, *Poet. vozz.*, etc. in, 534.

¹³ Proc. ms. de Maria Antónia. Inquisição de Coimbra, n.º 5981 do Arq. Nac. Os Checos crêem também que o Diabo se transforma em *gato preto* (Afanasiev, *ob. cit.*, III, 534) e que, depois de assim transformado, se reúne em conselho com as feiticeiras.

¹⁴ Na lenda intitulada «O Algar do Diabo», publicada no *Almanaque de Lembranças* (ano de 1867, pg. 158 e seg.) fala-se do Diabo que em forma de belo novilho ia comer as espigas e todo o pasto pertencente a um lavrador do concelho de Porto de Mós.

¹⁵ Segundo a tradição portuguesa as bruxas podem transformar-se em moscas (Caldas da Rainha). Na tradição alemã também existe a mesma crença, cf. Wilhelm Hertz, *Der Werwolf*, pg. 77.

¹⁶ Cf. Ad. Coelho, *Revista de Etnologia e de Glotologia*, pg. 153. Veja-se o excelente trabalho do ilustre mitólogo alemão, o Sr. Ludwig Laistner, intitulado: *Nobislaus und Verwandtes in Germania*, 1881.

¹⁷ Daqui as denominações vulgares de *Boca do Inferno*, *Val do Inferno*, *Cova do Inferno*, etc., dadas a diferentes sítios no País.

do Inferno, que fica mais para o centro da terra, e onde perpetuamente arde um fogo abrasador. Quando o Diabo sai para vir à superfície da terra fazer os seus malefícios, espalha-se na atmosfera um forte cheiro a enxofre e outras substâncias resinosas. É também no Inferno onde as almas condenadas estão a ferver numa caldeira¹⁸ (daqui o nome de *Caldeira de Pêro Botelho*), e conforme outras versões a arder a fogo lento ou no meio das labaredas.

O Diabo aparece muitas vezes por seu moto próprio principalmente quando tem em vista tentar alguma alma pura. Outras vezes, porém, para que venha tomar parte nos malefícios para cujo bom êxito a sua presença é indispensável, necessita ser *evocado*. De diverso modo pode ter lugar esta evocação. Assim, as feitiçeras¹⁹ quando necessitam consultar o seu *protector* vão à meia-noite a uma encruzilhada, batem três vezes as palmas, gritando: *Diabo! Diabo! Diabo!* Imediatamente este lhes aparece e elas metendo-o (apertando-o) entre as pernas (sic) perguntam-lhe o que desejam saber (Lisboa).

Pondo uma tripeça ou uma mesa de três pés, voltada para cima no meio da casa, aparece o Diabo a saltar e a dançar (Lisboa).

As pessoas que fazem malefícios vão à meia-noite a um cemitério e aparece-lhes o Diabo em forma de cão preto²⁰, a quem elas chamam «o seu protector». O Diabo pergunta-lhes: «que queres?» Elas então pedem-lhe o que desejam que ele lhes faça. Em compensação o Diabo diz-lhes: «e o que me dás?» Deve então dizer-se-lhe: «dou-te uma coisa» mas não dizer-se o que é, porque o que o Diabo quer é a alma (Leiria).

«Quando se quer saber alguma coisa do Diabo, deita-se uma pessoa na cama nas noites das terças e quartas-feiras, de bruços, com as mãos e pés em cruz e chama-se por ele, que aparece ou numa figura negra de mulher ou noutra qualquer figura, de anjo ou de mulher muito formosa, e diz ao ouvido da pessoa o que esta quer saber²¹.»

Como se depreende do que fica exposto, o Diabo, não obstante todo o seu poder, é extraordinariamente solícito em correr ao chamamento de qualquer mortal, por mais insignificante que ele seja. O motivo desta cega obediência não está, conforme se poderia supor, na índole constantemente maléfica do anjo decaído, pois como veremos mais adiante, o Diabo (pelo menos o genuinamente popular) pode ter por vezes tais rasgos de generosidade e de cavalheirismo, sejam-nos relevada a expressão, que chegam mesmo dentro de certos limites a preparar-lhe na tradição popular uma meia redenção. A verdadeira causa da aparente humildade do Diabo está no desejo ardente que ele nutre de roubar as almas à jurisdição do seu rival (Deus) e de as ligar a si por um compromisso inque-

¹⁸ Variante. No Inferno há uma enorme caldeira onde as almas são deitadas em azeite a ferver. Coelho, *Revista d'Etnologia*, IV, 153.

¹⁹ Acerca das relações das feitiçeras ou bruxas com o Diabo veja-se: Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, n.ºII, onde este assunto foi especialmente tratado.

²⁰ Já atrás nos ocupámos das diversas figuras sob que o Demónio pode aparecer.

²¹ Proc. ms. de Luis de La Penha, etc.

brantável. Daqui a razão por que ele aproveita todas as ocasiões de prestar um serviço, com a esperança de em troca poder propor o seu *pauto*.

O *pauto* (pacto) é com efeito o acto mais solene em que intêrvem o Diabo.

Eis a maneira como ele é descrito nalguns documentos da nossa feitiçaria: «E que ahi com uma faquinha que já levava pera ese efeito se ferio (Luis de La Penha) no dedo meminho da mão esquerda, e tendo primeiro feito na terra huma cova com a mesma fagua, lançou algum sangue do ditto dedo na ditta cova, disendo, falando com o mesmo demonio (posto que então o não tinha presente visivelmente): eu derramo e lanço este sangue em teu nome e em virtude e confirmação do que temos tratado entre ambos, e espremendo o dedo e chupandoo lhe sarou logo, disendo primeiro sobre o ditto dedo falando com o demonio: em virtude do que me tens prometido que faras por amor de mim, eu quero que me sare logo este dedo sem mesinha alguma, etc.»²²

«E (o demónio) lhe pediu huma gotta do seu sangue do dedo mínimo da mam direita, o qual elle declarante (Francisco Barbosa, o tio de Massarelos) lhe deu, ferindo o mesmo demonio a parte posterior perto da unha com hum alfinete de ferro, que o mesmo demonio trazia, e era grande, e como aquelle alfinete nam tinha elle visto algum e da tal ferida sahia uma gota de sangue que o demonio tomou na palma da mão e nam sabe o que fez d'ella.»²³

«Disse mais (o tio de Massarelos) que quando o demonio lhe pediu a gotta do seu sangue que lhe deu e deitou na mão, vio na mão do mesmo demonio uma cousa resplandecente, e como côr verde pequena, e do tamanho do aljôfar, e como cousa que estava pegada em um dedo, mas não por modo de anel, etc.»²⁴

O pacto indicado nas passagens que acabam de ler-se é o conhecido pelo nome de *pacto de sangue*. Mas existem ainda outros modos de selar a aliança com o Diabo, e num processo da Inquisição tantas vezes já por nós citado, encontra-se por exemplo o seguinte designado como o *pacto das três pedras*: «Em virtude do conção que contigo diabo tenho feito, pois me mandaste deitar as três pedras no poço em teu nome e meu, e por sinal me disseste que quando as tornasse a vêr na minha mão não divinharia mais nada, e me succederião muitos males, te esconjuro pellas dittas três pedras e concerto, que aqui concorras a tirar o mal d'este corpo, ou a tirar este diabo d'elle, ou a sarar esta doença, ou a tirar estes feitiços, ou adivinhar ou fazer o que te pedir.»²⁵

Mas nem sempre o Diabo consegue realizar o pacto para ele tão desejado. Às vezes, todas as suas promessas²⁶ e astúcias são impotentes para abalar a fé

²² Processo de Luis de La Penha, etc.

²³ Processo do Tio de Massarelos. Inquisição de Lisboa, n.º 4222, Arq. Nac..

²⁴ Idem.

²⁵ Processo de Luis de La Penha *apud* Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, n.º VI.

²⁶ Nos processos da nossa feitiçaria encontram-se vários exemplos destes prometimentos. Assim, no processo do Tio de Massarelos, já por nós citado, diz-se: «que o demonio lhe declarou, segundo

da pessoa a quem se dirige, a qual armada com a virtude de um esconjuro pode mesmo prejudicá-lo gravemente.

Um dos esconjuros mais eficazes é a *Oração do Anjo Custódio*, espécie de diálogo entre o Diabo e a pessoa que está disposta a resistir-lhe. Em seguida, publicamos uma versão coligida por nós da tradição oral²⁷:

- Diabo* — Custódio amigo, tu queres ser santo?
Pessoa — Custódio sim, amigo não!
 Quero sim pela graça de Deus,
 E do divino Espírito Santo.
Diabo — Hás-de dizer-me doze palavras ditas e retornadas. Quais (sic) delas é a primeira?
Pessoa — A primeira é a casa santa de Jerusalém,
 donde Cristo, senhor nosso, padeceu por nós, amen.
Diabo — Custódio, amigo meu, etc.
Pessoa — Custódio sim, etc.
Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas é a segunda?
Pessoa — A segunda são as tabuinhas de Moisés
 Onde (sic) Cristo, senhor nosso, pôs os seus divinos pés;
 e a primeira (repete), etc.
Diabo — Custódio, amigo meu, etc.
Pessoa — Custódio sim, etc.
Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais dela é a terceira?
Pessoa — A terceira são as três pessoas da Santíssima Trindade; e a segunda, etc. (repete 1.^ª e 2.^ª).
Diabo — Custódio, amigo meu, etc.
Pessoa — Custódio sim, etc.
Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas é a quarta?
Pessoa — A quarta são os quatro evangelistas; a terceira, etc (repete a 3.^ª, a 2.^ª e a 1.^ª).
Diabo — Custódio, amigo meu, etc.
Pessoa — Custódio sim, etc.
Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais dela é a quinta?
Pessoa — A quinta são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; a quarta, etc. (repete a 4.^ª, a 3.^ª, a 2.^ª e a 1.^ª).
Diabo — Custódio, amigo meu, etc.
Pessoa — Custódio sim, etc.
Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas é a sexta?
Pessoa — As seis são os seis celebrantes; a quinta, etc. (repete a 5.^ª, a 4.^ª, a 3.^ª, a 2.^ª e a 1.^ª).
Diabo — Custódio, amigo meu, etc.
Pessoa — Custódio sim, etc.
Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas são as sete?
Pessoa — As sete são os sete pecados mortais; as seis, etc. (repete a 6.^ª, a 5.^ª, a 4.^ª, a 3.^ª, a 2.^ª e a 1.^ª).
Diabo — Custódio, amigo meu, etc.
Pessoa — Custódio sim, etc.
Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas são as oito?

a confissão do reo, muitas vezes onde estavam thesouros e minas, sendo a hora a que o mesmo demonio lhe costumava apparecer, pela manhã e à bocca da noute, depois das Ave-Marias».

²⁷ De uma velha da Terra da Feira que encontrei em Lavadores (Porto). Cf. Ad. Coelho: *Romanças Sacros, Orações e Ensalmo Populares do Minho*, in *Romania*, m.

Pessoa — As oito são os oito coros de anjos; as sete, etc. (repete a 7.º, a 6.º, a 5.º, a 4.º, a 3.º, a 2.º e a 1.º).

— Custódio, amigo meu, etc.

Pessoa — Custódio sim, etc.

Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas são as nove?

Pessoa — As nove são os nove meses de Nossa Senhora, que trouxe o seu amado filho no seu divino ventre; as oito são, etc. (repete a 8.º, a 7.º, a 6.º, a 5.º, a 4.º, a 3.º, a 2.º e a 1.º).

Diabo — Custódio, amigo meu, etc.

Pessoa — Custódio sim, etc.

Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas são as dez?

Pessoa — As dez são os dez mandamentos; as nove, etc. (repete a 9.º, a 8.º, a 7.º, a 6.º, a 5.º, a 4.º, a 3.º, a 2.º e a 1.º).

Diabo — Custódio, amigo meu, etc.

Pessoa — Custódio sim, etc.

Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas são as onze?

Pessoa — As onze são as onze mil virgens do Algarve (sic); as dez, etc. (repete a 10.º, a 9.º, a 8.º, a 7.º, a 6.º, a 5.º, a 4.º, a 3.º, a 2.º e a 1.º).

Diabo — Custódio, amigo meu, etc.

Pessoa — Custódio sim, etc.

Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas são as doze?

Pessoa — As doze são os doze apóstolos; as onze, etc. (repete a 11.º, a 10.º, a 9.º, a 8.º, 7.º, a 6.º, a 5.º, a 4.º, a 3.º, a 2.º e a 1.º).

Diabo — Custódio, amigo meu, etc.

Pessoa — Custódio sim, etc.

Diabo — Hás-de dizer-me, etc. Quais delas são as treze?

Nossa Senhora respondeu:

Treze raios tem o Sol,
Treze raios tem a Lua;
Arrebenta Diabo,
Que esta alma é de Deus, não é tua!²⁸

Outra maneira de impedir que o Diabo se assenhoreie de alguém é a seguinte, que vem descrita num dos nossos *almanaques*²⁹, e que se encontra com diversas variantes em diferentes pontos do País:

«Uma légua ao norte de Guimarães há uma ponte por baixo da qual passa o rio Ave, denominada — *Ponte de S. João*. Quando alguém daqueles sítios está doente e descrê dos socorros da medicina, vai ao meio da ponte, à meia-noite em ponto, acompanhado por um padre, com meio alqueire ou um alqueire de milho alvo ou painço; o padre lê-lhe os exorcismos e o doente atira o milho da ponte abaixo, seguido de três punhados de sal, e o Diabo a quem o padre impõe a obrigação de largar a criatura lá fica entretido a contar os grãos de milho, até à consumação dos séculos.»³⁰

²⁸ Cf. Vasconcelos Abreu: *Contribuições Mitológicas* in *Renascença*, vol. I, pg. 115-117. Esta oração também é eficaz contra as bruxas; apenas se começa a rezar tal oração as bruxas vêm ter com a pessoa e pedem-lhe que a acabe (Terra da Feira).

²⁹ *Almanaque de Lembranças*, 1860, pg. 150.

³⁰ Cf. Adolfo Coelho: *Revista de Etnologia*, etc., IV, 153. Consiglieri Pedroso: *Contribuições*

Outras formas de esconjuros ainda existem³¹, que no entretanto por brevidade omitimos.

Vamos terminar o nosso trabalho apresentando diversas lendas, tradições e superstições populares relativas ao Diabo, que não tentaremos aqui explicar, porque esse trabalho reservamo-lo nós para mais tarde, conforme por diversas vezes temos repetido.

Na noite de S. João à meia-noite, vão as raparigas de Avintes colher a semente do feito (feto). Põem debaixo do feito um guardanapo de olhos, com uma moeda de doze vinténs em prata em cada ponta, e um *sino-saimão* no meio. Depois à meia-noite sente-se um grande barulho e uma voz, que é o Demónio, dizer: «colhes tu, ou colho eu?» Se a pessoa disser: «colhes tu» nunca mais aparece; mas se disser: «colho eu», então cai uma semente e com ela encontram-se as pessoas que se querem, as quais vão para onde a gente desejar³² (S. Cristóvão de Mafamude — Porto). É a esta tradição supersticiosa que se refere evidentemente a seguinte quadra que ouvimos cantar em Lavadores:

Meu amor não vás a Avintes,
Nem p'ra lá tomes o jeito;
Olha que as moças de lá,
Trazem a semente do feito!

Esta lenda, além das variantes já por nós citadas num dos números anteriores dos presentes estudos³³, apresenta mais as seguintes versões:

«Na noite de S. João, quem fizer, da meia-noite para a uma hora, um sino-saimão numa encruzilhada de estradas, e se deitar dentro dele, vê muitos diabos a quererem fazer-lhe mal. Se a pessoa for resoluto e não se assustar, escapa; e enquanto tiver aquele fato com que esteve deitada no sino-saimão, ninguém lhe pode fazer mal e é a pessoa mais valente que há.» (Caldas da Rainha).

Na véspera de S. João, em certa povoação do concelho da Feira, dois indivíduos de espada em punho dirigem-se a um bosque, estendem uma toalha no chão e colocam-lhe em cada ponta uma moeda de doze vinténs em prata; depois

para uma *Mitologia Popular Portuguesa*, IV, 13; Hertz: *Der Werwolf*, pg. 125. Cf. Mais o seguinte fragmento de uma oração popular:

Se o Diabo viesse,
Para m'atentar,
As arcias do mar
Lhe mandaria contar.

(Coelho, *Romania*, III, 269)

³¹ Cf. por ex., a que se acha em Coelho: *ob. cit.*, IV, 153-154.

³² Afanasiev: *Poeticheskiia wozzrieniia, etc.*, in, 719; para uma superstição idêntica entre os Hindus, veja-se: Maive Stokes: *Indian Fairy Tales*, pg. 243; para a superstição entre os Malorru-sos, veja-se: Gubernatis: *Mythologie des plantes*, pg. 188 e seg. onde são citados os trabalhos de Rogovic e de Markevic, que não possuímos.

³³ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, III, 17 (edição à parte).

desenham na terra um sino-saimão e colocam-se em cima dele. Quando dá meia-noite, dizem, passa pelo ar um cardume de demónios, seguidos de um vento impetuoso e clamam: «colheis vós, ou colhemos nós?» Ao que respondem imediatamente os dois indivíduos; «colhemos nós», enrolando ao mesmo tempo a toalha e dando às de vila-diogo. Sendo dia, desenrolam a toalha e encontram certa semente, que denominam do «feto». Esta semente tem uma virtude maravilhosa, porque, tocando com ela em alguma rapariga não deixa esta de ceder aos malévolos intentos do que a persegue.»³⁴

No passeio que vai de Ponte de Lima a Nossa Senhora da Guia, junto àquela villa, há uma pedra chamada a *Pedra do Diabo*, a qual tem uma pequena concavidade onde o povo quer ver o sinal das unhas do Diabo.

«No centro da *Praça da Fonte*, na vila de Cuba, havia um poço, que foi mandado demolir e que se apelidava: *Fonte do Diabo*. É tradição popular existir ali espírito maligno, e que de noite se reuniam naquele sítio duendes, espectros e fantasmas, que a certas horas saíam dali transformados em lobisomens e bruxas, e estas se iam introduzir nas casas a fazer malefícios, etc.; quem a tais horas passava por ali sem rezar ou fazer o sinal da cruz era agarrado pelo Demónio e afogado.»³⁵

«A ponte de Val-Telhas, segundo tradição da gente de Torre-de-Dona-Chama, foi feita numa noite. Alguém que por ali passou à meia-noite viu o Diabo a trabalhar e ouviu:

Galo preto,
Galo branco,
Anda ao canto.

Ao outro dia de madrugada, o Diabo dizia:

Galo branco,
Galo pinto,
Pare o bico».³⁶

A ponte de Domingos Terne, sobre o Ave, uma légua para o norte da Senhora de Porto de Ave, foi, segundo a tradição, feita pelo Diabo. Eis o caso. O Diabo queria ajudar dois namorados, cada um dos quais morava em lugares diferentes e separados pelo rio. Todas as noites lançava sobre este uma ponte para o rapaz ir ter com a sua conversada (namorada). Soube-se disto e uma noite um padre pôs-se à espreita, e depois que o rapaz passou, exorcizou de repente a ponte, que o Diabo nunca mais a pôde retirar.³⁷

³⁴ *Almanaque de Lembranças*, para 1876.

³⁵ *Almanaque de Lembranças*, para 1859, pg. 373.

³⁶ Leite de Vasconcelos: *O Panteão*, n.º 3, pg. 50; Cf. para uma tradição análoga: Coelho, *ob. cit.*

³⁷ Comunicado pelo nosso ilustre amigo F. Martins Sarmiento.

A amendoeira é a árvore que enganou o Diabo. O Diabo como a viu florescer em Janeiro, sentou-se debaixo dela, à espera que lhe amadurecessem os frutos, para depois ir guardar as outras árvores. Esteve até Setembro à espera do fruto, pois é neste mês que a amendoeira o dá. Como nesse mês não estivessem maduras ainda as amêndoas, cansado de esperar foi espreitar as outras árvores. Estas, porém, já estavam apanhadas e o Diabo todo desapontado voltou para debaixo da amendoeira, mas neste meio tempo tinham-lhe apanhado também as amêndoas e o Diabo ficou logrado (Lisboa).

Na véspera do dia de S. Bartolomeu (24 de Agosto), em que segundo a crença vulgar anda o Diabo solto, devem deixar-se debaixo do travesseiro três castanhas piladas, para o Diabo não entrar com a pessoa (Lisboa).

Do lado direito de cada um de nós anda sempre o anjo da Guarda a proteger-nos e a aconselhar-nos em bem, e do lado esquerdo anda o Diabo a desfazer o que o anjo da guarda faz e a tentar-nos para mal (idem).

— Quando fazem trovões é o Diabo que está a bater na mulher.

— Quando se perde alguma coisa é porque o Diabo a apanhou e se está a servir dela.

— O Diabo não pode fazer mal a quem se não assuste dele e conserve a sua presença de espírito.

— No dia de S. Bartolomeu anda o Diabo solto cá por este mundo, durante duas horas (Santarém).

— Não se deve passar de noite junto das pocilgas, onde haja porcos pretos, porque se corre o risco de ser atacado pelos demónios³⁸.

— O Diabo não pode ver o alecrim, por isso é que a gente se defuma com ele (Lavadores).

— O Demónio, tendo todos os poderes, não tem o de adivinhar (idem).

— Quando uma pessoa anda para trás, está o Diabo a rir-se.

— Quando uma pessoa anda para trás, o Diabo acompanha-a.

— Quem fala só consigo, responde-lhe o Diabo.

— Quem se vê a um espelho à noite com uma luz na mão, vê dentro do espelho o Diabo³⁹.

— Quem se vê de noite sem luz ao espelho vê o Diabo⁴⁰.

— Brincar com a sombra da própria pessoa, na parede, é muito mau, porque se brinca com o Diabo⁴¹.

— É muito mau, quando se vai por uma estrada de noite, voltar-se para trás, porque fica o Diabo a fazer cruzeiros nas costas⁴².

³⁸ Superstição da ilha de S. Tiago de Cabo Verde.

Almanaque de Lembranças para 1872. Sobre a dupla forma por que o povo concebe o Diabo, ou como uma entidade unitária, ou como um nome comum a muitos seres da mesma natureza, veja-se: Adolfo Coelho, *Revista de Etnologia*, etc. IV, 151.

³⁹ C. Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* V, n.º 306.

⁴⁰ Idem, n.º 384.

⁴¹ Idem, n.º 385.

⁴² Idem, n.º 391.

- Quem fala só, fala com o Diabo⁴³.
- Quando faz sol e chove está o Diabo a dar na mulher⁴⁴.
- Quem anda para trás, faz o caminho do Diabo⁴⁵.
- Quando se perde alguma coisa e se quer achar, deve rezar-se a seguinte oração, quando se anda a procurar: O Diabo esteja aos pés do Santíssimo Sacramento a rezar novenas, coroas e rosários; e há-de o rabo morder, enquanto que o que eu perdi (nomeando o objecto) não aparecer⁴⁶.
- Quem passar por sítio onde estiverem porcos pretos, está em perigo de se encontrar com o Diabo⁴⁷.
- Quem com o Diabo cava a vinha, com o Diabo a vindima.
- Fevereiro quente traz o Diabo no ventre.

A respeito das relações do Diabo com as bruxas e feiticeiras, relações que constituem um dos mais curiosos capítulos da história da entidade mítica de que nos estamos ocupando, já num estudo precedente⁴⁸ a elas nos referimos largamente.

Outra investigação importante seria o percorrer os nossos contos populares, procurando a forma por que nestes contos o Diabo é representado. Na impossibilidade de empreender este trabalho sobre a nossa grande colecção inédita⁴⁹, indicaremos os contos da colecção do nosso colega Adolfo Coelho⁵⁰, onde o Diabo se encontra representando um papel. São eles: *Mais Vale Quem Deus Ajuda do que Quem muito Madruga*, *O Homem da Espada de Vinte Quintais* (neste conto o mijo do Diabo faz com que não pegue o fogo num certo objecto), *O Preço dos Ovos*, *O Senhor das Janelas Verdes*.

Também pela escassez do tempo que pudemos dedicar a este trabalho e até certo ponto pela escassez de espaço, pois não devíamos prolongar demasiadamente este artigo, deixámos de fazer todas as aproximações com as mitologias estranhas, para as quais, no entretanto, possuíamos os elementos. Para obviar, porém, a este inconveniente, ainda que de uma maneira imperfeita, damos em seguida a lista de algumas obras relativas às mitologias áricas, especialmente germânica e eslava, onde a tradição do Diabo se nos depara. Com esta indicação será fácil ao leitor preencher no nosso trabalho as lacunas, que por agora fomos obrigados a deixar-lhe:

Jacob Grimm: *Deutsche Mythologie*. 4.^{ta} Auflage, Ii, 823 e seg.; *Zur Volkskunde. Alte und Neue Aufsätze*, 367 seg., 400, 494, 499, 334, 338, 370, 371; Wuttke: *Der deutsche Volksaberglaube der Gegenwart*, 2.^{ta} Auflage, índice, *sub voce* Teufel; Laistner: *Nebelsagen*, índice, *sub voce*; Vec-

⁴³ Idem, n.º 392.

⁴⁴ Idem, VIII, n.º 414.

⁴⁵ Idem, n.º 417.

⁴⁶ Cf. *El Folk-Lore andaluz*, i, 41, em que se encontra uma versão de um responso a Santo António, para encontrar o perdido.

⁴⁷ Consiglieri Pedroso: *Contribuições*, etc., VIII, n.º 508.

⁴⁸ Consiglieri Pedroso: *Contribuições*, etc., II.

⁴⁹ Conta-se hoje para cima de 500 contos, incluindo neste número as *Märchen* propriamente ditas e os outros géneros mais ou menos afins.

⁵⁰ *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, 1879.

kenstedt: *Wendische Sagen, Märchen und abergläubische Gebräuche*, 298, 299, 300-308; Schulenberg: *Wendische Volkssagen und Gebräuche aus dem Spreewald*, índice, *sub voce*; Schwartz: *Der Ursprung der Mythologie dargelegt an griechischer und deutscher Sage*, Index, *sub voce*; Grohmann: *Aberglauben und Gebräuche aus Böhmen und Mähren*, Index *sub voce*; Jón Árnason: *Islenskar Thjóðsögur og Aefintýri*, índice, *sub voce*; Maurer: *Isländische Volkssagen der Gegenwart, vorwiegend nach mündlicher Ueberlieferung gesammelt und verdeutscht*, Index, *sub voce*; Thiele: *Den danske Almues overtroiske Meninger*, §§ 735, 344, 629, 561, 763-769; Henderson: *Notes on the Folk-Lore of the Northern Counties of England and the Borders*, Index, *sub voce* «Devil»; Afanasiev: *Poeticheskiia vozzreniia slavian naprirodu* (ideias poéticas dos Eslavos acerca da natureza), Index, *sub voce* «Tchorti»; Dragomanov: *Malorusskiiia narodnyiia predaniia e razskazy* (tradições e contos populares pequeno-russos), pg. 42-59; Hildebrandt-Tchubinski: *Trudy etnograficheskoi statisticheskoi ekspeditsii v zapadno-russkii krai, snariajennoi imperatorskim russkim geograficheskim obstchestvom* (Trabalhos da expedição etnográfica estatística enviada à região ocidental da Rússia pela Sociedade Imperial Russa de Geografia), tomo I, pg. 183 e seg.: Zabylin: *russkii narod, ego obyichai, obriady, predaniia, suevieriia, ipoezzia* (o povo russo, os seus costumes, usos, tradições, superstições e poesia) pg. 199-224; Primus Sobotka: *Rostlinstvo v národnim podání slovanském* (As plantas nas tradições populares dos Eslavos) pg. 155, 173, 277, 347, 327; Kolberg: *Lud. lego zwyczaie, spcsób zycia, mowa, podania, przyslowia, obrzendy, gusla, zabaswy, piesni, muzyka i tance* (O povo. Seus costumes, modo de viver, linguagem, tradições, provérbios, cerimónias, encantamentos, passatempos, cantos, música e dança), vol. XV, pg. 75-118, 266; Kolberg; *Pokuc. Obraz etnograficzny*; Politis: *Neoellénikē Mythologia*, I, 421 e seg. etc.

XII

SUPERSTIÇÕES POPULARES (VÁRIA)*

- 532 Não se devem deixar ao deitar as botas ou os sapatos à cabeceira, porque se têm sonhos muito maus.
- 533 É de muito mau agouro sair de uma casa e voltar de novo a morar nela.
- 534 Quando um cão ainda é pequeno, para que não cresça mais deve passar-se pela asa de uma bilha da direita para a esquerda, três vezes.
- 535 Para livrar-se de acidentes uma pessoa, deve trazer num dos braços uma argola de metal.
- 536 Quando uma pessoa vai empreender um negócio ou tratar de alguma coisa de circunstância e que no caminho encontra um cão acorrido, tudo lhe sai torto.
- 537 A popa (ave) quando aparece nos campos prognostica abundância, e, conforme também crêem, recomenda economia. As pessoas do campo afirmam que ela quando canta diz: *poupa o pão! poupa o pão!* Quando porém dobra o canto muito, quer dizer que o ano é pouco abundante.
- 538 A lavandisca (ave) é o pássaro que vai lavar os pés a Nosso Senhor. Não se deve por isso nem matar nem apanhar; e traz felicidade às casas das quais se aproxima e às pessoas a quem se chega.

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 4.º vol.: 214-228.

- 539 Para curar verrugas faz-se o seguinte: a pessoa que as tem vai bater à porta de alguém, que lhe não seja afeiçoado ou mesmo que não conheça. Quando a pessoa que está de dentro lhe pergunta — quem é —, a referida pessoa deve dizer:

Verrugas trago
Verrugas vendo;
Aqui as deixo,
E vou correndo.

E deve deitar a correr em seguida, que fica livre delas (Minho).

- 540 Para tirar-se mau olhado deve rezar-se a seguinte oração:

Deus te fez,
Deus te criou;
Deus te desolhe
De quem mal te olhou;
Se é torto ou excomungado,
Deus te desolhe do seu mau olhado.

- 541 Quando se tem uma impigem, esfrega-se todos os dias com saliva, em jejum, dizendo:

Impija, rabija (sic),
Assim como eu já hoje comi e bebi,
Assim tu nasças (sic) aí.

- 542 Quando uma pessoa tem um sapato de uma qualidade e outro de outra, é sinal que está para casar.

- 543 Quando uma pessoa vai a levar uma coisa à boca e lhe cai, é porque alguém quer falar com essa pessoa e não pode.

- 544 Quando uma pessoa vai a uma casa e à saída arruma a cadeira em que esteve sentado, é sinal que não volta lá mais.

- 545 A sombra da figueira faz sezões, e por isso a gente do campo evita dormir debaixo desta árvore.

- 546 Quando se calça uma meia do avesso, é sinal de prenda.

- 547 Quando os gatos lavam com a mão o focinho, é sinal de visita. Se é com a pata por cima da orelha, é sinal de mulher; se é por baixo, é sinal de homem; e se é por baixo e por cima, é sinal de homem e mulher.

- 548 Para curar uma erisipela, mata-se um frango preto. Pega-se então no frango sangrado e durante nove dias a fio faz-se com ele uma cruz no sítio da erisipela, uma vez para um lado e outra para outro. Fazem-se umas rezas ao mesmo tempo, e no fim de nove dias está curada.
- 549 Duas pessoas a abrirem a boca ao mesmo tempo, hão-de ser compadres ou vizinhos de muito perto.
- 550 Quando aparece uma alma do outro mundo, deve perguntar-se-lhe: «Da parte de Deus e da Virgem Maria, se és alma do outro mundo, dize o que queres?»
- 551 Quando aparece uma alma do outro mundo e que pergunta alguma coisa, nunca se lhe deve responder. A pessoa que lhe responde, morre.
- 552 Há uma planta nos arredores de Lisboa conhecida pelo nome de «Saião ou Ensaião» (?). Jardim ou janela onde esta planta exista, as raparigas e os rapazes solteiros aos quais o referido jardim ou janela pertença, não casam. Por isso logo que a descobrem, a destroem.
- 553 É agouro uma rapariga sonhar com raparigas e um rapaz sonhar com rapazes.
- 554 O caroço da tâmara tem um sinal em forma de *o*. Diz-se que esse sinal provém de ter Nossa Senhora, na sua fuga, exclamado: «O! que bela fruta.»
- 555 Quando o gato se lambe ao meio da casa, é sinal de visitas.
- 556 Secar ao sol o enxoval urinado de uma criança, faz com que ela se mirre.
- 557 A popa (ave) no mato diz:

Quem não poupa
Água, nem lenha,
Não poupa
Nada que tenha.

- 558 Quando se têm pombos em casa, não se deve acabar com eles, senão começa a andar a fortuna para trás. Mas vendo-se a pessoa forçada a deixar de os ter, deve, para que não se cumpra o vaticínio, comprar com o dinheiro do último casal cera para oferecer a um santo.
- 559 Quando fazem trovões e está uma galinha deitada com ovos, para estes não golarem, devem pôr-se em cima da galinha dois ferros em cruz.

560 Quando as moscas varejeiras andam à roda de uma pessoa muito esper-
tas, é sinal de boa nova; se pelo contrário, andam muito moles, é sinal de
má nova.

561 Sonhar com crianças é sinal de fortuna.

562 Sonhar com uma igreja é sinal de morte de pessoa conhecida.

563 Quando se sonha com sangue, vence o inimigo (o Diabo?).

564 Para curar a icterícia deve fazer-se o seguinte: Durante sete noites urina-
-se numa púcara de cinco réis, põe-se a ferver ao lume até se sumir de todo
a urina e, quando está sumida, tira-se a púcara do lume, voltam-se as cos-
tas para uma janela ou porta, e atira-se para trás das costas a púcara à rua,
dizendo:

Assim como esta púcara se quebra,
A icterícia se vá embora!

565 A pessoa que tem icterícia, deve urinar todas as manhãs num pé de mar-
roios (planta). Se o pé de marroios seca, morre o indivíduo. Se não seca,
pelo contrário melhora.

566 Para curar a icterícia faz-se o seguinte: Tomam-se tantos tremoços, como
de dias tem o ano, e deitam-se numa panela. Durante oito dias deve urinar-se
em cima deles pela manhã, quando a pessoa se levantar. Enfiam-se depois
num cordel e põem-se ao fumeiro. À medida que os tremoços vão a secar,
seca a icterícia também.

567 Talha-se o terçol da seguinte maneira: Acende-se uma fogueira em casa
que tenha duas portas. Entra-se (a pessoa que o tem) por uma porta cor-
rendo e salta-se três vezes a pés juntos por cima da fogueira, gritando:
«Aqui-del-rei! fogo em casa do terçogo!» Depois sai-se pela outra porta,
gritando o mesmo.

568 Quando se formam caroços no peito de uma mulher, que dá de mamar
(e que se chamam «cabelos»), pega-se num pente, e começa-se a fingir que
se penteia debaixo do peito para cima. Fazendo-se isto a mulher cura-se.

¹ Apesar de no presente número e nalguns anteriores termos incluído diferentes superstições
sobre medicina popular, reservamos o maior número delas para um número especial. Será então
ocasião de publicar a valiosa colecção que para nós tem juntado o ilustrado médico e nosso amigo,
o Ex.^{ma} Sr. Dr. Moncada, da Azinhaga (Santarém), ao qual desde já agradecemos o seu impor-
tante concurso.

- 569 Para uma mulher secar o leite, põem-se-lhe uns ramos de salsa debaixo dos braços, e depois munge-se o leite atrás duma porta.
- 570 Para secar o leite a uma mulher, ferve-se a cebola branca (alvarrã), lava-se-lhe o peito com a água, e munge-se o peito dentro da mesma água.
- 571 Lavar as mãos na mesma água ou limpar-se à mesma toalha que outra pessoa, é sinal que as duas hão-de ter brigas.
- 572 Quando há um cabelo no peito de uma mulher (vide n.º 568), para se curar, mede-se-lhe este nove dias a fio com uma fita de baixo para cima, e mete-se depois a mesma fita debaixo do pote.
- 573 Para talhar uma íngua deve o doente olhar para uma estrela e dizer três vezes:

Estrela, a minha íngua diz que seques tu!
Eu digo que seque ela e que luzas tu!

- 574 É agouro espetarem-se no chão os bicos de uma tesoura.
- 575 Quinta-feira da Ascensão ao meio-dia os pássaros saem dos ninhos.
- 576 É muito mau comer com o dinheiro à mesa, porque o Diabo quando come está sempre com o dinheiro em cima da mesa.
- 577 A toupeira trocou os olhos pelo rabo do sapo.
- 578 O Sol passou pela Lua e atirou-lhe com uma mão cheia de terra; por isso ela ficou escura e com manchas.
- 579 Para passar o medo a uma pessoa, bate-se-lhe com uma imagem de S. Bartolomeu na cabeça, dizendo: «medo fora!»
- 580 Para se saber, quando uma mulher está grávida, o sexo da criança, é preciso saber se, no momento de ficar grávida, era quarto crescente ou minguante. Se foi crescente é rapaz, se foi minguante, é rapariga.
- 581 Para curar a azedia (doença) é preciso dizer sete vezes a fio sem parar, o seguinte:

Azedia, azedia,
No monte se cria;
Cabras guardadas,
P'ramor d'azedia.

- 582 Bom remédio para as sezões é comer um queijo feito na Quinta-Feira de Ascensão.
- 583 Para se curar a erisipela na cabeça, apanha-se uma toupeira, corta-se-lhe a cabeça e mete-se num saquinho que se pendura ao pescoço da pessoa doente.
- 584 Para se curar uma criança de quebranto, juntam-se quatro bocados de chita, quatro de algodão, quatro de sapatos velhos, quatro de pau-do-ar, quatro ramos de aroeira, quatro de rosmaninho, quatro de alecrim; deita-se tudo no lume e passa-se pelo fumo a criança doente.
- 585 Para curar de ataques epilépticos, mede-se a pessoa que os tem com uma cana, e coloca-se a mesma cana por detrás do altar do Menino Jesus em noite de Natal.
- 586 A erva-moliana (planta), onde Nosso Senhor pôs os pés e fez a cama (sic), quando uma pessoa a tem não a deve dar a ninguém, senão perde a fortuna.
- 587 A erva-de-nossa-senhora (planta) apanha-se no dia de S. João ao meio-dia ou à meia-noite, e depois quando se quer saber se uma pessoa é feliz ou não (é apanhada em atenção a essa pessoa) reza-se-lhe e pendura-se à cabeceira. Se a pessoa é feliz a erva conserva-se verde; se pelo contrário não é, a erva murcha e seca.
- 588 Quando uma pessoa morre, o seu *carnal* não volta mais; mas pode aparecer uma sombra ou uma estátua (sic) (*eidoIon?*).
- 589 Quando se enterra um defunto, as pessoas que o vão acompanhar devem deitar três mãos cheias de terra na cova, para não sonharem com ele.
- 590 Não se deve apontar para as estrelas, porque nascem cravos.
- 591 No dia de S. Bartolomeu, o Diabo faz... nas amoras e por isso não se devem comer daí por diante.
- 592 As almas do outro mundo se ficam devendo alguma coisa neste e lho não perdoam à hora da morte, têm que vir entre os vivos para o ganharem (sic).
- 593 As pessoas que roubam as colmeias de abelhas, não têm recolhimento nem no Céu nem no Inferno, e vêem-se, em forma de uma luz muito grande do feitio de uma cabeça de boi (sic), andar de noite por cima dos pinheiros, pousar e tornar a levantar-se. Chama-se a isto a *colmeia*. É a alma do ladrão. Se uma pessoa se chega a uma *colmeia* com uma luz na mão, ela assopra e chamusca-lhe as barbas (Lavadores).

594 É bom ter um gato em casa, que livra de coisas ruins.

595 A erva-moliana tem grande virtude. Pega-se nela e planta-se num vaso. Depois deita-se dentro do vaso um bocadinho de oiro, de prata e de cobre. Em seguida salva-se (sauda-se) todos os dias ao levantar da cama, com esta oração:

Deus te salve, moliana!
Onde Nosso Senhor Jesus Cristo
Pôs os pés e fez a cama.
Assim como Nosso Senhor
Te encheu de verdura,
Assim tu me enchas de fortuna,
No comprar e no vender,
E em todos os negócios,
Que eu pretender fazer;
Assim como te eu dei prata e cobre,
Assim tu me dês ouro
Para eu dar esmola ao pobre.

Enquanto a erva está verde, é porque a casa está feliz, mas se alguém adoece a erva começa a murchar e depois seca. O mesmo acontece se a casa anda para trás. (Lavadores).

596 A erva-moliana dá uma flor que se chama a *pena-da-moliana*. Corta-se na noite de S. João, entre as onze e a meia-noite, e deve sair-se a barra do Porto três vezes (entrar e sair) a essa mesma hora com ela. Depois leva-se a uma igreja e mete-se debaixo da pedra da era (ara) no altar, para o padre sobre ela dizer a missa. Então, com aquela pena (flor), escrevendo-se uma carta a qualquer pessoa, tem-se tudo quanto se quer e nela se pede (Lavadores).

597 Para curar o *peito aberto* deve fazer-se o seguinte: uma mulher que tenha tido duas crianças de um ventre passa por cima da pessoa doente, que deve estar deitada no chão, e reza esta oração:

Em louvor de Nossa Senhora,
Assim como eu sarei da minha paridura,
Assim tu sares da tua abertura.

598 Quando se encontra um ninho com ovos ou passarinhos, deve chamar-se aos ovos «pedrinhas» para as formigas lhes não fazerem mal, e aos passarinhos «sapinhos» por causa dos sapos lá não irem.

599 É bom pôr uma ferradura na porta para livrar das bruxas ou do mau-olhado.

600 Na noite de S. João borrifava-se o azevinho (planta) com vinho que se
leva numa garrafa. Depois à meia-noite vai-se colher e diz-se-lhe:

Azevinho, meu menino,
Aqui te venho colher;
Para que me dê boa fortuna
No comprar e no vender.

Em seguida leva-se para casa, para se ter boa fortuna (Lavadores).

601 A criança que nasce dentro de um fole (membrana) é feliz; mas deve
guardar-se esse fole muito bem, senão a criança torna-se desgraçada.

602 Na noite de S. João apanha-se a rosa-de-jericó entre as onze e a meia-
noite. Depois põe-se ao orvalho e mete-se no cabelo. Fazendo-se isto está-
-se livre de dores de cabeça e cresce o cabelo. (Lavadores).

603 Nossa Senhora estava à beira do rio e perguntou à solha (peixe) se a
maré enchia ou vazava. A solha fez um a carranca. Então Nossa Senhora
disse-lhe: «com a boca à banda fiques tu!» E ficou. (Idem).

604 O chasco (ave) é meio sapo e meio pássaro. (Idem).

605 Quando Nossa Senhora ia a fugir com o menino, passou por um tre-
moçal e como eles comessem a fazer barulho, disse-lhe ela que ficassem
almaldiçoados e que nunca fartassem ninguém. E assim foi.

606 Os pinhões também foram amaldiçoados por denunciarem a passagem
da Senhora com o barulho.

607 Os fetos igualmente foram amaldiçoados pelo mesmo motivo; e esses
então ficaram com as mãos na cabeça (as folhas voltadas para cima).

608 A figueira é uma árvore amaldiçoada, porque Judas se enforcou nela.
É por isso que o ar dela é mau e até se talha o *ar da figueira*. Queda dela
abaixo é mortal também.

609 No dia de S. João vê-se o Sol a dançar quando se olha para a água.

610 No dia de S. João o Sol nasce aos pulinhos.

611 Quando dá numa pessoa o *benzinho de Deus* (a gota) pela primeira vez,
para que a doença não torne a repetir-se faz-se o seguinte: Aparam-se ao
enfermo as unhas dos pés e das mãos, embrulham-se depois num papel e
metem-se dentro de um carvalho cerquinho.

612 Para curar o «mal de estupor» ou um «ramo de estupor» (apoplexia), tira-se a camisa ao doente, rasga-se e queima-se; depois deita-se a cinza dentro de uma toalha nova e vai deitar-se ao mar.

613 Quando um homem deseja uma coisa e a não tem pode ter *queixa de madrigão* (sic). A mulher tem queixa de madre.

614 O gato resendeu (sic — nasceu) da baba do leão.

615 Quando uma criança espirra deve dizer-se-lhe para que lhe não aconteça mal:

Para bem cresça e apareça;
Bons olhos a vejam,
E os maus cegos sejam.

616 Quando uma mulher se encontra com dificuldade no parto, deve um parente ir a qualquer igreja e tocar um certo número de badaladas, rezando em seguida uma oração. Fazendo-se isto fica a mulher aliviada. (Régua).

617 Quando faz sol e chove está o Sol a alcovitar a chuva. (Coimbra).

618 Quando as batatas grelam, crescem os bens em casa.

619 As cobras mudam a pele de sete em sete anos.

620 Quando há uma criança que é tardonha a falar, vai a mãe a nove casas pedir esmola (de comer) e tudo quanto lhe derem há-de a criança comê-lo para lhe vir a fala. (Tomar).

621 Deve guardar-se o umbigo da criança numa caixa bem fechada, até à idade em que a criança o possa cortar. Chegada a essa idade deve então cortá-lo em bocadinhos, para ficar muito habilidosa.

622 Para se fazer mal a uma pessoa, vai-se à meia-noite a um cemitério, buscar terra do pé das sepulturas. Em seguida deita-se à porta da pessoa a quem se quer fazer mal e toma-se sentido se a mesma pessoa pisou a terra com o pé esquerdo. Se pisou, apanha-se, leva-se para casa e fazem-se-lhe umas certas rezas. Por esta forma fica a pessoa sem ter mais uma hora de fortuna. (Leiria).

623 A pessoa que tem um sino saimão feito com as linhas da mão, não entram coisas más com ela.

- 624 Quando uma pessoa espirra, se não se lhe diz: «Jesus, Maria, José!» ou: «Deus te salve», pode o Diabo entrar-lhe no corpo, se quiser.
- 625 Não se deve ter uma luz numa casa sem ninguém, porque está a alumiar o Diabo.
- 626 Quando duas pessoas lavam as mãos ao mesmo tempo, na mesma água, morrem juntas.

XIII

SUPERSTIÇÕES POPULARES (VÁRIA)*

- 627¹ A criança de um ano está arriscada a ser atacada pelas bruxas, se anda fora de casa, de noite, salvo se vai ao colo do pai. Se é a mãe que a leva, ou a criança há-de trazer consigo um objecto que pertença ao pai (Briteiros); ou há-de a mãe trazer consigo sal ou pão (Fafe).
- 628 Para dar fala a uma criança faz-se o seguinte: A criança deve segurar um cartucho de confeitos na mão. A pessoa que a leva há-de passar por baixo do andor do santo infra e dizer três vezes (tantas quantas passa por baixo do andor):
- S. Luís, rei de França
Dai fala a esta criança,
Que ela quer falar e cansa (Braga).
- 629 Em Basto há duas freguesias limítrofes. Nos limites delas está um pau, onde pode içar-se uma bandeira. Quando numa das ditas freguesias morre alguém, na outra içar-se uma bandeira; preta, se o defunto é homem; branca, se é mulher; vermelha se é anjinho. A primeira pessoa que conseguir nesta freguesia tocar o sino, ou a defunto ou a anjinho, salva-se necessariamente. Isto dá lugar a diferentes conflitos. Se o falecimento é na segunda freguesia, na primeira repetem-se as mesmas cenas.
- 630 Quando uma criança *ougou* (apeteceu uma comida que lhe não deram, donde uma moléstia segundo a crença vulgar) faz-se o seguinte para lhe

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 4.º vol.: 280-294,

¹ As superstições desde este n.º até ao n.º 660 devem-se à obsequiosidade do nosso ilustre amigo, o Dr. F. Martins Sarmento, já tantas vezes citado nos precedentes capítulos da nossa colecção.

restituir a vontade de comer, que ela perdeu: Frita-se num tacho em azeite, ou, se cozido no forno deita-se-lhe azeite por cima (o azeite é indispensável), um bolo da massa do centro da masseira e dá-se à criança *ougada*. Esta há-de comê-lo *atrás de uma porta*, e se alguns restos deixar do bolo, esses restos hão-de ser comidos por um cão preto (Fafe).

- 631 A «laranja para dar fortuna» há-de ser colhida à meia-noite do dia de S. João ou do primeiro de Janeiro. A pessoa que desejar possuí-la, pega nela, vira-se para o Nascente e diz:

Laranjinha redondinha,
Cortada por minha mão,
Dai-me fortuna no comprar e no vender,
E em tudo o que eu pretender. (Fafe).

- 632 Para se saber se um nascituro será macho ou fêmea, faz-se o seguinte: Molha-se uma faneca (castanha chocha) com cuspo e põe-se em cima das brasas. Se a castanha bufar, é menina, se der um estalo, é rapaz. O mesmo se faz com a espinha da sardinha, a que se tem tirado toda a carne. Se a espinha sobre as brasas bufa ou arde sem se contorcer, é rapariga; se se encabrita e retorce o rabo ao arder, é macho (Fafe).

- 633 Em Ruivões e em Santo António de Espinho (concelho de Braga) é uso pôr uma pequena moeda de cobre no caixão do defunto, para a passagem da outra vida.

- 634 Para talhar a *má olhadura* faz-se o seguinte: Molha-se o dedo polegar no azeite de uma lamparina, por exemplo, fazem-se três cruzeiros na testa e diz-se:

De dous (os olhos) t'o deu (sic)
Três to tiraram, que são Padre, Filho e Espírito Santo.

O operante defuma-se então com alecrim e há-de repetir a mesma coisa três noites.

- 635 O azeite em que ardeu luz é sagrado; tem sempre mais virtude, se não é o único que a tem.

- 636 Para curar os *tatibitibes* (as crianças que são tartamudas) ou que não falam tendo já para isso a idade, procede-se da seguinte forma: A mãe, ou na falta dela, a madrinha, mete a criança num fole com a cabeça de fora e há-de ir pedir esmola em três casas da freguesia. Entrando em uma casa não deve sair pela mesma porta. A esmola que receber (que deve ser sempre cousa de comer) há-de ser comida pela criança e o resto por quem

leva a criança (Briteiros). Em algumas partes, a esmola há-de ser comida à beira de uma fonte.

637 O *rinchão* (peto-ave) quando canta, adivinha frio e chuva.

638 Quando os galos e as galinhas cantam muito é sinal de chuva.

639 Quando os bois começam a berrar aos saltos (sic), marrando uns nos outros, é sinal de vento certo.

640 As pinhas, meio queimadas na noite de Natal, deitam-se no lume quando trovoa, para passar a trovoada.

641 Também têm grande virtude contra a trovoada as velas bentas no dia da Senhora da Luz. Devem acender-se quando trovoa. E se estas velas já arderam no presépio do Natal, a sua virtude é muito maior.

642 *Deitar as milhas* (más ervas que prejudicam as sementeiras) é uma operação que consiste no seguinte: É na véspera do Entrudo até à meia-noite que tem lugar. O que quer «deitar as milhas» chama o vizinho em voz alta pelo nome e grita logo em seguida: *milhos para nós, milhas para vós; levai o burro; corregidos* (sic) *sereis vós*. E desata logo a tocar numa buzina com toda a força e de modo que não possa ouvir a resposta do vizinho. Se ouvir a resposta do vizinho (que é o mesmo palavreado) a eficácia deste esconjuro ou impreciação perde-se. Pelo contrário, o que primeiro deitar as milhas ficaria com elas. O vizinho que ficou com as milhas, o remédio que tem é passá-las a outro vizinho. De sorte que nesta noite muitas aldeias até à meia-noite não fazem mais que *deitar milhas* (às vezes para um paroquiano de longe) e tocar buzina.

643 Quando um lavrador costuma ter bons milhos (Minho) é costume dizer-se: *Aquele andou no cambão*. É porque quem quer ter bons milhos faz o seguinte: Na noite de S. João monta num cambão e atravessa assim os campos do seu vizinho, vindo em seguida para o seu e dizendo:

Aqui vou neste cambão,
Na noite de S. João,
P'ra trazer atrás de mim
Pipas de vinho e carros de pão.

Deste modo, o seu campo enriquece-se à custa do do vizinho.

644 O cambão tem ainda outras influências na noite de S. João. A pessoa depois de cavalgar no cambão, pega num malho e vai bater com ele nas medas de centeio, que os vizinhos tiverem na eira. Este centeio vai-lhe cair na sua caixa. Sucedeu, porém, uma vez, que o homem do cambão não pôde bater com o malho nas medas de um vizinho, porque este para evitar a feitiçaria fazia guarda à eira. O do cambão ficou tão desesperado que se vingou malhando numa pereira. Quando chegou a casa a mulher perguntou-lhe: *Que fizeste tu, homem, que tenho a caixa cheia de peras verdes?!*

645 Nas pontes de Domingos Terne de Donim e de S. João, todas sobre o Ave, qualquer mulher estéril pode encontrar remédio para o seu mal. Não tem mais que ir à meia-noite para uma dessas pontes e pedir à primeira pessoa que ali passar que a borriфе com água do rio e lhe diga as palavras do baptismo.

646 Para *se chamarem os mortos* (naufragados) faz-se o seguinte: Ao meio-dia e à meia-noite a pessoa que chama o morto grita à borda do mar: *Ó mar, deita cá para fora esse cristão, que o queremos enterrar em sagrado!* O cadáver acaba por aparecer e aproximando-se dele alguma pessoa de família espirra logo sangue, ainda que tivesse estado na água mais de quinze dias (Póvoa de Varzim).

647 Para livrar os campos de qualquer influência maléfica, diz-se o seguinte na noite de S. João:

Trista com trista (sic)
S. João Evangelista,
Derredor deste renovo (sementeira) assista;
P'ra que se alguma bruxa ou feitiçeira o quiser levar,
Há-de contar as estrelas do céu e as areias do mar,
Com a cabeça para o chão,
E as pernas para o ar,
E este sal há-de apanhar.

Atira-se então ao campo com três pitadas de sal.

648 Sete ervas colhidas na manhã de S. João livram do raio a casa em que se guardam. Neste número devem entrar o alecrim, o funcho, a digitálea, o rosmaninho e o sabugueiro.

649 Não se deve sentar uma criança em cima de uma mesa coberta com toalha, porque fica com gota.

- 650 Se uma mãe, ao levantar a Deus, der de mamar na igreja à criança, fica esta com gota.
- 651 O fel nos defuntos rebenta no sétimo dia. Se antes de deixar passar este dia, alguém se ajoelha na campa do morto, apanha infalivelmente icterícia. Por isso é uso marcar tais campas com um raminho de oliveira ou de murta.
- 652 Quem tem uma ferida livra-se dela facilmente, quando alguém morre. Para isso limpa a ferida a um pano, mete o pano por baixo da cabeça do defunto, dizendo-lhe: (pelo nome) leva-me isto para o outro mundo (Felgueiras).
- 653 Quem lavar os pés à sexta-feira, não deve deitar a água fora nesse dia, senão arrisca-se a ser perseguido pelas bruxas.
- 654 É bom pregar alfinetes no vestido dos anjinhos (crianças falecidas em tenra idade) porque eles vão pedir pela pessoa que os pregou.
- 655 Contra as bichas é bom o seguinte remédio: com sangue de «frango preto» esfregam-se as costas da criança, até lhe fazer bolhas, Cortam-se em seguida as bolhas com uma navalha de barba. A navalha corta a cabeça das bichas, que, segundo é crença, têm acudido ao sangue do frango preto.
- 656 Chamam-se «as Três-Marias» a três estrelas de uma certa constelação (qual?) que se apresentam em linha.
- 657 Para afugentar a passarada das searas faz-se o seguinte: mete-se um fel de boi num «púcaro novo»; pendura-se o púcaro num pau e espeta-se o pau no campo donde se que afugentar os pássaros. Uma rapariga chamada «Maria» e «virgem» dá três voltas então em redor do campo, dizendo:
- Passarinhos ao monte, ao monte,
Que o meu campo tem fel,
E o do meu vizinho mel (Briteiros).
- 658 «Senhora a Branca» é uma santa que existe em Braga. Dá leite às mães e amas a quem èle falta. A mulher, que alcançou o milagre, paga-o com meia canada de leite ou o valor dele em dinheiro.
- 659 As «coisas más», uma das formas que escolhem mais para aparecerem é a da *galinha com bácoros*. É perto das poças que se vêem.

660 Para, ao deitar, uma pessoa se livrar das bruxas deve dizer três vezes:

Oca, marnoca,
Três vezes oca;
Pé no pé,
Freio na boca.
Tista com tista, (sic)
Três vezes tista,
S. Pedro, S. Paulo, S. João Evangelista,
Derredor da nossa casa assista (Briteiros).

661² Sonhar com padres é sinal de morte.

662 Toda a pessoa que disser a outra que é bonita, e não acrescentar logo: «benza-te Deus», faz com que nesta dê logo quebranto.

663 Quem come couves em Domingo de Ramos, fica a comer moscas (sic).

664 Pulgas na mão é sinal de novidades.

665 Quando a garça (ave) canta e diz: *carne ao adro*, é sinal de morte.

666 Para curar os bois, que estão *aventados*, é remédio infalível despir o boieiro as ceroulas, virá-las do avesso e pô-las em cima do boi.

667 Para fazer nascer a barba, unte-se a barba com sangue de morcego.

668³ Para não cair o rabo aos leitões deve colocar-se uma cebola alvarrã no tecto do curral.

669 Para curar da erisipela, suspende-se do tecto uma cebola alvarrã, presa pela rama. Quem assim fizer nunca mais sofre semelhante moléstia.

670 As crianças não sossegam, enquanto estiver ao relento qualquer peça do seu vestuário.

671 Não é bom estar ao relento de barriga para o ar, porque se estraga o estômago.

672 Para curar o reumatismo é bom o seguinte remédio: misturam-se iguais quantidades de «urina» de porco macho, da que lhe fica na bexiga depois

² Deste n.º até ao n.º 667 foram-me enviadas pelo Sr. José Joaquim Galvão de Vasconcelos (Golegã).

³ Deste n.º até ao n.º 672 foram-me enviadas pelo Sr. José Lopes Vieira (Leiria).

de morto, e «banha» derretida do mesmo. Mistura-se depois isto com *boa-danha* (planta) e *alfazema* e fazem-se com toda a mistura fumações.

673 Olhar-se a um espelho, tendo a cara inflamada, aumenta a inflamação.

674 Quando passa algum enterro pela rua onde mora uma pessoa que está de cama, deve o doente assentar-se para não morrer daquela doença.

675⁴ Para benzer uma casa enfeitada reza-se a seguinte oração:

Esta casa tem quatro cantos,
Quatro anjos que a guardam;
É Lucas, é Marcos,
S. João Baptista,
E todos os seus;
Orga e desorga (sic),
Três vezes desorga (sic)
Três vezes orga (sic)
Bruxas e feiticeiras desta casa para fora.

676 Para benzer o «ventre caído»⁵, faz-se o seguinte: durante nove dias esfregam-se as pernas do doente de baixo para cima com azeite e alho, dizendo:

Enquanto o padre se veste e reveste
E diz as três missas do Natal,
Vais ventre caído ao teu lugar,
Em louvor de Deus e Santa Maria.
Amen.

677⁶ Quando a coruja canta sobre o telhado de alguém, é sinal de morte.

678 Quando o estorninho (ave) assobia muito é sinal de grande temporal.

679 Quando o zungão (insecto), anda a zungar à roda de uma pessoa, é sinal de má nova.

680 Quando um aranhão passeia pelas paredes de casa é sinal de água.

681 Quando a galinha canta de galo, pode contar-se que há em casa grandes penas; e por isso logo que ela cante, deve vender-se e com o dinheiro dela comprarem-se uns sapatos.

⁴ As três superstições seguintes foram-nos comunicadas pelo nosso amigo Manuel Duarte Laranjo Gomes Palma.

⁵ *Ventre caído* é o nome vulgar de uma doença semelhante a varizes.

⁶ As seguintes superstições até ao n.º 701 foram-me fornecidas pelo meu amigo Manuel Ferreira (Bragança).

- 682 Quando o gato vira o rabo para o lume, é sinal de neve.
- 683 Quando as pulgas mordem muito é sinal de frio.
- 684 Para que um homem não deixe uma mulher em toda a vida, enterra-se uma agulha num morto, e depois com a dita agulha dão-se alguns pontos escondidos no fato do homem a quem se quer prender. Fazendo isto ele não torna mais a esquecer a mulher.
- 685 Quando um homem esteja zangado e ralhe muito, faz-se-lhe uma cruz atrás das costas, e diz-se-lhe uma oração, que logo lhe passa o mau génio.
- 686 Quando se quer fazer falar uma pessoa *espiritada* (com um espírito), mete-se-lhe um gato preto nas mãos. Pergunta-se-lhe então tudo quanto se quer saber, porque ela responde a tudo.
- 687 Quando se derrama azeite da candeia, deve-se logo fazer uma cruz com pedras de sal, para que não suceda mal.
- 688 Quando estala muito o morrão do candeeiro, é sinal de presente.
- 689 No dia de S. Pedro, não se deve dormir, porque se anda a dormir todo o Verão.
- 690 Para uma pessoa se vingar de qualquer inimigo, quando ele estiver à mesa e que deixe um bocado de pão por ele dentado, mete e se pão na boca de um sapo, que no mesmo instante se lhe crava o coração de alfinetes (sic).
- 691 Três cabeças de feiticeira (?) torradas com o pé, é um remédio que faz muitas maravilhas; logo que se deite o pó em algum golpe ou facada cura no mesmo instante.
- 692 Quando troar (trovejar) não deve chegar-se ninguém ao lume, nem tão-pouco conservar-se gente junta em casa.
- 693 Quando há um fogo que vai apagar-se, a vasilha onde se leva a água deve virar-se de boca para baixo, a fim de não ir água alguma para casa, o que é de mau agouro.
- 694 Quando se leva um candeeiro para alumiar algum morto, não deve trazer-se para casa sem se lhe tirar o azeite todo e a torcida.

- 695 Logo que nasce um filho macho, o pai deve guardar a invide (umbigo) sete anos num bolso, depois pô-la em pó, e fazer beber ao menino esse pó num chá, para ele não dar em ladrão.
- 696 Os leitões até não terem quinze dias não se devem deixar ver nem deitar à rua sem que se lhe deitem três pingas de cera de círio bento.
- 697 Quando se quer que um animal não seja de grande marca, passa-se em pequeno por baixo de uma asa de cântaro.
- 698 Quando a galinha põe fora de casa, morde-se-lhe a crista (para não continuar a pôr?).
- 699 Para uma criança, que é tardonha, falar depressa, mete-se-lhe um peixe vivo na boca.
- 700 Não se devem cortar as unhas na lua nova, porque nascem espigões.
- 701 Quando a gente se penteia, os cabelos que ficam no pente não deve atirá-los à rua, sem cuspir neles três vezes e dizer credo outras tantas.
- 702 *Correr* (escorraçar) o *montujo* é uma caçada fantástica, que se realiza na Vieira pela seguinte forma: na Quinta-feira da Ascensão, depois do Sol posto, o povo com grande berraria, tocando buzinas, e dando tiros começa a afugentar o *montujo*. Por *montujo* entende-se todo o animal daninho.
- 703 Perto também de Vieira, num certo número de localidades, e especialmente no lugar do Zebral, freguesia de Ruivães, é costume depositar na tumba dos defuntos cinco ou dez réis «para a passagem para a outra vida». O barqueiro e a barca desapareceram.
- 704 Tudo o que sucede à hora da meia-noite sucede à hora do meio-dia.
- 705 Para curar qualquer moléstia de olhos, faz-se o seguinte: areia-se um tacho com sumo de limão e põe-se a serenar (ficar de noite exposto ao relento), deitando-se-lhe dentro uma moeda de 10 réis, que fica banhada de sumo, ganhando assim *zebre*. Este zebre põe-se no olho doente com uma pena e é remédio infalível.

⁷ Comunicado pelo nosso ilustre amigo F. Martins Sarmento.

⁸ Os seguintes n.ºs até ao fim do presente escrito foram-me fornecidos pelo Sr. José Lopes Vieira.

- 706 Para curar dor de cólica, unta-se a barriga com azeite quente, e esfrega-se com um passo de lã suja.
- 707 Para curar dor de cólica, embrulha-se um testo em um pano sujo, e coloca-se sobre o umbigo.
- 708 Ainda para curar dores de cólica, é bom beber água com azeite quente, depois do que o doente se porá de cabeça para baixo e os pés para o ar.
- 709 Para curar «olivas» (engorgitamento dos gânglios) fritam-se minhocas em azeite e deitam-se em lã suja, aplicando-se em seguida sobre os caroços.
- 710 O sumo dos grelos (gomos) da silva serve para curar as anginas.
- 711 Cão apesunhado (com unhas por cima da pata) não se dana.
- 712 Os espinhos metidos nos pés tiram-se por si, logo que se ponha sobre eles fel quente de porco macho.
- 713 Quando se boceja é bom fazer cruces na boca para não entrar o Demónio.

XIV

AS ALMAS DO OUTRO MUNDO*

Dos problemas em que por todos os lados se encontra envolvido o homem, não há nenhum que mais lhe tenha solicitado a atenção, aguçando ao mesmo tempo tanto a sua curiosidade, como o problema da «morte». Desde remotíssima antiguidade que este terrível enigma se apresenta, como tenebrosa esfinge, a torturar o espírito humano, que ora esperançoso e confiado, ora céptico e descrente, passa alternativamente do ideal consolador de uma vida futura, à dúvida horrível se tudo não acabará para sempre no último dia da nossa existência terrena.

Para o filósofo, pode a ideia da morte apresentar-se como simples sinónimo de transformação benéfica, impreterível e necessária ao contínuo desenvolver da vida; para o poeta, pode ainda o nosso derradeiro momento sorrir-lhe como o suspirado começo desse descanso eterno, em que após uma vida inteira de lutas, o homem qual glorioso soldado depois da batalha, vai repousar das fadigas e refazer-se no seio da imortalidade para uma prometida ressurreição; para a generalidade, porém, para o maior número, que nem é constituído por filósofos nem se compõe de sonhadores, mais ou menos idealistas, a morte será sempre o grande inimigo da humanidade, o símbolo de todas as forças destrutivas da natureza, o maior castigo que pode ferir o indivíduo, o mais pavoroso fantasma que vem agitar-nos o espírito, sempre inquieto, sempre assustando diante do mistério insondável que pouco a pouco e por sua vez todos iremos devassando, mas cujo segredo nenhum de nós para ensinamento dos que ficam poderá devolver do túmulo.

É por isso que em todos os tempos e em todos os povos, se tem procurado por uma forma ou outra iludir as consequências da ideia inevitável da morte, e que, se não a imortalidade, pelo menos a sobrevivência de um elemento mais

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 4.º vol.: 380-412.

ou menos espiritual, no corpo, que este elemento se chame «alma», «sombra», «imagem», «espírito», etc., se encontra em quase todas as religiões, quer sacerdotais e com uma elaboração filosófica já manifesta, quer genuinamente populares.

Assim, na Índia antiga os *pitris* representam os espíritos dos antepassados, os manes ou espíritos dos defuntos, aos quais é de obrigação consagrar o *sraddha* e o *pinda*, isto é, as orações ou cerimónias fúnebres e as dádivas de alimentos¹. No Egipto, a sobrevivência da alma ao corpo é o motivo principal do *Livro dos Mortos*, e a crença em «almas penadas» ou «alma do outro mundo» sabe-se hoje que existiu na sua demonologia popular².

Na Bíblia é bem conhecida a passagem³ em que se conta a evocação da sombra de Samuel pela Pitonisa de Endor, e em todos os demais povos semíticos existia mais ou menos a crença de uma segunda existência em outro mundo, de uma verdadeira sobrevivência⁴. Sob este ponto de vista, a concepção do *Scheol* (inferno hebraico) é perfeitamente idêntica ao *Hades* dos Gregos. Na *Ilíada* a sombra de Pátroclo aparece a Aquiles, e na *Odisseia* Ulisses desce aos Infernos para abraçar a sombra de sua mãe. Entre os Romanos o culto dos *Lares*, *Larves*, *Lemures* e *Manes* tinha uma importância capital⁵, e revela-nos a existência de um polidemonismo itálico primitivo, bem diferente da posterior mitologia e religião pautada essencialmente pela dos Gregos. Entre os Finlandeses os «espíritos dos defuntos» chamam-se *Maenningaeinem*, *Keijuset*, *Manalaiset*, etc.⁶. Os *Votiakos*, *Chuvashes*, *Cheremisses* e outros povos fínicos que habitam a Rússia oriental, além dos seus deuses prestam culto aos «espíritos dos defuntos»⁷.

Entre os povos selvagens ou de civilização rudimentar não é menos vulgar a crença. Assim, os Bechuanas designam pela palavra *lirili* as sombras ou manes dos seus defuntos⁸. Os Zulus crêem que quando morre um dos seus, a *tunzi* (alma e sombra) sai do corpo e vai tomar lugar junto aos espíritos dos antepassados⁹. Os Bassulos designam pela palavra *Seriti* a sombra, isto é, o que sobrevive ao corpo depois da morte¹⁰. Os indígenas de Nicarágua afirmam que,

¹ Cf. Monier Williams: *Sanskrit-English Dictionary* sub voce *pitr*.

² Cf. Pierret: *Le Livre des morts, rituel funéraire égyptien*, passim.

³ Vide *Trois fragments d'une histoire de Revenant* (XX Dynastie) in G. Maspero: *Les contes populaires de l'Égypte ancienne*. (Les Littératures populaires de toutes les nations, vol. iv, Maisonneuve et Compagnie).

⁴ Reis I, XXVIII, 7-20.

⁵ *Revue critique d'histoire et de littérature*, n.º 39 de 1882, pág. 252. Cf. o conhecido episódio encontrado nos cuneiformes e intitulado: *Descida de Istar aos Infernos*.

⁶ XXIII.

⁷ XI.

⁸ Cf. Preller: *Roemische Mythologie*.

⁹ Castrén: *Vorlesungen ueber finnische Mythologie*, pg. 169.

¹⁰ Castrén: *ob. cit.*, pg. 179.

¹¹ Moffat: *South Africa*, pág. 261, apud Tylor, *La Civilisation primitive*, I, 485.

¹² Tylor: *La Civilisation primitive*, I, 499.

¹³ Tylor: *idem*.

quando alguém morre, lhe sai da boca uma coisa que se assemelha a uma pessoa e a que eles dão o nome de *julio*. Este ser é ainda uma pessoa, mas não morre ainda que o corpo lhe fique neste mundo¹⁴. Podíamos aumentar indefinidamente a presente lista, e para isso bastava indicar todos ou grande parte dos exemplos apontados por Tylor¹⁵.

O que precede, no entanto, é suficiente para afirmarmos que o *animismo* existe mais ou menos expresso entre todos os povos da Terra, constituindo quase que exclusivamente de per si uma doutrina religiosa completa nas populações inferiores; como elemento secundário é às vezes preponderante, misturado porém com elementos diversos nos grupos superiores de civilização.

Especialmente a sua existência é incontestável nas últimas camadas sociais, embora dos países mais adiantados, por isso que pela incontestável lei da *persistência* ou *sobrevivência* é nelas que ainda hoje se conservam as características mais bem estabelecidas da humanidade primitiva¹⁶. A crença nas «almas do outro mundo» de que vamos ocupar-nos neste escrito, demonstrará com efeito, com relação ao povo português, a verdade do que acabamos de avançar.

O motivo mais geralmente aduzido na tradição popular¹⁷ para a presença na Terra de «almas penadas» ou «almas do outro mundo», é a não satisfação de uma promessa que elas tivessem feito antes de morrer. A este respeito coligimos algumas lendas, de que apresentamos como espécimes as seguintes:

*Caso acontecido*¹⁸: Estando grávida do último filho haverá seis anos, foi uma das minhas filhas mais a irmã de leite levar uma vaca a pastar. Recomendei à Honorata (a irmã de leite) que tivesse cuidado na vaca para não cair no pego. A vaca caiu e foi preciso que seis homens a tirassem de lá a pau e corda. Tive um grande susto pois a vaca não era minha. Depois fui a casa de minha mãe, que Deus haja, que ainda então era viva, mas estava doente, e fui muito triste por ter medo que a criança me nascesse morta. A mãe disse-me que me não assustasse e que rezasse, e sem eu saber fez uma promessa de um sermão.

Morreu minha mãe antes de a criança nascer e quando estava a morrer e já sem fala viram-na levantar as mãos aos céus e fazer muitos trejeitos, mas ninguém sabia o que era. Nasceu a criança viva. Ao fim de cinco anos, a Mariana

¹⁴ Tylor: *ob. cit.* I, 501.

¹⁵ *Ob. cit.* Sobre o assunto, ainda que numa esfera muito mais restrita, e sob o ponto de vista das cerimónias fúnebres, consulte-se a magnífica obra de Kotliarevski intitulada: *O pogrebalnykh obychaiakh iazycheskikh slavian* (sobre os usos fúnebres dos eslavos pagãos) — 1868. A ideia da «sobrevivência» passa ainda os limites dos tempos históricos, pois se encontra por ex. dominando já nas populações lacustres e provavelmente antes mesmo. Veja-se, para citar apenas uma obra portuguesa, a bela e erudita monografia do Sr. Anselmo de Andrade: *Paleontologia Humana. As Populações Lacustres*, cap. IV, *Religião*.

¹⁶ Cf. Consiglieri Pedroso: *A Constituição da Família Primitiva*, pp. 9-15.

¹⁷ Dizemos «o motivo mais geralmente aduzido», porque, como veremos no decurso do presente estudo, embora esta seja a causa mais vulgar do aparecimento de almas penadas, há outras ainda apontadas pela crença popular.

¹⁸ Coligido pelo meu ilustre e distintíssimo filólogo, o Sr. Gonçalves Viana, que o ouviu contar a Engrácia Maria, do lugar de Adruana, concelho de Sintra.

(a filha*atrás citada), depois de estar numas poucas casas a servir, foi contra vontade da mãe para uma casa em Carcavelos. Na casa havia patrão, patroa e umas crianças pequenas. Compravam carne e bacalhau, penduravam-nos e desapareciam. Depois de andarem à procura deles muito tempo, encontravam-nos debaixo da chaminé, atrás da carvoeira, mas tudo feito em pedaços. O patrão desconfiado de que fosse ela, ameaçava-a dizendo que a mandava para casa, se ela não confessasse o que aquilo era. A pequena com medo fugiu para casa de um primo casado, que morava ali perto. Na casa do primo começava a aparecer-lhe todo o fato *enfrornado* (franzido) e roto, e a pequena a fazer-se muito branquinha e enfiadinha. O primo quis saber o que aquilo era e punha a pequena adiante de si, para ver o que aquilo era. Mas mal voltava a cabeça, aparecia o fato outra vez roto e enfrornado, e as pregas tão bem feitas, que pareciam assentes e o casaco ficava-lhe todo na cintura. Ao primo fez-lhe isto impossível. A pequena era muito razaluta (sic) e começou a pedir ao primo para *requerer*. O primo ao princípio não fazia caso, mas depois tomou a palavra a si e disse à pequena que fosse requerer à cozinha ao pé da chaminé (sic). A pequena andava sempre a cantar neste dia ao pé de uma cadeira, que havia na cozinha:

Pus o pé na sepultura
Onde estava o corpo humano...

Mas nunca continuava. A pequena disse então na cozinha: «Ó espírito (sic), se é coisa boa apareça, se é coisa má suma-se da minha vista.» Ao depois sentiu uma grande zenida (sic), fez-se muito branquinha e agarrou-se ao primo com medo. Depois ouviu uma voz muito rouquenha que lhe dizia: «Eu sou a tua avó, não te temas, minha neta. Quero que tua mãe mande dizer amanhã, às onze horas em ponto um sermão, que eu prometi por ela». Só a pequena é que ouviu. O primo levou a pequena em braços para dentro, e começaram a combinar como haviam de mandar dizer à mãe por causa do sermão, e vendo que era *impossível* (sic) mandou dizer à mãe; o primo disse à pequena que fosse *preguntar* (sic) à avó se o sermão podia ser na terça-feira. A pequena disse: «oh! minha avó, o sermão pode ser na terça-feira?» — Pode si, minha neta, disse a avó, mas há-de ser às onze horas; e lá me hás-de ver ao pé de ti. — A pequena foi para dentro e disse ao primo o que era passado. O primo disse outra vez à pequena que fosse perguntar à avó, se ele podia pagar o sermão e se podia mandar dizer uma missa. A pequena disse: «oh! minha avó, o primo pode pagar o sermão?» A avó disse: — Não, há-de ser teu pai. — «E o primo pode mandar dizer uma missa?» — Pode sim, minha neta, mais depressa entro no Céu. — «Oh! minha avó, era vossemecê que rompia os casacos?» — Eu só rompi o de ontem; e as coisas que desapareciam era eu para te chamar.

O primo mandou-me chamar (à narradora) e contou-me o que tinha sucedido. Na terça-feira foi tudo ouvir o sermão e a missa, e estavam muitos anjinhos (crianças pequenas) e eu levei duas velas de cera, e estava uma do lado

da Mariana e outra do meu lado. Toda a *gente de tino* (sic) reparou que a Mariana estava muito branquinha e sem desviar os olhos do lado esquerdo, onde ela disse estar uma luzinha¹⁹ com as mãos erguidinhas (sic). Também reparámos que a vela²⁰ que estava do meu lado espirrava e ardia muito depressa, e a que estava do lado da pequena não se gastou e não espirrou. No fim da missa eu senti um grande tremor em toda a igreja. Depois não tornou a acontecer mais nada.»

Como se vê no *caso* que acaba de indicar-se, encontram-se quase todos os elementos tradicionais de um dos aspectos da superstição das «almas do outro mundo». Vamos completar esta primeira parte do nosso trabalho apontando mais algumas lendas.

Conta-se num sítio próximo ao Cercal, chamado Painho, que tendo uma rapariga ido dar de comer a um porco, na ocasião em que punha a vasilha na pocilga, a vasilha que era velha lhe apareceu branca como se fosse nova, e ouviu uma voz chamá-la e dizer-lhe que era a mãe, que não tendo pago uma promessa vinha pedir-lhe que a pagasse ela. A rapariga respondeu-lhe que fosse descansada, que pagaria a promessa. Mas, por ter respondido, morreu.

A última parte da narração contém um elemento novo, que se acha ainda mais acentuado em outras superstições: i. e. a crença de que morre a pessoa que responder à «alma do outro mundo». Também, segundo outra versão, logo que aparece um espectro a alguém deve gritar-se-lhe: «Da parte de Deus te *requeiro* digas o que queres, porque far-se-á *se puder ser*.» Não se dizendo isto, principalmente as últimas palavras, é muito perigoso; pode a pessoa viva ficar com a alma do morto até se cumprirem as ordens do outro mundo. (Minho).

Uma rapariga não quis perdoar a um rapaz, que a infamou; a alma dele veio três dias a fio a pedir-lhe que lhe perdoasse e como ela teimou que não, a rapariga ao outro dia apareceu morta e negra como um carvão. (S. Cristóvão de Mafamude — Porto).

¹⁹ No romance fantástico de Lord Lytton, intitulado: *The Haunted and the Haunters; or the House and the Brain*, primorosamente traduzido para português pelo nosso amigo Gonçalves Viana (*Diário de Portugal* n.º 77 e seg.) aparece sob a forma de «uma luz correndo» a alma de um dos protagonistas do conto. Ora, é bem sabido e o próprio autor o declara no prólogo, que o fundo da narração de que se trata é completamente popular e representa a actual crença nos «duendes» em Inglaterra. Para a representação das almas do outro mundo como luzes, veja-se uma nota no fim deste escrito.

²⁰ Aproxime-se desta particularidade a seguinte superstição portuguesa: na noite do casamento, aquele que no quarto apaga a luz primeiro é o que primeiro morre — Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* — V, n.º 333, e o que a tal respeito se lê em Afanasiev: *Poeticheskiia vozzrie. slav. na prirodu*, III 199, sobre a mesma superstição entre os diferentes povos eslavos. Cf mais Afanasiev: *ob. cit.*, III, 206. Cf. a superstição portuguesa: «quando morre alguém, não se devem apagar as luzes que estiveram a alumiar o morto, até que o corpo chegue à igreja (Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* — IV, n.º 44). Liga-se ainda à mesma crença a seguinte superstição também coligida por nós: «Quando num casamento a vela mais pequena está do lado da noiva, é sinal que ela morre primeiro; se está do lado do noivo, é ele quem morre». (Consiglieri Pedroso: *idem* n.º 83).

Uma vez um padre que dizia umas missas por alma de uma sua irmã defunta, tendo rezado um número de missas insuficiente, andando um dia pelo adro da igreja apareceu-lhe a alma e pediu-lhe que acabasse de rezar as missas para ela entrar no Céu. O padre assim fez. À medida que ele ia dizendo as missas, ia a alma (sombra) entrando na igreja, até que chegando à conta necessária sentiu-se na igreja um bater de asas²¹ para o Céu. Era a alma que ia satisfeita. (Nazaré).

Até aqui vimos que a «alma» *aparecia* às pessoas a quem desejava incumbir do pagamento de alguma promessa ou da restituição de alguma dívida na Terra. Às vezes, porém, talvez o maior número, a «alma» ou o «espírito» do defunto *mete-se no corpo* dos vivos, e é no interior da pessoa escolhida para tal fim (cumprimento de promessa) que ele fala. E em primeiro lugar, há espíritos bons e espíritos malignos; os primeiros consolam (sic) a pessoa em que estão; os segundos dão cabo dela e matam-na. (Nazaré).

Os espíritos, quando querem meter-se numa pessoa começam a *anunciar-se*; são sombras que passam por diante da pessoa. (Nazaré). As sombras dos espíritos bons são esbranquiçadas; as dos espíritos maus são negras²² (idem). O *espírito* mete-se no corpo pelos dedos das mãos e dos pés; ou também segundo outra versão, pelo dedo mindinho e pelo dedo grande (idem). O corpo da pessoa que tem o espírito bom, não sente nada (idem).

Na Nazaré o espírito de um homem que morreu de uma queda da ladeira abaixo do Sítio, foi meter-se no corpo de uma rapariga, cuja família a mulher do morto culpava de ser a causa da morte do falecido, por o terem embriagado no dia em que a referida rapariga se foi casar. Um dia a rapariga depois de diferentes ataques caiu como desmaiada e dentro dela começou a falar o espírito do morto. Contou como tinha caído, que ninguém tivera culpa da sua morte, e que fossem pedir perdão à família que tinham caluniado. Pediu mais que lhe fossem pagar uma promessa, que consistia numa porção de azeite e numa missa à Senhora da Nazaré. No dia da missa, quando ela começou, entrou o espírito a cantar dentro da rapariga uma música que parecia de anjos. Depois quando levantou a Deus, sentiu-se um bater de asas²³ para o céu e uma voz dizer «adeus». Era o espírito do homem que se despedia da família e ia a entrar no Céu.

²¹ Sobre esta circunstância da tradição, para a qual chamamos a atenção dos leitores, veja-se o que numa das notas seguintes dizemos.

²² Sobre as duas qualidades de espíritos, bons e maus, cf. Afanasiev: *ob. cit.*, III 198. Terá alguma relação com esta divisão a seguinte superstição portuguesa: «Borboleta branca é sinal de boa nova; borboleta preta é agouro»? Na tradição grega e sobretudo eslava (Afanasiev: *Poeticheskiia vozzrienniia slavian na prirodu*, in) a alma é representada como uma borboleta. Terá também relação com o mesmo assunto o episódio de duas aves, uma branca ou de cores brilhantes e outra negra, que sucessivamente vêm anunciar um casamento e uma morte nalgumas versões portuguesas e estrangeiras da *Bela e a Fera*. A tradição romana conservou a distinção entre os *Manes* e *Lemures*. Para a tradição germânica cf. Grimm: D. M. n, 761, 762.

²³ A representação da alma como uma ave, no momento de se desprender do corpo, que na nossa tradição se menciona, encontra um paralelo na tradição de outros povos. Assim, os Sérvios contam que a alma das feiticeiras lhes sai do corpo durante o sono, sob a forma de uma ave —

Nos processos da nossa Inquisição a crença nos espíritos que se apossam do corpo de certas pessoas para dentro dele falarem, é muito comum. Assim, citaremos as seguintes passagens de um dos mais curiosos²⁴.

A uma mulher que falava com a alma dum cunhado dentro de si, saiu-lhe essa alma uma vez na missa, entre a elevação do cálice e da hóstia, sob a forma de uma pomba²⁵, que ninguém mais viu senão ela ré, e a qual pomba foi para o céu.

«A ré mostrava-se inteiramente possuída da alma de certa pessoa defunta, que pela sua boca falava e pedia sufrágios certos, etc»²⁶... «acrescentando, que depois da morte da pessoa, cuja alma n'ella ré falára, vira em certo lugar junto de si hum sombra, ou vulto de figura de homem, etc»²⁷. Ainda se referem a pagamento de promessas as seguintes lendas²⁸:

Aparição. — Uma tal Chamoinha de Santa Leocádia de Briteiros, ainda viva, tinha prometido uma romaria à Senhora das Neves, para bem da alma do marido. Chegou o dia da romaria e sendo-lhe impossível ir, mandou em seu lugar uma pessoa da casa. O romeiro saiu ainda alta noite e não ia muito longe da casa, quando a viúva viu muito distintamente a figura do marido, encostado à ombreira da porta, que tinha ficado aberta, e ouviu-o dizer-lhe: «É assim que tu cumpres o que me prometeste! Ora deixa, minha bêbeda, (sic) que não tardas a pagar-mas!» Não se sabe porque a alma do marido não pôde entrar na

Serby razskazyvaiut, chto ducha viadmy (vjechtitsy) izletaet iz neia vo vremia sna v vidie babochki ili ptitsy, etc. (Afanasiev: *ob. cit.*, III 216). A mesma superstição se encontra entre os Búlgaros (idem). Os Coachubes acreditam firmemente que a alma dos defuntos, até que o corpo seja enterado, vai pousar-se no alto das chaminés, em forma de ave, etc. — *Kachuby tvrdo ubiejdeny, chto duchi usopchikh, do pogrebeniia ostavlennykh imi tiel, sidiat v obrazieptits na dymovykh trubakh, etc.* (idem, m, 219). Cf. mais Afanasiev: *ob. cit.* m, 221 e seg. Os antigos Egípcios representavam a alma em forma de ave com a cabeça humana. Vid. *Zeitschrift für deutsch. Myth.*, IV, 245. Cf. Grimm: *Deutsche Mythologie*, 4.ª edic., II, pg. 689 e seg.: *idem*, in, 245 e seg.

²⁴ Processo Ms. de Rosa Maria; n.º 8819 da Inquisição de Lisboa, Arq. Nacional.

²⁵ Na nota anterior vimos como a representação da alma em forma de ave se encontrava em diversos povos. Vamos ver como a alma representada por uma pomba também se encontra pelo menos entre os povos indo-europeus. Entre os Eslavos a alma aparece por vezes representada debaixo da forma de «um pombo branco». (Afanasiev, *ob. cit.* III, 221.). Os Malorrussos também acreditam que a alma pode revestir a forma de um pombo, *Malossiane dumaiut, chto ducha pokoinika v prodoljenie soroka dneiletaet s angelom v neviedomon mirie, iavliaias kajduiu noch v svoidom, gdie ona, v vidie golubki, kupdetsia v narochno-postavlennoi vodie* (idem). Nos contos morávios diz-se que a alma sai pela boca dos moribundos e voa para o céu em forma de pomba branca (Kulda: *Pohadky a povestl naroda moravskeho* I, 551-553). Entre os Montenegrinos uma palavra com que se denomina a «alma» é derivada da palavra que significa «pombo» (Afanasiev, *ob. cit.*, III, 222). Podíamos reproduzir inúmeras superstições eslavas, que se encontram ainda em Afanasiev, *ob. cit.*, III, 221 e seg. Veja-se ainda Grimm: *Deutsche Mythologie* II, 690-691. Pode ainda aproximar-se da crença de que nos estamos ocupando o episódio que se reproduz nos contos do ciclo das *Três Cidras do Amor* e ainda noutros, em que a heroína, por um encanto, se transforma em pomba. Por último recorde-se o simbolismo cristão, e a pomba representando o Espírito Santo.

²⁶ Processo Ms. de Rosa Maria, etc.

²⁷ Idem.

²⁸ Contada pelo meu amigo F. Martins Sarmento.

mulher; mas entrou numa neta dela, que por isso muito tempo andou com o espírito, imitando exactamente a voz do avô, andando corcovada como ele andava, e imitando-o em tudo.

A alma de qualquer pessoa que faleceu volta do outro mundo para acompanhar o corpo, quando este é levado de casa para a igreja. Foi assim que certa mulher viu uma alma a gritar de noite pelos ares, e perguntando-lhe o que tinha, ela respondeu que era porque ainda há pouco deixara o corpo e já lho queriam levar para a igreja, não lhe dando tempo de ir a Sant'Iago²⁹ e voltar para o acompanhar. Felizmente a mulher já tinha ido duas vezes a Santiago, uma a pé (maior sacrifício), outra a cavalo e disse à alma que lhe dava uma das vezes, deixando-lhe, escolher. A alma escolheu a romaria a pé³⁰.

O *balborinho* (redemoinho de vento) são as «almas perdidas» por não poderem entrar no Céu, por deverem restituições aos vivos. O povo foge de ser apanhado por ele (balborinho) mas vai-o seguindo e gritando sempre. O grito mais favorito é: «Vai-te para quem te comeu as leiras!» Quando o redemoinho se desfaz e começam a cair as palhas que ele sorveu para o alto, seguem-se com muita atenção estas palhas, e onde elas caem, sabe-se logo que uma das «almas perdidas» fez em vida roubo naquele campo³¹.

Passemos a outro aspecto da crença das «almas do outro mundo».

É muito perigoso tratar com menos respeito um defunto, ou simplesmente uma caveira que se encontre insepulta, ou até um objecto que pertença ao morto. A vingança da «alma» não se fará neste caso esperar muito³². Correm com relação a este assunto diversas lendas entre o nosso povo.

Conta-se que um homem, passando pela igreja de Santa Marinha de Vila Nova de Gaia, encontrou no adro uma caveira e, dando-lhe um pontapé, convidou-a

²⁹ Lugar de uma peregrinação muito célebre.

³⁰ Contado pelo meu ilustre amigo F. Martins Sarmento.

³¹ Idem.

³² Na tradição escandinava encontra-se também a vingança do morto, quando lhe vão perturbar o sossego. Assim, numa importante obra que se ocupa de etnografia da Suécia deparamos com o seguinte: «*Om han eroas (dodingen), saa* (à falta de sinal especial nas nossas tipografias empregamos neste caso e nos idênticos a ortografia dinamarquesa) *hamnar han sig grymt, och den som med vaald soekte introenga i grafhoegen, troddes foerr hafva att med den doede bestaa en kamp paa lif och doed. Att vara i hoeg med naagon, heter oemmu i Woerendsmaalet att kampa med naagon.*» (Gunnar Olof Hyltén-Cavallus: *Woerend ach Wardarne. Ett foeraoek i Svensk Ethnologi* i, 482).

Há uma superstição portuguesa que até hoje nos parecera incompreensível e que, no entanto, se esclareceu para nós no momento em que a aproximámos de uma superstição sueca, que se refere a um dos modos por que o morto se vinga de quem lhe profana a sepultura, i. e. fazendo com que uma doença o ataque. Eis a superstição portuguesa a que nos referimos: «O fel nos defuntos rebenta no sétimo dia. Se antes de deixar passar este dia, alguém se ajoelha na campa do morto, apanha invariavelmente icterícia. Por isso é uso marcar tais campas com um raminho de oliveira.» (Consiglieri Pedroso: *Tradições Populares Portuguesas* XIII, n.º 654). Confronte-se com a seguinte superstição sueca: «*I den yngre folktron hoemnas doedingen paa dem som stoera hanfrid eller vaatdfoera sig paa hans grafhoeg, genom att paafoera dem sjukdom eller paa annat soett oro och quoeija dem* (Hyltén-Cavallus: *ob. cit.*, I, 482).

para ir à noite cear com ele. Efectivamente, à noite, quando estava a cear, apareceu-lhe o defunto à porta, bateu e veio assentar-se à mesa para o convite. Depois de acabar convidou o homem para no outro dia ir cear com ele. O homem muito aflito foi por todos os conventos e encheu-se de relíquias e orações e foi ao tal sítio, onde viu a cova aberta. Só se salvou por lhe ter dito o esqueleto que uma freira tinha estado toda a noite a rezar pelo ele. Mas o homem morreu de susto passado pouco tempo. (Lavadores).

— Uma mulher que vivia no Terreiro da Misericórdia (Guimarães), ouviu uma vez, perto da meia-noite, um tinir de cadeias pela rua. Julgou ser algum cão que se tivesse soltado, arrastando com ele o cadeado; mas abrindo a janela para se desenganar e vendo que era um vulto humano, disse consigo: «Ora vai, que não vais aí por nenhum mal que te eu fizesse!» E logo o vulto lhe disse debaixo: «Amanhã à meia-noite hás-de aparecer no adro de S. Pedro de Azurei (arredores de Guimarães). A mulher ficou toda assustada e no dia seguinte foi ter com um padre, contando-lhe o caso e pedindo-lhe o que havia de fazer. «Não tem outro remédio, disse-lhe o padre, senão ir. Mas quando chegar ao adro faça um *são-solimão* (sino-saimão) e meta-se dentro dele. Só assim poderá escapar.»

Antes da meia-noite a mulher foi para o adro da igreja de Azurei; riscou no chão um *são-solimão* e meteu-se dentro dele. Ao dar a meia-noite em ponto, o vulto apareceu e disse-lhe: «Ora vai, não é esse *são-solimão* que te vale; o que te vale é estar a pedir por ti o frade Tamanca.» Depois é que a mulher soube que o padre fora a todos os conventos pedir aos fradinhos que rezassem por ela. O Tamanca era um frade capucho que passava por muito virtuoso³³.

— Havia em certa aldeia uma rapariga que passava por muito afoita. Numa noite de esfolhada, veio à baila a coragem da moça e perguntaram-lhe se ela era capaz de ir ao adro da igreja. Respondeu que sim; e como houvesse incrédulos, ela disse que os ia desenganar. Levantou-se e foi. Passado algum tempo estava de volta; mas os incrédulos disseram que ela podia dizer uma coisa e ter feito outra, visto que ninguém a tinha ido espreitar. «Tanto fui ao adro, disse então a rapariga, que por sinal trago aqui um lençol que lá encontrei». E de facto mostrou um lençol. Toda a gente começou então a murmurar que o lençol era alguma mortalha e que a rapariga devia ir torná-lo a pôr onde o encontrou. Ela não se fez rogar muito e tornou ao adro. Mas, chegando lá, viu uns poucos de defuntos a passear e um deles, olhando para o lençol, disse-lhe: «Ah! É o meu lençol. Deita-mo às costas.» A rapariga foi obrigada a deitar-lhe o lençol às costas; mas de tal sorte se assustou que não durou mais que três dias. (Guimarães)³⁴.

Passemos a ocupar-nos de um novo traço fundamental da lenda ou ciclo de superstições que estudamos, i. é. das «procissões de defuntos» ou de «almas de outro mundo». Apesar de esta feição da crença não se acentuar tanto por todo o País como as que acima indicamos e de mesmo até hoje nada se achar colli-

³³ Contado pelo nosso amigo F. Martins Sarmento.

³⁴ Comunicado pelo nosso amigo Martins Sarmento.

gido a tal respeito³⁵, lográmos reunir um número relativamente bastante considerável de importantes tradições que têm por objecto o assunto em questão. Aqui as publicamos em seguida.

Procissão dos defuntos. — Em Ponte do Lima³⁶ há «procissão de defuntos». Nestas procissões vai sempre «um vivo», que é a pessoa que primeiro tem de ser sentenciada à morte. O espectador da procissão tem de voltar-lhe as costas, quando ela passar por diante dele.

— Uma rapariga que tinha de ir regar um campo muito cedo, passou por diante da igreja e vendo que se estava à missa, deu parabéns à sua fortuna e entrou, indo ajoelhar entre as outras mulheres. Estas começaram a olhar umas para as outras e a rosnar «aqui cheira a fôlego vivo»³⁷! Uma das mulheres levantou-se, aproximou-se da rapariga e disse-lhe: «O que te valeu foi vires ajoelhar na campa de tua madrinha, que sou eu. Vai-te e não olhes para trás!» A rapariga saiu, mas não resistiu à curiosidade e olhou para trás. Viu muitas fogueiras a arder. Eram as almas das pessoas, porque se não tinham dito missas. (Guimarães).

— Uma mulher indo de noite para certo sítio encontrou uma procissão de defuntos que vinha na sua direcção. Escondeu-se logo na croca (oco) de um carvalho. A procissão passou por diante dela e a mulher viu no préstito um filho seu que morrera anjinho, e que ia «com a tocha apagada». E o filho passando por diante da mãe disse: «Arreda-te, carvalho croquento, que por causa das tuas lágrimas é que eu vou com a luz apagada»³⁸. (Louredo).

— As almas dos mortos andam pela rua à meia-noite em procissão com luzes acesas. Se alguém por desgraça vai ter com aquela procissão e lhe pede lume, morre infalivelmente. (Lavadores — São Cristóvão de Mafamude).

— O abade de Mondanedo de Lugo estava uma vez sentado à beira de uma igreja e viu vir uma procissão de defuntos, todos vestidos de branco, com

³⁵ O Sr. Leite de Vasconcelos no seu recente e interessante livro nada nos diz sobre tal assunto (vide *Tradições Populares de Portugal*, pág. 301-3) e o Sr. Adolfo Coelho apenas muito vagamente se refere às procissões de defuntos, não mencionando lenda alguma a tal respeito (vide *Revista de Etnologia e de Glotologia*, fase. IV, pág. 163). Para estas procissões veja-se Afanasiev: *ob. cit.*, m, 244 e seg.; e sobretudo Grimm: *Deutsche Mythologie*, n, 765 e seg. A «procissão dos defuntos» é uma variante da lenda do *wütendes Heer*, o *feralis exercitus* de Tácito, a *arma coelestia* de Plínio. É esta a variante cuja acção se passa na Terra; enquanto noutras versões é no céu ou nas nuvens que tem lugar. Desta segunda variedade importantíssima temos também uma lenda portuguesa moderna e várias superstições que a ela se referem. A superstição é antiga na Península, onde o *wütendes heer* tinha o nome de *exercitum antiquum* (exército antigo). Cf. Grimm: *Deutsche Mythologie*, II, 785. Cf. ainda Afanasiev: *ob. cit.*, I, 725.

³⁶ Comunicado pelo meu amigo F. Martins Sarmento.

³⁷ Esta particularidade encontra-se reproduzida num grande número de contos populares de todos os países, em que um ente selvagem ou monstro ao passar junto de um príncipe ou de uma menina, que estão escondidos, grita que lhe «lhe cheira a fôlego vivo». Cf. Cosquin: *Contes populaires lorrains* n.º IX; *idem*, pg. 166, 334; Laura Gonzenbach: *Sicilianische Maerchen*, I, pg. 16, 36, 88, 281, etc.; Dozon: *Contes Albais*, pág. 50; *idem*, *Les trois frères et les trois soeurs*; Consiglieri Pedroso: *Portuguese Folk Tales*, n.º IV, etc., etc.

³⁸ Comunicado pelo meu amigo F. Martins Sarmento.

um esquife diante de si e alumando com os ossos acesos (sic). (Lugo — Galiza)³⁹.

— Uma pessoa antes de morrer já se vê sete anos antes na «procissão dos defuntos». A procissão dos defuntos faz-se todos os dias às trindades; ninguém a vê senão as pessoas que têm uma palavra de menos no baptismo (sic). E estas são as que sabem as pessoas que hão-de morrer, porque as vêem na procissão. Por isso se diz, quando uma pessoa anda doente: «ah! Fulana (a tal que tem de menos a palavra no baptismo [?]) já há muito tempo que a vi na procissão dos defuntos. (Valença)⁴⁰.

Finalmente, para terminarmos esta monografia, vamos indicar um certo número de superstições e de lendas que se relacionam com a «almas do outro mundo» ou com os «defuntos».

A caveira a rir — Uma noite passava um homem pelo adro de uma igreja e viu nele uma caveira. O homem era destemido e disse para ela: «Olha que te não tenho medo.» — Pois se não me tens medo, leva-me para tua casa, retrucou a caveira. «Levo, leve», disse o homem, e pegou na caveira, levou-a para casa e pô-la sobre a porta do forno. A mulher pediu-lhe por quantos santos havia que lhe tirasse aquilo dali; mas o marido não se importou; recomendou-lhe que não lhe bulisse nem andasse assustada, porque, se algum mal pudesse vir da caveira, não era para a mulher mas para ele. Apesar disso, a mulher andava transida de susto, e lembrou-se de defumar a cozinha. Foi buscar alecrim e pôs-se a queimá-lo, quando a caveira começou a rir e a desatar às gargalhadas. «Tu porque te ris?» perguntou-lhe a mulher. — É porque quando tu começaste a fazer os defumadouros eram tantos os diabos aos trambolhões pela porta fora, que eu não pude deixar de rir. Mas eu ainda cá fico. (Guimarães)⁴¹.

Noite de Natal. Defuntos. — Na noite de Natal é costume rezar pelas almas dos antepassados, «para eles não virem comer as migalhas que ficaram na mesa». No Alto Minho nessa mesma noite põe-se sempre um talher a mais para a pessoa da família que ultimamente faltou, e não se levanta a mesa, que fica posta toda a noite.

Defunto sobre a grade (de lavar) e sobre o arado. — Logo que morrer alguém coloca-se sobre a grade ou sobre o arado «para ser bem aceite de Deus o pão que ele comeu na Terra». (Minho).

Defunto na encruzilhada. — Quando um defunto que é levado para a igreja, passa por uma encruzilhada de três caminhos, deve parar-se aí, abrir o caixão e rezar um responso. (Minho).

³⁹ Aproxime-se desta passagem a seguinte poética superstição portuguesa — Não se deve chorar pelas crianças que morrem, porque são anjos e com as nossas lágrimas molhamo-lhes as asas e elas não podem voar para o Céu. — Ouvimos uma superstição idêntica nas proximidades de Madrid. É usual dizer-se que quando morre uma criança (baptizada) «ditosa dela, porque vai para o Céu!».

⁴⁰ Contado por uma tia minha.

⁴¹ Comunicado pelo nosso amigo F. Martins Sarmento. Em geral, e fica a citação feita para todos os casos, tudo o que neste escrito publicamos com relação ao Minho, foi-nos obsequiosamente contado e enviado pelo eminente arqueólogo.

Falar ao defunto. — Quando se leva um defunto para a igreja e tem de se atravessar água, os que levam a tumba hão-de tratá-lo como se ele fosse uma cavalgadura; senão não passam. Assim, não só se há-de «tanger» com o som com que os almocreves animam os seus machos, mas diz-se mesmo: «Arre! Fulano (o nome do defunto)» e isto seja qual for a hierarquia do falecido. (Felgueiras).

Também é crença de que é muito difícil vestir um morto se se não trata nessa ocasião pelo morto, pedindo-lhe, por exemplo, que levante um braço, ou uma perna, etc., o que ele imediatamente executa.

Igualmente em Felgueiras se encontra o seguinte uso: Quando um defunto vai para a igreja, marcha adiante dele um homem para fazer levantar todos os homens e amigos mais que encontra. Se eles estivessem em qualquer outra posição que não de pé, quando o defunto passasse por diante deles, ou morriam antes de pouco tempo, ou teriam uma moléstia grave⁴².

Santórios — Santórios são bolos de pão podre de um certo feitio especial. Vendem-se pelo tempo dos «fiéis defuntos» e metem-se debaixo do travesseiro das crianças, para os defuntos não virem ter com elas e comer-lhe as orelhas. (Lamego).

Prodígios que acompanham a morte. — Quando morre o dono duma casa é esta morte às vezes acompanhada por certo número de prodígios. Assim, se é lavrador aparece nos rebanhos uma égua a mais ou um cavalo; na casa aparece um gato que não se sabe donde veio, etc. A cor destes animais é sempre preta. (Lisboa).

Alma perdida em forma de galgo negro. — Havia numa casa uma criada, que dava aos cães tudo quanto os amos davam para alimento dos pobres. A criada morreu e desde então todos os animais da casa, cães e porcos, começaram a emagrecer dum modo singular. Espreitou-se e viu-se que, apenas a comida para os animais caía na pia, aparecia logo um «galgo negro» que comia tudo com a maior sofreguidão, não deixando aproximar os outros animais. Exorcizou-se o bicho, que confessou ser a criada. A ama, para se livrar da aparição, fez umas certas coisas que pediu a alma perdida.

Esta lenda conta-se em muita parte e em Felgueiras foi localizada na casa duns fidalgotes, que têm um legado, segundo o qual hão-de dar de comer a uns tantos pobres. Aqui, porém, era um antepassado da casa e não uma criada, quem prejudicava os pobres⁴³.

Não bulir no que está quieto. — Este adágio tem a seguinte explicação (Minho): uma noite um rapaz, voltando para casa, passou por diante do adro

⁴² Aproxime-se este uso da seguinte superstição: «Quando uma pessoa está deitada na cama e passa o viático, deve levantar-se logo, senão morre cedo.» (Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, IV, n.º 85).

⁴³ A crença de que alma pode revestir a forma de cão preto é o último vestígio de um ciclo de tradições em que o cão representa um papel importantíssimo como símbolo da morte, como deus da morte, ou simplesmente como animal consagrado a este deus. Recorde-se o papel importante que o cão representa no Avesta (veja-se uma memória de Hovelacque a tal respeito), tenha-se em

da igreja e, vendo aí um canhoto, atirou-lhe uma bordoadada. O canhoto transformou-se no mesmo instante num defunto e intimou-o para que na noite seguinte viesse confessado àquele mesmo lugar. Por mais que os amigos do rapaz tentassem dissuadi-lo de ir ao adro, ele respondeu sempre que não era possível, que havia de ir por força, que alguma coisa o chamava irresistivelmente. Foi. Apareceu-lhe logo o mesmo defunto, que lhe disse que o que lhe valia era ele ser seu pai (do rapaz); e que daí por diante «nunca bulisse no que estivesse quieto»⁴⁴.

Encomendar as almas. — Há tempo era costume encomendar as almas de noite. Ia uma pessoa à meia-noite ao cemitério com uma campainha e começava a tocar, dizendo: «almas, acompanhai-me!» Depois ia-se por todas as ruas a tocar a campainha, pedindo «padres-nossos» e «ave-marias» pelas almas. (Lavadores).

— Ainda há pouco tempo havia umas mulheres que iam para o adro da igreja do Campo da Feira chamar as almas do Purgatório. Conseguiram assim muitas coisas. É, porém, uma barbaridade; porque as almas acodem ao chamamento, mas sofrem muito com isso. (Guimarães).

Alma requerida com painço. — Não longe da igreja acima mencionada há uns lavadouros públicos. Há anos, as lavadeiras, quando queriam ir lavar antes da meia-noite, combinavam de véspera em irem todas juntas, com medo de uma «alma penada», que algumas delas tinham visto a passear por baixo da ponte. Era uma ama da casa de Vila Pouca (que não dista muito da ponte), que tivera um filho e o matara, atirando-o ao ribeiro. Morreu a dita mulher tempos depois e foi condenada a andar penando por cá, enquanto não apanhasse todos os ossos do filho, que se desfizera no rio. Por fim, a «alma penada» foi *requerida* por um padre com um quarto de painço, e nunca mais apareceu, porque para isso era preciso apanhar todos os grãos de painço que o ribeiro levasse para o rio e este para o mar; o que era impossível. (Guimarães).

É uma variante desta superstição a seguinte que há tempos publicámos: «Nalguns sítios do Minho, quando uma pessoa se julga perseguida por um «espírito maligno», deve ir deitar à meia-noite a um sítio ermo, um alqueire de grãos de alpista, por exemplo, ou painço, porque são mais miúdos. Estes grãos são o alimento do espírito, que gasta apenas um por ano. Como o espírito não pode deixar aquele lugar, enquanto durarem os grãos, a pessoa rodeia com uma sebe ou parede ou muro o local assim ocupado, deixando por esta forma a alma presa. O recinto torna-se sinistro e todos lhe passam de largo e o evitam»⁴⁵.

vista que o Rig-Veda atribui aos *svānau sārameyau* ou «cães de Saramá», estude-se a significação do *Kerberos* da mitologia grega, e ver-se-á que todas estas personificações pertencem ao mesmo ciclo, que ainda se encontra com uma certa vitalidade em alguns povos modernos, por exemplo, entre os Eslavos. Cf. Afanasiev: *ob. cit.*, I, 734. Sobre este assunto consulte-se a monografia de Wsevolod Miller: *Sur le rôle du chien dans quelques croyances mythologiques*.

⁴⁴ Vide anteriormente.

⁴⁵ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, IV, n.º 97. Cf. W. Hertz: *Der Werwolf*, pg. 125, onde se encontra uma variante desta superstição. Cf. mais Leite Vasconcelos: *Tradições Populares de Portugal*, pg. 302.

Ainda pertence em parte ao mesmo tipo a seguinte superstição: Em Basto há uma ponte cujo centro é o limite de duas freguesias (a pessoa que contou não soube dizer o nome das freguesias). Se qualquer morre numa delas e tem de ser enterrado na outra, o padre da primeira freguesia acompanha o defunto até ao meio da ponte e entrega-o ao padre da freguesia onde ele vai enterrar-se, o qual leva o defunto à igreja. Mas no meio da ponte poussa-se o caixão mortuário e, então, os parentes e amigos do defunto (só do sexo masculino), que se têm já munido de um punhado de areia, atiram-na ao rio, dizendo: «Fulano ou Fulana (o nome do morto), tantos anjos te acompanhem para o Céu como de areias caem na água». E largam a correr pela ponte e pela margem do rio, até chegarem a uma outra ponte, que fica logo abaixo «antes que lá chegue a água turvada pela areia e pó que eles atiraram na primeira ponte». Isto é condição indispensável, assim como o é também, mal atirarem a areia, fechar os ouvidos, de sorte que não ouçam a bulha que faz a areia caindo na água.

Defunto: fumo. — Em Basto, quando alguém morre, queima-se-lhe a palha do enxergão. Se o fumo⁴⁶ sobe em coluna direita para o ar, a alma do falecido foi para o Céu; se o fumo toma para o lado direito, para o Purgatório; se para a esquerda, para o Inferno.

— As «almas penadas» ou «perdidas» aparecem sob a forma de avejãs (figuras muito altas) (*sic*). (Vila Nova de Anços).

— Quando uma pessoa sonha com um morto três noites a fio, à terceira a pessoa deve seguir a alma, que encontra um tesouro. (Ilha de S. Miguel).

— No palácio da Quinta das Torres, próximo a Vila Franca de Xira, dizia-se entre o povo que andavam lá «almas do outro mundo». Em sendo meia-noite começavam as argolas das portas a baterem, as portas a abirem-se e a fecharem-se, correntes a arrastarem-se, gemidos, etc.

Esta descrição dos factos estranhos que revelam numa casa a presença de almas do outro mundo, está perfeitamente conforme o que, referido ao mesmo assunto, se lê num dos nossos almanaques populares⁴⁷: «As almas do outro mundo vêm à Terra cumprir o fadário por terem cometido algum crime, que lhes não perdoaram. São fantasmas brancos que andam pelos cemitérios, ou nos lugares do crime, sempre de noite. São outras vezes vultos que se vêem ao longe com uma luz, que andam em torno das ermidas, ou que entram de noite pelas casas arrastando grossas cadeias, e dando argoladas nas portas. (Lamego).

— Há na Galiza uns «espíritos maus» que andam pelos ares e que assaltam as pessoa, as quais se lhe tomam medo, o «espírito» entra com elas⁴⁸. Segundo a crença geral destes «espíritos» são os «espíritos maus» que iam a cair no Inferno, quando Deus disse: «in excelsis Deo» e que então não caíram e ficaram errantes pelos ares. (Orense).

⁴⁶ Cf. Afanasiev: *ob. cit.*, III, 209. Aproximem-se as significações do sâns. *dhuma*; greg. *thúma*, *thuos*; lat. *fumos*; slav. *dym*; lit. *dumas*; a. al. *toum*, *taum*, da significação da raiz comum.

⁴⁷ *Almanaque de Lembranças*, 1870, pg. 340 e seg.

⁴⁸ Vide anteriormente.

— Quando se pensa num morto, não se deve olhar para trás, jamais sendo à noite, porque se mete o espírito dele na gente.

— Quando uma pessoa está para morrer, na véspera da morte aparece a sua figura à pessoa mais amiga ou parente que tiver. (Valença).

— Uma pessoa, quando morre com dívidas, aparece a berrar à porta dos parentes, para estes lhas pagarem; porque enquanto o não fizerem não pode entrar no Céu.

— Se alguém costuma rezar às almas e disso se esquece nalguma noite, elas o acordam e não o deixam dormir enquanto não paga o tributo quotidiano. (Superstição brasileira)⁴⁹.

— Quando morre alguém atira-se fora toda a água que há em casa, porque a alma, ao desprender-se do corpo, vai purificar-se nela. (Idem; idêntica, porém, a uma portuguesa)⁵⁰.

— Se a rigidez cadavérica obsta a vestir com prontidão um defunto, chama-se-lhe pelo nome e pede-se-lhe que estenda ou encolha o braço ou a perna, que ele obedece logo. (Idem, idem; vid. anteriormente)⁵¹.

— Cortar uma árvore anosa é sinal evidente de morte próxima; porque é o lugar onde as almas do outro mundo vêm repousar nos dias de calor. (Superstição da ilha de S. Tiago de Cabo Verde)⁵².

— Quando morre alguém numa casa, deitam-se todas as águas fora, para que o defunto se não venha purificar (sic) nelas.

— Não se deve deixar de noite um copo de água em cima da mesa, porque os duendes vêm beber e atiram com ele ao dono da casa⁵³.

— Na casa onde falecer alguma pessoa de úlceras deve-se, logo que o doente exalar o último suspiro, deitar fora toda a água que houver em casa, porque a alma apenas separada do corpo vai purificar-se nela⁵⁴.

— Não se deve tirar o chapéu de noite, passando junto de uma igreja, porque as almas do Purgatório saem-lhe ao encontro⁵⁵.

— Não é bom estar dormindo quando passa defunto em préstito pela rua⁵⁶.

— Quando morre alguma pessoa que em vida inquietou outra, a que foi inquietada torra tremoço, cevada e sal, mói tudo junto e acompanha o préstito do defunto lançando na terra, durante o caminho, à maneira de quem semeia, alguns dos pós, dizendo: quando este tremoço nascer, esta cevada enrelvar e este sal temperar, seja quando me voltes a inquietar⁵⁷.

⁴⁹ *Almanaque de Lembranças para 1860*, pg. 181-182.

⁵⁰ Idem, idem.

⁵¹ Idem, idem.

⁵² *Almanaque de Lembranças*, 1872, pg. 195.

⁵³ Idem, idem.

⁵⁴ Idem, idem.

⁵⁵ Idem, idem.

⁵⁶ Francisco Maria Supico: *Almanaque do Arquipélago dos Açores para 1868*, pg. 108.

⁵⁷ Idem, idem.

Finalmente, para neste escrito incluir tudo quanto até ao presente pelas nossas investigações sabemos acerca das «almas do outro mundo», vamos reproduzir as superstições que se ligam a este assunto, e que nós já publicámos dispersas, nos artigos intitulados *Vária*, eliminando-as assim dessa colecção puramente provisória, para as fazer entrar no seu lugar conveniente⁵⁸.

— Para se livrar de espectros ou de sonhar com um morto, devem beijar-se-lhe as solas dos sapatos⁵⁹.

— Quando se vai acompanhar um defunto, para ele não lembrar mais, ou a alma dele não aparecer, deve deitar-se-lhe na cova uma mão cheia de terra⁶⁰.

— Quando se sonha com um defunto deve rezar-se-lhe uma oração, para ele não tornar a aparecer⁶¹.

— Quando lembra uma alma do outro mundo deve rezar-se-lhe um padre-nosso e dizer: toma lá este mas não é para avezar⁶².

— Quando uma pessoa morre, é bom queimar-se-lhe a cama, para não voltar a este mundo⁶³.

— Não se devem apagar os morrões que caem acesos no chão, porque estão alumando as almas do Purgatório⁶⁴.

— Quando uma pessoa está para morrer, mesmo na ocasião de dar o último suspiro vem sempre um mocho bater com as asas na janela⁶⁵.

— No Alentejo há uma ave (qual?) que, se algum caçador a matar, a alma penada dela fica errando pelo mundo, até que o assassino vá pelo espaço de trinta noites gritar por ela a um cemitério⁶⁶.

⁵⁸ No último fascículo da *Revista Científica* (Novembro), o Sr. Adolfo Coelho diz que eu publiquei 531 números de *superstições populares* sem lhes dar ordem, o que lhe dificultou os seus próprios trabalhos de classificação dos meus materiais. O nosso colega não mencionou, por inadvertência, a circunstância de que eu *em vez* de publicar as superstições a que se refere, de uma só vez, o que parece depreender-se da sua redacção, *levei quase três anos a publicar esse material que pouco a pouco ia colhendo e que ainda hoje continuo a coligir*; de modo que nestas circunstâncias a classificação que o Sr. Coelho quer, seria simplesmente impossível. O que eu fiz em Portugal está actualmente fazendo-o na Áustria a ilustre Academia de Cracóvia, com a sua esplêndida publicação etnográfica de que sai cada ano desde 1877 um volume: *Zbiór Wiadomości do Antropologii Krajowej*. O mesmo fê-lo além disso com a sua *Deutsche Mythologie* Grimm, e ainda ultimamente Liebrecht com o seu livro *Zur Volkskunde*, para não citar o grande repositório etnográfico relativo à Pequena Rússia e levado a cabo pela *Socied. Imp. Russa de Geografia*.

⁵⁹ Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mitologia Popular Portug.*, IV, n.º 8.

⁶⁰ Idem, idem, n.º 29.

⁶¹ Idem, idem, n.º 30. Cf. Cosquin.

⁶² Idem, idem, n.º 95.

⁶³ Idem, idem, n.º 96.

⁶⁴ Idem, idem, n.º 111.

⁶⁵ Idem, v, n.º 293.

⁶⁶ Idem, idem, n.º 373. Cf. a tradição algarvia da Zorra de Odeloca, que temos ouvido contar a diversas pessoas do Sul do Reino. Não nos sendo neste momento possível encontrar as notas manuscritas onde descrevemos essa superstição, valemo-nos de uma versão que o nosso amigo Leite Vasconcelos publica no seu livro (*Tradições Populares de Portugal*, pg. 302). «É crença geral no Algarve que aparece por ali, de tempos a tempos, uma alma penando, na figura de uma zorra, e que se algum mortal a arremeda, é perseguido pela sombra dela até à morte. Chamam-lhe a *zorrra berradeira* ou

— É bom ter relações com os defuntos, afim de eles pedirem por nós a Deus. Para isto deve pregar-se um alfinete na roupa que o defunto leva, e atirar-lhe para cima da cova com uma mão cheia de terra⁶⁷.

— A alma dos indivíduos que morrem aparece às vezes debaixo da forma de um cão preto⁶⁸.

— Segundo algumas pessoas, quando um defunto vai para a igreja, sem ser acompanhado por um padre, a alma do falecido fica pelo caminho e anda errante pelos sítios onde se perdeu⁶⁹.

— É bom espiar a roca (fiar-lhe o linho todo até ao último fio) todas as noites, para evitar que os defuntos a venham espiar⁷⁰.

— Quando aparece uma alma do outro mundo, deve perguntar-se-lhe: «Da parte de Deus e da Virgem Maria, se és alma do outro mundo dize o que queres?»⁷¹.

— Quando aparece uma alma do outro mundo e que pergunta alguma coisa, nunca se lhe deve responder. A pessoa que lhe responde morre⁷².

— Quando uma pessoa morre, o seu *carnal* não volta mais; mas pode aparecer uma sombra ou uma estátua (sic) (*eidolon?*)⁷³.

— Quando se enterra um defunto, as pessoas que o vão acompanhar devem deitar três mãos cheias de terra na cova, para não sonharem com ele⁷⁴.

— As pessoas que roubam as colmeias de abelhas, não têm recolhimento nem no Céu nem no Inferno e vêm-se do feitio de uma cabeça de boi (sic), em forma de uma luz muito grande⁷⁵, andarem de noite por cima dos pinheiros pousar e tornar a levantar-se. Chama-se isto a *colmeia*. É a alma do ladrão. Se uma pessoa se chega a uma *colmeia* com uma luz na mão, ela assopra-lhe e chamusca-lhe as barbas⁷⁶. (Lavadores).

a *Zorra de Odeloca*, que anda continuamente a berrar — sendo melhor ouvida depois da meia-noite e ao pino do meio-dia. Diz-se que durante o tempo em que ela não aparece (sete anos) anda por outros países».

⁶⁷ Idem, idem, n.º 378.

⁶⁸ Idem, viii, n.º 447. Vid. anteriormente.

⁶⁹ Idem, idem, n.º 466.

⁷⁰ Idem, idem, n.º 505.

⁷¹ Consiglieri Pedroso: *Tradições Populares Portuguesas*, XII, n.º 550.

⁷² Idem, idem, n.º 551.

⁷³ Idem, idem, n.º 588.

⁷⁴ Idem, idem, n.º 589.

⁷⁵ Sobre a representação da alma como luz ou fogo cf. Afanasiev: *ob. cit.*, m, 201 e seg. As luzes que aparecem nos cemitérios (fosforescências) são, segundo a crença dos Eslavos, os defuntos a passearem (idem m, 197, 199). Os defuntos andam com luzinhas (idem). Entre os Checos crê-se que por cima das sepulturas voam «almas de fogo». (Idem, III, 198). Nos fogos (luzes) errantes vêem a alma das crianças que morreram sem ser baptizadas ou então a alma dos pecadores ou dos avaros (ibidem). Os condenados por algum pecado andam depois da morte numa eterna viagem por este mundo, e apresentam-se à vista como homens com língua e olhos de fogo (idem, 198). Os Lusácios também crêm que os fogos errantes são almas penadas (*Neues Lausitz Magazin* — 1843, III — IV, 853). Na Alemanha é geral a mesma crença. (Grimm: *Deutsch. Myth.* II, 703 e seg.).

⁷⁶ Idem, idem, n.º 593.

— Em Santa Cruz, povoação do concelho de Vinhais, há magníficas águas sulfúricas na margem esquerda do rio Tua, onde concorre muita gente a tomá-las. As pessoas porém de longe têm medo de ali ficar durante a noite porque aparece no local uma coisa muito extraordinária. É uma luz nocturna que anda de outeiro em outeiro, de ladeira em ladeira e, ao aproximar-se uma pessoa dela, foge rapidamente. Muitas vezes ramifica-se em diferentes luzes com diversa grandeza e intensidade fungando e zunindo.

Atribui-se a sua origem a duas causas. Uns dizem que fora uma rapariga, que sendo pretendida por um frade, apesar do voto de castidade que fizera, foi vítima do referido frade, mesmo dentro de uma capela, e querendo-lhe dar sepultura nesse local, onde o crime fora cometido, o corpo da defunta não quis entrar na terra e desapareceu, ficando a alma, em forma de luz, penando eternamente.

Outros dizem que fora um rapaz que prometera palavra de casamento a uma certa moça, iludindo-a em seguida e não cumprindo depois a justa promessa. O rapaz daí a algum tempo morreu em pecado mortal, andando assim errante, feito numa luz, até que, tendo cumprido a pena deste delito, lhe concedam entrar no Céu. (Contada pelo meu amigo Manuel Ferreira, de Bragança).

— As almas do outro mundo, se ficam devendo alguma coisa neste e lho não perdoam à hora da morte, têm que vir entre os vivos para o ganharem (sic)⁷⁷.

— Quem tem uma ferida, livra-se dela facilmente, quando alguém morre. Para isso limpa a ferida a um pano, mete o pano por baixo da cabeça do defunto, dizendo-lhe: «Ó Fulano (pelo nome), leva-me isto para o outro mundo!» (Felgueiras)⁷⁸.

— É bom pregar alfinetes no vestido dos anjinhos (crianças falecidas em tenra idade), porque eles vão pedir pela pessoa que os pregou⁷⁹.

— Em Ruivães e em S.¹⁰ António de Espinho (concelho de Braga) é uso pôr uma pequena moeda de cobre no caixão do defunto para «a passagem da outra vida»⁸⁰.

— Perto também da Vieira, num certo número de localidades, e especialmente no lugar do Zebral, freguesia de Ruivães, é costume depositar na tumba dos defuntos cinco ou dez réis para a «passagem para a outra vida»⁸¹.

— É bom quando uma pessoa está para morrer, abrir a janela do quarto em que ela está⁸².

⁷⁷ Idem, idem, n.º 592.

⁷⁸ Idem, XIII, n.º 652.

⁷⁹ Idem, idem, n.º 654. Vid. anteriormente.

⁸⁰ Idem, idem, n.º 633.

⁸¹ Idem, idem, n.º 703. Com relação à Antiguidade Clássica é inútil insistir. Para a mesma superstição entre os povos modernos, cf. Wuttke: *Der deutsche Volksaberglaube der Gegenwart* § 734 (para os povos germânicos), Grimm: *Deutsch. Mythol.*, II, 692 e seg. (para a superstição em geral). Entre os Eslavos ainda não encontramos a superstição em fontes originais, se bem que deva aí existir, tanto mais que Grimm, até certo ponto a encontrou para os Lituanos, *ob. cit.* pg. 697. Cf. Afanasiev: *ob. cit.*, III, 242.

⁸² Consiglieri Pedroso: *ob. cit.* n.º 124; cf. Grimm: *D. M.* II, 701 e *Mélusine*, col. 120.

Por último indicaremos o seguinte uso que ainda hoje está em vigor no concelho de Santarém⁸³: Durante a Quaresma de todos os anos andam nove homens do campo a cantar, de noite, pelas portas, pedindo esmola para as almas. Finda a Quaresma o dinheiro junto é entregue ao prior, para dizer missas pelas almas do Purgatório. O prior tem que dar, no dia da recepção do dinheiro, um jantar aos cantores, cujo preço sai daquele dinheiro e o remanescente é dado às missas. Juntos então todos os nove cantam em coro as duas primeiras quadras e as duas últimas; em seguida separam-se em dois grupos, um de seis, outro de três; aqueles postados à primeira porta cantam cada uma das quadras seguintes e os outros repetem, postados junto da porta imediata:

CORO

Rezemos, que todos rezam
Este bendito e louvado;
Também os anjos rezam,
Na capela do sagrado.

Ó que bela profeição
De oiro tão desejado;
Também Jesus Cristo andou
Nobe meses em sagrado.

À porta das almas santas.
Bate Deus a toda a hora;
Almas santas lhe préguntam:
Oh! meu Deus que queres agora?

Quero que deixes o mundo,
Que venhas para a glória;
Oh! meu Deus, oh! meu senhor,
Ai! Jesus quem se lá bira,
Na companhia dos anjos
Também da Virgem Maria.

Ajoelhemos em terra,
Nós não semos os primeiros;
Em nossa companhia venha,
Jesus Cristo verdadeiro.

Atromenta os... (palavra ininteligível)
Em continuo padecendo;
Assim são as nossas almas
No prigatório ardendo.

Oube homes e mulheres
N'este pobo auditório;
Dai esmola se puderes,
Às almas do prigatório.

⁸³ Comunicado pelo nosso ilustre amigo, o Dr. Ariosto Moncada.

Das almas do prigatório
É bem que nos alembremos;
Nós abemos de morrer,
Sabe Deus p'ra onde iremos.

Essas esmolas que dai
Não cuidais que as comemos;
É p'ra mandar dizer de missas,
Deboção que nós trazemos.

Dai esmola se puder,
Se com devoção a dais;
Já lá tendes vossas mães,
Vossos filhos, vossos pais,
Como Lázaro lhe pede,
Que lhe não dei as fazendas (?)
Que lhe dei as migalhinhas,
Que crecem de boças menzas.

Esses bens que possuíres
Reparti-os em vossa vida;
Lá acharás na glória,
Quando formos à partida.

Oh! almas santas venditas,
Peçam ao nosso Senhor,
Que esta nossa oração
Seja em boço loubor.

Seja em boço loubor,
Também da Virgem Maria;
Pelas almas padre-nosso,
Por elas abe-maria.

Por elas rezemos todos,
Com devoção e alegria.
Vós que destes a esmola
Deste-a com devoção
Cá na Terra acharás o prémio,
Lá no Céu a salvação.
Oh! debino sacramento,
Sende o mesmo senhor
A acompanhar as nossas almas,
Quando deste mundo for.

CORO FINAL

Nós debemos ir ao Céu,
Por umas continhas brancas.
Nós semos os debotos
Das benditas almas santas.

Nós debemos de ir ao Céu,
Por umas continhas de chéro (cheiro)
Em nossa companhia venha
Jesus Cristo verdadeiro.

Está terminado o que tínhamos a dizer neste momento acerca das «almas do outro mundo», indubitavelmente uma das superstições ainda hoje mais vivazes no espírito do nosso povo. Apesar de no presente escrito termos acumulado bastantes materiais, grande parte dos quais pela primeira vez se publicam em Portugal, não cremos ainda assim que a tradição oral esteja exausta com respeito a este interessante capítulo da nossa mitologia popular. Supomos até com bom fundamento que explorações bem dirigidas e sistematicamente realizadas nos reservam bastantes surpresas. Como prova do que pode dar a tradição, quando interrogada com persistência, bastará citar a pobreza relativa que em duas obras, aliás de muito valor, se nota no que diz respeito à superstição das «alma penadas». Referimo-nos aos livros dos Srs. Coelho e Leite Vasconcelos, onde faltam elementos importantes do ciclo que neste capítulo tomamos para assunto das nossas investigações. Ora, o que na nossa monografia parece hoje riqueza, não há dúvida que será amplamente excedido por futuras investigações.

Depois de emendadas as provas do presente escrito recebemos do nosso distinto amigo Leite Vasconcelos as duas seguintes superstições a respeito das «procissões de defuntos», que o mesmo senhor teve a amabilidade de nos enviar para serem incluídas neste trabalho: Em Mondim da Beira as almas fazem na noite de Todos os Santos uma procissão com muitas luzes.

À meia-noite anda uma procissão de defuntos a dar voltas à igreja de Vidais com muitas luzes; um deles diz uns versos que começam:

Ó alma dientera
Toca-me nessa caldera

(Cadaval).

XII

O SECULAR DAS NUVENS*

Temos por diversas vezes sustentado no decurso destes estudos, que é ainda prematura qualquer sistematização definitiva da nossa mitologia popular, por isso que falta coligir muito material e sobretudo falta coligi-lo de um modo verdadeiramente metódico por todo o País. Sem que as investigações hajam sido uniformemente realizadas em todas as províncias é-nos impossível afirmar se uma dada superstição, crença ou lenda existe ou não na tradição oral do povo português, tornando-se portanto difícil o decidir qual é a vitalidade com que o património comum mítico dos povos indo-europeus se conservou entre nós. É por isso que todos os dias o tesouro, já bastante aumentado, da mitologia popular se vai sempre enriquecendo em Portugal, umas vezes por novas particularidades com respeito a certas entidades míticas (cf. por exemplo o nosso trabalho sobre o *Lobisomem*, n.º vn destes estudos, e o n.º xiv sobre *Almas do Outro Mundo*), outras vezes mesmo pela descoberta de mitos até hoje ignorados e que só ultimamente a tradição revelou como existindo entre nós (cf. *O Homem das Sete Dentaduras*, n.º x destes estudos).

É ainda a uma entidade mítica até hoje não suspeitada na tradição do nosso povo (cf. os trabalhos dos Srs. Leite de Vasconcelos e Adolfo Coelho onde nada absolutamente se menciona a tal respeito, se bem que no livro do Sr. Vasconcelos haja um vestígio da lenda não compreendido por falta de outros elementos que o autor não conheceu), que vamos dedicar o presente trabalho. Nada diremos por agora acerca da importância da entidade a que vamos referir-nos. Em primeiro lugar serão publicadas as lendas portuguesas que tratam de tal superstição; e só depois de algumas indicações a respeito da mesma crença entre os

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1882, 4.º vol.: 413-424.

demais povos indo-europeus é que pela aproximação e pelo confronto, faremos sobressair a importância da nossa descoberta.

— O *Secular das Nuvens* é quem produz as tempestades (Bragança).

— O *Secular das Nuvens* anda pelas nuvens a batalhar e a produzir as tempestades (idem).

— Quando está iminente alguma tempestade vê-se na névoa mais escura e na nuvem mais carregada um aspecto de horror e medo. É nesta nuvem que está oculto o diabólico *Secular das Nuvens*¹.

— O *Secular das Nuvens* tem de existência cem anos, batalhando sempre nos ares, com o que produz o trovão, o raio e o relâmpago².

— O *Secular das Nuvens* leva a tormenta, que ele produz, para onde quiser³.

Eis aqui como é descrito esse gênio maléfico, que entre nós se chama o *Secular das Nuvens*. Qual é a sua origem ou proveniência? Natural, não a conhecemos pelo que até agora temos coligido, a menos que não seja a única origem atribuída a esta entidade mítica, a seguinte que corre também na versão popular do distrito de Bragança:

— Para formar (sic) um *Secular das Nuvens* basta matar um homem, mas devagar e por partes. Começa-se pelos pés, picando a carne tão miudinha como se corta para fazer chouriços, e cortando assim até à cabeça, metendo depois tudo dentro de uma tina, sem perder nem um cibo de carne ou osso, nem pinga de sangue⁴.

— Quando se corta um homem para se formar o *Secular das Nuvens*, este homem tem de ser vivo, espatifando-o lentamente dos pés até à cabeça, sem o matar de repente. Deita-se depois esta carne dentro de uma tina conservando-a aí um ano certo. No fim deste tempo sai a cumprir o seu fado o *Secular das Nuvens*, que vai errante pelos ares (Bragança).

— O maior insulto que se pode dirigir a uma pessoa, é o chamar-se-lhe *Secular das Nuvens* (idem).

Nalguns pontos do distrito de Bragança o *Secular das Nuvens* é conhecido pelo nome de *Demónio* ou *Diabo Visível*. É sob este nome que ele nos aparece na seguinte lenda, que reúne numa narração seguida importantes e curiosos elementos da superstição que estamos estudando.

O Demónio Visível. — Uma vez um pai tinha um filho a estudar em Salamanca, e tinha-o mandado acompanhar por um criado para lá o servir. O filho resolveu meter-se *Diabo Visível* e não quis mais estudar porque lhe bastava saber isso (sic). Para que o pai o não achasse menos (sic) escreveu-lhe três cartas, recomendando ao criado, que mandasse por sua ordem cada mês uma carta ao pai.

¹ Comunicado pelo meu amigo Manuel Ferreira, natural de uma aldeia próxima a Bragança.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Bragança.

Resolveu depois mandar-se matar e meter toda a carne picada dentro de uma canoa, que tinha ali de estar durante três meses, para depois ficar *Diabo Visível* e fugir para as nuvens.

O criado, porém, enganou-se ao enviar as cartas, demorou a que devia ir primeiro e mandou a última; de maneira que apareceu ali o pai do estudante logo mal que a recebeu. O criado desculpou-se, dizendo que o filho havia de vir breve, e que tinha ido para uma jornada.

O pai não acreditou e entendeu que o filho havia sido morto e que lhe mentiam. Depois de muito insistir confessaram-lhe a verdade. O pai foi ver então a canoa onde estava o filho despedaçado e a carne com todos os temperos próprios de um adubo para chouriços. Como estava ali há algum tempo, a carne já começava a bulir. O pai, indignado, para que se não efectuasse o diabólico fim, mandou queimar a carne, amaldiçoando os livros onde o seu filho tinha aprendido aquilo⁵.

Finalmente a seguinte lenda vem juntar novos pormenores ao ciclo mítico do *Secular das Nuvens* ou *Demónio Visível*.

Homem caído das nuvens. — Uma vez estava um pai e um filho estudante num lameiro de campo, e de súbito começa uma medonha tempestade. Eles acolheram-se debaixo de uma árvore e de repente cai do céu um homem nu no meio do lameiro. Eles cobriram-no com uma capa e levaram-no para sua casa e vestiram-no e trataram-no muito bem; mas no fim de três dias o homem foi-se embora, muito penhorado para aquela família. Passados anos vai o filho estudante receber ordens e passando junto com outros estudantes numa cidade, andava a saber de hospedaria e viu um homem duma janela a gritar para eles e a mandá-los subir, oferecendo-lhe a sua casa para hospedaria. Eles aceitaram todos os obséquios, e quando se iam embora o tal senhor clamou pelo estudante e disse-lhe: «tome lá este dinheiro para custear as despesas da jornada e faça muitas recomendações a seus pais daquele homem que uma vez caiu das nuvens e que eles vestiram e levaram para casa, quando foi daquela grande tormenta do seu lameiro» (sic)⁶.

Evidentemente pertencem ao mesmo ciclo de que nos estamos ocupando as seguintes superstições que o Sr. Leite de Vasconcelos publica no seu livro (*Tradições Populares de Portugal*, pág. 52), e cuja importância passou despercebida para o nosso amigo, pela circunstância muito justificada de não ter coligido outros elementos, que lhe teriam com certeza atraído a atenção.

— A nuvem que passa muito carregada, leva excomungados (Pindela).

— Acredita-se que o excomungado não vai nem para o Céu, nem para o Inferno, mas vai viver numa nuvem, tolhendo todo o mundo.

— Muita gente, ao ver uma nuvem, sente de repente uma dor de cabeça: é o *ar ruim* do excomungado. Para nos livrarmos de *ar* de excomungado e de outras coisas más, é bom rezar três vezes (fazendo três cruzeiras da testa ao

⁵ Comunicado pelo meu amigo Manuel Ferreira.

⁶ Contado por uma pessoa de uma aldeia do distrito de Bragança.

ventre e de ombro a ombro) esta oração, que termina com uma *Salve-Rainha*:

Jesus Cristo nasceu
 Jesus Cristo morreu,
 Jesus Cristo ressuscitou:
 E assim como é verdade
 O Senhor me tire esta dor,
 Este mau-olhado
 De vivo, de morto
 Ou de «excomungado»:
 Pelo poder de Deus
 E do senhor Santiago. (Minho.)

— Quando à tarde as nuvens aparecem coloridas e com formas extravagantes, como cavaleiros, soldados, etc., alguém pensa ver aí *sinais que Deus manda* (Beira Baixa, Melres, etc.). Disseram-me da Beira Baixa que várias pessoas, quando vêem as nuvens assim, vão rezar numa capela.

Depois do que deixamos escrito, coligimos mais as seguintes lendas⁷, referidas ainda à mesma entidade mítica, que pelo menos no Norte de Portugal se apresenta com bastante vitalidade ainda, como se pode ver do que precede.

— *O Escolarão das Nuvens* cai na terra quando há tormenta.

— Os matemáticos (sic) *das covas de Hércules* (sic) geram as trovoadas subindo às nuvens, e devastam com a tormenta as povoações que lhes apraz. Às vezes caem tisonados do alto do céu. Uma vez caiu um, que ficou enterrado até à cintura na terra e ninguém lhe podia falar.

Por último, é corrente em toda a província de Trás-os-Montes a crença que no céu se presenciavam batalhas nas nuvens, exércitos passando e ainda outros sinais que para o povo são a profecia de guerras e revoluções na Terra.

Que importância mítica tem a tradição que, em diversas variantes acima, deixamos indicada? Muito grande. Pode mesmo dizer-se que a nossa mitologia neste ponto conservou maior vitalidade do que a mitologia eslava, tão rica em lendas e tradições de toda a espécie, por isso que nem entre os Russos, nem entre os Polacos, nem mesmo entre os Eslavos do Sul encontrámos até hoje coisa alguma de valor a tal respeito. Parece até que a lenda de que se trata é alheia absolutamente aos Eslavos e que os elementos idênticos que entre eles se encontram são devidos a uma influência germânica. Pelo menos assim o indica a circunstância de não existir palavra eslava para o designar o nome do *Caçador Selvagem* (é assim que se intitula o mito de que nos estamos ocupando). Em russo, por exemplo, as expressões *dikii okhotnik* e *dikaia okhota* são simples traduções das correspondentes palavras alemãs *wilder Jaeger* e *wilde Jaegd*, que signi-

⁷ Comunicado pelo meu amigo Manuel Ferreira, de uma aldeia do distrito de Bragança. A nosso pedido tem o Sr. Ferreira investigado por diferentes localidades da província de Trás-os-Montes o que possa encontrar-se aí relativo ao mito de que nos ocupamos.

⁸ Cf. Afanasiev: *Poet. vozz.*, I, 724-732; III, 794-795.

ficam respectivamente *caçador selvagem* e *caça selvagem*. Não quer dizer isto que entre os Russos alguma coisa aqui e ali se não encontre no mito de Svietovit, que evidentemente se relaciona com a tradição do «Caçador Selvagem» ou, para empregarmos a denominação popular portuguesa, do *Secular das Nuvens* (a forma verdadeira do nome ainda a não pudemos averiguar, se bem que talvez nos inclinemos mais para a segunda por motivos puramente linguísticos).

Svietovit produz as tempestades vernais e combate com as nuvens sombrias⁹.

Svietovit combate com os demónios, nas nuvens tenebrosas¹⁰.

Afanasiev, porém, reconhece¹¹ que entre os povos eslavos a tradição do *Caçador Selvagem* nunca chegou a um desenvolvimento que possa comparar-se com o que entre os povos germânicos, a mesma tradição teve.

Ainda assim, como pode ver-se por algumas crenças existentes entre os diversos povos eslavónicos e que o grande investigador menciona na sua obra¹², os Lusácios, os Checos, os Polacos e outros conhecem certas divindades que de algum modo fazem recordar o *mlder laeger* das lendas germânicas.

Entre os Litavos encontra-se a seguinte tradição: «Uma tarde um camponês dirigia-se da terra da sua naturalidade, Polangen, para uma aldeia junto de Plunia. Nesse momento levantou-se um temível temporal, e ele viu nos ares um homem, negro como a noite, montado num cavalo escuro, que seis cães a latirem acompanhavam. Era, porém, extraordinário que tanto o homem como o cavalo como os cães não tivessem cabeça. Logo que o homem negro assim passou, levantou-se um forte vento e um terrível temporal se desencadeou»¹³.

Além disso são variadas e numerosas as lendas que se referem ao *Pasutis Raitoris* (Cavaleiro Selvagem), apresentando-se aí a tradição com bastante vitalidade.

Onde o mito, porém, do *Caçador Selvagem* se apresenta com um notável desenvolvimento é entre os povos germânicos, especialmente alemães. Aí a tradição reveste numerosíssimas formas e aparece-nos acompanhada dos mais variados episódios.

Não podemos, pela rapidez com que escrevemos este estudo, mencionar por agora as importantes variantes da lenda germânica. Ficará para isso uma pró-

⁹ «Svietovitom uderjano drevnieishee predstavlenie vladiki neba, kotoryi ne tolko blistaet solnechnym svietom, no i tvorit vecennie grozy, srajaia s temnym tuchami». Afanasiev: *Poet. vozz.*, I, 95.

¹⁰ «Kak vладыка nebesnykh gromov, on vyiezjaet po nocham t. e. po mrakie nochepodobnykh tuch, srajaetsa s demonami timy, razit ikh molniiami.» Afanasiev: *Poet. vozz.*, I, 134.

¹¹ *Ob. cit.*, I, 730.

¹² Afanasiev: *Poet. vozz.*, I, 730-731.

¹³ Dr. Edm. Veckenstedt: *Die Mythen, Sagen, und Legenden der Zamaiten (Litauer)*, I, 183. Esta obra, há pouco saída e ainda incompleta, foi-nos obsequiosamente enviada pelo seu autor da Rússia, onde ele actualmente reside. É uma opulentíssima colecção de lendas, mitos e tradições de uma parte do povo lituano de que até hoje nada se sabia. Teremos ocasião de, por mais de uma vez, confrontar os nossos materiais com os preciosos materiais patenteados ao mundo erudito pelas cuidadosas investigações do doutor Ed. Veckenstedt.

xima publicação¹⁴ em que mais detidamente nos ocuparemos do assunto. Entretanto em duas obras notáveis podem ver-se longamente descritas as tradições de que estamos tratando. É uma delas a célebre *Mitologia Germânica*¹⁵ de Grimm, e a outra vez uma dissertação especial¹⁶ do douto mitólogo Schwartz sobre o mesmo assunto, considerado contudo nas suas relações especiais com as crenças da Antiguidade.

Nós mesmos, a propósito de um mito idêntico¹⁷, já tivemos ocasião de nos refrir a este ciclo de tradições. Na lenda germânica, o «Caçador Selvagem» é uma entidade mítica que quase sempre tem o seu domínio nos ares ou nas nuvens, simulando aí pelo silêncio da noite uma caçada ou uma correria nocturna, onde se ouvem repetidos gritos do caçador, e um continuado latir da matilha de cães que o acompanha. Por vezes o «caçador» desce à terra e então ai! dos pobres camponeses, que, encontrando-o, dele se não sabem livrar, porque lhes aconteceria grande dano¹⁸. Como num dos episódios da lenda portuguesa, também na lenda alemã se encontra a circunstância da queda de um homem das nuvens, que é o *infernalis venator*¹⁹. Além disso, as seguintes particularidades da tradição têm, como o leitor facilmente pode verificar, grande analogia com particularidades idênticas da lenda portuguesa.

A «caçada selvagem» são a nuvens²⁰. Não se deve olhar para o «Caçador Selvagem», porque se pode perder a vista²¹. O «Caçador Selvagem» é por vezes benfazejo e dá alguma coisa²², (etc.)

Os Franceses conhecem igualmente o mito do «Caçador Selvagem» para representar a tempestade. Assim a «caçada» é denominada: *l'armée furieuse, mesgnie furieuse, chasse de Cain*; e o «caçador» propriamente dito chamam-no: *chasseur sauvage* ou *grand veneur*²³. Na floresta de Fontainebleau, por exemplo, aparece ele diversas vezes caçando²⁴. «Andando nesta floresta um dia

¹⁴ Intitula-se este livro: *Essai d'une mythologie populaire portugaise* e deve ser publicado na casa editora Maisonneuve et C., de Paris.

¹⁵ *Deutsche Mythologie*, 4.^{ta} Auflage — II, pág. 765 a 793, onde se trata com todo o desenvolvimento da superstição do *wütendes Heer*, de que o mito em questão é uma variante. Tivemos ocasião de estudar este aspecto da tradição no nosso trabalho anterior: *Tradições Populares Portuguesas. As Almas do Outro Mundo*, a propósito das «procissões de defuntos».

¹⁶ Dr. F. L. W. Schwartz: *Der heutige Volksglaube und das alte Heidenethum, mit Bezug auf Nordeutschland, besonders die Mark Brandenburg und Mecklenburg*, 2.^{ta} Auflage.

¹⁷ *Tradições Populares Portuguesas*, n.º XIV — *As Almas do Outro Mundo*.

¹⁸ Cf. Afanasiev, Grimm e Schwartz, *loc. cit.*

¹⁹ Cf. Grimm: *Deutsche Mythologie*, II, 770.

²⁰ Afanasiev: *ob. cit.*, I, 726.

²¹ Afanasiev, *idem, idem*.

²² Afanasiev: *idem, idem*. Na lenda eslava aproxima-se ainda de *Svantovit* o que se diz do «pastor dos lobos» — Afanasiev, III, 529-531. Cf. Consiglieri Pedroso: *Tradições Populares Portuguesas*, n.º VII, pág. 11, nota. O *volchii pastyr* é, com efeito, um elemento importante do mito que estudamos, e que nos parece ter escapado à penetração e ciência de Grimm. Cf. *Deutsche Mythologie*, li, 791.

²³ Cf. Afanasiev: *ob. cit.*, I, 727, nota.

²⁴ *Deutsche Mythologie*, II, 786.

à caça Henrique iv, assim o conta a lenda²⁵, sentiu à distância latido de cães, ressoar de trombetas e o ruído de uma grande caçada, que rapidamente se aproximava. Henrique mandou então o conde de Soissons a ver o que era. Adiantou-se o conde e ouviu, com efeito, um extraordinário motim, sem porém poder averiguar de onde o ruído partia. De repente apareceu-lhe no mais profundo da floresta um «homem alto e negro» que lhe disse: — *ouvis o ruído que eu faço?* — e desapareceu outra vez. Era o «Caçador Selvagem» (le Grand Veneur).

Ainda a tradição existe entre os Italianos, como o prova o seguinte passo de Guicelardini²⁶:

«Rissonava per tutto la fama, essere nel territorio de Arezzo passati visibilmente molti di *per Faria infiniti huomini armati*, sopra grossissimi cavalli e con *terribile strepito di suoni di trombe e di tamburi*».

Desta lenda podem igualmente aproximar-se as lendas dinamarquesas do rei Klint, ou do rei Waldemar, que são apenas variantes das que se encontram pertencendo ao mesmo ciclo em todo o território escandinavo.

Conhecem também a tradição do «Caçador Selvagem», embora modificada, os Valachos. Conta-se entre eles que Sina caça nas nuvens com grande acompanhamento de feiticeiras e fadas²⁷. E Sina possui ao mesmo tempo grande poder mágico, porque pode tornar qualquer paralítico, surdo ou cego.

Resta-nos ainda indicar a existência dos elementos da lenda, que estudámos, na Antiguidade Clássica. Encontram-se eles no mito de Hécate e mais tarde no de Artémis e de Orion²⁸, que por agora não podemos neste lugar desenvolver, mas que mais tarde serão objecto de um exame comparativo bastante minucioso.

Assim, cremos ter demonstrado, embora de um modo muito sumário que as lendas portuguesas a respeito do *Secular das Nuvens* ou *Escolar das Nuvens* têm uma grande importância mítica, e pertencem a um ciclo de tradições de que as raças germânicas conservaram melhor que as outras raças indo-europeias a recordação. Grande número de particularidades da lenda do nosso país encontram-se repetidas na tradição alemã, eslava, etc. Por exemplo, a crença lituana que citamos é perfeitamente conforme a um dos aspectos da superstição em Portugal. O mito está, pois, descoberto entre o nosso povo e os elementos que dele já coligimos são bastantes para nos darem uma satisfatória restituição. Sobre este assunto devem em todo o caso existir mais lendas no País,

²⁵ Pierre Mathieu: *Histoire de France*, L. I de l'an 1599, apud Wilhelm Hertz: *Der Werwolf*, pág. 103, nota.

²⁶ *Historia d'Italia*, 1583, pg. 22, Cf. Grimm: *Deutsche Mythologie*, II, 784, nota.

²⁷ *Die Sina* (geschrieben Dina, d. i. Diana) jagt mit einem grossen gefolge von Zauberinnen undfeen in den wölken. Viele Walachen schwaeren drauf das sie-ihre festmusik in den lüften gehoert haben. Auch zeigt man die staetten wo von den überirdischen mitihrem gefolge getantz worden ist, und daher grass und Krauter verwelket sind. Die Sina hat grosse zauberkraefte: sie kann lahm, taub und blind machen, etc. Arthur und Albert Schott: *Walachische Maerchen*, pág. 296.

²⁸ Cf. Grimm: *Deutsche Mythologie*, III, 791-792; m, 284; Schwartz: *Der Ursprung der Mythologie, dargelegt an griechischer und deutscher Sage*, sub voce *Wilde Iaeger*. Cf. também Cox: *Mythology of the Arian Nations*.

especialmente no Norte, e essas lendas torna-se forçoso coligir, não só para se completar este interessantíssimo ciclo da tradição, que entre nós parece ainda possuir tão grande vitalidade relativa, mas para que não desapareçam pelo olvido (o que dentro em pouco lhes sucederá) elementos tão importantes da mitologia portuguesa.

OUTROS TEXTOS

ESTUDOS DE MITOGRAFIA PORTUGUESA*

oh! contos lindos,
Que às longas noites de comprido Inverno
Nossos avós felizes intertínheis
Ao pé do amigo lar

(Garrett — *Dona Branca* — m).

Mitografia é uma nova e importante ciência, que tem por objecto o estudo de todas as questões que se ligam com a origem, com a essência e com a transmissão dos contos populares. A série de estudos que com este número inauguramos, e que deve alternar com as nossas *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, tem por fim preparar os elementos para o trabalho que tencionamos publicar sobre os contos que temos coligido, do mesmo modo que as *Contribuições* acima indicadas devem acumular os materiais necessários para a constituição da *Mitologia Popular Portuguesa*, que nos propomos escrever. Será por isso, a propósito dos contos do nosso país, e especialmente dos que nós havemos coleccionado, que as questões de mitografia geral serão tratadas, embora apesar de este ponto de vista limitado, tenha de simultaneamente se percorrer todo o campo da ciência que já é bastante vasto, para ser dominado com facilidade. Assim, para o estudo comparativo dos nossos contos, é evidente que serão estudadas todas as versões que em outros povos deles pudermos encontrar; mas é também claro que os contos, de que no nosso país se não encontram variantes, ou os episódios que aqui se não reproduzirem, só podem verda-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 18879/80, 2.º vol.: 437-457. Reeditado posteriormente, sob o título «Significação e Importância dos Contos Populares», como prefácio aos Contos Populares Portugueses (1910).

deiramente interessar-nos quando sirvam para imediatamente esclarecer uma questão geral intimamente ligada com a nossa colecção. Esta delimitação voluntária do campo dos nossos estudos é-nos imposta pela vastidão da ciência e pela convicção de que é mister observar, aqui como em toda a parte, o princípio fecundo da divisão do trabalho, escolhendo cada um o terreno que melhor possa explorar, e onde as suas descobertas possam ter algum valor, em vez de invadir o campo alheio onde se arrisca a despender forças, repetindo o que já está feito, com prejuízo da ciência e perda de um tempo precioso. Por esta circunstância os nossos estudos são por agora apenas «estudos de mitografia portuguesa» e é sob este ponto de vista, que eles devem ser considerados.

Este nosso primeiro volume é constituído pela reprodução do prólogo a um volume de contos, que tencionávamos publicar na casa Brockhaus de Leipzig. Tendo tido porém que modificar o plano primitivo dessa publicação, principalmente pelo desejo manifestado pelo Conselho Director da Folk-Lore Society de Londres, de incluir parte dos nossos contos nas publicações da mesma Sociedade, julgámos contudo que nele se continham algumas observações dignas de serem conhecidas com respeito à nossa novelística popular e por isso nos resolvemos a imprimi-lo neste lugar, apesar do volume a que ele era destinado, não sair por agora.

Começamos hoje a cumprir parte da promessa que há tempo fizemos (cf. *A Constituição da Família Primitiva*, pg. 12, nota), publicando o primeiro volume da nossa colecção de contos populares portugueses, produto de uma laboriosa investigação de anos, e que conjuntamente com duas outras séries de publicações (cf. *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* de que saíram já os três primeiros números e *Contribuições para um Romanceiro e Cancioneiro Popular Português*, cujo primeiro número deve proximamente ser publicado na *Romania*) devem, quando concluídas e convenientemente sistematizadas, apresentar o resultado dos nossos trabalhos no domínio do *Folk-Lore* português.

Uma tendência acentuada de espírito e de carácter, circunstâncias especiais de educação (a prolongada convivência com pessoas, a quem na nossa infância ouvimos contar parte das histórias, que hoje constituem o fundo da presente

¹ Seja-nos lícito dar direito de cidade a esta expressão inglesa que de uma rara felicidade e transparência, merece na tecnologia científicas, pelo menos ser adoptada sem reserva. Em português e nas demais línguas românicas, não existe palavra para designar o facto. «Tradições populares» é um termo muito restrito e nalguns casos podendo induzir em erro. Os alemães têm a palavra *Volkskunde*, mas esta designação é, pelo contrário, mais vasta e menos precisa. Sobre a origem da denominação *Folk-Lore* aplicada ao conjunto das crenças, usos e tradições populares, veja-se *Folk-Lore Record*, vol. I, pág. XIII, onde é indicado o número de 22 de Agosto de 1846 do jornal *The Athanaeum* como tendo sido nele primeiramente sugerida por um anónimo.

² Ainda a estas três séries podemos juntar a quarta, que se abre com o presente escrito, onde se juntarão os materiais para o estudo dos contos que coligimos, sob todos os pontos de vista que interessam à mitografia, e que será uma preparação para o estudo definitivo que sobre os mesmos contos intentamos publicar.

colecção) e mais que tudo e posteriormente a convicção, por um lado, da urgente necessidade de explorar de um modo científico as tradições populares como elemento indispensável para a regeneração da nossa vida literária nacional e por outro, da impossibilidade de contribuir para o adiantamento da ciência (o que deve ser a ambição de todo aquele que estuda e que trabalha) a não ser no campo restrito mas quase virgem das coisas portuguesas, todas estas considerações, enfim, juntas ao conhecimento da importância destes belos estudos e dos maravilhosos resultados, que haviam coroado os esforços de Grimm, de Afanasiev, de Liebrecht, de Kohler, de Ralston, de Gaston Paris, de Gubernatis, de Comparetti, de Pitré, etc., etc., nos levaram fatalmente para esta ordem de investigações. Convém e é de justiça acrescentar a estes diversos motivos determinantes (cf. *A Constituição da Família Primitiva*, pg. 12, nota) o estímulo fecundo exercido pelos trabalhos do nosso amigo e colega Teófilo Braga sobre o Romanço e Cancioneiro Popular Português e ainda pelos estudos sobre mitologia e contos populares do nosso amigo e colega também Adolfo Coelho.

O presente volume e os que se lhe seguirem são a resultante de todos estes factores combinados.

Nem pode ficar mal a um professor de História, e especialmente de História Portuguesa, o ocupar-se nas horas vagas, que lhe deixa o seu ensino, em coligir os materiais que mais tarde hão-de compor a narração do nosso maravilhoso popular. Longe vai felizmente o tempo, em que a história apenas considerava digno do seu objecto o estudo das instituições políticas ou militares de um povo. Hoje, o verdadeiro historiador deve, acima de tudo, procurar compreender a evolução do espírito humano, causa única e real de todas as transformações na ordem social, na ordem política e na ordem religiosa. Ora, a história do espírito humano no seu lento caminhar compõe-se também de todos esses momentos, que um falso subjectivismo de escola alcunhou de aberrações, de superstições e não raro de delitos e de crimes, mas que hoje uma crítica mais imparcial e mais justa olha apenas como fases provisórias mas perfeitamente orgânicas da evolução de um povo, como factores indispensáveis na continuidade da sua vida histórica. A investigação do maravilhoso popular português nas suas múltiplas relações de filiação com o maravilhoso dos outros povos, tanto antigos como modernos, é pois um capítulo e dos não menos interessantes de uma verdadeira História de Portugal e, sem sairmos do campo dos nossos trabalhos oficiais, podemos entregar-nos sem reserva aos estudos que nos têm proporcionado tão belas horas em nossa vida, evocando ao mesmo passo recordações sempre queridas de tempo que já não volta!...

Reservando para mais tarde e para um volume especial a comparação dos nossos contos com os das numerosas e ricas colecções que hoje existem, pode dizer-se, em quase todos os povos, principalmente dos europeus e asiáticos, nesta

³ Este trabalho em grande parte acha-se hoje feito por alguns mitógrafos e especialmente por Reinhold Kohler, sob o ponto de vista das principais colecções dos países latinos e germânicos. O nosso comentário, porém, terá, nos parece, algum interesse, por isso que fará entrar em grande escala

introdução limitar-nos-emos ao indispensável para estabelecer a genuinidade da nossa colecção e o seu valor como documento, e para justificar a disposição, com tendências mais ou menos classificadoras, que nela julgamos dever adotar. Começemos pelo primeiro ponto.

Todos os contos, que figuram neste volume, foram coligidos directamente da tradição oral, o maior número por nós⁴ próprios, e os que não foram coligidos directamente por nós foram escritos imediatamente da versão popular por amigos de toda a confiança e sob as nossas instruções, de modo que a sua genui-

o elemento eslavo, tão importante e até hoje tão pouco estudado pelos eruditos que se ocupam destes assuntos. A não ser por Gubernatis, que na sua *Zoological Mythology* resumiu um certo número de contos de Afanasiev e pelo distinto eslavista Ralston, que no seu volume intitulado *Russian Folk Tales* traduziu cinquenta e um contos das colecções russas de Afanasiev, Khudyakov, Erlennein e Chudinski, pouco ou nada se sabe do enorme material que se tem coligido em todos os povos eslavos nestes últimos tempos. A obra que seobre os *skazkas* (contos) o Prof. Reinhold Kohler tencionava publicar em colaboração com o Prof. Jülg, está longe, infelizmente, de começar a prepara-se, conforme em carta nos comunicou o primeiro há dias. De modo que, uma larga comparação dos nossos contos com os das principais colecções eslavas terá, quando menos, o valor de uma primeira tentativa num campo quase por explorar. As colecções principais de que tencionamos servir-nos são, entre outras, as seguintes:

RUSSAS

- (A. N.) Afanasiev — *Narodnuiya russkiya skazki* — 4 vols. Moscovo — 1873.
- (J. A.) Khudyakov — *Velikorusskiya skazki* — Moscovo — 1860.
- (E. A.) Chudinski — *Russkiya narodnuiya skazki* etc. Moscovo — 1864.
- (A. A.) Erlennein — *Narodnuiya skazki* etc. — Moscovo — 1863.
- (P.) Hildebrandt — *Malorusskiya skazki* — Sampetersburgo — 1878.
- (I.) Rudchenko — *Narodnuiya Yuzhnorusskiya skazki* — Kiev — 1869.
- Dragomanov — *Malorusskiya narodnuiya predaniya i razskazi* — Kiev — 1876.

POLACA

- (A. J.) Gliniski — *Bajarz Polski. Basni, pomesci* etc. — Vilna — 1862.

CHECAS

- (B. M.) Kulda — *Moravské narodni pohadky, povest.* etc. — Praga — 1873.

SÉRVIAS

- (W.) Karadchitch — *Srpske narodne pripovietke* etc. — Viena — 1870.
- (W.) Vertchevitch — *Srpske narodne pripovietke* etc. — Belgrado — 1868.
- (W.) Dojtechvitch — *Pritchanya* — Fascículos -V, Viena 1877-1878.

⁴ É este o momento de indicar o nome de algumas pessoas a quem devemos importantes comunicações de contos, já contando-os, já escrevendo-os mesmo para a nossa colecção. Em primeiro lugar figura o nosso amigo e distinto aluno da Escola Politécnica, Barbosa Bettencourt, que se deu ao trabalho de escrever todos os contos (mais de trinta) que sabia uma criada sua, natural de Beja.

nidade é de todo o ponto irrefutável. Para mais seguramente autenticar a sua proveniência, e para tanto quanto possível fornecer os elementos para o estudo crítico das diversas variantes de um mesmo conto, cuidadosamente indicámos o nome a profissão da narradora, a sua naturalidade, e todas as vezes que foi possível, se sabia ou não ler. Tomemos como exemplo as duas mais preciosas colecções de contos populares que conhecemos (G. Pitre — *Fiabe, novelle e raconti popolari siciliani*, 4 vols., Palermo 1875 e A. N. Afanasiev — *Narodnuiya russkiya skazki*, 4 vols., 2.^a edição de Moscovo, de 1873³), indo mesmo mais longe em indicações do que qualquer destes ilustres e eruditíssimos colecionadores. Como se verá pois da lista apresentada, a proveniência dos nossos contos é bastante variada e diversa, com a vantagem de não se achar entre as pessoas mencionadas uma única, que seja *contadora* de profissão, como acontece em muitas colecções, (veja-se, por ex., Laura Gonzenbach — *Sicilianische Märchen, aus dem Volksmunde gesammelt etc.*, Vorwort.) vantagem que não permitiu a introdução de um certo número de ampliações imaginativas, puramente individuais, e por isso sem valor tradicional, mas que é impossível evitar toda a vez que a pessoa que conta, pela repetição habitual dos mesmos episódios, insensivelmente os vai dispondo e modificando a seu bel-prazer, apagando-lhe cada vez mais o cunho do impessoal e do anónimo para lhes dar um carácter individual, realizando assim o que o prolóquio português ensina, i. e. *que quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto*.

Pelo contrário, os narradores a quem nos socorremos (pela maior parte mulheres, que conservam a transmitem mais pura e mais intacta a tradição, como pode ver-se confrontando os processos mss. da Inquisição que se referem aos feiticeiros com os que dizem respeito às feiticeiras) eram todos eles, não obstante as diferenças de hierarquia e condição, de uma adorável ingenuidade no que se relacionava com o assunto sobre que nós íamos interrogá-los, e quase todos nem suspeitavam, sequer, que alguém pudesse *seriamente* interessar-se por tão fúteis bagatelas, não tendo jamais nenhum deles (deve notar-se cuidadosamente este facto) ditado conto algum ou mesmo simplesmente contado, a não ser para satisfazer a curiosidade infantil de um filho, neto ou irmãozinho. A presente colecção (é este o seu principal valor) representa pois as primícias que nos foi dado colher da boca virgem do povo, e vem ainda impregnada do suave

A este estudioso, tão inteligente e ilustrado quanto modesto, devemos ainda a comunicação de um certo número de superstições e usos populares. Das pessoas que mais nos contaram, e cujos nomes de direito devem ficar ligados a esta colecção, não podemos deixar de indicar as seguintes: minha mãe, as Exc.^{as} Snr.^{as} D. Guilhermina de Varennes e Cândida da Silva, a Snr.^a D. Maria da Conceição e Silva, minha sobrinha Maria da Conceição Machado, Conceição Rodrigues, fazendeira de ao pé do Alto Varejão (Lisboa), Francisca da Piedade, criada de minha mãe, o nosso amigo J. A. Beja da Silva, Mamede José Augusto, de 13 anos de idade, José Marques, de 14 anos, a Snr.^a D. Delfina Abreu, etc., etc. No fim de cada conto vai cuidadosamente indicada a pessoa de onde provém, com todas as circunstâncias que nos foi possível coligir.

³ É esta a edição a que sempre nos referimos e que, segundo cremos, difere algum tanto da citada por Ralston e Gubernatis.

perfume da alma popular, não tendo tido tempo de perder por alterações ou adulterações eruditas a sua fragância original. Não foi sem relutância, contudo, e sem vencer dificuldades que só indirectamente podem ser removidas, que chegamos a este resultado. O povo em toda a parte (cf. P. Chr. Asbjørnsen og Jørg Moe — *Norske Folke-Eventyr*, Forord til anden Udgave e *Constituição da Família Primitiva*, pág. 13, nota), guarda ciosamente o tesouro das suas tradições, e para que revele sem pensamento reservado o que lhe pedem, é mister primeiro ganhar-lhe confiança, que só com uma larga convivência se adquire. Daí a principal dificuldade que se depara os coleccionadores.

Respeitando com todo o escrúpulo a espontaneidade popular, não me julguei autorizado para retocar, sob o pretexto de uma falsa compreensão artística, a linguagem dos narradores, como infelizmente entendeu deve fazê-lo o autor de uma colecção, aliás bastante importante, da nossa península (Cf. Maspons y Labrós — *Lo rondallayre. Quentos populars catalans*, I, pg. V e II, pg. XVII). A forma de cada conto conserva o cunho da pessoa, que o ditou. Um pouco mais correcto se a narradora era mais ilustrada, mais desalinhado na forma se a narradora o era menos e, se no nosso país, houvesse porventura dialectos distintamente caracterizados, ver-se-ia em cada história reflectida essa diferenciação. Como porém, esses dialectos não existem, e como por outro lado a língua falada é sensivelmente a mesma que a língua escrita, há uma uniformidade de dicção mais ou menos em todos eles, vantagem que não tiveram nem Grimm nem Asbjørnsen nem muitos outros, que se viram obrigados a traduzir da língua popular para a língua literária, fazendo assim perder às colecções respectivas parte do seu valor, ou então, como Pitrè, que na sua grande colecção, para se manter nos limites de um rigor estritamente científico, teve que recorrer ao emprego de um dialecto com pequena cultura literária, o que torna a sua obra, a não ser para os romanistas, às vezes trabalhosa de consultar, apesar do excelente glossário e resumo gramatical que este ilustre e douto mitógrafo lhe deu como apêndice.

Por isso a presente colecção, afora o seu fim especial, pode também servir de documento filológico, bastando dizer que nem as repetições foram suprimidas, e que nem um único conto foi escrito de memória, preferindo por vezes perder algum a apresentá-lo com uma forma que não fosse a da pessoa que o contou. A localidade de cada versão foi, tanto quanto possível, cuidadosamente investigada, indo indicada no fim de cada uma, conjuntamente com as demais circunstâncias dignas de se mencionarem. Aqui, porém, surge uma dificuldade, que não nos é lícito iludir. Nem sempre esta localidade representa a verdadeira do conto, e muito principalmente quando se trata de Lisboa. Pelo carácter especial das populações da capital, misturadas de diversos elementos estranhos, e onde por via de regra, a imigração de todos os pontos do País faz que cada província se ache representada pelo seu contingente mais ou menos numeroso, a fixidez local desaparece num certo cosmopolitismo relativo, perdendo-se quase que completamente os vestígios da naturalidade. Resta neste caso (e adoptámos por vezes tal expediente) o recurso da naturalidade da narradora, mas este elemento

de crítica igualmente é falível, porquanto nas nossas investigações por mais de uma vez tivemos ocasião de reconhecer a ignorância, por parte da pessoa que contava, do local onde tinha aprendido a sua versão, ou da pessoa que lha tinha comunicado. Mas esta circunstância que pareceria à primeira vista prejudicar até certo ponto o rigor científico da colecção, dá-lhe pelo contrário um carácter de generalidade bastante apreciável, tornando-a representante da novelística popular de todo o País, e não desta ou daquela província unicamente. Demais, como pode ver-se, se Lisboa contribuiu com um número considerável de contos, não foi a única a pagar o seu tributo, e tanto a Beira como o Alentejo e ainda outras regiões, incluindo as nossas ilhas pela primeira vez exploradas neste sentido, aí se acham directamente representadas. Somente o Algarve, um dos centros da nossa elaboração tradicional e poética, falta no presente volume, mas nos seguintes será esta omissão sobejamente reparada, para o que já temos parte dos materiais necessários. Contudo, uma exploração sistemática em todo o País. forçoso é confessá-lo, está longe de ter sido feita, apesar do que temos coligido, assim como o nosso colega e amigo Adolfo Coelho, de cujo volume de contos já vamos dizer algumas palavras. E no entretanto, as riquezas que uma exploração nestes termos podia ir descobrir, não nos é fácil prever. Há poucos anos ainda ninguém suspeitava que em Portugal houvesse contos, que valesse a pena conservar, e hoje a soma dos que se acham coligidos é já respeitável. Não tomando em conta os que ainda estão inéditos, e são muitos (o nosso amigo Adolfo Coelho tem em ms. um número de contos superior ao que publicou; o nosso amigo Teófilo Braga, conforme o que lhe ouvimos em tempo, tem também em seu poder um grande número; pela nossa parte, podemos dizer que o que já temos coligido é, pelo menos, superior em número ao dobro do que neste volume publicamos), mesmo se nos quisermos limitar ao que está impresso, incluindo o volume actual, o seu número é quase igual ao que a colecção dos irmãos Grimm apresenta nas últimas edições (200). Ora, nós temos mais do que simples suspeitas, temos bem fundados indícios, de que existe um grande número de contos na tradição do nosso povo, que ainda não foram coligidos constituindo não só variantes importantes de tipos já publicados, mas o que tem mais valor, versões ainda não colhidas no nosso país.

Assim, por ex., o Sr. Gaston Paris, indubitavelmente um dos primeiros e mais eruditos conhecedores da literatura dos contos populares, no seu belo trabalho sobre o *Petit Poucet* (Gaston Paris — *Le Petit Poucet et la Grande Ourse* pg. 52) não tendo encontrado vestígios deste conto nem em Itália nem na Espanha, supõe que ele pertence exclusivamente aos Eslavos e aos Alemães, e que recebeu a sua forma definitiva na época em que estes dois povos viviam ainda juntos e formavam um grupo separado dentro da família indo-europeia. Ora, o conto existe, tanto em Portugal (F. A. Coelho — *Contos Populares Portugueses*, n.º XXXIII) como na Itália (G. Pitre — *Una variante toscana della novella dei Petit Poucet*). Simplesmente não estava coligido. No nosso país, estamos mesmo autorizados a supor que existem dele diversas versões, se bem que

infelizmente não lográssemos ainda deparar com uma completa⁶. O mesmo facto se dá também com o antigo conto do Rhampsinito ou do *Ladrão Hábil* de que já temos quatro variantes, incluindo uma da ilha Terceira, que serão publicadas no volume seguinte.

Mas uma exploração sistemática e cientificamente organizada em todo o País, análoga à que, na primeira metade deste século, empreendeu por sua conta a Sociedade Académica de Helsingfors⁷, a fim de coligir na Finlândia os fragmentos dispersos do *Kalevala* que com tanta intuição o Dr. Lonnrot reconstituiu, é também superior às forças de dois ou três homens, qualquer que seja o zelo de que estejam animados. Era esta uma das mais belas missões na nossa Academia Real das Ciências, de resto perfeitamente dentro do quadro do seu programa, e para ela aqui deixamos este apelo desinteressado em nome da ciência. Escutalo-a ela, e prestará o seu valioso auxílio a uma obra que faria respeitado o seu nome de nacionais e estrangeiros, de todos, enfim, que se ocupam destes importantes e hoje indispensáveis estudos para a interpretação dos mais graves problemas da etnologia e da história? Empreender tão meritória obra, seria ao mesmo tempo salvar do esquecimento e dentro de breves anos, de uma destruição completa, um grande monumento nacional e ministrar à ciência para as suas fecundas comparações o último anel ocidental da cadeia tradicional indo-europeia. Demais o tempo urge. Quando passar a geração, hoje representada por nossos pais, ter-se-ão perdido para sempre os tesouros que a tempo não soubemos salvar do olvido, porque a moderna geração educada em grande parte numa falsa compreensão da arte e da ciência, cercada além disso de causas dissolventes do elemento tradicional, não sabe «contar». Mesmo nalguns contos, que já temos coligido, se nota este trabalho de decomposição lenta (Cf. A. Coelho — *Contos Populares Portuguesas*, pág. VI), que breve será seguido da sua total destruição e desaparecimento. E quando esta consideração não bastasse, a ela deveria juntar-se a necessidade de dar à ciência um elemento que ela ainda não possui, e de que não pode prescindir — o elemento tradicional português, extremo ocidental dessa cadeia, que ao Oriente começa na Índia com a aurora da civilização. A mitografia não poderá, com êxito, e de um modo definitivo, empreender a comparação geral de todos os contos, enquanto não estiver de posse de todas as variantes principais. E sem um trabalho comparativo realizado nesta escala não poderão resolver-se de uma maneira científica os problemas, alguns deles ainda bem obscuros, que dizem respeito à natureza, à origem e à transmissão dos contos populares. O que tais soluções importam para a etnografia, para a mitologia comparada, para a psicologia das raças e para a história da civilização, é inútil aqui discutir...

⁶ Depois de termos escrito estas linhas, podemos coligir uma versão completa do conto em questão, e andamos na pista de outra de diferente proveniência.

⁷ Mesmo actualmente o ministro de Instrução Pública da República Francesa, acaba de encarregar M. Quellien de uma missão científica, a fim de coligir a música e a letra de canções populares da Bretanha. (Cf. *Révue Politique et Littéraire* — de 24 de Julho de 1880 pg. 96).

Passemos à classificação, ou antes, porque não é uma verdadeira classificação (este trabalho fica reservado para quando publicarmos o comentário aos nossos contos), à disposição que nós adoptámos na nossa colecção. Como o presente volume tem um fim estritamente científico, demos de cada conto, sacrificando neste ponto a variedade do conjunto, todas as variantes que pudemos coligir. A importância das variantes para o estudo comparativo de cada tipo ou de cada ciclo é tão óbvia, que é quase ocioso o insistir nela, pois todos os que se ocupam destes estudos reconhecem de sobejo o seu valor. Às vezes a particularidade que figura numa variante, e que isoladamente considerada nenhuma significação tem, adquire uma importância capital no estudo comparativo do conto, para lhe determinar a filiação e a genuinidade tradicional. Veja-se por exemplo nos contos do nosso amigo Adolfo Coelho (*Contos Populares Portugueses*, XXIV e XXV) o valor mítico do beijo dado pela *Bela-menina* no monstro em que está encantado o príncipe, episódio que, por ex., desapareceu de todas as variantes que coligimos do referido conto¹. Numa das variantes que damos do conto da *Gata Borralheira*, a *Menina e o Peixe*, aparece-nos um episódio que não se encontra nem nas outras quatro variantes que se acham no presente volume, nem na versão que o Sr. A. Coelho publica (*Contos Populares Portugueses* n.º XXXVI). Um dia um homem trouxe para cada um peixe que apanhou e deu-o à mais nova das filhas, que era quem tratava da cozinha, para ela o arranjar. A menina, em vez de o matar, deita-o num poço e o peixe reconheceu, quando daí a algum tempo, ela tem de ficar em casa, enquanto as irmãs mais velhas vão a uma festa no palácio do rei, dá-lhe tudo quanto ela precisa para se apresentar no baile conseguindo a menina pela riqueza do seu traje atrair a atenção de toda a corte e vindo por fim a casar com o peixe, que era um príncipe encantado.

Ora, num conto de Afanasiev (*Narodnuiya russkiya skazki*, n.º 162, *Zolotoi bachmatchok* [o sapatinho de ouro]) que pertence ao mesmo ciclo, um homem compra um peixe para cada uma das filhas. A mais velha come-o; mas a mais nova deita-o num poço (*kolódetz*). O peixe agradecido, igualmente faz com que ela vá à festa, onde o príncipe a vê e casa com ela, depois do tradicional episódio da perda do sapato. Nem a *Cendrillon* de Perrault, nem a *Aschenputtel* de Grimm conhecem o episódio do peixe, que sob uma forma essencialmente idêntica nos aparece no conto russo e na variante portuguesa, indicando assim o alto valor tradicional desta última. Não é somente neste ponto, de resto, que os dois contos coincidem. Assim, por ex., em ambos é de ouro o sapatinho que a menina perde e que é encontrado pelo príncipe ou pelo rei, etc. De modo que, somos forçados a admitir que o conto português conserva uma feição mais genuína, que muitos outros pertencentes ao mesmo ciclo de variantes e de onde o episódio acima indicado já desapareceu por via de dissolução ou de eliminação incons-

¹ Como este prólogo é publicado separadamente dos contos a que se refere, entendemos dever suprimir os números dos contos respectivos, que por esta forma deixavam de ter significação, representando apenas a disposição relativa que tinham no volume a que primitivamente eram destinados.

ciente. *A priori* não se pode pois rejeitar variante nenhuma, por destituída de valor que à primeira vista pareça. É mais um documento, e como tal arquiva-se, aguardando que chegue o comento de ele nos revelar o seu segredo. E depois, as variantes são ainda preciosas, para nos patentear o processo psicológico que as produziu. Afanasiev, um dos mais eruditos colectores de contos populares, chega a dar na sua grande colecção dez variantes de um mesmo conto (cf. ob. cit., n.º 231 *Ne liubo, ne sluchaietc.*), e hoje todas as colecções verdadeiramente científicas obedecem a este critério. Pela nossa parte, apresentamos todas as variantes, que pudemos coligir, omitindo apenas as simples versões de um mesmo conto, diferenciadas tão-somente por pequenas particularidades de dizer. Aceitámos por isso não só todas as variantes bem caracterizadas, mas mesmo as versões em que julgámos encontrar algum pormenor digno de ser atendido num estudo comparativo. Mas apresentando estas variantes, podíamos seguir dois métodos, Ou tomar uma delas como tipo, dando em seguida as demais em nota no fim de cada conto ou no fim do volume, como se encontra nalgumas colecções; ou então transcrevê-las umas em seguida às outras, como se fossem contos independentes, não dando a preferência a nenhuma delas. Depois de alguma hesitação, decidimo-nos por este último.

Tomar uma versão como tipo fundamental dando em nota as restantes, pressupõe o conhecimento prévio da relação que essas versões entre si mantêm e da importância relativa de cada uma delas. Ora, como este conhecimento está longe de existir para todos os casos, arriscamo-nos a tomar como tipo genético uma versão secundária e portanto alterada, deixando num lugar secundário outra de mais subido valor. Pelo contrário, apresentando todas as variantes em seguida, sem dar a preferência a nenhuma delas (embora neste caso se possam ordenar pela maior ou menor afinidade externa dos episódios), não se prejudica de modo algum, por uma classificação *a priori*, a sua futura distribuição metódica. Reinhold Kohler (cf. Laura Gonzenbach — *Sicilianische Marchen* etc. pág. xi), ordenou por esta forma os contos sicilianos e, quando outra razão não tivéramos para justificar a nossa disposição a autoridade do grande mitógrafo de Weimar era-nos suficiente defesa. Afanasiev na sua colecção segue também em parte este método.

A classificação dos contos populares é com efeito hoje um dos problemas mais importantes e a que é necessário atender com mais urgência no campo destes estudos. As divisões e classificações até hoje apresentadas são mais ou menos viciosas e por assim dizer, mais de um carácter externo do que baseadas na própria essência do conto (vid. Ralston — *Notes on Folk-Tales* in *Folk-Lore Record*, I, pág. 78 e seg.). Existe um grande número de colecções de contos populares de quase todos os países, há já preciosas aproximações parciais não só entre os diversos contos tomados no seu conjunto, mas mesmo entre simples episódios; porém, um estudo comparativo e uma classificação rigorosamente científica do conteúdo de *todas* as colecções hoje conhecidas, é trabalho que ainda não está feito, não obstante a sua urgência e reconhecida necessidade. Actualmente não basta coligir, embora cuidadosamente; é mister que cada colector apre-

sente o seu material metodicamente disposto e, tanto quant possível, já repartido pelo menos nas suas grandes divisões. Não podendo por falta de tempo dispor a presente colecção como desejávamos, além disso não nos parecendo satisfazer completamente ao seu fim nenhuma das classificações existentes que conhecemos, adoptámos uma disposição se bem que muito pouco precisa, com a vantagem, porém, de ser popular e nacional. Esta disposição encontrámo-la já em vigor na tradição do nosso povo, que inconscientemente divide e classifica os géneros sem jamais os confundir. Assim, além da denominação de *histórias da carochinha* que é aplicada à totalidade dos contos e que talvez tenha uma origem erudita, o povo distingue os *contos de fadas*, as *histórias morais*, as *anedotas* e as *fábulas*.

Os «contos de fadas» ou de «encantos» são todas as narrações em que o maravilhoso feérico entra como um dos elementos mais importantes da acção. Não se propõem demonstrar nenhuma tese, sendo por vezes incongruentes no seu desfecho, que não pode chamar-se conclusão. O carácter destes contos é essencialmente mítico, ou quando o seu movimento geral não pode directamente filiar-se no desdobramento de um mito, apresentam-se repassados ainda assim de elementos mitológicos, mais ou menos puros. Os contos da *Bela e da Fera*, *As Três Cidras do Amor*, *O Gigante Encantado*, todos enfim do presente volume, pertencem a esta classe. O herói principal é sempre um príncipe ou uma princesa encantada ou perseguida, que depois de várias vicissitudes, trabalhos e perigos, consegue quebrar o encanto ou escapar à perseguição. Este tema que se repete constantemente com uma não interrompida monotonia, varia contudo infinitamente nos diversos contos pela variedade dos episódios de que se reveste, constituindo assim a série interminável de versões e variantes. Será esta unidade fundamental dos «contos de fadas» uma prova da sua origem mítica e esse herói que figura em todos eles, perseguido por um inimigo a quem vence ou envolvido num encanto que quebra, representará realmente o Sol perseguido na sua carreira pela nuvem que ele dissipa com os raios de ouro, ou oculto pelas sombras da noite que ele por fim consegue romper ao chegar a alvorada? Nalguns casos cremos que será difícil negar a identidade entre o herói do conto e o fenómeno, que ele, evidentemente, simboliza. Querer porém reduzir todos os contos a este dado fundamental, parece-nos tentativa baldada no estado actual da ciência. O nosso amigo e colega Adolfo Coelho (cf. *Contos Populares Portugueses*. pg. XXXII) considera o conto e o mito como dois produtos radicalmente diversos, embora no conto entrem muitas vezes elementos míticos e vê nestas narrações populares o produto de uma faculdade que se acha mais ou menos desenvolvida em todas as raças humanas. Pela nossa parte não admitimos esta proposição formulada com tal generalidade. Para muitos contos é ela verdadeira, sem dúvida, mas para todos julgamos que vai além do justo limite; em todo o caso é ela uma legítima reacção contra a tendência de encontrar por toda a parte o mito solar nas suas múltiplas manifestações (cf. os meus *Ensaio Críticos*, I, pg. 8). Nos contos de fadas, são personagens obrigadas os gigantes, as bruxas, as feiticeiras, as fadas, os monstros que habitam subterrâneos, etc., etc; e como

elementos auxiliares do maravilhoso ainda neles aparecem os animais que falam, as armas e os utensílios mágicos, etc. O tom geral é neles o dramático, e o seu desfecho, ilógico e não motivado as mais das vezes, é quase sempre um casamento, raramente uma morte, a não ser a do elemento maligno (a nuvem?), ou então a ressurreição de uma personagem adormecida, que volta novamente à vida, depois de um letargo temporário (cf. *A Menina Ressuscitada*, versão portuguesa da *Belle au bois dormant* ou da *Sleeping Beauty*).

As «histórias morais», como o nome já indica, propõem-se demonstrar uma tese. Por via de regra, desapareceu delas o maravilhoso feérico dos «contos de fadas», ainda que por vezes ele aí tenha persistido, embora com menos brilhantismo e subordinado ao plano principal. Distinguem-se das «anedotas» onde em geral predomina a facécia e das «fábulas», que também mais ou menos têm um fim moral, mas em que o herói ou heróis são sempre os diversos animais. Pertencem à categoria da «histórias morais» por ex., *A Caveira*, *A Mãe de S. Pedro*, *Um Recado ao Céu*, etc., etc., da nossa colecção inédita, que há-de constituir um volume especial. A «anedota» corresponde exactamente à *schwank* alemã, o seu carácter é essencialmente faceto, e o assunto pouco variado, O herói é quase sempre o marido traído, que a mulher mesmo à sua vista engana, ou o frade que a custo se livra de lances angustiosos em que a sua luxúria ou gulotonice o coloca, ou o campónio ladino, que consegue adivinhar por acaso e às vezes por perspicácia as mais embaraçosas questões que de ordinário lhe propõe um rei. Ainda nesta classe se filia o ciclo do *Manei Tolo* (cf. a nossa colecção inédita) correspondente ao *Giufà* dos contos sicilianos (cf. Pitré — *Fiabe* etc., vol. III, pg. 353 e seg.) às *Molbohistoire* da Dinamarca (cf. *Romania* IX, 138-140) etc.

As «fábulas» são, como é bem sabido, narrações de ordinário com uma moralidade, diferenciando-se contudo das «histórias morais» por serem os animais os heróis principais em torno dos quais se desenvolve a acção. Em Portugal existem na tradição oral grande número de fábulas, principalmente pertencentes ao ciclo do *Renard*. Há ainda a «lenda» (a *Sagen* alemã, bem distinta da *Märchen*) com um carácter sempre local, que o nosso povo jamais confunde com qualquer dos tipos precedentes. Demais, a lenda que se localiza ora num castelo, ora numa ribeira, ora num bosque ou num monte, tem sempre umas tais ou quais pretensões históricas ou pelo menos forma-se em torno de um facto conhecido, cujos pormenores reais se perderam na memória do povo, sendo substituídos por outros puramente de ficção. Um exemplo frisante da formação destes produtos, meio reais, meio fantástico, da imaginação popular, é a célebre *Lenda das Obras de Santa Engrácia*, que corre em Lisboa e que se localizou no edifício bem conhecido deste nome. Aqui a apresentamos tal como no-la contou nossa mãe, que a ouviu de uma criada bastante velha:

«No século passado existia uma freira no convento que ficava junto ao edifício então em construção para a igreja matriz de Santa Engrácia. Namorou-se essa freira de um rapaz e conseguiu que ele lhe fosse falar ao convento, deitando para isso todas as noites uma corda de seda pelo muro da cerca, por onde ele

às escondidas subia. Vinha o mancebo a cavalo e para não ser pressentido envolvia as patas do animal em algodão em rama. Aconteceu que por essa ocasião houve na igreja do convento um desacato. Foi roubado o sacrário com as sagradas partículas, e ao outro dia um carro ia a passar pelo Campo de Santa Clara, os bois recusaram-se a andar num certo sítio, chegando mesmo a ajoelhar. Descoberta a causa disto viu-se que eram as hóstias, que os ladrões tinham roubado, que estavam ali enterradas. Foram novamente recolhidas à igreja, e houve uma procissão de desagravo, (nome que depois ficou ao convento) e outras cerimónias expiatórias. Os vizinhos, porém, que tinham descoberto os amores do mancebo com a freira, foram denunciá-lo ao Santo Ofício, e uma noite, quando vinha segundo o seu costume a descer pelo muro da cerca, foi preso e conduzido ao cárcere, tendo-se-lhe encontrado as patas do cavalo forradas de algodão. A freira apenas soube da prisão do seu namorado, e aflita com medo de alguma indiscrição que causaria a sua perda, mandou-lhe dois melões, um inteiro e outro «calado» (com uma pequena abertura que se costuma fazer para a prova) dizendo-lhe ao mesmo tempo que o «calado» era o melhor. O mancebo compreendeu a advertência e guardou um silêncio absoluto a todos os interrogatórios. Foi por isso condenado a morrer pelo crime do desacato e profanação da igreja. No momento porém de ir para o suplicio, voltando-se para a igreja matriz de Santa Engrácia, então em construção, disse: «Morro inocente! e é tão certa a minha inocência como é certo que nunca se hão-de acabar aquelas obras por mais que façam!» Dito isto foi a morrer sem proferir mais uma palavra. Desde então nunca mais foi possível acabar as ditas obras. Sempre um incidente imprevisto as tem vindo suspender. A igreja não se fez, e hoje as obras de Santa Engrácia, ainda por acabar, são um depósito de material de guerra. Cumpriu-se a maldição do inocente!»

Isto diz a lenda; mas para se estudar a sua formação, confronte-se o processo da Inquisição, onde vem relatado o facto real que lhe serviu de núcleo, ocorrido na primeira metade do século dezassete (Bibliot. Nac. de Lisboa, Coleção Moreira — *Sentenças Mss. da Inquisição*, vol. 1.º pág. 244 e seg.).

Outras vezes a «lenda» não tem um fundamento histórico, mas forma-se para explicar um certo e determinado fenómeno físico. Assim, por ex. (esta lenda foi-nos comunicada pelo nosso amigo José de Mascarenhas Relvas, que a ouviu a uma pessoa da localidade) nas proximidades de Penela há dois montes bastante elevados e de forma mais ou menos cónica. É crença popular que dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabelecer as suas forjas cada um em seu monte, mas que possuindo ambos um só martelo dele se serviam alternadamente. Os montes na sua parte superior distam uns dois quilómetros um do outro; e quando o Melo, assim se chamava um dos ferreiros, precisava do martelo, chegava à porta da forja e gritava para o Jerumelo, assim se chamava o outro ferreiro, para este lho atirar. Isto repetia-se todas as vezes que trabalhavam. Os dois ferreiros eram gigantes, porque só assim podiam ter força para arremessar o martelo a tão grande distância. Uma vez zangou-se o Jerumelo com o companheiro e atirou-lhe o martelo com tanta violência, que desencavando-se este no ar, foi

cair o ferro na encosta do monte Melo e logo daí brotou uma fonte de água férrea, e o cabo que era de madeira de zambujo (uma espécie de oliveira brava) foi espetar-se na terra a mais de dois quilómetros de distância, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome a uma povoação que fica a quatro quilómetros dos referidos montes, e que por isso se chama hoje Zambujal. No cimo do monte Melo vêem-se ainda agora umas ruínas, que são da forja de um dos ferreiros.

De qualquer destas duas espécies de lendas existe grande quantidade no nosso país. A classificação da literatura popular em prosa do povo português, que apresentámos, é a que o mesmo povo inconscientemente adopta, e à falta de possuir um carácter científico, tem a vantagem de ser tradicional. Por isso e provisoriamente a seguimos na nossa colecção, tomando-a por modelo. Assim, a primeira série será constituída pelos «contos de fadas» evidentemente os mais numerosos em Portugal, os mais curiosos sob o ponto de vista mítico e tradicional, e os que mais intimamente foram assimilados e parcialmente elaborados pelo povo, como se depreende das suas numerosas variantes, comparadas com as das outras categorias. As séries seguintes serão constituídas pelas «histórias morais», pelas «anedotas» ou contos picarescos e pelas «fábulas». Enquanto às lendas, propriamente ditas, serão objecto de uma publicação especial. Estas divisões, sendo perfeitamente caracterizadas nos seus traços gerais, não são tão rigorosas contudo, que por vezes não se hesite com relação à categoria em que deve ser colocado um certo e determinado conto, por ex. a versão portuguesa do célebre conto do Rhampsinó (cf. Heródoto, II, 121-122). Alguns mesmo há, que com igual razão poderiam figurar em duas séries. Mas esta incerteza igualmente se reproduz mais ou menos em todas as classificações que conhecemos.

Gaston Paris (cf. *Romania*, III, 418) é de opinião e por mais de uma vez o tem afirmado, que não há contos novos a descobrir, mas apenas variantes ou versões dos tipos já conhecidos a coligir. Pelo que diz respeito à nossa colecção, não infirma ela a opinião do sábio romanista e mitógrafo. Em compensação quase que podemos afirmar, que em Portugal se encontram variantes dos principais ciclos conhecidos. Assim, no presente volume damos sete versões diversas do conto das *Três Cidras do Amor*, que se encontra até na Índia (cf. Maive Stokes — *Indian Fairy Tales*, n.º XXI, The Bél-princess.) Do ciclo da *Gata Borralheira* (cf. para a sua extensão as notas de Reinhold Kohler a um conto escocês in *Revue Celtique*, in, 370, 371) apresentamos quatro versões. Do ciclo da *Bela e da Fera* damos cinco versões, sendo uma delas interessante, por isso que ao contrário de todas as versões conhecidas deste conto (cf. Coelho — *Contos Populares Portugueses*, pág. XXIV e XXV) o monstro não se desencanta, mas morre de paixão, sendo a sua morte seguida em pouco pela da Bela, que não resiste à saudade e aos remorsos de ter sido a causa da morte do seu benfeitor. Do ciclo de *Amor e Psique* figuram no presente volume sete variantes, reproduzindo uma delas mais propriamente a forma da lenda *Purūravas-Urvaçi* (cf. para este ciclo F. Liebrecht, *Zur Vol/cskunde*, Amor und Psyche). A lenda pela primeira vez apresentada por Apuleio, e que provavel-

mente não é da sua invenção nem exclusivamente romana, mas sim indo-europeia (cf. Liebrecht, *loc. cit.*) acha-se modificada pela seguinte forma nos contos populares portugueses: uma esposa humana tem secretas relações com um ente sobrenatural, que lhe dá todas as riquezas, mas que ela não pode ver, por isso que só de noite se encontram. Contando à mãe ou às irmãs o seu enlace misterioso, estas induzem-na a acender uma luz durante a noite (o feixe de luz que os Gandharvas dirigem para o corpo nu de Purûravas) para ver as feições do esposo desconhecido, que jaz adormecido a seu lado. Cedendo a uma fatal curiosidade ela assim o faz, mas apenas acende a luz, segundo umas versões, ou segundo outras, por ter deixado cair um pingo de cera no rosto do amante, e ainda por lhe ter queimado a pele que ele todas as noites despe, o ente sobrenatural desaparece, devendo ela para o tornar a encontrar passar grande número de dificuldades, em que de ordinário tem de romper um par de botas de ferro e percorrer sucessivamente os reinos do Sol, da Lua e do vento. Às vezes é a simples indiscrição em revelar o nome do ente desconhecido (*O Príncipe de Cabeça de Cavalo*). Outras vezes, como acima dissemos, é a esposa a entidade sobrenatural (*Urvaçi*) e o esposo o personagem humano. Apesar da modificação, os laços que prendem o conto ao mito oriental e à lenda clássica são bem visíveis. Em todos três se dá a ligação de dois entes de natureza diferente, e é a revelação da natureza do esposo sobrenatural a causa da perda temporária da felicidade, que somente se readquire depois de uma série de difíceis provações. Também na presente colecção se nos deparam versões portuguesas do célebre conto que Shakespeare introduziu numa das suas tragédias, *O Rei Lear*, i. e. da filha, que sendo interrogada pelo pai se o estimava, respondeu ao contrário das irmãs mais velhas, que só acharam hipérboles para expressar o seu amor, que lhe «queria como era do seu dever, nem mais nem menos».

I love your majesty
According to my bond; no more, nor less. (*King Lear*, act I, scene I).

O rei, que não compreende a resposta de Cordélia, amaldiçoa-a, vindo mais tarde a reconhecer a verdade do protesto. Nas versões portuguesas, a filha mais nova responde, que «quer tanto ao pai como ao sabor do sal», e este mesmo detalhe se acha num grande número de variantes do mesmo conto, que até se encontra na Índia (cf. Maive Stokes — *Indian Fairy Tales*, n.º xxiii, *The princess who loved her father like salt*). Numa das variantes do presente volume (cf. *Pedro Cortiçalo*), este conto encontra-se fundido com episódios do *Peau d'âne*, que igualmente se acha representado na nossa colecção pelas diversas versões da *Maria do Pau*. Para contos que recordem mitos clássicos, veja-se, por ex. *A Bicha de Sete Cabeças* que faz lembrar a lenda de Andrômeda, e o *Bezerro de Ouro*, que indubitavelmente é uma reminiscência do mito de Zeus transformado em chuva de ouro para gozar o amor de Danai, etc.

O nosso colega Adolfo Coelho é de opinião (cf. *Contos Populares Portugueses*, pg. VI e VII) que os contos no nosso país estão já num estado de dissolução, indicado pela confusão de episódios, sendo além disso «pouco poéticos e de um carácter simplesmente enumerativo...» Efectivamente há um certo número de contos em que o começo de dissolução é evidente, o que não admira, atendendo a que Portugal foi um dos últimos países a coligi-los. A confusão, porém, de episódios, nem sempre é indício de uma dissolução próxima, e mais ou menos pode ela reconhecer-se em todas as colecções, mesmo as mais ricas e opulentas. É o resultado inevitável do trabalho inconsciente e espontâneo do sincretismo popular. Enquanto ao que diz respeito ao carácter simplesmente enumerativo e pouco poético das versões portuguesas, não nos parece que esta asserção tenha um valor absoluto para todos os casos. Grande número de contos nossos rivalizam com os mais belos de Grimm, Pitre ou Afanasiev. Entre outros, por ex. a nossa versão da *Filha Que não Quer Casar com o Pai*, pertencente ao ciclo do *Peau d'âne*, não é inferior em beleza à variante eslava *Svinoi tcheckol* (Afanasiev, *ob. cit.* n.º 161) etc., etc. O carácter da pessoa que conta influi muito na fisiologia geral da narração. Os *contadores* de profissão (no nosso país é menos vulgar do que noutros esta especialidade) de ordinário introduzem nas suas histórias uma feição mais imaginativa, dão-lhe um relevo mais plástico e por vezes quase que literário. Pelo contrário, a história coligida aqui e acolá da boca do povo directamente, é mais severa na sua contextura, embora não menos poética pela singeleza, e por vezes mais incongruente no suceder dos episódios, esquecendo não raro mencionar algum no lugar competente, como acontece a quem não está habituado a contar (ou antes a ditar para se escrever), voltando a todo o momento atrás para relembra um pormenor olvidado. Mas esta diferença de conto para conto, conforme a sua proveniência, não é peculiar dos contos portugueses e pode igualmente encontrar-se em todas as colecções, que se conservaram genuinamente populares, i. e. sem a forma modificada por um retoque literário, ou com o fim de corrigir as desigualdades naturais ou pela necessidade mais justificada da tradução. O que, não há dúvida, falta aos contos portugueses, é a originalidade relativa dos contos eslavos, mas a causa disto não é um fenómeno de dissolução.

Para concluir, porém, com este prólogo resta-nos examinar a seguinte questão: são realmente os contos, de que até agora nos temos ocupado, antigos na tradição do nosso povo, ou pelo contrário são apenas o resultado de uma infiltração literária recente, e por consequência sem valor algum tradicional e comparativo? Como seria repetir uma demonstração, que já está feita, o provar que os contos, que andam na tradição portuguesa, não são o produto de uma influência literária recente, entendemos no entretanto conveniente reproduzir aqui as conclusões a que o nosso colega Adolfo Coelho chegou no belo prólogo, que precede o volume dos seus contos. Estas conclusões são as seguintes (*ob. cit.* pg. xv):

1.º Todos esses contos (os portugueses) provêm directa ou indirectamente da boca popular; quase todos foram aprendidos na infância pelas pessoas, que

os escreveram ou os narraram, e em geral, como essas pessoas o afirmaram, de pessoas de idade....

2.º Nos antigos escritores portugueses, nos adágios, nos prolóquios da língua há alusões a esses contos, ou a contos do mesmo género;

3.º Alguns escritores portugueses apresentam versões literárias desses contos;

4.º A comparação prova que nesses contos há particularidades antigas, que faltam ou se acham alteradas nas versões estrangeiras traduzidas ou conhecidas em Portugal.

5.º Aceitamos completamente as conclusões do nosso colega, cuja demonstração que por brevidade omitimos, nos parece concludente. É possível que num ou outro caso excepcional se venha a demonstrar uma influência literária. Assim, por ex., não há muito que coligimos directamente da boca de uma mulher analfabeta, que declarou tê-la ouvido na sua infância, a uma companheira, que também não sabia ler, uma versão da célebre história de João de Calais, que muito recentemente entrou no nosso país, graças a um dos numerosos folhetos da chamada «literatura de cordel» (*História de João de Calais* — Lisboa 1848), história que na sua forma literária representa a apropriação de um conto popular pertencente ao ciclo do *Morto Agradecido*, mas que apesar de ter vindo modernamente por um canal erudito para o nosso país, está hoje tão assimilado pelo povo, que poderia, se não fossem as coincidências demasiadamente numerosas entre o conto popular e sua redacção literária, supor-se aquele existente na tradição oral já antes do conhecimento desta última. Mas o facto que aqui deixamos apontado, não passa certamente de uma excepção relativamente à grande massa dos contos portugueses, que conhecemos, mesmo porque as fontes literárias modernas, que poderiam ter fornecido um contingente à nossa novelística, são assaz pobres e o que é mais, para a exacta apreciação da sua influência, bem conhecidas.

Restava-nos ainda, para dar por concluídas estas observações prévias, descrever rapidamente a colecção de contos há pouco publicada pelo nosso amigo e colega Adolfo Coelho, e indicar os pontos de contacto, que existem entre ela e o presente volume. Para este exame, porém, ser completo e para a comparação ser profícua, seria necessário por agora um tempo e um espaço de que não podemos dispor, ficando este trabalho reservado para o último volume da nossa colecção, onde daremos a parte comparativa e onde estudaremos os principais problemas que se ligam com a origem, natureza e transmissão dos contos populares em geral e em especial as questões que dizem respeito à sua entrada na Península e em Portugal. Por isso e de um modo geral, no que respeita à relação entre os contos publicados pelo nosso amigo Adolfo Coelho e os que neste momento publicamos, bastará dizer o seguinte: Divide-se o actual volume em duas partes. A mais considerável é composta de contos até hoje completamente inéditos e que nós publicamos pela primeira vez. A outra parte é constituída por variantes de contos que já se acham no volume do Sr. Adolfo Coelho. Destas versões ainda, umas são mais genuínas que as correspondentes da colecção

mencionada, pelo contrário doutras versões o Sr. Coelho publica a lição mais pura e menos adulterada.

Aqui entregamos aos especialistas, para quem o livro é principalmente destinado, uma parte do produto das nossas investigações no domínio das tradições populares de Portugal. Que estas investigações realizadas no Extremo Ocidente, onde se perde o derradeiro da cadeia tradicional indo-europeia, têm um valor real e preenchem uma lacuna na ciência, diz-mo de sobejo o modo como elas são recebidas em França, na Alemanha, na Itália, e na Inglaterra pelos mitógrafos mais eminentes. Possam elas satisfazer a sua legítima curiosidade, e possa o autor na limitada esfera dos seus trabalhos contribuir para que se restitua à ciência mais um elemento de que ela carece, e ao seu país se conserve o monumento que encerra as mais cândidas e ingénuas criações da poética fantasia dos seus filhos!

CONTOS POPULARES

UM CONTO POPULAR DA ÍNDIA PORTUGUESA*

Era uma vez uma raposa, que tendo tido coito com um lobo, e não tendo onde se recolher para dar à luz os filhos, pediu a este para lhe procurar um sítio próprio para este fim. O lobo aconselhou a raposa a ir recolher-se na caverna de um tigre, que ali havia perto. Como a raposa já não pudesse esperar aceitou este imprudente conselho e entrou uma noite na cova do tigre, que o lobo lhe indicara.

Os tigres ausentam-se das suas cavernas principalmente de noite. E foi o que aconteceu.

Na primeira noite tudo se passou bem. A raposa teve os filhos e ninguém a veio incomodar. No dia imediato não podendo ela sair da cova, o lobo ficou numa grande aflição com medo que viesse o tigre. De repente teve uma feliz lembrança. O lobo disse à raposa: «Finjamo-nos superiores ao tigre. Eu faço-me de leão e tu de leoa, e quanto o tigre se aproximar da caverna, dá beliscões (*sic*) para os nossos filhos chorarem. Eu hei-de estar escondido no alto do rochedo, perguntar-te-ei — *porque choram os nossos filhos?* e tu responderás com coragem — *é porque eles não querem comer a carne seca já do tigre morto ontem e desejam carne de um tigre vivo*. Assim foi. Daí a pouco chegou o tigre, e quando ouviu estas palavras deitou a fugir espavorido.

A alguma distância da cova havia um coelho, que noutro tempo tivera relações de amizade com o tigre. Quando o viu vir todo pálido (*sic*) e espavorido chegou-se ao pé dele e disse-lhe: «Que é isso amigo? Que tens?» O tigre contou-lhe o que se tinha passado, acrescentando que naturalmente eram leões que

* Originalmente publicado no *Archivio per lo Studio delle Tradizioni Popolare*, 1882, vol. I: 73-75. Transcrevem-se no fim, em corpo mais pequeno, os comentários que na edição original acompanhavam o conto, bem como uma variante do Norte da Índia do mesmo conto, traduzido por Consiglieri Pedroso a partir duma recolha russa.

estavam na cova. «Leões! ah! ah!, exclamou o coelho, é apenas uma raposa que lá foi parir! Vi-a ontem mesmo passar com o lobo. Vamos lá os dois.» O tigre disse então: «Pois acompanha-me tu, que havemos de tirar deles uma desforra terrível.» — E foram.

Quando chegaram ao pé da cova já o lobo os tinha visto. E vai daí, que há-de ele fazer? Os filhos começaram outra vez a gritar e o lobo perguntou à raposa: «Porque choram os nossos filhos?» A raposa respondeu: — «Porque não querem comer a carne do tigre morto ontem.» — O lobo então disse: «Não tem dúvida! porque o coelho nosso amigo, que nos prometeu quatro tigres, já aí nos traz o primeiro para matar a fome aos nossos filhos.» O tigre mal ouviu estas palavras, não percebendo a astúcia do lobo, julgou que o coelho o trazia enganado, e por mais que este quisesse justificar-se, deitou-se a ele e comeu-o.

Este conto faz parte de uma colecção de lendas indianas, provenientes da Índia Portuguesa (Goa), que nos foram contadas por um discípulo nosso. O título é: *Não se deve dar conselho sem ser pedido*.

Ainda não encontramos no nosso país a versão europeia deste conto. Num livro porém recente, publicado em Sampetersburgo (Minaev: *Indieiskiia Skazki i Legendy sobrannia v'Kamaonie v' 1875 g.*), encontra-se uma versão do Norte da Índia, muito próxima da versão de Goa, como pode ver-se pela tradução que abaixo damos, o que indica que o conto de que se trata está bastante espalhado no Indostão, pelo menos desde o limite do território dravídico até aos sopés do Himalaia.

Tradução (Minaev: *ob. cit.*, *Skazki* n.º 2)

«Era uma vez um chacal, que tinha uma fêmea. A fêmea estava grávida e quando chegou o momento de dar à luz disse para o chacal: — Está chegada a hora de parir; vai e procura-me uma cova. — O chacal foi e chegou à caverna de um leão. Estabeleceram-se nela, e daí a pouco a fêmea teve uns poucos de filhinhos. Cresceram estes e fizeram-se fortes. Mas o leão ainda não tinha vindo à cova. Uma vez veio. O chacal viu-o e ensinou à fêmea o que ela havia de fazer, e ele trepou para o cimo de um rochedo. A fêmea começou a beliscar os filhinhos e eles entraram a gritar. «Mulher (s/c), mulher! disse o chacal para a fêmea, porque gritam os nossos filhos?» — A fêmea respondeu: «Porque não querem comer nem do leão de ontem nem do de hoje.» — Terríveis palavras, pensou o leão, significam que me querem comer! E fugiu dali. Um macaco (*obeziana*) porém, que estava numa árvore, disse para o leão: «Que forte homem (s/c), que com as palavras de um chacal se assusta e foge!» «Fica sabendo que na cova está um chacal, acrescentou o macaco, só se é ele que te há-de comer!» — «Se vens comigo, disse o leão, vou lá.» — O macaco desenrolou uma corda; com metade dela atou o corpo do leão, e prendeu o seu à outra metade. E foram. Adiante ia o macaco e e atrás o leão. O chacal viu-os e ensinou à fêmea o que havia de dizer; depois foi para o rochedo e gritou de lá: «Mulher, mulher, porque choram os nossos filhos?» A fêmea respondeu: — «Porque não querem comer do leão de ontem e o de hoje não chegou!» — O leão apenas ouviu estas palavras assustou-se e fugiu, arrastando consigo o macaco, que ficou estrangulado.»

O ALICÓRNIO*

Conto portug.-galego¹

Em aditamento às versões europeias dos contos pertencentes ao ciclo de «Polifemo» que o Sr. Kr. Nyrop estudou na sua erudita e interessantíssima memória intitulada: *Sagnet om Odysseus og Polyphem* (København, i kommission hos M. P. Madsen, 1881), publicamos a seguinte variante por nós coligida, proveniente da fronteira portuguesa-galega, províncias de Pontevedra (Espanha) e Minho (Portugal).

Como o Sr. Nyrop terá ocasião de ver, a nossa versão não é das menos interessantes. Falta, é verdade, o jogo de palavras com a denominação de *ninguém* (ouxix), mas em compensação aparece no fim do conto um vestígio dos companheiros do ciclope (o cão no nosso caso), que desapareceu já de muitas versões, aliás bastante bem conservadas.

«Era uma vez dois frades e iam por um caminho, e encontraram um *alicórnio*, que era um gigante com um olho só na testa. O alicórnio andava a pastar ovelhas no monte, e mal viu os frades disse-lhes: «Ora! adonde vão vocês, que os lobos comem-nos! venham comigo para a minha casa.» Eles foram; e logo ali se abriu no monte uma porta por encanto por onde as ovelhas, o alicórnio e os dois frades entraram. O alicórnio quando os viu lá dentro acendeu o lume e matou um dos frades e comeu-o. Depois o alicórnio pôs-se a dormir. O outro frade escondeu-se e quando viu o gigante a dormir ia para o matar, mas depois considerou que a cova não se podia abrir sem o alicórnio fazer o encanto (*sic*) e ele não podia sair. Foi então, pôs um espeto no lume, e quando estava em brasa passou-lho pelo olho e cegou-o. O alicórnio depois ao outro dia quando quis deitar as ovelhas para o pasto, atravessou-se na porta, e para o frade não escapar ia apalpando as ovelhas e dizendo a cada uma que saía: «*Passa tu, que tens lâ!*» O frade, quando viu isto, pegou numa faca, abriu uma ovelha, e meteu-se dentro da pele, e o alicórnio, quando ele ia a passar, disse: «*Passa tu, que tens lâ!*» O frade mal se viu fora disse: — *Também passei eu, que não tenho lâ!* — O alicórnio chamou então por um cão muito grande que tinha, e o frade teve que fugir para cima de uma árvore, senão o cão matava-o.»

* Originalmente publicado no *Archivio per lo Studio delle Tradizioni Popolare*, 1882, vol. I: 270-271. Retomado na colectânea de «Contos Populares Portugueses» publicada na *Revue Hispanique*, 1906, pp. 180-181. No início são transcritos, em corpo mais pequeno, os comentários com que Consiglieri Pedroso fez anteceder o conto.

¹ *Alicórnio*, corrupção de *unicórnio*. *Unicórnio* está aqui empregado por uma falsa etimologia, supondo que no segundo termo se contém a palavra «olho», assim: *alicórnio* ou unicórnio supostamente = «que tem um olho só» em vez de *unicórnio* = «que tem só um corno» (nome de um peixe).

SENHOR E SÃO PEDRO*

Uma vez andava Nosso Senhor com S. Pedro e encontraram uma mulher que ao domingo estava a trabalhar. Nosso Senhor disse-lhe: «Oh! mulher, então tu a trabalhares ao domingo?!» A mulher respondeu: «não! que ele (o dinheiro) não me cai das telhas do telhado!» E continuou trabalhando.

Outra vez, em dia de semana, e Nosso Senhor que andava com S. Pedro, encontrou uma mulher que se estava baloiçando numa corda. Muito admirado disse-lhe: «Oh! mulher, então tu ao dia de trabalho estás-te (*sic*) a baloiçar!» A mulher respondeu: — «Eu cá estou à conta de Deus». E continuou.

Passado tempo S. Pedro procurou Nosso Senhor e disse-lhe: «Oh! mestre, porque mataste aquela pobre mulher que estava a trabalhar ao domingo por ter muitos filhos que sustentar, e aos quais fez tanta falta, e porque é que fizeste que aquela outra mandriona que se estava a baloiçar ao dia de semana tivesse uma grande herança?»

O Senhor respondeu: «É porque a primeira não se importou comigo e eu deixei-a à Morte, e a segunda entregou-se à minha conta, e eu fi-la rica». (Lisboa, contado por minha mãe).

(Lisboa)

A PRINCESA ENCANTADA**

Era uma vez um príncipe que andava a passear num jardim, muito triste. Passou uma menina por ele e disse-lhe: «salve Deus, príncipe! que tendes, que estais tão triste?» O príncipe respondeu-lhe: — as minhas tristezas ninguém as pode remediar! A menina tornou a dizer-lhe: «quem sabe? pode ser que eu as possa arremediar, que eu trago uma coisa comigo, que dá remédio para tudo». E neste comenos puxou por uma varinha. O príncipe assim que viu a varinha logo se lembrou que ela era uma fada. Sentou-se ao pé da menina e disse-lhe que estava apaixonado por uma princesa, que estava encantada. A fada, disse-lhe: «olha, vai andando por aí fora a cavalo. O cavalo há-de dar três patadas, uma à saída do teu palácio, outra ao meio do caminho, e a outra quando chegares ao pé de um palácio que há-de encontrar. À entrada desse palácio hão-de estar dois leões. Se os vires com os olhos fechados é porque estão acordados, e se os vires com os olhos abertos é porque estão a dormir. Se eles estiverem

* Originalmente publicado no *Anuário para o Estudo das Tradições Populares Portuguesas* (dirigido por J. Leite de Vasconcelos), 1883, vol. I: 36.

** Originalmente publicado na *Revista Lusitana*, 1896, vol. V.: 71-72. Este conto faz parte de uma colectânea de 29 «Contos Populares Portugueses Colhidos na Tradição Oral», publicada na *Revista Lusitana*, todos eles retomados nos «Contos Populares Portugueses» (1910) com esta única excepção.

acordados e que te não deixarem passar, deita-lhe três cartuchos, um de cinza, outro de areia e outro de água. Se estiverem a dormir, entra então no palácio, que hás-de encontrar num dos quartos três caixas. Essas caixas, toma bem cuidado, não as podes abrir senão onde houver água.» Depois a fada, quando acabou de dizer isto, foi-se embora. O príncipe montou logo a cavalo. O cavalo deu uma patada, quando saiu do palácio, deu outra ao meio do caminho, e deu outra quando chegou em frente de um palácio muito rico. O príncipe apeou-se e viu os leões a dormir com os olhos abertos. Entrou, foi ao tal quarto, viu as três caixas e tirou-as. Depois montou a cavalo outra vez e veio-se embora. Andou, andou, mas não encontrava água, e estava com muita curiosidade de ver o que levavam as caixas. Abriu uma e olhando para dentro viu uma menina, que lhe disse: «dá-me água, senão morro!» Como não havia ali água, a menina morreu. O príncipe continuou a andar. Mais adiante sentiu muita curiosidade de saber o que levava a segunda caixa. Abriu-a e apareceu-lhe outra menina, que mal o viu lhe disse: «dá-me água senão morro!» Como não havia água ali, a menina morreu também. Foi andando outra vez mas já muito triste, e encontrou um chafariz, com uma grande árvore de sombra. O príncipe sentou-se um bocado a descansar, e depois abriu a caixa mesmo ao pé da água. Apareceu-lhe outra menina, que lhe disse: «dá-me água, senão morro!» O príncipe deu-lhe de beber e saiu da caixa uma princesa muito formosa e muito bem vestida. O príncipe disse-lhe que se sentasse numa escada de pedra, que havia debaixo da árvore, enquanto ele ia buscar o rei para a ver. Neste entretanto veio uma preta buscar água ao chafariz. (Deste ponto em diante o conto segue como nos números anteriores).

(Lisboa)

O FILHO DO PESCADOR*

Era uma vez uma vez um pescador que vivia muito pobre. Um dia que não tinha nada que dar de comer aos filhos, disse à mulher que ia para o mar a ver se pescava alguma coisa. Chegou lá e lançou a rede três vezes, e de três vezes não tirou nada, e depois avistou um navio muito rico e todo. E ouviu uma voz de dentro do navio: «Pescador, dás-me esse menino que aí trazes?» O pescador respondeu: «Como te hei-de eu dar este menino se é da mãe?» A voz disse: «Pois vai a terra e diz a ela se to dá, que eu te encho este barco de dinheiro.» O pescador veio para terra e disse para a mulher: «Mulher, não trouxe peixe nenhum, mas encontrei lá um navio muito rico, e ouvi lá uma voz de dentro do navio,

* O conjunto de contos que se seguem foram originalmente publicados no quadro da colectânea «Contos Populares Portugueses» inserida na *Revue Hispanique*, 1906, vol. IX: 115-240. Fazem parte da colectânea um total de 46 contos, dos quais 14 não foram retomados nos «Contos Populares Portugueses» (1910).

se eu lhe dava este menino que me enchia o barco de dinheiro. E tu, então, que dizes, mulher?» A mulher respondeu-lhe: «Pois então, dá.» Pegou o pescador e foi para mar com o menino outra vez. Lá encontrou o navio no mesmo sítio. Tornou a deitar a rede no mesmo costume e não tirou nada. Depois ouviu outra vez a voz de dentro do navio a dizer-lhe: «Pescador, dás-me esse menino? que eu te encho esse barco de dinheiro.» O pescador disse: «Dou.» — «Pois então, traz cá o barco ao navio.» O pescador assim fez. Diz a voz depois: «Assobe, menino.» Apenas o menino saltou a bordo, começou logo a cair dinheiro no barco do pescador. Mas o pescador disse que não queria mais dinheiro, que tinha medo que o barco fosse ao fundo. Nisto o navio alvorou por outro lado com o menino, e o barco foi para terra. Chegando o navio a uma cidade, o menino ouviu a voz dizer: «Menino, salta nesse escaler.» O escaler e a cidade estava armada com toda a riqueza. O menino depois foi para terra. Quando chegou, viu uma carruagem muito rica, puxada por seis cavalos. E ouviu a voz dizer-lhe: «Menino, entra naquela carruagem.» O menino assim fez. Depois a carruagem partiu pela cidade fora. Chegou fora da cidade e foi até um bosque, donde estava um cavalo todo aparelhado. Depois ouviu a mesma voz dizer: «Menino, salta dessa carruagem e monta-te no cavalo.» O menino montou-se no cavalo e entrou pelo bosque dentro. Estava no meio do bosque um palácio todo muito rico e embandeirado. Ali dentro do palácio, encontrou portas, mas para sair o menino não encontrou nenhuma. Só via o dia, e à noite não via nada, porque naquele palácio não havia luz. Assim esteve um ano. Ao fim do ano lhe apareceu a voz, e disse-lhe: «Menino, como te achas neste palácio?» Respondeu o menino: «Acho-me bem, que não me falta nem comer nem beber. Só a maior paixão que me acompanha é de não ver ninguém, nem ter luz, nem saber quem fala para mim.» A voz então disse-lhe: «Aí tens dentro deste palácio seis quartos, três de cada um lado. Três têm fatos e outros três têm muito dinheiro. Entre esses fatos escolhe o que mais te agradar.» O menino escolheu logo um fato de rei. O fato era de encanto e mal ele o vestiu, ficou-lhe muito certo no corpo. O menino escolheu também uma espada das melhores. Depois disse o menino que queria ir ver o seu pai e a sua mãe. Respondeu-lhe aquela voz: «Olha tu, se te obrigas a estar aqui neste palácio outro ano, serás muito feliz, e se não então serás desgraçado. Vai ver a tua mãe e o teu pai.» Meteu-lhe dentro do bolso isca e fuzil sem o filho saber. O menino assim que acabou o número de dias que tinha tratado, marchou para o palácio. Foi o pai levá-lo no barco ao mar. Assim que chegou lá, avistou o navio, mas já muito velho. Diz o pai: «Oh! menino, aquele navio não é o mesmo!» Diz o filho: «Pois não é, não, que quando eu aqui o deixei, estava ele muito rico.» O barco foi-se aproximando ao navio e ouviu a voz dizer: «Menino, salta para bordo, não receies nada.» O menino subiu para o navio. Depois o pai veio para terra com o barco. Como o pai já estava muito rico com o dinheiro que lhe deu o navio, esqueceu-se do filho. O navio aproximou-se da cidade, mas estava também já muito velha. Desembarcou e foi para a carruagem: os cavalos que puxavam a carruagem já estavam muito lazentos e meio mortos e velhos. Chegou à beira do tal bos-

que, e estava lá o cavalo à espera dele, mas muito velho. Entrou pelo bosque dentro, chegou à beira do palácio e ficou muito triste, por ver que o palácio estava quase a cair, e disse: «Ora eu quando daqui saí, estava este palácio tão rico, e agora está tudo velho, a cair!» No mesmo instante ouviu a voz dizer-lhe: «Não te disse que não trouxesses lume contigo nem coisa que fizesse lume?» O menino, muito admirado, disse: «Não trago!» Responde-lhe a voz: «Pois o que te vale é tu não o saberes! Trata de te pôr daqui para fora e agradece à tua mãe o tu perderes a tua fortuna.» O menino pegou em si e alvorou logo pelo palácio fora. Foi andando e dirigiu-se para umas montanhas, sem dinheiro nem nada para comer nem vestir, todo roto e esfrangalhado. Chegando lá por essas montanhas dentro, encontrou um burro morto; à beira do burro estava um leão, um galgo, uma águia, uma pomba e uma formiga. O menino passou e não fez caso. Dali por um bocado olhou para trás e viu o galgo na corrida. O menino teve medo pensando que o galgo o iria matar. O galgo mal chegou ao pé dele disse-lhe: «Bicho homem, torna atrás.» Diz o menino: «Que é que quereis vós?» Diz o galgo: «Anda atrás lá to diremos.» O menino cheio de medo tornou atrás. Chegou-se ao pé do burro morto e diz-lhe o leão. «Mandámos-te chamar para ver se te atreves a fazer uma partilha, que nos encontramos aqui há uns poucos de dias à beira deste animal e não sabemos o que havemos de comer.» O menino partiu o burro e deu a cabeça à formiga: «Aqui tens tu, formiga, para comeres e casa para viveres.» Deu o peito ao galgo e diz-lhe: «Aí tens, galgo, para comeres, e como és o animal que puxa mais pelo peito, precisas de peito.» E deu o fato (o bandulho) à pomba e à águia e disse para elas: «Aí têm para comer e para se divertirem vocês com as unhas.» Depois deu as coxas ao leão. E nisto foi-se embora, e os bichos ficaram comendo o burro. Chegou ao princípio de uma serra já cansado e olhou para trás e viu outra vez o galgo a correr. Diz o galgo: «Bicho homem, torna atrás.» O menino atemorizou-se porque julgou que não tinha partido bem, e que o queriam matar. E disse para consigo: «Ai, Jesus! que eu não parti bem e agora morro!» Tornou outra vez ao pé do burro morto e eles tinham já comido e estavam muito satisfeitos. Diz o leão: «Bicho homem, estamos tão satisfeitos com a tua partilha, que vamos-te também agora dar cada um uma prenda.» — «Pobres bichos, disse ele, que prenda me haveis de dar?» Falou a formiga: «Sou eu a primeira a dar-te a minha prenda. Quando quiseres entrar em alguma parte que te não vejam, diz assim: *ai de mim! formiga!* que entrarás aonde queres sem ninguém te ver.» Diz o galgo: «Pois também, quando quiseres subir uma serra sem te cansares, diz assim: *ai de mim! galgo!*» Diz a águia: «Pois também, quando tu quiseres passar alguma lagoa e não possas, diz assim: *ai de mim! águia!*» Diz a pombinha: «Pois também, quando tu quiseres entrar nalgum jardim, diz assim: *ai de mim! pombinha!*» Diz o leão: «Pois também, quando tu te quiseres defender de alguém ou fazer alguma valentia, diz assim: *ai de mim! leão!* que farás tudo o que pretendes.» O menino foi-se embora e nisto chegou à beira de uma serra, e viu o sol a fugir e não via senão montanhas, e entendeu que fazia noite e ele ficava nas montanhas. Lembrou-se então dos bichos e disse: *ai de mim! galgo!* Formou-se logo

num galgo e passou a serra num momento. Assim que passou a serra chegou a uma lagoa e disse: *ai de mim! águia!* Formou-se logo numa águia e passou a lagoa. Assim que passou a lagoa avistou logo um arvoredor e um jardim, e dentro do jardim um palácio, donde andavam três damas a passearem pelo jardim, a brincarem com umas pombinhas. O menino disse: *ai de mim! pombinha!* Fez-se logo numa pombinha e foi para o jardim brincar com as outras. As damas começaram a brincar com a pombinha, a ver se a podiam apanhar. Não puderam agarrá-la e deixaram-na ficar. Assim que anoiteceu, foram-se as damas deitar. A pombinha formou-se numa formiga e entrou para o palácio e foi-se meter com uma dama na cama. Depois disse: *ai de mim! homem!* A dama que deu fê do homem à sua beira acordou e pôs-se a gritar pelas irmãs. As irmãs levantaram-se e foram ver o que a mana tinha. Nestes comenos o homem fez-se outra vez na formiga. Elas perguntaram-lhe que era. Ela disse que era um homem, mas elas não viram nada. Tornou depois outra vez ela a gritar e as irmãs como não viram nada tornaram-se a deitar outra vez, e a dama já não gritou. Quando viu o homem na cama perguntou-lhe: «Que qualidade de homem és tu?» Ele disse-lhe que era o filho de um pescador, que andava pelo mundo a desencantar damas, e que já tinha desencantado algumas. Ela disse-lhe: «Pois já que tu és desencantador, se te atreveres a desencantar meu pai, que é rei, e está encantado num leão.» O menino perguntou: «Que é preciso fazer para o desencantar?» A menina mostrou-lhe no meio de uma sala um leão de ouro, e disse-lhe que se houvesse quem se aventurasse a levar aquele leão e entre as onze e a meia-noite e deitá-lo à lagoa, que o rei morria ou ficaria desencantado, mas que a pessoa que for deve deitá-lo só, porque se for agarrada a ele, ficam ambos perdidos. O menino deixou-a adormecer e foi ao sítio aonde estava o leão de ouro. Depois, como tinham passado já as horas, ficou no palácio até à noite seguinte. Chegou-se a noite, às horas das onze horas formou-se num leão e foi empurrando o leão de ouro para a borda da lagoa. Assim que deram as onze horas e meia, preparou-se para o atirar à água; empurrou-o e só o leão de ouro molhou os pés. Mal molhou os pés fez-se logo num homem e o rei ficou desencantado. O menino que estava feito num leão transformou-se num homem ao mesmo tempo. Disse-lhe o rei: «Que qualidade de homem és tu?» O menino respondeu: «Sou o filho de um pescador, que aprendo e tenho ânimo para andar a desencantar pelo mar e pela terra.» Disse-lhe então o rei: «Pois tu hás-de ser feliz e hás-de casar com uma de minhas filhas, já que me desencantaste.» Foram para o palácio escolher das três a que mais lhe agradava. O rei queria que ele escolhesse a mais velha. Mas o menino escolheu a mais nova, que era aquela com quem ele tinha ficado de noite.

(Porto)

MARIA DO PAU (Variantes)

A madrinha que dá à menina o conselho de pedir os vestidos ao pai, é a *Fada dos Lírios*.

Os vestidos é um cor do Sol, outro cor da Lua, o terceiro cor do dia, o quarto cor da noite, e o quinto cor das estrelas.

— Há deste conto em português uma versão intitulada *Pele de Burra*, em que as coincidências com o conto de Perrault são muito grandes. Mas não será uma infiltração literária?

OS DOIS IRMÃOS QUE FORAM AO INFERNO

Eram dois irmãos, um pobre e outro rico. O pobre foi pedir uma esmola ao rico. Ele deu-lha, mas proibiu-lhe que lhe chamasse irmão. Um dia o rico deu uma festa. O pobre ainda lá tornou a pedir-lhe esmola. O rico mandou-lhe dar um carneiro muito morrinhento, que disse estava para dar ao Diabo, mas então que o dava a ele. O pobre como ouviu isto, foi levá-lo ao Inferno. O Diabo quando o lá viu, disse-lhe que já o esperava, e em paga deu-lhe muito dinheiro, mais ainda do que o que tinha o irmão. O pobre veio para fora, mandou fazer um palácio ainda mais rico do que o do irmão. O irmão rico quando soube de quem era o palácio, foi ter com ele e perguntou-lhe como tinha feito aquilo. Ele contou-lhe que tinha sido por causa do carneiro morrinhento. Diz o mais rico: «Quando ele te deu tanto por um carneiro podre, o que me não dará por um gordo!» E levou ao Diabo um gordo. O Diabo quando o apanhou no Inferno, cortou-lhe a mãos e os pés e meteu-o numa caldeira de peiz.

(Porto)

O PORCO-ESPINHO

Um homem pobre que ia correr mundo chegou a uma praia de areia e cuidava que ela não tinha fim. Atravessou e meteu-se ao monte. Encontrou um burro morto. Junto dele leão, galgo, águia, formiga. Galgo chamou-o. O homem partiu. Cabeça à formiga, peito ao galgo, tripas à águia, e ancas ao leão. Deram-lhe uma prenda. Disseram-lhe o mesmo de um conto anterior. Viu um palácio muito longe. Formou-se em galgo e foi lá. O palácio apareceu no meio do mar. Fez-se numa águia. Viu lá uma princesa à janela. Formou-se em formiga, e foi ter com ela. À noite o mesmo na cama. As mesmas peripécias do conto anterior. À terceira vez já não gritou. Ela disse-lhe que o pai estava encantado num porco-espinho. Dentro do porco, lebre; dentro da lebre, pomba, dentro da

pomba; um ovo, e dentro do ovo o encanto do meu pai (o rei). «Se lhe quebrares o encanto, casas comigo. Quem trazer o ovo entre as onze e a meia noite e lhe bater com o ovo na testa, ou ele morre ou fica vivo, mas casa comigo.» Foi ter a casa de um lavrador para guardar gado. Junto havia o porco-espinho. Foi para lá com o gado. Repete-se a cena de ele pedir o beijo da donzela e a copa de vinho para o vencer. O resto é idêntico ao dos contos semelhantes.

(Porto)

TORRE DE BABILÓNIA

(Variantes)

Os filhos quando vão com o leão e a lança, etc., deixam um copo de água ao pai e dizem: «Se este copo de água algum dia deixar de ser água, vá-nos procurar que estamos em aflição.»

Os dois irmãos saem ao mesmo tempo e chegando a um caminho que se dividia em dois, cada qual segue pelo seu.

Um dos irmãos encontra uma princesa que está para ser comida por uma bicha de sete cabeças (repete-se o episódio).

Os irmãos disseram um para o outro: «Se alguma vez vires o astre (o tempo) demudado, procura por mim que estou em perigo.»

Na torre estava uma velha e uma menina. Depois de o irmão ir ver a torre, a nova (menina) disse-lhe que havia de ir ter uma luta e venceu-o. O irmão chegou ao castanheiro e viu o astre demudado, e depois foi ao palácio do irmão. Como ele era muito parecido, a mulher não o reconheceu, e ele ao outro dia foi à torre onde venceu a filha da velha.

Depois o irmão quando soube que ele tinha dormido com a mulher, queria-o matar. Não matou, e foram a um conselho. A justiça disse que fossem ambos a correr num cavalo à roda da praça, e o que cansasse primeiro era o criminoso. Foi o casado que cansou. Depois ficaram amigos.

(Porto)

OUTRA VERSÃO DAS TRÊS CIDRAS

Era uma vez um rei que encontrou uma menina num monte, muito linda, que andava a guardar gado, mas muito mal trajada. O rei agradou-se muito dela e disse-lhe para a levar consigo. Ela deixou ficar o gado e acompanhou o rei. Chegaram a um chafariz, e o rei disse-lhe que ficasse ali, enquanto ele ia ao palácio buscar fato para ela, e uma carruagem. Neste comenos veio uma preta e começou a olhar para a água. (Segue a versão conhecida).

(Porto)

O SOLDADO PULHA

Era um rei casado há quinze anos sem ter filhos. Tinha uma mulher que era fada. Houve uma filha do rei, e a fada foi ser madrinha e disse que aos quinze anos havia de morrer a princesa. Aos quinze anos morreu, mas antes tinha pedido ao pai para ter sempre uma sentinela à sua sepultura. Todas as sentinelas que iam, por mais de um ano morria tudo, até que chegou a vez de um soldado muito pulha. Ele não queria ir, mas não teve outro remédio. Quando chegou à igreja onde a princesa estava enterrada, pôs-se a pensar e fugiu. Ia por uma serra acima e encontrou uma velha, que lhe perguntou onde ia. Ele contou-lhe e ela deu-lhe um relógio e disse-lhe que voltasse e que às onze e meia se metesse no confessionário, e que visse o que não visse, não fizesse caso. Ele voltou, meteu-se no confessionário e às onze e meia, sentiu sair uma coisa da sepultura e correr toda a igreja a chamar: «Ó sentinela! Ó sentinela!» Ele não se mexeu. E a tal coisa, passada a meia noite, entrou na sepultura outra vez. Ao outro dia o rei ficou muito admirado de o ver vivo. Mandou-o na outra noite. O mesmo. A velha deu-lhe outro relógio e mandou-o meter num altar-mor. Na terceira noite o mesmo. Encontrou a velha que lhe deu o relógio e mandou-o meter às onze e meia no baptistério. Ele foi, veio a tal coisa, e foi ter com ele, mas ele, como a velha lhe tinha dito, começou a puxar por ela, e ela a puxar por ele, até que passando a meia-noite ele meteu-se na pia, e no mesmo instante a tal coisa ficou transformada na princesa viva e toda a tropa que ali tinha morrido ficou viva outra vez. Depois a princesa casou com ele e foram todos para o palácio.

(Porto)

O PALÁCIO DOS ESPINHOS

(Versão portuguesa de *La Belle au bois dormant*: é perfeitamente fiel à versão de Perrault, e creio que directamente dele tirada, ainda que o homem que ma contou não sabia ler).

Encontra-se o episódio de uma fada lhe prognosticar que morreria por causa de um fuso. Por mais que se evita ela fere-se. Encantada a dormir por cem anos. Fica tudo encantado com ela. O castelo fica rodeado de espinhos. Um príncipe à caça, pergunta o que é aquilo. Ele vai a entrar, e à medida que entra vão-se os espinhos afastando. Chega ao palácio, vê a menina a dormir, e arranca-lhe o espinho do fuso da mão. Ela ressuscita, e ele casa com ela.

(Porto)

O GATO MIS-MIS

Versão fidelíssima do *Chat bottéat* Perrault. Todos os pormenores os mesmos. O dono é chamado marquês de Caramba. O gato tem medo do verdadeiro marquês que era feiticeiro. Ele vai visitá-lo. O marquês faz-se numa onça e o

gato foge para cima de uma trave todo assustado. Depois o gato pede-lhe que se faça num rato e ele come-o. No fim depois de o moleiro ter casado com a filha do rei, o gato andava sempre dizendo que se não fosse ele o amo não tinha sido feliz. A princesa um dia ouviu e perguntou-lhe o que era que o gato lhe dizia. O moleiro contou-lhe. Ela muito zangada escreveu ao rei contando-lhe tudo. O rei veio, mandou matar o moleiro e ficou outra vez com tudo e levou a filha para o palácio. (Esta última parte é da versão portuguesa).

(Porto)

O SENHOR DA CRUZ

Era uma vez uma mulher casada e era muito pobre e tinha um irmão muito rico. A mulher era casada, e um dia foi a um monte onde estava uma capela do Senhor da Cruz, e disse-lhe que fosse ele jantar com ela no dia seguinte, que ela tinha uma galinha morta e preparada. O Senhor disse-lhe que sim. A mulher foi para casa e no outro dia arranjou tudo. Logo pela manhã apareceu-lhe um pobre dizendo que tinha muita fome. A mulher teve muita pena, e deu-lhe a moela. Daí a bocado tornou a vir outro pobre com muita fome e pediu-lhe alguma coisa para comer. A mulher com muita pena de encetar a galinha que era para o Senhor da Cruz, deu-lhe o fígado. Daí a bocado veio outro pobre com muita fome e pediu que comer. A mulher não tendo já mais que dar, deu-lhe o coração. Depois pôs-se à espera do Senhor da Cruz, mas ele não veio. No outro dia a mulher foi muito triste à capela e disse-lhe: «Meu Senhor da Cruz, tu tinhas-me prometido que vinhas jantar comigo; eu tinha a galinha pronta e tu não viestes!» O Senhor respondeu-lhe: «Não fui, mas mandei. Vai para casa; vai à arca, que a hás-de achar cheia de trigo; vai ao forno, que o hás-de achar cheio de broa; e vai à tua bolsa, que hás-de achar dinheiro, e nunca te há-de faltar.» A mulher foi muito contente para casa, contou tudo ao marido, e achou o que o Senhor da Cruz lhe tinha dito. Daí por diante a mulher tinha tudo o que precisava e já estava muito rica. O irmão rico perguntou-lhe um dia muito admirado como é que ela, sendo tão pobre, estava agora tão rica. A mulher contou-lhe tudo. O irmão disse: «Bem, como o Senhor da Cruz te fez isso por tu o teres convidado para ir comer uma galinha, o que não me fará a mim, que o vou convidar para comer uma vitela!» E foi, matou a vitela e andou-se a convidar o Senhor da Cruz para no outro dia ir jantar com ele. O Senhor disse que sim. O homem veio para casa, preparou a vitela e pôs-se à espera. Apareceu-lhe um pobre com muita fome a pedir-lhe alguma coisa. O homem muito zangado mandou-o pôr fora de casa, que não partia a vitela, que estava guardada para o Senhor da Cruz. Veio segundo, o mesmo. Terceiro, o mesmo. Esperou pelo Senhor depois, mas ele não veio. No outro dia o homem foi à capela e disse-lhe: «Meu Senhor da Cruz, então tínheis-me dito que iríeis a minha casa comer a vitela, e eu tinha-a preparada e vós não fosteis!» O Senhor muito zangado

respondeu: «Não fui, mas mandei; e quando tu não atendeste os que iam em meu nome, que me farias a mim!» O homem foi-se muito triste para casa e daí por diante começou a fortuna a andar-ihe para trás, a ponto que veio a ser pobre..

(Maria Canastreira. Oliveira de Azeméis)

PEDRO MALAZARES

Variante da Foz do conto do João Peludo. É uma luz que desce pela chaminé abaixo e que vem desmanchar a ceia a cada um dos companheiros, até que chega a vez de Pedro Malazares que vê a luz, corta-a com a espada, e corta a orelha do Diabo, etc..

ALBERTO DO DIABO

Um rei tinha muita pena de não ter filhos. Disse um dia à criada, uma noite que lhe fizesse a cama, que por arte de Deus ou do Diabo havia de ter um filho. Ao fim de nove meses a rainha teve um filho. Para ele nascer estiveram a chover três dias. Quando nasceu parou a chuva. Quando tinha cinco anos já fazia diabruras. Matou depois dois mestres, e ao depois ninguém o queria ensinar. Ele foi com outros sete rapazes fazer uma casa num monte. O rei morreu de pesar. Ele com os companheiros roubaram e mataram. Depois um dia matou os companheiros todos. O pai quando ainda era vivo, mandou muitos soldados para os prender. Ele cegava os soldados e mandava-os cegos para o pai. Foi então que o pai morreu de pesar. Veio depois para casa. Mas a mãe com medo fechou a porta. Depois ele pediu a bênção à mãe, porque queria ir para Roma confessar-se. Foi ter com o Santo Padre para ele o confessar. O Padre Santo mandou-o para um abade. Ele confessou-o e disse-lhe que em seis meses não havia de falar e que não havia de comer senão aquilo que tirasse da boca a um cão. Foi caminhando e foi dar a casa de um rei que estava jantando. Perguntaram-lhe quem era, mas ele não disse nada. Deram-lhe de comer, mas ele não quis nada. Depois atiraram um osso a um cão, e ele então apanhou-o e começou a comer da boca do cão. O rei tinha uma filha muda, mas assim mesmo como era, havia um rei turco que queria que ele lhe desse a filha. O rei cristão tinha muito medo, mas não teve remédio senão ir ao campo batalhar com o turco. O Alberto, quando viu isto, pediu um cavalo e uma lança. Logo ali lhe apareceu tudo. Foi como um raio, e foi degolando os turcos. Depois quando acabou, fugiu, e voltava para casa, e na casca de uma noz recolhia o cavalo, a lança e tudo, e depois ia deitar-se com o cão. O rei cristão quando chegou a casa, não fazia senão dizer que queria saber quem era. A filha sabia quem era, mas como era muda, não podia dizer nada. Houve três batalhas e nas três aconteceu o mesmo. À terceira

um oficial feriu o Alberto numa perna, que lhe fez deitar sangue. Ele fugiu. Mas o rei deitou um bando para que quando os médicos fossem curar alguém que estivesse ferido, que se fosse solteiro que havia de casar com sua filha. O rei turco quando ouviu dizer isto, fingiu-se ferido. E o rei como acreditou ia para lhe dar a filha e o rei turco já ia para casar. Mas nesta ocasião, a filha do rei veio-lhe a falar e neste momento o Alberto do Diabo tornou a pedir a Deus o cavalo e a lança e veio e derrotou o rei turco. Então a filha disse ao rei que aquele era quem tinha salvado o rei nas três batalhas. Casou então a filha do rei com o Alberto do Diabo e no fim de três meses morreram ambos na graça de Deus.

OS TRÊS MENINOS QUE TINHAM UMA ESTRELA DE OURO NA TESTA

Era uma vez um rei, e andava à caça a espalhar as saudades, que lhe tinha morrido o pai há pouco. Depois então passou por uma casa e viu à janela três meninas muito lindas. Depois o rei mal chegou ao palácio mandou-as chamar para irem à sua presença. Depois então elas disseram que eram muito pobres e que não tinham roupa para irem. O rei mandou-lhes vestidos para se elas vestissem. Depois então elas chegaram a palácio e o rei mandou-as meter num quarto e virem à sua presença nuas em pêlo. Elas não queriam, mas ele disse que as mandava matar se elas não quisessem. Depois elas foram. Ele mal as viu, mandou-as retirar logo. A mais nova quando veio, trouxe o cabelo todo caído para diante para se tapar. Depois o rei disse que casava com ela. Quando estavam casados, mandou-lhe ler a sua sina. O adivinho disse que ela havia de ter três meninos, cada um com a sua estrela na testa. Depois ele mandou-a meter numa torre, mais o adivinho, até ela ter os três meninos, para ver se era verdade. Depois ela teve os meninos e as irmãs mandaram-nos deitar ao mar dentro de três condessinhas. (Daqui para diante semelhante à versão de S. Miguel).

O REI CEGO

Havia um rei e uma rainha que tiveram 3 filhos. Viviam muito satisfeitos com os meninos. Já eram homens, adoeceu o pai com uma grande inflamação nos olhos e cegou. Vinham médicos de fora dos reinos; foi debalde, que não recobrou a vista.

Passado muito tempo, veio um pobre pedir à porta do palácio. Perguntou à guarda se S. M. ainda era cego. Disseram-lhe os guardas que ainda era cego. Diz o pobre: «Se pudessem alcançar uma garrafa de água do palácio de um gigante, no reino de tal parte, era só aplicar-lhe aos olhos, ficava logo com a sua vista natural.»

O capitão da guarda ouviu isto, foi dizer aos príncipes. Respondeu o mais velho: «Isso muito fácil é de alcançar, manda-se um soldado por ela.»

O mais novo respondeu: «Isso não; pode dizer que é água de lá e ser doutra qualquer parte. É melhor ir um de nós.» O mais velho respondeu: «Pois vou eu.» Determinou-se a saída e saiu com um criado.

Quando chegava às cidades, por onde ia correndo, escrevia sempre. Assim ia seguindo a sua jornada.

Chegou a um reino e viu um defunto no meio de uma praça, e um bandeja ao pé em cima de uma cadeira. Disse: «Então este homem, depois de morto, está pedindo esmola? — É para se enterrar. No nosso reino, ninguém se enterra sem pagar ao pároco; e como ele é pobre, está tirando esmola para se enterrar.» Ele não respondeu, meteu esporas ao seu cavalo e foi seguindo a sua jornada.

Chegando ao reino do gigante, estava na estrada uma estalagem. Ele apeou-se e entrou para dentro. Pediu de jantar; logo se pôs a mesa e o comer sobre ela. Sentou-se, veio uma madama muito linda sentar-se-lhe ao lado. Nunca mais se lembrou nem de ir buscar a água, nem dos pais, nem de ninguém.

Passado o tempo marcado em que havia de ir e vir, como não tinha escrito, os pais e os irmãos disseram que era porque ele tinha morrido.

Mas, ansiosos pela água, disse o do meio: «Vou eu e hei-de trazer a água e não hei-de morrer por lá.» O rei queria, antes já, estar cego que perder os filhos; mas ele sempre teimou e saiu. Montou a cavalo e não levou criado.

Seguindo os mesmos passos da jornada do mano, chegou ao reino onde se não enterravam sem dinheiro. Viu uma defunta; perguntou que fazia aquele corpo ali, que se não enterrava? Que não tinha fortuna, que estava tirando esmolas para se enterrar. Ele não respondeu e foi andando.

Chegou à estalagem. Saiu o irmão a falar-lhe; perguntou-lhe porque não tinha ido buscar a água ao pai. Que, chegando ali, respondeu ele, nunca mais se lembrou de nada com aquela madama que se lhe sentou ao lado. Entrou para dentro e pôs-se à mesa a jantar; veio outra ainda mais formosa e sentou-se-lhe ao lado. Nunca mais se lembrou da água.

Muito tempo depois de passar a hora marcada, disse o mais novo para o rei: «Os manos sem dúvida morreram, vou eu; quero antes morrer, fazendo a diligência para meu pai ter vista.» Divulgou-se logo esta notícia no palácio e a corte opôs-se a isso; mas ele na noite seguinte foi ao erário, trouxe uma grande soma de dinheiro, montou num cavalo, de madrugada, e saiu; mas sempre escrevendo.

Chegou ao reino onde se não enterrava sem dinheiro; chegou a uma cidade onde viu um defunto à porta (da cidade). Perguntou porque não enterravam aquele homem. Disseram-lhe que não se podia enterrar sem pagar ao pároco; mas, como ele devia muito, havia dois dias que ali estava e ninguém lhe dava esmola. O príncipe disse: «Este homem não tem mulher nem casa? — Tem mulher e um filho. — Levem-no lá para casa da mulher, que eu pago o enterro.»

Levaram-no para casa da mulher. Ela, coitadinha, desfechou a chorar muito. O príncipe entrou; perguntou quem era a viúva. Depois disse-lhe que fizesse o enterro ao seu homem, que ele pagava a despesa.

Depois de o enterro sair, olhou para a viúva e disse-lhe que mandasse chamar todos os seus credores. Depois de estarem juntos, disse-lhe o príncipe como eles tinham a sua dívida perdida, se quisessem estar pela sua proposta, que não perdiam tudo, se queriam eles metade da dívida que aquele homem lhe devia, perdendo a outra metade? Todos disseram que sim. Pagou a todos por metade da dívida e depois que eles saíram, deu uma soma à viúva e disse-lhe que rogasse a Deus que ele fosse feliz na sua jornada; que também ela havia de ser. Montou a cavalo e seguiu o seu caminho.

Chegando à estalagem, viu os irmãos. Muito satisfeitos assim que o encontraram; mas ele não estava contente de os ver ali. Ele não se queria apear. Que não seguisse a jornada sem jantar, que estava a mesa posta.

Assim que se sentaram à mesa, veio outra madama ainda mais bonita e sentou-se-lhe ao lado. Ele levantou-se, deu um pulo no cavalo e seguiu seu caminho. Os irmãos pediram-lhe que viesse por ali de torna-volta.

Chegando ao palácio do gigante, puxou a campainha e veio ele. Perguntou-lhe o que queria. Disse que vinha ali buscar uma garrafa de água da sua fonte, que tinha o seu pai cego. O gigante disse que sim, mas numa condição. Levou-o a uma janela: «Vês aquele palácio? Se me fores lá buscar uma espada que eu lá tenho, logo te dou a água».

Ele, satisfeito com a proposta, abalou. Subindo um outeiro, viu um rio de água. Pôs-se de roda dele sem saber como havia de passar. Apareceu-lhe uma raposa; falou-lhe: «Tu tens medo da água? fecha os olhos e passa, que não te hás-de molhar. Em lá chegando hás-de ver dois exércitos num grande combate, muitos mortos, muitos feridos; não tenhas susto. Passa pelo meio deles. A porta do palácio está aberta; no primeiro quarto está uma mesa e a espada em cima. Pega na bainha e vem-te embora.»

Ele fechou os olhos e chegou à porta do palácio sem ser molhado. Assim que chegou ao pé do exército, passou por ele, entrou, pegou na bainha e saiu. Quando saiu, não viu nem exércitos, nem feridos, nem mortos, nem coisa nenhuma, nem resto de nada. Sentiu um estalo no braço; olha, vê a espada dentro da bainha. Não viu o rio. Chegou a palácio, entregou a espada.

Ficou muito satisfeito. «Assim como foste capaz de me ir buscar a espada, hás-de ir buscar um cavalo que eu lá tenho.» Ele já ia mais triste, mas foi.

Encontrou o rio e a raposa lá. «Ainda cá te mandou? O que ele quer é matar-te, mas não hás-de ter perigo. Fecha os olhos e passa, que hás-de ver, é a primeira casa, uma grande cavalaria, com mangedouras de um e doutro lado. Os cavalos estão aos coices que encalham as pernas umas na outras; mas não te assustes, passa pelo meio deles. O último cavalo, que está à tua direita, tem um freio de prata. Tira-o da argola da estaca e vem-te embora.» Ele assim fez.

Chegando lá, eram os cavalos aos coices que não o deixaram passar; mas mesmo assim rompeu. Tirou-o da prisão; veio-se embora. Ao sair da porta, o cavalo ao pé dele.

Veio, entregou-o ao gigante: «Inda tornas lá, outra vez, a buscar uma filha que eu lá tenho.» Ele foi. Outra vez o rio. A raposa disse-lhe: «Já te cá não manda senão esta vez. Entra, que à tua direita está uma porta. Levanta a aldrava e entra. Hás-de vê-la sentada com 12 serpentes que é a sua guarda, mas não tenhas medo; que elas hão-de levantar a gala direito a ti. Não faças caso. Lá está uma cómoda, abre a primeira gaveta, vêes uma saia encarnada. Tira-a, iguala o cós com a contrapisa e deita-lha ao pescoço. E vem-te embora e não vás para casa de teus irmãos.»

Ele entrou; as serpentes levantaram gala, mas ele foi à gaveta, tirou a saia, deitou-lha ao pescoço. Veio-se embora, mas já não viu as serpentes. Quando saiu da porta do palácio, já ela estava ao pé dele, dando-lhe o braço.

Era muito linda. Veio e entregou-a ao pai. Já tinha a garrafa cheia de água; agradeceu-lhe muito o favor e disse-lhe que pedisse o que quisesse. Ele pediu a espada; deu-lha de muito boa mente. Despediu-se dele e saiu.

Depois ouviu um tropel muito grande atrás de si; era ela montada num cavalo, com uma espada para o matar. Que assim pagava a quem a tinha desencantado. Respondeu-lhe que quando o seu pai disse que a pedisse, porque não a pediu a ela? «Mas como não pediste senão a espada, aqui me tens a mim e ao cavalo.»

Seguiu a sua jornada; como o cavalo não sabia senão aquele caminho, veio dar à estalagem. Os irmãos, assim que o viram, com uma grande inveja. Com a água, com a espada, com o cavalo e com uma madama melhor que a deles! mas mostrando-se muito satisfeitos com ele.

Tencionaram fazer todos juntos a jornada para o palácio; seguiram a sua jornada todos três com as suas madamas. O calor era muito, levando todos muita sede, sem verem nem fonte, nem poço, nem monte (casal). Afinal acharam um poço, mas não tinham com que tirar água.

Os dois mais velhos disseram: «Ora isto faz-se bem, atando as nossas bandas todas três e vai um de nós lá abaixo com um chapéu, enche-o de água e trás para cima. Pois vá o mano que é mais leve.»

Ataram as bandas à cintura do irmão; levou o chapéu e encheu-o de água. Beberam; ainda tinham mais sede, tornou a ir para baixo: trouxe mais água e depois foi outra vez. Fingiram que lhe tinha escapada a banda da mão, ficou enterrado na água até à cintura. Muitos gritos, muitas finezas, mas não podiam tirá-lo de maneira nenhuma. Assim, que iam para diante ver se encontravam alguém para os ajudar a tirar. A mulher, quando o viu cair, deu um grito e ficou muda, e o cavalo deitou a correr, que nunca mais lhe puseram a vista em cima.


Seguiram a sua jornada e chegando ao seu palácio, pegaram logo na garrafa e foram direitos ao quarto do pai; mas não puderam destapar a garrafa, de maneira nenhuma. Não podendo, foram buscar uma bacia e um martelo, mas não se partiu. Puseram-na para o lado, a ver se alguém a ia abrir; todo

o trabalho foi baldado. A espada nunca a puderam tirar da bainha e o cavalo apareceu lá num outeiro muito longe. Disseram aos picadeiros que, picando os cavalos, podia ser que apanhassem aquele.

O príncipe, que estava no poço, lembrou-se da raposa: «Ai, que tantas vezes me livraste da morte! Bem me dizias tu que não viesse por casa de meus irmãos!» Neste tempo pareceu ela ao bocal do poço: «Agora não sei; não te posso tirar daí — Anda lá raposinha, tira-me daqui, desta desgraça, senão eu morro aqui. — Eu não; só se me deres metade do que for teu, dentro de um ano. — Não te dou metade, dou-te tudo quanto me pedires.»

Tirou-o do poço. Estava ele já com o fato roto, com uma barba muito grande: «Vai a palácio, que teu pai 'inda está cego. A garrafa ainda não se desrolhou, nem se partiu a martelo. O cavalo nunca mais lhe puseram a mão em cima; e a tua mulher está muda, nunca mais falou. Vai, hás-de gastar muito tempo; mas não te esqueças do que me prometeste.»

Desapareceu a raposinha e ele pegou a seguir o seu caminho muito devagarinho, estava muito debilitado. Chegou a algum monte, pediu alguma esmolinha para comer. A poder de dias chegou à corte, sentou-se numa pedra, perto dos picadeiros que andavam picando os cavalos; e olhou, viu o cavalo.

Disse: «Oh que cavalo tão bonito! — Por amor dele é que nós andamos aqui picando neste, para ver se o podemos apanhar; mas ele não dá mão a ninguém. — Ora eu sou capaz de o ir buscar. — Ora! outros com mais pano no colarinho não podem quanto mais Vêe.  Pois vamos ver.»

Levantou-se, e assim que foi direito ao cavalo, veio ele direito ao dono. Pegou-lhe na rédea e trouxe-o.

Levou-o ao palácio, dizendo que ele não o tinha apanhado; que um homem, que ali estava, é que o trouxera.

«Talvez ele também seja capaz de tirar a espada da bainha. Vá lá chamá-lo.» Ele foi.

Disseram-lhe se ele era capaz de tirar aquela espada da bainha. Deram-lha; mas ele não quis: «Não precisa isso.» Pegou na espada mesmo na mão do irmão e puxou por ela, mesmo sem força nenhuma.

Foram buscar a garrafa. Que talvez fosse capaz de tirar a rolha. «Mas para quê, senhor? — Porque é um remédio que temos aqui para meu pai. — Então, aqui não; é preciso tirar-se mesmo ao pé da cama dele.»

Levaram-no ao quarto, pediu uma bacia, tirou a rolha, deitou água nas mãos, lavou os olhos do pai. Logo ficou com a sua vista clara como dantes. Como houve algum barulho no quarto, acudiram; onde veio a rainha e a rapariga. E ela, assim que o viu, deitou-lhe os braços ao pescoço: «Eu já te fazia morto; graça ao Altíssimo, que ainda te vejo.»

A estas palavras os infantes olharam com mais atenção para ele. Pediu a bênção ao pai, falou a todos. O pai, vendo isto, perguntou-lhe o que aquilo era, porque lhe tinham dito que ele tinha morrido. Ele contou tudo. O pai mandou logo matar os filhos; as madamas ficaram criadas da outra.

Depois tratou-se o casamento, casou com ela. Ao cabo de 11 meses, tiveram uma menina. No dia do baptizo, estando à noite, ao chá, de repente apagaram-se as luzes das saias. Pareceu uma fantasma ao pé do príncipe; todos se assustaram muito. Falou o fantasma.

Que não tivessem medo, que ele vinha ali buscar o que o príncipe lhe tinha prometido; metade daquilo, que era seu.

Ele levantou-se, foi buscar um alfange e chegou-e ao berço do menino e levantou o braço. Mas o fantasma segurou-lhe nele e disse-lhe que não matasse o seu filho, porque ele era a alma daquele homem a quem ele mandou enterrar e pagar-lhe as dívidas que tinha vindo por Deus, livrado de tantos perigos. Assim, que fizesse o que tinha prometido a sua mulher de a fazer feliz.

Desapareceu; ficaram todos muito satisfeitos e ele no outro dia mandou duas aias e uma escolta buscar a mulher. O filho já tinha morrido.

Meteu-a no convento com grande tença. Acabou-se.

PORTUGUESE FOLK TALES*

THE CABBAGE STALK

There lived once a little maid who was the daughter of poor people. This girl had a cabbage which grew in her kitchen garden, and she was in the habit of watering it. The little maid was always watching the cabbage sprout to see when it would come to seed. One day she noticed that on the cabbage stalk there was formed a ladder by which one could descend into the ground. She went down these steps and quickly found herself in a splendid palace in which there was a table very well laid out, and a beautiful bed. The maid sat down at the table and partook of the good things laid upon it with avidity, and went up again along the cabbage stalk and returned home. Whenever she felt hungry she would secretly go down the steps on the cabbage stalk and feast upon the delicacies she found in the palace. The little maid was growing fat, much to the surprise of her father and mother, who never saw her eat anything. At night when her parents were gone to sleep she would very quietly descend the cabbage stalk, and lie down to sleep on a beautiful couch which she found prepared in the palace. The mother, who began to suspect her daughter, one night arose from her bed to follow her down the ladder. She watched and saw her daughter get upon her couch, in which there was a beast. The mother then lit a candle, went to the couch, and uncovered the bedclothes. Three drops of candle-grease fell upon the sleeping beast and immediately it became transformed into a prince. The prince then said to the mother: «You little know the harm you have done me! You have broken my spell, and now I cannot marry your daughter!» He then told the little maid to leave the palace, and gave her a rock of gold, a pair of iron shoes, and a staff, and said when the shoes were worn out to come again

* Os 4 contos que se seguem foram originalmente publicados no quadro da colectânea *Portuguese Folk-Tales*, 1882, London: Folklore Society, não tendo sido retomados nos «Contos Populares Portugueses».

to see him in the palace. The little maid departed, and walked and walked on until at last the shoes began to wear out and she went about begging for alms. She met an old woman and she asked her to give her some things whilst she related her history to her. The old woman told her that she was no longer in time to marry the prince because there was a princess already in the palace who was destined for him. The old woman then gave her a rock of gold, a spinning-wheel, and a reel, and took leave of her, wishing her good luck. The maid arrived at the palace gate with her shoes and garments all torn, and begged for alms, and when the princess saw her standing on a rock of gold she sent to ask her for it. The maid replied that if she gave her the rock of gold she must allow her to go into the prince's chamber and sleep there one night. The princess would not consent, but the prince's mother told her to allow her to sleep at the prince's feet, for there was no fear that he would be aware of it, as she would take care to give him a sleeping-draught. And so it happened the maid went into the chamber to sleep without the prince knowing it, and during the night as she awoke she began to say —

«Prince of love
I have come many leagues,
To see thee, oh, my Lord!
My shoes are torn —
My staff is travel-worn,
Yet here I am come back to thee!»

The prince made no reply to this, and as soon as the day dawned they sent her away; but the prince remained quite ignorant of her stay there. The maid, however, continued before the gate at her wheel spinning, and the princess seeing her sent to ask her for her spinning-wheel of gold. The maid replied that she would only give it to her on condition of her allowing her to remain and sleep in the prince's apartment another night. The princess consented, but made her promise to leave the chamber early in the morning. The maid entered and again settled herself to sleep at the prince's feet, and on awakening repeated her former appeal —

«Prince of love
I have come many leagues,
To see thee, oh, my Lord!
My shoes are torn —
My staff travel worn,
Yet here I am come back to thee!»

To this the prince, as before, made no reply, for he was fast asleep. The maid again left the chamber very early; but a valet who appeared to occupy an apartment next to the prince told him what he had heard repeated during the night. The prince was much astonished to hear it, and swore he would not take the usual draught next evening as he retired to rest. Next day the princess saw

the maid again at her work before the palace, and as she remarked she had a golden reel she went to ask her for it. The maid replied that she would on condition that the favour she had begged for on the previous evening should be granted her once more. To this the princess said she consented, and sent the prince the usual draught to take that night. But the prince made only a pretence to drink it, and threw it away, and then ordered his valet to leave the chamber. During the night the little maid repeated —

«Prince of love
I have come many leagues,
To see thee, oh, my Lord!
My shoes are torn —
My staff travel worn,
Yet here I am come back to thee!»

The moment the prince heard her he felt very pleased, but the next moment he was much distressed in his mind because he remembered that he was already engaged to be married to the princess. He told the little maid to remain and not to leave his chamber. And when the marriage day arrived he asked the princess's father to settle a question for him, which was this: that his apartment had two keys; the first had been mislaid and lost, but he ever had hopes of finding it: now that he had a new key which he had ordered to be made, the old had appeared — which ought he, he therefore asked his majesty to advise him, to keep? The king replied that in this case he advised him to retain the old one. The prince then recounted to his majesty the whole history of the little maid, and reminded him at the same time that *he* it was who had given the sentence. He married the little maid, and the princess went to another kingdom.

THE SEVEN IRON SLIPPERS

There lived once together a king and a queen, and a princess who was their daughter. The princess had worn out every evening seven pairs of slippers made of iron; and the king could not make out how that could be, though he was always trying to find out. The king at last issued a decree, that whosoever should be able to find out how the princess managed to wear out seven slippers made of iron in the short space of time between morning and evening, he would give the princess in marriage if there were a man, and if a woman he would marry her to a prince.

It hapened that a soldier was walking along an open country road carrying on his back a sack of oranges, and he saw two men fighting and giving each other great blows. The soldier went up to them and asked them, «Oh, men, why are you giving each other such blows?» «Why indeed should it be!» they replied, «because our father is dead, and he has left us this cap, and we both wish to possess it.» «Is it possible that for the sake of a cap you should be fighting?»

inquired the soldier. The men then said, «The reason is that this cap has a charm, and if any one puts in on and says, «Cap, cover me so that no one shall see me! no one can see us.» The soldier upon hearing this said to them, «I'll tell you what I can do for you; you let me remain here with the cap whilst I throw this orange to a great distance, and you run after it, and the one that shall pick it up first shall be the possessor of the cap». The men agreed to this, and the soldier threw the orange to a great distance, as far as he possibly could, whilst the men both run to pick it up. Here the soldier without loss of time put on the cap saying, «Cap, make me invisible.» When the men returned with the orange they could see nothing and nobody. The soldier went away with the cap, and further on he met on his road two other men fighting, and he said to them, «Oh, foolish men, why do you give each other such blows?» The men replied, «Indeed, you may well ask why, if it were not that father died and left us this pair of boots, and we, each of us, wish to be sole possessor of them.» The soldier replied, «It is possible that for the matter of a pair of boots you should be fighting thus?» And they replying said, «It is because these boots are charmed, and when one wishes to go any distance he has only to say: «Boots take me here or there,» wherever one should wish to go, and instantly they convey one to any place.» The soldier said to them, «I will tell you what to do; I will throw an orange to a great distance, and you give me the boots to keep; you run for the orange, and the first who shall pick it up shall have the pair of boots.» He threw the orange to a great distance and both men ran to catch it. Upon this the soldier said, «Cap, make me invisible, boots take me to the city!» and when the men returned they missed the boots, and the soldier, for he had gone away. He arrived at the capital and heard the decree read which the king had promulgated, and he began to consider what he had better do in this case. «With this cap, and with these boots I can surely find out what the princess does to wear out seven pairs of slippers made of iron in one night.» He went and presented himself at the palace. When the king saw him he said, «Do you really know a way of finding out how the princess, my daughter, can wear out seven slippers in one night?» The soldier replied, «I only ask you to let me try...» «But you must remember,» said the king, «that if at the end of three days you have not found out the mystery, I shall order you to be put to death.» The soldier to this replied that he was prepared to take the consequences. The king ordered him to remain in the palace. Every attention was paid to all his wants and wishes, he had his meals with the king at the same table, and slept in the princess's room. But what did the princess do? She took him a beverage to his bedside and gave it to him to drink. The beverage was a sleeping draught which she gave him to make him sleep all night. Next morning, the soldier had not seen the princess do anything, for he had slept very soundly the whole night. When he appeared at breakfast the king asked him, «Well, did you see anything?» «Your majesty must know that I have seen nothing whatever.» The king said, «Look well what you are at, for now there only remains two days more for you, or else you die!» The soldier replied, «I have not the least misgivings.» Night came

on and the princess acted as before. Next morning the king asked him again at breakfast, «Well, have you seen anything last night?» The soldier replied, «Your majesty must know that I have seen nothing whatever.» «Be careful, then, what you do, only one day more and you die!» The soldier replied, «It is very curious that I should sleep all night — it cannot be from anything else but from drinking the beverage which the princess give me... Leave me alone, I know what I shall do; when the princess brings me the cup I shall pretend to drink, but shall throw away the beverage.» The night came and the princess did not fail to bring him the beverage to drink to his bedside. The soldier made a pretence to drink it, but instead threw it away, and feigned sleep though he was awake. In the middle of the night he saw the princess rise up, prepare to go out and advance towards the door to leave. What die he do then? He put on the cap, drew on the boots, and said, «Cap make me invisible, boots take me wherever the princess goes.»

The princess entered a carriage, and the soldier followed her into the carriage and accompanied her. He saw the carriage stop at the seashore. The princess then embarked on board a vessel decked with flags. The soldier on seeing this said, «Cap, cover me, that I may be invisible», and embarked with the princess. She reached the land of giants, and when on passing the first sentinel, he challenged her with «Who's there?» «The Princess of Harmony», she replied. The sentinel rejoined, «Pass with your suite.» The princess looked behind her, and not seeing any one following her she said to herself, «The sentinel cannot be in his own mind; he said «pass with your suite;» I do not see any one.» She reached the second sentinel, who cried out at the top of his voice, «Who's there?» «The Princess of Harmony», replied the princess. «Pass with your suite,» said the sentinel. The princess was each time more and more astonished. She came to the third sentinel, who challenged her as the others had done, «Who's there?» «The Princess of Harmony.» Pass on with your suite,» rejoined the sentinel. The princess as before wondered what the man could mean. After journeying for a long time the soldier who followed her closely saw the princess arrive at a beautiful palace, enter in, and go into a hall for dancing, where he saw many giants. The princess sat upon a seat by the side of her lover who was a giant. The soldier hid himself under their seat. The band struck up, and she rose to dance with the giant, and when she finished the dance she had her iron slippers all in pieces. She took them off and pushed them under her seat. The soldier immediately took possession of them and put them inside his sack. The princess again sat down to converse with her lover. The band again struck up some dance music and the princess rose to dance. When she finished this dance another of her slippers had worn out. She took them off and left them under the seat. The soldier put these also into his sack. Finally, she danced seven times, and each time she danced she tore a pair of slippers made of iron. The soldier kept them all in his sack. After the ball the princess sat down to converse with her lover; and what did the soldier do? He turned their chairs over and threw them both on the middle of the floor. They were much surprised and they searched every-

where and through all the houses and could find no one. The giants then looked out for a book of fates they had, wherein could be seen the course of the winds and other auguries peculiar to their race. They called in a black servant to read in the book and find out what was the matter. The soldier rose up from where he was and said, «Cap, make me invisible.» He then gave the negro a slap on the face, the negro fell to the ground, while he took possession of the book and kept it. The time was approaching when the princess must depart and return home, and not being able to stay longer she went away. The soldier followed her and she returned by the same way she came. She went on board and when she reached the city the carriage was already waiting for her. The soldier then said, «Boots take me to the palace,» and he arrived there, took off his clothes, and went to bed. When the princess arrived she found everything in her chamber just as she left it, and even found the soldier fast asleep. In the morning the king said «Well, soldier, did you see anything remarkable last night?» «Be it known to your majesty that I saw nothing whatever last night,» replied the soldier. The king then said, «According to what you say, I do not know if you are aware that you must die today.» The soldier replied, «If it is so I must have patience, what else can I do?» When the princess heard this she rejoiced much. The king then ordered that everything for the execution should be prepared before the palace windows. When the soldier was proceeding to execution he asked the king to grant him a favour for the last time and to send for the princess so that she should be present. The king gave the desired permission, and the princess was present, when he said to her, «Is it true to say that the princess went out at midnight?» «It is not true,» replied the princess. «Is it true to say,» again asked the soldier, «that the princess entered a carriage, and afterwards went on board a vessel and proceeded to a ball given in the kingdom of the giants?» The princess replied, «It is not true.» The soldier yet asked her another question, «Is it true that the princess tore seven pairs of slippers during the seven times she danced?» and then he showed her the slippers. «There is no truth in all this,» replied the princess. The soldier at last said to her, «Is it true to say that the princess at the end of the ball fell on the floor from her seat, and the giants had a book brought to them to see what bewitchery and magic pervaded and had taken possession of the house, and which book is here?» The princess now said, «It is so.» The king was delighted at the discovery and happy ending of this affair, and the soldier came to live in the palace and married the princess.

THE THREE PRINCES AND THE MAIDEN

There was once three princes who were great friends. One day, as they walked out together, they saw a beautiful maiden looking out of a window, and they were all three, unknown to each other, struck and charmed with her loveli-

ness; and one of them sought an occasion when he could go alone to ask her to name the hour when he should come to speak to her. The maiden told him to come at ten in the evening. The second prince came and begged of her the same favour, and she appointed him to come at eleven in the evening. The third prince also came and asked the same question and favour, and the maiden said that she would expect him at midnight.

At ten o'clock in the evening the first prince came to see her; at eleven the second prince arrived; and at midnight also came the third prince, and he found the other two. «You are willing to speak to all three because you do not care for any.» The maiden replied to him that she liked all three much. One of the princes then said that she could only marry one, and, therefore, that she should say which she would choose. The maiden again assured them that she did not make an exception, and that all three pleased her much. As the three princes were on the eve of undertaking a long journey, she at last decided that on their return they should all three bring her a keepsake, and that the one who should bring her the present she liked best, that one would she marry. They all three took leave of her, promising to bring the presents agreed upon. And when they had travelled for some distance came to a cross road, where they decided to part company, and at the end of their journey to meet again at the same spot. After this they each went their way. One of them arrived at a country where he saw many people going into a joiner's shop. He was much surprised at it, and he also went to see what was going on. He found that the excitement was created by no less a thing than a most marvellous looking-glass; that the moment it was told, «Looking-glass, I wish to see this or that person,» they would immediately appear reflected upon it. The prince bought it at once, and, delighted at the discovery, said: «Now I have found, indeed, an excellent present to take to my sweetheart!» The second prince reached another country where he saw many persons meet to buy a candle. He asked why they were all so anxious to purchase such an indifferent article as a candle, and of so little value; but they informed him that the candle had a particular mysterious property, so that of any person was dead, and the candle was put in the dead person's hands, he would immediately come to life again. The moment the prince heard this he lost no time in buying it, and, much pleased, he said: «I have now found a valuable present for my lady-love.» The third prince saw in another country a man who was selling wool rugs. This man asked a great sum for one in particular. The prince inquired the reason why he asked so much more money for one rug than he did for the others. The man replied that the particular rug had a distinct peculiarity from the others, which was, that if any one wished to undertake a journey he had only to open it out on the ground, stand upon it, and say to it: «Oh! rug, take me to such a country in an instant.» The moment the prince knew of this, he bought it, and, in great glee at finding such a treasure, said, «Now, indeed, I have a present worthy to present to my sweetheart.»

When the three princes met at the appointed road, they showed each other the presents which they had bought. The one of the looking-glass said to the

other two friends: «I order the looking-glass to show me my lady-love.» And as he said so they looked into the glass, and there saw the dead form of the maiden. The prince who had bought the candle said: «Oh! that we could place this candle in her dead hands, that so she may come to life!» The prince with the rug then added, laying open the rug on the ground: «Rug, take us all three in an instant to where she is!» In a moment the three princes found themselves by the side of the dead maiden. They placed the candle in her hands, and she instantly rose once more to life. They were all exceedingly delighted at the result, yet now each put forth his claims for the maiden. The prince to whom the candle belonged said, that if not been for it she would never have risen again. The one who held the looking-glass urged that had he not seen her in the looking-glass they would never have known that she was dead. Whilst the prince who had the rug said, that had it not been for his rug they would not have found themselves there so quickly; and, compared to his rug, the other presents were useless. The maiden now came forward and said: «As you all three have a right to marry me, and as I cannot have three husbands at one time, I shall not marry any of you!» The maiden shut herself up in a tower; and the three princes, much disappointed and grieved, also retired into a dismal tower.

THE MAIDEN AND THE FISH

Once there was a widower who had three daughters. The two eldest thought of nothing but dress and finery, and going to amusements, or sitting at the window doing nothing; whilst the youngest occupied herself with the household management, and was fond of assisting the servant in the kitchen, and for which reason her sisters called her the «Hearth-Cat.» One day the father caught a fish and brought it home alive, and as the youngest daughter was the one who occupied herself in cooking, and was besides his favourite child, he gave her the fish to prepare for their supper. As the fish was alive, and she took a great liking on the account of its pretty yellow colour, she placed it in a large pan with water, and begged her father to allow her to keep it for herself, and not kill it. As soon as the father consented to her keeping it, she at once took it to her own room and gave it plenty of water to swim in; and when the sisters saw what had been done with the fish they began to cry out and complain that, for the sake of pleasing the «Hearth-Cat,» they were to be deprived of eating that excellent fish.

At night, when the little maiden had already laid herself down to sleep, the fish began to say to her, «Oh! maiden, throw me into the well! Oh! maiden, throw me into the well!» The fish repeated this so often and so imploringly that at length she rose and threw the fish into the well. The following day she took a walk in the garden to try and see the fish, as she quite yearned to have a look at it once more; and as she drew close to the well she heard a voice inside which said: «Oh! maiden, come into the well! Oh! maiden, come into the well!» She

ran away with fear; but on the following day, when the sisters were gone to the festival, the maiden again approached the border of the well, and she heard once more the same voice calling for her, and, impelled by it, she went into the well; and she had hardly reached the bottom when the fish appeared to her, and, laying hold of her hand, he conducted her to a palace of gold and precious stones, and said to her: «Go into that chamber and attire yourself in the best and most elegant robe you find there, and put on a pair of gold slippers which are ready for you, as you will see, for I mean you to go to the same festival as your sisters are gone to. You will proceed to it in a splendid state carriage which you will find ready for you at the door when you leave this palace. At the conclusion of the festival be careful to take your departure before your sisters do, and return here to take off your robes, for I promise you that a time is in store for you when you will be very happy indeed.» When the maiden had put on garments worked in gold and precious stones of very great value, she came out of the well, and on reaching the palace door she found a splendid carriage ready for her. She stepped in and proceeded to the festival. When she entered the edifice every one there was in admiration, and wondered from whence had come such a lovely, comely maiden with such rich robes. She left the edifice without lost of time the very moment that the festival was concluded; but in her hurry to get out she lost one of her slippers, and the king, who was following close behind her, picked it up, and ordered an edict to be issued that he would marry the maiden to whom that slipper belonged. When she reached home she went into the well at once to take off her rich garments, and when she left the enchanted palace the fish told her to return in the evening, for he wished to ask her something. The maiden promised to comply with his wish, and departed. When her sisters returned home she was seen busy in the kitchen, and they gave her a glowing account of the beautiful lady they had seen at the feast, who had on such rich robes full of gold ornaments and precious stones such as they had never seen before in their lives, and how this fair and lovely maiden had dropped one of her dainty slippers in her hurry to leave the edifice, which the king had picked up, and now signified his intention of marrying the maiden to whom it belonged. They told her that such being the state of affairs, they would go to the palace to try the slipper, and were certain that it would fit one of them, who would then be made a queen! and then would she give the «Hearth-Cat» a new dress. The moment the sisters left for the palace the maiden went to the well to see the fish, who said to her the moment he saw her, «Oh, maiden! will you marry me?» The maiden replied, «I cannot possibly marry a fish!» but he so entreated her, and urged his suit so ardently, that she at last consented. That very instant the fish was transformed into a man, who said to her, «Know, then, that I am a prince who was enchanted here, and I am the son of the sovereign who governs these realms. I know that my father has published an edict, ordering all the maidens of his kingdom to repair to the palace and try on the slipper which you dropped today on coming away from the feast; go, therefore, there yourself, and when the king tells you that you must marry him, inform him that

you are already engaged to the prince, his son, who was enchanted, for his majesty will then send for me on hearing this.» The maiden left the well, and shortly after her sisters returned from the palace looking very downcast and disappointed because the slipper after all did not fit them. The maiden then hinted to them that she also thought of repairing to the palace, to try on the slipper in case it should fit her. The sisters indignantly said: «Jus see what airs the «Hearth-Cat» is putting on, and is not ashamed of herself. Go, and show your tiny, dainty foot! go.» The maiden went to the palace, nevertheless; and the sentinels, seeing her so shabbily dressed, would not let her pass; but the king, who just happened to be at the window, ordered them to let her enter. He had hardly given her the tiny slipper to try on when his majesty remained struck with wonder to see how soon she drew it on, and how beautifully the slipper fitted her, and he that moment told her that he would make her his queen. The maiden, however, very respectfully signified to him that it could not be, as she was already engaged to be the bride of his majesty's son, the prince who had been spell-bound so long. The king, on hearing her, could scarcely contain his delight to think that he would soon see his son again, disenchanted as he was now. He immediately sent a retinue of the grandees of the realm to bring his son out of the well, and he married him to the beautiful maiden. There were great rejoicings and much feasting in honour of the occasion; and the sisters of the «Hearth-Cat,» filled with jealousy and bitterness at the sudden turn of affairs, were punished, and commenced to throw all manner of filth out of their mouths. The «Hearth-Cat» remained in the palace the bride of the prince, who afterwards succeeded to the throne, and became king.

CONTRIBUIÇÕES PARA UM ROMANCEIRO E CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS*

O resultado das nossas explorações da tradição popular portuguesa pode ser sistematizado em três grandes capítulos, com a feição provisória de *Contribuições*, no entretanto, para o trabalho definitivo e completo que sobre a mesma tradição um dia há-de fazer-se. O primeiro¹ ocupa-se especialmente do maravilhoso popular, dos restos e vestígios da mitologia do povo que ainda se conservam na tradição oral, das superstições, crenças, prejuízos etc., que a esse maravilhoso se referem. O segundo² trata dos contos populares. O terceiro, que começamos com a presente publicação, refere-se aos romances, aos cantos, orações, jogos infantis, etc., aos elementos enfim, que devem constituir o nosso romanceiro e cancionero popular. Destes três capítulos o mais novo é evidentemente o primeiro, de que nada até hoje há publicado em Portugal³. O segundo, apesar da publicação do nosso colega e amigo Adolfo Coelho⁴, está longe de se achar esgotado. O terceiro, finalmente, apesar de ter sido o mais explorado entre nós⁵, ainda tem algumas novidades que apresentar aos colectores, como resto pode ver-se por estas páginas.

Todas as produções, que abaixo transcrevemos, foram por nós directamente coligidas da tradição oral em diversos pontos do País, e na maioria dos casos

* Originalmente publicado na *Romania*, 1881, vol. X: 100-116.

¹ Em via de publicação, sob o título de *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*. Saíram já três números.

² Temos pronta uma colecção inédita.

³ O Snr. Adolfo Coelho, que há anos se ocupa em coligir tradições portuguesas, está preparando um trabalho importante sobre este assunto.

⁴ Contos Populares Portugueses.

⁵ Sem falar no *Romanceiro* de Garrett, veja-se principalmente o *Cancioneiro e Romanceiro Geral Português* (5 vols.) do Snr. Teófilo Braga, e *Romances Populares e Rimas Infantis Portuguesas*, de A. Coelho, *Zeitschr. f. rom. PM.*, III; e *Romania*, III, 263 e seg.

de pessoas analfabetas, o que é mais uma garantia da sua genuinidade. Fazem apenas excepção as cantigas a S. João, que têm a rubrica de «Vila Nova de Gaia» e que me foram dadas pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Elvira de Macedo Damásio, e duas ou três orações com a rubrica de «Lisboa», que me foram ditadas por minha mãe. Mas a genuinidade destas é também indubitável, porquanto foi a nosso pedido, e sob a nossa indicação que estas duas senhoras as coligiram directamente da tradição oral. As que levam a rubrica de «Coimbra» foram em parte coligidas por mim e em parte por minha mulher naquela cidade. Assim como mas ditaram, assim as escrevi e as publico, sem lhes alterar nem uma palavra. Mesmo onde uma correcção no verso se tornava fácil e necessária, eu cuidadosamente a evitei, não me julgando para isso autorizado. Do momento em que se trata de produções anónimas e colectivas de um povo, a genuinidade é o primeiro requisito a atender-se, e o *erro* (sob o nosso ponto de vista erudito) é também um documento que importa não fazer levianamente desaparecer.

I

ROMANCE DA RAINHA SANTA ISABEL

Peço graça com fervor	— Bem sei que levais dinheiro,	
Do divino Manuel,	Segundo sois costumada;	
Para que haja de rezar	Antes que muito me cheira,	
Da Rainha Santa Isabel:	Rosas em Janeiro,	
Em Saragoça nascida,	5 É de maravilha achá-las!»	25
Segundo a oração diz,	A Senhora	
Foi rainha mui querida,	O seu regaço lhe amostrou,	
Mulher d'el-rei Dom Dinis;	Cravos e rosas achou,	
Aos pobres socorria	Um cheiro que admirava.	
Com entranhas do coração;	10 «Ó rainha excelente!	30
Pois de ninguém se fiava,	Meu tesouro podeis dar,	
Sua esmola apresentava	Minha coroa empenhar	
Com a sua própria mão.	Porque tudo estou contente (s/c).»	
Vindo a «santa» um dia,	Estando a «santa» um dia	
Com seu regaço ocupado,	15 Na sua sala sentada,	35
Pelo tesouro que havia,	Chegou-lhe um pobre chagado (<i>sic</i>),	
Com el-rei eis encontrada!	Se o podia arremediar;	
«Que levais aí, Senhora?	Ela lhe disse	
— Levo cravos e mais rosas,	Com palavras de amor:	
Para mais nossa alegria.	20 «Mandarei chamar o doutor,	40

* Refere-se esta passagem ao milagre que se deu por essa ocasião, conforme no-lo diz a lenda em prosa mais detalhadamente.

Que vos haja de curar.		Com tenção de a matar,	
— Senhora, se queredes		Contra a clemência que usava;	
Ter o vosso coração inflamado,		Na cama onde repousava	55
Deitai-me na vossa cama,		Deitar um pobre chagado.	
Que eu serei remediado.»	45	A senhora correu o cortinado,	
A Senhora		Achou Jesus crucificado!	
De pés e mãos o lavou,		Muito chorou o rei com ele	
Na sua cama o deitou.		Dos milagres, que ela tinha obrado.	
Um cavaleiro, que no paço		Em Estremoz acabou	61
Havia encontrado,	50	Em Coimbra está sepultada,	
A el-rei tudo é contado (<i>sic</i>).		No convento que formou	
Vindo el-rei muito agastado,		De Santa Clara sagrada.	

(Estremoz)

II

O NATAL

As <i>janeiras</i> não se cantam,		Deitou as mãos à cabeça,	
Nem aos reis, nem aos fidalgos;		Rasgou um véu que trazia,	20
Cantamos a vós, senhores,		Fê-lo em quatro pedaços,	
Por ser ano melhorado:		O menino Deus cobria!	
Lá na noite do Natal,	5	Desceu um anjo do Céu,	
Noite de grande alegria,		Que paninhos lhe trazia.	
Caminhava São José		Uns eram bordados d'ouro	25
E mais a Virgem Maria;		Outros de cambraia fina;	
Caminhavam para Belém,		Voltou o anjo ao Céu	
Para lá chegar com dia.	10	Cantando <i>ave Maria</i> .	
Quando a Belém chegaram,		Lá no Céu lhe perguntaram,	
Já meia-noite seria;		Como ficou a Maria:	30
São José foi buscar lume,		A Maria ficou boa	
Só ficou a Virgem Maria;		Só a noite muito fria.	
Quando São José chegou,	15	Olhai lá para o alto Céu,	
Já a Virgem tinha parido.		Lá vereis uma cruz,	
Pariu numa pobre porta,		Com travesseiro e cama,	35
Que nem uns paninhos tinha!		Para o Menino Jesus.	

⁷ Alusão a outro milagre, contado extensamente na lenda em prosa.

⁸ Também se chamam *Janeiras*. Na véspera do dia de Ano Bom, vão ranchos *cantar as janeiras* defronte das casas das pessoas abastadas, para receberem alguma esmola. É nessa ocasião que se canta o romance do *Natal*. Nas vizinhanças do Porto onde o romance foi coligido, ainda este costume tem uma grande vitalidade, assim como em todo o Minho. Noutros pontos do País, apenas do costume sobreviveu o uso das *boas-festas*, em que nada se canta já.

O Menino está no berço, Embala-o São José, Os anjos lhe estão cantando <i>Gloria tibi Domine!</i> Embala, José! embala Com a mão <i>nanja</i> ^v com o pé; Esse menino que embalas, É Jesus de Nazaré! Vamos ver a barca nova, Que se vai deitar ao mar, Nossa Senhora vai dentro,	Os anjinhos a remar. Vamos ver a barca nova, Que fizeram os pastores, Nossa Senhora vai dentro Os anjos são remadores. Ó meu menino Jesus, Amar-vos é um regalo: Nascestes à meia-noite Ao primeiro cantar do galo!	50 55
--	---	----------------------------------

(Vila Nova de Gaia)

III

OS REIS¹⁰

Ó da casa nobre gente! Escutai e ouvireis: Da parte do Oriente São chegados os três Reis! São chegados os três Reis Da parte do Oriente, Adorar a Deus menino, Alto Deus omnipotente! Antes das culpas d'Adão, Rezavam as profecias, Que havia de vir ao mundo O verdadeiro Messias. Chegando aquele tempo, Que era determinado, Nasceu a mulher, flor Daquele jardim sagrado. Naquela noite detoisa (s/c) ¹¹ Que ao mundo deu alegria, Nasceu o verbo divino, Das entranhas de Maria. Entrou e saiu por ela,	Como o sol pela vidraça; Pariu e ficou donzela Maria, cheia de graça! Lago mandou o Padre Eterno Com poder omnipotente, A inspirar nos corações Dos três Reis do Oriente. Eles que já esperavam, Por aquele grande amor, Em ver que era nascido O monarca superior, Como humildes vassalos Se deitaram ao caminho. Chegaram à corte de Herodes, Perguntaram de repente Aonde era nascido O monarca omnipotente. Tem Herodes no seu peito Uns desejos bem diferentes; Desembainhou seu cutelo (<i>sic</i>) ¹² No sangue dos inocentes.	25 30 35 40
--	--	--

Não.

¹⁰ Do mesmo modo que *as janeiras*-, mas cantam-se na véspera de dia de Reis. Podem ver-se duas versões deste romance, mas muito diferentes da que publicamos, em *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* publicados por Teófilo Braga, n.º 63 e 64.

¹¹ Ditosa.

¹² E banhou o seu cutelo (pode restituir-se).

Herodes como malvado, Como perverso maligno, Aos santos Reis ensinou Às avessas o caminho. Deus que estava do Céu Vendo tão grande desatino, Mandou a estrela da guia, Que lhe ensinasse o caminho. Guiados pela estrela Foram ter logo a Belém, Adorar o Deus menino, Que nasceu p'ra nosso bem. A estrela se poisou Em cima duma cabana, Aonde todos adoraram A Jesus, neto de Ana. A cabana era pequena, Não cabiam todos três; Adoraram o Messias, Cada um por sua vez. Os três reis lhe ofereceram Ouro, mirra e incenso,	45	Não lhe ofereceram mais nada, Porque era o Deus imenso. Entraí, pastores, entraí! Por esse portal sagrado Lá vereis estar Deus menino Numas palhinhas deitado; Entraí, pastores, entraí! E vinde ver e vereis Em pobres palhas deitado O soberano Rei dos Reis! Tão pobrezinho naceste Meu adorado Jesus!	65 70 75
	50	O pago que recebeste, Foi pregado numa cruz! Bem puderas, meu Jesus, Nascer em leito d'ouro fino,	80
	60	Naceste tão pobrezinho! Glória seja dada ao Padre, E a Deus filho também! Glória ao Espírito Santo, Para todo sempre. Amen!	85

(Vila Nova de Gaia)

ORAÇÕES

1. *Salve rainha*¹³

Salve rainha!
Pequenina!
Rosa sem espinhos,
Cravo de amor.
Mãe do Senhor!
Dai-me luz
E entendimento,
Para adorar
O Santíssimo Sacramento!

(Coimbra)

2. *oração ao deitar*¹⁴

a.

Com Deus me deito,
Com Deus me levanto;
Com a graça de Deus,
E do Espírito Santo.
Senhor! eu dormir quero,
Minha alma vos entrego.
Se eu dormir, acordai-me;
Se eu morrer, embalai-me;
Com os três signos da Santíssima
Trindade

¹³ Cf. Coelho, *Romances Sacros*, etc. (Romni, 266), e Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular*, p. 171.

¹⁴ Cf. Coelho, *Romances Populares e Rimas Infantis Portuguesas* (Zeitschr. f. rom. Phil., ni, 193).

O Padre é Deus;	10	Os meus pecados fiquem aqui,	
O Filho é Deus;		Que eu vou dar contas a Nossa Senhora	
O Espírito Santo é Deus;		Que há muito que a não vi!	
São três deuses,			(Abrantes)
E um só Deus verdadeiro,	15		
Filho da Virgem Maria.			
Senhor! guardai-me esta noite,			
E amanhã por todo o dia;			
Que o meu corpo não seja preso,		5. Oração depois da confissão.	
Nem minha alma perdida,	20	Senhor do Conforto!	
Nem meu sangue derramado.		Que fostes preso e morto,	
E Jesus, ave Maria!		Perdoai-me meus pecados,	
	(Coimbra)	Que eles são muitos e largos.	5
		Não os dou confessados,	
		Nem a padre nem a bispo,	
		Nem a <i>bispo doirado!</i> (sic)	
		Beijarei santa pedra,	
		Que a minh'alma se não perca!	10
		Beijarei santa cruz,	
		Que a minh'alma tenha luz,	
		Para sempre. Amen Jesus!	
			(Abrantes)
3. Padre nosso.			
Padre nosso da palma!			
Jesus fez corpo e alma,			
Alma independente,			
Que entrou e saiu;			
Jesus Cristo viu,	5		
Ao pé do altar,			
Três anjos a baptizar;			
Lá estava a bela pombinha,			
Que no bico leva o óleo,			
Nas asas leva a crisma.	10		
Ó João, crisma a mim,		6. Oração à mesa da comunhão.	
Crisma a ti,		Nesta mesa ajoelhei,	
Não crismes aqueles maus judeus,		Nesta mesa virginal,	
Que crucificaram	15	Venho arreceber	
Jesus Cristo Deus,		Um riquinho manjar;	
Na árvore da bela cruz.		Manjar tão <i>incelente</i> (sic) ¹⁵ ,	5
Para sempre. Amen Jesus!		Dado das mãos do Senhor,	
	(Coimbra)	Para dar tão realmente	
		A um grande pecador.	
		Os pecados que sabia,	10
4. Oração antes da confissão.		Não os disse ao confessor,	
Nesta igreja vou entrando,		Mas digo-os a vós Senhor!	
Água benta vou tomando,		Sabendo o que eles são,	

¹⁵ Excelente.

Dai-me a penitência,
Para minha salvação.

(Abrantes)

Jesus da bela Cruz!
Para sempre. Amen Jesus!

(Lisboa)

7. Orações a Nossa Senhora,

a.

Virgem Pura, Virgem Pura,
Mãe de toda a criatura,
Bem sabemos que pariste!
Todo o mundo remiste;
Remistes a mim, senhora! 5
Sou uma grande pecadora;
Estou para me ir deitar,
Com tenção de me levantar;
Veio um anjo me dizer,
Que estava para morrer. 10
Eu não estava preparada,
Para dar contas a Deus;
Lá no cálix consagrado,
Lá no cálix se procura; (?)
O meu menino Jesus 15
Está pregado numa cruz,
Com três cravos encravados,
Para sempre. Amen Jesus!
Quem esta oração disser
Um ano continuamente, 20
Terá tantos anos de perdão,
Como de areia há no mar,
E no campo de flores.
Quem esta oração não souber, não a
diga; (*sic*)
Quem a ouvir, não a aprenda; (*sic*)
Lá virá o dia de Juízo, 26
Que sua alma se arrependa!
Já o sacrário está aberto,
Já o Senhor lá está dentro,
Já os anjinhos o adoram, 30
Santíssimo Sacramento!

b.

Com Jesus me deito,
Com Jesus me levanto,
Pela graça do divino Espírito Santo.
Nossa Senhora me cubra
Com o seu divino manto. 5
Se eu bem coberta for,
Não terei medo nem pavor,
Nem daquilo que mau for.
Neste leito em que me eu deito,
Acharei quatro anjos, 10
Dois aos pés, dois à cabeceira,
Nossa Senhora na dianteira.
Jesus crucificado,
Filho da Virgem Maria,
Guardai-me esta noite, 15
E amanhã por todo o dia!¹⁶

(Lisboa)

Nossa Senhora da graça,
Fez um milagre no Monte:
Pedi-lhe o «menino» água,
Logo se abriu uma fonte!
A fonte era de prata, 5
A água era de cheiro,
O menino era santo,
Filho de Deus verdadeiro.

(Lisboa)

¹⁶ Cf. Coelho, *Romances Populares e Rimas*, etc., in *Zeitschr. f. rom. Phil.* III, 194.

¹⁷ Ditaram-na como uma oração, se bem que mais pareça o fragmento de um «romance sacro».

<i>d.</i> ¹⁸		
Nesta cama me deitei,	Jesus seja comigo,	
Sete anjos nela achei;	E eu com Ele;	
Três aos pés, quatro à cabeceira,	Ele adiante,	20
Nossa Senhora na dianteira.	E eu atrás d'Ele;	
Ela me disse	A cruz do Senhor	
Que dormisse;	Se deite sobre mim;	5
Que não tivesse medo de nenhuma	Quem nela padeceu	
	Responda por mim.	25
	coisa	(Lisboa)
Se eu dormisse, acordava-me;		
Se eu morresse, acompanhava-me;		
Com as três pessoas da Santíssima	9. <i>Padre nosso pequenino,</i>	
Trindade	<i>a.</i>	
Em nome de Deus Padre,	Padre nosso pequenino!	
De Deus Filho,	Quando Deus era menino,	
E de Deus Espírito Santo!	Põe a chave no divino (s/c).	
	Quem a pôs, quem a poria?	
	Foi a Santa Madalena.	5
	Cruz do monte! e cruz da fonte!	
8. <i>Oração ao deitar,</i>	Nunca o Demónio me encontre,	
<i>b.</i>	Nem de noite, nem de dia,	
Senhor! deitar me quero.	Nem à hora do meio-dia.	
Não sei se amanhecerei;	Já o galo cantou,	10
Confesso-me e sacramento (<i>sic</i>)	Já o menino se alevantou,	
Para viver na vossa lei.	Já o Senhor está na cruz.	
Nesta cama me vou deitar,	Para sempre. Amen Jesus!	
Para a minha alma repousar.		(Lisboa)
Se a morte me vier buscar,		
Que eu não possa falar,		
Possa eu dizer «Jesus!»		
Três vezes «Jesus»	10	
Para minha alma se salvar.	<i>b.</i> ²⁰	
Cruz preciosa!	Padre nosso pequenino!	
Cruz bendita!	Quando Deus era menino,	
No Céu estás escrita,	Que andava pelo mar,	
Na Terra alumiada,	15 Com três Marias a par;	
Todos os anjos do Céu,	Uma era Páscoa Flor,	5
Acompanhem minha alma!	Outra Páscoa Leonor,	

¹⁸ Cf. Coelho, *Romances Populares etc.*, *Zeitschr. f. rom. Phil.*, III, 194. Tanto esta oração como as duas anteriores foram-me ditadas por Francisca da Piedade, de Lisboa, criada de minha mãe.

¹⁹ Cf. Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular*, p. 172.

²⁰ O final desta variante parece indicar que a «oração» degenerou em «parlenga», de que o que acima se lê talvez seja apenas um fragmento.

- Outra Páscoa índua (*sic*);
 Lá vem São Brás da índia,
 São Brás, Santa Luzia;
 Tende mão da minha tarefa,
 O que me dira a snra mestra (*sic*)?
 (Lisboa)
10. *Oração para afastar a trovoada*²¹.
 a.
 Santa Bárbara bendita,
 Que nos céus estais escrita!
 Espalhai a trovoada,
 Que está no céu armada;
 Espalhai-a p'ra bem longe,
 Onde não haja pão, nem vinho²²,
 Nem flor de rosmaninho*.
 Já os galos cantavam
 Quando o Senhor subiu à cruz.
 Para sempre. Amen Jesus!
 (Abrantes)
- b. Santa Bárbara
 bendita,
 Que no céu estás escrita!
 Papelinho de água benta (*sic*),
 P'ra espalhar esta tormenta,
 Para a terra dos mouros;
 Não haja pão, nem vinho,
 Nem flor de rosmaninho,
 Nem ouvir cantar os galos,
 Nem ouvir repicar os sinos.
 (Abrantes)
11. *Oração para livrar de cão danado*²⁴.
 5 Louvamos a Deus,
 E à lua nova,
 E a São Vicente,
 E a São Clemente,
 Que nos livre de má gente, 5
 E de dor
 de cão doente.
 (Lisboa)

²¹ Esta oração é provavelmente o resíduo de um antigo esconjuro, para afastar ou dissipar as trovoadas. Cf. a seguinte esconjuração, que ainda hoje nalgumas aldeias de Portugal está em vigor para o mesmo efeito. (A. F. Castilho, *Fastos de Ovídio*, notas ao vol. n, pp. 276, 277): «Senhor Jesus Cristo, quer fizeste o céu e a terra, o mar e tudo o que no mundo habita; que abençoaste o rio Jordão e nele quiseste ser baptizado, e que estendeste na cruz as tuas mãos e braços santíssimos, com que santificaste o ar; imploramos a tua imensa piedade e bondade para que te dignes de dissolver e aniquilar estas nuvens, que vejo adiante, atrás e por cima de mim, da direita e da esquerda, perturbando o ar, a fim de que agrida a potência dos embravecidos demónios cadaque e seja confundida, para louvor do teu santíssimo nome e poderosíssima majestade. . . . cerque-te, oh! nuvem, Deus Pai; cerque-te Deus Filho; cerque-te Deus Espírito Santo. Destrua-te Deus Pai; destrua-te Deus Filho; destrua-te Deus Espírito Santo. Aniquile-te Deus Pai; aniquile-te Deus Filho; aniquile-te Deus Espírito Santo. . . . Eu pecador e sacerdote de Cristo, seu indigno ministro, pela autoridade e virtude do mesmo Deus e Senhor Nosso Jesus Cristo, supremo imperador, vos ordeno, oh! imundíssimos espíritos, que excitastes estas nuvens ou névoas, que delas saiais e as disperseis para lugares incultos, onde não prejudiquem os homens, os animais, os frutos, as erva, as árvores, ou quaisquer coisas destinadas para o uso dos homens.» Este esconjuro, se bem que perdeu na boca do sacerdote parte da sua forma popular, no fundo porém é-o completamente, como de resto é fácil de verificar aproximando-o das orações acima dadas, coligidas directamente da tradição oral.

²² Searas nem vinhas.

²³ Pastagens.

²⁴ Esta oração, para ter eficácia, deve rezar-se voltando-se para a Lua, a primeira vez que se vê lua nova.

V
CANTIGAS A SÃO JOÃO²⁵

1
São João da barba doirada,
Onde dormiste a madrugada?
— Dormi naquela horta,
— E acordei com estas cachopas²⁶.

(Lisboa)

2
São João adormeceu
Entre os braços de Maria;
«Acorda João! acorda,
«Que amanhã é o teu dia²⁷!

(Lisboa)

3
São João, ele vai, ele vem!
Minha mãe por casar me tem;
Se eu ao outro São João chegar,
Solteirinha não hei-de ficar!

(Lisboa)

4
São João adormeceu
Nas escadas do colégio;
Deu a Justiça com ele,
São João tem privilégio²⁸!

(Lisboa)

5
«Que é aquilo? que é aquilo?
— É São João a apanhar um grilo!
— Não é nada, não é nada,
«São João a comer pescada.»

(Lisboa)

6
São João leva a seu lado,
Mais de vinte e cinco viúvas;
Ao desembarcar tal tropa,
São João perdeu as luvas.

(Lisboa)

7
Donde vindes, São João,
Que vindes tão orvalhado²⁹?

²⁵ De todos os cantos do povo português, que podem coligir-se para um cancionero popular, não há nenhuns tão importantes como os de São João. Não são somente curiosos usos e superstições que neles se encontram, mas alusões míticas muito directas ao fenómeno natural, que a festa popular inconscientemente celebra. Esta festa que, para não falar em outros povos, é comum às nações de língua latina, aos Germanos (cf. *Deutsche Mythologie*, etc. etc.) e aos Eslavos (cf. Afanasiev, *Poeticheskiia vozzrieniia slavian na prirodu*, vol. III, pp. 710-724, etc.; Ralston, *The Songs of the Russian People*, 2d edit., pp. 239-246; etc. representa em Portugal o centro de todas as tradições míticas e legendárias. Na noite de São João todos os encantos se quebram, aparecem tesouros ao de cima da água, têm uma virtude maravilhosa o orvalho apanhado antes do nascer do Sol (*oster-wasser* = orvalhadas), as flores do campo, as ervas, etc, etc. (cf. o número in das minhas *Contri-buições para uma Mitologia Popular Portuguesa*). Destes cantos, porém, pouco ou nada havia coligido. Apenas o Sr. Teófilo Braga publicou (da tradição oral) 5 quadras (*Cancioneiro Popular*, p. 159). Nós apresentamos 62, e ainda não esgotámos a nossa colecção.

²⁶ Raparigas, donzelas.

²⁷ Para a associação na poesia popular dos nomes de João e Maria, cf., entre outros povos, os Eslavos. (Afanasiev, *Poeticheskiya etc.*, vol. III, p. 722, e Ralston, *The Songs etc.*, p. 241).

²⁸ Cf. Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular*, p. 159.

²⁹ Cf. Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular*, p. 159.

«Venho de baptizar Cristo,
«Cristo ficou baptizado.»
(Lisboa)

São João e Santo António,
Ambos têm no Céu cadeira;
Santo António leva a chave,
E São João a bandeira.
(Lisboa)

São João é pobre,
Precisa calções;
Dêem-lhe o pano,
Que eu lhe porei os botões.
(Lisboa)

10
Donde vindes, São João,
Tão bem cheirais a marcela?
«Venho do rio Jordão,
«De fazer uma capela.»
(Lisboa)

11
São João perdeu a capa
No caminho do estudo;
Juntaram-se as moças todas,
Fizeram-lhe uma de veludo.
(Lisboa)

12
Fui-me à porta do Baptista,
Perguntar por meus amores;
Lá de dentro me atiraram
Uma capela de flores.
(Lisboa)

13
São João perdeu a capa,
No caminho do jardim;
Juntaram-se as moças todas
Fizeram-lhe uma de cetim.
(Lisboa)

14
Fui à porta do Baptista,
Perguntar por meus cuidados;
Lá de dentro me atiraram
Uma capela de cravos.
(Lisboa)

15
Santo António colhe as uvas,
São Pedro deita-a na cesta,
São João faz a capela,
Cristo põe-na na cabeça.
(Lisboa)

16
Que lindo laço de fita,
Que o Baptista traz ao peito!
Foi feito à maravilha,
À maravilha foi feito.
(Lisboa)

17
Lá vem o Baptista abaixo,
Com a capa cor de fogo;
Que vem de ver as fogueiras
Da Senhora do Socorro.
(Lisboa)

18
Oh! que lindo baptizado,
Que vem do rio Jordão;
São João a baptizar Cristo!
E Cristo a São João!
(Lisboa)

19

Lá vem São João abaixo,
Com Maria pela mão;
São João é cravo roxo;
Maria, manjaricão.

(Abrantes)

20

São João era bom santo,
Se não fosse tão velhaco...
Foi à fonte com três moças,
À vinda veio com quatro!

(Abrantes)

21

São João era bom moço,
Se não fosse tão garoto...
Foi à fonte com três moças,
À vinda veio com oito!

(Abrantes)

22

Lá vem São João à barra,
Com trinta mil donzelas;
Embarca, não desembarca,
São João vem no meio delas!

(Abrantes)

23

Donde vindes, São João,
Pela calma sem chapéu?
«Venho de ver as fogueiras,
«Que se fizeram no céu³⁰»

(Abrantes)

24

São João à minha porta!
Eu não tenho que lhe dar...
Vou dar-lhe uma cana verde,
Para pôr no seu altar.

(Abrantes)

25

São João p'ra ver as moças,
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão à fonte...
São João todo se mata³¹!

(Abrantes)

26

São João p'ra ver as moças,
Fez uma fonte de cortiça;
As moças não vão à fonte...
São João todo se *ar riça*³² (sic).

(Abrantes)

27

Vamos, raparigas, todas,
Ao rosmaninho que cheira,
Na noite de São João,
A fazer uma fogueira!

(Idem)

28

Ó meu rico São João!
Meu rico São Joãozinho!
Haveis de ser meu compadre,
Do meu primeiro menino.

(Vila Nova de Gaia)

³⁰ Cf. Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular*, p. 159.

³¹ Cf. Teófilo Braga, *loc. cit.*

³² Erriça, ouriça = zanga ou encoleriza-se.

29

São João adormeceu
Nas escadinhas do coro;
Deram as bruxas com ele,
Depinicaram-no todo!

(Idem)

30

Se o São João soubesse,
Quando era o seu dia...
Descera do Céu à Terra
Oh! que festa não faria!

(Idem)

31

O São João adormeceu,
Aos três dias acordou...
«Acorda, João, acorda!
«Que o teu dia já passou.»

(Idem)

32

Donde vindes São João
Pela manhã, sem chapéu?
«Venho de ver as fogueiras,
«Que se apagaram no céu.»

(Idem)

33

São João, vaso de cravo!
No ventre se ajoelhou,
Quando a mãe de Jesus
Santa Isabel visitou.

(Idem)

34

O São João prometeu
De dar capela às casadas,
De cravos a³³, mais de rosas,
De selindras encarnadas.

(Idem)

35

O São João prometeu
De dar capela às solteiras,
De cravos a³⁴ mais de rosas,
E de selindras vermelhas.

(Idem)

36

O São João prometeu
De dar capela às viúvas,
De cravos a³⁵ mais de rosas,
E de selindras escuras.

(Idem)

37

Vinde ver o São João,
Como está tão asseado!
Vestido à realista³⁶,
Com o seu carneiro ao lado.

(Idem)

38

Na noite de São João,
Bem tolo é quem se deita³⁷!
Para tomar as orvalhadas,
No campo de Cedofeita.

(Idem)

³³ E.³⁴ E.³⁵ E.³⁶ Encarnado e azul.³⁷ Cf. a superstição popular de que ninguém se deve deitar na noite de São João. Cf. mais o terceiro número das minhas *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*.

39

Aí vem o Evangelista,
Por entre os olivais;
«Vai-te embora, Evangelista!
«Que o Baptista pode mais.»

(Idem)

44

Vamos, raparigas! todas,
Tomar as ondas ao mar!
Que o São João é bom santo,
Do perigo nos há-de livrar.

(Idem)

40

Donde vindes São João,
Com uma capa de chita?
Venho de ver as fogueiras,
Da Senhora Santa Rita.

(Idem)

45

Até os mouros na Mourama,
Festejam o São João!
Quando os mouros o festejam
Que fará quem é cristão?

(Idem)

41

Abaixai-vos carvalheiras!
Com os ramos para o chão.
Deixai passar os romeiros.
Que vão para o São João.

(Idem)

46

São João baptizou Cristo,
Cristo baptizou João;
Oh! que belo baptizado
Vai no rio de Jordão³⁸.

(Idem)

42

Na noite de São João,
É o tomar dos amores;
Que dá o *damo*³⁹ à dama
Um raminho de flores

(Idem)

47

Ó meu rico São João!
Que tendes na mão fechada?
«É a petição das donzelas,
«Que ainda não está despachada.»

(Idem)

43

Ó meu rico São João,
Que tendes na mão que luz?
«São as petições das donzelas³⁹,
«Despachadas por Jesus³⁹.»

(Idem)

48

Ó meu rico São João!
Dai-me peras do vosso balcão.

(Idem)

³⁸ Rapaz solteiro. Da mesma sorte em muitos pontos do Minho se diz *raparigo* e *rapaza* respectivamente por «rapaz» e «rapariga».

³⁹ Para se casarem. N.º 47, *idem*, Cf. *Contribuições para uma Mitologia*, etc.

⁴⁰ Cf. n.º 18, acima.

49

No altar do São João,
 Nasceu uma cerejeira;
*Detoisà*⁴¹ da donzelinha
 Que lhe colher a primeira⁴²!
(Idem)

50

No altar do São João,
 Nasceu um lindo craveiro;
*Detoisà*⁴³ da donzelinha,
 Que lhe colher o primeiro⁴⁴!
(Idem)

51

Raparigas! raparigas!
 Raparigas de feição!
 Vinde fazer a camisa
 Ao Baptista São João.
(Idem)

52

O São João chora, chora,
 Lágrimas de prata fina:
 Que lhe fugiu um cordeiro
 Por aquela serra acima.
(Idem)

53

Donde vindes, São João,
 Que vindes tão molhadinho?
 «Eu venho daquela horta,
 «De regar o cebolinho.»
(Idem)

54

Até os Mouros na Mourama
 Festejam o São João!
 Correm cavalos e touros,
 Com canas verdes na mão⁴⁵.
(Idem)

55

Dá pequena pancada,
 Rei mouro!
 Não quebres a espada,
 Que é d'ouro⁴⁶!
(Idem)

56

Que é aquilo,
 Que no céu branqueja?
 «É São João
 «Na sua Igreja.»
(Idem)

57

Que é aquilo,
 Que no céu luz?
 «É São João
 «Com sua cruz.»
(Idem)

58

Ó meu rico São João!
 Quem vos meteu entre as flores?
 «Foram as donzelinhas,
 «Que não têm outros amores!»
(Idem)

⁴¹ Ditosa.

⁴² Superstição?

⁴³ Ditosa.

⁴⁴ Superstição?

⁴⁵ Cf. n.º 45.

⁴⁶ Esta quadra que parece não ter relação imediata com o assunto, é contudo incluída, como pertencendo a São João, conforme a tradição oral, que em nada alteramos, mesmo quando a não podemos compreender.

59

Ó meu rico São João!
Quem vos meteu entre cravos?
«Foram as moças donzelas,
«Que não têm outros cuidados!»
(*Idem*)

Disseram umas para as outras:
«Não havemos de casar!
«Casaremos, não casaremos,
«São João festejaremos!»
(*Idem*)

60

Ó meu rico São João!
Quem vos meteu entre as rosas?
«Foram as donzelinhas,
«Que são muito cuidadosas!»
(*Idem*)

62

Orvalhadas!⁴⁸
Minhas orvalhadas!
Viva o rancho
Das moças casadas!
Orvalhadas!
Minhas orvalheiras!
Viva o rancho
Das moças solteiras!
Orvalhadas!
Minhas orvalhudas!
Viva o rancho
Das mulheres viúvas!
(*Idem*)

61

Levantaram-se as três Marias
Na noite de São João,
Foram ver se o cravo branco⁴⁷
Estava aberto ou não:
Acharam-no fechadinho,
Puseram-se a chorar,

VI

PARLENGAS INFANTIS E JOGOS POPULARES

1

a.

Amanhã é domingo,
Pé de caminho;
Salta o galo no monte;
O monte é de ouro;
Salta no touro;
O touro é bravo,
Marra no fidalgo;
O fidalgo é valente,

5

Enterra toda a gente,
Na cova de um dente⁴⁹! 10

b.

Amanhá é domingo,
Toca o sino;
O sino é de oiro,

⁴⁷ Alusivo a superstição?

⁴⁸ *Osterwasser*; do orvalho que cai na noite de São João, e ao qual na tradição popular portuguesa se atribuem muitas virtudes.

⁴⁹ Cf. Teófilo Braga, *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, p. 177.

Toca no toiro;		Ou de ouro ou de prata,	
O toiro é bravo,	5	Mete as mãos numa escura buraca.	
Toca no adro;			(Lisboa)
O adro é fino,		351	
Toca no sino;			
O sino é valente,			
Toca em toda a gente!	10	Sola, sapato,	
		Rei, rainha,	
		Vai ao mar	
		Buscar sardinha,	
		Para o filho	5
c.		Do juiz,	
Amanhã é domingo,		Que está preso	
Cantará o pintassilgo;		Pelo nariz.	
Pintassilgo é derrabado,		Os cavalos a correr	
Não tem sela nem cavalo;		As meninas a aprender,	10
Tem só uma mulinha ceza,	5	Qual será a mais bonita,	
Que vai d'aqui a Castela,		Que se há-de ir esconder.	
De Castela a Castela,			(Lisboa)
Buscar um moio de pão,			
P'ra mim e mais p'ro meu cão.		3 ⁵²	
O meu cão não está em casa,	10	Um e dois,	
Está debaixo do navio.		E argolinha,	
Dá-lhe o vento, dá-lhe o frio,		Finca o pé	
Corre como um correpio;		Na pampulhinha.	
Dá-lhe o vento, dá-lhe o sol,		Ó rapaz	5
Canta como um rouxinol.	15	Que jogo faz?	
	(Lisboa)	— Faço o jogo	
2 ^o		De capão;	
		De capão,	
Vassourinha, vassourinha,		Manuel João,	10
Vai varrer tua casinha		Conta bem,	
Com a vassourinha d'el-rei.		Que vinte são.	
Pirinico, pirinico,		Se contar,	
Quem te deu tamanho bico?		E não errar,	

⁵⁰ Foi-me ditado isto como uma simples *parlenga*. Nalguns sítios, porém, é esta parlenga transformada em jogo da seguinte maneira: As crianças sentam-se, formando roda, com as mãos estendidas e abertas de palma para cima. Uma delas vai dizendo os versos e correndo com a mão fechada por cima das mãos das outras. Quando chega ao verso 4, começa a beliscar, e a mão que belisca ao pronunciar o último verso, retira-se para trás das costas. Depois continua na mesma ordem.

⁵¹ Cf. Coelho, *Romances Populares e Rimas*, etc. (*Zeitschr. f. rom. Phil.*, III, 196). Pode ser transformada num jogo do mesmo modo que o anterior, com a diferença de que se não belisca.

⁵² É algumas vezes transformada em jogo, exactamente com as outras duas, retirando-se ou escondendo-se a mão que é tocada pela pessoa que fala, ao dizer o último verso.

Vinte e quatro
Hás-de achar.
Diz à velha
Do velhinho,
Que está coxinho
De um dedinho.

15 Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficaram senão três.
Desses três que ficaram,
Foram pastar os bois;
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
20 Não ficaram senão dois.
Desses dois que ficaram,
Foram matar um perum (sic);
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficou senão um⁵⁴.

(Lisboa)

4. *O tangro-mangro*⁵³.

Minha mãe teve dez filhos,
Todos dez dentro de um pote;
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficaram, senão nove.
Desses nove que ficaram,
Foram amassar biscoito;
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficaram senão oito.
Desses oito que ficaram,
Foram pentear o topete;
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficaram senão sete.
Desses sete que ficaram,
Foram esperar os reis;
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficaram senão sete.
Desses seis que ficaram,
Foram depenar um pinto;
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficaram senão cinco.
Desses cinco que ficaram,
Foram depenar um pato;
Deu-lhe o tangro-mangro neles,
Não ficaram senão quatro.
Desses quatro que ficaram,
Foram matar uma rês;

(Lisboa)

5⁵⁵

Bolinhos, bolinhos,
Para mim, e para vós;
Para os vossos finados,
Que estão enterrados
Ao pé da bela cruz. 5
Para sempre. Amen Jesus!

(Coimbra)

b.

Esta casa é bem alta,
Forrada de papelão,
O senhor que mora nela,
É um grande capitão.
Esta casa cheira a unto, 5
Aqui morreu algum defunto!
Esta casa cheira a breu,
Aqui mora algum judeu!

(Coimbra)

⁵³ Para a significação provável desta parlenga, cf. Coelho, *Romances Populares e Rimas* etc. {*Zeitschr. f. rom. Phil.*, n.º 199), onde se lê uma variante.

⁵⁴ Falta o último verso, em que devia contar-se a sorte do derradeiro, mas a pessoa que me ditou isto não o sabia.

⁵⁵ Em Coimbra em «dia de finados», andam os rapazes pedindo pelas portas, e cantando estes versos. Cf. *Chants de quêtes* etc. (*Romania*, n.º 59 ss).

VII

ENIGMAS POPULARES⁵⁶1. *O ovo.**a.*

Igreja branca,
Sem porta nem tranca⁵

*(Lisboa)**b.*

Menina bonita,
Saia amarela,
Casa caiada,
Ninguém entra nela.

*(Lisboa)**c.*

Branco é,
Galinha o pões
Numas palhinhas.

*(Coimbra)*2. *A trempe.*

Tem pernas
E não anda;
Tem coroa,
E não diz missa.

*(Lisboa)*3. *A mesa.*

Por cima do pinho
Linho;
Por cima do linho
Flores;
E à roda
Amores.

*(Lisboa)*4. *A romã.**a.*

Tem tantos escaninhos,
Que nem se podem contar.

*(Lisboa)**b.*

Redondinha, redondinha,
Como a pedra de jogar;
Tem tantos escaninhos,
Que não se podem contar!

*(Lisboa)*5. *O dedal.*

Nós somos muitos irmãos,
Espalhados pelo mundo;
Muitas mulheres,
E alguns homens
Nos procuram.
Nós não sendo
Carapuças,
Nem chapéus,
Nem coisas de enfeitar,
Todos nos põem na cabeça.

*(Lisboa)*6. *A azeitona.*

Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti;
Para dar luz ao mundo,
Mil tormentos padeci.

(Lisboa)

⁵⁶ Foram-me ditados quase todos estes enigmas pelo Snr. Silvino Auta Abreu, de Lisboa.

⁵⁷ Cf. Coelho, *Romances e Rimas*, etc., p. 198.

7. *A parede.*

Estando a Snra D. Branca
Muito bem repimpada,
Veio o Snr. Barbaças,
Deu-lhe uma bofetada!

(Lisboa)

8. *A língua.*

Estando a Snra D. Princesa
Entre tábuas e tabuinhas,
Chova que não chova,
Sempre está molhadinha.

(Lisboa)

9. *A chave.*

Tenho uma íntima amiga,
Com quem eu muito me dou;
Ela sem mim não é nada,
Eu sem ela nada sou.

(Lisboa)

10. *A escrita.*

Cinco bailharicos,
Uma balhareta;
O chão é branco,
A semente é preta.

(Lisboa)

11. *A luz.*

a.

Do tamanho de uma belota,
Enche a casa até à porta.

(Lisboa)

b.

Do tamanho de uma belota,
Acompanha até à porta.

12. *O cigarro.*

Branca por fora,
Preta por dentro,
Encarnada na pontinha.

(Lisboa)

13. *O pão.*

Sem osso,
Nem espinha;
No calor se empina.

(Lisboa)

14. *A tesoura.*

Madama delicada,
Delicada no comer;
Mastiga e bota fora,
Engolir não pode ser.

(Lisboa)

POESIAS POPULARES PORTUGUESAS*

São João pediu à Virgem
Que o não adormecesse,
Que queria ver o sol
De manhã quando nacesse.

Ala e ala, minha mana,
Ala e ala
Esta noute é de grande gala.

Quando São João se viu
Dos Mouros todo cercado,
Ergueu a sua bandeira
Com Jesus crucificado.

Ala, ala, minha mana,
Lá vem Mouro,
São João tem o altar d'ouro.

São João de Deus amado,
Ó santo de Deus querido,
São João não me falteis
Ao que eu te tenho pedido.

São Pedro era pescador
Da praia dos fariseus,
Vá lá deitar a rede
P'ra pescar almas p'ra Deus.

Donde vindes, ó São Pedro,
Pela manhã sem chapéu?
Venho de deitar a rede
P'ra pescar almas p'rò Céu.

São Pedro era pescador
E Cristo muito o amou,
E para prova de amor
As chaves do Céu lhe entregou.

São Pedro de Deus amado
Três vezes Cristo negou;
Assim que ouviu cantar o galo
Arrependeu-se, chorou.

Ó meu rico São João,
Amanhã é vosso dia,
Tendes a capela armada,
E água benta na pia.

* Originalmente publicado na *Revue Hispanique*, 1902, vol. IX: 455-467.

São João p'ra ver as moças
Fez uma fonte de vidro;
As moças não vão a ela,
O santo está sentido.

Com as penas do pavão,
Com o sangue da cotovia,
Hei-de escrever uma carta
Ao meu amor d'algum dia.

(iCarapinheira)

Fui-me despedir ao rio,
Das pedrinhas de lavar,
Só de ti me não despeço,
Para te não ver chorar.

Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre,
E a água me respondeu:
Quem tem amores não dorme.

(Coimbra)

Carta, vai onde te eu mando,
Que lindos olhos vais ver;
Carta, põe-te de joelhos,
Quando te quiserem ler.

(Carapinheira)

CONFISSÃO DE NOSSA SENHORA

Ó meu padre São Domingos!
A confissão me haveis de ouvir;
Eu ando agora pejada
Em vésperas para parir.
O confessor se assentou,
A donzela ajoelhou.
O ventre que ela trazia
Toda a Terra alumiou:
O padre que aquilo viu
Alvorou de pensamentos.

— Padre, porém, remei pecados
Tornamos aos mandamentos.
O primeiro que é amar
É um divino senhor
Que eu sempre amei
E trouxe em meu favor.
O segundo que é jurar
Nunca jurei de contínuo,
Que a vinte e cinco de Março
Encarnou o verbo divino.
O terceiro que é guardar
Os dias que de Deus são
Dia de Nossa Senhora
Teve grande ocupação.
O quarto que é amar
Nossos pais mais do que a nós
Acho que será pecado
Chamar a Jesus por «vós».
O quinto que é matar
O pecado infernal,
Quando concebi meu filho
Foi sem pecado or'ginal.
O sexto querer ser
Ser mocinha menor (?)
Ser esposa de Jesus
E mãe de Nosso Senhor.

(S. Cristóvão de Mafamude)

BELA A PASTORA

Deus te salve, rosa (Rosa?),
Linda tão formosa,
Bela pastorinha,
Que fazeis aqui?
— Procuro o meu gado
Qu eu aqui perdi.
— Teu gado, menina,
Lá o vi no monte,
Estando a beber água
No cristal da fonte.
Tão bela menina,
A guardar o gado...

— Já nasci senhor,
 Para esse fado.
 — Aqui tem seu gado,
 Eu aqui lh'o trago,
 Eu sempre gostei
 De ser seu criado.
 — Por essa montanha
 Corre grande p'rigo.
 Diga-me, ó donzela,
 Se quer vir comigo?
 — Vá-se d'aqui embora,
 Não me dê desgosto,
 Que virão meus amos
 Trazer-me o almoço.
 — Vá-se d'aqui embora,
 Não me dê pesar,
 Que virão meus amos
 Trazer-me o jantar.
 — Como está ingrata,
 Tão impertinente,
 Seus amos não são lobos
 Que comam a gente.
 — Venha cá, senhor,
 Venha cá correndo,
 Que o amor é cego,
 Já me vai vencendo.
 — Olhai, ó pastores,
 A fortuna minha,
 Já guardei o gado,
 Agora sou rainha.
 — Como vai contente
 Com meias de seda,
 Cuidado não as rompa
 Por essa resteva.
 — Por essa resteva
 Tudo romperei,
 Por a pastorinha
 A vida darei.
 — Ó gente d'aldeia,
 Acudi ao gado,
 Que foge a pastora
 Com o seu namorado.

(Vila Nova de Gaia)

Lá em cima naquela serra
 Está uma bela ermida,
 Onde está uma devota,
 Serva da Virgem Maria.
 Uma vizinha da porta
 Um testemunho lhe erguia,
 Que ela andava demores
 Com um sacerdote de missa.
 Um sacerdote agastado,
 Ela pena não a tinha.
 Chegou um homem de fora:
 — Boa seja a tua vinda,
 Que te confesso, traidora,
 Que te quero tirar a vida.
 — Quer me mates, quer me deixes,
 Eu confessar-me queria,
 Se me matares, tirano,
 Enterra-me na ermida,
 Aos pés de Nossa Senhora
 Rainha Santa Maria,
 Que ando pejada de oito meses,
 Já para os nove corria.
 No cabo de nove meses,
 Lindo cantar se ouvia.
 Abriram a sepultura,
 Acharam-na lá parida,
 Com uma menina nos braços
 Que se chamava Maria.
 Os anjos foram padrinhos,
 Nossa Senhora madrinha.
 — Perdoa-me tu agora,
 Serva da Virgem Maria!
 — Como te hei perdoar,
 Se a tua alma está perdida?
 A minha está na glória,
 Dos anjos bem assistida.

tRégua — Diogo J. de Macedo)

A ROSA DA BEIRA DO RIO

— Rosa da beira do rio,
 Tão arisca me falais,
 Eu cuidava, linda rosa,

Que vós me quiséreis mais.
— Quero-vos tanto, magano,
Da raiz do coração,
Mas nem rindo nem brincando
Me haveis de pôr a mão.
— Eu a mão não vo-la ponho
Nem também bulir convosco;
Só de estar ao pé de vós,
Rosa, faço grande gosto.
— Se vós fazeis grande gosto,
Desgostai, por vida vossa,
Que esta rosa que aqui vedes
Ela é d'outro, não é vossa.
— Se ela é minha ou não é,
Inda o pode vir a ser,
Mande chamar o seu pai,
Que nos venha arreceber.
— Não mando chamar meu pai
Para falas escusadas,
Que eu inda sou muito nova
Não sei governar casa.
— Outras mais novas que a si
Governam casas, têm marido,
Assim serieis vós, Rosa
Se acaso casares comigo,
— A resposta está bem dada
Magano, pois vós a destes,
Se não sabeis o caminho,
Tornai por onde viestes.
— O caminho bem no sei,
Bem o vejo d'aqui,
Mas espero de levar
Rosa adiante de mim.
— Levareis não levareis;
Que eu não sei se quereirei;
Tornai por aqui à noute,
Romper solas debalde,
Não quero nada à força
Senão por livre vontade.

SANTA IRIA

Estando eu a coser
Na minha almofada,

Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Passou um cavaleiro,
Pedi-me pousada.
— Se meu pai lh'a desse,
Estava bem dada.
Deu-lha minha mãe
Por ser confiada.
Subiu para cima
Ele se sentou,
Pus-lhe a mesa
Ele ceou.
Fiz-lhe a cama,
Ele se deitou.
Era meia noite dada,
Ele em mim pegou,
Levou-me p'rò monte,
Lá me perguntou,
Como eu me chamava.
— Em casa de meu pai
Chamava-me Iria,
Iria fidalga;
No meio d'este monte
Iria coitada!
— Por esta palavra
Serás degolada.
Puxou pelo alfange
E a degolou;
Coberta de rosas
Ali a deixou.
Daí a sete anos
Por ali passou.
Pastorinhos novos
Que guardais o gado,
Que santa é aquela
Que está naquele adro?
— É Santa Iria,
Morreu degolada.
— Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte
Serei teu romeiro.
— Não perdoo, não!
Vilão carniceiro,

Da minha garganta
 Fizeste carneiro,
 Do meu cabelinho
 Fizeste dinheiro.
 — Veste-te d'azul
 E mais d'amarelo.
 Se Deus te perdoar,
 Isso mesmo eu quero.

(D. Josefa de Macedo)

O CONDE DA ALEMANHA

Já lá vem o sol abaixo,
 Já lá vem o claro dia,
 E o conde da Alemanha
 Com a rainha dormia.
 Não o sabia ninguém
 Nem quantos na corte havia.
 Sabia-o Dona Silvana
 Filha da mesma rainha.
 — Se tu, minha filha, o sabes
 Tu me queiras encobrir
 Darei-te vestidos d'ouro,
 Também tenho-os de Damasco.
 — Meu pai ainda não é morto
 Já me querem dar padraço.
 As mangas d'esta camisa
 Não as chegue eu a romper
 Assim que meu pai vier
 Se eu não lhe for dizer.
 Venha, venha, meu pai, venha
 Santa seja a sua vinda,
 Tenho um conto para lhe contar
 Um conto a maravilha.
 Estando eu no meu tear
 Tecendo seda amarela,
 Veio o conde d'Alemanha,
 Três fios me tirou d'ela.
 — Cala-te lá, minha filha,
 Qu'isso foi só por brincar
 — Maldito seja o seu brinco
 Se comigo quis brincar,
 Que pegou em mim nos braços

À cama me foi deitar.
 — Cala-te lá, minha filha,
 A ninguém o vás dizer,
 Amanhã por estas horas
 Irá o conde a morrer.
 Cala-te lá, minha filha,
 A ninguém o vás contar,
 Que amanhã por estas horas
 Vai o conde a degolar.
 — Venha, venha, minha mãe,
 À janelinha do meio,
 Venha ver o conde Alberto
 Vestidinho de vermelho.
 Ande, ande, minha mãe,
 Ande depressa, venha ver,
 Venha ver o conde Alberto
 Que hoje vai a morrer.
 — Maldita sejas tu, filha,
 Fora o leite que mamaste
 A um mancebo tão belo,
 A morte que lhe causaste.
 — Cale-se lá, minha mãe,
 Que não se ouça na rua.
 A morte que o conde leva
 Também pode ser a sua.

(Lavadores)

O CONDE D'ALEMANHA

Variante

Já lá baixo vem o sol
 Lá vem o claro dia,
 Já o conde d'Alemanha
 Com a rainha dormia.
 Não o sabia el-rei
 Nem quantos na corte havia;
 Sabia-o Dona Bernarda
 Filha da mesma rainha.
 — Ó Bernarda, se o sabes,
 Bem me podes encobrir,
 Que o conde é mui brioso,
 De ouro te há-de vestir.

— Não quero vestidos de ouro,
Eu inda os tenho de damasco,
Inda meu pai é vivo,
Já me querem dar padraço.
As mangas d'esta camisa
Eu as não chegue a romper;
Logo que venha meu pai,
Logo lh'o hei-de dizer.
— Venha, venha, ó meu pai,
Boa seja a sua vinda,
Que lhe quero contar un conto
Um conto a maravilha.
— Conta lá, ó minha filha,
Folgarei de te ouvir.
— Estando eu no meu tear,
Tecendo seda amarela
Veio o conde d'Alemanha,
Três fios me tirou d'ela.
— Cala-te aí, minha filha,
Qu'isso seria a brincar
Que o conde é gracioso,
Gosta muito de brincar.
— Mal hajam os seus brincos,
E também o seu brincar,
Que me puxou por um braço
E à cama me quis levar.
— Cala-te aí, minha filha,
Não estejas a dizer tal,
Que em antes de um quarto d'hora
O verás a ir queimar.
— Venha, venha, minha mãe,
À janela do quintal,
Venha ver o seu benzinho
Qu'ele lá vai a queimar.
— Mal o hajas, minha filha,
Fora o leite que mamaste,
Que a morte daquele conde,
Foste tu que lh'a causastes.
— Cale-se aí, minha mãe,
Não me faça agoniar,
Que a morte que ele leva,
Também lha faço levar.
— Que é isso? minha filha,
Êm que estás tu a falar?

— Com a fivela do sapato
Que me não quer assentar.

(*Régua* — Diogo José de Macedo)

MARIANA

— Ó minha mãe! faça a ceia,
Que me quero ir deitar,
Tenho uma aposta feita,
Espero de a ganhar.
— Ó meu filho! não apostes,
Nem queiras tu apostar;
Mariana é discreta,
Não a queiras difamar.
— Oh! quem bate à minha porta?
Oh! quem nela está a tropar?
(bater)
— Tecedeira, minha senhora,
Dessas praias d'Além-mar.
A teia está urdida,
Fiado venho buscar.
— Espera aí, tecedeira
Que ainda está por dobar.
— Esperarei, minha senhora,
Farei o que ordenar.
— Donzela pelo caminho
De noute não deve andar.
— Suba acima, tecedeira.
Ao meu quarto irá ficar.
Ela subiu para cima,
Com a Mariana dormiu,
E antes do sol nado,
A tecedeira partiu.
Levava a aposta ganha,
De Mariana fugiu.
— Que é isso, minha filha,
Que é isso nessa saia?
— Não é nada, meu paizinho,
É da saia mal talhada.
Mandou-se chamar dois mestres,
Cada qual da sua casa.
— Quero ver esse defeito.
Se é da saia mal talhada.

— Esta saia não tem erro,
 Esta saia não tem nada.
 Mariana é discreta
 Mariana anda pejada.
 — Correi, moços e criados,
 Ao pinhal apanhar lenha,
 Amanhã por estas horas,
 Mariana vai à queima.
 Ela subiu à varanda,
 Logo se pôs a chorar.
 — Não há por aí um pagenzito
 Que meu dinheiro vá ganhar,
 Para levar uma carta
 A Don Carlos-d'além-mar?
 Ouviu uma voz dizendo:
 — Eu a irei levar.
 Jornadinha de três dias,
 Em dez horas lá hei-de estar.
 — Se ele estiver a dormir
 Logo o farás acordar,
 Se ele andar a passear
 Logo lhe irás falar.
 Logo por fortuna sua,
 Ele andava a çar.
 A carta de Mariana
 Ele lhe foi entregar.
 — Abreviai-me a resposta
 Que Mariana vai a queimar.
 — Se m'o dizeis a mangar
 Eu vou-vos mandar matar.
 — Não vo-lo digo mangando,
 Nem mangando vo-lo digo,
 Vai amanhã a queimar,
 Menina que dormiu consigo.
 — Correi, moços e criados,
 Meu cavalo vão ferrar
 Com ferraduras de bronze
 Para poder aguentar.
 Chegou ao meio do caminho,
 Mariana ia a queimar.
 — Essa menina que levas
 Inda vai por confessar.
 — Ou vós sois o amor d'ela,
 Ou vós m'a quereis roubar.

— Eu não sou amor d'ela,
 Nem vo-la quero roubar;
 Sou um frade franciscano
 Que a venho confessar.
 — Confesse-a, senhor padre,
 Enquanto vamos jantar.
 — Benza-se, ó minha menina,
 Que a quero confessar.
 No meio da confissão
 Um abraço me há-de dar.
 Persigne-se, ó menina,
 E torne-se a persignar.
 Lá no fim da confissão
 Um beijinho me há-de dar.
 Nas ancas do meu cavalo
 Prometo de a levar.
 Não permita Deus do Céu,
 Nem os santos do altar,
 Onde Carlos pôs a boca
 Não é p'ra frade beijar.
 — Cala-te Mariana,
 Que eu sou Carlos d'além-mar,
 Vestido de franciscano;
 Aqui te venho salvar.

(*Vila Nova de Gaia*
 D. Josefa de Macedo)

Indo um caçador à caça,
 Na caça lhe anoitecia;
 Deitou os olhos abaixo,
 Também os deitou acima;
 Lá viu estar uma donzela
 Que o (ao?) sol resplandecia.
 Que fazeis aí, donzela?
 Que fazeis aí, donzilha?
 — Sete fadas me fadaram,
 No ventre de uma mãe minha,
 Hoje se acaba o ano,
 Amanhã se acaba o dia.
 Queres-me tu, ó cavaleiro,
 Levar na tua companhia?

CONSIGLIERI PEDROSO

— Eu te levarei, donzela.
 Eu te levarei, donzilha;
 Lá no meio do caminho,
 D'uma fonte água bebia;
 Depois montou a cavalo,
 Pelo caminho corria.
 — Tornemos atrás, donzela,
 Tornemos atrás, donzilha,
 Que na fonte aonde bebemos
 A minha espora é perdida.
 — Não voltes atrás* cavaleiro,
 Não voltes, por vida minha;
 Se a tua espora é de prata,
 Meu pai d'ouro t'a daria.
 — Quem é vosso pai, senhora,
 Que tanto ouro tenia?
 — Sou filha do rei d'Espanha,
 Da rainha Constantina;
 Sete fadas me fadaram
 No ventre de uma mãe minha.
 Hoje se acaba o ano,
 Amanhã se acaba o dia.
 — Pelos sinais que me dais,
 Vos sois uma mana minha.
 Correi, moços e vassalos,
 Correi com grande alegria:
 Julguei que trazia esposa,
 Trago uma mana minha.

(*Vila Nova de Gaia* — D. Josefa
 de Macedo)

O CONDE D. FRANCISCO

— Oh! quem bate à minha porta?
 Oh! quem bate, oh! quem esta aí?
 — São cravos, minha senhora,
 E rosas vos trago aqui.
 — Eu não abro a minha porta
 A tais horas de dormir.
 — Se me não abres a porta,
 Morto me acharás aqui.

— Se for o D. Francisco,
 A porta lhe irei abrir;
 — Se for outro cavalheiro,
 Bem se pode daí ir.
 — Abre-me a porta, menina,
 Que é o teu D. Francisco.
 Ao abrir a sua porta,
 Lhe apagou o candil;
 Pegou nele em seus braços
 E levou-o ao seu jardim.
 Lavou-lhe os pés e as mãos
 Com aguinha de alecrim;
 Pegou nele em seus braços,
 À cama o foi deitar.
 — É meia-noite dada,
 Ainda te não viras para mim.
 Diz-me, ó meu D. Francisco,
 Quem te disse mal de mim?
 — Não me disseram mal de ti,
 Mas em cartas o ouvi.
 — Se temes aos meus filhos,
 Pois estão agora a dormir.
 — Eu não temo aos teus filhos,
 Que são de entre mim e ti.
 — Temes aos meus criados?
 Pois eles não estão agora aqui.
 — Não temo os teus criados,
 Pois são criados de mim.
 — Se temes ao meu marido,
 Ele não está agora aqui.
 — Não temo ao teu marido,
 Pois o tens ao pé de ti.
 — Coitada de mim, coitada,
 Na hora em que eu naci,
 Ter o marido na cama,
 E não saber parte de mim.
 — Cala-te aí, ó maldita,
 Deixa-me agora dormir,
 Que amanhã por estas horas,
 Eu te darei de vestir.
 Te darei saia de gala,
 Roupinhas de carmesim
 E gargantilha de cutelo,
 Porque tu o queres assim.

— Que fazeis, ó meu D. Francisco
 A estas horas por aqui?
 — Venho ver a minha dama,
 Que há muito que a não vi.
 — A tua dama é mona.
 É mona que eu bem na vi.
 — Se me desses os sinais,
 Havia de cuidar que é assim.
 — Os sinais que ela levava,
 Eu t'os dou já aqui:
 Levava saia de gala,
 Roupinhas de carmesim,
 E gargantilha de cutelo,
 Pois o ela quis assim.
 A tumba em que ela ia
 Era de ouro e marfim;
 Quatro condes que a levavam
 Eram mais do que a ti.
 Oito arrobas de cera
 Alumiam o serafim;
 Isso de frades e clérigos
 Não tinham conto nem fim.
 Ela lá foi enterrada
 Na capela de São Gim (S. Gil).
 — Monta, monta, cavalinho,
 Enquanto puderes montar,
 À campa de Francisquinho,
 Lá iremos descansar.
 Abre-te penha constante,
 Serás minha sepultura:
 Se meus ais te não abrandam,
 Digo-te, penha, que és dura.
 (ELA) — De três filhos que lá ficam
 São dentre mim e ti,
 Mete-os a frades e clérigos,
 Que digam missa por mim.

BERNAL FRANCÊS¹

Variante

Se for Bernal Francês,
 A porta lhe vou abrir.

— É Bernal Francês, senhora,
 A porta lhe venha abrir.
 — Ao descer da minha cama
 Rasguei o meu farandil;
 Ao descer da minha escada,
 Me caiu o meu chapil,
 E ao abrir da minha porta
 Se me apagou o candil.
 Peguei n'ele em meus braços,
 Levei-o p'rò meu jardim,
 Lavei-lhe os pés e as mãos
 Com aguinha de alecrim,
 E também lhe lavei o rosto
 Com aguinha de jasmim,
 Levei-o p'rà minha cama,
 Deitei-o ao pé de mim.
 Era meia-noite dada,
 Não se virava para mim.
 Que tens tu, Bernal Francês,
 Que tens tu, ó vida minha?
 Se temes os meus filhos,
 Eles estão dormindo;
 Se temes os meus criados,
 Eles estão longe d'aqui;
 Se temes o meu marido,
 Ele está longe de mim.
 As ondas do mar o levem
 Que ele não torne cá a vir.
 — Francisquinha, Francisquinha,
 Em que hora tu naceste,
 Tens teu marido na cama,
 E inda não o conheceste.
 Deixa vir a manhana,
 Que eu te darei de vestir:
 Darei-te saia de grana (grã)
 Colete de carmesim,
 Gargantilha de cutelo,
 Pois o quiseste assim.
 — Que fazeis, ó cavaleiro,
 A estas horas por qui?
 — Venho ver a minha dama,
 Há muito que a não vi.

¹ Os quatro primeiros versos são os mesmos da versão anterior.

— A tua dama é morta,
Os sinais te digo aqui.
O caixão que a levava
Era d'ouro e marfim;
Os padres que a acompanhavam
Não tinham conta nem fim.
Sete damas em cabelo,
Dizendo assim, assim.
Ela vai a enterrar
À igreja do Bonfim.
— Monta-te, cavaleiro,
Monta-te se queres montar,
E à campa da Francisquinha
Nós havemos de ir parar.
Abre-te, campa sagrada,
Que me quero lá meter,
Já que eu fui causador
De a Francisquinha morrer.
— De três filhos que eu tive
Entre mim e ti,
Mete um frade, outro clérigo,
Que digam missas por mim;
A menina a metas freira,
No convento do Bonfim,
E que não se perca por homens
Como eu por ti me perdi.

(D. Josefa de Macedo — S. Ovídio)

D. GERALDO

— Geraldo, meu Geraldinho,
Pagem d'el-rei tão querido,
Que me dera, ó Geraldo,
Uma noite só contigo!
— Vós, senhora, dizeis isso,
Porque eu sou vosso cativo.
— Não vo-lo digo mangando
Nem mangando vo-lo digo.
— Se não m'o dizeis mangando,
A que horas posso vir?
— Entre as dez e as onze,
Que está meu pai a dormir.
As dez horas eram dadas,

E Geraldo ia a caminho.
— Oh, quem bate à minha porta?
Quem me arromba o meu quartinho?
— É Geraldo, senhora,
Que vem cumprir o prometido.
Peguei nele pela mão
E fui deitá-lo comigo.
Era meia-noite dada,
El-rei por ele a chamar.
— Ó Geraldo, ó Geraldo,
Onde estás tu metido?
Ou Geraldo é morto,
Ou d'amores está cativo.
Respondia-lhe o escudeiro,
De Geraldo muito amigo:
— Nem Geraldo é morto,
Nem d'amores está cativo;
Está a cumprir uma batalha,
Por causa d'ela está perdido.
Levantou-se o rei da cama,
Foi rondar o seu palácio;
Lá viu estar Geraldo
Na cama com sua filha.
Puxou pelo seu punhal,
Porém considerou consigo:
— Se mato a Geraldinho,
Criei-o desde pequenino,
Se mato minha filha,
Fica meu reino perdido.
Aqui fica o meu punhal,
No meio d'ele metido,
Para que acordando vejam
O mal que têm cometido.
— Geraldinho, acorda, acorda,
Acorda que estás perdido,
Que aqui está o punhal de meu pai,
Entre nós ambos metido.
— Ai de mim, real senhora,
Ai de mim que estou perdido!
— Vai-lhe tu dar os bons-dias
Como humilde cativo.
— Bons-dias, real senhor,
Bons-dias eu vo-lo digo.
Mandai-me matar, senhor,

Que eu a morte tenho merecido.
 — Já que ela assim o quis
 Que vos tome por marido.
 — Estou aqui, real senhor,
 Tenho honras por castigo.

(D. Josefa de Macedo)

D. CARLOS E LEONOR

— Ai de mim que vou p'rà guerra,
 Guerras me acabarão
 De três filhas que eu tive
 Sem nenhuma ser varão.
 Respondeu-lhe a mais nova
 Com grande discrição:
 — Ó meu pai, eu vou p'rà guerra
 No seu cavalo Rondão.
 — Tende los cabelos grandes,
 Filha, conhecer-te-ão.
 — Dê-me cá uma tesoura,
 Que eles cairão no chão.
 — Tende los ombros mui altos,
 Filha, conhecer-te-ão.
 — Sendo las armas pesadas
 Eles se abaixarão.
 — Tendes los peitos mui grandes,
 Filha conhecer-te-ão.
 — Sendo los coletes largos,
 Neles se sumirão.
 — Tende lo pé pequenino,
 Filha, conhecer-te-ão.
 — Sendo las botas compridas
 Compridos se eles farão.
 — Tende los olhos mui lindos,
 Filha, conhecer-te-ão.
 — Andando eu na guerra,
 Porei os olhos no chão.
 Bote-me, meu pai, bote-me,
 Bote-me a sua bênção,
 Que eu cá parto para a guerra
 No seu cavalo Rondão.
 — Minha mãe, minha mãezinha,
 Minha mãe do coração,

Os olhinhos de D. Carlos
 São de mulher, d'homem não.
 — Convida-o tu, ó meu filho,
 P'ra contigo ir feirar,
 Que se ela mulher for,
 Em fitas há-de pegar.
 D. Carlos como discreto
 Numa espada foi pegar.
 Ó que bela espada esta
 Para um homem guerrear!
 — Minha mãe, minha mãezinha,
 Os olhinhos de D. Carlos
 São de mulher, d'homem não.
 — Convida-o tu, ó meu filho,
 Pra contigo ir ao quintal,
 Que se ele mulher for,
 Em fruta há-de pegar.
 D. Carlos como discreto,
 Numa flor foi pegar.
 — Ó que bela flor esta,
 Para a uma dama dar.
 — Minha mãe, minha mãezinha,
 Minha mãe do coração,
 Os olhinhos de D. Carlos.
 São de mulher, d'homem não.
 — Convida-o tu, ó meu filho,
 P'ra contigo ir jantar,
 Que se ele mulher for,
 Em baixo se há-de sentar.
 D. Carlos como discreto,
 No mais alto se assentou,
 Pegou logo numa faca,
 Pão e queijo esfatiou.
 — Minha mãe, minha mãezinha,
 Minha mãe do coração,
 Os olhinhos de D. Carlos,
 São de mulher, d'homem não.
 — Convida-o tu, ó meu filho,
 P'ra contigo ir nadar,
 Que se ele mulher for,
 Logo se há-de abaixar.
 — Os sinos da minha freguesia
 Aqui os ouço tocar:
 Minha mãe que está a morrer

E meu pai a enterrar.
Adeus, adeus, praça dermas,
Adeus, meus nobres senhores,
Em sete anos que vos serve
Esta nobre Leonor.
Honra trouxe da minha terra,
Honra torno a levar.
Quem comigo quiser casar,
Va-me à minha terra buscar.
— Trago aqui um genro
Se o quiser aceitar.

DONA SILVANA

Indo Dona Silvana
Pelo seu corredor acima
Tocando numa guitarra,
Oh, que estrondo que fazia!
Acordou seu pai da cama,
Da cama aonde dormia.
— Que tendes, ó Dona Silvana,
Que tendes, ó filha minha?
— De três manas que nós éramos,
São casadas, têm família.
Eu por ser a mais bonita,
Para um canto ficaria.
— Não vejo com quem te casar
Nem com quem te dê valia,
A não ser com o conde Alberto,
Mas é casado, tem família.
— Esse mesmo, ó meu pai,
Esse mesmo eu pretendia,
Mande-o chamar a palácio
Da sua parte e da minha,
Diga-lhe que venha vestido,
Vestido a maravilha.
— Que quereis, real senhor,
Vossa alta senhoria?
— Quero que mates condessa
P'ra casares com minha filha.
— Eu como a hei-de matar
Se ela morte não merecia?

— Manda el-rei que o faças
Senão que te tira a vida,
Que lhe mandes a cabeça
Nesta dourada bacia.
Indo o conde para casa,
Muito triste, sem alegria,
Mandou fechar seu palácio
Coisa que ele nunca fazia;
Mandou vestir seus criados
De do mais pesado que havia;
Mandou pôr a sua mesa
À hora do meio-dia.
Foi o conde para a mesa
Para fazer que comia:
As lágrimas eram tantas
Que pela mesa corriam;
Os suspiros eram tantos
Que em todo o palácio se ouviam.
— Tu, que tens? ó conde Alberto,
— Tu, que tens? ó vida minha,
Conta-me as tuas tristezas,
Que eu te contarei maravilhas.
— Eu como tu hei-de contar
Se elas são tristezas minhas.
Manda dizer el-rei que te mate
P'ra casar com sua filha,
E que lhe mande a cabeça
Nesta maldita bacia.
— Cala-te d'aí, ó marido,
Que isso remédio teria:
Meterás-me num convento
Das freiras arrecolhidas,
Darias-me o pão por onças
E a água por medida.
— Eu como o hei-de fazer
Se o rei logo o saberia?
— Cala-te d'aí, ó marido,
Que isso remédio teria:
Deita-me àquela mar,
Que as ondas me sumiriam.
— E como o hei-de fazer
Se o rei logo o saberia?
— Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cozinha.

Adeus moças, adeus aias,
 A quem eu tanto queria,
 Adeus jardim das flores
 Adonde me divertia,
 Adonde ouvia cantar
 Rouxinóis ao meio-dia,
 Adeus espelho real
 Adonde me eu vestia.
 Dê-me cá esse menino,
 Que lhe quero dar a mama.
 Mama, mama, meu menino
 Este leite de paixão,
 Que amanhã por estas horas,
 Está tua mãe no caixão.

Mama, mama, meu menino,
 Este leite d'armargura,
 Que amanhã por estas horas,
 Está tua mãe na sepultura.
 Mama, mama, meu menino,
 Este leite de pesar,
 Que amanhã por estas horas,
 Está tua mãe a enterrar.
 Tocam os sinhos na corte:
 Ai, Jesus, quem morreria?
 Morreu a Dona Silvana,
 Que por amores morria.
 Descasar os bem casados
 Cousa que Deus não queria.

² Var.: em Roma.

³ Var.: Causa que só Deus fazia.

O REI TRAQUILHA

(Romance que julgo inédito — colhido da tradição oral nas Caldas da Rainha)*

Indo o rei Traquilha à caça,
Anoiteceu-lhe na caçada.
Estando Grameneza (sic) à porta,
Logo ficou assustada.
Ela virou para dentro,
Boa mesa aparelhada;
Se boa era a mesa,
Muito melhor era a cama.
Acendeu-lhe doze tochas,
Pôs-lhe seis de cada banda.
Lá pela noite velha,
Rei Traquilha alevantado.

— O que é isto, rei Traquilha,
Vossa Alteza alevantada?
— Sim, humilda-te aqui a mim,
Senão morres degolada!
— Pois mais vale a morte com honra
Do que a vida malfadada.

Isto sirva de exemplo
A toda a mulher casada.

* Originalmente publicado na *Revista Lusitana*, 1893/94, vol. IV: 370, 371.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

LA MYTHOLOGIE DES PLANTES OU LES LÉGENDES
DU RÈGNE VÉGÉTAL — Par ANGELO DE GUBERNATIS
Tome 1.^{er} — Paris. Reinwald et C.^{ie} — 1878*

Acaba de sair à luz, editado pela casa Reinwald de Paris, o primeiro volume da *Mitologia das Plantas* do conhecido professor italiano Angelo de Gubernatis. É este volume, embora sob uma forma diferente, a continuação evidente do trabalho de síntese mitológica que o autor empreendeu há anos e começou a pôr em execução com a publicação da sua *Zoological Mythology*. O carácter especial desta síntese é o autor do prefácio à tradução francesa da referida obra, o Snr. F. Baudry, quem no-lo indica pelas seguintes palavras: «Le fruit qu'on en tire (da leitura da *Mitologia Zoológica*) nous semble consister surtout dans l'interprétation générale des Mythes par la théorie dite solaire, et dans la démonstration de l'unité d'origine et de nature entre les mythes des anciens et les contes et traditions populaires des modernes. Cette identification à laquelle personne ne songeait et n'eût voulu croire avant notre époque, *est poursuivie ici dans les derniers détails*, etc.»

Sublinhamos intencionalmente as últimas palavras do ilustre expositor francês da célebre teoria de Adalberto Kuhn.

Com efeito a feição característica da obra de que vamos apresentar uma ligeira análise aos nossos leitores, consiste principalmente na ousadia, temeridade íamos mesmo a dizer, com que as aproximações entre o primeiro e o último elo da cadeia mítica, são levadas às derradeiras consequências.

Não quer isto dizer, que o campo que Gubernatis escolheu não tenha todo o direito a entrar na ciência mitológica. Se este campo é mais restrito do que o explorado na *Mitologia Zoológica*, ainda assim como o próprio autor o recorda:

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1878, 1.^o vol.: 308-317.

¹ *Mythologie Zoologique* — trad. fr., Notice préliminaire — pág. XIII e XIV.

² *Mythologie des Plantes* — Préface.

no começo do seu prefácio, e como já Schwartz o notara³, é ele bastante importante para constituir um precioso capítulo da mitologia comparada. As observações pois que com relação ao método (e só a este ponto aqui limitaremos as nossas) teremos de fazer a esta segunda obra do professor italiano, são essencialmente as mesmas que nos sugeriu a leitura da *Zoological Mythology*; quando pela primeira vez nos veio parar à mão. As qualidades, e tem-nas reais qualquer dos dois livros em questão, são as mesmas em ambos, talvez apenas com uma diferença de grau; assim como é idêntico o ponto em que as duas obras se prestam aos reparos metodológicos de uma crítica cientificamente exigente.

Fica desde já entendido, porém, que não é do nosso intento e num grande número de casos escapa mesmo à nossa competência, analisar o volume que temos presente nos seus pontos de detalhe. Em muitas apreciações especiais dissentimos do modo de ver do autor, mas numa tão grande soma de factos, alguns dos quais com crítica sagaz foram pela primeira vez trazidos à evidência, no meio de uma tão grande profusão de materiais os mais diversos, não é para estranhar, nem isso poderia ser levado em conta ao seu autor, que, entre muitos verdadeiros, alguns tenham escapado de autenticidade mais ou menos duvidosa, e entre muitos preciosos para a investigação mítica alguns tenham sido apontados de pouco ou nenhum valor. O próprio autor com uma louvável modéstia disto previne o leitor numa obra anteriormente publicada⁴, e pela nossa parte não temos mais do que aceitar a declaração, como o reconhecimento das dificuldades inerentes ao assunto e a que nenhum escritor, principalmente sendo dos primeiros a desbravar o terreno, se poderia ter eximido.

Basta-nos dizer, e nisto gostosamente prestamos ao autor a justiça que merecem os seus esforços, que na *Mitologia das Plantas* há muitas sugestões luminosas, muitas observações de crítica sagaz, enorme massa de material mítico acumulado, uma variadíssima erudição, e todas as brilhantes qualidades de um espírito entusiasta e poético, de uma imaginação ardente, e enfim, de uma natureza riquíssima dotada, como a de um verdadeiro filho da bela Itália. São estes predados, que raramente se encontram reunidos num escritor, suficientes para fazer a leitura do seu livro bastante apreciada pela grande massa do

³ Damos aqui por extenso a passagem de Schwartz (*Ursprung der Mythologie* — Vorrede — viu) que serviu de base ao trabalho de Gubernatis. É como se segue: «Bald ist es ein aufblühender Blumengarten den der Glaube in den sich entwickelnden Wolken bildungen fand, bald schienen gewaltige Wolkenbäume mit leuchtenden Blüthen und Früchten am Himmel zu entstehen; in allen möglichen Spielarten schienen die Pflanzen, schienen diese Bäume zu schillern, je nachdem diese oder jene Himmelserscheinung dieses vier jenes Analogon bot. Dort am Himmel arblühte u. A. der Narkissos mit seinen hundert Dolden, den Persephone brach, der Himmel und Erde mit seinem betäubenden Dufte erfüllt hatte, dort die Blumen welche die Bienen weideten, dort des Kronos Garten; dort Hess Zeus den Hesperidenbaum mit seinen goldnen Aepfeln entstehen, als er sich der Hera am Gewitter nahte. Dort entstand des Zeuss «prophetische» Eiche, in Analogie zu der Finnischen Himmelseiche, die Sonne und Mond verbag, etc.

Pode ver-se o resumo das lendas e tradições, que se ligam ao mundo vegetal num artigo da princesa Dora d'Istria, intitulado «Le surnaturel dans le monde végétal» publicado no número da *Revista dos Dois Mundos*, correspondente ao 1.º de Abril deste ano.

⁴ *Mythologie Zoologique* — trad. fr. — Préface.

público. Sê-lo-á no mesmo grau pelo pequeno número de leitores, para os quais a inflexibilidade do método, em questões de ciência, está acima dos arrebatamentos da imaginação? Nós que pertencemos a este número, vamos fazer algumas observações com relação aos princípios críticos seguidos pelo autor, princípios que nos levam a acolher com alguma reserva muitas das suas conclusões, sempre poéticas e imaginosas, não há dúvida, mas por vezes demasiadamente precipitadas e sem fundamento. Dissemos, observações com relação aos princípios seguidos pelo autor, mas para sermos mais exactos, devemos antes dizer com relação à aplicação desses princípios; porquanto o método que o autor diz seguir é o método comparativo histórico, e este é o verdadeiro critério de uma investigação científica, se bem que no caso em questão, das duas faces do método, tão íntima e estreitamente ligadas, é a comparativa a que predomina e por vezes sacrifica a rigorosa filiação histórica.

O princípio que guia todas as investigações na *Mitologia das Plantas* é o da identidade de origem das tradições populares actuais e dos mitos da Antiguidade, evidente ainda através de uma degeneração das primeiras mais ou menos acentuada. Assim a expressão na aparência mais trivial e despida de sentido, a superstição mais absurda e incongruente, a analogia mais obscura, o conto mais fútil nos seus detalhes, não raras vezes vão encontrar uma explicação nos mitos mais ou menos primitivos, cuja representação se encontra, para a raça árica, nos hinos védicos. Com relação a um grande número de tradições não temos que fazer objecção alguma a esta doutrina, que até certo ponto é a conclusão a que actualmente chega a mitologia comparada. Mas quantas questões desde logo se não levantam, estabelecidos que sejam esses pontos como base de uma teoria geral, e que pelo menos nos obrigam a ser o mais possível cautelosos nas nossas afirmações!?

E primeiro que tudo, é realmente o conto popular, tal como hoje o podemos coligir, o último termo de uma evolução normal cujo elemento inicial é o mito? Claro está que nos referimos apenas aos contos com elementos míticos certos e aos mitos primários. A grande maioria dos mitólogos actuais decidem-se pela afirmativa. Outros, porém, de educação mais severamente científica, foram levados a acreditar depois de rigorosa análise, que o conto popular não representa uma evolução normal do mito, mas sim uma degeneração, uma verdadeira dissolução, que embora conserve alguns elementos míticos primitivos, não pode ser a eles referida por um desenvolvimento regular, tendo pelo contrário nalguns casos mesmo, uma evolução independente e paralela. Mas supondo por hipótese que o conto popular representa uma fase de uma evolução mítica normal (e tratamos aqui apenas dos mitos reconhecidamente áricos) será permitido querer reduzir todos os contos e mitos secundários actuais aos mitos védicos? Não nos parece, e este é um dos pontos em que não só Gubernatis mas em geral quase todos os mitólogos contemporâneos, mais se afastam de um são

* O nosso colega e colaborador desta revista, o Snr. Adolfo Coelho, pensa que mito e conto são dois produtos radicalmente diversos.

critério científico. A grande massa dos mitos védicos que hoje no estado actual da ciência conhecemos, encontram-se no Rig-Veda, o mais antigo e venerado dos livros sagrados dos hindus. Ora, o Rig-Veda, na forma em que actualmente o possuímos, não corresponde exactamente à colecção tal qual ela existira antes de passar pela mão dos diasquevastas indianos, e de ter sido fixado o seu texto nos mais pequenos detalhes fonéticos pelo *Pratisākhya*. Mesmo deste Veda, ao contrário do que se dá por ex. com os Yajus, apenas nos resta uma recensão⁶, não tendo chegado até nós as demais. E por último esta recensão está longe de abranger todos os mitos da época védica, porquanto uma parte dos hinos dessa época não foi coligida, tendo apenas entrado na colecção definitiva aqueles que, ou pelo prestígio das famílias que os cantaram, ou pela sobrevivência dessas famílias a outras que se extinguíram, ou enfim por outras quaisquer circunstâncias para nós hoje desconhecidas, lograram chamar sobre si a atenção dos coleccionadores.

Mas ainda ousamos avançar uma consideração, que embora com toda a reserva e sob forma de simples sugestão, nos parece contudo merecer algum peso.

Supondo mesmo que no Rig-Veda se encontram os mitos principais que existiram nos hinos, não dos Árias primitivos, (porque dessa época apenas nos restam, talvez, como pálido reflexo algumas das invocações mais antigas que a cronologia ainda tão incerta desta colecção permite determinar) mas dos *já hindus* em caminho para a sua morada definitiva no vale do Ganges, a natureza mesma destes hinos religiosos, permite-nos supor, que grande soma de concepções míticas não conseguiram deixar resto no livro sagrado perdendo-se assim irremediavelmente para a história. O cenário em que se passa a acção dos hinos do Rik é dos mais simples, como o nota Bergaigne na sua recente obra de sistematização da religião védica⁷. Os únicos actores que entram em cena são de uma parte o *hotar* e o sacerdote que o auxilia, da outra o próprio deus a quem o sacrifício é oferecido. O povo védico com as variadas situações da sua vida social, e portanto com as variadas manifestações da sua evolução mítica ou religiosa (porque é matéria ainda hoje de discussão se o Rik contém uma simples descrição poética da natureza e portanto apenas uma mitologia incipiente, como o quer Roth e a escola alemã, e até certo ponto a maioria dos vedistas, se pelo contrário, contém uma religião, trabalhada já por uma especulação filosófica e fixada por um culto complicado e minucioso, regulamentado nos seus mais pequenos detalhes, como o quer Bergaigne e talvez Barth) não se encontra em parte alguma dos hinos. Apenas os chefes superiores da aristocracia védica nos aparecem e nos dizem o seu modo de pensar. Como essa própria aristocracia

⁶ Weber — *Akademische Vorlesungen über indische Literatur geschichte* — pág. 35 e 36, 42 e 43. Whitney — *Oriental and Linguistic Studies* — I. série — págs. 80 e 81. Cf. Max-Müller — *A History of ancient Sanskrit Literatur*.

⁷ Isto é: na recensão hoje conhecida.

⁸ Abel Bergaigne — *La religion védique d'après les hymnes du Rig- Veda* — t. 1 — Introduction — XXI. Cf. Weber *op. cit.*, pg. 11.

compreendia os fenómenos da vida e do universo ou os dogmas que simbolizavam estes fenómenos, e com muito mais razão como o povo pensava e discorria acerca desses mesmos factos, ignoramo-lo completamente e o que é mais havemos de ignorá-lo sempre.

Com que direito pois se pretendem reduzir aos mitos revelados pelos mil e vinte e oito hinos do Rig-Veda, todas as manifestações míticas, epopeia, conto, provérbio, etc., que admitindo mesmo que nessa ordem de mitos pudessem filiar-se por uma evolução normal (o que acima já dissemos não ser exacto) podem corresponder à grande soma de mitos perdidos, de que nos não resta o mais pequeno vestígio? Este ponto é um daqueles para que menos atende uma certa ordem de mitólogos. E no entretanto a objecção parece-nos ser de primeira ordem.

Ainda com relação ao emprego dos contos populares, como material mítico de comparação, temos que fazer um novo reparo que, sem infirmar de modo algum o método propriamente dito, se refere principalmente à sua aplicação, que no livro de que nos ocupamos está longe de ser rigorosa, isto é, científica.

Admitindo mesmo que os contos populares representam uma transformação evolutiva e normal dos mitos primitivos, o que ninguém negará é que tais como se encontram na actualidade, nesses contos há grande parte de ficção puramente individual e reflectida, elementos históricos e anedóticos mais ou menos desfigurados, de mistura com um fundo mítico primordial. Alguns mesmo são completamente destituídos deste elemento mitológico, e pertencem à ordem das criações puramente individuais, como o conto de Rampsinito e muitos outros de um carácter análogo. Aproximar, por isso, como matéria de comparação estes contos, sem previamente os fazer passar por uma análise crítica, é arriscar-se a tomar por elemento mítico e portanto primordial, o que muitas vezes é acessório muito recente e de nenhum valor comparativo, que se encontra apenas como forma esporádica numa única versão. Porque uma certa heroína de conto popular usa de um chapéu, com fitas cor-de-rosa, como no conto do *Chapelinho Vermelho*, inferir imediatamente que é a personificação de um mito da aurora, que nos Vedas é representada desta cor, sem primeiro tratar de saber se este detalhe é característico e como tal comum a todas as versões, ou se pelo contrário apenas existe em uma delas, parece-nos que é substituir o verdadeiro método científico, pela fantasia mais ou menos feliz do autor da interpretação. E esta substituição só pode ter como resultado desacreditar perante os espíritos verdadeiramente científicos, não só as conclusões, mas os métodos e a importância real da mitologia comparada, que, por isso mesmo que é uma ciência em via de constituição, mais facilmente é prejudicada com estas leviandades.

Antes de tudo e para que os contos populares possam servir de elemento para qualquer aproximação, é mister sujeitá-lo ao processo crítico que o professor Adolfo Coelho está aplicando aos contos portugueses, e de que os leitores do «Positivismo» têm um espécime no conto de Midas, publicado pelo referido professor, com todas as suas variantes, nesta mesma Revista. Em França os traba-

lhos de Gaston Paris sobre o *Petit Poucet*² são inspirados no mesmo critério, isto é, aproximar todos os paradigmas conhecidos do mesmo conto, e por meio desta aproximação e comparação determinar-lhe o elemento comum e inicial. Aplicando este método com o rigor que ele demanda, é que se compreende bem, quão anticientífico é o processo, se bem que mais simples e menos trabalhoso, que seguem grande número dos actuais mitólogos e entre outros Gubernatis. Muitas vezes uma circunstância, que pelas necessidades estabelecidas *a priori* para o sistema subjectivo do intérprete, servia de base às especulações sobre um determinado conto, desaparece diante da aproximação e pela comparação das diversas versões encontra-se que o elemento fundamental é bem diverso e às vezes de carácter e significação diametralmente oposta. Assim o proloquio popular: «quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto» dá perfeitamente conta deste processo de degeneração dissolvente.

Os contos populares que tão preciosos são para o estudo das correntes de civilização, a cada nova passagem de meio incrustam-se por assim dizer, de uma camada meio anedótica meio histórica, que pouco a pouco vai desfigurando o elemento inicial. Este invólucro do conto, diverso conforme o povo em que se desenvolveu, é que determina a formação dos diversos paradigmas, sobre um fundo comum a todos estes.

Mas pondo de parte esta ordem de considerações, para nós o vício principal da obra de Gubernatis está na sua própria concepção.

Depois que o método histórico-comparativo se impôs como uma necessidade impreterível a todas as investigações da alta erudição, é sempre muitíssimo perigoso empreender qualquer trabalho fora desse seguro critério de exploração sistemática. Sem por forma alguma querermos apoucar o papel importante que a hipótese ainda hoje representa no campo das ciências sociológicas, parece-nos contudo que a única condição racional do seu emprego, é que essa hipótese tenha um carácter científico, fora do que apenas será um inútil luxo de imaginações, sem consequências algumas de importância para os progressos ulteriores da ciência. Assim, uma síntese mitológica, não só como Gubernatis a empreendeu, mas como em geral a compreendem uma certa ordem de mitólogos, sem estarem suficientemente elaborados os elementos particulares, que hão-de entrar na sua composição, está exactamente neste caso.

Podemos afoitamente dizer, sem receio de sermos desmentidos, que mesmo os traços gerais de uma mitologia comparada indo-europeia, não estão todos *cientificamente* determinados. Quanto mais os seus particulares detalhes! E primeiro que tudo, forçoso é resignarmo-nos a confessá-lo, o monumento cuja descoberta deu uma direcção mais ou menos sistemática a esta ordem de especulações, o Rig-Veda, ainda nos é imperfeitamente conhecido, e quem sabe mesmo, se com relação a algumas das suas obscuridades a luz virá a fazer-se algum dia!

² Gaston Paris. *Le Petit Poucet et la Grande Ourse* — Paris — 1839. Benfey na sua introdução à tradução alemã do *Pantchatantra*, segue o mesmo método com relação a um grande número de contos.

É esta pelo menos a opinião dos vedistas mais autorizados, como Max-Müller¹⁰, Bergaigne¹¹, e outros, ainda que o primeiro destes é um dos que mais tem contribuído com as suas obras¹² de vulgarização para chamar a atenção para o estudo da mitologia comparada, de que é, conjuntamente com Adalberto Kuhn o chefe da escola de interpretação chamada *meteorológica*, um dos criadores.

Uma mitologia védica, constituída pela forma por que se acha constituída a mitologia grega ou romana, independente e acima de todas as interpretações subjectivas, ainda não existe, por mais que pese àqueles cuja imaginação vai nos seus voos além dos resultados adquiridos para a ciência. E que diremos com relação à mitologia avéstica sobre cujo carácter os exegetas dos livros sagrados dos parses, se mostram tão divididos? Pois enquanto estas duas mitologias não estiverem constituídas, com uma perfeita independência de todas as interpretações subjectivas, é impossível pensar-se numa mitologia geral indo-europeia. O mesmo seria querer supor os trabalhos de um Bopp ou de Schleicher, não existindo constituída a gramática de nenhum dos idiomas da família, e sendo ignorada de cada um a fonética e a morfologia!

Há um trabalho prévio a executar, antes de se empreender qualquer síntese mitológica, irremediavelmente fantasmagórica no estado actual da ciência. Este trabalho é um estudo monográfico para cada mito, semelhante ao que Bréal fez para o mito de Hércules e Cacus¹³, primeiramente dentro de cada mitologia especial, e depois através de toda a família. Somente quando as monografias dos mitos principais estiverem assim cientificamente elaboradas, é que se pode pensar seriamente na sistematização de uma mitologia geral indo-europeia. Antes é trabalho baldado. Demais e neste intervalo, bastantes obscuridades nos Vedas e no Avesta terão sido aclaradas, terá sido já definitivamente constituída a mitologia destes dois monumentos, e o estudo da psicologia das raças, estudo ainda hoje rudimentar, mas indispensável para uma interpretação racional dos mitos primitivos, estará mais adiantado do que se acha hoje. Ainda assim deve caminhar-se com extrema cautela, porque o terreno é demasiado escorregadio.

Escusado é dizer que se somos bastante exigentes com relação à aproximação dos diversos mitos indo-europeus entre si, ou que pelo menos como tais se nos afiguram, muito mais o somos com relação à aproximação comparativa com elementos mitológicos estranhos à raça árica. É neste ponto principalmente onde a fantasia entra com mais liberdade, que temos de empregar uma reserva absoluta. Não havendo hoje facto algum científico, que nos permita estabelecer uma unidade de origem entre Árias e Semitas ou Uralo-Altaicos por ex., as comparações que se buscam no Kalevala ou na Bíblia, para fortalecer e demonstrar

¹⁰ *Hymns to the Maruts* — vol. I — pg. XII.

¹¹ *Revue Critique* — 1875 — n — pg. 394. Veja-se principalmente a obra monumental de exegese védica, atrás citada, em que Bergaigne se afasta completamente do modo de ver de todos os vedistas contemporâneos acerca da interpretação do Rig-Veda.

¹² Principalmente na sua colecção dos *Chips*.

¹³ Michel Bréal — *Hercule et Cacus* — Paris — 1863.

mesmo a veracidade de uma certa interpretação no domínio da mitologia indo-europeia, são completamente arbitrárias, e fundadas apenas em analogias exteriores, as mais falazes por via de regra. No maior número de casos estas analogias são o fruto apenas da identidade de processos que o espírito humano emprega, o que tira todo o valor às consequências que se querem inferir de tais analogias; ou então são o resultado de uma *transmissão histórica* como acontece em mais larga escala com os contos populares, mas que também não tem valor mítico algum.

Vamos dar por concluídas as considerações que tínhamos em vista fazer acerca da *Mitologia das Plantas*. Tentativa malograda, no nosso entender, como síntese mitológica, cremos ainda assim que os materiais que nela o seu autor acumulou com extraordinária erudição, não serão perdidos para a ciência. A fragilidade da obra, apraz-nos mesmo declará-lo, provém mais de ser em demasia prematura, do que por ser débil a mão que tentou delineá-la. E por isso, e pela predilecção que nos merecem os trabalhos desta ordem, ousaríamos aconselhar o autor (que ao mesmo tempo é um distinto cultor dos estudos orientais), que renunciando por agora a novas sínteses, se concentre no domínio concreto e mais restrito da mitologia védica por ex., de onde com perseverança e bom método, a sua imaginação ardente e a sua vasta erudição saberão extrair ricos tesouros.

LA MYTHOLOGIE COMPARÉE — Par GIRARD DE RIALLE
Tome 1.^{er} — Paris. Reinwald & C.^{ie} 1878*

A ideia de uma mitologia comparada indo-europeia data, pode dizer-se, do dia em que a unidade glótica e mais ou menos a unidade étnica desta família foram cientificamente determinadas. Efectivamente, depois de provado o facto que Hindus, Eranianos, Gregos, Italiotas, Celtas, Germanos e Eslavos, haviam num período remoto da sua existência falado a mesma língua, e portanto, pode dizer-se com uma certa probabilidade, habitado a mesma região (qualquer que ela fosse) naturalmente se apresentava ao espírito a sugestão, de resto, perfeitamente lógica, de que ligados entre si por tão grandes afinidades, ou melhor talvez não tendo formado em tempo mais do que um único povo que ainda não começara a cindir-se numa diferenciação divergente, podiam muito bem ter exprimido de uma maneira idêntica o seu modo de ver acerca dos fenómenos do universo e das forças que os governavam, se é que nesta primeira idade verdadeiramente infantil da nossa raça os Árias remontaram das aparências que alternativamente os encantavam ou enchiam de susto às causas que deveriam produzi-las. E assim, que do mesmo modo que a língua primitiva desta família, o aríaco ou o proto-árico como hoje se chama, deixou vestígios bem evidentes nas línguas dele derivadas mediata ou imediatamente, chegando mesmo pela cui-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1878, 1.º vol.: 375-384.

dadosa aproximação de todas as formas comuns a esta língua, e portanto anteriores à diferenciação dialectal, a reconstituir-se nos seus traços gerais embora mais ou menos teoricamente, como o realizou Schleicher, assim também os mitos primitivos deveriam ter deixado rasto na consciência (e na linguagem) dos povos áricos, podendo por um processo análogo recompor-se a mitologia primária correspondente. E aqui, do mesmo modo que na investigação glótica (e auxiliado por ela, porquanto a análise da linguagem é uma das mais ricas minas para o estudo comparado dos mitos) foi a descoberta do Rig-Veda e a publicação de uma das suas panes pelo malogrado Rosen, o que sistematizou e deu uma direcção científica a esta ordem de estudos.

São tão conhecidos, que não carece insistirmos neles, os trabalhos que prepararam a constituição da mitologia comparada indo-europeia, e o que a realizou elevando-a à altura de uma ciência independente, com um campo de estudo perfeitamente delimitado, e com instrumentos de investigação que lhe permitem verificar o valor das suas conclusões. A obra de Adalberto Kuhn «*Die Herabkunft des Feuers und des Göttertranks*», precedida pelos seus ensaios sobre as Erinis, Athênê, Despoina, Hermes, Orfeu, etc., marca esta fase capital da nova ciência, em todo o domínio indo-europeu. Mas já em 1832 a identificação feita por Bopp¹ do *Vivasvat* sânscrito com o *Vivañhvāt* zenda; a identificação feita pelo grande Eugenio Burnouf do *Keresáspa* zenda com o *Krisasva* sânscrito e mais tarde deste com o *Garshasp* do Shanameh, sem falar na conhecida aproximação do *Jemschid*, *Feridum*, *Garshasp* (Shanameh) — *Yima*, *Thraetona*, *Keresdsipa* (Avesta) — e *Yama*, *Trita*, *Krisdsva* (Rig-Veda), tinham mostrado não só qual o método a empregar, mas também quais os resultados inesperados que se poderiam colher desta nova aplicação do critério comparativo. Depois destas importantes descobertas e de outras mais ou menos notáveis realizadas sucessivamente por Roth, Westergaard, Weber, Benfey, Max-Müller, Schwartz, Bréal, Darmsteter, etc., pode dizer-se que a mitologia indo-europeia se bem que mesmo nos seus traços gerais não esteja *de todo* ainda hoje cientificamente determinada², possui contudo os recursos próprios para pouco a pouco se ir sistematizando, com uma soma de conclusões já bastante importante; e o método que tão bons resultados deu no campo puramente árico, começa a ser aplicado com vantagem a outros grupos mitológicos, sendo principalmente o grupo semita o que é seriamente estudado sob o novo ponto de vista³. Fora destes dois gru-

¹ No seu *Nalus*, *Mahabharata episodium*.

² Nas *Observations sur la grammaire comparée* de M. Bopp.

³ *Etudes sur la langue et les textes zends*. Um dos mais importantes estudos é o que tem por título «*Le Dieu Homa*».

⁴ Vid. os meus *Ensaio Críticos* I, pg. 12.

⁵ Steinthal foi o primeiro que cientificamente investigou os mitos semitas, com o seu ensaio sobre a lenda de Sansão no volume II da sua *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft*. Porém, a obra capital sobre este assunto é até agora o livro do Dr. Goldziher *Der Mythos bei den Hebräern* traduzido com notáveis ampliações em inglês sob o título «*Mythology among the Hebrews and its Historical Development*».

pos, porém, nada há cientificamente feito. As tradições uralo-altaicas coligidas com tanto cuidado por Castrén, esperam ainda que a filologia comparada desta família esteja mais adiantada para serem submetidas a uma comparação vantajosa. Das outras famílias, tártaras, americanas, bantos, polinésicas etc., escusado é falar. De modo que uma *mitologia comparada* no sentido abstracto, sem aplicação a este ou àquele grupo mitológico particular, só pode hoje ser uma generalização das conclusões da mitologia indo-europeia.

Este rápido enunciado mostra bem as dificuldades não só da rigorosa análise mitológica, mas mesmo da determinação científica das simples analogias sob forma de sugestão. Com outras dificuldades, porém, luta a nova ciência que embora como as primeiras não lhe sejam essenciais, não deixam contudo de lhe embaraçar os progressos, pela confusão que estabelecem com relação ao dado fundamental das suas especulações. Refiro-me à confusão umas vezes sistemática outras vezes inconsciente entre *religião* e *mitologia*. É vulgaríssimo mesmo para os espíritos mais cultivados⁶ fazerem entrar no domínio da mitologia a história das religiões politeístas, e o supor que «mito» e «deus» são dois sinónimos, que não vale a pena diferenciar na terminologia corrente. E contudo não há maior erro, que por si só basta para obscurecer do modo mais lamentável toda a análise mitológica. Religião e mitologia, correspondendo a duas operações mentais (estados mesmo, íamos a dizer) diversas, qualquer que seja a sua semelhança aparente devem cuidadosamente distinguir-se. Uma religião é sempre um sistema mais ou menos imperfeito ou rudimentar, mas completo e acabado sob o seu ponto de vista, de explicação do homem e do universo. Na ordem das especulações mentais é um antecedente das filosofias metafísicas, propondo-se satisfazer às mesmas necessidades e resolver os mesmos problemas que estas, embora por outros meios. Estas necessidades do espírito humano, puramente provisórias digamo-lo assim, correspondentes a uma certa fase da sua evolução, e das quais a filosofia positiva procura emancipar-se, sendo ela mesma até certo ponto um sintoma e um resultado desta emancipação, são os problemas de causa, finalidade, essência, etc., revestindo-se das mais variadas formas conforme o meio em que se formulam mas no fundo sempre os mesmos e idênticos a si próprios.

As religiões que os não podem resolver (porque eles são insolúveis) impõem um dogma para fazer acreditar a solução proposta, e um *deus* como sanção desse dogma; as filosofias metafísicas igualmente impotentes para os aclararem inventam uma abstracção com pretensões a demonstração científica e uma entidade racional para garantir a verdade dessa especulação. Umas e outras, religiões e filosofias são essencialmente reflectidas (ainda que o elemento individual predomine mais exclusivamente nestas últimas) teóricas, escolásticas, seja-nos per-

⁶ O Snr. G. Wyrouboff, o eminente crítico positivista e um dos espíritos mais rigorosamente metódicos que conhecemos, num artigo acerca da obra que aqui analisámos, publicado no número de Novembro-Dezembro de 1878 da *Revista de Filosofia Positiva*, cai no mesmo erro afirmando que «mitologia» é a «história dos deuses do politeísmo».

mitida a expressão. Representam já o produto, embora avariado, em todo o caso complexo, da mentalidade humana aplicando-se a explicar a si própria o *porquê* do que existe. As religiões têm diversas fases, correspondentes à maior ou menor pureza de abstracção das suas operações especulativas. Estas fases são o fetichismo, a astrolatria, o politeísmo, o monoteísmo, e o teísmo, servindo esta última fase da transição para a evolução puramente filosófica. Isto é que é a religião. Vejamos agora o que é um mito, e o que seja a mitologia.

Mito é a *simples* representação de um ou mais fenómenos naturais, tais como foram concebidos pela imaginação infantil dos diversos povos, num certo momento do seu desenvolvimento histórico. No mito há a considerar como factores importantes, o *meio* histórico e físico que lhe deu origem, a operação mental que o elaborou e o facto linguístico que lhe deu corpo — a expressão. Qualquer destes factores deve ser cuidadosamente estudado para se compreender e *sentir* o mito como uma realidade existente, e não como uma pura abstracção sem vida. Diversas circunstâncias podem concorrer para tornar complexas e ininteligíveis mesmo para as gerações subsequentes estas representações no princípio simples e transparentes dos fenómenos naturais, sem pretensões a altas locubrações especulativas. Assim a polinomia, o uso equívoco de palavras, o emprego de nomes abstractos etc, podem dar por seu turno origem a novos mitos e complicar as relações existentes entre as concepções míticas primitivas. Mais tarde, as faculdades reflexivas do homem, já de posse de um certo grau de adiantamento, começam a esboçar os primeiros traços dos dogmas e encontrando como património tradicional um certo número de lendas (assim se lhe afiguram) em grande parte com o sentido naturalista perdido, dão-lhes uma significação religiosa e moral apropriada à nova fase mental, parecendo em épocas posteriores que esta significação é a essencial do mito, quando na verdade não passa de ser uma transformação secundária e relativamente recente.

Um facto que bem claramente mostra a diferença que existe entre uma concepção mítica e uma concepção religiosa é a sorte que teve nos povos indo-europeus e principalmente no povo eranio, o mito de *Vritra*. Está hoje demonstrado que este mito na sua primeira concepção representava simplesmente o fenómeno da trovoadas num país tropical, descrito com uma verdade e minúcia que nos espanta da parte dos velhos e ignorantes *rishis* védicos. Quando passou para o Eran foi a significação naturalista do mito substituída por um dualismo moral, que dentro em pouco ia dar de si um dogma religioso, dos mais abstractos e especulativos mesmo que conheceu o Oriente. Igual transformação se deu num grande número de mitos de outra ordem. A diferença mesmo entre o Rig-Veda, pelo menos nas suas partes mais arcaicas, e o Avesta sob o ponto de vista de que nos ocupamos, consiste na transformação moral e abstracta que sofreram as concepções concretas e naturalistas dos árias védicos.

Um outro exemplo, e bem conhecido, desta transformação das expressões míticas primárias, se dá com o vocábulo «Deus», que representando para o actual deísta a mais sublime especulação teológica e ética, o mais alto grau de abstracção filosófico-religiosa, é o mesmo vocábulo que para o ária do Saptá-

-Sindhu significava o facto concreto e físico do «céu brilhante». Quando o grego dizia Ζεὺς βροντᾷ “Υεὶ δὲ Ζεὺς, Τί ὁ Ζεὺς ποιεῖ, a palavra Ζεὺς era ainda tomada no seu sentido naturalista e mítico, que ela já perdera na célebre sentença de Dodona Ζεὺς ἦν, Ζεὺς ἐστὶ, Ζεὺς ἐστέται, ὁ μεγάλῃς Ζεῦ, ou quando Píndaro a fazia um sinónimo de ἅπ' ἀντῶν Κύριος.

Religião pois e mitologia são concepções completamente diversas, que correspondem a dois estados mentais distintos da nossa espécie, ainda que como dissemos na religião se encontrem despojados do seu sentido natural elementos mitos representando um estado de mentalidade anterior. Mitologia comparada, por consequência, é a ciência que estuda a transformação dos mitos nos diferentes *meios* históricos e psíquicos, as causas destas transformações, a semelhança e a ligação que entre si os prende, empregando para isso simultaneamente o método psicológico, o método linguístico, e o método de comparação histórica propriamente dito, que correspondem como atrás indicámos aos três factores que entram na formação de um mito. A história comparada das religiões, pelo contrário, é uma ciência puramente histórica e descritiva, como a história comparada das legislações, das formas de governo, etc., e como tal para instrumento de investigação basta-lhe unicamente o método histórico.

Estabelecidos estes princípios, que julgámos indispensáveis para acentuar o nosso modo de ver neste assunto, vamos proceder à análise da obra que o Snr. Girard de Rialle publicou com o título de «A Mitologia Comparada». São de diversas espécies as objecções que temos que fazer a este trabalho. E em primeiro lugar está o título da obra de acordo com o assunto nela tratado. Vejamos. A *Mitologia Comparada* é como o livro se intitula. Parece à primeira vista, e já acima nos referimos a este ponto, que o autor sem querer restringir-se ao campo de uma mitologia especial, ou mesmo de um grupo mitológico, como o árico, o semítico, etc., se propôs expor o método desta ciência, os seus princípios, os seus recursos, deduzidos evidentemente da generalização dos resultados obtidos na mitologia comparada indo-europeia, de todas as mitologias a que tem sido mais cientificamente estudada. O livro do Snr. Girard de Rialle devia por este facto ser um livro de ciência abstracta, de doutrina metodológica principalmente, obedecendo ao critério fecundo introduzido por Augusto Comte no estudo das diversas ciências, quando as dividiu em abstractas e concretas. É porém este o carácter do livro de que nos ocupamos? Desde já declaramos que não. A *Mitologia Comparada* é um livro essencialmente concreto, descritivo. As teorias gerais têm nele pouco cabimento. Em compensação a soma de factos particulares é enorme. Logo veremos o valor desses factos. Mas se mais de perto vamos investigar o modo como o Snr. Girard de Rialle, embora pela sua maneira concreta que deixamos apontada, desenvolveu a sua tese, mais fricante se torna para nós a contradição entre o título do livro, e o assunto nele tratado, pois do que menos se ocupa é da mitologia comparada. Causará estranheza esta nossa asserção, mas cada um dos leitores a pode verificar. Tem o livro do Snr. Rialle 400 páginas; pois destas, 232 — isto é quase dois terços — ocupam-se exclusivamente do fetichismo. Entenderia o autor que o fetichismo devia ser incluído

na mitologia, ou julgaria necessário dele ocupar-se como prólogo ao assunto propriamente dito? Em qualquer dos casos foi infeliz a inovação. Cremos ainda assim, pois temos razões para isso, que foi a primeira das duas hipóteses a que determinou o autor, porque todo o volume que temos presente, não faz mais do que demonstrar à evidência a errada ideia que o Snr. Rialle tem com respeito ao assunto que pretende tratar, e o modo como a cada momento confunde as mais diversas concepções, que nunca chega cientificamente a determinar.

O fetichismo, como o politeísmo e o monoteísmo, já acima o dissemos, pertencem à evolução religiosa da humanidade, como produtos da primeira fase mental da nossa espécie, e falando em Augusto Comte duas ou três vezes na sua obra, o autor não o devia ter ignorado. O fetichismo mesmo, como Comte muito expressamente o declara, é mais alguma coisa do que uma simples fase religiosa; é principalmente um sistema mental e social completo e harmónico com o meio em que se desenvolveu. De modo que não compreendemos o que tenha que fazer o fetichismo com a mitologia e muito menos com a mitologia comparada. O estudo comparado dos diversos fetichismos deve ser uma contribuição importante para o estudo da psicologia das raças, mas tornamos a repetir, nada tem que ver com o nosso assunto. Demais o autor nem uma teoria do fetichismo nos apresenta. Dá-nos apenas um esboço externo e muito incompleto de um certo número de *superstições fetichistas* (o que não é o mesmo que *fetichismo*) as mais diversas, e pertencendo aos povos os mais diferentes, os Chineses, os Cafres, os Americanos, etc. Com relação a uma teoria geral que abrace todas estas manifestações da mentalidade de uma grande parte ainda hoje da nossa espécie, nada nos diz o autor que adiante ao que sobre este assunto está dito por Comte e modernamente por Herbert Spencer e tantos outros.

De páginas 233 em diante ocupa-se o Snr. Rialle de politeísmo e ainda aqui não vemos que haja uma única palavra de mitologia comparada. Detalhes tomados ao acaso entre as crenças religiosas dos povos da América do Sul e nada mais. Assim nesta parte do livro e à falta de comparação de mitos que não encontramos em parte alguma, vamos indicar diversas passagens que só por si bastam para dar uma ideia do valor científico da obra de que nos ocupamos. No primeiro capítulo que tem por título «teoria do politeísmo» afirma-se peremptoriamente que a crença nos espíritos foi o principal factor na formação das ideias politeístas (pg. 233). Sem querermos discutir este ponto, sempre diremos que não estamos dispostos a aceitar tal teoria, se de teoria merece o nome, e o autor ou não leu Comte para se possuir da sua doutrina, como já o fez notar o Snr. G. Wyruboff no artigo atrás referido, ou se o leu aí teria visto que são muito mais complexas as causas psicológicas e históricas que determinaram essa evolução mental da nossa espécie. Demais a existência na crença dos espíritos em povos como a China e outros da Ásia Central, que não chegaram ainda ao politeísmo, devia ter mostrado ao Snr. Rialle o erro da sua asserção tão exclusiva. A evolução do fetichismo para o politeísmo deu-se em virtude de causas internas ou intrínsecas (psicológicas) e externas ou extrínsecas (históricas). O *como* e o *quantum* com que cada uma destas causas actuou no resultado final, não

é do nosso intento aqui discutir. Mais adiante (pg. 240) diz-nos que a evolução religiosa (politeísmo) trouxe consigo um desenvolvimento social e científico correlativo. Ora isto não é assim. Em vez de a religião ser a causa da organização social, teoria que Edgar Quinet defendeu com grande eloquência no seu *Génio das Religiões*, o que é certo é que constituição religiosa, constituição social, constituição política, constituição económica, etc., são produtos inevitáveis de uma evolução mais íntima — a evolução mental — que determina todas as transformações sociológicas. Por isso é também um erro afirmar (ibid.) que enquanto predominou o fetichismo não se podiam estabelecer leis gerais por não ser possível observar a natureza, sendo o politeísmo a causa e *uma introdução às sérias observações científicas*. O contrário é exactamente o que se deu. Quando pouco a pouco algumas leis naturais se foram conhecendo, a concepção fetichista do universo não pôde subsistir, tornando impossível a conciliação, e como uma concessão inconsciente do espírito, ou melhor como uma evolução impessoal e perfeitamente lógica surgiram os deuses, que deixavam mais lugar à acção dessas leis descobertas, embora em pequeno número; assim como quando este número foi aumentando e novas leis mais importantes se foram juntando às primeiras, reduzindo por este modo o campo arbitrário no universo, os próprios deuses do politeísmo, mesmo o mais abstracto, tornaram-se incompatíveis com a nova ordem do mundo evidenciada pela ciência até que afinal no deísmo filosófico se chegou à derradeira atenuação do princípio religioso criando-se um deus que «estabelece leis gerais e imutáveis para o governo do universo». Daqui à eliminação completa do *sensus numinis* a distância é pequena. E esta eliminação sabemos já que se fez não só nos processos científicos, porém mesmo no senso comum do nosso Ocidente.

Mas no livro do Snr. Girard de Rialle as contradições são de tal maneira numerosas e graves, que por vezes chegam a causar assombro. Já notámos a contradição entre o título da obra e o seu conteúdo. Agora encontramos formulada explicitamente pelo próprio autor a condenação desse mesmo título e o que mais é do seu próprio livro. Não há dúvida que se alguma das partes da «*mitologia comparada*» está mais perto da mitologia é evidentemente a segunda, por mais que, como já fizemos notar, o politeísmo se deva diferenciar da evolução mítica. Pois bem! no capítulo que trata da mitologia do Peru (pg. 270) diz o autor que não descobre entre este politeísmo e os demais da América Central conexão alguma, preferindo apresentar ao leitor a sua simples exposição sem entrar em comparações e aproximações.

Pela nossa parte aplaudimos esta reserva científica principalmente num livro onde tal reserva é um pouco rara. Mas então, perguntamos nós, o que veio fazer este capítulo num livro de mitologia *comparada*? Que ligação tem com a mitologia comparada a exposição de uma mitologia que o autor entende estar isolada? Confessamos que não percebemos. Mais adiante, a respeito da mitologia do Cundinamarca, acentua novamente a mesma ideia. De modo que o livro do Snr. de Rialle está dividido pela seguinte forma: dois terços tratam do fetichismo que nada tem que ver com a mitologia; o outro terço ocupa-se com a exposição

de politeísmos que na sua grande maioria o autor declara isolados, e como tais não se prestando à comparação! Depois disto que mais diremos e a que se reduz a prometida *mitologia comparada*?

Mas uma última observação. Qual o motivo que levou o Snr. Girard de Rialle a começar a parte, que se refere ao politeísmo, pelas religiões da América, tão pouco conhecidas e o que é pior é, tão pouco cientificamente estudadas? Qual a razão por que não começou, se queria principalmente dar-nos uma teoria do politeísmo, pelos politeísmos áricos, que estão tanto quanto é possível cientificamente analisados e sobre os quais há trabalhos comparativos de tanto valor, que o autor podia ter tomado como base para o seu trabalho? Não a percebemos nem o autor explica a causa da sua preferência. Mas está já entendido que no livro de que nos ocupamos tudo é incongruente e contraditório, desde o título que nada representa, até aos últimos capítulos que são a condenação formal do propósito do autor. Se ao menos pela citação das fontes pudéssemos aproveitar com confiança, algumas superstições curiosas e originais que vêm apontadas no livro? Mas nem isso! O autor nem uma citação, que mereça este nome, entendeu dever pôr na sua obra, e duas ou três que ali se encontram são por tal maneira vagas e pouco precisas, que o menor trabalho que dariam seria o percorrer um volume inteiro!

Parece que um mau fado persegue a mitologia comparativa e a menos de uma reacção salutar receamos que os seus progressos não sejam embaraçados por algum tempo. O livro do Snr. Girard de Rialle marca um verdadeiro retrocesso na ciência, se porventura ela quizer aceitá-la, o que duvidamos. Desconhecimento do método, desconhecimento do que há escrito sobre o assunto, desconhecimento mesmo dos limites da ciência que pretende tratar. O autor devia antes de publicar o segundo volume refundir completamente este primeiro, a menos de não querer condenar irremediavelmente desde já toda a obra. Damos aqui fim às nossas observações. Fomos talvez exigentes em demasia na nossa crítica, mas creia o Snr. de Rialle que ela é inspirada na mais estrita imparcialidade. Sentimos a maior simpatia pelo autor que é um estudioso da nova geração francesa, que tão grandes deveres tem a cumprir e tão grave responsabilidade lhe cabe na obra da regeneração da pátria. Os seus trabalhos mitológicos anteriores davam-nos mesmo o direito de esperar mais de uma obra escrita *ex professo* sobre a mitologia comparada. Se fomos severos na apreciação das faltas que o autor cometeu, é porque essas faltas são graves, e porque vivendo num meio científico como Paris o autor não tem desculpa de as ter cometido. Se escrevesse no nosso país, facilmente lhe perdoaríamos, e ainda assim, como poderá convencer-se, mesmo em Portugal pelo menos para alguns, já os modernos métodos científicos não são totalmente desconhecidos.

¹ *Agni, petit fils des eaux dans le Veda et dans l'Avesta.* Paris — 1869.

Les dieux du vent Vāju et Vâta dans le Rig-Veda et dans l'Avesta. Paris — 1875.

BIBLIOTECA DELLE TRADIZIONI POPOLARI SICILIANE
PER CURA DI GUIUSEPPÉ PITRÈ

Vols. I-II, Canti popolari Siciliani; vol. III, Studi de Poesia popolare;
vols. IV-VII, Fiabe, Novelle e Racconti Popolari Siciliani; vols. VIII-XI,
Proverbi Siciliani. Palermo — Luigi Pedone Lauriel — 1870 — 1880*

De todas as colecções de tradições populares feitas depois das de Grimm e Afanasiev, nenhuma é com certeza mais importante do que a empreendida pelo Dr. Pitрэ sob o título, que serve de epígrafe a este artigo. Podemos mesmo dizer que a obra do ilustre mitógrafo italiano, quando concluída, rivalizará com a dos seus dois ilustres predecessores, e que terá no campo dos estudos românicos e mitológicos a mesma significação que no domínio dos estudos germânicos e eslavos têm respectivamente os livros do autor da *Mitologia Alemã* e do autor das *Ideias Poéticas dos Eslavos acerca da Natureza*. Os onze volumes já publicados mostram com efeito a enorme massa de material mítico e tradicional amontoadado pelo doutor Pitрэ durante mais de vinte anos de explorações continuadas com uma notável perseverança e solicitude, faltando apenas para completar o quadro das suas investigações cinco volumes mais, que devem sucessivamente ocupar-se dos «espectáculos e festas populares», dos «usos, crenças, superstições e jogos infantis», de «novos cantos populares sicilianos» e de «novos contos populares». O balanço, porém, do decénio que acaba de findar são os onze volumes acima indicados, dos quais mais especialmente vamos tratar em seguida. É evidente, que numa notícia desta ordem, pouco mais podemos fazer do que insistir sobre o valor da «Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane». No decurso dos nossos próprios trabalhos teremos a todo o momento ocasião de citar os livros do nosso amigo, e de compararmos as tradições da Sicília com idênticas tradições descobertas por nós em Portugal (cf. *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* III pg. 21, nota, da ediç. à parte).

Os volumes I, II e III ocupam-se dos cantos populares coligidos pelo autor na Sicília, e de um largo estudo sobre esses mesmos cantos. Infelizmente estes três volumes faltam na nossa colecção, e por isso o que deles sabemos é o que temos lido apenas em extracto ou análise.

Os volumes, IV, V, VI, VII, formam uma colecção de contos populares, cujo número ascende a 307 divididos em cinco séries e dois apêndices dos quais o último se compõe de sete contos albaneses coligidos na Sicília. Na realidade, porém, o número dos contos é muito maior, por isso que no algarismo acima dado não são concluídas as numerosas variantes que acompanham às vezes cada conto. As comparações limitam-se às colecções italianas, mas o seu valor para o mitógrafo é grande, por isso que vêm elas de um modo completo preencher uma lacuna, que até hoje existia para grande parte dos estudiosos que se ocu-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 214-218.

¹ Além disso contamos ocupar-nos desta riquíssima colecção, num estudo desenvolvido que lhe havemos de dedicar como ela merece.

pam destes assuntos. A colecção além disso vem acompanhada de um glossário e de uma gramática do dialecto no qual os contos estão escritos, o que facilita o seu estudo àqueles que não são romancistas de profissão, e abre por um magnífico estudo de 153 páginas, no qual são tocadas as questões principais que se ligam com a existência, origem e migração dos contos populares. Para que se veja o valor do seguro que o tesouro que o Dr. Pitрэ soube amontoar, uma simples aproximação basta. De todas as numerosas colecções de contos populares que depois da aparição dos *Kinder und Hausmärchen* dos irmãos Grimm se têm sucedido na Europa há mais de um século, nenhuma era só justamente considerada como a do falecido Afanasiev, não só pelo interesse especial que apresentam muitas das suas versões, mas principalmente porque nenhum colector tinha logrado ainda atingir um número tão respeitável. Ora a colecção de Afanasiev na edição que possuímos (*Narodnyia russkii skazki. A. N. Afanasiev a; izdanie vtoroe, vnovi peresmotriennoe, K. Soldatenkove* Moskva 1873, 4 vols. O quarto contém as notas e comparações), compõe-se de 251 contos, é verdade que com numerosíssimas variantes, o que coloca as duas colecções enquanto à massa do material coligido num pé de perfeita igualdade.

Não podemos, como é fácil de ver, indicar neste lugar as numerosas aproximações que se podem fazer entre os contos do Dr. Pitрэ e os da nossa própria colecção inédita e em geral todos os portugueses incluindo a colecção ultimamente publicada pelo nosso amigo e colega Adolfo Coelho. No que respeita à nossa colecção, essa comparação será feita de um modo completo, não só para os contos mas mesmo para os simples episódios, quando tivermos ultimado o trabalho a que estamos procedendo. Por agora, limitar-nos-emos a algumas indicações. Assim, o n.º XV de Pitрэ, *Lu Re di Spagna*, é idêntico ao nosso conto intitulado *A Filha da Bruxa*, pertencente ao mesmo tipo que o de *Branca-Flor*, n.º XIV da colecção Coelho. O n.º XXIX é o mesmo conto que o nosso *A Velhinha e S. Pedro*, idêntico à *A Cacheirinha*, n.º XXIV da colecção Coelho, e ao conto do mesmo título publicado pelo nosso colega e amigo Teófilo Braga nos seus «*Estudos da Idade Média*». O n.º CCLXXXI, *Re Cristallu* pertencente ao Ciclo de *Amor e Psique* é idêntico ao *Príncipe Encantado* e ao *Talo de Couve* da nossa colecção e aos n.ºs XXV e XLIV da colecção Coelho. O n.º LXXXII, *Lu Mperaturi Scursuni* é o conto bem conhecido da *Bicha de Sete Cabeças* da nossa colecção, idêntico ao n.º XLIX da colecção Coelho. O n.º XXXVI, *Lifigghi di lu cavuliciddaru* é o mesmo que *Os Dois Meninos com a Estrela de Ouro na Testa* da nossa colecção.

Os n.ºs CLIX, *Mbroglia e Sbroglia* e CLX, *Lu muraturi e su figghiu* são idênticos ao *Ladrão Fino* da nossa colecção e a mais duas versões que coligimos pertencentes ao ciclo do *Rhampsinito*. O n.º XLI, *La picuredda* e o n.º XLII *Gràttula-beddàttula* (a segunda metade) são idênticos aos da nossa colecção *A Bolinha de Ouro*, *A Madrasta*, *As Três fadas*, e *A Gata Borralheira*, pertencentes ao ciclo da *Cendrillon*, e ao n.º XXXVI da colecção Coelho, etc., etc.

Ser-nos-ia fácil levar mais longe esta enumeração, mas por isso que a comparação completa dos contos que temos coligido com os contos sicilia-

nos, não poderia ter aqui cabimento, daremos por agora a esta ordem de indicações, reservando-nos para em outro lugar e outra ocasião insistir sobre o assunto.

Do que fica dito pode avaliar-se qual a importância da colecção que o Dr. Pitрэ com tanta perseverança como ciência conseguiu juntar, colecção que entre as primeiras tem um lugar proeminente e que é indispensável para todos aqueles que se ocupam de mitologia e de novelística popular comparada. Ainda o Dr. Pitрэ anuncia para a próxima publicação um novo volume de contos inéditos. Quando se fatigará este ilustre trabalhador de coligir, e quando ficará exausta a rica mina que com tanto ardor ele tem explorado?

Os vols. viu, ix, x, XI, formam uma colecção de provérbios sicilianos coligidos e confrontados com os dos outros dialectos da Itália, com uma larguíssima introdução. É nestes volumes mais do que em outro qualquer do mesmo autor, que se revela a perseverança, a tenacidade, a minúcia e o cuidado com que ele realiza as suas explorações da tradição popular da Sicília. A actual colecção de provérbios, evidentemente a mais rica de quantas possui a riquíssima literatura da Itália nesta especialidade, é o fruto de vinte anos de ininterrompido trabalho, conforme o autor no-lo confessa no prólogo. Durante estes vinte anos de árduas pesquisas, o Dr. Pitрэ penetrou em todas as camadas da sociedade, ainda mesmo as mais inacessíveis, tornou-se familiar não só com os diversos dialectos do seu país, mas com a linguagem especial de cada indústria, de cada profissão, de cada ofício, para aí surpreender a *sabedoria popular* revelada nos seus provérbios, anexins, prolóquios, ditos, etc. O resultado desta investigação causa verdadeiro assombro. Mais de 13 000 provérbios se acham metodicamente classificados, comparados, combinados e dispostos por forma a esclarecerem diversos factos e problemas relacionados com a vida social e as tradições do povo siciliano!

Numa larga e erudita introdução, que ocupa quase metade do primeiro volume, estuda o autor a história dos provérbios desde as épocas mais remotas, determinando qual o verdadeiro carácter desta espécie de produtos da criação popular e as questões que se ligam à sua manifestação nos diversos povos e à sua transmissão de povo a povo. Neste mesmo prólogo, onde o Dr. Pitрэ se mostra perfeitamente ao facto dos últimos trabalhos da erudição alemã sobre o assunto, conta ele com toda a singeleza as diversas fases por que foi passando o seu trabalho até nos aparecer sob a sua forma actual, e o modo como pela primeira vez ele o concebe. São essas páginas bastante instrutivas, e encerram bem preciosas lições de perseverança e desinteresse, para todos aqueles que se dedicam a esta ordem de estudos, e daqui instantaneamente lhas recomendamos. Com esta publicação o Dr. Pitрэ prestou um relevante serviço ao seu país, e aos estudos de que na actualidade é um dos mais eminentes representantes na Europa. Se em cada país houvesse um explorador da valia do Dr. Pitрэ, em poucos anos a nova ciência da mitografia, hoje ainda tão inconsistente, possuiria uma segura base em que firmar as suas teorias. Finalmente para nesta empresa tudo estar à altura da importância do assunto, teve o Dr. Pitрэ a fortuna de encontrar no

editor Luigi Pedone Lauriel, de Palermo, um corajoso e inteligente colaborador, que não hesitou em arriscar os seus capitais numa publicação de tão largo fôlego, mas de tão grande glória para aqueles que a levaram a cabo.

ZUR VOLKSKUNDE. ALTE UND NEUE AUFSÄTZE
von FELIX LIEBRECHT — HEILBRONN, 1879*

Como do título da obra se deduz, o novo livro do Dr. Liebrecht é uma colecção de diferentes trabalhos publicados em diversas épocas nos principais jornais da Alemanha, reproduzidos porém no presente volume com notáveis ampliações alguns deles. Há, contudo, um certo número de estudos pela primeira vez impressos (cf. *Sicilische Sagen* pg. 92 e seg. *Eine mittelhochdeutsche Fabel* pg. 122, e seg. *Tragoudia romaika* pg. 178 e seg. etc.) que dão à publicação do Dr. Liebrecht já de si bem valiosa todo o valor da actualidade.

Divide-se o livro de que nos estamos ocupando em sete secções, respectivamente intituladas: *Lendas, Contos e Fábulas, Novelísticas e Facécias, Cantos Populares, Mitologias e Crenças Populares* etc., *História da Literatura em geral, Modos de dizer*, etc. Precede-a além disso um prólogo, no qual o autor com uma grande modéstia declara que apesar de saber bem, que os seus trabalhos na parte comparativa são bastante incompletos, espera encontrar desculpa na circunstância de lhe ser impossível consultar no local onde se acha (Liège) alguns trabalhos mesmo dos mais triviais; e abre-se o mesmo livro por um índice das obras referidas no texto, que bem prova a enorme leitura do distinto erudito, que é hoje um dos decanos da mitografia.

Os recursos com efeito de que dispõe o Dr. Liebrecht, sob o ponto de vista poliglota principalmente, são bastante vastos, sendo-lhe familiares as publicações sobre novelística popular e mitografia escritas não só nos diversos dialectos germânicos e escandinavos incluindo o islandês, mas mesmo em grego moderno o que não é tão vulgar. É pena que do domínio eslavo (russo, pequenorrusso, polaco, checo, e servo-croata) e do domínio uralo-altaico (magiar e finlandês sobretudo) o Dr. Liebrecht não tenha podido utilizar nada para as suas doudas aproximações. Ainda assim, apesar desta falta bastante sensível na verdade, mas que lhe é comum com os mais competentes mitólogos contemporâneos, sem exceptuar o ilustre conservador da biblioteca de Weimar, os diversos estudos que compõem o *Zur Volkskunde* são modelos de erudição paciente, laboriosamente amontoada numa investigação continuada de umas poucas de dezenas de anos. Quer isto dizer, que no campo das explicações mitológicas propriamente ditas, alguns dos resultados a que o Dr. Liebrecht chegou não possam sofrer uma ou outra contestação? Por modo algum: nem a ciência da mitologia e da mitografia está por tal maneira adiantada, que torne impossível toda e qualquer controvérsia, mesmo com relação aos pontos mais fundamentais. Em todo

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 266-268.

o caso se as soluções apresentadas pelo Dr. Liebrecht podem nem sempre ser as verdadeiras, o que é certo é que não há uma única, que não faça dar algum passo à ciência, preparando a resolução definitiva.

Como capítulos dos mais valiosos apontaremos os seguintes: *Der Mäusethurm*, *Romulus und die Weifen*, *Zu den Nugae Curiallum des Gualterus Mapes*, *Neugriechische Volkslieder*, *Amor und Psyche*, *Tammüz-Adonis*, *Norwegischer Aberglaube*, *Deutscher Aberglaube*, *Isländisches*, *Einige Sitten und Gebräuche verschiedener Völker*, *Die Queelen des Barlaam und Josaphat* etc., etc. Teríamos mesmo de citar todo o livro, se quiséssemos apontar aos leitores tudo o que nele há de interessante.

Deve notar-se que é o Dr. Liebrecht o primeiro mitólogo estrangeiro, que tem dedicado uma secção especial às superstições e crenças portuguesas. De pg. 373 a 377 sob o título de «Portugiesisches» ocupa-se o autor do nosso país. Verdade é que esta secção é quase que exclusivamente extraída da tradução anotada dos «Fastos de Ovidio» por António Feliciano de Castilho, mas a culpa não é do autor. Não podendo coligir os seus materiais da tradição oral, e não tendo à sua disposição outras fontes impressas (a publicação das nossas *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* só começou mais tarde) teve que servir-se do que encontrou. Ainda a respeito de Portugal, o autor, que, seja dito de passagem, conhece perfeitamente a nossa língua, insere um interessantíssimo estudo sobre o antigo grito de guerra português *real, real!* (pg. 388 e seg.), e uma curiosa nota sobre o costume actual dos nossos rapazes de gritarem no Entrudo às pessoas que passam: *rabo leva! rabo leva!* (pg. 409).

Não podemos, como bem pode supor-se, analisar aqui cada um dos capítulos do livro em questão, já para lhes juntar alguma coisa, já e principalmente para neles encontrar a explicação de tantas crenças obscuras e superstições na aparência incongruentes, que as nossas próprias investigações nos têm feito descobrir em Portugal. Nos fascículos antecedentes da nossa *Mitologia* já por mais de uma vez temos citado o Dr. Liebrecht e quando encetarmos sistematicamente o estudo comparativo do que até agora nos temos quase que limitado a coligir, mais ocasião teremos de o mencionar como um dos mais seguros guias nesta ordem de estudos.

Um exemplo bastará no entretanto, para que se veja qual o auxílio que nesta obra temos encontrado, todas as vezes que nos tem sido necessário consultá-la: em um estudo a respeito da noite e de São João nas crenças do nosso povo (*Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa* pg. 17 e 18 da edição à parte) publicámos uma variante da superstição geralmente espalhada no País de que, para se curar uma criança quebrada, se deve passar por um vime à meia-noite em ponto de São João, depois de executadas certas cerimónias (vid. *op. cit.*). A crença que, como disse, se encontra em Portugal ainda hoje com bastante vitalidade, não pode por forma alguma explicar-se, como sucede com tantas outras dentro da nossa própria mitologia. Ora, no livro do Dr. Liebrecht (pág. 350 e 397) acham-se reunidos grande número de preciosos factos, eviden-

temente pertencentes ao mesmo ciclo de tradições que nos permitem formular cientificamente pelo menos uma hipótese, como o autor o faz. Este é um exemplo entre mil.

Em conclusão, *Zur Volkskunde* é um volume valiosíssimo, cheio de factos, repassado de sã erudição e ocupando-se de quase todo o domínio do folclore, cuja sistematização contribuirá, não há dúvida, para fazer progredir. Livros assim são sempre bem vindos e o seu lugar na estante do especialista está claramente indicada porque são um *vademecum* indispensável que se deve consultar sempre, antes de apresentar as próprias ideias, e de tentar uma nova explicação.

QUATTRO NOVELLINE POPOLARI LIVORNESI ACCOMPAGNATE
DA VARIANTI UMBRE, RACCOLTE, PUBBLICATE ED ILLUSTRATE
CON NOTE COMPARATIVE DA STANISLAO PRATO. SPOLETO, 1880*

O segundo livro de que vamos ocupar-nos e cujo autor é o Dr. Stanislao Prato, professor em Spoleto, tem um objecto muito mais restrito incomparavelmente.

As 168 páginas in-4.º que o compõem, são todas dedicadas ao estudo de quatro contos populares coligidos em Livorno. No prólogo, diz-nos o autor Prato, «abbiam voluto tentare un lavoro nuovo solo per dare ad altri più valorosi di noi Tesempio a fare neglio, ben persuasi che ripetere la trattazione de soliti argomenti triti e ritriti sia oggimai opera al tutto vana; e se certi studi in specie questi di novellistica comparata, si recano tanto a onore i tutti dei resto d'Europa coltivare, non ci sempra conveniente che ungano trascurati in Italia.» O livro é além disso oferecido ao ilustre mitógrafo Reinhold Kohler, com uma graciosa dedicatória.

Pertencem a ciclos bem conhecidos os quatro contos livorneses e as suas respectivas variantes umbras de que vamos dizer alguma coisa: Assim, o primeiro: — *La bel la dei sette cedri* é o conto das *Três Cidras do Amor*; o segundo: *Le tre ragazze*, é uma variante do conto de que possuímos um grande número de versões portuguesas e cujo tema pode enunciar-se do modo seguinte: *A mais nova de três irmãs que promete dar ao rei, se casar com ele, tres meninos cada um com a sua estrela de ouro na testa*, ou como também é intitulado noutro tipo de lições — *A água que dança, a árvore que canta, e o pássaro que fala*; o terceiro: *II re ésu' tre figliôli* é o conto em que uma princesa encantada, de ordinário, numa rã, numa macaca ou ainda numa gata, consegue que o filho mais novo do rei a quem ela em sorte coube por esposa apresente ao pai três objectos mais perfeitos que os dos outros irmãos, ganhando assim de preferência a eles o trono; o quarto finalmente: *II re serpente* é uma variante do bem conhecido tipo de *Amor e Psique*, pertencente porém mais à variedade secundária do *Príncipe Sardão* da nossa colecção inédita, em que em vez de ser a curio-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 269-272.

sidade de ver as feições do ente misterioso, que só de noite aparece à heroína, o que determina a duplicação do encanto e portanto o desaparecimento temporário do príncipe, é o facto de lhe serem queimadas as peles que ele despe na noite do casamento, o que ocasiona a catástrofe.

São estes os quatro contos, que o autor, com vasta erudição, aproxima de um grande número de narrações idênticas nas principais colecções, primeiramente italiana e depois europeia. Com relação às primeiras pareceu-nos a uma primeira leitura o quadro completo; com relação às segundas porém apesar de o Dr. Prato como o declara no prólogo (pg. 9), ter usado das principais notas de Kohler a diferentes colecções das notas de Benfey à sua preciosa tradução do *Panchatantra*, e do comentário comparativo de Gubernatis à sua eruditíssima *Mitologia Zoológica*, notámos bastantes lacunas no domínio eslavo. Assim por ex. o conto n.º 2 — *Le tre ragazze*, temo-lo encontrado nas seguinfez colecções russas não mencionadas pelo Dr. Prato: Afanasiev — *Narodnyia russkii skazki* n.º 158 (cinco variantes) e 160 (duas variantes); Khudiakov — *Velikorusskii skazki*, n.º 21, 87, e 112. Redchenko — *Narodnyia iujnorusskii skazki* II, n.º 27. Total 11 versões eslavas, além das que Afanasiev — *ob. cit.* vol. IV, pg. 377 e 388 cita em diversas colecções que não possuímos e das considerações que nestas páginas a este mesmo ciclo dedica. Também no comentário ao conto n.º 4 — *Il re serpente* notámos a falta de indicação do valioso estudo que o Dr. Liebrecht consagrou ao ciclo de *Amor e Psique* (publicado em *Zeitschrift f. vergleich. Sprachforsch* XVIII, 56 e reimpresso em *Zur Volkskunde* pg. 239 e seg. com um importante apêndice) o mais completo trabalho que conhecemos sobre o assunto. Apesar das omissões que são sempre inevitáveis em investigações desta natureza, pode dizer-se que o comentário do Dr. Prato aos contos, de que nos ocupamos, é bastante completo principalmente no domínio românico e germânico. Por vezes mesmo se citam livros onde ninguém suporia ir encontrar um elemento para a comparação. É isto o que nos ocorre dizer com relação à parte propriamente bibliográfica do volume do Prof. Stanislao Prato. No que respeita à parte metodológica, o seu trabalho filia-se mais ou menos na escola do Prof. Gubernatis e ainda do reverendo G. W. Cox (deste último só conhecemos o livro intitulado *Mythology of the Aryan Nations*; não sabemos porém se o autor modificou nalgum ponto as suas ideias na recente publicação de que apenas temos notícia — *An Introduction to the Science of Comparative Mythology and Folk-Lore*). Num escrito anterior (*Ensaio Crítico — I: A Mitologia das Plantas do Prof. Angelo de Gubernatis*) já emitimos acerca deste ponto a nossa opinião e escusamos por isso de aqui a formular novamente. O primeiro trabalho da mitografia foi coligir materiais. Quando pela comparação entre as diversas colecções se percebeu a insistência com que certos contos se reproduziam em todos os povos do globo mesmo os mais afastados entre si, surgiu naturalmente a ideia de empreender esta aproximação de um modo sistemático e completo. Foi então que a novelística popular comparativa produziu um mestre como Reinhold Kohler, que pode dizer-se, para as colecções que tem estudado, esgotou o campo da investigação nos dois domínios, românico e germânico, e ainda clássico, este

último bastante estudado também por Hahn. Hoje, neste sentido, há apenas que juntar ao que está feito os novos símiles contidos nas colecções que sucessivamente vão aparecendo à luz, e as comparações extraídas do domínio eslavo, uralo-altaico e oriental mesmo apesar do esplêndido trabalho de Benfey. Mas ainda quando esta investigação bibliográfica esteja completa, muito há a fazer para constituir cientificamente a mitografia. Pode até dizer-se, é esta pelo menos a nossa opinião, que só desse momento em diante é que a mitografia pode elevar-se de uma simples colecção de materiais, a uma ciência com um fim claramente definido a realizar. Este fim deve ser o conhecimento da forma primordial de cada conto, deduzidas da comparação *científica* de todas as versões conhecidas, por um processo análogo ao que se usa em filologia para estabelecer o texto de um escritor qualquer, susceptível de ser estudado apenas num certo número de mss. mais ou menos bem conservados.

É preciso tomar todas as variantes e classificá-las por famílias, como se faz com os verdadeiros mss. As relações entre os diversos grupos de lições, rigorosamente estabelecidos, indicar-nos-ão a pouco e pouco o *arquétipo* fundamental perdido, ou os *arquétipos* primitivos cujos últimos representantes vieram mais tarde a confundir-se num tipo de proveniência à primeira vista única. Sem este trabalho prévio será ocioso, podendo apenas induzir em erro, o discutir acerca da origem mítica ou não mítica dos contos populares. Não quer dizer que num ou outro caso a relação entre o mito ou o costume e o conto não seja desde logo transparente; mas, para a maioria dos contos que actualmente conhecemos, este método *intuitivo* não é admissível. Hoje mesmo os trabalhos de Gaston Paris, (o seu esplêndido trabalho sobre a *Lenda de Trajano* é um modelo no género) de Benfey e alguns de Kohler e Ralston já se inspiram neste critério que acabamos de indicar. O que é preciso porém, é torná-lo em norma de todas as investigações, que acerca do curioso e obscuro problema da origem e difusão dos contos populares, de hoje em diante hajam de fazer-se. O nosso colega Adolfo Coelho, que a todos os seus trabalhos de mitografia tem aplicado um rigoroso método científico, tem no prelo um importante estudo sobre o conto do *Justo Juiz*.

Para concluir diremos, que a obra do Dr. Stanislao Prato é uma das mais importantes contribuições, que ultimamente se têm feito para o estudo da novelística popular comparada e que é para desejar que o autor, que tão pronunciada tendência mostra para estes estudos, continue a dirigir para eles a sua ilustrada atenção. Podemos mesmo quase ter a certeza, de que as esperanças que este primeiro livro nos fizeram conceber não serão desiludidas, porquanto e depois de este artigo estar escrito recebemos do Dr. Prato dois novos trabalhos sobre novelística: *Caino e le spine secondo Dante e la tradizione popolare* («Prelúdio» — ano v, n.º 2) e algumas interessantes notas comparativas aos contos publicados pelo nosso colega Adolfo Coelho («Prelúdio» — ano V, n.º 6). É mais um explorador que vem juntar-se à plêiade entusiástica de trabalhadores, que actualmente possui a Itália neste campo, e pelos recursos com que se apresenta é digno de figurar como companheiro dos mais valentes. Há algum tempo

neste mesmo lugar apresentávamos aos nossos leitores a obra monumental do ilustre Pitrrè (este infatigável homem de ciência acaba de nos mandar um novo volume da sua «Biblioteca!»); hoje fazemos-lhe a apresentação do primeiro ensaio com que um novato nestes estudos acaba de consumir a sua iniciação.

ISTORITCHESKIIA PIESNI MALO-RUSSKAGO NARODA
S'OB'IASNENIAMI VL. ANTONOVITCHA I M. DRAGOMANOVA.
(Contos históricos do povo pequeno-russo com notas por VL. Antonovitch
e M. Dragomanov) — Tomo 1.º — XXIV e 366 pg.; Tomo 2.º,
Fase. 1.º — XI e 166. Kiev, 1874-1875*

Um pouco tarde damos conta desta interessante e importantíssima publicação. Sirva-nos, porém, de desculpa a dificuldade relativa com que no nosso país se pode fazer a aquisição de livros russos, não obstante a leitura de revistas eslavas e a actividade do nosso correspondente em Leipzig, o Snr. F. A. Brockhaus. Ainda assim aquele de que estamos tratando foi-nos obsequiosamente oferecido por um dos autores, o nosso ilustre amigo e colega, o Prof. Vladimir Antonovitch, proprietário da cadeira de História na Universidade de Kiev, e uma das glórias científicas da Rússia contemporânea.

Divide-se a presente publicação em duas partes respectivamente intituladas: *piesni vieka drujinnago i kniajeskago* (20 composições) e *piesni vieka kozatskago*. Esta última divide-se em duas secções: na primeira encontram-se os cantos que se referem à luta com os Tártaros e os Turcos (*boriba s'tatarami i turkami; otdiel i*) enquanto que a segunda é exclusivamente dedicada aos cantos que dizem respeito à luta com os Polacos (*piesni o boribie s'poliakami pri bogdanie khmenistkom; otdiel li*). Estão ainda prometidas as seguintes partes (vid. I, pg. vil e viu): *piesni vieka gaidamatskago* (haidamatskago), *piesni vieka rek-rutskago i krepatskago*, e *piesni pro voliu*.

Desde as colecções de Tsertelev (1819), Maximovitch (1827, 1834, 1849), Sreznnevski (1833-1838), Lucachevitch (1836), Metlinskago (1854), Kulich (1856-1857), Kostomarov (1859) e outros na Rússia; e as de Pauli (1839-1840), Chachkevitch (1837), Golovatsky (1863-1872) na Galícia, Bucóvina e Hungria (Cf. ob. cit. I, pg. I) que a atenção dos especialistas se tinha voltado para os cantos do povo pequeno-russo.

Este povo que por todos os modos reage contra o predomínio intelectual de Moscovo e de Sampetersburgo, quer dizer dos grandes-russos (*velikorusskii*), afirma de dia para dia a sua existência moral; protesta que a sua língua, falada actualmente por 14 milhões de indivíduos, desigualmente distribuídos pela Rússia, e Áustria-Hungria, não é um simples dialecto do grande-russo, mas uma língua, embora com este estreitamente aparentada, de posse contudo de uma completa autonomia. Assim, depois de produzir uma literatura popular, riquís-

* Originalmente publicado em *O Positivismo*, 1881, 3.º vol.: 420-422.

sima pelo assunto, e que teve o poder de inspirar as mais belas páginas de Gogol, como a *Noite de Maio* e o célebre poema de Puchkin — *Ruslan e Ludmila*, o povo pequeno-russo começa hoje a dar-nos uma literatura científica de grande valor no movimento geral das literaturas eslavas.

Para não irmos mais longe mencionaremos a recente obra de um dos autores da publicação sobre que estamos escrevendo, o Snr. Dragomanov, que acaba de publicar em Genebra um livro sobre o espírito e a significação das canções políticas da Ucrânia moderna (*Novi ukraínski pisni pro hromadski spravi* — 1764-1880).

Voltando porém ao nosso assunto, diremos que o carácter histórico dos cantos do povo pequeno-russo é um dos elementos que mais apreciados os torna; poderemos mesmo dizer, e nisto estamos de acordo com todos os especialistas eslavos, que este elemento é neles predominante e constitui uma feição peculiar desta poesia.

«A presente publicação, dizem os autores (I, p. II) é uma tentativa de uma edição completa dos cantos históricos do povo pequeno-russo» e mais adiante acrescentam com grande modéstia (*ib.* pg. III): «grande número destas pessoas (citadas antes) e ainda muitas outras nos auxiliaram com conselhos, investigações, finalmente com trabalhos para a revisão e confronto das variantes da presente colecção.

Não é só porém como simples colecção que o livro dos dois ilustres professores (o Snr. Dragomanov era professor de Literatura na Universidade de Kiev, e por motivos políticos acha-se hoje expatriado) tem para nós valor, mas pelas eruditas notas, em parte críticas, em parte comparativas, que acompanham cada composição ou cada grupo de composições.

Terminando aqui a rápida apreciação de tão importante obra para os especialistas de *folclore* e para os eslavistas, só nos resta pedir instantemente aos dois sábios autores que não descurem a continuação do seu precioso trabalho, que será uma das mais belas jóias no meio da riquíssima e opulenta literatura etnográfica da Rússia.

E ao nosso amigo, o Prof. Vladimir Antonovitch, o único dos autores que temos a honra de conhecer pessoalmente, daqui lhe enviamos um sincero aperto de mão pelo seu brilhante livro.

ÍNDICE GEOGRÁFICO

- Abadia 224
Abrantes 99, 122, 358, 359, 361, 364
Açores 101, 107, 117, 193
Aduana (Sintra) 275
Alenquer 114
Alentejo 159, 225, 288, 311
Algarve 105, 112, 114, 115, 116, 124, 219, 232, 237, 288, 311
Alto Minho 283
Arrabol 222
Ave 223, 246, 248, 266
Aveiro 117, 241
Avintes (V. N. Gaia) 247
Azinhaga (Santarém) 256
- Basto 263, 286
Barroso 80
Beira 80, 114, 198, 311
Beira Baixa 103, 298
Beja 121, 308
Braga 107, 263, 267
Bragança 186, 190, 216, 225, 227, 232, 269, 290, 296, 297, 298
Brasil 119, 122, 287
Briteiros (Guimarães) 206, 212, 263, 265, 267, 268, 279
Bucelas 192
- Caldas da Rainha 118, 120, 189, 191, 192, 219, 242, 247, 387
Caldas das Taipas (Guimarães) 223
Carapinheira 374
Carvallino (Orense, Galiza) 193, 221
Castede 220
- Ceará (Brasil) 119
Celorico da Beira 106, 117, 118, 126, 221
Citânia 222, 223, 224, 227
Coimbra 112, 182, 190, 195, 230, 261, 354, 357, 358, 370, 371, 374
Cortes 222
Covilhã 81, 126, 220
Cuba 248
- Donim 222, 223
- Espinhhal (Coimbra) 105
Estremoz 355
- Fafe 212, 263, 264
Feira 247
Felgueiras 267, 284, 290
Ferraria (Coimbra) 105
Foz 335
Fuzeta 232
- Gaia 230
Gavião 123
Goa 324
Golegã 268
Gontinhães 197
Guarda 80
Guimarães 212, 226, 246, 281, 282, 283, 285
- Jerumelo (Estremadura) 79
- Lamego 106, 187, 188, 284, 286
Lanhoso 227

- Lavadores (S. Cristóvão de Mafamude, Porto) 187, 191, 192, 224, 242, 245, 247, 249, 258, 259, 260, 281, 282, 285, 289, 377
- Lavos (Figueira) 82
- Leiria 243, 261, 268
- Lisboa (e arredores) 81, 88, 99, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 149, 152, 187, 189, 190, 191, 192, 202, 229, 243, 249, 255, 284, 309, 310, 311, 316, 326, 327, 354, 359, 360, 361, 362, 363, 369, 370, 371, 372
- Lixa 211
- Loriga 220
- Louredo 227, 282
- Lugo (Galiza) 283
- Madalena (Porto) 81
- Madrid 283
- Maia 226
- Manteigas (Porto) 81
- Meãs (Coimbra) 120
- Melres 298
- Minho 88, 105, 106, 112, 118, 119, 136, 140, 202, 227, 254, 265, 277, 282, 283, 284, 285, 298, 325, 355, 366
- Miranda do Douro 79
- Moncorvo 204, 219
- Mondim da Beira 293
- Nazaré 278
- Oliveira de Azeméis 189, 190, 192, 220, 335
- Oliveira do Hospital 106, 107, 117, 118, 119, 188
- Orense (Galiza) 221, 286
- Painho (Cercal) 277
- Penafiel 211
- Penela (Coimbra) 105, 116, 117, 118, 126, 189, 191, 219, 317
- Peral (Caldas da Rainha) 82
- Pindela 297
- Ponte do Lima 198, 205, 226, 248, 282
- Pontevedra (Galiza) 325
- Porto (e arredores) 107, 113, 117, 122, 137, 138, 152, 196, 220, 230, 330, 331, 332, 333, 334, 355
- Porto de Mós 242
- Póvoa do Varzim 266
- Régua 189, 261, 375, 378
- Reguengo 222
- Riba d'Âncora 222
- Rio Frio 225
- Rosto de Cão (S. Miguel) 107
- Ruivães (Braga) 264, 290
- Salamanca 296
- Santa Cruz (Vinhais) 290
- Santa Engrácia (Lisboa) 187, 316
- Santarém 249, 261, 291
- Santiago (Cabo Verde) 113, 187, 249, 287
- Santo António de Espinho (Braga) 264, 290
- Santo Ovídio 107, 382
- Santo Tirso 210
- São Cristóvão de Mafamude (Porto) 189, 192, 220, 247, 277, 374
- São Miguel 193, 232, 237, 286, 336
- Sendim (Régua) 79
- Serra da Estrela 79, 200, 220, 225
- Silves 219
- Tavira 124
- Terceira 312
- Terra da Feira 245, 246
- Tomar 80, 261
- Torre de D. Chama 248
- Torres Nova 192
- Trás-os-Montes 195, 298
- Tua (Foz do) 221
- Unhais da Serra 220
- Valença 283, 287
- Valesim 220
- Vidais (Cadaval) 293
- Vieira (Minho) 271, 290
- Vila Alva (Alentejo) 115, 225
- Vila da Feira 224
- Vila Franca de Xira 286
- Vila Franca do Campo 107
- Vila Nova de Anços (Soure) 189, 190, 224, 229, 231, 286
- Vila Nova de Gaia 280, 354, 356, 357, 364, 365, 366, 367, 368, 375, 379, 380
- Vila Nova de Sande 223
- Vila Pouca 285
- Vila Real 192
- Zebral (Ruivães) 271, 290

ÍNDICE DE AUTORES

- Abreu, L. B. 194
Abreu, Vasconcelos 62 65, 67, 246
Afanasyev, A. N. 96, 108, 110, 111, 112,
118, 119, 122, 123, 124, 161, 184, 185,
187, 188, 189, 190, 192, 194, 217, 218,
219, 224, 225, 235, 239, 240, 242, 247,
251, 277, 278, 279, 282, 285, 286, 289,
290, 298, 299, 300, 307, 308, 309, 313,
314, 320, 362, 404, 405, 410
Afzelius, A. A. 96
Alexandre 67
Alvarez, Machado y 193
Andrade, Anselmo de 275
Antonovitch, V. P. 161, 412 e 413
Aragão, Teixeira de 188, 194
Arnason, J. 218, 251
Arnold, M. W. 49
Asbjorsen, P. Ch. 52, 96, 310

Bachofen, J. J. 55
Bagaert 54
Bagehot, W 48
Bancroft, H. H. 44
Barth 392
Bastide 46
Baudry 389
Bell, J. S. 56
Benfey, Th. 44, 98, 394, 397, 410, 411
Benot, E. 212
Bergaigne 392, 395
Bergman 56
Bertillon, J. 49
Bichat, M. F. X. 45
Billi, Fr. F. H. P. di 54

Bodin, J. 47
Bopp, F. 49, 395, 397
Bossuet, J. B. 46
Botlingk 71
Braga, J. T. 48, 49, 51, 53, 74, 75, 96, 104,
110, 115, 124, 126, 184, 185, 232, 307,
311, 353, 356, 357, 360, 362, 364, 368,
405
Bréal, M. 51, 395, 397
Brett 54
Broberg, J. V. 97, 191
Bruce, J. 54
Buckle, T. H. 48
Buffon 193
Burckhardt, J. L. 58
Burnouf, E. L. 44, 397
Buslaev, F. I. 111

Camões, Luís de 55, 59, 96
Campbell, W. 58
Carlyle 46
Castilho, Feliciano de 361, 408
Castren, M. A. 274, 398
César, Júlio 62, 64
Chachkevitch 412
Champollion, J. F. 44
Chudinski 251, 308
Clavel 74
Coelho, Eduardo 200, 220, 225
Coelho, F. Adolfo 51, 86, 93, 96, 99, 104,
108, 111, 127, 143, 161, 224, 229, 232,
234, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248,
249, 250, 282, 288, 293, 295, 307, 311,
312, 313, 315, 318, 320, 321, 322, 353,

CONSIGLIERI PEDROSO

- 357, 359, 360, 369, 370, 371, 391, 393, 405, 411
 Colebrook 44
 Comparetti, D. 98, 307
 Comte, A. 44, 45, 47, 48, 400, 401
 Condorcet 48
 Coquet 55
 Corvo, Andrade 48
 Cosquin 282, 288
 Coulanges, Fustel de 50, 70/71
 Cousin, V. 46
 Couto, Diogo de 55, 60
 Cox, G. W. 49, 50, 72, 301, 410
- Dali, VI. I. 217
 Damasceno, N. 67
 Dante 96
 Darmsteter 397
 Darwin, C. 48, 59
 Deslongchamps, Loiseleur 69, 71
 Dojtchevitch, W. 308
 Dozon 282
 Dragomanov, M. 251, 308, 412 e 413
 Draper 48
 Ducange, Ch. du Fresne 243
 Duruy, V. 68
- Erlenwein 308
 Erman 58
 Êsquilo 96
 Estrabão 63
 Ewald, H. 43, 45
 Eyre, E. J. 54
- Farrer, J. A. 98
 Fatio, A. M. 184
 Festus 70
- Fontanals, Milá y 96
- Galileu 45
 Garrett, Almeida 83, 96, 101, 103, 105, 108, 111, 113, 114, 115, 116, 123, 305, 353
 Gaya, S. 72
 Geijer 96
 Gervinus 45
 Gibbon, E. 50
 Glinski, A. J. 183, 308
 Goethe 96
 Gogol, N. 413
 Goldziher, I. 53, 397
 Golesbiowski 218, 219
 Golowatsk 412
 Gonzenbach, L. 282, 309, 314
 418
- Grassmann, H. G. 51, 62, 67
 Gregorius 45
 Grey, G. 60
 Grimm, irmãos 96, 311, 405
 Grimm, Jacob 49, 52, 96, 97, 99, 112, 118, 122, 123, 124, 129, 130, 161, 185, 187, 190, 194, 195, 212, 217, 224, 234, 239, 240, 241, 250, 278, 279, 282, 288, 289, 290, 300, 301, 307, 310, 313, 320, 362, 404
 Grohmann 98, 130, 218, 235, 251
 Grosse 64
 Grote 46, 71
 Gubernatis 51, 98, 109, 118, 121, 247, 307, 308, 309, 389 a 396, 410
 Guicelardini 301
- Haeckel, E. 48
 Hahn 411
 Hallam 44
 Hauber 186
 Haug 44
 Hegel 46
 Hell, X. de 58
 Hellwald 48
 Henderson, W. 187, 251
 Herculano, A. 46, 86, 101
 Herder, J. G. 48
 Heródoto 46, 67, 81, 318
 Hertz, W. 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 200, 242, 247, 285, 301
 Hildebrand, M. H. 78
 Hildebrandt, P. 251, 308
 Hincks 44
 Homero 65, 66
 Horácio 63
 Hovelacque 284
 Humboldt, W. von 49
 Hylten-Cavallius, G. O. 191, 218, 219, 224, 225, 280
- Istria, Dora d' 390
- Jones, W. 44
 Jonson 72
 Jülg 308
 Julien, St. 44
- Kanes, lord 73
 Kant, E. 47
 Karadjich, V. S. 186, 218, 308
 Kasimirski 57
 Kepler 45
 Khudiakov, J. A. 308, 410

- Köhler, R. 98, 307, 308, 314, 318, 409, 410, 411
 Kolberg, O. 183, 218, 251
 Kostomarov 412
 Kotliarevski 275
 Kuchmen 43
 Kühn, A. 49, 389, 395, 397
 Kulda 279, 308
 Kulich 412
- Labros, Maspon y 96, 310
 Laistner, L. 218, 240, 242, 250
 Lanfrey 46
 Langlois 62
 Lassen 45
 Latham 56
 Latouche, J. 198
 Laveley 50
 Lavoisier 45
 Layard, A. H. 44
 Leger, L. 240
 Lepsius, K. R. 44
 Leubuscher, R. 184, 194
 Liebrecht, F. 98, 105, 123, 130, 187, 217, 234, 288, 307, 318, 319, 407 a 409, 410
 Lineu 97
 Littre, E. 48
 Lonnrot, E. 312
 Lubbock, J. 49, 51, 54, 55, 59, 63, 64, 68, 79
 Lucachevitch 412
 Lucano 233
 Luciano 233
 Ludwig 62
 Lyell, Ch. 49
 Lytton, lord 277
- Mac Lennan, J. F. 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 69, 71, 72, 79, 81
 Mac Pherson, J. 56, 68
 Magnus, O. 72
 Maine, H. S. 53
 Malebranche, N. 45
 Malthus 48
 Mannhardt, W. 234
 Markevic 247
 Markham, C. R. 54
 Maspero, G. 67, 274
 Mathieu, P. 301
 Maurer 251
 Maximovitch 412
 Metlinskago 412
 Meyer, P. 122
- Michelet, J. 46
 Miller, V. F. 285
 Minaev 324
 Miranda, Sá de 85, 96, 116
 Moe, Jorg 52, 96, 310
 Moffat, R. 274
 Mohl, J. 44
 Mommsen, Th. 45, 46
 Montesquieu 47
 Moreira 100, 106, 317
 Morgan, L. H. 54, 60, 68
 Movers 45
 Muir 61, 69
 Müller, F. M. 44, 49, 63, 65, 195, 392, 395, 397
 Müller, O. 70
 Munch, P. A. 72
- Newton 45
 Niebruhr, B. G. 45
 Nilsson, S. 51, 69, 78
 Nyrop, K. 325
- Oppert 44
 Ovídio 233
- Paris, G. 98, 122, 307, 311, 318, 394, 411
 Pascal 47
 Pauli 412
 Perrault, Ch. 313, 331, 333
 Perthes, Boucher de 49
 Petersen, N. M. 72
 Pictet, A. 61, 64, 71, 73, 74
 Pierret 274
 Pittrè, G. 51, 122, 161, 307, 309, 310, 311, 316, 320, 404 a 407, 412
 Platão 45
 Plínio 282
 Ploss, H. H. 50, 57
 Plutarco 67
 Politis 233, 234, 236, 239, 240, 251
 Prato, S. 409 a 412
 Preller 45, 274
 Prichard 49, 56
 Puchkin 413
- Quellien 312
 Quetelet 49
 Quinet 402
- Raed 60
 Ralston, W. R. S. 98, 99, 111, 119, 123, 217, 219, 220, 224, 225, 235, 307, 308, 309, 314, 362, 411

- Ranke 45
 Rawlinson 44, 63, 67, 70
 Redtchenko, I. 308, 410
 Reinsberg-Duringsfeld, I. von 122
 Rémusat, A. 44
 Renan, E. 43
 Reuss 43, 72
 Rialle, G. 396 a 403
 Ribeiro, J. P. 86
 Rogovic 247
 Rosen 44, 397
 Roth 44, 71 171, 392, 397
 Rüneberg, L. 57
- Sabatini 51
 Sacy, Silvester de 233
 Saint-Simon 48
 Sakharov, I. P. 96
 Sale, G. 57
 Salvador 63
 Salverte 49
 Santo Agostinho 66
 Sarmento, Martins 195, 197, 206, 211, 212, 222, 223, 227, 248, 263, 271, 279, 280, 281, 282, 283
 Savigny, F. K. 45
 Scheffer 45
 Schleicher, A. 49, 395, 397
 Schott 186, 301
 Schulemburg 235, 251
 Schwartz, F. L. W. 49, 50, 72, 251, 300, 301, 390, 397
 Scott, Walter 72, 234
 Shakespeare, W. 96, 319
 Simrock, Ch. 51
 Smith, G. 43
 Snegirev, I. M. 96
 Sobotka, P. 218, 235, 251
 Sófocles 96
 Soldan 108
 Spencer, H. 47, 48, 401
 Spiegel 44, 63
- Sprenger, J. 108
 Squier 44
 Sreznevski 412
 Steinthal, H. 397
 Stokes, M. 247, 318, 319
 Supico, F. M. 107, 108, 117, 194, 287
- Tácito 62, 64, 282
 Teócrito 233
 Terechenko, A. V. 96
 Thiele, J. M. 188, 192, 251
 Tod 60
 Torres, J. de 193
 Tsertelev 412
 Turgot 47
 Tylor, E. B. 44, 79, 274, 275
- Varrão 66
 Vasconcelos, J. L. de 192, 217, 248, 282, 285, 288, 293, 295, 297
 Veckenstedt, E. 218, 235, 251, 299
 Veiga, Estádio da 112, 114, 115, 116, 124
 Vertchevitch, W. 308
 Viana, Gonçalves 159, 275, 277
 Vicente, Gil 85, 91, 96, 100, 102, 106
 Vico, G. B. 47
 Voltaire 47
- Weber 44, 45, 392, 397
 Westergaard 397
 Whitney 171, 392
 Wilkins 44
 Williams, M. 62, 65, 69, 274
 Wilson 44
 Wirchow 195
 Wojcicki 183
 Wolf, F. A. 191
 Wuttke, A. 98, 130, 187, 218, 219, 234, 235, 240, 250, 290
 Wyrouloff 398, 401
- Zabylin 218, 219, 225, 251